
KIM
HARRISON
IN THE HOLLOWS.
THE VAMPIRES COME OUT TO PLAY...
AND IT'S ALWAYS
THE WITCHING HOUR
EVERY
WHICH
WAY BUT
DEAD

Ao homem que me ofereceu o meu primeiro par de algemas.

Obrigada pelo apoio.



I

Inspirei fundo para me recompor, puxando o punho das luvas de forma que cobrisse a pele nua do meu pulso. Sentia os dedos dormentes através da lã, enquanto deslocava meu segundo maior caldeirão para feitiços, colocando-o ao lado de uma pequena lápide lascada, tendo o cuidado de não deixar entornar o meio de transferência. Estava frio e minha respiração condensava-se à luz da vela branca barata que tinha comprado em promoção na semana anterior.

Entornando um pouco de cera, prendi a vela fina ao topo da lápide. Senti um nó no estômago, enquanto fixava a atenção na névoa que se erguia no horizonte, quase indiscernível das luzes da cidade que a rodeavam. A lua apareceria em breve, tendo passado da fase cheia e começando a minguar. Não era uma boa época para invocar demônios, mas ele viria ter comigo, mesmo que eu não o chamasse. Preferia encontrar-me com Algaliarept nos meus próprios termos, antes da meia-noite.

Fiz uma careta, olhando de relance para a igreja fortemente iluminada atrás de mim, onde vivia com Ivy. Ivy tinha ido tratar de alguns recados, não sabendo sequer que eu tinha feito um acordo com um demônio, quanto mais que estava na hora de pagar pelos seus serviços. Suponho que podia estar fazendo isso no interior, onde estava quente – na minha bela cozinha, com os meus apetrechos de feitiçaria e todos os confortos modernos –, mas invocar demônios no meio de um cemitério encerrava em si um perverso sentido de exatidão, mesmo com a neve e o frio.

Além disso, queria encontrar-me com ele ali para que Ivy não tivesse de passar o dia seguinte limpando o sangue do teto. Se se trataria de sangue de demônio, ou do meu, era uma pergunta que eu esperava não ser obrigada a responder. Não ia permitir que Algaliarept me puxasse para a eternidade para me tornar seu familiar. Não podia. Já antes o cortara e ele sangrara. Se podia sangrar, podia morrer...

Deus me ajude a sobreviver a isso. Ajude-me a encontrar uma forma de fazer algo correto...

O tecido do meu casaco emitiu um ruído áspero e desagradável, enquanto eu apertava os braços ao redor do meu tronco e usava a bota para raspar um círculo de quinze centímetros na neve estaladiça, revelando a laje de cimento vermelha, onde tinha visto um grande círculo desenhado. O bloco de pedra retangular, do tamanho de uma divisão, marcava o local onde a graça de Deus terminava e o caos tomava o seu lugar. O clérigo que ali residira tinha a colocado sobre o pedaço de solo, até então sagrado, mas logo profanado – para garantir que mais ninguém fosse enterrado acidentalmente ali, ou para prender ao chão o anjo elaborado, meio ajoelhado e cansado da batalha que envolvia.

O nome que outrora figurara na gigantesca lápide tinha sido apagado, deixando apenas as datas. Quem quer que fosse tinha falecido em 1852, com 24 anos de idade. Esperei que não se tratasse de um presságio. Cimentar alguém no chão para impedi-lo de se erguer novamente funcionava muitas vezes – outras não –, mas de qualquer forma, a área já não era sagrada. Mas como estava rodeada de solo que ainda o era, constituía um bom local para invocar um demônio. Se as coisas corressem pelo pior, eu podia sempre recuar para o solo sagrado onde ficaria em segurança até o sol se erguer e Algaliarept ser puxado de volta para a eternidade.

Tinha os dedos a tremer, enquanto retirava do bolso do casaco uma bolsinha de seda branca cheia de sal que eu recolhera do saco de dez quilos. A quantidade era excessiva, mas eu queria um círculo sólido e parte do sal ia se diluir ao derreter a neve. Olhei para o céu para calcular onde se encontrava o norte, descobrindo uma marca no círculo desenhado, precisamente onde esperava encontrá-la. O fato de alguém antes ter usado aquele círculo para invocar demônios não me deixava mais confiante. Não era ilegal, ou imoral invocar demônios, só muito, muito estúpido.

Tracei um lento círculo na direção dos ponteiros do relógio, meus passos paralelos ao lado exterior do sal, enquanto o dispunha sobre o chão, encerrando o anjo de pedra juntamente com a maior parte do solo blasfemo. O círculo devia ter uns 4,5m, um espaço deveras grande que, normalmente, requeria pelo menos três bruxas para estabelecer e manter, mas eu era suficientemente boa para canalizar sozinha toda essa

força das linhas *Ley*. O que, agora que pensava nisso, podia ser a razão para o demônio estar tão interessado em tomar-me como seu novo familiar.

Esta noite, descobriria se o meu contrato verbal, cuidadosamente pronunciado, realizado três meses antes, me manteria viva e no lado certo das linhas *Ley*. Eu tinha concordado em tornar-me voluntariamente o novo familiar de Algaliarept, se ele testemunhasse contra Piscary, sendo a rasteira o fato de eu poder manter a minha alma. O julgamento tinha terminado oficialmente duas horas depois do pôr do sol, naquela noite, selando o cumprimento do acordo por parte do demônio e tornando obrigatório o cumprimento da minha parte. O fato de o vampiro morto-vivo que tinha controlado a maior parte do submundo de Cincinnati ter sido sentenciado a cinco séculos pelos homicídios dos melhores bruxos das linhas *Ley* da cidade, dificilmente me parecia importante agora. Em especial, quando podia apostar que seus advogados seriam capazes de libertá-lo ao fim de um mísero século.

Agora, a questão que dominava a mente de todos – de ambos os lados da lei – era se Kisten, o seu anterior delfim, seria capaz de manter tudo sob controle até o vampiro morto-vivo sair – porque Ivy não o ia fazer, delfim ou não. Se eu fosse capaz de chegar viva ao fim daquela noite e, com a alma intacta, ia começar a me preocupar um pouco menos comigo e um pouco mais com a minha companheira de casa, mas primeiro tinha de resolver as coisas com o demônio.

Com os ombros de tal modo tensos que me doíam, tirei as velas finas de um verde leitoso do bolso do casaco e coloquei-as no círculo para representar os pontos de um pentagrama que não iria desenhar. Acendi-as, utilizando a vela branca com a qual fizera o meio de transferência. As pequenas chamas tremeluziram e observei-as por um momento, para garantir que não iriam apagar antes de ter voltado a colar a vela branca na lápide partida, no exterior do círculo.

O som abafado de um carro chamou minha atenção para os muros altos que separavam o cemitério do jardim dos nossos vizinhos. Preparando-me para aceder à linha *Ley* mais próxima, enfiei meu gorro de malha ainda mais na cabeça, bati os pés para soltar a neve da bainha das minhas calças e verifiquei uma última vez, para me assegurar de que tinha tudo. Já não me restava mais nada que pudesse utilizar para adiar o momento.

Inspirando fundo mais uma vez, estendi minha vontade para a linha *Ley* que atravessava o cemitério da igreja. Minha respiração silvou ao passar pelo nariz e fiquei rígida, quase caindo perante a alteração no meu equilíbrio. A linha *Ley* parecia ter incorporado o frio do inverno, atravessando-me com uma frieza incomum. Estendendo

uma mão enluvada, utilizei a lápide iluminada pela vela para me equilibrar, enquanto a energia continuava a se acumular.

Uma vez equilibradas as forças, a energia que continuasse a circular regressaria à linha Ley. Até lá, tinha de cerrar os dentes e suportar, enquanto a sensação de formigamento varria as extremidades teóricas que, na minha mente, espelhavam os meus dedos reais das mãos e dos pés. Era pior a cada vez. Era mais rápido a cada vez. E cada vez mais se parecia mais com um assalto.

Embora me tivesse parecido muito tempo, as forças equilibraram-se num instante. Minhas mãos começaram a suar e fui assolada por uma sensação desconfortável de calor e frio simultâneos, como se tivesse febre. Tirei as luvas e enfiei-as num bolso fundo. Os amuletos da minha pulseira tilintaram seu som límpido no silencioso ar de inverno... Não me ajudariam, nem mesmo a cruz.

Queria estabelecer rapidamente o meu círculo. De alguma forma, Algaliarept sabia sempre que eu acedia a uma linha e eu tinha de invocá-lo antes que ele aparecesse sozinho e me roubasse o pouco poder que eu podia reclamar para mim como seu invocador. O caldeirão de cobre para feitiços, onde se encontrava o meio de transferência, estava frio quando toquei nele e fiz algo que bruxa alguma fizera e sobrevivera para contar: avancei colocando-me no interior do mesmo círculo para o qual ia invocar Algaliarept.

Erguendo-me em frente ao monumento do tamanho de uma pessoa e preso ao chão pelo cimento, exalei. O monólito estava coberto de fuligem preta, de bactérias e da poluição da cidade, fazendo com que se parecesse com um anjo caído. O fato de a figura estar dobrada sobre si própria, chorando enquanto segurava uma espada horizontalmente nas mãos, como uma oferenda, só tornava a sensação ainda mais agorenta. Na dobra das asas, encontrava-se o ninho de um pássaro, no ponto em que elas se curvavam ao redor do corpo e o rosto não parecia certo. Também os braços eram demasiado compridos para serem humanos ou *Inderlander*. Nem mesmo Jenks deixava que os seus filhos brincassem ao redor daquela estátua.

— Por favor, permita que eu tenha razão — sussurrei para a estátua, enquanto transferia mentalmente o círculo branco de sal desta realidade para a eternidade.

Cambaleei quando a maior parte da energia que se acumulava no centro de mim foi arrancada para forçar a mudança. O meio de transferência, no interior do caldeirão, ondulou e, sem que tivesse recuperado o equilíbrio, pousei-o no chão coberto de neve, antes que este entornasse. Meus olhos prenderam-se nas velas verdes. Tinham-se

tornado fantasmagoricamente transparentes, tendo sido transferidas para a eternidade juntamente com o sal. As chamas, contudo, existiam em ambos os mundos, acrescentando o seu brilho à noite.

O poder da linha começou de novo a acumular-se, crescendo lento e tão desconfortável com o primeiro influxo rápido provocado pelo acesso à linha, mas o círculo de sal tinha sido substituído por uma quantidade igual de realidade eterna que se erguia num arco, fechando-se sobre minha cabeça. Nada com mais substância do que o ar podia atravessar as faixas de realidade em movimento e, tendo sido eu a estabelecer o círculo, só eu o poderia quebrar, desde que o tivesse criado corretamente.

— Algaliarept, invoco-te — sussurrei, o coração batendo veloz.

A maior parte das pessoas usava todo o tipo de armadilhas para invocar e conter um demônio, mas levando em consideração que eu já tinha um acordo com ele, o simples fato de pronunciar seu nome e desejar sua presença, o faria atravessar as linhas. Sorte a minha. Senti um aperto no estômago quando um pequeno pedaço de neve derreteu entre a estátua do anjo guerreiro e eu. A neve fumegou e uma nuvem de vapor avermelhado ergueu-se, preenchendo os contornos de um corpo que ainda não tomara forma.

Esperei, a tensão crescendo. Algaliarept gostava de variar sua forma vasculhando minha mente sem que eu percebesse, para escolher a imagem que mais me assustava. Certa vez fora Ivy. Depois Kisten, até eu o ter encurralado no elevador num louco momento de paixão induzida pelos feromônios vampíricos. É difícil ter medo de alguém depois de ter lhe dado um beijo francês. Nick, o meu namorado, o viu sempre como um cão salivante do tamanho de um pônei.

Desta vez, contudo, a névoa estava a assumir, sem dúvida, uma forma humana e calculei que ele fosse se revelar como Piscary – o vampiro que eu acabara de colocar na prisão –, ou talvez sua imagem mais típica de um jovem cavalheiro britânico, envergando um casaco com asa de grilo, de veludo verde.

— Já nenhuma dessas imagens te assusta — disse uma voz do meio da névoa, fazendo-me levantar a cabeça.

Era a minha voz.

— Oh, droga — praguejei, pegando meu caldeirão de feitiços e recuando até quase ter quebrado o círculo. Ia assumir minha própria figura. Odiava quando fazia aquilo. — Não tenho medo de mim! — gritei, mesmo antes de ele acabar de ganhar consistência.

— Oh, isso é o pensa!

Tinha o som correto, mas a cadência e a pronúncia estavam erradas. Fitava-o, enfeitiçada, enquanto Algaliarept assumia os meus contornos, percorrendo o próprio corpo sugestivamente com as mãos, alisando o peito até este assumir a minha pobre feminilidade e dando-me quadris provavelmente mais curvilíneos do que a realidade. Cobriu-se com umas calças de couro pretas, um *top* sem costas vermelho e sandálias pretas de salto alto que ficavam ridículas no meio de um cemitério coberto de neve.

Com as pálpebras ligeiramente descidas e os lábios entreabertos, abanou a cabeça para gerar os meus caracóis ruivos e frisados na altura do ombro, a partir da névoa de eternidade que restava. Deu-me mais sardas do que aquelas que eu poderia ter e os meus olhos eram verdes, não os círculos vermelhos que ele mostrou quando os abriu. Além disso, os meus também não eram rasgados como os de uma cabra.

— Errou nos olhos — disse eu, pousando o caldeirão para feitiços no limite do círculo. Cerrei os dentes, odiando o fato de ter ouvido a minha voz tremer.

Erguendo um quadril, o demônio estendeu um pé calçado com a sandália e estalou os dedos. Na sua mão, materializou-se um par de óculos de sol e ele colocou-os, escondendo os seus próprios olhos.

— Agora estão certos — disse ele e eu tremi com a semelhança da sua voz.

— Não se parece nada comigo — disse eu, não tendo percebido que tinha perdido assim tanto peso e concluindo que podia voltar a beber batidas e comer batatas fritas.

Algaliarept sorriu.

— Talvez se eu prendesse o cabelo? — troçou, simulando timidez, enquanto segurava os cabelos rebeldes e os prendia no alto da minha, hum, da sua cabeça. Mordendo os lábios para torná-los mais vermelhos, gemeu e contorceu-se, como se as suas mãos estivessem presas sobre a cabeça, dando todo o aspecto de estar envolvido em jogos de sedução. Deixando-se cair para trás, sobre a espada que o anjo segurava, parecia uma prostituta.

Encurvei-me ainda mais sob o meu casaco, com a pele falsa ao redor do colarinho. Da rua distante, chegava o som lento de um carro que passava.

— Podemos continuar com isso? Meus pés estão ficando frios — ele levantou a cabeça e sorriu.

— É mesmo uma desmancha prazer, Rachel Mariana Morgan — disse ele usando a minha voz, mas agora com a sua normal pronúncia britânica. — Mas muito desportista. O fato de não me obrigar a arrastar-te para a eternidade revela uma excelente força mental. Vou gostar de fazê-la mudar de opinião.

Estremeci quando um borrão de energia da eternidade caiu em cascata sobre ele. Estava de novo mudando de forma, mas meus ombros relaxaram quando ele assumiu a sua normal aparência, envolto em renda e veludo verde. O cabelo preto comprido e uns óculos escuros redondos contorceram-se até ganhar forma. A pele pálida e o rosto de feições fortes ganharam forma, combinando em elegância com a figura esguia de cintura fina. Botas e um casaco de excelente corte completavam o conjunto, transformando o demônio num jovem homem de negócios carismático do século XVIII, possuidor de riqueza e preparado para grandes feitos.

Meus pensamentos viajaram para a horrível cena do crime que eu tinha contaminado no outono anterior, enquanto tentava atribuir a culpa dos assassinatos dos melhores bruxos das linhas *Ley* de Cincinnati a Trent Kalamack. Al os tinha chacinado em nome de Piscary. Cada um deles encontrara uma morte dolorosa para seu prazer. Al era sádico, por muito belo que fosse o aspeto que o demônio assumia.

— Sim, vamos prosseguir — disse ele, enquanto pegava uma latinha de pó preto, que cheirava a Enxofre e inalava profundamente. Esfregou o nariz e avançou para tocar no meu círculo com a ponta da bota, fazendo-me tremer. — Bem feito e resistente. Mas está frio. A Ceri gosta de calor.

Ceri? — Perguntei-me, enquanto a neve no interior do círculo derretia num relampejo de condensação. O cheiro do pavimento molhado erguia-se forte, depois desapareceu enquanto o cimento secava, revelando o seu tom vermelho pálido.

— Ceri — disse Algaliarept, a sua voz chocando-me com o seu tom suave, mas persuasivo e autoritário. — Vem.

Fitei-os intensamente enquanto uma mulher saía de detrás de Algaliarept, aparentemente de lado nenhum. Era magra. O rosto em forma de coração, pálido, as maçãs do rosto demasiado salientes. Erguendo-se, consideravelmente mais baixa do que eu, tinha um semblante diminuto, quase infantil. A cabeça estava baixa e o cabelo claro e translúcido caía direito até ao meio das costas. Envergava um vestido lindíssimo que lhe caía até aos pés desnudos. Era maravilhoso – seda brilhante tingida com ricos tons de púrpura, verde e dourado – e ajustava-se ao seu corpo curvilíneo como se

tivesse sido pintado sobre ele. Embora fosse pequena, era bem proporcionada, ainda que tivesse um aspecto um pouco frágil demais.

— Ceri — disse Algaliarept, estendendo uma mão envolta numa luva branca para lhe erguer a cabeça. Os olhos dela eram verdes, grandes e vazios. — O que te disse sobre andar descalça?

Um brilho de irritação atravessou-lhe o rosto, longínquo e distante, escondido pelo estado de entorpecimento em que se encontrava. Minha atenção desceu para os pés, quando sobre estes se materializou um par de chinelos bordados.

— Assim está melhor.

Algaliarept virou-lhe as costas e eu fiquei chocada com a imagem perfeita de um casal com os seus belos trajes. Ela ficava linda nas suas vestes, mas sua mente estava tão vazia quanto ela estava bela, enlouquecida pela magia crua que o demônio a obrigava guardar por ele, filtrando através dela o poder das linhas *Ley* para se manter em segurança. O terror contorceu-me o estômago.

— Não a mate — sussurrei, com a boca seca. — Já não precisa dela. Deixa-a viver.

Algaliarept puxou os óculos escuros sobre o nariz, olhando-me por cima deles, fixando-me com os seus olhos vermelhos.

— Gosta dela? — disse ele. — É bela, não é? Tem mais de mil anos e não envelheceu nem um instante desde o dia em que lhe tomei a alma. Se fosse honesto, diria que ela é o motivo por que sou convidado para a maior parte das festas. Ela faz o que é preciso sem se queixar. Embora, claro, durante os primeiros cem anos tudo fossem lágrimas e choro. É divertido, mas ao fim de algum tempo, torna-se cansativo. Você voltar comigo, não vai?

Apertei o maxilar.

— Devolva a alma, agora que já não precisa dela — Algaliarept riu.

— Oh, é tão bondosa! — disse ele, batendo uma vez as mãos cobertas pelas luvas brancas. — Mas eu vou devolver de qualquer forma. Confisquei a possibilidade de redenção e a matarei antes que ela tenha a oportunidade de implorar perdão ao seu Deus — os lábios grossos abriram-se num sorriso feio. — De qualquer forma é tudo mentira, você sabe.

Fiquei gelada quando a mulher se deixou cair aos seus pés num pequeno monte de púrpura, verde e dourado. Morreria antes de permitir que ele me arrastasse para a eternidade para me tornar… para me tornar naquilo.

— Maldito — sussurrei.

Algaliarept fez um gesto, como se me dissesse "e depois?". Ele virou-se para Ceri, procurando sua mão pequena no meio do tecido amontoado e ajudando-a a levantar-se. Ela estava, novamente, descalça.

— Ceri — censurou o demônio, depois olhou para mim de relance. — Devia ter te substituído há uns quarenta anos, mas a Viragem tornou tudo muito difícil. Ela já nem sequer ouve, a menos que digamos primeiro o seu nome — voltou-se de novo para a mulher. — Ceri, seja educada e vai buscar o meio de transferência que fizeste ao pôr-do-sol.

Doía-me o estômago.

— Fiz um pouco — disse eu e Ceri pestanejou, trespassada por um primeiro sinal de compreensão.

Com os olhos grandes, solenes e vazios, fitou-me como se me visse pela primeira vez. Sua atenção prendeu-se no caldeirão para feitiços aos meus pés e nas velas de um verde leitoso que nos rodeavam. O pânico agitou-se no fundo dos seus olhos, enquanto ela se erguia perante o monumento do anjo. Creio que tinha acabado de compreender o que estava acontecendo.

— Maravilhoso — disse Algaliarept. — Já está tentando mostrar-te útil, mas quero o da Ceri — olhou para Ceri, a boca aberta revelando os pequenos dentes brancos. — Sim, querida. Está na hora da tua substituição. Traz-me o meu caldeirão e o meio de transferência.

Tensa e furtiva, Ceri fez um gesto e um caldeirão feito de cobre mais grosso do que o meu pulso, mas tamanho de criança, apareceu entre nós, já cheio de um líquido âmbar e uns salpicos de gerânio selvagem, suspenso como que num gel. O cheiro a ozônio tornou-se mais forte à medida que o calor ia aumentando e abri o casaco. Algaliarept cantarolava, claramente bem disposto. Pediu-me que me aproximasse e dei um passo em frente, tocando com os dedos na faca de prata que enfiara na manga. Minha pulsação acelerou e perguntei-me se meu contrato seria suficiente para me salvar. Uma faca não me ia servir de grande ajuda. O demônio sorriu, revelando-me os dentes direitos e simétricos, enquanto fazia um gesto para Ceri.

— Meu espelho — pediu. E a mulher delicada baixou-se para pegar um espelho de adivinhação que não estivera ali há um momento atrás. Segurou-o à frente de Algaliarept como se fosse uma mesa.

Engoli em seco, recordando a sensação desagradável de empurrar a minha aura para fora de mim e para o espelho de adivinhação no outono passado. O demônio tirou as luvas, uma de cada vez, e colocou as mãos rosadas, de grossos nós nos dedos, sobre o vidro, os dedos compridos afastados. Ele tremeu e fechou os olhos, enquanto a aura se precipitava para o espelho, derramando-se das mãos como tinta que redemoinhava e se acumulava sobre o seu reflexo.

— Para o meio, Ceri, querida. Depressa.

Ela quase arquejava enquanto transportava o espelho que continha a aura de Algaliarept para o caldeirão. Não era o peso do espelho; era o peso do que estava a acontecer. Imagino que estivesse a reviver a noite em que se erguera no local onde eu agora me encontrava, observando a sua predecessora como eu a observava a ela. Devia saber o que ia acontecer, mas estava de tal forma morta por dentro que só podia fazer aquilo que era esperado dela. E, pelo seu pânico óbvio e impotente, eu sabia que havia algo nela que valia a pena salvar.

— Liberte-a — disse eu, encurvada no meu casaco feio, enquanto minha atenção saltava de Ceri para o caldeirão e depois para Algaliarept. — Liberte-a primeiro.

— Por quê? — ele fitou distraidamente as unhas, antes de voltar a calçar as luvas.

— Vou te matar antes de deixar que me arraste para a eternidade e quero que a liberte primeiro.

Algaliarept riu das minhas palavras, um riso longo e profundo. Encostando uma mão no anjo, o demônio quase se dobrava ao meio. Um baque mudo reverberou através dos meus pés e a base de pedra estalou com o som de um tiro. Ceri sobressaltou-se, os lábios pálidos moles e os olhos movendo-se rapidamente sobre mim. Algo parecia estar a começar a acordar nela, memórias e pensamentos há muito suprimidos.

— Você *vai* lutar — disse Algaliarept, maravilhado. — Estupendo. Estava *mesmo* à espera que o fizesse — seu olhar cruzou-se com o meu e ele sorriu, tocando o aro dos óculos. — *Adsimulo calefacio.*

A faca que eu tinha escondida na manga rebentou em chamas. Gritando, tirei o casaco. Este chocou contra os limites da minha bolha e deslizou por eles. O demônio fitou-me.

— Rachel Mariana Morgan. Para de testar a minha paciência. Vem cá e recita a maldita invocação.

Não tinha outra escolha. Se eu não o fizesse, ele alegaria quebra de contrato, tomaria a minha alma e me arrastaria para a eternidade. Minha única opção era cumprir o acordo. Olhei de relance para Ceri, desejando que ela se afastasse de Algaliarept, mas ela percorria com os dedos as datas gravadas na lápide estalada, sua pele faminta de sol, agora ainda mais pálida.

— Lembra-se da maldição? — perguntou Algaliarept, quando fiquei ao lado do caldeirão que me dava pelos joelhos.

Olhei de relance para o seu interior, não me surpreendendo por descobrir que a aura do demônio era preta. Acenei, sentindo-me fraca quando os meus pensamentos recuaram para o fato de ter acidentalmente tornado Nick o meu familiar. Teria sido há apenas três meses?

— Posso dizê-lo em inglês — sussurrei. *Nick. Oh, céus! Eu não me tinha despedido.* Ultimamente, ele tinha estado tão distante que eu não tinha arranjado coragem para lhe dizer. Não dissera a ninguém.

— Será suficiente — os óculos desapareceram e os seus olhos malditos, de pupilas rasgadas como os de uma cabra, fixaram-se em mim. O meu coração batia veloz, mas aquela fora a minha escolha. Viveria ou morreria por ela.

Profunda e reverberante, parecendo vibrar no meu interior, a voz de Algaliarept deslizou-lhe dos lábios. Era latim, as palavras familiares e ao mesmo tempo desconhecidas, como uma visão de um sonho.

— *Pars tibi, totum mihi. Vinctus vinculis, prece factis.*

— Um pouco para ti — ecoei em inglês, interpretando as palavras de memória —, mas todo para mim. Preso por laços, por pedido tornado assim.

O sorriso do demónio alargou-se, gelando-me com a sua confiança.

— *Luna servata, lux sanata. Chaos statutum, pejus minutum.*

Engoli em seco.

— Lua tornada segura, noite antiga tornada sã — sussurrei. — Caos decretado, viagem realizada.

Os nós dos dedos de Algaliarept, que agarravam o caldeirão, ficaram brancos de antecipação.

— *Mentem tegens, malum ferens. Semper servus dum duret mundus.* — disse ele e Ceri soluçou, o som próprio de um gatinho, rapidamente abafado. — Continua — incitou Algaliarept, a excitação tornando seu contorno difuso. — Diga e coloca suas mãos ali.

Eu hesitei, meus olhos fixos na forma dobrada de Ceri perante a lápide, seu vestido uma pequena poça de cor.

— Absolve-me, primeiro, de uma das minhas dívidas.

— És uma cadela insistente, Rachel Mariana Morgan.

— Faça-o! — exigi. — Disseste que o faria. Retira uma das tuas marcas como combinamos.

Ele inclinou-se sobre o caldeirão até eu ser capaz de ver meu próprio reflexo – de olhos muito abertos e assustados – nos óculos dele.

— Não faz qualquer diferença. Termina a maldição e despacha-te.

— Está dizendo que não vai cumprir a tua parte do acordo? — disse eu provocante, e ele riu.

— Não. De todo. E se tens a esperança de quebrar nosso acordo baseando-te nisso, então é uma triste tola. Vou retirar uma das minhas marcas, mas continua a dever-me um favor — ele passou a língua pelos lábios. — E como minha familiar, me pertence.

Uma mistura nauseante de temor e alívio abanou-me os joelhos e eu sustive a respiração para não vomitar. Tinha de cumprir por inteiro a minha parte do acordo antes de poder ver se minhas crenças estavam certas e se era capaz de escapar à teia do demônio graças a um pequeno pormenor chamado livre arbítrio.

— Protegido da mente — disse eu, tremendo —, portador de sofrimento. Escravo até o universo terminar o seu movimento.

Algaliarept emitiu um som satisfeito. De maxilar cerrado, mergulhei as mãos no caldeirão. O frio trespassou-me, queimando-me as mãos até ficarem dormentes. Arranquei-as do interior do caldeirão. Horrorizada, fitei-as, não vendo qualquer

alteração nos meus dedos de unhas pintadas de vermelho. E depois a aura de Algaliarept entranhou-se ainda mais em mim, tocando no meu próprio *chi*.

Meus olhos abriram-se em agonia. Inspirei fundo para gritar, mas não consegui libertar o ar. Vi Ceri de relance, seus olhos apertados em sinal de recordação. Do outro lado do caldeirão, Algaliarept sorria. Arquejando, lutei por respirar enquanto o ar parecia transformar-se em óleo. Caí sobre as mãos e os joelhos, ferindo-os no cimento. Com o cabelo a cair para me esconder o rosto, tentei impedir-me de vomitar. Não era capaz de respirar. Não era capaz de pensar!

A aura do demônio era como um cobertor molhado, ensopado de ácido que me sufocava. Cobria-me, por dentro e por fora e a minha própria força estava rodeada pelo seu poder. Apertava minha vontade até esta se transformar em nada. Ouvi meu coração bater uma vez, depois outra. Inspirei tremendo, engolindo o sabor ácido do vômito. Eu ia sobreviver. A sua aura em si não podia me matar. Eu podia fazer aquilo. Eu podia.

Tremendo, ergui os olhos, enquanto o choque diminuía transformando-se em algo com que eu era capaz de lidar. O caldeirão tinha desaparecido e Ceri estava aninhada, quase escondida, atrás da enorme lápide ao lado de Algaliarept. Inspirei fundo, incapaz de provar o ar através da aura do demônio. Movi-me, incapaz de sentir o áspero cimento a arranhar as pontas dos meus dedos. Tudo estava dormente. Tudo estava mudo, como que abafado em algodão.

Tudo, exceto o poder da linha *Ley* nas proximidades. Conseguia senti-la a zumbir a trinta metros de distância, como se fosse uma linha de alta tensão. Arquejando, ergui-me cambaleando, chocada por compreender que conseguia ver. Conseguia ver tudo como se estivesse usando minha segunda visão, o que não estava fazendo. Senti o estômago às voltas, ao ver que o meu círculo, outrora tingido com um tom de dourado alegre proveniente da minha aura, estava agora coberto de preto.

Virei-me para o demônio, vendo a grossa aura negra que o rodeava e sabendo que uma boa porção dela cobria a minha. Depois olhei para Ceri, quase incapaz de ver suas feições, de tal forma forte era a aura de Algaliarept sobre ela. Ela não tinha uma aura para combater a do demônio, por ter perdido sua alma para ele. E fora nisso que eu apostara tudo.

Se eu mantivesse minha alma, ainda teria minha aura, por muito abafada que estivesse sob a de Algaliarept. E com a minha alma vinha o livre arbítrio. Ao contrário de Ceri, eu podia dizer não. Lentamente, estava agora a recordar-me.

— Liberte-a — disse, com a voz rouca. — Eu aceitei tua maldita aura. Liberte-a agora.

— Oh, por que não?! — o demônio deu uma gargalhada, esfregando as mãos enluvadas. — Matá-la será uma forma espantosa de dar início ao teu aprendizado. Ceri?

A mulher pequena ergueu-se estabanada, a cabeça direita e o rosto em forma de coração revelando o pânico.

— Ceridwen Merriam Dulciate — disse Algaliarept. — Vou devolver-te a tua alma antes de te matar. Podes agradecer a Rachel por isso.

Sobressaltei-me. Rachel? Eu sempre fora Rachel Mariana Morgan. Aparentemente, enquanto familiar, já não merecia o meu nome completo. Isso irritou-me.

Ela emitiu um pequeno som, cambaleando. Observei com a minha nova visão enquanto Algaliarept a libertava do seu vínculo. Um brilho ténue, muito fraco, do azul mais puro cobria-a – sua alma regressada já tentava banhá-la em proteção –, depois desapareceu sobre mil anos de escuridão que o demónio trouxera à sua alma, enquanto ela estivera à sua guarda. Sua boca movia-se, mas ela não conseguia falar. Tinha os olhos vidrados, enquanto arquejava hiperventilando e eu saltei para frente, para apanhá-la, antes que ela caísse. Lutando, arrastei-a para a minha extremidade do círculo.

Algaliarept estendeu um braço para agarrá-la. Senti uma descarga de adrenalina. Larguei Ceri. Endireitei-me, usei a linha.

— Rhombus! — gritei a palavra de invocação que tinha estado a praticar há três meses e que me permitia estabelecer um círculo sem ter de desenhá-lo.

Com uma força que me deixou desamparada, o novo círculo explodiu para a existência, encerrando a mim e a Ceri, num segundo círculo menor no interior do primeiro. O meu círculo não tinha um objeto físico no qual se concentrar, por isso o excesso de energia espalhou-se por todo o lado, em vez de regressar à linha *Ley* para onde deveria ir. O demônio praguejou, lançado para trás até bater contra o interior do círculo original, que se mantinha erguido e ativo. Com um estalo que reverberou através de mim, o primeiro círculo quebrou-se e Algaliarept caiu ao chão.

Respirando pesadamente, dobrei-me sobre mim mesma, com as mãos pousadas nos joelhos. Algaliarept pestanejou, fitando-me a partir do chão de cimento, depois um sorriso maldoso espalhou-se pelo seu rosto.

— Estamos a partilhar uma aura, querida — disse ele. — O teu círculo já não pode me conter — seu sorriso aumentou. — Surpresa! — cantou ele levemente, levantando-se e começando, lentamente, a limpar meticulosamente o casaco de veludo amassado.

Oh, céus! Se o meu primeiro círculo agora não o continha, o segundo também não o faria. Desconfiara que isso pudesse acontecer.

— Ceri? — sussurrei. — Levanta-te. Temos de nos afastar.

Os olhos de Algaliarept olharam para trás de mim, para o solo sagrado que nos rodeava. Os meus músculos tornaram-se tensos. O demônio saltou. Guinchando, puxei Ceri e lancei-me para trás. A onda de eternidade que fluiu de mim, por ter quebrado o círculo, foi quase imperceptível. Senti a respiração fugir-me quando caímos ao chão, com Ceri por cima de mim. Ainda sem respirar, pressionei os calcanhares contra o chão coberto de neve e empurrei-nos para mais longe. A bainha dourada do vestido de baile de Ceri era áspera sob os meus dedos e puxei-a para mim até ter a certeza de que nos encontrávamos ambas em solo sagrado.

— Para o inferno com as duas! — gritou Algaliarept furioso, a partir do limite do cimento.

Eu levantei-me, tremendo. Tinha a respiração presa e fitava o demônio frustrado.

— Ceri! — exigiu o demônio e o cheiro de âmbar queimado ergueu-se, quando o seu pé atravessou a barreira invisível e o fez recuar. — Empurra-a na minha direção! Ou deixarei a tua alma tão negra que o teu precioso Deus não te deixará entrar, por muito que lhe implores!

Ceri gemeu, agarrando-me a perna com força enquanto se encolhia, escondendo o rosto, tentando vencer mil anos de condicionamento. Meu rosto ficou tenso de raiva.

Eu podia ter sido ela. Eu ainda poderia vir a ser ela.

— Não vou deixar que continue te machucando — disse eu, baixando uma mão para lhe tocar no ombro. — Se puder impedir, farei!

Suas mãos, que me agarravam, tremiam e eu pensei que ela parecia uma criança maltratada.

— És a minha familiar! — gritou o demônio, cuspindo enquanto falava. — Rachel, vem cá!

Abanei a cabeça. Estava mais gelada do que a neve que nos rodeava.

— Não — disse simplesmente. — Não irei contigo para a eternidade. Não pode me obrigar.

Algaliarept arquejou, incapaz de acreditar.

— Virá! — trovejou e Ceri agarrou minha perna com mais força.

— És minha! És minha familiar. Eu te dei a minha aura. A tua vontade é a minha!

— Não, não é — disse eu, tremendo por dentro. *Estava funcionando. Deus me ajude, estava funcionando.* Senti os olhos quentes e compreendi que estava quase chorando de alívio. Ele não podia levar-me. Eu podia ser a sua familiar, mas ele não possuía a minha alma. Eu podia dizer não.

— És a minha familiar! — disse ele enraivecido e tanto Ceri como eu gritamos quando ele tentou atravessar, penetrando em solo sagrado e voltava a recuar com um salto.

— Sou tua familiar! — gritei em resposta, assustada. — E digo não! Disse que seria a tua familiar e sou, mas não irei contigo para a eternidade e não podes obrigar-me!

Os olhos rasgados de Algaliarept semicerraram-se. Ele recuou e eu fiquei tensa, enquanto a raiva dele esfriava.

— Concordaste em ser a minha familiar — disse ele suavemente, o fumo erguendo-se das botas brilhantes, com fivela, enquanto estas se aproximavam do limite do solo blasfemo. — Vem aqui, já, ou considerarei o nosso acordo quebrado e a tua alma será minha.

Dupla penalização. Sabia que íamos chegar ali.

— Tenho a tua maldita aura sobre mim — disse eu, enquanto Ceri tremia. — Sou tua familiar. Se acredita que houve uma quebra de contrato, então chama alguém para julgar o que aconteceu antes de o sol se erguer. E tira-me uma destas malditas marcas de demônio! — exigi, erguendo o meu pulso.

Meu braço tremeu e Algaliarept emitiu um som rude, no fundo da garganta. A longa exalação fez tremer as minhas entranhas e Ceri atreveu-se a olhar para o demônio.

— Não posso te usar como familiar se estiveres do lado errado das linhas — disse ele, claramente pensando em voz alta. — A ligação não é suficientemente forte…

— O problema não é meu — interrompi, com as pernas a tremer.

— Não — concordou Algaliarept. Cruzou os dedos das mãos de luvas brancas, atrás das costas, o olhar caindo para Ceri. A raiva profunda que se encontrava visível nos seus olhos assustou-me terrivelmente. — Mas vou fazer com que seja um problema teu. Roubou uma familiar e me deixou sem nada. Enganou-me, fazendo com que pudesse escapar do pagamento por um serviço. Se não posso te arrastar para cá, arranjarei uma forma de te usar através das linhas. E nunca te deixarei morrer. Pergunte a ela. Pergunte como foi o seu inferno interminável. Estou à tua espera, Rachel. E eu não sou um demônio paciente. Não pode se esconder em solo sagrado para sempre.

— Vai embora — disse eu, a voz tremendo. — Invoquei-te. Agora estou exigindo que vá. Tira-me uma destas marcas e vá. Agora.

Eu tinha-o invocado e, como tal, ele estava suscetível às regras da invocação, mesmo que eu fosse seu familiar. Ele exalou lentamente e sentir o chão mexer. Seus olhos tornaram-se negros. Negros. Negros, negros, depois ainda mais negros.

Oh, merda!

— Arranjarei uma forma de estabelecer contigo um laço suficientemente forte através das linhas — disse ele. — E te puxarei com a alma intacta. Permanecerá desse lado das linhas por pouco tempo.

— Já tive a cabeça a prêmio uma vez — disse eu. — E o meu nome é Rachel Mariana Morgan. Use-o. E tira-me uma destas marcas, caso contrário terá tudo a perder.

Vou safar-me. Fui mais esperta do que um demônio.

A certeza era forte, mas eu estava demasiado assustada para que isso significasse qualquer coisa. Algaliarept dirigiu-me um olhar gelado. Seus olhos pousaram-se em Ceri, depois ele desapareceu. Gritei, quando o meu pulso ardeu, mas saudei a dor, dobrada sobre mim mesma enquanto segurava o pulso marcado pelo demônio com a minha outra mão. Doía – doía como se os cães do inferno o estivessem a roer –, mas quando minha visão turva clareou, apenas uma linha atravessava o círculo ligeiramente elevado, não duas.

Arquejando enquanto a dor desaparecia por completo, deixei-me cair, todo o meu corpo dobrado sobre si mesmo. Ergui a cabeça e inspirei fundo, tentando desatar os nós que me prendiam o estômago. Ele não me podia usar enquanto permanecêssemos em lados opostos das linhas *Ley.* Eu ainda era eu, embora estivesse coberta com a aura de

Algaliarept. Lentamente, minha segunda visão desapareceu e o borrão vermelho da linha *Ley* desvaneceu-se. A aura de Algaliarept estava a tornar-se mais suportável, deslizando até se transformar numa sensação quase imperceptível, agora que o demônio tinha desaparecido.

Ceri largou-me. Recordando-me dela, curvei-me na sua direção e estendi uma mão para ajudá-la a levantar. Ela fitou-me espantada, observando-se a si própria enquanto colocava uma mão pálida na minha. Permanecendo a meus pés, beijou as costas da minha mão num gesto formal de agradecimento.

— Não, não faça isso — disse eu, virando a mão para agarrar a dela e puxando-a, erguendo-a na neve.

Os olhos de Ceri encheram-se de lágrimas que se derramaram enquanto ela chorava silenciosamente pela sua liberdade; a mulher elegante, violentada, era lindíssima na sua alegria lacrimejante e silenciosa. Envolvi-a com um braço, dando-lhe o conforto que podia. Ceri dobrou-se e tremeu ainda mais.

Deixando tudo como estava e as velas acesas para que se apagassem sozinhas, cambaleei em direção à igreja. Meu olhar estava fixo na neve e, enquanto Ceri e eu deixávamos dois trilhos de pegadas que se sobrepunham ao que eu deixara ao avançar até ali, perguntei-me o que raio ia fazer com ela.



2

Já íamos a meio caminho da igreja quando percebi que Ceri avançava descalça pela neve.

— Ceri — disse eu, chocada —, onde estão seus sapatos?

A mulher que chorava, fungou rudemente. Limpando os olhos, olhou para baixo de relance. Ao redor dos seus dedos, redemoinhava um borrão vermelho de eternidade e um par de chinelos queimados surgiu nos seus pés pequenos. A surpresa abateu-se sobre suas feições delicadas, visível à luz do alpendre.

— Estão queimados — disse eu, enquanto ela abanava os pés para tirá-los. Pedaços de cinza preta ficaram pegados à pele, parecendo-se com feridas negras. — Talvez o Grande Al esteja fazendo uma birra e queimando suas coisas.

Ceri acenou silenciosamente, uma sugestão de sorriso repuxando seus lábios arroxeados, perante a apelido insultuoso que eu usava para não ter de dizer o nome do demônio à frente de quem ainda não o conhecesse.

Voltei a colocar-nos em movimento.

— Bem, tenho um par de chinelos que poderá usar. E que tal um pouco de café? Estou gelada até aos ossos.

Café? Tínhamos acabado de escapar de um demônio e estava oferecendo-lhe café?

Ela nada disse, seus olhos pousados no alpendre de madeira que dava acesso à área residencial na parte de trás da igreja. Seu olhar viajou até ao santuário e o campanário com o seu sino.

— Sacerdotisa? — sussurrou ela, sua voz equivalente ao jardim gelado, cristalina e pura.

— Não — disse eu, enquanto tentava não escorregar nos degraus. — Só vivo aqui. Já não é uma igreja de verdade — Ceri pestanejou e eu acrescentei. — É um bocado difícil de explicar. Entra.

Abri a porta dos fundos, entrando primeiro já que Ceri baixou a cabeça e se recusou a fazê-lo. O calor da sala de estar era como uma onda abençoada sobre as minhas faces frias. Ceri estacou na ombreira da porta quando uma mão cheia de garotas *pixy* voou guinchando a partir da prateleira sobre a lareira vazia, fugindo do frio. Dois garotos adolescentes *pixy* dirigiram a Ceri um olhar revelador antes de as seguirem a um ritmo mais calmo.

— *Pixies?* — disse eu, recordando-me que ela tinha mais de mil anos. Se não era Inderlander, nunca os teria visto antes, acreditando que se tratava, hum, de contos de fadas. — Sabe o que são *pixies*? — perguntei, sacudindo a neve das botas.

Ela acenou, fechando a porta atrás dela e eu senti-me melhor. A adequação à vida moderna se tornaria mais simples se ela não tivesse de aceitar também a existência de bruxas, lobisomens, *pixies*, vampiros e outros tais, como aparelhos de televisão e celulares. Mas enquanto seus olhos percorriam o dispendioso equipamento eletrônico de Ivy, revelando apenas um ténue interesse, fiquei disposta a apostar que as coisas do outro lado das linhas *Ley* eram tão tecnologicamente avançadas como daquele lado.

— Jenks! — gritei para a parte da frente da igreja, onde ele e a sua família estavam a residir durante os meses frios. — Posso falar contigo por um minuto?

Ouviu-se o zumbido das suas asas de libelinha, ténue no ar quente.

— Hei, Rache — disse o pequeno *pixy*, enquanto zumbia para o interior da sala. — Que é isto que os meus filhos dizem sobre um anjo? — ele parou subitamente, os olhos muito abertos e o cabelo louro e curto balançando enquanto ele olhava para trás de mim.

Anjo, hã? — pensei, enquanto me virava para Ceri para a apresentar.

— Oh, céus, não — disse eu, puxando-a para que se levantasse. Ela tinha estado a apanhar a neve que eu sacudira das botas, segurando-a na mão. A imagem da sua forma diminuta, envergando aquele vestido lindíssimo, a limpar a minha sujeira era demasiado forte. — Por favor, Ceri — disse eu, tirando-lhe a neve das mãos e deixando-a cair sobre o tapete. — Não faça isso.

Uma onda de irritação atravessou a testa suave da pequena mulher. Suspirando, ela fez uma careta de desculpas. Acho que nem tinha apercebido o que estava fazendo até eu a ter impedido. Virei-me de novo para Jenks, vendo que suas asas tinham assumido uma ténue coloração vermelha, à medida que a circulação ia aumentando.

— Que raio? — murmurou ele, descendo o olhar até seus pés.

Pó de *pixy* tinha caído dele, tal fora a sua surpresa, gerando uma mancha de sol brilhante sobre o tapete cinzento. Envergava na altura de suas roupas de jardinagem casuais, de seda verde e justa, parecendo-se com um Peter Pan em miniatura, mas sem chapéu.

— Jenks — disse eu, enquanto pousava uma mão no ombro de Ceri e a puxava para frente. — Esta é a Ceri. Ela vai ficar conosco durante algum tempo. Ceri, este é Jenks, meu parceiro.

Jenks esvoaçou para frente, depois para trás, agitado. Um ar espantado tomou conta das feições de Ceri enquanto seus olhos saltavam de mim para ele.

— Parceiro? — disse ela, seu olhar pousando-se na minha mão esquerda.

A compreensão abateu-se sobre mim e senti-me corar.

— Parceiro de negócios — reiterei, compreendendo que ela tinha pensado que éramos casados. *Como raio se podia casar com um pixy? E por que raio se quereria fazer tal coisa?* — Trabalhamos juntos como agentes.

Tirando o chapéu, lancei a lã vermelha para a lareira onde podia secar sobre as pedras e ajeitei o cabelo para tirar as marcas da pressão. Tinha deixado o casaco no exterior, mas não ia sair agora para buscar. Ela mordeu o lábio, confusa. O calor da sala tinha-os tornado vermelhos e a cor estava também a regressar às suas faces. Com um ruído seco, Jenks esvoaçou para mais próximo, de tal forma que os meus caracóis se agitaram na brisa lançada pelas suas asas.

— Não é muito esperta — disse ele e, quando acenei para o afastar, irritada, ele levou as mãos aos quadris. Parando à frente de Ceri, disse em voz alta e lenta, como se ela ouvisse mal: — Nós… somos… os bons. Nós… paramos… os maus.

— Guerreiros — disse Ceri, sem olhar para ele, enquanto os olhos se pousavam nas cortinas de Ivy, nas fofas cadeiras de veludo e no sofá. A divisão era uma saudação ao conforto, toda ela saída do bolso de Ivy, não do meu.

Jenks riu, um som que se parecia com um espanta espíritos.

— Guerreiros — disse ele, sorrindo. — Sim. Somos guerreiros. Volto já. Tenho de contar essa à Matalina — ele saiu a voar da sala à altura da cabeça e meus ombros relaxaram.

— Desculpe por isso — disse eu. — Pedi a Jenks que trouxesse sua família para dentro de casa durante o inverno, depois de ele ter admitido que, normalmente, perdia dois filhos para a doença da hibernação todas as primaveras. Estão deixando Ivy e eu loucas, mas eu prefiro não ter qualquer privacidade durante quatro meses, do que Jenks a começar a primavera com caixões minúsculos.

Ceri acenou.

— Ivy — disse ela baixinho. — Ela é a sua parceira?

— Sim. Tal como Jenks — disse eu, num tom casual, para me assegurar que ela compreendia realmente. Seus olhos inquietos estavam a catalogar tudo e eu fui avançando lentamente para o corredor. — Hum, Ceri? — disse eu, hesitando até ela me ter começado a seguir. — Prefere que te chame de Ceridwen?

Ela espreitou ao longo do corredor escuro, para o santuário mal iluminado, seu olhar seguindo o som dos pequenos *pixies*. Era suposto ficarem na frente da igreja, mas se metiam por todo lado e seus guinchos tinham se tornado comuns.

— Ceri, por favor.

Sua personalidade estava regressando mais depressa do que eu tinha acreditado possível, passando do silêncio a pequenas frases numa questão de momentos. Havia no seu discurso uma curiosa mistura de encanto moderno e classe do velho mundo que, provavelmente, tinha sua origem no fato de ter vivido durante demasiado tempo com demônios. Ela parou junto à porta da minha cozinha, de olhos muito abertos, enquanto assimilava tudo. Não me pareceu que fosse um choque cultural. A maior parte das pessoas tinha uma reação semelhante quando via minha cozinha.

Era enorme, com um fogão elétrico e outro a gás, para que eu pudesse cozinhar num e fazer os feitiços no outro. A geladeira era de aço inoxidável e suficientemente grande para guardar uma vaca no seu interior. Havia uma janela de correr, arrogante ao jardim coberto de neve e ao cemitério. Meu peixe beta, o Sr. Peixe, nadava alegremente num copo de *brandy*, no parapeito. Luzes fluorescentes iluminavam o cromado brilhante e vasto do balcão que não teria parecido desajustado perante as câmaras de um programa de culinária.

Uma ilha central – sobre a qual se encontravam pendurados meu equipamento de feitiçaria e ervas secas reunidas por Jenks e pela sua família – ocupava a maior parte do espaço. A enorme mesa antiga de Ivy ocupava o restante. Metade da mesa estava meticulosamente organizada, funcionando como seu escritório, com um computador – mais rápido e poderoso do que uma embalagem industrial de laxante –, ficheiros organizados por cores, mapas e os marcadores que ela usava para organizar suas missões. A outra metade da mesa era minha e estava vazia. Eu gostaria de poder dizer que se tratava de asseio, mas a verdade é que, quando tinha uma missão, fazia-a. Não a analisava até à morte.

— Sente-se — disse eu num tom casual. — E que tal um pouco de café?

Café? Pensei enquanto me dirigia para a cafeteira e jogava fora os grãos antigos. O que é que eu ia fazer com ela? Ela não era, propriamente, um gatinho abandonado. Precisava de ajuda. Ajuda profissional.

Ceri fitava-me, seu rosto voltando a assumir a expressão vazia.

— Eu… — gaguejou ela, parecendo assustada e pequena no seu vestido maravilhoso. Olhou de relance para minhas calças de couro e para a camisola vermelha. Ainda usava as botas de neve e sentia-me completamente desleixada.

— Calma — disse eu, enquanto puxava uma cadeira. — Vou te fazer um pouco de chá.

Trezentos passos em frente, um para trás — pensei, quando ela ignorou a cadeira que eu lhe oferecia e tomou a que se encontrava à frente do computador de Ivy. Chá talvez fosse mais apropriado, tendo em conta que ela tinha mais de mil anos. Será que tinham café na Idade Média?

Estava a olhar fixamente para meus armários, tentando recordar-me se tínhamos uma chaleira, quando Jenks e cerca de quinze dos seus filhos entraram de rompante,

todos a falar ao mesmo tempo. As suas vozes eram tão agudas e rápidas que me faziam doer a cabeça.

— Jenks — implorei eu, olhando de relance para Ceri. Ela já parecia suficientemente chocada. — Por favor?

— Eles não vão fazer nada — protestou ele beligerante. — Além disso, quero que lhe deem uma boa cheiradela. Não consigo perceber o que ela é, fede de tal maneira a âmbar queimado. Já agora, quem é ela e o que ela estava fazendo no nosso jardim descalça?

— Hum… — disse eu, subitamente receosa. Os *pixies* tinham narizes excelentes, capazes de dizer a que espécie pertencia alguém só por cheirar. Eu tinha certa desconfiança sobre o que seria Ceri e não queria mesmo que Jenks descobrisse.

Ceri ergueu a mão como se fosse um poleiro, sorrindo beatificamente para as duas garotas *pixy* que rapidamente aterraram sobre ela, seus vestidos de seda verde e rosa movendo-se sob a brisa gerada pelas suas asas de libelinha. Estavam a conversar animadamente, como fazem as garotas *pixies*, aparentemente desatentas, mas conscientes de tudo, incluindo o rato que se escondia atrás da geladeira. Era óbvio que Ceri já tinha visto *pixies* antes. Isso significava que ela era Inderlander, ainda que tivesse mil anos. A Viragem, época em que tínhamos saído todos dos nossos esconderijos para viver abertamente entre os humanos, ocorrera apenas há quarenta anos.

— Hei! — exclamou Jenks, vendo que os filhos a monopolizavam, pelo que estes se ergueram e esvoaçaram para fora da cozinha num caleidoscópio de cor e ruído. Imediatamente, ele tomou seu lugar, chamando o filho mais velho, Jax, para que se empoleirasse no monitor do computador à frente dela. — Tens o mesmo cheiro do Trent Kalamack — disse ele com franqueza. — O que você é?

Senti que uma onda de angústia se apoderava de mim e virei-lhes as costas. Maldição. Tinha razão. Ela era um elfo. Se Jenks descobrisse, contaria para toda Cincinnati assim que a temperatura subisse acima das temperaturas negativas e ele fosse capaz de deixar a igreja. Trent não queria que o mundo ficasse sabendo que os elfos tinham sobrevivido à Viragem e seria capaz de largar Agente Laranja sobre toda a vizinhança só para calar Jenks. Virando-me, acenei freneticamente com os dedos para Ceri, num gesto que traduzia o fechar da boca. Compreendendo que ela não fazia ideia do que ela queria dizer, levei um dedo aos lábios. A mulher fitou-me inquisitiva, depois olhou para Jenks.

— Ceri — disse ela, com uma expressão séria.

— Sim, sim — disse Jenks impacientemente, as mãos pousadas nos quadris. — Eu sei. Tu Ceri. Eu Jenks. Mas o que você é? É uma bruxa? A Rachel é uma bruxa.

Ceri olhou de relance para mim, depois afastou os olhos.

— Sou Ceri.

As asas de Jenks desvaneceram-se no nada, o brilho que emitiam passando de azul, a vermelho.

— Sim — repetiu ele. — Mas de que espécie? Sabes, sou um *pixy* e a Rachel é uma bruxa. Você é...

— Ceri — insistiu ela.

— Hum, Jenks? — disse eu enquanto os olhos da mulher se semicerravam.

A questão do que eram os Kalamack tinha iludido os *pixies* durante toda a existência da família. Descobrir isso, daria a Jenks mais prestígio no mundo dos *pixies* do que se aniquilasse sozinho todo um clã de fadas. Eu pude constatar que ele estava no limite da sua paciência quando ele esvoaçou para pairar à frente dela.

— Maldição! — praguejou Jenks, frustrado. — Que raio és tu, mulher?

— Jenks! — gritei em sinal de aviso, quando a mão de Ceri se moveu, rapidamente, agarrando-o.

Jax, o filho dele, soltou um gritinho, deixando para trás uma nuvem de pó de pixy quando dardejou em direção ao teto. A filha mais velha de Jenks, Jih, espreitou ao redor da arcada, observando do teto do corredor. Suas asas eram um borrão cor-de-rosa.

— Hei! Larga! — exclamou Jenks.

Suas asas emitiam um matraquear furioso, mas ele não ia a lado nenhum. Ceri tinha a perna das suas calças presa entre o polegar e o indicador. Seus reflexos eram ainda melhores do que os de Ivy e ela tinha sobre eles um controle suficiente para ser assim tão precisa.

— Eu sou Ceri — disse ela, os lábios finos apertados, enquanto Jenks parava, preso. — E até o demônio que me mantinha cativa tinha respeito suficiente por mim para não praguejar, pequeno guerreiro.

— Sim, minha senhora — disse Jenks, envergonhado. — Posso ir agora?

Ele ergueu uma sobrancelha pálida — uma capacidade que eu invejava —, depois olhou na minha direção. Eu acenei enfaticamente, ainda chocada com a velocidade que ela revelara. Sem sorrir, Ceri largou-o.

— Suponho que não é assim tão lenta como eu pensava — disse Jenks, soturno.

O *pixy* desgrenhado trouxe até mim o odor da terra comprada numa loja, enquanto se escondia no meu ombro e minha testa enrugou-se quando lhe virei as costas para procurar por baixo do balcão, em busca da chaleira. Ouvi o som familiar das canetas, compreendendo que Ceri estava arrumando a mesa de Ivy. Os séculos de escravatura pelo qual tinha passado estavam a mostrar-se novamente. A mescla ingénua de servidão e orgulho rápido da mulher fazia com que eu não soubesse como tratá-la.

— Quem é ela? — sussurrou Jenks ao meu ouvido.

Agachei-me para procurar dentro do armário, retirando do seu interior uma chaleira de cobre de tal forma manchada que estava quase castanha.

— Ela era o familiar do Grande Al.

— O Grande Al! — guinchou o *pixy*, erguendo-se e aterrando na torneira. — Era isso que estavas fazendo lá fora? Pelas calcinhas da Sininho, Rachel, está ficando tão má como o Nick! Sabe que isso não é seguro!

Agora poderia contar-lhe. Agora que tudo tinha terminado. Bem consciente de que Ceri estava à escuta atrás de nós, abri a torneira para encher a chaleira e a fiz girar para limpá-la por dentro.

— O Grande Al não concordou em testemunhar contra o Piscary pela bondade do seu coração. Eu tive de lhe pagar — com um ruído seco das asas, Jenks deslocou-se para pairar à minha frente. Surpresa, choque e, depois, raiva sucederam-se em cascata sobre o seu rosto. — Ele não passa de uma coisa — disse eu. — E já está tudo terminado — não era capaz de olhar para ele. — Prometi ser o seu familiar, desde que me fosse permitido manter a alma.

— Rachel! — uma explosão de pó de *pixy* iluminou a pia. — Quando? Quando é que ele vem te buscar? Temos de arranjar uma forma de escapar disso. Tem de haver qualquer coisa! — ele voou, deixando atrás de si um rastro de luz até meus livros de

feitiços sob o balcão da ilha, regressando de novo a mim. — Há alguma coisa nos teus livros? Liga para o Nick. Ele deve saber!

Não gostando da sua agitação, limpei a água do fundo da chaleira. Os saltos das minhas botas faziam um baque surdo sobre o linóleo enquanto eu atravessava a cozinha. O gás acendeu-se com um ruído e o meu rosto ficou corado de vergonha.

— É muito tarde — disse eu. — Já sou seu familiar. Mas a ligação não é suficientemente forte para que ele consiga me usar, enquanto eu estiver deste lado das linhas *Ley* e desde que o impeça de me puxar para a eternidade, ficarei bem — virei as costas ao fogão, vendo Ceri sentada à frente do computador de Ivy, fitando-me com uma admiração enlevada. — Posso dizer não. Está feito.

Jenks parou abruptamente à minha frente.

— Feito? — perguntou ele, demasiado perto para que eu o conseguisse focar. — Rachel, por quê? Prender Piscary não vale tudo isso!

— Não tinha outra escolha! — frustrada, cruzei os braços à minha frente e encostei-me ao balcão. — Piscary estava tentando me matar e, se eu sobrevivesse, queria-o preso, não livre para vir atrás de mim outra vez. Está feito. Aquela coisa não me consegue usar. Eu enganei-a.

— É um ele — disse Ceri suavemente e Jenks voltou-se. Tinha-me esquecido que ela estava ali, tal era o seu silêncio. — O Al é um macho. Os demônios fêmea não permitem que os puxemos através das linhas. É assim que os podemos distinguir. Na maior parte dos casos.

Pestanejei, chocada.

— O Al é um macho? E eu que estava sempre a tratá-lo como se não tivesse gênero.

Ela ergueu um ombro numa revelação de confusão deveras moderna. A minha respiração soltou-se abruptamente e eu voltei-me de novo para Jenks. Sobressaltei-me quando o descobri a pairar mesmo à frente do meu nariz, as asas completamente vermelhas.

— É uma idiota — disse ele, suas feições minúsculas e suaves cerradas numa expressão de fúria. — Devias ter nos dito. E se ele a tivesse apanhado? O que teria sido de Ivy e de mim? Hã? Teríamos continuado à tua procura, sem saber o que tinha acontecido. Pelo menos, se nos tivesses dito, poderíamos procurar uma forma de te

trazer de volta. Alguma vez pensaste nisso, menina Morgan? Somos uma equipe e você ignorou tudo isso!

Qualquer tentativa de explosão irada desvaneceu-se.

— Mas não havia nada que pudessem fazer — disse eu, pouco convincente.

— Como é que sabe? — gritou Jenks.

Suspirei, envergonhada por estar recebendo sermões de um homem com apenas dez centímetros, ainda para mais merecidos.

— Sim, tens razão — disse eu, abatida. Lentamente os meus braços descruzaram-se. — É que… É que não estou habituada a ter alguém a quem possa recorrer, Jenks. Desculpa.

Jenks baixou quase um metro no ar tal foi a sua surpresa.

— Você… Você concordou comigo?

A cabeça de Ceri virou-se lentamente para a passagem aberta do corredor. Sua expressão vazia tornou-se ainda mais imperscrutável. Segui o seu olhar para o corredor escuro, não sentindo qualquer surpresa ao descobrir nele a silhueta esguia de Ivy, um dos quadris erguido, a mão na cintura fina, com muito bom aspeto no seu traje de couro justo.

Subitamente cautelosa, afastei-me do balcão e endireitei-me. Odiava quando ela se limitava a aparecer assim. Não tinha sequer sentido a alteração da pressão do ar quando ela abriu a porta da frente.

— Olá, Ivy — disse eu, minha voz revelando ainda a contrariedade que sentira ao ouvir Jenks.

O olhar vazio de Ivy era absolutamente igual ao de Ceri, enquanto seus olhos castanhos fitavam a pequena mulher sentada na sua cadeira. Começou a andar, movendo-se com a graça de um vampiro vivo, as botas quase silenciosas. Prendendo o cabelo negro comprido e invejavelmente liso atrás de uma orelha, dirigiu-se a geladeira e retirou do seu interior o suco de laranja. Envergando suas calças casuais e uma camisa preta enfiada dentro delas, parecia sofisticada. As faces estavam vermelhas do frio e ela parecia gelada embora envergasse apenas o curto casaco.

Jenks parava ao meu lado, a nossa discussão esquecida perante a questão mais premente de Ivy ter encontrado, inesperadamente, alguém na nossa cozinha. O meu

último convidado fora encostado contra a parede e ameaçado com o sangramento; Ivy não gostava de surpresas. O fato de ela estar a beber suco de laranja era um bom sinal. Significava que tinha sucumbido àquela sua maldita sede de sangue e que Jenks e eu só tínhamos de lidar com um vampiro carregado de culpa e não um vampiro irritável, carregado de culpa e esfomeado. Era muito mais fácil viver com ela agora que voltara a praticar.

— Hum, Ivy, esta é Ceridwen — disse eu. — Ela vai ficar conosco até se restabelecer.

Ivy virou-se, recostando-se contra o balcão, com aspeto predatório e sensual, enquanto tirava a tampa da garrafa e bebia diretamente da embalagem. Como se eu fosse dizer alguma coisa... O olhar de Ivy deslizou sobre Ceridwen, depois se prendeu na óbvia agitação de Jenks e, por fim…

— Então — disse ela, sua voz melodiosa fazendo-me pensar no som da seda cinzenta sobre a neve. — Conseguiu livrar-se do acordo com o demônio. Bom trabalho. Muito bem.

Fiquei de queixo caído.

— Como é que sabia…? — gaguejei eu, enquanto Jenks soltava um gritinho de surpresa.

Um ténue sorriso, inusitado, mas sincero, repuxou os cantos da sua boca. Revelou um pouco das suas presas, os caninos do mesmo tamanho que os meus, mas mais aguçados, como os de um gato. Ela teria de esperar pela morte para obter as versões maiores.

— Fala dormindo — disse ela com leveza.

— Você sabia? — perguntei eu, chocada. — Nunca disseste nada!

— Muito bem? — As asas de Jenks matraqueavam como escaravelhos. — Achas que ser familiar de um demônio é uma coisa boa? Que raio te atropelou a caminho de casa?

Ivy foi buscar um copo no armário.

— Se Piscary tivesse sido liberto, Rachel estaria morta antes de nascer o Sol — disse ela, enquanto enchia o copo de suco. — Ela é o familiar de um demônio? Então e depois? Ela disse que o demônio não a podia usar a menos que a puxasse para a

eternidade. E ainda está viva. Não se pode fazer nada quando se está morto — Ivy deu um gole na sua bebida. — A menos que se seja um vampiro.

Jenks emitiu um som desagradável e voou para o canto da cozinha, onde amuou. Jih aproveitou a oportunidade para esvoaçar e se esconder na concha que estava pendurada por cima da ilha, as pontas das suas asas brilhando, vermelhas, sobre o rebordo de cobre. O olhar castanho de Ivy cruzou-se com o meu sobre o copo. Seu rosto perfeitamente oval era quase inexpressivo, já que ela escondia as suas emoções atrás de uma fachada fria de indiferença que mantinha sempre que se encontrava alguém na sala além de nós as duas, incluindo Jenks.

— Fico feliz por ter funcionado — disse ela, enquanto pousava o copo no balcão. — Está bem?

Acenei, vendo o alívio no ligeiro estremecimento dos seus longos dedos de pianista. Ela jamais me teria dito como estava preocupada e eu perguntei-me quanto tempo teria ela passado no corredor à escuta e a recompor-se. Seus olhos pestanejaram várias vezes e o maxilar apertou-se num esforço para controlar suas emoções.

— Não sabia que seria esta noite — disse ela suavemente. — Caso contrário, não teria saído.

— Obrigada — disse eu, pensando que Jenks tinha razão. Eu tinha sido uma idiota por não contar a ninguém. Simplesmente, não estava habituada a que alguém, além da minha mãe, se preocupasse comigo.

Ceri fitava Ivy com uma atenção inquisitiva e enlevada.

— Parceira? — perguntou ela e a atenção de Ivy virou-se para a mulher pequena.

— Sim — disse Ivy. — Parceira. O que tens a ver com isso?

— Ceri, esta é a Ivy — disse eu, enquanto a pequena mulher se levantava.

Ivy franziu a sobrancelha ao compreender que a ordem precisa em que mantinha a sua mesa tinha sido alterada.

— Ela era a familiar do Grande Al — avisei. — Precisa de alguns dias para se recompor.

Jenks emitiu um ruído agudo com as asas e Ivy dirigiu-me um olhar revelador, sua expressão alterando-se para uma desconfiança irritada, quando Ceri se colocou à sua frente. A pequena mulher fitava Ivy numa expressão confusa.

— É um vampiro — disse ela, erguendo uma mão para tocar no crucifixo de Ivy.

Ivy saltou para trás com uma rapidez assustadora, os olhos tornando-se negros.

— Uou, uou, uou! — exclamei eu, enquanto me colocava entre ambas, pronta para tudo. — Ivy, tem calma. Ela está na eternidade há mil anos. Pode nunca ter visto um vampiro vivo antes. Acho que ela é Inderlander, mas cheira à eternidade, pelo que Jenks não consegue perceber o que ela é — hesitei, revelando-lhe com meu olhar e minha última frase que Ceri era um elfo e, como tal, uma arma desgovernada no que dizia respeito à magia.

As pupilas de Ivy tinham-se dilatado quase por inteiro, assumindo um tom preto vampírico. Sua postura era dominante e sexualmente carregada, mas ela tinha saciado a sua sede de sangue, pelo que estava capaz de ouvir. Lancei um olhar rápido a Ceri, feliz por constatar que ela tinha tido o bom senso de não se mover.

— Estamos todos bem aqui? — perguntei, minha voz exigindo que ambas recuassem.

Com os lábios finos muito apertados, Ivy virou-nos as costas. Jenks pousou no meu ombro.

— Muito bem — disse ele. — Estou vendo que colocou a cadela na linha.

— Jenks! — silvei, sabendo que Ivy tinha ouvido quando os nós dos seus dedos que seguravam o copo se tornaram brancos. Enxotei-o de cima de mim e, rindo, ele ergueu-se e voltou a pousar no meu ombro.

Ceri estava de pé, os braços estendidos ao longo do corpo, numa posição confiante, observando Ivy que ia ficando cada vez mais tensa.

— Oh-h-h-h — disse Jenks com a voz arrastada. — Sua nova amiga vai fazer qualquer coisa.

— Hum, Ceri? — perguntei eu, o coração batendo acelerado, enquanto a mulher pequena avançava para se colocar ao lado de Ivy, junto a pia, claramente exigindo sua atenção.

Com o rosto pálido apertado numa raiva reprimida, Ivy virou-se.

— Que foi? — perguntou ela com uma voz monocórdica.

Ceri inclinou a cabeça num gesto, sem nunca tirar os olhos verdes dos olhos castanhos de Ivy, que se dilatavam lentamente.

— Peço desculpa — disse ela, na sua voz aguda e límpida, todas as sílabas cuidadosamente pronunciadas. — Insultei-te — sua atenção recaiu sobre o elaborado crucifixo de Ivy, preso numa corrente de prata ao redor do seu pescoço. — É uma guerreira vampira e, no entanto, podes usar a cruz?

A mão de Ceri estremeceu e eu soube que ela queria tocar-lhe. Ivy também o percebeu. Observei, capaz de interferir, enquanto Ivy se virava para a confrontar. Com um quadril erguido, dirigiu a Ceri um olhar mais atento, assimilando suas lágrimas secas, o adorável vestido de baile, os pés descalços, bem como o orgulho óbvio e o porte ereto. Enquanto sustinha minha respiração, Ivy retirou o crucifixo, a corrente prendendo-lhe o cabelo enquanto ela o puxava do pescoço.

— Sou uma vampira viva — disse ela, enquanto colocava o ícone religioso na mão do elfo. — Nasci com o vírus vampírico. Sabe o que é um vírus, não sabe?

Os dedos de Ceri percorreram as linhas da prata trabalhada.

— O meu demônio deixava-me ler tudo aquilo que eu desejasse. Um vírus está matando a minha espécie — ela ergueu os olhos. — Não o vírus vampírico. Outro vírus.

Os olhos de Ivy saltaram para mim, depois regressaram à pequena mulher que se erguia um pouco próximo demais.

— O vírus mudou-me, enquanto eu me estava a formar no útero da minha mãe, fazendo com que me tornasse um pouco de cada. Consigo andar à luz do sol e adorar sem dor. Sou mais forte do que você — acrescentou enquanto, sutilmente, colocava um espaço maior entre ambas. — Mas não tão forte como um verdadeiro morto-vivo. E tenho alma — disse esta última característica como se estivesse à espera que Ceri a negasse.

A expressão de Ceri tornou-se vazia.

— Vai perdê-la.

O olho de Ivy estremeceu.

— Eu sei.

Sustive a respiração, ouvindo o tique-taque do relógio e o zumbido quase subliminar das asas do pixy. Com os olhos sérios, a mulher magra estendeu o crucifixo para Ivy.

— Lamento. Esse é um inferno do qual Rachel Mariana Morgan me salvou.

Ivy fitou a cruz na mão de Ceri, sem revelar qualquer emoção.

— Espero que ela possa fazer o mesmo por mim.

Eu estremeci. Ivy tinha empenhado sua sanidade na crença de que existia uma magia capaz de purgar o vírus vampírico dela; que bastaria o feitiço certo para que ela se pudesse afastar do sangue e da violência. Mas não havia. Esperei que Ceri dissesse a Ivy que ninguém estava para lá da redenção, mas tudo o que ela fez foi acenar, agitando o seu cabelo fino.

— Espero que ela seja capaz.

— Eu também — Ivy olhou de relance para o crucifixo que Ceri lhe apresentava. — Guarda-o. Já não me ajuda.

Meus lábios apartaram-se em surpresa e Jenks aterrou sobre as minhas grandes argolas enquanto Ceri colocava o fio ao pescoço. A prata muitíssimo elaborada combinava perfeitamente com o púrpura e o verde ricos do seu vestido formal.

— Ivy… — comecei eu, sobressaltando-me quando Ivy semicerrou os olhos na minha direção.

— Já não me ajuda — disse ela com voz tensa. — Ela o quer. Eu estou lhe dando.

Ceri ergueu uma mão, sendo claro que encontrava paz no ícone.

— Obrigada — sussurrou ela. Ivy franziu a sobrancelha.

— Volta a tocar na minha mesa e parto todos os teus dedos.

Ceri aceitou a ameaça com uma compreensão leve que me surpreendeu. Era óbvio que ela já tinha lidado com vampiros antes. Perguntei-me onde, já que os vampiros não eram capazes de manipular as linhas *Ley* e, como tal, se revelavam péssimos familiares.

— Que tal um pouco de chá? — perguntei eu, desejando ter algo normal para fazer.

Fazer chá não era normal, mas estava perto. A chaleira fumegava e, enquanto eu vasculhava o armário em busca de uma caneca suficientemente boa para um convidado, Jenks soltou uma risadinha, fazendo abanar minha argola como um balanço de pneu. Seus filhos esvoaçavam pelo interior da cozinha em grupos de dois e três – para grande irritação de Ivy – arrastados pela novidade de Ceri. Paravam sobre ela, encontrando-se Jih mais próximo que os restantes.

Ivy erguia-se em frente ao seu computador, numa posição defensiva e, depois de um momento de hesitação, Ceri tomou a cadeira mais distante dela. Parecia perdida e só, enquanto tocava com os dedos no crucifixo ao redor do seu pescoço. Enquanto eu procurava na dispensa um saco de chá, perguntei-me como é que ia fazer com que aquilo funcionasse. Ivy não ia apreciar a ideia de ter mais uma companheira de casa. E onde a alojaríamos? O ruído acusatório das canetas de Ivy ressoava sonoro, enquanto ela "arrumava" a caneca dos lápis.

— Encontrei um — disse eu, aliviada ao descobrir, finalmente, um saquinho de chá. Jenks deixou-me e foi incomodar Ivy, escorraçado do meu brinco pelo vapor que se erguia enquanto eu colocava água fervente na caneca.

— Toma, Ceri — disse eu, afastando os *pixies* para longe dela e pousando a caneca na mesa. — Quer alguma coisa para acompanhar?

Ela fitava a caneca como se nunca tivesse visto uma. De olhos muito abertos, abanou a cabeça. Eu hesitei, perguntando-me o que teria feito de errado. Ela parecia prestes a chorar mais uma vez.

— Está tudo bem? — perguntei eu e ela acenou, a mão fina tremendo enquanto ela pegava na caneca.

Jenks e Ivy fitavam-na.

— Tens certeza que não queres açúcar ou assim? — perguntei eu, mas ela abanou a cabeça. O queixo fino tremia, enquanto ela levava a caneca aos lábios.

De sobrancelha franzida, fui buscar o café. Ivy levantou-se para pôr água na cafeteira. Inclinou-se para próximo de mim, abrindo a torneira para abafar suas palavras enquanto murmurava:

— Que há com ela? Está chorando por causa do chá — eu virei-me, de repente.

— Ceri! — exclamei eu. — Se quiser açúcar, não faz mal!

O olhar dela prendeu-se no meu, as lágrimas a correr ao longo do seu rosto pálido.

— Já não como nada há… há mil anos — acabou por dizer. Senti como se me tivessem dado um murro no estômago.

— Quer açúcar?

Ainda a chorar, ela abanou a cabeça. Ivy estava à minha espera quando eu me virei de novo.

— Ela não pode ficar aqui, Rachel — disse a vampira, a expressão séria.

— Ela vai ficar bem — sussurrei eu, chocada com o fato de Ivy estar pronta a correr com ela. — Vou tirar minha cama velha da torre do sino e montá-la na sala de estar. Tenho algumas T-shirts velhas que ela pode usar até a levarmos às compras.

Jenks agitou as asas chamando-me a atenção.

— E depois? — perguntou ele pousando na torneira. Fiz um gesto revelando a minha frustração.

— Não sei. Ela já está muito melhor. Há meia hora nem sequer falava. Olhem para ela agora.

Virámo-nos todos, descobrindo Ceri a soluçar baixinho, enquanto bebia o seu chá, em pequenos goles reverentes, enquanto as garotas *pixies* pairavam sobre ela. Três estavam a entrançar o seu longo cabelo claro e outra cantava para ela.

— Está bem — disse eu, enquanto lhe virávamos as costas. — Foi um mau exemplo.

Jenks abanou a cabeça.

— Rache, sinto-me mesmo mal por ela, mas Ivy tem razão. Ela não pode ficar aqui. Ela precisa de ajuda profissional.

— Sério? — perguntei eu, beligerante, sentindo-me aquecer. — Não ouvi falar de nenhum grupo de terapia para familiares de demônios resgatados, e você?

— Rachel… — disse Ivy.

Um súbito grito das crianças *pixies* fez Jenks erguer-se da torneira. Seus olhos passaram para lá de nós e fixaram-se nos seus filhos, que desciam sobre o rato, que

tinha, finalmente, tentado correr em direção à sala de estar e se vira preso no seu inferno pessoal.

— Desculpem-me — disse ele, voando para salvá-lo.

— Não — disse eu a Ivy. — Não vou deixá-la numa instituição qualquer.

— Não estou dizendo que o deve fazer — o rosto pálido de Ivy começara a ganhar cor e o anel de castanho ao redor dos seus olhos começava a diminuir à medida que o calor do meu corpo aumentava e o meu sangue se tornava quente, disparando seus instintos. — Mas ela não pode ficar aqui. Esta mulher precisa de normalidade e, Rachel, nós não somos normais.

Inspirei fundo para protestar, depois libertei o ar. Franzindo a sobrancelha, olhei de relance para Ceri. Ela estava a limpar os olhos, a mão que envolvia a caneca agitando-se e fazendo ondas na superfície do chá. Os meus olhos prenderam-se nas crianças *pixies* que discutiam sobre quem ia montar primeiro o rato. Era a pequena Jessie e a *pixy* minúscula gritou de prazer, quando o roedor saiu disparado da cozinha com ela às costas. Num borrão de centelhas douradas, todos a seguiram, com exceção de Jih. Talvez Ivy tivesse razão.

— Que queres que eu faça, Ivy? — disse eu, acalmando-me. — Eu pediria à minha mãe para ficar com ela, mas ela própria está a um passo de ser internada num instituto.

Jenks zumbiu de regresso.

— E o Keasley?

Surpreendida, olhei para Ivy.

— O velhote do outro lado da rua? — perguntou Ivy desconfiada. — Não sabemos nada sobre ele.

Jenks aterrou no parapeito da janela ao lado do Sr. Peixe e pousou as mãos nas ancas.

— É velho e tem um rendimento fixo. Que mais é que precisamos saber?

Enquanto Ceri se recompunha, considerei mentalmente a ideia. Gostava do velho bruxo cujo discurso lento escondia um espírito rápido e uma apurada inteligência. Ele tinha me costurado depois de Algaliarept me ter rasgado o pescoço. Também tinha "costurado" minha força de vontade e minha confiança. O velho, que sofria de artrite, estava a esconder qualquer coisa e não me parecia que o seu verdadeiro nome fosse

Keasley, tal como não acreditava na sua história de que tinha mais equipamento médico do que uma pequena sala de urgências porque não gostava de médicos. Mas confiava nele.

— Ele não gosta da lei e sabe manter a boca fechada — disse eu, pensando que aquilo era perfeito. De olhos semicerrados, olhei para Ceri que falava com Jih numa voz suave. Os olhos de Ivy mostravam as suas dúvidas e, irritada, empurrei-me do balcão e comecei a avançar. — Vou ligar — acrescentei, enquanto fazia sinal a Ceri de que voltaria num instante e me dirigia para a sala de estar em busca do telefone.



3

— Ceri — disse Jenks, enquanto eu carregava o botão e colocava o café para fazer. — Se o chá te faz chorar, tens de experimentar batatas fritas. Vem cá, vou te mostrar como se usa o micro-ondas.

Keasley ia a caminho. Era capaz de demorar algum tempo, já que se encontrava de tal forma afetado pela artrite que a maior parte dos amuletos contra a dor não funcionavam. Sentia-me mal por tê-lo arrastado para a neve, mas teria sido ainda mais rude aparecer à porta de sua casa.

Com uma determinação que eu não compreendia, Jenks empoleirou-se no ombro de Ceri e falou com ela, orientando-a sobre a melhor forma de fazer batatas fritas no micro-ondas. Ela curvou-se para observar a pequena embalagem girar, meus chinelos cor-de-rosa nos seus pés pareciam excessivamente grandes e desajustados. Pequenas *pixies* esvoaçavam à sua volta num remoinho de seda de tons pastel e conversas animadas, na sua maioria ignoradas. O ruído interminável tinha afastado Ivy para a sala de estar, onde se encontrava atualmente escondida, com os fones cobrindo os ouvidos.

Ergui a cabeça quando a pressão do ar se alterou.

— Olá? — disse uma voz forte e rouca vinda da frente da igreja. — Rachel? Os *pixies* deixaram-me entrar. Onde vocês estão, meninas?

Olhei de relance para Ceri, percebendo sua súbita apreensão.

— Trata-se de Keasley, um vizinho — disse eu. — Ele vai ver se está bem. Assegurar-se de que está saudável.

— Eu estou ótima — disse ela melancolicamente.

Pensando que aquilo podia ser mais difícil do que eu esperava, avancei com os pés enfiados numas meias, ao longo do corredor para falar com ele antes de apresentá-lo a Ceri.

— Olá, Keasley, estamos aqui.

Sua figura encurvada e mirrada coxeou ao longo do corredor, eclipsando a luz. Mais crianças *pixies* seguiam à sua frente, envolvendo-o em círculos de pó de *pixy*. Keasley trazia na mão um saco de mercearia castanho e trazia consigo o cheiro frio da neve, que se fundia agradavelmente com o característico cheiro dos bruxos, o odor de pau-brasil.

— Rachel — disse ele, os olhos castanhos semicerrando-se à medida que se aproximava. — Como está a minha ruiva preferida?

— Estou bem — disse eu, dando-lhe um abraço rápido e pensando que depois de ter enganado Algaliarept, bem era dizer pouco.

O seu macacão estava gasto e cheirava a sabão. Eu pensava nele como um velho vizinho sábio e como um substituto para a figura do avô, uma espécie de dois em um e não me importava que ele tivesse um passado que não estava disposto a partilhar. Era uma boa pessoa; era tudo quanto eu precisava saber.

— Entre. Há alguém que quero que conheça — disse eu, e ele abrandou, revelando uma cautela desconfiada. — Ela precisa da sua ajuda — disse eu suavemente.

Com os grossos lábios apertados e as rugas castanhas do seu rosto ainda mais marcadas, Keasley inspirou fundo, as mãos rígidas da artrite fazendo estalar o saco de papel. Ele acenou, mostrando-me uma zona da cabeça onde o seu cabelo de caracóis apertados e acinzentados começava a rarear. Expelindo o ar em sinal de alívio, conduzi-o à cozinha, recuando um pouco para poder ver a sua reação ao fitar Ceri. O velho bruxo estacou, fitando o interior da cozinha. Mas ao ver a delicada mulher que se erguia

com os chinelos felpudos cor-de-rosa à frente do micro-ondas, na sua elegante roupa de baile, com uma travessa de batatas fritas fumegantes, podia compreender por que.

— Não preciso de um físico — disse Ceri. Jenks ergueu-se do ombro dela.

— Olá, Keasley. Vens analisar a Ceri?

Keasley acenou, coxeando enquanto puxava uma cadeira. Fez um gesto a Ceri para que se sentasse, depois se deixou cair cuidadosamente na cadeira do lado. Respirando com dificuldade, pousou o saco entre os pés, abrindo-o para tirar do seu interior um medidor de pressão arterial.

— Não sou médico — disse ele. — Meu nome é Keasley — sem se sentar, Ceri olhou para mim, depois para ele.

— Sou Ceri — disse ela, sua voz pouco mais do que um sussurro.

— Bem, Ceri, é um prazer conhecê-la — pousando o medidor sobre a mesa, estendeu uma mão inchada pela artrite. Com uma expressão insegura, Ceri depositou sua mão na dele. Keasley apertou-a, sorrindo e revelando os dentes manchados pelo café. O velho fez um sinal para a cadeira e Ceri sentou-se nela, pousando suas batatas fritas com alguma relutância e fitando desconfiada o medidor.

— Rachel quer que lhe dê uma olhadela — disse ele, enquanto retirava do saco outros aparelhos médicos.

Ceri olhou-me de relance, suspirando enquanto acenava num gesto de rendição. O café estava pronto e, enquanto Keasley lhe media a temperatura, verificava os reflexos, a pressão sanguínea e a fazia abrir a boca e dizer "Ah-hh", eu levei uma caneca à sala de estar e entreguei-a a Ivy. Ela estava sentada de lado na poltrona almofadada, os fones tapando os ouvidos, a cabeça pousada num braço, os pés pousados no outro. Tinha os olhos fechados, mas estendeu uma mão sem olhar, segurando a caneca assim que a coloquei na mesinha.

— Obrigada — murmurou ela e, sem ter chegado a ver seus olhos, saí. Às vezes, Ivy dava-me arrepios.

— Café, Keasley? — perguntei ao regressar.

O velho espreitou para o termômetro e desligou-o.

— Sim, obrigado — ele sorriu para Ceri. — Está ótima.

— Muito obrigado, meu senhor — disse Ceri. Tinha estado a comer as batatas fritas enquanto Keasley trabalhava e fitava, tristemente, o fundo da embalagem.

Jenks voou imediatamente para ela.

— Mais? — perguntou ele. — Experimenta com ketchup.

De súbito, o zelo de Jenks para levá-la a comer batatas fritas tornou-se muito obvio. Ele não estava interessado nas batatas, mas sim no ketchup.

— Jenks — disse eu, fatigada, enquanto entregava o café a Keasley e me apoiava no balcão da ilha central. — Ela tem mais de mil anos. Nessa época, até os humanos comiam tomate — hesitei. — Nessa época havia tomates, certo?

O zumbido das asas de Jenks baixou de intensidade.

— Bolas — murmurou ele, depois se alegrou. — Anda — disse ele a Ceri. — Experimenta ligar o micro-ondas sem minha ajuda.

— Micro-ondas? — perguntou ela, limpando cuidadosamente as mãos a um guardanapo, enquanto se levantava.

— Sim. Eles não tinham micro-ondas na eternidade?

Ela abanou a cabeça, fazendo flutuar as pontas do seu cabelo claro.

— Não. Eu preparava a comida de Al, usando magia das linhas *Ley*. Isto é… Antiquado.

Keasley saltou, quase entornando o café. Seus olhos fitaram a graciosidade de Ceri enquanto ela se dirigia a geladeira e, com o encorajamento de Jenks, retirava do seu interior uma caixa de batatas. Carregou meticulosamente nos botões, o lábio preso entre os dentes. Achei estranho que uma mulher com mais de mil anos considerasse o micro-ondas como algo primitivo.

— A eternidade? — disse Keasley suavemente, e a minha atenção voltou para ele.

Segurava o café em ambas as mãos, aquecendo os dedos.

— Como é que ela está?

Ele mexeu os ombros.

— É suficientemente saudável. Talvez com um pouco de peso a menos. Mentalmente, foi maltratada. Não sei dizer como nem por que. Ela precisa de ajuda.

Inspirei fundo, fitando o interior da minha caneca.

— Tenho um grande favor a pedir.

Keasley endireitou-se.

— Não — disse ele, enquanto pousava o saco no colo e começava a arrumar as coisas que trouxera no seu interior. — Não sei quem… Nem sequer o que… É ela.

— Roubei-a do demônio cujo trabalho costurou no outono passado — disse eu, tocando no pescoço. — Ela era o familiar daquela… Daquela coisa… Dele, quero dizer. Estou disposta a pagar pelo quarto e pela comida.

— A questão não é essa — protestou ele. Com o saco na mão, seus olhos castanhos e cansados assumiram uma expressão preocupada. — Não sei nada sobre ela, Rachel. Não posso arriscar-me a acolhê-la. Não me peça que faça tal coisa.

Inclinei-me para frente, reduzindo o espaço entre nós, quase furiosa.

— Ela passou o último milênio na eternidade. Não me parece que esteja determinada a matá-lo — disse em tom acusatório e as suas feições enrugadas assumiram uma expressão de alarme sobressaltado. — Tudo o que ela precisa — disse eu, espantada pelo fato de ter descoberto um dos seus medos — é de um enquadramento normal onde possa recuperar sua personalidade. E uma bruxa, um vampiro e um *pixy* que vivem juntos numa igreja e perseguem os maus da vez não é normal.

Jenks fitava-nos, empoleirado no ombro de Ceri, enquanto a mulher observava as batatas que aqueciam. O rosto do *pixy* estava sério; ele podia ouvir a conversa tão claramente como se estivesse empoleirado sobre a mesa. Ceri colocou-lhe uma questão em voz baixa e ele voltou-nos as costas, respondendo-lhe alegremente. Ele tinha corrido com todos, exceto Jih, da cozinha e esta se encontrava, abençoadamente, silenciosa.

— Por favor, Keasley? — sussurrei.

A voz etérea de Jih ergueu-se numa canção e o rosto de Ceri iluminou-se. Também ela começou a cantar, sua voz tão límpida como a da *pixy*, conseguindo apenas pronunciar três notas antes de recomeçar a chorar. Fitei, espantada, enquanto uma nuvem de *pixies* entrava de rompante na cozinha, quase a sufocando. Da sala de estar, ergueu-se um grito irado, enquanto Ivy se queixava do fato de os *pixies* estarem, uma vez mais, a interferir com a rede do seu rádio. Jenks gritou com os filhos e todos, com exceção de Jih, esvoaçaram para longe. Juntos consolaram Ceri, Jih com uma voz suave

e calmante, Jenks de forma algo atabalhoada. Keasley abateu-se sobre si mesmo e eu soube que ele ia fazer.

— Está bem — disse ele. — Vou experimentar durante alguns dias, mas se não resultar, ela volta para cá.

— É justo — disse eu, sentindo que me tinham tirado um peso enorme dos ombros.

Ceri ergueu os olhos, as lágrimas ainda lhe molhavam o rosto.

— Não perguntaram a minha opinião.

Meus olhos abriram-se muito e meu rosto ficou vermelho. Sua audição era tão boa como a de Ivy.

— Hum… — gaguejei eu. — Desculpa, Ceri. Não é que não queira que fique aqui…

Com o rosto em forma de coração sério, ela acenou.

— Sou uma pedra deslizante numa fortaleza de soldados — interrompeu ela. — Seria para mim uma honra ficar com o guerreiro retirado e acalmar o seu sofrimento.

Guerreiro retirado? — pensei eu, perguntando-me o que veria ela em Keasley que eu não via. Do canto, erguia-se uma discussão ruidosa entre Jenks e a filha mais velha. A jovem *pixy* puxava pela bainha do seu pálido vestido verde, mostrando os minúsculos pés enquanto suplicava.

— Ora, esperem um momento — disse Keasley, enrolando o saco de papel castanho. — Posso tomar conta de mim. Não preciso de ninguém que "acalme o meu sofrimento".

Ceri sorriu. Os meus chinelos, nos seus pés, emitiram um ruído abafado sobre o linóleo, quando ela se aproximou e se ajoelhou à sua frente.

— Ceri — protestei eu, juntamente com Keasley, mas a jovem afastou as nossas mãos, a expressão subitamente rude nos seus olhos verdes não permitindo qualquer interferência.

— Levante-se — disse Keasley, enquanto ela se sentava à sua frente. — Sei que foi familiar de um demônio e pode ter sido assim que ele a obrigou a agir, mas…

— Fique quieto, Keasley — disse Ceri, um ténue brilho de eternidade vermelha envolvendo as suas mãos pálidas. — Quero ir consigo, mas só se permitir que retribua sua gentileza — ela sorriu-lhe, os olhos verdes desfocados. — Dá-me uma sensação de valor próprio de que necessito verdadeiramente.

Fiquei sem fôlego ao sentir que ela utilizava a linha *Ley* dos fundos.

— Keasley? — perguntei, a minha voz aguda.

Os olhos castanhos dele abriram-se muito e pareceu gelar, enquanto Ceri estendia os braços e pousava as mãos sobre os joelhos do seu macacão gasto pelo trabalho. Vi o rosto ficar mole, as rugas caindo sobre si próprias, fazendo com que parecesse ainda mais velho. Ele inspirou fundo, ficando rígido. De joelhos à sua frente, Ceri tremeu. Baixou as mãos.

— Ceri — disse Keasley, a voz rouca faltando-lhe. Tocou nos joelhos. — Desapareceu — sussurrou ele, os olhos cansados, enchendo-se de água. — Oh, querida criança — disse ele, levantando-se para ajudá-la a erguer-se. — Já há tanto tempo que não sabia o que era estar sem dor. Obrigado.

Ceri sorriu, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto acenava.

— Nem eu. Isso ajuda.

Virei as costas, a garganta apertada.

— Tenho algumas T-shirts que podes usar até eu te levar às compras — disse eu. — Fica com os meus chinelos. Pelo menos servirão para atravessar a rua.

Keasley tomou o braço dela numa mão, o saco de papel na outra.

— Te levo às compras amanhã — disse ele, enquanto avançava para o corredor. — Há três anos que não me sentia suficientemente bem para ir ao centro comercial. Me fará bem sair — virou-se para mim, o rosto velho e enrugado completamente transformado. — Mas mandarei a conta. Posso dizer a todos que é sobrinha da minha irmã. Da Suécia.

Ri, descobrindo que isso era muito próximo do choro. Aquilo estava a resultar melhor do que eu tinha esperado e não era capaz de parar de sorrir. Jenks emitiu um ruído agudo e a filha desceu lentamente e pousou sobre o micro-ondas.

— Está bem, eu pergunto! — gritou ele e ela ergueu-se no ar uns oito centímetros, o rosto cheio de esperança e as mãos unidas à frente do corpo. — Se tua mãe não se

importar e Keasley não se importar, por mim tudo bem — disse Jenks, as asas de um azul pálido. Jih erguia-se e descia, obviamente nervosa, enquanto Jenks parava à frente de Keasley. — Hum, tem algumas plantas em sua casa de que a Jih possa cuidar? — perguntou ele, parecendo terrivelmente envergonhado. Afastando o cabelo loiro dos olhos, fez um sorriso de esguelha. — Ela quer ir com a Ceri, mas não a vou deixar partir se não puder ser produtiva.

Meus lábios afastaram-se, meus olhos pousaram-se em Ceri, compreendendo pela forma como sustinha a respiração que apreciaria realmente a companhia.

— Tenho um vaso de manjericão — disse Keasley, com relutância. — Se ela quiser ficar quando o tempo acalmar, pode trabalhar no jardim, ainda que não valha grande coisa.

Jih guinchou. O pó de *pixy* caía dela num brilho dourado que se transformava em branco.

— Pede à tua mãe! — disse Jenks, parecendo perturbado enquanto a pequena *pixy* excitada voava para longe. Ele aterrou no meu ombro, as asas caídas. Pensei conseguir sentir o cheiro do outono. Antes que pudesse perguntar a Jenks, uma maré de gritinhos cor-de-rosa e verde inundou a cozinha. Chocada, perguntei-me se haveria algum *pixy* na igreja que não se encontrasse naquele metro e vinte de círculo que rodeava Ceri.

O rosto enrugado de Keasley apresentava uma expressão de aceitação estoica, enquanto abria o saco de papel castanho e Jih descia para o seu interior, assegurando-se, assim, de que fazia uma viagem a salvo do frio. Sobre o cimo enrugado do saco, todos os *pixies* gritavam as suas despedidas e acenavam. Revirando os olhos, Keasley entregou o saco a Ceri.

— *Pixies* — ouvi-o murmurar. Pegando no cotovelo de Ceri, acenou-me e dirigiu-se para o corredor, seu passo mais rápido e direito do que alguma vez o vira. — Tenho um segundo banheiro — disse ele. — Dorme de noite ou de dia?

— Ambos — disse ela suavemente. — Há algum problema?

Ele sorriu, revelando os dentes manchados pelo café.

— Dorme depois do almoço, hã? Ainda bem. Não me sentirei tão velho, quando adormecer.

Senti-me feliz, enquanto os via afastarem-se do santuário. Aquilo ia correr bem em vários aspectos.

— O que se passa, Jenks? — disse eu, ao constatar que ele tinha permanecido no meu ombro, enquanto os restantes elementos da sua família acompanhavam Ceri e Keasley até à frente da igreja.

Ele fungou.

— Pensei que Jax fosse o primeiro a sair para começar seu próprio jardim.

Suspirei, compreendendo.

— Lamento, Jenks. Ela vai ficar bem.

— Eu sei, eu sei — suas asas começaram a mover-se, lançando sobre mim o cheiro de folhas caídas. — Menos um *pixy* na igreja — disse ele suavemente. — É uma coisa boa. Mas nunca ninguém me disse que ia doer.



4

Semicerrando os olhos e espreitando por cima dos óculos de sol, encostei-me ao meu carro e observei o estacionamento. Meu conversível vermelho cereja parecia deslocado entre a miscelânea de carros mais modernos e carros antigos enferrujados pelo sal. Nos fundos, afastado de potenciais riscos, estava um carro desportivo cinzento, rente ao chão. Tratava-se, provavelmente, do responsável pelas forças públicas do jardim zoológico, já que todos os outros eram de trabalhadores ou biólogos dedicados que não se importavam com o carro que conduziam.

A hora matutina fazia com que estivesse frio – apesar do Sol – e minha respiração transformava-se em vapor. Tentei relaxar, mas conseguia sentir o estômago a apertar-se à medida que a minha irritação crescia. Nick tinha ficado de se encontrar ali comigo, esta manhã, para darmos uma rápida corrida através do jardim zoológico. Aparentemente não ia aparecer. Outra vez.

Descruzei os braços e abanei as mãos para desentorpecê-las um pouco, antes de me dobrar pela cintura e pousar as palmas das mãos no chão do parque de estacionamento gelado e coberto de neve. Exalando para me esticar, senti os músculos repuxarem. À minha volta, erguiam-se os sons suaves e familiares do jardim zoológico que se preparava para abrir, misturado com o odor do estrume exótico. Se Nick não aparecesse nos próximos cinco minutos, não teríamos tempo para fazer uma corrida decente.

Eu tinha comprado passes de corredor, vários meses antes, para podermos correr a qualquer hora entre a meia-noite e o meio-dia, quando o parque estava fechado. Tinha acordado duas horas mais cedo do que o normal por causa daquilo. Estava tentando fazer com que resultasse; estava tentando arranjar uma forma de coordenar meu horário de bruxa, do meio-dia ao nascer do Sol, com o calendário humano de Nick, do nascer do Sol à meia-noite. Nunca antes me tinha parecido um problema. Nick costumava tentar. Ultimamente, ficara tudo em minhas mãos.

Um som arranhado fez-me endireitar. Os caixotes do lixo estavam a ser puxados para a rua e meu aborrecimento cresceu. Onde estava ele? Não podia ter esquecido. Nick nunca se esquecia de nada.

— A menos que quisesse esquecer — sussurrei. Dando a mim mesma uma tapa mental, ergui a perna direita para colocar meu leve tênis de corrida em cima do capô. — Au! — sussurrei, enquanto meus músculos protestavam, mas mantive a posição. Ultimamente, tinha me desmazelado com os treinos, já que eu e Ivy tínhamos deixado de combater, desde que ela voltara a sucumbir à sua sede de sangue. Meus olhos começaram a tremer e eu fechei-os enquanto continuava a me esticar, agarrando no tornozelo e puxando.

Nick não se tinha esquecido – era demasiado esperto para isso –, estava me evitando. Eu sabia o porquê, mas ainda assim, era deprimente. Já se tinham passado três meses e ele continuava distante e hesitante. O pior é que não parecia que ele quisesse me deixar. O cara chamava demônios para seu o armário do corredor e tinha medo de me tocar. No último outono, eu tinha tentado ligar a mim um peixe para satisfazer os requerimentos de uma tola disciplina de linhas *Ley* e, acidentalmente, tornara Nick meu familiar.

Estúpido, estúpido, estúpido.

Eu era uma bruxa de terra, minha magia provinha do cultivo das coisas e tornava-se poderosa pelo calor e pelo meu sangue. Eu não sabia grande coisa sobre a magia das linhas *Ley*, a não ser que não gostava dela. Normalmente, só a usava para fechar círculos protetores quando estava misturando um feitiço particularmente sensível, ou para fazer com que os Howlers pagassem aquilo que me deviam. E, ocasionalmente, para afastar minha parceira de casa, quando ela perdia o controle sobre sua sede de sangue. E também a tinha usado para atirar Piscary para trás, para poder submetê-lo, espancando-o com a perna de uma cadeira. Fora esta última ocasião que fizera com que Nick, o namorado escaldante que talvez fosse o homem certo, passasse a limitar-se a

conversas telefônicas e beijos frios no rosto. Começando a sentir pena de mim mesma, pousei a perna direita e icei a esquerda.

A magia das linhas Ley era muito pesada, tal era a sua força, e podia levar uma bruxa à loucura, o que fazia com que não fosse um acidente o fato de existirem mais bruxas negras das linhas *Ley* do que bruxas negras da terra. Usar um familiar aumentava sua segurança, já que o poder das linhas *Ley* era filtrado através das mentes simples dos animais em vez de através das plantas como acontecia na magia da terra. Por motivos óbvios, só os animais eram usados como familiares – pelo menos deste lado das linhas *Ley* – e, na verdade, não existiam quaisquer feitiços criados por bruxas para ligar um humano como familiar. Mas tendo sido, simultaneamente, deveras ignorante quanto à magia das linhas *Ley* e cheia de pressa, tinha usado o primeiro feitiço que encontrara para ligar um familiar.

Assim, sem saber, tinha tornado Nick o meu familiar – algo que estávamos a tentar desfazer –, mas depois tornei as coisas imensuravelmente piores ao puxar uma enorme quantidade de energia das linhas *Ley* através dele para subjugar Piscary. Desde esse dia que quase não me tocava. Mas isso tinha sido há meses. Não o tinha voltado a fazer. Ele tinha de ultrapassá-lo. Eu nem sequer estava a praticar a magia das linhas Ley. Muitas vezes.

Inquieta, endireitei-me, superando a minha angústia e contorcendo algumas vezes o corpo, o que fez saltitar o meu rabo-de-cavalo. Depois de ter ficado sabendo que era possível delimitar um círculo sem primeiro o desenhar, passara três meses a aprender como, sabendo que poderia ser a minha única chance de escapar a Algaliarept. Tinha circunscrito minha prática às três da manhã, hora em que Nick estava a dormir – e usava sempre a linha diretamente, para que a energia não atravessasse primeiro Nick –, mas talvez isso o acordasse, de qualquer jeito. Ele não tinha dito nada, mas conhecendo Nick, sabia que não o faria.

O ruído do portão a abrir fez-me estancar e meus ombros encurvaram-se. O jardim zoológico estava aberto, alguns corredores emergiam do seu interior com as faces coradas e exaustas, as expressões satisfeitas, flutuando ainda na excitação de uma corrida. Maldição. Ele podia ter ligado. Chateada, abri o porta celular que trazia à cintura e tirei o celular do seu interior. Encostando-me ao carro e baixando os olhos para evitar os das pessoas que passavam por mim, percorri a pequena lista telefônica. O número de Nick era o segundo, logo depois do de Ivy e, imediatamente, antes do da minha mãe. Tinha os dedos frios e soprei para eles enquanto o telefone tocava.

Inspirei fundo quando ouvi o clique da ligação a ser estabelecida, sustendo a respiração quando a voz gravada de uma mulher me informou que a linha já não estava ativa. *Dinheiro?* — pensei eu. Talvez fosse por isso que ele não aparecia há três semanas. Preocupada, tentei o celular. Este ainda estava a tocar quando o som familiar da *pick-up* de Nick se tornou mais audível. Exalando, fechei o celular. A velha *pick-up* Ford azul saiu aos solavancos da estada principal e entrou no estacionamento, avançando lentamente, enquanto os carros que partiam ignoravam as marcas da estrada e cortavam através do espaço aberto. Guardei o celular e deixei-me ficar de braços cruzados sobre o peito, as pernas sobrepostas pelo tornozelo.

Pelo menos apareceu — pensei enquanto ajeitava os óculos de sol e tentava não franzir a sobrancelha. Talvez pudéssemos ir tomar um café ou assim. Há dias que não o via e não queria estragar o momento com mau humor. Além disso, tinha passado os últimos três meses mortalmente preocupada com a possibilidade de escapar do meu acordo com Al e, agora que o tinha feito, queria sentir-me bem durante algum tempo.

Não contara nada a Nick e a oportunidade para revelar seria mais um peso tirado de cima dos meus ombros. Tinha mentido a mim mesma, dizendo que mantivera o silêncio porque temia que ele tentasse tirar de cima de mim aquele peso – já que tinha uma veia cavalheiresca mais comprida e larga que uma estrada de seis faixas –, mas na verdade, tinha medo que ele me chamasse hipócrita, já que o estava sempre a chatear falando sobre os perigos de lidar com demônios e ali estava eu, acabado de me tornar a familiar de um. Nick tinha uma falta de medo pouco saudável quando se tratava de demônios, acreditando que, desde que se lidasse adequadamente com eles, não eram mais perigosos do que digamos… Uma víbora. Por isso, deixei-me ficar de pé, tremendo ao frio, enquanto ele estacionava a sua feia *pick-up* manchada do sal a alguma distância do meu carro. A sua sombra indistinta moveu-se no interior até que, por fim, saiu e bateu a porta com uma intensidade que eu sabia não me ser dirigida, mas antes necessária para que o fecho velho e gasto funcionasse.

— Ray-ray — disse ele, enquanto levantava o telefone e contornava a frente da *pick-up.* Sua estatura elevada dava-lhe bom aspecto e o seu passo era rápido. Tinha um sorriso no rosto, sua antiga magreza transformada numa seriedade agradável e enrugada — Ligou agora?

Acenei, deixando os braços cair ao longo do corpo. Era óbvio que ele não estava preparado para correr, já que trazia umas calças desbotadas e botas. O casaco de tecido espesso estava aberto e revelava uma camisa de flanela simples. Esta estava, cuidadosamente, presa nas calças e seu rosto estava barbeado, mas ainda assim ele

conseguia ter um aspecto ligeiramente desleixado, com o cabelo preto ligeiramente comprido demais. Tinha certo ar de rato de biblioteca, em vez do toque de perigo que eu, normalmente, apreciava nos meus homens. Mas talvez eu achasse que o verdadeiro perigo de Nick residia na sua inteligência.

Nick era o homem mais esperto que eu conhecia, seus brilhantes saltos de lógica escondidos atrás de uma aparência discreta e de um temperamento enganadoramente calmo. Olhando para trás fora, provavelmente, a sua rara mistura de intelecto malvado e humanidade inofensiva que me atraiu nele. Ou talvez o fato de ele me ter salvado a vida, prendendo o Grande Al quando ele me tentou rasgar a garganta.

E, apesar do gosto de Nick por livros antigos e aparelhos eletrônicos novos, ele não era um nerd: os ombros eram demasiado largos e o traseiro demasiado firme. As pernas compridas e esguias conseguiam acompanhar-me quando corríamos e tinha uma força surpreendente nos braços, como se tornara evidente nos nossos combates brincalhões, outrora frequentes e agora dolorosamente ausentes, que a maior parte das vezes se tinham transformado em atividades, hum, mais íntimas. Foi a recordação da nossa antiga proximidade que impediu minha testa de se franzir quando ele se aproximou pela frente do carro, os olhos castanhos apertados numa expressão desconfiada.

— Não esqueci — disse ele, o rosto comprido parecendo ainda mais comprido enquanto ele afastava algumas madeixas selvagens da frente dos olhos. A marca do demônio na sua testa tornou-se visível por um instante, uma marca obtida na mesma noite em que eu obtivera a minha primeira – e única – marca. — Fiquei preso no que estava fazendo e perdi a noção do tempo. Desculpa, Rachel. Sei que estava ansiosa por isto, mas ainda nem sequer fui à cama e estou cansado demais. Queres combinar para amanhã?

Limitei a minha reação a um suspiro, tentando reprimir minha decepção.

— Não — disse eu, exalando longamente.

Ele estendeu os braços, fechando-os ao redor de mim num pequeno abraço. Eu inclinei-me para a hesitação já esperada daquele gesto, esperando mais. A distância estava ali há tanto tempo que quase parecia normal. Recuando, ele alternou o peso entre um pé e o outro.

— Tens trabalhado muito? — perguntei. Aquela era a primeira vez que o via numa semana, sem contar com a chamada telefônica e não queria me limitar a ir embora.

Também Nick não parecia com muita vontade de partir.

— Sim e não — semicerrou os olhos ao Sol. — Estava a percorrer velhas mensagens de uma sala de bate-papo depois de ter descoberto uma referência ao livro que Al levou.

Meu nível de atenção aumentou imediatamente.

— Conseguiu… — gaguejei, com a pulsação mais rápida. Minha esperança foi esmagada por completo, quando ele baixou o olhar e abanou a cabeça.

— Não passava de um anormal arrivista. Não tem nenhuma cópia. Não passavam de disparates inventados.

Estendi uma mão e toquei por breves instantes no braço dele, perdoando-lhe pelo fato de ter faltado à nossa corrida matinal.

— Não faz mal. Vamos descobrir alguma coisa, mais cedo ou mais tarde.

— Sim — murmurou ele. — Mas eu preferia que fosse mais cedo.

A infelicidade abateu-se sobre mim e senti-me gelada. Tínhamos estado tão bem juntos e, agora, tudo o que nos restava era aquela distância terrível. Vendo minha depressão, Nick pegou-me nas mãos, avançando para me dar um abraço solto. Os seus lábios tocaram-me o rosto e ele sussurrou:

— Desculpa, Ray-ray. Vamos arranjar qualquer coisa. Estou tentando. Quero que isso funcione.

Eu não me mexi, inspirando o cheiro de livros velhos e creme de barbear novo, minhas mãos percorrendo, hesitantemente, o corpo dele enquanto buscavam conforto e o encontravam finalmente. Minha respiração prendeu-se e eu sustive-a, recusando-me a chorar. Tínhamos passado meses em busca de um feitiço que anulasse o primeiro, mas Al tinha escrito o livro sobre como transformar humanos em familiares e tratava-se de uma edição muito limitada de um único exemplar. Além disso, não podíamos, propriamente, pôr um anúncio no jornal solicitando um professor das linhas *Ley* que nos ajudasse, já que o mais certo seria que me entregassem por lidar com as artes

negras. E depois é que eu ia estar mesmo em apuros. Ou morta. Ou pior. Lentamente, Nick soltou-me e eu recuei. Pelo menos eu sabia que não se tratava de outra mulher.

— Hei, hum, o jardim zoológico está aberto — disse eu, a minha voz revelando o alívio que sentia por a estranha distância que ele mantivera estar, finalmente, diminuindo. — Quer entrar e tomar um café em vez de correrm os? Ouvi dizer que o Monkey Moka deles é suficientemente bom para nos arrancar à outra vida.

— Não — disse ele, mas havia um verdadeiro arrependimento na sua voz, fazendo com que me perguntasse se, durante todo este tempo, ele tinha apercebido minha preocupação em relação a Al, acreditando antes que eu estava chateada com ele e afastando-se. Talvez eu tivesse mais culpa em tudo aquilo do que pensara até então. Talvez eu pudesse ter forjado uma união mais forte entre nós se tivesse lhe contado tudo em vez de ter escondido e de tê-lo afastado. A magnitude daquilo que eu podia ter criado com meu silêncio abateu-se sobre mim e senti meu rosto gelar.

— Nick, lamento — murmurei.

— A culpa não foi sua — disse ele, os olhos castanhos cheios de perdão, inconscientes dos meus pensamentos. — Fui eu que lhe disse que ele podia ficar com o livro.

— Não, sabe… — ele deu-me um abraço, silenciando-me. Senti um nó na garganta e não fui capaz de dizer mais nada, enquanto minha testa caía sobre o seu ombro. Eu devia ter lhe contado. Eu devia ter lhe contado logo na primeira noite. Nick sentiu a mudança em mim e, lentamente, depois de pensar por um momento, deu-me um beijo hesitante no rosto; no entanto, tratava-se de uma hesitação nascida da sua longa ausência, não do seu usual receio.

— Nick? — disse eu, ouvindo as lágrimas na minha voz. Ele afastou-se imediatamente.

— Hei — disse ele, sorrindo enquanto deixava uma mão de dedos compridos pousada no meu ombro. — Tenho de ir. Estou acordado desde ontem e preciso dormir um pouco.

Eu recuei, relutante, esperando que ele não conseguisse perceber como eu estava próxima das lágrimas. Tinham sido três meses compridos e solitários. Finalmente, algo parecia estar a resolver-se.

— Está bem. Queres ir jantar comigo hoje?

E, finalmente, depois de várias semanas de recusas rápidas, ele demorou algum tempo a responder.

— Que tal se fôssemos ver um filme e jantássemos depois? Ofereço um verdadeiro… Encontro.

Endireitei-me, sentindo que ficava mais alta.

— Um encontro? — disse eu, movendo-me desajeitadamente como uma tola adolescente que era convidada para o seu primeiro baile. — Em que está pensando?

Ele sorriu suavemente.

— Algo cheio de explosões, muitas armas… — ele não me tocou, mas vi nos seus olhos que desejava fazê-lo. — Roupas apertadas…

Acenei, sorrindo e ele olhou para o relógio.

— Esta noite — disse ele, prendendo o seu olhar no meu enquanto se dirigia de volta para a *pick-up*. — Às sete horas?

— Às sete — respondi, sentindo crescer em mim uma boa sensação. Ele entrou, a *pick-up* estremecendo quando ele bateu a porta. O motor arrancou trepidante e, com um aceno alegre, ele afastou-se. — Às sete — repeti eu, vendo o brilho dos faróis traseiros antes de ele se lançar para a rua.



5

Com os cabides de plástico a matraquear, empilhei as roupas sobre o balcão, ao lado da caixa registadora. A garota de cabelo louro pintado e ar aborrecido, cujo cabelo lhe caía até os ombros, ergueu os olhos enquanto os dedos manipulavam os horríveis alarmes. Fazendo estalar a pastilha elástica, foi apontando o leitor a tudo, somando as compras que estava fazendo para Ceri. Tinha um telefone encostado ao ouvido, a cabeça inclinada e a boca não parava de se mover, enquanto ela conversava com o namorado sobre o fato de ter deixado a companheira de casa encharcada de Enxofre na noite anterior. Fitei-a, curiosa, inspirando o aroma da droga que ainda permanecia sobre ela. Ela era ainda mais burra do que parecia, se estava a usar Enxofre, especialmente agora. Recentemente, estava a ser distribuído cortado com algo extra, deixando atrás de si um rastro de mortes que percorriam todas as camadas socioeconômicas. Talvez fosse a ideia de Trent de um presente de Natal.

A garota que se encontrava à minha frente parecia ser menor de idade, pelo que poderia enviar atrás dela os Serviços de Saúde e Inderlander, ou arrastá-la até uma prisão da SI. A última talvez fosse divertida, mas seria um rude golpe na minha tarde de compras. Ainda não sabia o que comprar para Ivy. As botas, jeans, meias, a roupa íntima e as duas camisolas sobre o balcão eram para Ceri. Ela não ia sair com o Keasley usando uma das minhas T-shirts e os chinelos felpudos cor-de-rosa.

A garota dobrou a última camisola, o verniz vermelho das suas unhas demasiado berrante. Ao redor do seu pescoço, tilintavam amuletos, mas o feitiço de compleição que escondia sua acne precisava ser substituído. Ela devia ser uma maga porque uma bruxa não seria apanhada nem morta com um amuleto reles como aquele. Olhou de relance para o anel de madeira que eu usava no mindinho. Podia ser pequeno, mas era agora suficientemente potente para esconder minhas sardas, até mesmo de uma verificação de feitiços mais simples. *Medíocre* — pensei eu, sentindo-me muitíssimo melhor.

Um zumbido ergueu-se vindo do nada e eu senti-me ainda mais convencida por não ter saltado como a garota que se encontrava junto à caixa registadora quando Jenks se deixou praticamente cair sobre o balcão. Usava nylons justos, pretos, um em cima do outro, bem como um chapéu vermelho e botas para se proteger do frio. Na verdade, estava frio demais para que ele andasse pela rua, mas a partida de Jih tinha o deixado deprimido e ele nunca antes tinha saído para fazer compras. Meus olhos abriram-se muito enquanto fitava a boneca que ele levara para o balcão. Tinha três vezes o seu tamanho.

— Rache! — exclamou ele, arfando enquanto empurrava a boneca de cabelo preto, curvas sensuais, que prestava uma homenagem de plástico aos sonhos dos garotos adolescentes. — Olha o que eu encontrei! Estava no departamento de brinquedos.

— Jenks… — censurei, ouvindo o casal atrás de mim a rir.

— É uma Morde-Me Betty! — exclamou ele, as asas movendo-se furiosamente para se manter direito, as mãos nas coxas da boneca. — Quero. Quero para Ivy. Parece mesmo com ela.

Fitando a saia de imitação de couro brilhante e o corpete de vinil vermelho, preparei-me para protestar.

— Olha, vê? — perguntou ele, a voz excitada. — Carrega-se na manivela atrás e esguicha sangue falso. Não é maravilhoso?

Fitei, chocada, enquanto uma substância gelatinosa saltava da boca da boneca de olhar vazio, desenhando um arco de trinta centímetros antes de cair no balcão. Uma mancha vermelha pingava, agora, do seu queixo pontiagudo. A garota da caixa registadora fitou-o, depois desligou o telefone. Ele queria dar aquilo a Ivy?

Afastando do caminho as calças de Ceri, suspirei. Jenks voltou a tocar na manivela, observando extasiado enquanto um esguicho vermelho era projetado com

um som rude. O casal atrás de mim riu, a mulher pendurada no braço do homem, sussurrando-lhe ao ouvido. Sentindo-me corar, agarrei na boneca.

— Eu compro se parar com isso — disse eu, praticamente a silvar. De olhos brilhantes, Jenks ergueu-se no ar e aterrou no meu ombro, enfiando-se entre o meu pescoço e o meu cachecol para se manter quente.

— Ela vai adorar — disse ele. — Vai ver.

Empurrando a boneca na direção da garota atrás do balcão, olhei de relance para trás de mim, para o casal que conversava. Eram vampiros vivos, bem vestidos, e não conseguiam passar trinta segundos sem tocarem um no outro. Sabendo que eu estava a observá-los, a mulher endireitou o colarinho do casado dele, revelando o pescoço com leves cicatrizes. Pensar em Nick fez com que eu sorrisse, pela primeira vez em várias semanas. A garota voltou a fazer as contas das minhas compras. Vasculhei na minha bolsa em busca do talão de cheques. Era bom ter dinheiro. Muito bom.

— Rache — perguntou Jenks —, pode levar também um saco de M&Ms?

Suas asas lançaram uma brisa fria contra o meu pescoço, enquanto ele as agitava para gerar algum calor. Ele não podia propriamente usar um casaco, não com aquelas suas asas e qualquer coisa mais pesada tornava seus movimentos limitados. Agarrei numa embalagem de doces excessivamente caros, cujo sinal de cartão escrito à mão informava que os resultados da venda se destinavam a ajudar a reconstruir os abrigos da cidade danificados pelo fogo. Eu já tinha a conta feita, mas ela podia acrescentá-los. E se os vampiros atrás de mim tinham problemas com isso, podiam ir esconder-se num buraco e morrer duas vezes. Era para os órfãos, por amor de Deus!

A garota levou a mão aos doces e registrou-os, dirigindo-me um olhar presunçoso. A caixa registadora emitiu um ruído e apresentou o novo total e, enquanto todos esperavam, eu percorri as páginas do registo de gastos. Sentindo-me gelada, pestanejei. Tinha sido preenchido com números aprumados. Eu não me dera ao trabalho de ir fazendo as contas, já que sabia que se encontrava naquela conta bastante dinheiro, mas alguém o fizera. Depois, aproximei-o dos olhos fitando-o.

— É tudo? — exclamei. — É tudo o que me resta?

Jenks tossiu, limpando a garganta.

— Surpresa — disse ele, com medo. — Estava abandonado na tua mesa e eu achei que era melhor ir fazendo as contas — ele hesitou. — Desculpa.

— Já desapareceu quase todo! — gaguejei, meu rosto provavelmente tão vermelho como o meu cabelo. Os olhos da garota atrás da caixa mostravam-se, subitamente, preocupados.

Envergonhada, acabei de passar o cheque. Ela aceitou-o, ligando ao supervisor para que o verificasse no sistema, para ter a certeza de que tinha cobertura. Atrás de mim, o casal de vampiros fitava-me enquanto emitia comentários desdenhosos. Ignorando-os, percorri o registro de despesas para ver para onde tinha ido o dinheiro.

Quase dois mil para minha nova mobília de quarto com escrivaninha, mais quatro para isolar a igreja e 3.500 dólares para uma garagem para o meu carro novo; não ia deixá-lo ficar na neve. Depois, havia a conta do gás e o seguro. Uma grande parte transferi para Ivy para pagar as rendas atrasadas. Outra fatia para a noite que passei nas urgências por causa do braço partido, já que na época ainda não tinha seguro. Uma terceira fatia para arranjar o seguro. E o restante… Engoli em seco. Ainda havia dinheiro, mas dos 20 mil restavam apenas quatro algarismos, ainda que elevados, em três meses.

— Hum, Rache? — perguntou Jenks. — Ia falar disso mais tarde, mas eu conheço um tipo que é contabilista. Estive a percorrer suas finanças e pode precisar de benefícios fiscais este ano, já que não tens estado a pôr nada de lado para pagar teus impostos.

— Um benefício fiscal? — senti-me doente. — Não sobrou nada para pôr de lado — recebendo as sacolas da garota, dirigi-me para a porta. — E quem te deu autorização para percorrer minhas finanças?

— Estou vivendo na tua mesa — disse ele, secamente. — Na verdade, está ali tudo à vista.

Suspirei. Minha mesa. Minha bela mesa de carvalho maciço, com cantos e recantos, e um compartimento secreto no fundo da gaveta do lado esquerdo. Minha mesa que só pude usar durante três semanas antes de Jenks e a sua prole terem se mudado para ela. Minha mesa, que estava agora de tal forma coberta de vasos de plantas, que parecia um adereço saído de um filme de horror sobre plantas assassinas que tomavam conta do mundo. Mas era isso ou permitir que se instalassem nos armários da cozinha. Não. Não na minha cozinha. Tê-los a encenar batalhas fingidas entre os tachos e os utensílios pendurados sobre a ilha central já era suficientemente mau. Distraída, apertei ainda mais o casaco e semicerrei os olhos perante a luz forte que se refletia na neve, quando as portas automáticas se abriram.

— Uou, espera! — guinchou-me Jenks ao ouvido, quando fomos atingidos por uma lufada de ar gelado. — Que raio pensa está fazendo, bruxa? Pareço feito de pelo?

— Desculpa.

Virei rapidamente à esquerda para sair da corrente de ar e abri a mochila que trazia ao ombro para que ele pudesse esconder-se. Ainda a praguejar, ele saltou para se abrigar no seu interior. Ele odiava, mas não havia alternativa. Uma temperatura constante abaixo dos sete graus o lançaria para uma hibernação que não seria seguro quebrar até à primavera, mas ele devia ficar bem.

Um *animalomem* que usava um espesso casaco de lã que descia até o cano das botas, desviou-se de mim com um olhar desconfortável. Quando tentei estabelecer contato visual, ele desceu o chapéu de *cowboy* sobre os olhos e virou-me as costas. Franzi o cenho; não tinha um cliente *animalomem* desde que obrigara os Howlers a pagar pelo serviço que eu prestara ao tentar recuperar sua mascote. Talvez estivesse enganada.

— Hei, dá-me esses M&Ms, está bem? — resmungou Jenks, o cabelo loiro e curto envolvendo suas feições delicadas vermelhas do frio. — Estou esfomeado.

Obedientemente, percorri os sacos e guardei a embalagem na mochila, puxando o zíper para fechar. Não gostava de levá-lo assim para rua, mas eu era sua parceira, não sua mãe. Ele apreciava o fato de ser o único *pixy* macho adulto em Cincinnati que não se encontrava num torpor. Aos seus olhos, o mais certo é que toda a cidade fosse seu jardim, por muito frio e coberto de neve que se encontrasse.

Demorei algum tempo a retirar a chave do meu carro, com padrão de zebra, do bolso. O casal que estivera atrás de mim na fila, passou por mim ao sair, namoriscando confortavelmente e transmitindo uma enorme sensualidade envolta em couro. Ele também lhe comprara uma Morde-Me Betty e ambos riam. Meus pensamentos voltaram a vaguear até Nick e fui tomada por um arrepio quente de antecipação.

Pondo no rosto os óculos escuros para me proteger do brilho, avancei até a calçada, as chaves a tilintar e a bolsa próxima do corpo. Ainda que estivesse a realizar a viagem na minha bolsa, Jenks ia ter frio. Disse a mim mesma que devia fazer uns biscoitos, para que ele pudesse gozar o calor do forno. Há séculos que não fazia biscoitos. Tinha certeza de ter visto forminhas de biscoito manchadas de farinha num saco com fecho de correr no fundo de um armário. Tudo o que precisava era de açúcar colorido para fazê-las como deve ser.

Fiquei mais bem humorada ao ver meu carro, os pneus mergulhados na lama gelada. Sim, era tão dispendioso como uma princesa vampira, mas era meu e tinha um excelente aspecto e eu ficava muito bem atrás do seu volante, com a capota descida e o vento a agitar os meus cabelos compridos. Não lhe oferecer uma garagem não tinha sido uma opção. Ele emitiu um apito alegre, quando o destranquei e pousei os sacos no banco traseiro impossível de utilizar. Sentei-me no banco da frente, pousando Jenks cuidadosamente no meu colo, onde poderia permanecer um pouco mais quente. O aquecimento arrancou a toda a força, mal liguei o motor. Estava pronta para partir quando um carro branco comprido parou ao meu lado, emitindo um som suave e arrastado.

Insultada, fitei o carro que estacionara em segunda fila e me bloqueava.

— Hei! — exclamei, quando o motorista saiu para o meio da estrada, para abrir a porta ao seu patrão. Irritada, coloquei o carro em ponto morto, saí e puxei a bolsa mais para cima do ombro. — Hei! Estou tentando sair daqui! — gritei, desejosa de bater no carro.

Meus protestos foram abafados quando a porta lateral se abriu e um homem idoso, usando várias camadas de fios de ouro, espetou a cabeça para o exterior. Seu cabelo loiro frisado espetava-se em todas as direções. Com os olhos azuis a brilhar de excitação suprimida, chamou-me.

— Menina Morgan — exclamou suavemente. — Posso falar consigo?

Eu tirei os óculos escuros, fitando-o.

— Takata? — gaguejei.

O músico de idade mais avançada encolheu-se, seu rosto revelando as ténues rugas, enquanto olhava de relance para os poucos peões que se encontravam nas proximidades. Tinham reparado na limusine e, perante a minha exclamação, já não restava, como costumam dizer, qualquer esperança. Os olhos apertados em sinal de exasperação, Takata estendeu um braço e, com a mão comprida e magra, puxou-me para dentro da limusine. Eu arquejei, segurando a mala para não esmagar Jenks ao cair sobre o assento fofo à frente dele.

— Siga! — gritou o músico, e o motorista fechou a porta e correu para frente.

— Meu carro! — protestei. Tinha deixado a porta aberta e as chaves na ignição.

— Arron? — disse Takata, fazendo um gesto a um homem de T-shirt preta que se encontrava encolhido num canto do grande veículo.

Ele deslizou para lá de mim, deixando no ar o cheiro acre de sangue que o identificava como vampiro. Senti uma corrente de ar frio quando ele saiu, fechando rapidamente a porta atrás de si. Observei através dos vidros fumes enquanto ele deslizava para os meus assentos de couro, assumindo um aspecto predatório com a sua cabeça raspada e os óculos escuros. Só esperava que eu própria parecesse assim tão bem atrás do volante. O som abafado do motor subiu de intensidade duas vezes, depois começámos a andar, no preciso momento em que o primeiro fã começava a bater nos vidros.

Com o coração a bater veloz, virei-me para olhar através da janela traseira enquanto nos afastávamos. Meu carro deslizava cuidadosamente para lá das pessoas que se erguiam no meio da estrada, gritando-nos que voltássemos para trás. Libertou-se da confusão, alcançando-nos rapidamente e passando um sinal vermelho para nos acompanhar. Chocada com a rapidez com que tudo acontecera, virei-me para frente. A estrela pop que começava a envelhecer usava umas calças cor de laranja absolutamente chocante.

Além disso, tinha um colete a condizer sobre uma camisa de suaves tons terra. Tudo era feito de seda, o que me pareceu ser a sua única desculpa. Deus o ajude, até os seus sapatos eram cor de laranja. E as meias. Encolhi-me. De certa forma, combinava com as correntes de ouro e o cabelo loiro, que tinha sido desembaraçado até ficar de tal forma grande que podia assustar crianças pequenas. Sua compleição era ainda mais branca do que a minha e eu senti uma vontade muito forte de tirar de dentro da minha bolsa os óculos de aros de madeira que eu tinha enfeitiçado para ver através dos amuletos de terra, para saber se ele tinha sardas escondidas.

— Hum, olá — gaguejei eu e o homem sorriu, revelando seu comportamento impulsivo e espantosamente inteligente, bem como a sua tendência para encontrar o lado divertido em tudo, mesmo que o mundo estivesse a desabar à sua volta. Na verdade, o artista inovador tinha feito precisamente isso, sua banda de garagem fizera o salto para o estrelato durante a Viragem, capitalizando a oportunidade de ser a primeira banda abertamente Inderlander. Era um rapaz de Cincinnati, que se tinha saído bem na vida e agradecia a sua sorte, doando os lucros dos concertos de inverno para obras de caridade da cidade. Naquele ano, era algo particularmente importante, já que uma série de incêndios tinha dizimado muitos dos abrigos dos sem-teto, bem como alguns orfanatos.

— Menina Morgan — disse o homem, tocando na lateral do seu grande nariz. Sua atenção passou por cima do meu ombro e fixou-se no vidro traseiro. — Espero não a ter assustado.

Sua voz era profunda e cuidadosamente treinada. Lindíssima. Eu derretia-me perante vozes belas.

— Hum, não — pousando os meus óculos escuros, abri o cachecol. — Como tem passado? Seu cabelo está… Ótimo.

Ele riu, acalmando meus nervos. Tínhamos nos conhecido cinco anos antes e tomáramos café enquanto conversávamos sobre as provações do cabelo encaracolado. O fato, não só de ele se lembrar de mim, mas também de querer falar comigo era elogioso.

— Está terrível — disse ele, tocando nos longos caracóis, que estavam presos em tranças da última vez que nos encontráramos. — Mas a minha relações públicas diz que faz aumentar minhas vendas em dois por cento — ele esticou as pernas compridas, ocupando quase todo o seu lado da limusine.

Eu sorri.

— Precisa de outro amuleto para domá-lo? — perguntei eu, vasculhando na minha bolsa. Subitamente, fiquei sem fôlego. — Jenks! — exclamei, abrindo a bolsa com gestos repentinos. Jenks saiu de rompante.

— Já não era sem tempo de te lembrares de mim! — rosnou ele. — Que Viragem se passa aqui? Quase partia uma asa ao cair para cima do teu celular. Tens M&Ms espalhados pela mochila toda e nem pense que vou catar. Pelo jardim da Sininho, onde é que estamos?

Eu dirigi um fraco sorriso a Takata.

— Hum, Takata — comecei eu —, este é o…

Jenks viu-o. De repente, houve uma explosão de pó de *pixy*, que iluminou momentaneamente o carro e me fez saltar.

— Ai, caramba! — exclamou o *pixy*. — É o Takata! Pensei que a Rachel estava a brincar com as minhas margaridas quando afirmou que te conhecia. Santa mãe da Sininho! Espera só até eu contar à Matalina! É mesmo tu. Inferno, é mesmo tu!

Takata estendeu um braço e ajustou uma maçaneta numa consola elaborada, fazendo o calor jorrar.

— Sim, sou mesmo eu. Quer um autógrafo?

— Claro que sim! — disse o *pixy*. — Ninguém vai acreditar em mim.

Eu sorri, instalando-me melhor no assento, minha trapalhada desaparecendo perante a excitação de Jenks. Takata tirou uma fotografia dele e da sua banda, erguendo-se à frente da Grande Muralha da China, que se encontrava numa pasta.

— A quem queres que a dedique? — perguntou, e Jenks estacou.

— Hum… — suas asas velozes imobilizando-se. Estendi uma mão para apanhá-lo e o seu peso pluma abateu-se sobre a minha palma. — Hum… — continuou ele a gaguejar, entrando em pânico.

— Dedica-o a Jenks — disse eu, e Jenks emitiu um minúsculo som de alívio.

— Sim, a Jenks — disse o *pixy*, encontrando a presença de espírito para esvoaçar e se erguer sobre a fotografia enquanto Takata a assinava com uma letra ininteligível. — Meu nome é Jenks.

Takata entregou-me a fotografia para que eu a levasse para casa por ele.

— É um prazer conhecer-te, Jenks.

— Sim — guinchou Jenks. — Também é um prazer conhecer-te — emitindo mais um ruído impossivelmente agudo que me fez doer as pálpebras, esvoaçava entre mim e Takata como um mosquito enlouquecido.

— Para quieto, Jenks — murmurei, sabendo que o *pixy* poderia ouvir mesmo que Takata não pudesse.

— Meu nome é Jenks — repetiu ele enquanto pousava no meu ombro, estremecendo quando eu guardei, cuidadosamente, a fotografia na minha bolsa.

Ele não conseguia parar de mover as asas. Virei meu olhar para Takata, chocada com a expressão vazia do seu rosto.

— Que foi? — perguntei, pensando que se passava algo de errado. Ele endireitou-se imediatamente.

— Nada — disse ele. — Ouvi dizer que tinha deixado a SI para trabalhar por conta própria — ele libertou o ar numa longa exalação. — É preciso coragem.

— Foi estúpido — admiti, pensando na ameaça de morte que o meu último empregador tinha lançado sobre mim em retaliação. — Ainda que não mudasse nada.

Ele sorriu, parecendo satisfeito.

— Gosta de estar por tua conta?

— É mais difícil sem uma empresa que nos apoie — disse eu —, mas tenho pessoas amigas que me amparam, caso caia. Confio mais nelas do que na SI, seja como for.

A cabeça de Takata abanou, fazendo agitar o seu longo cabelo.

— Concordo contigo — tinha os pés abertos para contrariar o movimento do carro e eu começava a perguntar-me qual o motivo para me encontrar sentada na limusine de Takata. Não que me estivesse a queixar. Estávamos na via rápida, circulando ao redor da cidade, o meu conversível seguindo-nos com três carros de intervalo.

— Já que aqui está — disse ele subitamente —, queria pedir tua opinião sobre algo.

— Claro — disse eu, pensando que a mente dele saltava de um tópico para outro ainda mais depressa do que a de Nick. Soltei um pouco o casaco. Estava a ficar quente ali dentro.

— Legal — disse ele, abrindo um estojo de guitarra, pousado ao seu lado, e retirando do seu interior um belíssimo instrumento aninhado sobre o veludo verde. Meus olhos abriram-se muito. — Vou lançar uma nova faixa durante o concerto de inverno — hesitou ele. — Sabia que vou tocar no Coliseu?

— Tenho bilhetes — disse eu, minha excitação aumentando.

Tinha sido Nick a comprá-los. Temia que ele fosse cancelar e eu acabasse em Fountain Square, como fazia normalmente, acrescentando o meu nome aos restantes para fechar o círculo cerimonial que ali era formado. O grande círculo embutido só podia ser usado "sob licença", com exceção do inverno e do Halloween. Mas agora eu tinha a sensação de que íamos passar juntos.

— Ótimo! — disse Takata. — Esperava que assim fosse. Bem, escrevi esta peça sobre um vampiro que anda atrás de alguém que não pode ter e não sei qual dos refrãos funciona melhor. Ripley gosta do mais soturno, mas o Arron acha que o outro se enquadra melhor — ele suspirou, revelando um aborrecimento inusitado. Ripley era o seu baterista *animalomem*, o único elemento da banda que estava com Takata quase

desde o início da sua carreira. Dizia-se que ele era o motivo por que todos os outros permaneciam apenas durante um ano ou dois antes de tentarem uma carreira a solo. — Tinha planejado cantá-lo ao vivo pela primeira vez durante o inverno — disse Takata. — Mas queria apresentá-lo esta noite para dar a Cincinnati uma oportunidade de ouvi-la primeiro — ele sorriu, parecendo vários anos mais jovem. — É muito mais excitante quando o público canta conosco — ele olhou de relance para a guitarra pousada no colo e dedilhou um acorde. A vibração encheu o carro. Meus ombros relaxaram e Jenks emitiu um gorgolejo abafado. Takata ergueu os olhos, abrindo-os inquisitivo. — Poderia dizer de qual dos dois gosta mais? — perguntou ele e eu acenei. Um concerto privado? Sim, eu podia aceitar isso. Jenks voltou a emitir aquele gorgolejo abafado. — Muito bem. Chama-se Red Ribbons — inspirando, Takata dobrou-se sobre si próprio. De olhos vazios, modificou o acorde que estivera a tocar. Seus dedos esguios moviam-se elegantemente e, com a cabeça dobrada sobre a guitarra, cantou: — Ouvir-te cantar através da cortina, ver-te sorrir através do vidro. Limpar as tuas lágrimas nos meus pensamentos, sem arrependimentos pelo passado. Não sabia que ia me consumir, ninguém disse que a dor continuaria — sua voz desceu e assumiu a entoação torturada que o tinha tornado famoso. — Ninguém me disse. Ninguém me disse — terminou, quase num sussurro.

— Ooooh, muito bom — disse eu, perguntando-me se ele me julgaria realmente capaz de emitir um julgamento.

Ele dirigiu-me um sorriso, abandonando deveras velozmente sua atitude de palco.

— Muito bem — disse ele, voltando a dobrar-se sobre a guitarra. — Este é o outro — tocou um acorde mais soturno, que soava quase errado. Senti um arrepio percorrer-me a espinha e abafei-o. A postura de Takata alterou-se, tornando-se angustiada pela dor. As cordas que vibravam pareciam ecoar através de mim e eu afundei-me no assento de couro, o zumbido do motor transportando a música até ao centro de mim. — És minha — disse ele quase num sussurro —, de certa forma. És minha, embora não o saibas. És minha, um laço nascido da paixão. És minha e, no entanto, totalmente tu. Por nossa vontade, por nossa vontade, por nossa vontade.

Ele tinha os olhos fechados e eu pensei que ele já não se lembrava que eu estava sentada à sua frente.

— Hum… — gaguejei eu, e os seus olhos azuis abriram-se de repente, parecendo quase assustados. — Acho que é melhor o primeiro? — ofereci, enquanto ele retomava sua compostura. Aquele homem era mais inconstante do que uma gaveta repleta de cobras. — Gosto mais do segundo, mas o primeiro adequa-se melhor a uma vampira

que observa aquilo que não pode ter — pestanejei. — Um vampiro que observa o que não pode ter — corrigi, corando.

Deus me ajude, devo parecer uma idiota. O mais certo era que ele soubesse que eu vivia com uma vampira. Que ela e eu não partilhávamos sangue de certo não tinha figurado no seu relatório. A cicatriz no meu pescoço não tinha sido provocada por ela, mas pelo Grande Al e eu ajeitei o cachecol para escondê-la.

Ele quase parecia tremer quando pousou a guitarra.

— O primeiro? — perguntou ele, parecendo desejoso de dizer qualquer outra coisa e eu acenei. — Está bem — disse ele, forçando um sorriso. — Seja o primeiro.

Jenks emitiu mais um gorgolejo abafado. Perguntei-me se ele, algum dia, recuperaria o suficiente para emitir mais do que aquele som horrível. Takata fechou os fechos do estojo do instrumento e eu soube que a conversa tinha terminado.

— Menina Morgan — disse ele, os ricos acabamentos da limusine parecendo estéreis agora que o seu interior estava vazio de música. — Gostaria de poder dizer que a procurei em busca da sua opinião sobre o refrão que deveria apresentar ao público, mas encontro-me numa situação complicada e foi recomendada por um conhecido da minha confiança. O Sr. Felps disse que já tinha trabalhado com você antes e que era muitíssimo discreta.

— Chamo-me Rachel — disse eu. Aquele homem tinha o dobro da minha idade. Obrigá-lo a chamar-me menina Morgan era ridículo.

— Rachel — disse ele, enquanto o Jenks se engasgava uma vez mais. Takata dirigiu-me um sorriso inseguro e eu devolvi, sem saber ao certo o que se estava a passar. Aparentemente, ele tinha uma missão para mim. Algo que requeria o caráter anônimo que a SI ou o DFI não podiam garantir.

Enquanto o Jenks gorgolejava e beliscava o lóbulo da minha orelha, eu endireitei-me, cruzei as pernas e retirei da bolsa minha pequena agenda, para tentar assumir um ar mais profissional. Ivy a tinha comprado, há dois meses, numa das suas tentativas de trazer ordem à minha vida caótica. Só a tinha comigo para lhe fazer a vontade, mas preparar uma missão para uma estrela pop de renome nacional talvez fosse uma boa hora para começá-la a usar.

— Fui recomendada por Sr. Felps? — perguntei eu, vasculhando minha memória e não conseguindo encontrar nada.

As sobrancelhas grossas e expressivas de Takata ergueram-se em confusão.

— Ele disse que a conhecia. Na verdade, parecia deveras enamorado.

Deixei escapar um suspiro de compreensão.

— Oh, por acaso não se trata de um vampiro vivo? Cabelo loiro. Acha que é uma dádiva divina aos vivos e aos mortos? — perguntei eu, esperando estar errada.

Ele sorriu.

— Sempre o conhece — ele olhou de relance para Jenks, que tremia e continuava incapaz de abrir a boca. — Pensei que ele estivesse a gozar com as minhas margaridas.

Fechei os olhos enquanto recuperava a compostura. Kisten. Por que é que isso não me surpreendia?

— Sim, conheço-o — murmurei, enquanto abria os olhos, sem saber ao certo se devia me sentir furiosa ou lisonjeada pelo fato de um vampiro vivo ter me recomendado a Takata. — Não sabia que o último nome dele era Felps.

Indisposta, desisti de qualquer tentativa de parecer profissional. Voltando a lançar a agenda para o interior da minha bolsa, escorreguei para o canto, num movimento menos gracioso do que tinha esperado, já que foi impelido pelo movimento do carro ao mudar de faixa.

— Então, o que posso fazer por você? — perguntei eu.

O mago mais velho endireitou-se, alisando o suave tecido cor de laranja das calças. Nunca tinha conhecido ninguém que ficasse bem de cor de laranja, mas Takata parecia consegui-lo.

— Trata-se do concerto que se aproxima — disse ele. — Queria saber se sua firma estaria disposta a providenciar a segurança.

— Oh! — lambi os lábios, intrigada. — Claro. Isso não é um problema, mas não tem pessoas para tratar disso? — perguntei, recordando a forte segurança do concerto em que o conhecera. Os vampiros tinham de tapar os dentes e ninguém podia entrar carregando mais do que um feitiço de maquiagem. Claro que, depois de se passar pela segurança, libertavam-se os dentes e os amuletos escondidos nos sapatos eram invocados…

Ele acenou.

— Sim, e aí reside o problema.

Esperei enquanto ele se inclinava para frente, lançando na minha direção o cheiro de pau-brasil. Com os seus longos dedos de músico entrelaçados, ele fitava o chão.

— Tratei dos pormenores da segurança com o Sr. Felps, como de costume, antes de ter chegado à cidade — disse ele, voltando a prender em mim a sua atenção. — Mas um Sr. Saladan veio me ver, alegando que era ele que estava a tratar da segurança em Cincinnati e que todos os dinheiros devidos a Piscary lhe deviam ser entregues.

Recuperei a respiração, compreendendo o que se estava a passar. Proteção. Oh! Já percebi. Kisten estava a agir como delfim de Piscary, já que poucos sabiam que Ivy o tinha substituído e detinha agora o título ambicionado. Kisten continuara a lidar com os assuntos do vampiro morto-vivo, quando Ivy se recusou a fazê-lo. Graças a Deus.

— Está pagando proteção? — disse eu. — Quer que fale com Kisten e o Sr. Saladan para que parem de chantageá-lo?

Takata inclinou a cabeça para trás, sua voz bela e trágica ressoando num riso que foi absorvido pelo tapete espesso e pelos assentos.

— Não — disse ele. — Piscary faz um excelente trabalho ao manter os Inderlanders na linha. Minha preocupação é com o Sr. Saladan.

Chocada, mas não surpreendida, prendi meus caracóis ruivos atrás da orelha, desejando ter feito algo com eles nessa tarde. Sim, eu tinha usado a chantagem, mas fora para me manter viva, não para fazer dinheiro. Havia uma diferença.

— É chantagem — disse eu, enojada. Ele ficou sério.

— Trata-se de um serviço e não me arrependo de um único centavo assim gasto — vendo que eu franzia o cenho, Takata inclinou-se para frente, fazendo balançar suas correntes de ouro, os olhos azuis presos nos meus. — Meu espetáculo tem um LPM, tal como um circo itinerante ou uma feira. Não a conseguiria manter uma única noite se não arranjasse proteção em todas as cidades onde atuamos. É o preço de se fazer um negócio.

LPM era a abreviatura de Licenciamento Público Misto. Garantia que estavam reunidas as condições de segurança para prevenir o derramamento de sangue no recinto, algo necessário quando se misturavam Inderlanders e humanos. Se se reunissem demasiados vampiros e um deles sucumbisse à sua sede de sangue, os restantes tinham grandes dificuldades em não seguir o seu exemplo. Eu não sabia muito

bem como é que uma folha de papel era suficiente para manter as bocas dos vampiros esfomeados para si, mas os estabelecimentos trabalhavam com afinco para obter o grau A nos seus LPM, já que os humanos e os Inderlanders vivos boicotavam qualquer local quer não o tivesse. Era demasiado fácil acabar morto ou mentalmente preso a um vampiro que nem sequer se conhecia. E, pessoalmente, preferiria estar morta a ser o brinquedo de um vampiro, pondo de lado o fato de que vivia com uma vampira.

— É chantagem — disse eu. Tínhamos acabado de atravessar a ponte sobre o rio Ohio. Perguntei-me para onde iríamos, se não era para Hollows.

Os ombros magros de Takata moveram-se.

— Quando estou em turnê, só passo uma noite em cada local, talvez duas. Se alguém arranjar problemas, não estaremos por perto durante tempo suficiente para encontrá-lo e todos os selvagens por aqui o sabem. Onde está o incentivo para que um vampiro ou *animalomem* demasiado excitado se comporte? Piscary limita-se a espalhar a palavra, dizendo que todos aqueles que provocarem problemas terão de responder perante ele — ergui os olhos, não gostando do fato de as suas afirmações terem um sentido belo e simplista. — Tenho um espetáculo livre de incidentes — disse Takata, sorrindo. — E Piscary recebe sete por cento da venda dos bilhetes. Todos ganham. Até agora tenho ficado muito satisfeito com os serviços de Piscary. Nem sequer me importou o fato de ele ter subido seu preço para pagar o advogado.

Fungando, baixei os olhos.

— Culpa minha — disse eu.

— Foi o que ouvi — disse secamente o homem alto e magro. — O Sr. Felps ficou muito impressionado. Mas Saladan? — Takata estava cada vez mais preocupado, seus dedos expressivos matraqueavam um ritmo complicado enquanto seu olhar percorria os edifícios por onde íamos passando. — Não posso dar-me ao luxo de lhes pagar a ambos. Não restaria nada para reconstruir os abrigos da cidade e esse é todo o objetivo do concerto.

— Quer que eu me assegure de que não aconteça nada — disse eu e ele acenou.

Meus olhos fixaram o anúncio de Jim Beam na saída da via rápida, enquanto assimilava tudo aquilo. Saladan estava a tentar tomar pela força as operações de Piscary, agora que o mestre vampiro morto-vivo tinha sido engavetado por homicídio. Homicídios que eu lhe atribuíra. Inclinei a cabeça numa tentativa vã de ver Jenks empoleirado no meu ombro.

— Tenho de falar com a minha outra sócia, mas não vejo nenhum problema — disse eu. — Seremos três. Eu, uma vampira viva e um humano — queria que Nick também fosse, mesmo que ele não fosse oficialmente parte da nossa firma.

— E eu — guinchou Jenks. — Eu também. Eu também.

— Não queria falar por ti, Jenks — disse eu. — Pode estar frio.

Takata soltou uma gargalhada.

— Com todo aquele calor humano e com todas aquelas luzes? Nem pensem.

— Então está resolvido — disse eu, muitíssimo agradada. — Presumo que receberemos passes especiais?

— Sim — Takata contorceu-se para vasculhar por baixo da pasta onde se encontravam as fotografias da banda. — Estes garantirão que passem por Clifford. A partir daí, não devem ter qualquer problema.

— Ótimo — disse eu, deliciada enquanto vasculhava minha bolsa em busca de um dos meus cartões. — Tem aqui um cartão meu para o caso de precisar falar comigo até lá.

As coisas começavam a acontecer rapidamente e eu agarrei o maço de cartões espessos que ele me passou em troca do meu cartão de negócios preto. Ele sorriu a olhar para ele e guardou-o no bolso da frente da camisa. Voltando-se com o mesmo olhar suave, bateu com um grosso nó do dedo no vidro que nos separava do motorista. Eu agarrei a bolsa enquanto guinávamos.

— Obrigado, Rachel — disse ele, enquanto o carro parava mesmo ali, na via rápida. — Vejo-a no dia 22, por volta do meio-dia, no Coliseu, para que possamos rever a segurança com o meu pessoal.

— Parece-me bem — gaguejei, enquanto Jenks praguejava e mergulhava para dentro da minha bolsa no preciso instante em que a porta se abria. O ar frio jorrou para o interior e eu semicerrei os olhos perante o brilho da tarde. Atrás de nós, estava o meu carro. Ele ia deixar-me ali?

— Rachel? — estava a falar a sério. — Obrigado — Takata estendeu-me a mão. Eu segurei-a, dando-lhe um firme aperto. O seu aperto era forte, a mão dentro da minha parecia magra e ossuda. Profissional. — Agradeço mesmo — disse ele, enquanto me libertava a mão. — Fez bem em abandonar a SI, está com ótimo aspecto.

Não pude evitar um sorriso.

— Obrigada — disse eu, deixando que o motorista me deixasse sair da limusine. O vampiro que vinha a conduzir o meu carro passou por mim e desapareceu no canto mais escuro da limusine, enquanto eu apertava o casaco e envolvia o pescoço com o cachecol. Takata acenou em despedida enquanto o motorista fechava a porta. O homem pequeno e composto acenou-me antes de me virar as costas. Eu erguia-me, com os pés enterrados na neve, enquanto a limusine regressava ao trânsito rápido e desaparecia.

De mochila na mão, observei o trânsito e deslizei para o interior do carro. O aquecimento estava no máximo e eu inspirei o odor do vampiro que tinha estado a conduzi-lo, deixando que ele me impregnasse. Mentalmente, ia murmurando a música que Takata partilhara comigo. Eu ia tratar da segurança do seu concerto de inverno. Não podia ficar melhor do que isso.



6

Eu tinha dado a volta e estava uma vez mais atravessando o rio Ohio e entrando em Hollows e, até então, Jenks ainda não dissera nada. O *pixy* enfeitiçado pela presença de uma estrela tinha se empoleirado no lugar de costume sobre o espelho retrovisor, observando as nuvens carregadas de neve que se aproximavam tornando escura e deprimente a bela tarde. Não me parecia que tivesse sido o frio a tornar azuis suas asas, já que tinha o aquecimento ligado. Era o embaraço.

— Jenks? — chamei e suas asas agitaram-se num borrão.

— Não diga nada — murmurou ele, quase inaudível.

— Jenks, não foi assim tão mau.

Ele voltou-se para mim, uma expressão de desgosto profundo a marcar seu rosto.

— Esqueci meu próprio nome, Rache.

Não pude evitar um sorriso.

— Eu não conto a ninguém.

O rosa regressou às suas asas.

— Sério? — perguntou ele e eu acenei.

Não era preciso ser um gênio para perceber que era muito importante para o *pixy* egocêntrico manter-se seguro e no controle da situação. Eu tinha certeza de que essa era a origem da sua rudeza e do seu mau temperamento.

— Não diga à Ivy — disse eu —, mas da primeira vez que o vi, também me derreti toda. Ele podia ter se aproveitado de mim, ter me usado como um lenço e jogado fora. Não o fez. Fez-me sentir interessante e importante, embora nessa época eu ainda só fizesse serviços menores na SI. Ele é legal, sabe? Uma pessoa séria. Aposto que ele não pensou duas vezes sobre o fato de ter esquecido seu nome.

Jenks suspirou, todo seu corpo se movendo enquanto exalava.

— Errou a saída.

Eu abanei a cabeça, travando num semáforo vermelho, atrás de um horrendo SUV, tão grande que não permitia que visse além dele. O adesivo na traseira, manchado de sal, dizia ALGUNS DOS MEUS MELHORES AMIGOS SÃO HUMANOS, DELICIOSOS. Sorri. Só em Hollows.

— Quero ver se Nick já está acordado, já que andamos por aqui — expliquei eu. Meus olhos saltaram para Jenks. — Ficará bem se demorarmos mais algum tempo?

— Sim — disse ele. — Eu estou bem, mas tu estás a cometer um erro.

O semáforo mudou e eu quase deixava o carro ir abaixo. Voamos através do cruzamento, deslizando no gelo quando acelerei.

— Falamos hoje, no jardim zoológico — disse eu, sentindo-me quente por dentro. — Acho que vamos ficar bem. E quero mostrar-lhe os passes para os bastidores.

Jenks não disse nada, seu silêncio deixava-me nervosa. Minha preocupação transformou-se em confusão, quando virei para o estacionamento de Nick e estacionei ao lado da sua gasta *pick-up* azul. No lugar do passageiro, estava uma bolsa de viagem. Não estava lá de manhã.

De lábios afastados, olhei de relance para Jenks e ele encolheu os ombros, parecendo infeliz. Um arrepio gelado deslizou através de mim. Meus pensamentos saltaram para a nossa conversa no jardim zoológico. Íamos juntos ao cinema naquela noite. E ele tinha feito a mala? Ele ia a algum lugar?

— Entra na minha bolsa — disse eu suavemente, recusando-me a acreditar no pior. Aquela não era a primeira vez que eu ia ter com Nick e descobria que ele tinha

saído ou estava de saída. Durante os últimos três meses, tinha ido e vindo de Cincinnati várias vezes, eu nem sequer percebendo até seu regresso. E agora seu telefone tinha sido desligado e havia uma mala feita na sua *pick-up*! Teria eu entendido errado? Se naquela noite ele me ia dar um chute, eu morreria.

— Rachel…

— Vou abrir a porta — disse eu, enquanto enfiava as chaves na bolsa. — Quer ficar aqui à espera, rezando para que não fique muito frio?

Jenks ergueu-se no ar, pairando à minha frente. Parecia preocupado, apesar das mãos pousadas nos quadris.

— Deixa-me sair assim que nos encontremos lá dentro — exigiu ele. Senti um aperto na garganta enquanto acenava e ele desceu com uma lentidão relutante. Apertei, cuidadosamente, os laços da bolsa e saí, mas uma crescente sensação de dor fez com que batesse a porta e o meu pequeno carro vermelho balançasse. Olhando de relance para a traseira da *pick-up*, compreendi que esta estava seca e vazia de neve. Era provável que Nick não tivesse estado em Cincinnati nos últimos dias. Não era de admirar que já não o visse há uma semana.

Com os pensamentos em rebuliço, avancei a passo rápido ao longo do passeio escorregadio até à porta do prédio, abrindo-a num gesto súbito e subindo as escadas, deixando para trás pedaços de neve cada vez menores sobre o tapete cinzento. Lembrei-me de deixar sair Jenks quando cheguei ao terceiro andar e ele pairou em silêncio, enquanto percebia da minha raiva.

— Íamos sair juntos esta noite — disse eu, enquanto tirava as luvas e as enfiava num bolso. — Há semanas que devia ter percebido, Jenks. Os telefonemas apressados, as viagens para dentro e fora da cidade sem me dizer nada, a falta de qualquer contato íntimo... Deus sabe há quanto tempo.

— Dez semanas — disse Jenks, sem qualquer dificuldade em acompanhar-me.

— Oh, sério? — disse eu amargamente. — Muitíssimo obrigada pela informação.

— Calma, Rache — disse ele, deixando atrás de si um rasto de pó de *pixy* tal era a sua preocupação. — Pode não ser aquilo que está pensando.

Já tinham terminado comigo antes. Eu não era estúpida. Mas doía. Maldição, ainda doía. Jenks não tinha onde pousar no corredor árido e, com relutância, desceu sobre o meu ombro. Com os maxilares cerrados com tanta força que até doía, fechei a

mão para bater à porta de Nick. Ele tinha de estar em casa. Afinal de contas, não ia a lado nenhum sem a sua *pick-up*, mas antes que pudesse bater, a porta abriu-se.

Meu braço desceu e eu fitei Nick, a minha surpresa espelhada no seu rosto comprido. Tinha o casaco aberto e um chapéu de fio feito em casa enterrado até às orelhas. Ele tirou-o enquanto eu observava, passando as chaves para a outra mão, que segurava uma pasta que nada combinava com o resto desmazelada. Tinha o cabelo desgrenhado e alisou-o com a mão destra enquanto retomava a compostura. Havia neve nas suas botas. Ao contrário da *pick-up*. Com as chaves a repenicar, pousou a pasta. Inspirou fundo, depois libertou, lentamente, o ar. A culpa nos seus olhos disse-me que eu tinha razão.

— Olá, Ray-ray.

— Olá, Nick — disse eu, marcando ok com uma força excessiva. — Suponho que o nosso encontro esteja cancelado. — Jenks zumbiu em saudação e eu odiei o olhar de desculpas que ele dirigiu a Nick. Quer tivessem dez centímetros, ou um metro e noventa e três, faziam todos parte do mesmo clube. Nick não se moveu nem me convidou a entrar. — Ia terminar comigo no jantar? — perguntei abruptamente, desejando simplesmente chegar ao fim daquela conversa.

Seus olhos abriram-se muito.

— Não! — protestou ele, mas seu olhar desviou-se para a pasta.

— Há mais alguém, Nick? Porque eu sou uma garota crescida. Posso aguentar.

— Não — repetiu ele, a voz mais suave. Ele mudou de posição, parecendo frustrado. Estendeu um braço, parando muito perto do meu ombro. A mão baixou. — Não.

Eu queria acreditar nele. Queria mesmo.

— Então, o que foi? — exigi saber. Por que ele não me convidava para entrar? Por tínhamos de ter aquela porcaria de conversa no corredor?

— Ray-ray — sussurrou ele, a testa franzida. — Não é você.

Meus olhos fecharam-se, enquanto eu recuperava as forças. Quantas vezes já tinha ouvido aquilo? Ele empurrou com o pé a pasta dispendiosa, atirando-a para o corredor e meus olhos abriram-se repentinamente perante o ruído arrastado. Desviei-me quando ele saiu, fechando a porta atrás de si.

— Não é você — disse ele, a voz subitamente segura. — E este jantar não era para terminar contigo. Não quero que acabe tudo entre nós. Mas apareceu qualquer coisa e, para ser sincero, não te diz respeito.

Surpreendida, meus lábios afastaram-se. As palavras de Jenks regressaram à minha mente.

— Ainda tens medo de mim — disse eu, irritada com o fato de ele não confiar em mim quando lhe dizia que não voltaria a puxar uma linha *Ley* através dele.

— Não tenho nada — disse ele irritado. Com movimentos ríspidos, ele trancou a porta pelo lado de fora, virando-se e erguendo a chave entre nós. — Toma — disse ele em tom beligerante. — Fica com minha chave. Estarei fora da cidade durante algum tempo. Ia entregar-te esta noite, mas já que aqui estás, poupa-me esse trabalho. Cancelei o correio e a renda está paga até agosto.

— Agosto! — gaguejei, subitamente temerosa. Ele olhou de relance para Jenks.

— Jenks, o Jax pode vir e tomar conta das minhas plantas até eu regressar? Ele fez um ótimo trabalho da última vez. Pode ser só uma semana, mas o aquecimento e a eletricidade estão no automático para o caso de demorar mais tempo.

— Nick… — protestei, a minha voz soando fraca. Como é que a conversa se tinha alterado tão rapidamente?

— Claro — disse Jenks com a voz fraca. — Sabem, acho que vou esperar lá em baixo.

— Não, estou pronto — Nick pegou na pasta. — Vou estar ocupado esta noite, mas passarei mais tarde pela igreja para buscá-lo antes de deixar a cidade.

— Nick, espera! — disse eu. Sentia o estômago apertado e a cabeça leve. Devia ter mantido a boca fechada. Devia ter ignorado a bolsa e feito papel de namorada estúpida. Não, devia ter ido jantar e pedido lagosta. Meu primeiro namorado sério em cinco anos e, por fim, quando as coisas começavam a voltar ao normal, ali estava eu, a afugentá-lo. Tal como fizera com todos os outros.

Jenks emitiu um som atrapalhado.

— Hum, estou ao pé da porta da frente — disse ele, desaparecendo pelas escadas e deixando atrás de si uma nuvem de pó de *pixy* que o seguiu até ao patamar seguinte.

Com o rosto comprido apertado numa expressão de infelicidade, Nick enfiou-me a chave na mão. Tinha os dedos frios.

— Não consigo… — ele inspirou fundo, seu olhar cruzando-se com o meu e permanecendo ali. Eu esperei, temendo aquilo que ele ia dizer. Subitamente, não queria ouvi-lo. — Rachel, eu ia dizer-te isto durante o jantar, mas… Eu tentei. Sério. Simplesmente, não consigo fazer isso agora — disse ele suavemente. — Não estou te deixar — apressou-se a acrescentar antes que eu pudesse abrir a boca. — Eu te amo e quero estar contigo. Talvez para o resto da minha vida. Não sei. Mas sempre que usa uma linha, eu sinto e é como se estivesse de volta àquele carro do DFI tendo um ataque epilético por causa da linha que puxaste através de mim. Não consigo respirar. Não consigo pensar. Não consigo fazer nada. Quando estou mais longe, é mais fácil. Preciso me afastar durante algum tempo. Não te disse nada porque não queria que te sentisse mal.

Com o rosto gelado, não consegui dizer nada. Ele nunca me tinha dito que eu o fizera entrar em convulsões. Deus me ajude, eu não sabia. Jenks tinha estado com ele. Por que ele não me dissera?

— Tenho de recuperar o fôlego — sussurrou ele, apertando-me a mão. — Afastar-me alguns dias, sem lembrar daquilo.

— Eu paro — disse eu, entrando em pânico. — Não voltarei a usar uma linha. Nick, não tens de partir!

— Tenho sim — largando-me as mãos, ele tocou no meu maxilar. Seu sorriso era triste. — Quero que use as linhas. Quero que pratique. A magia das linhas *Ley* ainda vai salvar sua vida, um dia e quero que se tornes a melhor bruxa das linhas *Ley* de Cincinnati — ele respirou fundo. — Mas tenho de colocar alguma distância entre nós. Só durante algum tempo. E tenho alguns assuntos a tratar fora do Estado. Não têm nada a ver contigo. Eu voltarei.

Mas ele disse agosto.

— Não vai voltar — disse eu, sentindo a garganta apertada. — Virá buscar teus livros e depois desaparecerá.

— Rachel…

— Não — virei-lhe as costas. A chave era fria na minha mão, cortava a pele macia da palma. Respira, recordei a mim mesma. — Vai embora. Eu trago Jax amanhã. Vai embora.

Fechei os olhos, quando ele pousou uma mão no meu ombro, mas não podia virar. Abri-os de repente quando ele se aproximou e o cheiro a livros antigos e novos aparelhos eletrônicos me envolveu.

— Obrigado, Rachel — sussurrou ele e senti o suave toque dos seus lábios nos meus. — Não estou te deixando. Eu voltarei.

Sustive a respiração e fitei o feio carpete cinzento. Não ia chorar, inferno. Não ia. Ouvi-o hesitar, depois ouvi o som suave das suas botas nas escadas. Minha cabeça começou a doer enquanto o som abafado da sua *pick-up* fez vibrar a janela no fundo do corredor. Esperei até já não ouvir antes de me virar para seguir com meus passos lentos e cegos. Tinha-o feito mais uma vez.

7

Estacionei o carro na garagem minúscula, apagando as luzes e depois o motor. Deprimida, fitei a parede estucada meio metro à frente da grelha. O silêncio inundou-me, interrompido apenas pelo ruído do motor a arrefecer. A moto de Ivy descansava silenciosa, contra a parede lateral, coberta por uma lona e arrumada para o inverno. Em breve, ia estar escuro. Eu sabia que devia levar Jenks para casa, mas era difícil encontrar a força de vontade para tirar o cinto e sair do carro.

Jenks desceu para o volante, zumbindo para chamar a atenção. Minhas mãos caíram para o meu colo, os ombros abatendo-se.

— Bem, pelo menos agora sabe com o que contar — disse ele.

Minha frustração incendiou-se, depois morreu, esmagada por uma onda de apatia.

— Ele disse que ia voltar — disse eu, sombriamente, precisando acreditar numa mentira até conseguir encarar a verdade.

Jenks envolveu o corpo com os braços, suas asas de libelinha imóveis.

— Rache — disse Jenks com voz séria. — Eu gosto do Nick, mas vais receber duas chamadas. Uma em que ele diz que sente a tua falta e que está se sentindo melhor e a última em que diz que lamenta e te pede que devolva a chave ao senhorio.

Eu fitei a parede.

— Deixa-me simplesmente ser idiota e acreditar nele durante algum tempo, está bem?

O *pixy* emitiu um som seco de concordância. Parecia absolutamente gelado, as asas quase pretas enquanto se dobrava sobre si mesmo tremendo. Eu tinha violado todos os seus limites, ao fazer aquele desvio por causa de Nick. Ia, sem dúvida, fazer biscoitos durante a noite. Ele não devia ir para a cama assim. Podia não acordar senão na primavera.

— Pronto? — perguntei enquanto abria a bolsa e ele saltou desajeitadamente para o seu interior em vez de voar.

Preocupada, perguntei-me se deveria enfiar a bolsa dentro do casaco. Contentei-me em pô-la dentro da sacola da loja e em enrolar as asas deste tanto quanto possível. Só então abri a porta, tendo o cuidado de não bater nas paredes da garagem. De saco na mão, avancei ao longo do caminho limpo até à porta da frente. Um Corvette preto estava estacionado junto a calçada, parecendo desajustado e inseguro nas ruas cobertas de neve. Reconheci-o como sendo de Kisten e meu rosto contraiu-se. Andava a vê-lo muitas vezes para o meu gosto, ultimamente.

O vento mordia a minha pele exposta e olhei de relance para o campanário, seus contornos aguçados contra as nuvens cinzentas. Esmagando o gelo, passei pelo ícone móvel de masculinidade de Kisten e subi os degraus de pedra até às espessas portas duplas de madeira. Não havia nenhuma fechadura convencional, embora pelo lado de dentro houvesse uma barra de carvalho com que prendíamos as portas todas as noites antes de nos deitarmos. Dobrando-me desastradamente, tirei uma caneca de sal do interior do saco aberto ao lado da porta e salpiquei-o nos degraus antes de o degelo da tarde congelar.

Empurrei a porta abrindo-a, meu cabelo agitando-se na corrente de ar quente que jorrou do seu interior. Podia ouvir o som suave de música Jazz e deslizei para o interior, fechando a porta silenciosamente atrás de mim. Não estava com particular vontade de ver Kisten – por muito agradável que fosse à vista –, embora achasse que lhe devia agradecer por me ter recomendado a Takata.

Estava escuro no pequeno hall de entrada. O brilho do pisca-pisca deslizava para o interior do santuário, pouco fazendo para iluminá-lo. O ar cheirava a café e plantas, uma espécie de mistura entre um viveiro de plantas e uma cafetaria. Era agradável.

Pousei as coisas da Ceri sobre a pequena mesa antiga que Ivy roubara dos pais e abri minha bolsa, espreitando para o seu interior e vendo Jenks olhando para mim.

— Graças a Deus — murmurou ele, enquanto se erguia lentamente no ar. Depois hesitou, inclinando a cabeça enquanto escutava. — Onde estão todos?

Tirei o casaco com um movimento dos ombros, pendurei-o num cabide.

— Talvez Ivy tenha gritado outra vez com teus filhos e eles se tenham escondido. Está se queixando?

Ele abanou a cabeça. Mas tinha razão. Estava tudo silencioso. Demasiado silencioso. Normalmente, erguiam-se no ar dolorosos guinchos de crianças *pixies* que jogavam, o som ocasional de um utensílio a cair no chão da cozinha, ou os latidos de *Ivy* a escorraçá-los da sala de estar. A única paz que tínhamos eram as quatro horas em que eles dormiam durante a tarde e as quatro horas que dormiam depois da meia-noite.

O calor da igreja começava a impregnar Jenks e as suas asas já estavam translúcidas e a mover-se com destreza. Decidi deixar as coisas de Ceri onde as colocara até as poder levar até ela, do outro lado da rua e, depois de ter batido as botas para libertá-las da neve, ao lado das poças derretidas que Kisten deixara, segui Jenks, emergindo do hall escuro e penetrando no santuário silencioso.

Meus ombros acalmaram-se enquanto eu fitava a fraca luz que jorrava das janelas de vitral que se estendiam desde a altura dos joelhos até ao teto. O pequeno piano de cauda de *Ivy* ocupava um dos cantos, à frente, o pó limpo e bem cuidado, mas tocado apenas quando eu não estava presente. Minha mesa com tampo de correr, repleta de plantas, estava ao seu lado, mesmo no centro, sobre o palco ligeiramente elevado onde outrora se encontrava o altar. A imagem enorme de uma cruz ainda deixava a sua sombra na parede sobre ela, calmante e protetora. Os bancos tinham sido removidos muito antes de nós nos termos mudado para lá, deixando para trás um espaço de madeira e vidro, que fazia eco e que evocava paz, solidão, graça e segurança. Eu estava segura ali.

Jenks ficou rígido, despertando os meus instintos.

— Agora! — guinchou uma voz penetrante.

Jenks voou para cima, deixando para trás uma nuvem de pó de *pixy* que pairava no local onde ele tinha estado como tinta de um polvo. Com o coração acelerado, bati com força no chão de madeira, rebolando. O ruído de vários impactos bateu nas tábuas

ao meu lado. O medo manteve-me as rebolar até eu ter encontrado um canto. Arquejando, a força da linha *Ley* do cemitério percorreu-me enquanto a usava.

— Rachel! São meus filhos! — gritou Jenks, enquanto uma chuva de minúsculas bolas de neve me atingia.

Arquejando, engoli a palavra que ia usar para invocar meu círculo, puxando a mim o poder que se acumulara. Este abateu-se sobre mim e gemi enquanto duas ondas de energia das linhas *Ley* ocupavam simultaneamente o mesmo espaço. Cambaleando, caí sobre um joelho e lutei por respirar enquanto a energia em excesso regressava para a linha. Oh, céus! Senti-me como se estivesse a arder. Devia ter me limitado a erguer o círculo.

— Pelas calcinhas da Sininho, o que pensam que estão fazendo? — gritou Jenks, pairando sobre mim enquanto eu tentava fixar o chão. — Deviam saber que não podem atacar assim uma agente! Ela é um profissional! Vocês ainda vão acabar mortos! E eu vou deixa-los apodrecer onde quer que caiam. Somos convidados! Vão para a mesa. Todos vocês! Jax, estou mesmo decepcionado.

Inspirei fundo. Maldição. Aquilo doía mesmo. Nota mental: nunca parar um feitiço das linhas *Ley* no meio.

— Matalina! — gritou Jenks. — Sabe o que os nossos filhos andam fazendo?

Lambi os lábios.

— Está tudo bem — disse eu, erguendo os olhos e não encontrando ninguém no santuário. Até Jenks tinha desaparecido. — Adoro a minha vida — murmurei enquanto ia levantando cuidadosamente do chão por fases.

O formigueiro quente na minha pele tinha acalmado e, com a pulsação a bater veloz, soltei por inteiro a linha, sentindo o resto de energia abandonar meu *chi* e deixando-me a tremer. Com o som de uma abelha furiosa, Jenks surgiu a voar da sala dos fundos.

— Rachel — disse ele, estacando à minha frente. — Lamento. Eles descobriram a neve que Kist tinha trazido agarrada aos sapatos e ele falara das lutas de neve que costumava fazer quando era pequeno. Oh, vê só! Deixaram-te toda molhada.

Matalina, a mulher de Jenks, surgiu a voar no santuário, envolta em seda cinzenta e azul. Dirigindo-me um olhar de desculpas, ela deslizou por uma brecha na minha

mesa. Minha cabeça começou a doer e os meus olhos encheram-se de lágrimas. O sermão que estava a dar aos filhos era de tal forma agudo que eu não conseguia ouvi-lo.

Cansada, endireitei-me por completo e alisei minha camisa. Tinha pequenas marcas de água nos lugares onde tinham acertado. Se se tratassem de fadas assassinas com feitiços em vez de *pixies* com bolas de neve, estaria morta. Meu coração abrandou e eu agarrei minha bolsa que caíra ao chão.

— Está tudo bem — disse eu, envergonhada e desejando que Jenks se calasse. — Não há problema. Os pequenos serão sempre pequenos.

Jenks pairava, aparentemente indeciso.

— Sim, mas são meus filhos e nós somos convidados. Eles hão de pedir desculpa, entre outras coisas.

Fazendo-lhe um gesto que lhe dizia que estava tudo bem, percorri o corredor escuro cambaleando, seguindo o cheiro de café. *Pelo menos, ninguém me vira a rebolar pelo chão, fugindo de nuvens de pixies* — pensei eu. Mas tais confusões tinham se tornado comuns, desde a primeira queda de neve, quando a família de Jenks se mudara para ali. Contudo, agora não tinha como fingir que aqui estava. Além disso, o mais certo é que tivessem sentido o cheiro do ar fresco quando eu abri a porta.

Passei pelos banheiros de lados opostos do corredor, que tinham sido convertidos em banheiros convencionais e numa combinação de lavandaria. O último era o meu. Meu quarto ficava do lado direito do corredor, o de Ivy, logo à frente. A cozinha situava-se a seguir, e eu virei à esquerda, entrando nela, desejando agarrar um pouco de café e esconder-me no meu quarto para evitar completamente Kisten.

Tinha cometido o erro de beijá-lo no elevador e ele nunca perdia uma oportunidade de me recordar. Pensando, na época, que não ia viver para ver o nascer do sol, deixara cair minha guarda e gozara o momento, tendo quase cedido por inteiro ao apelo da paixão vampírica. Pior ainda? Kisten sabia que me tinha deixado perto do limite e que eu estivera a um passo de dizer sim.

Exausta, liguei a luz da cozinha com o cotovelo e pousei a bolsa no balcão. As luzes fluorescentes acenderam-se, piscando, fazendo com que o Sr. Peixe se lançasse num movimento frenético. Uma suave música Jazz e sons que se erguiam e desciam de uma conversa chegavam da sala de estar. O casaco de Kisten estava pousado na cadeira de Ivy, à frente do computador dela. A cafeteira estava meio cheia e, depois de pensar durante um instante, despejei-a na minha caneca gigante. Tentando manter-me

silenciosa, pus um pouco mais de café para fazer. Não queria ouvir a conversa, mas a voz de Kisten era tão suave e quente como um banho de espuma.

— Ivy, querida — suplicava ele, enquanto eu tirava os grãos de café do frigorífico. — É só uma noite. Talvez uma hora. Entrar e sair.

— Não.

A voz de Ivy era fria, o aviso óbvio. Kisten estava a insistir mais com ela do que eu alguma vez me atreveria a fazer, mas eles tinham crescido juntos. Filhos de pais ricos que esperavam que eles unissem suas famílias e gerassem pequenos vampirinhos para continuarem a linhagem viva de Piscary, antes de morrerem e se tornarem verdadeiramente mortos-vivos. Isso jamais aconteceria, o casamento, não a parte dos mortos. Eles tinham tentado viver juntos e, embora nenhum dos dois revelasse o que tinha acontecido, seu relacionamento tinha arrefecido até não restar nada mais do que uma retorcida relação fraterna.

— Não tens de fazer nada — insistiu Kisten, recorrendo ao seu falso sotaque britânico. — Basta que estejas lá. Eu digo tudo.

— Não.

Alguém desligou a música e eu abri, silenciosamente, a gaveta dos talheres em busca da colher do café. Três garotas *pixies* saíram do seu interior, guinchando. Refreei um grito, o coração a bater veloz, enquanto elas desapareciam no corredor escuro. Com movimentos rápidos, por causa da adrenalina, vasculhei a gaveta, constatando que a colher tinha desaparecido. Descobri-a, finalmente, na pia. Devia ter sido Kisten a fazer o café. Se tivesse sido Ivy, sua necessidade idiota de ordem faria com que ela a tivesse lavado, secado e arrumado.

— Por que não? — a voz de Kisten tinha assumido um tom petulante. — Ele não está te pedindo muito.

Tensa e controlada, a voz de Ivy fervia.

— Não quero esse malvado na minha cabeça. Por que haveria de permitir que ele visse através dos meus olhos? Sentisse os meus pensamentos?

A cafeteira pendia-me dos dedos, enquanto eu me erguia sobre a pia. Desejei não estar a ouvir aquela conversa.

— Mas ele te ama — sussurrou Kisten, soando magoado e ciumento. — É o delfim dele.

— Ele não me ama. Ele ama o fato de eu me opor a ele — sua voz era amarga e eu quase podia ver as suas feições perfeitas, ligeiramente orientais, apertadas em sinal de raiva.

— Ivy — insistiu Kisten. — Sabe bem, é intoxicante. O poder que ele partilha contigo…

— É uma mentira! — gritou ela e eu sobressaltei-me. — Quer o prestígio? O poder? Quer continuar a gerir os interesses de Piscary? A fingir que ainda é seu delfim? Não quero saber! Mas eu não vou permitir que ele entre na minha cabeça, nem mesmo para te ajudar!

Abri, ruidosamente, a torneira, enchendo a cafeteira, para recordá-los de que ainda estava à escuta. Não queria ouvir mais e desejei que eles parassem.

O suspiro de Kisten foi longo e pesado.

— As coisas não funcionam assim. Se ele quiser mesmo entrar, não serás capaz de impedi-lo, Ivy querida.

— Cale-se.

As palavras estavam tão carregadas de raiva contida, que eu tive de refrear um arrepio. A cafeteira caiu por fora e eu saltei quando a água me tocou na mão. Fazendo uma careta, fechei a torneira e despejei o excesso de água. Da sala de estar, chegou o estalar da madeira. Senti o estômago apertado. Alguém tinha prendido outra pessoa a uma cadeira.

— Força — murmurou Kisten, sobre o som da água que pingava na cafeteira. — Afunda esses dentes. Sabe que o quer fazer. Tal como nos bons velhos tempos. Piscary sente tudo o que fazes, quer queira quer não. Por que acha que não tens conseguido abster-te de sangue, ultimamente? Três anos de negação e agora não consegue passar três dias sem sangue? Desiste, Ivy. Ele adoraria sentir que nos divertimos de novo. E talvez a tua companheira de casa compreenda finalmente. Ela quase disse sim — provocou ele. — Não a ti. A mim.

Fiquei rígida. Aquilo fora me dirigido. Eu não estava na sala, mas era como se estivesse. Ouvi a madeira estalar de novo.

— Toca no sangue dela e eu o matarei, Kist. Juro.

Percorri a cozinha com os olhos em busca de uma forma de escapar, mas era tarde demais, pois Ivy já avançava através da abertura, com as botas a bater no chão. Ela hesitou, parecendo inusitadamente perturbada enquanto avaliava a minha inquietude num instante, com a sua espantosa capacidade para interpretar a linguagem corporal. Isso fazia com que guardar segredos dela fosse, no mínimo, arriscado. A raiva que sentira por Kist tinha lhe marcado as testa e a frustração agressiva não prenunciava nada de bom, ainda que não me fosse dirigida.

Sua pele pálida brilhava num ténue rosa enquanto ela se tentava acalmar, fazendo com que a pequena cicatriz no seu pescoço se erguesse notoriamente. Ela tinha tentado uma intervenção cirúrgica para minimizar o sinal físico do poder de Piscary sobre ela, mas este ainda era visível quando ela ficava perturbada. E ela recusava-se a aceitar qualquer um dos meus amuletos de compleição. Algo que eu ainda não tinha conseguido perceber. Vendo-me imóvel junto a pia, seus olhos castanhos saltaram da minha caneca de café fumegante para a cafeteira vazia. Eu encolhi os ombros e carreguei o botão para pô-la a trabalhar. Que haveria de lhe dizer? Ivy recomeçou a andar, pousando uma caneca vazia no balcão. Alisou seu cabelo preto muitíssimo liso, conseguindo pelo menos parecer calma e controlada.

— Não está bem — disse ela, a raiva que sentira por Kisten deixando sua voz rouca. — O que houve?

Peguei os passes para os bastidores e prendi-os no frigorífico com um imã com a forma de um tomate. Meus pensamentos viajaram até Nick, depois por mim a rebolar no chão fugindo a bolas de neve de *pixies*. E não nos esqueçamos da alegria de ouvir ameaça de Kisten por causa do meu sangue que ela nunca iria provar. Meu Deus, tanto por onde escolher.

— Nada — disse baixinho.

Alta e esguia, nas suas calças azuis e na sua camisa da mesma cor, ela cruzou os braços e encostou-se ao balcão ao lado da cafeteira, enquanto esperava que o café estivesse pronto. Os lábios finos estavam apertados e ela respirava profundamente.

— Andou chorando. O que houve?

A surpresa fez-me estacar. Ela sabia que eu tinha chorado? Maldição! Tinham sido apenas três lágrimas. No semáforo. E eu tinha as limpado ainda antes de terem escorrido pelo rosto. Fitei o corredor vazio, não querendo que Kisten soubesse.

— Digo mais tarde, está bem?

Ivy seguiu meu olhar para a porta. A confusão enrugou a pele sobre os olhos castanhos. Depois, a compreensão banhou seu rosto; ela sabia que tinham terminado comigo. Pestanejou e eu observei-a, aliviada quando o primeiro estremecimento provocado pela sede de sangue, perante meu novo estatuto de disponibilidade, desaparecia rapidamente.

Os vampiros vivos não precisavam de sangue para se manterem sãos, ao contrário dos vampiros mortos-vivos. No entanto, ainda o desejavam, escolhendo a pessoa de quem o tomavam com cuidado, normalmente, seguindo suas preferências sexuais, considerando a feliz possibilidade de poder incluir o sexo no pacote. Mas a tomada de sangue podia cobrir toda uma gama de relevâncias, da confirmação de uma profunda amizade platônica à futilidade de um encontro ocasional. Como a maior parte dos vampiros vivos, Ivy dizia que não equiparava o sangue ao sexo, mas eu fazia-o. As sensações que um vampiro podia arrancar de mim eram demasiado próximas do êxtase sexual para pensar de outro modo.

Depois de ter sido presa a uma parede por duas vezes graças à magia das linhas *Ley*, Ivy percebera que eu era uma amiga, que eu nunca, nunca, lhe diria sim. Também se tinha tornado mais fácil depois de ela ter voltado a tornar-se uma vampira praticante, já que assim saciava suas necessidades noutro lado e regressava a casa satisfeita, relaxada e odiando-se silenciosamente por ter cedido mais uma vez.

Durante o verão, ela parecia ter usado suas energias numa tentativa de me convencer de que morder nada tinha de sexual para garantir que nenhum outro vampiro me morderia. Se ela não conseguia ter meu sangue, então ninguém o conseguiria e ela tinha se dedicado de forma perturbadora e, no entanto lisonjeira, a impedir que outros vampiros se aproveitassem da minha cicatriz do demônio e me atraíssem, fazendo com que eu me transformasse num espetro. Viver com ela garantia-me proteção – uma proteção que eu não tinha vergonha em aceitar – e, em troca, eu era sua amiga incondicional.

Embora isso pudesse parecer desequilibrado, não o era. Ivy era uma amiga difícil de satisfazer. Sentia ciúmes de qualquer um que atraísse minha atenção, embora o escondesse bem. Quase não tolerava Nick. Kisten, contudo, parecia imune, o que me deixava tão contente por dentro. Enquanto eu pegava meu café, dei por mim a desejar que ela saísse naquela noite e satisfizesse sua maldita sede de sangue para que não ficasse a olhar para mim como uma pantera esfomeada durante toda a semana seguinte.

Sentindo que a tensão se alterava, de raiva para especulação, fitei a cafeteira, que ainda estava a trabalhar, pensando numa forma de escapar da sala.

— Quer o meu? — perguntei. — Ainda não bebi.

Minha cabeça virou-se ao ouvir o riso masculino de Kisten. Tinha aparecido sem aviso junto à porta.

— Eu também não bebi — disse ele, sugestivamente. — Gostaria de beber um pouco, se estás oferecendo.

As memórias varreram-me como uma onda, memórias de Kisten e de mim no elevador: os meus dedos a brincar com as madeixas sedosas do seu cabelo loiro, na curva do seu pescoço; a barba de dois dias que dava às suas feições delicadas um aspeto rude e que arranhavam contra a minha pele; seus lábios, ao mesmo tempo, suaves e agressivos, enquanto ele provava o sal em mim; a sensação das suas mãos a descer pelas minhas costas, puxando-me para ele. Maldição.

Afastei os olhos dele, obrigando minha mão a descer do pescoço para onde eu a erguera inconscientemente, tocando na cicatriz do demônio e sentindo-a formigar, estimulada pelas feromônios vampíricos que ele estava a libertar inconscientemente. Dupla maldição. Feliz consigo próprio, ele sentou-se na cadeira de Ivy, procurando claramente tentar adivinhar o que eu estava pensando. Mas fitando seu corpo bem cuidado, era difícil pensar em qualquer outra coisa.

Kisten era um vampiro vivo, sua linhagem tão antiga como a de Ivy. Fora outrora o delfim de Piscary e o brio de ter partilhado o sangue com o vampiro morto-vivo ainda era visível nele. Embora agisse muitas vezes como um playboy, vestindo-se de couro como um motoqueiro e utilizando um mau sotaque britânico, fazia-o para esconder a sua esperteza nos negócios. Ele era esperto. E rápido. E ainda que não fosse tão poderoso como um vampiro morto-vivo, era mais forte do que a sua estrutura compacta e cintura fina sugeriam.

Naquele dia, usava uma camisa de seda de aspecto conservador, presa no interior de umas calças escuras de corte clássico, era óbvio que estava tentando apresentar-se como um profissional numa altura em que controlava ainda mais os negócios de Piscary, agora que o vampiro estava preso. Os únicos sinais do lado mais rebelde de Kisten eram a corrente de metal cinzento que usava ao redor do pescoço – semelhante à que Ivy usava no tornozelo – e dois brincos de diamante que tinha em cada orelha. Pelo

menos, deveriam ser dois em cada orelha. Alguém arrancara um, deixando para trás um rasgão feio.

Kisten instalara-se na cadeira de Ivy, seus sapatos imaculados afastados num gesto provocador, inclinando-se para trás enquanto assimilava o estado de espírito da sala. Percebi que minha mão se aproximava novamente do pescoço e franzi o cenho. Ele estava tentando enfeitiçar-me, introduzir-se na minha cabeça e alterar meus pensamentos e decisões. Não ia funcionar. Só os mortos-vivos conseguiam enfeitiçar os que não o desejassem e ele já não podia aproveitar-se da força de Piscary para obter as capacidades aumentadas de um vampiro morto-vivo.

Ivy tirou o café pronto de debaixo do filtro.

— Deixa Rachel em paz — disse ela, estando claramente na posição dominante entre os dois. — Nick acabou de terminar com ela.

Fiquei sem fôlego e fitei-a, chocada. Eu não queria que ele soubesse!

— Bem… — murmurou Kisten, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos nos joelhos. — De qualquer forma, ele não te merecia, querida.

Irritada, coloquei entre nós o balcão da ilha central.

— Meu nome é Rachel. Não querida.

— Rachel — disse ele com voz suave e o meu coração bateu mais veloz pela forma como ele pronunciou o meu nome.

Olhei de relance para a janela, para o jardim cinzento coberto de neve e para as lápides que se estendiam além dele. Por que carga de Viragem é que eu estava na minha cozinha, com dois vampiros esfomeados, quando o Sol estava se pondo? Eles não tinham um lugar para ir? Pessoas para morder, além de mim?

— Ele não terminou comigo — disse eu, enquanto agarrava a comida de peixe e alimentava o Sr. Peixe. Podia ver o reflexo de Kisten a observar-me na janela escura. — Teve de sair da cidade durante alguns dias. Deu-me a chave da casa dele para ver se estava tudo bem e ir buscar o correio.

— Oh! — Kisten olhou de lado para Ivy. — Uma longa excursão?

Enervada, pousei a comida para peixe e virei-me.

— Ele disse que ia voltar — protestei, meu rosto tenso enquanto eu ouvia a feia verdade atrás das minhas palavras. Por que haveria Nick de dizer que ia voltar se não lhe tivesse ocorrido que não o faria?

Enquanto os dois vampiros trocavam mais olhares silenciosos, eu retirei um livro de culinária da minha biblioteca de feitiços e pousei-o, com um baque surdo, sobre o balcão da ilha. Tinha prometido a Jenks o fogão naquela noite.

— Nem sequer pense em se aproveitar de mim, Kisten — avisei.

— Nem sonharia com tal coisa — o tom suave e lento da sua voz dizia o contrário.

— Por que não és capaz de ser, sequer, metade do homem que Nick é — disse eu como uma idiota.

— Padrões elevados, hã? — troçou Kisten.

Ivy empoleirou-se no balcão, junto à minha tigela de dissolução de cinquenta litros de água salgada, envolvendo os joelhos com os braços, conseguindo ainda assim manter um aspeto predatório enquanto bebia o café e observava Kisten que brincava com minhas emoções. Kisten olhou de relance para ela, como se pedisse autorização e eu franzi o cenho. Depois, levantou-se, no meio do som de tecido a deslizar, encostando-se ao balcão da ilha, à minha frente. O colar dele balançou, puxando minha atenção para seu pescoço, mascado por cicatrizes suaves, quase invisíveis.

— Gosto de filmes de ação — disse ele e minha respiração tornou-se mais veloz. Podia sentir, ainda, o cheiro de couro e papel, por baixo do cheiro seco da seda.

— E então? — disse eu agressivamente, irritada pelo fato de Ivy lhe ter, muito provavelmente, falado sobre Nick e sobre os fins de semana compridos que ele passava em frente ao canal Adrenalina.

— E então, também posso te fazer rir.

Virei as folhas do livro de culinária até chegar à receita mais usada, numa folha salpicada de manchas; tratava-se de um livro que eu tinha herdado de minha mãe, sabendo que era de biscoitos de açúcar.

— O Batatinha consegue o mesmo, mas eu não sairia com ele.

Ivy lambeu o dedo e traçou no ar um risco como se contasse vitórias. Kisten sorriu, revelando o mais ténue indício de uma presa, inclinando-se para trás e, claramente, sentindo o choque.

— Deixa-me levar-te para sair — disse ele. — Um primeiro encontro platônico para te provar que o Nick não era nada de especial.

— Oh, por favor — disse eu com um sorriso afetado, sem acreditar que ele estava a descer assim tão baixo.

Sorrindo, Kisten tinha se transformado num garoto rico e mimado.

— Se se divertir, terá de admitir na minha frente que Nick não era nada de especial.

Baixei-me para pegar a farinha.

— Não — disse eu, quando me levantei para a pousar com um baque surdo em cima do balcão.

Um olhar magoado marcou seu rosto onde a barba começava a despontar, falso, mas ainda assim eficaz.

— Por que não?

Olhou de relance para trás de mim, para Ivy, que nos observava em silêncio.

— Tens dinheiro — disse eu. — Com dinheiro suficiente qualquer um pode levar uma garota para se divertir.

Ivy desenhou mais um traço no ar.

— E vão dois — disse ela, e ele franziu a testa.

— Então Nick era um sovina, hum — provocou Kisten, tentando esconder sua ira.

— Cuidado com a língua — respondi eu.

— Sim, menina Morgan.

A submissão maliciosa na sua voz arrastou meus pensamentos de volta ao elevador. Ivy tinha me dito que Kisten se divertia a desempenhar o papel de submisso. Aquilo que eu descobri é que um vampiro submisso era, ainda assim, mais agressivo do que a maior parte das pessoas era capaz de suportar. Mas eu não era a maior parte das pessoas. Eu era uma bruxa. Fixei meus olhos nos dele, constatando que eram de um belo e firme azul. Ao contrário de Ivy, Kisten saciava, livremente, sua sede de sangue, de tal forma que esta não representava um fator determinante na condução da sua vida.

— 175 dólares? — ofereceu ele e eu dobrei-me para pegar o açúcar.

O tipo achava que um encontro barato eram quase duzentos dólares?

— Cem? — perguntou ele e eu fitei-o, constatando a sua genuína surpresa.

— Nosso encontro normal custava sessenta dólares — disse eu.

— Maldição! — praguejou ele, depois hesitou. — Posso dizer maldição, não posso?

— Claro que sim.

Do seu poleiro em cima do balcão, Ivy deu uma risadinha. A testa de Kisten franziu-se no que parecia uma genuína expressão de preocupação.

— Muito bem — disse ele, imerso nos seus pensamentos. — Um encontro de sessenta dólares.

Eu dirigi-lhe um olhar comprometido.

— Ainda não disse que sim.

Ele inspirou longa e lentamente, sentindo no ar o sabor do meu estado de espírito.

— Também não disseste que não.

— Não.

Ele abateu-se dramaticamente, arrancando-me um sorriso contra minha vontade.

— Não te vou morder — protestou ele, seus olhos azuis revelando uma inocência matreira.

De debaixo do balcão da ilha, retirei meu caldeirão de cobre maior para usar como tigela de mistura. Já não podia confiar nele para fazer meus feitiços, já que tinha um amassado por ter batido na cabeça de Ivy. A arma de bolas explosivas que eu guardava dentro dele emitiu um som reconfortante ao bater contra o metal, enquanto eu a tirava e pousava no balcão à altura do tornozelo.

— E eu devia acreditar porque…?

Os olhos de Kisten saltaram para Ivy.

— Porque ela me mataria duas vezes se eu o fizesse.

Dirigi-me a geladeira em busca dos ovos, do leite e da manteiga, esperando que nenhum deles percebesse o acelerar da minha pulsação. Mas eu sabia que minha

tentação não tinha origem nos feromônios subliminares que eles emitiam inconscientemente. Tinha saudades de me sentir desejada, sentir que precisavam de mim. E Kisten era doutorando no cortejar das mulheres, ainda que seus motivos fossem egoístas e falsos. Aparentemente, ele gostava de beber sangue casualmente, tal como alguns homens gostam de praticar sexo casual. E eu não queria transformar-me num dos seus espectros, que ele arrastava atrás de si, condicionada pela saliva da sua dentada a desejar o seu toque, a desejar sentir os dentes afundar-se dentro de mim e a encher-me de euforia. Droga, lá estava eu outra vez.

— Por que haveria de fazê-lo? — perguntei, sentindo-me corar. — Nem sequer gosto de ti.

Kisten inclinou-se sobre o balcão quando eu regressei. O azul imaculado dos seus olhos prendeu-se nos meus. Era óbvio pelo seu sorriso desinibido que ele sabia que eu estava a enfraquecer.

— Mais uma razão para sair comigo — disse ele. — Se eu conseguir que te divirtas, gastando apenas uns míseros sessenta dólares, imagina o que alguém de quem goste conseguiria fazer. Tudo o que preciso é de uma promessa.

O ovo estava frio em minhas mãos e eu pousei-o.

— O quê? — perguntei e Ivy agitou-se. O sorriso dele aumentou.

— Nada de fugir.

— Desculpe?

Ele abriu a embalagem da manteiga e mergulhou o dedo no seu interior, lambendo-o lentamente.

— Não consigo fazer com que te sintas atraente se ficas rígida cada vez que te toco.

— Não o fiz antes — disse eu, meus pensamentos regressando ao elevador. Deus me ajude, eu quase tinha me enrolado com ele ali mesmo, contra a parede.

— Isso é diferente — disse ele. — Trata-se de um encontro e eu daria tudo para saber por que as mulheres esperam que os homens se comportem de forma diferente durante um encontro, do que fazem em qualquer outra hora.

— Porque vocês o fazem — disse eu.

Ele ergueu uma sobrancelha para olhar para Ivy. Endireitando-se, estendeu um braço sobre o balcão para me segurar no queixo. Eu afastei-me, franzindo a sobrancelha.

— Não — disse ele enquanto se afastava. — Não vou dar cabo da minha reputação, levando-te a um encontro de sessenta dólares para nada. Se não te posso tocar, não vale a pena.

Eu fitei-o, sentindo meu coração bater mais forte.

— Ótimo.

Chocado, Kisten pestanejou.

— Ótimo? — perguntou ele, enquanto Ivy sorria.

— Sim — disse eu, puxando para mim a manteiga e tirando meia caneca com uma colher de pau. — De qualquer forma, não queria sair contigo. É muito convencido. Se acha capaz de manipular qualquer pessoa para fazer qualquer coisa. Tua atitude egoísta me dá nojo.

Ivy sorriu, enquanto se esticava e saltava com leveza para o chão, sem emitir um único som.

— Eu disse — comentou ela. — Paga.

Movendo os ombros num suspiro ele torceu o corpo para retirar a carteira do bolso de trás das calças, retirando do seu interior uma nota de cinquenta e enfiando na mão de Ivy. Ela ergueu uma sobrancelha fina e traçou no ar mais um risco. Seu rosto estava aberto num sorriso inusitado, enquanto ela se esticava e colocava a nota no frasco dos biscoitos em cima da geladeira.

— Típico — disse Kisten, seus olhos numa expressão dramaticamente triste. — Tenta-se fazer algo bom por uma pessoa, animá-la e o que é que acontece? Somos abusados e roubados.

Ivy deu três passos longos e aproximou-se dele por trás. Passando um braço pelo seu peito, ela inclinou-se para ele e sussurrou-lhe ao ouvido rasgado:

— Pobre pequeno — eles ficavam bem juntos, a malícia sedosa dela e a masculinidade confiante dele.

Ele nem sequer reagiu, enquanto os dedos dela deslizavam entre os botões da sua camisa.

— Teria se divertido — disse-me ele.

Sentindo-me como se tivesse acabado de passar num teste, empurrei a manteiga da colher e lambi o dedo.

— Como pode saber?

— Porque se divertiu agora mesmo — respondeu ele. — Esqueceu completamente daquele humano oco e egoísta que não reconhece uma coisa boa quando ela lhe morde no… — ele olhou para Ivy. — Onde é que disseste que ela o mordeu, Ivy querida?

— No pulso — Ivy endireitou-se e virou-se para mim para ir buscar o seu café.

— Que não conhece uma coisa boa quando ela lhe morde no… pulso — terminou Kisten.

Senti o rosto arder.

— É a última vez que te conto qualquer coisa! — exclamei a Ivy. E eu nem sequer o tinha feito sangrar. Deus do céu!

— Admite — disse Kisten. — Gostou de falar comigo, de opor a tua vontade à minha. Teria sido divertido — disse ele, enquanto me fitava através da franja. — Parece estar precisando se divertir. Enfiada nesta igreja só Deus sabe há quanto tempo. Quando é que foi a última vez que te aprontou? Que se sentiu bonita? Se sentiu desejável?

Eu fiquei imóvel, sentindo a respiração entrar e sair de mim, equilibrada. Meus pensamentos regressaram a Nick, que saía da cidade sem me dizer nada, o carinho e a proximidade que tinham terminado com uma brusquidão chocante. Já se passara tanto tempo. Tinha saudades do seu toque que me fazia sentir desejada, que agitava a minha paixão e me trazia à vida. Queria recuperar aquela sensação, mesmo que não passasse de uma mentira. Só por uma noite, só para não esquecer qual era a sensação, até a reencontrar de novo.

— Sem dentadas — disse eu, pensando que estava a cometer um erro.

Ivy levantou a cabeça de repente, o rosto inexpressivo. Kisten não pareceu surpreendido. Seu olhar estava carregado de compreensão.

— Nada de fugir — disse ele suavemente, os olhos vivos e a brilhar. Eu era completamente transparente para ele.

— O máximo de sessenta dólares — contrapus.

Kisten endireitou-se, tirando o casaco das costas da cadeira.

— Venho te buscar uma da manhã, depois de amanhã. Veste alguma coisa bonita.

— Nada de brincar com a minha cicatriz — disse eu sem fôlego, por algum motivo incapaz de respirar. O que raio estava fazendo?

Com uma graça predatória, ele enfiou o casaco. Hesitou, pensando.

— Nem um único sopro — concordou ele.

Sua expressão pensativa transformou-se numa antecipação matreira, enquanto ele se erguia na passagem para o corredor e estendia a mão para Ivy. Com movimentos rígidos, Ivy voltou a retirar a nota de cinquenta dólares do frasco dos biscoitos e entregou. Ele deixou-se ficar à espera, depois ela foi buscar outra e enfiou-lhe na mão ruidosamente.

— Obrigado, Ivy querida — disse ele. — Agora tenho dinheiro suficiente para o meu encontro e para um corte de cabelo — seu olhar cruzou-se com o meu, fixando-os até eu não ser capaz de respirar. — Vemo-nos mais tarde, Rachel.

O som dos seus sapatos clássicos parecia demasiado alto na igreja escurecida. Ouvi-o dizer qualquer coisa a Jenks e, depois, ouvi o ténue estrondo da porta da frente a fechar. Ivy não estava nada contente.

— Foi uma coisa idiota de se fazer — disse ela.

— Eu sei — eu recusava-me a olhar para ela, misturando o açúcar e a manteiga com uma rapidez rude.

— Então por que fizeste?

Eu não parei de mexer.

— Talvez porque, ao contrário de ti, gosto de ser tocada — disse eu, cansada. — Talvez porque tenha saudades do Nick. Talvez porque ele tenha ido embora há três meses e eu tenha sido demasiado burra para reparar. Deixa-me em paz, Ivy. Não sou teu espectro.

— Não — concordou ela, menos zangada do que eu tinha esperado. — Sou tua companheira de casa e Kist é mais perigoso do que aquilo que aparenta. Já o vi fazer isso antes. Ele quer te caçar. Caçar lentamente.

Aquietei as minhas emoções e fitei-a.

— Mais devagar que você? — perguntei amargamente. Ela fitou-me.

— Não estou te caçando — disse ela, soando magoada. — Você não me deixa.

Largando a colher, coloquei as mãos em cada um dos lados da tigela e curvei a cabeça sobre ela. Éramos uma dupla e tanto. Uma demasiado temerosa de sentir qualquer coisa, não fosse perder o controle das emoções que tanto lhe custavam a conter e a outra demasiado faminta para sentir qualquer coisa a ponto de arriscar o seu livre arbítrio em troca de uma noite de divertimento. O fato de ter evitado tornar-me o lacaio de um vampiro durante tanto tempo era um milagre.

— Ele está à tua espera — disse eu, enquanto ouvia o motor do carro de Kisten através das paredes isoladas da igreja. — Vai te satisfazer. Não gosto quando não o fazes.

Ivy começou a mover-se. Sem dizer uma palavra, ela saiu rigidamente, as botas a bater no chão de madeira. O som da porta da igreja a fechar foi baixo. Lentamente, o tique-taque do relógio por cima da pia foi se tornando óbvio. Inspirando lentamente, ergui a cabeça, perguntando-me como raio me tinha transformado em sua protetora.



8

O bater rítmico dos meus pés enquanto corria, lançando arrepios pela minha espinha, era uma agradável distração dos meus pensamentos sobre Nick. Havia muita luz, o sol refletia-se nos montes de neve e fazia-me semicerrar os olhos mesmo com meus novos óculos de sol. Deixara os velhos na limusine de Takata e os novos não se ajustavam tão bem. Era o segundo dia seguido que eu acordava umas diabólicas dez da manhã para ir correr e, pela Viragem, desta vez eu ia correr. Correr depois da meia-noite não era tão divertido, havia muitos anormais. Além disso, nessa noite tinha um encontro com Kisten.

O pensamento atravessou-me e o meu passo tornou-se mais veloz. Cada golfada de ar estava coordenada com os meus passos, gerando um ritmo hipnótico que me fazia chegar mais perto da excitação de um corredor. Aumentei ainda mais o ritmo, gozando-o. Um velho casal de bruxos avançava à minha frente, andando a passo rápido, quando eu passei pela exposição de ursos. Eles observavam com interesse esfomeado. Os ursos, não os bruxos. Acho que era por isso que a gerência nos deixava correr ali. Dávamos aos grandes predadores algo para observar, além de miúdos em carrinhos e pais cansados.

Na verdade, o grupo de corredores tinha assumido a responsabilidade de patrocinar a exposição de tigres da Indochina, tendo precisamente isso em mente. Os fundos para sustentá-los e cuidar da sua saúde provinham inteiramente do pagamento dos nossos passes especiais. Eles comiam muito bem.

— Corredor! — exclamei eu, ofegante, ao ritmo dos meus passos e os dois bruxos desviaram-se, deixando-me passar. — Obrigada — disse eu enquanto passava por eles, sentindo o pesado odor de pau-brasil no ar frio e dolorosamente seco.

O som da sua conversa animada depressa regrediu. Dirigi um pensamento confuso e furioso a Nick. Não precisava dele para correr; podia correr sozinha. De qualquer forma ele não tinha corrido muitas vezes comigo ultimamente, não desde que eu recebera o meu carro e deixara de precisar de lhe pedir carona.

Sim, claro — pensei eu apertando o maxilar. O problema não era o carro, era outra coisa. Algo de que ele não me queria falar. Algo que "para ser sincero, não me dizia respeito".

— Corredor! — ouvi tenuemente alguém, não muito atrás de mim. Era um som baixo e controlado. Fosse quem fosse, estava a acompanhar-me sem qualquer problema. Todas as campainhas de aviso começaram a repicar. *Vamos ver se consegues correr, pensei eu* — inspirando profundamente.

Os diferentes músculos começaram a mover-se, como engrenagens em movimento, enquanto eu acelerava o passo, o coração a bater e o ar frio a cortar através de mim. Eu já ia a bom ritmo, sendo o meu passo natural entre uma corrida de resistência e um *cooper*. Fizera de mim uma favorita na corrida dos oitocentos metros, no liceu, e garantia que mantinha um bom ritmo quando trabalhava para a SI e precisava correr atrás do alvo ocasional. Agora, minhas batatas da perna protestavam perante o aumento de velocidade e meus pulmões começavam a arder. Ao passar pelos rinocerontes e virar à esquerda, prometi a mim mesma que ia fazer aquilo mais vezes; estava a ficar mole.

Não havia ninguém à minha frente. Até os tratadores estavam ausentes. Fiquei à escuta, ouvindo o seu passo aumentar para me acompanhar. Olhei rapidamente para trás ao fazer uma curva apertada à esquerda. Era um *animalomem*, algo baixo e magro, bem posto, com calças de treino cinzentas e T-shirt de mangas compridas a condizer. O longo cabelo preto estava preso atrás com uma fita de ginástica e seu rosto plácido não revelava qualquer esforço enquanto ele me acompanhava.

Droga. O meu coração bateu com força. Mesmo sem o chapéu de cowboy e o casaco comprido de lã, reconhecia-o. *Droga, droga, droga.* Apressei o passo com um assomo de adrenalina. Era o mesmo *animalomem*. Por que ele estava a me seguir? Meus pensamentos foram ainda mais longe do que o dia anterior. Já o vira antes. Muitas vezes. Ele estava no balcão dos relógios na semana anterior, quando eu e Ivy fomos escolher um novo perfume, que se sobrepusesse ao meu odor natural que se misturava com o dela.

Ele tinha estado a meter ar nos pneus há três semanas quando eu fui pôr combustível e me tranquei no exterior do carro. E há três meses, eu vira-o inclinado contra uma árvore quando eu e Trent conversámos em Eden Park. Cerrei o maxilar. *Talvez estivesse na hora de termos uma conversa* — pensei enquanto passava a correr pela casa dos felinos.

Havia uma descida mais à frente, junto às águias. Virei à direita, inclinando-me para trás enquanto descia o monte. O Sr. *Animalomem* seguiu-me. Enquanto avançava pelas traseiras da exibição das águias, revi mentalmente aquilo que tinha. Na bolsa na cintura estavam minhas chaves, meu celular, um amuleto contra a dor fraco, já invocado, e minha pequena arma de bolas explosivas carregada com poção "hora de dormir". Não me seria de grande ajuda; queria falar com ele, não deixá-lo inconsciente.

O caminho abriu-se numa secção larga e deserta. Ninguém corria por ali porque custava muito voltar a subir o monte. Perfeito. Com o coração a bater veloz, virei à esquerda subindo a inclinação, em vez de me dirigir para a entrada de Vine Street. Um sorriso desceu sobre o meu rosto ao ouvir os passos dele hesitarem. Ele não estava à espera daquilo. Inclinando o corpo na direção do monte, corri por ele acima a toda a velocidade, parecendo ver-me em câmara lenta. O carreiro era estreito e estava coberto de neve. Ele seguiu-me.

Aqui — pensei eu ao chegar ao topo. Arquejando, olhei rapidamente para trás e saí do carreiro, embrenhando-me no meio dos arbustos espessos. Os meus pulmões ardiam enquanto eu sustinha a respiração. Ele passou por mim com o som dos passos e da respiração pesados, determinado no seu avanço. Chegando ao topo, hesitou, procurando ver para que lado eu seguira. Seus olhos escuros estavam semicerrados e os primeiros sinais de cansaço físico marcavam sua testa.

Inspirando, saltei.

Ele ouviu-me, mas era demasiado tarde. Aterrei contra ele enquanto se virava, prendendo-o contra um velho carvalho. A respiração libertou-se dele, quando suas

costas bateram na árvore, os olhos muito abertos em sinal de surpresa. Meus dedos prenderam-no por baixo do queixo, sufocando-o e com o punho fechado bati-lhe no plexo solar. Arquejando, ele dobrou-se para frente. Eu larguei-o e ele caiu sentado junto à base da árvore, segurando o estômago. Uma mochila fina deslizou-lhe quase para cima da cabeça.

— Quem é você e por que tem me seguido nos últimos três meses? — gritei, confiando que a hora matutina e o fato de o jardim zoológico estar fechado pudessem manter a nossa conversa privada.

A cabeça curvada sobre o peito, o *animalomem* ergueu uma mão. Era pequena para um homem e grossa, com dedos curtos e de aspecto poderoso. O suor tinha tornado sua camiseta de lycra de um cinzento mais escuro e, lentamente, ele moveu as pernas musculosas, assumindo uma posição menos estranha. Recuei um passo, a mão apoiada no quadril, os pulmões carregados enquanto recuperava da subida. Furiosa, tirei os óculos, pendurei-os à cintura e fiquei à espera.

— David — disse ele com a voz rouca, enquanto me fitava, baixando, logo a seguir, a cabeça enquanto tentava inspirar mais uma vez. A dor e um toque de embaraço tinham lhe turvado os olhos castanhos. O suor cobria o rosto rude, coberto pela barba escura que combinava com o cabelo comprido. — Deus me perdoe — disse ele para o chão. — Por que tinha de me bater? O que é que se passa com as ruivas que estão sempre a bater em tudo?

— Porque está me seguindo — disse, repentinamente.

Com a cabeça ainda baixa, ele voltou a erguer uma mão, dizendo-me que esperasse. Eu mexia-me, nervosa, enquanto ele inspirava, uma vez, depois outra. A sua mão desceu e ele ergueu os olhos.

— O meu nome é David Hue — disse ele. — Sou um perito regulador de seguros. Importa-se que me levante? Estou a ficar molhado.

Fiquei de boca aberta e recuei vários passos, até ao carreiro, enquanto ele se levantava e limpava a neve do traseiro.

— Um perito regulador de seguros? — gaguejei. A surpresa arrastou consigo o que restava da adrenalina. Envolvi o corpo com os braços e desejei ter comigo o meu casaco quando o ar ficou subitamente mais frio, agora que não me estava a mover. — Eu paguei a conta — disse eu, começando a ficar furiosa. — Não falhei um único pagamento. Seria de pensar que seiscentos dólares por mês…

— Seiscentos dólares por mês! — disse ele, o rosto contorcido num sinal de choque. — Oh, querida, temos de conversar!

Chocada, recuei ainda mais. Ele tinha trinta e poucos anos, calculei, tendo em conta a maturidade do seu maxilar e o pequeno sinal de espessamento em redor da cintura que a camiseta de *lycra* não conseguia esconder. Os ombros estreitos também eram rijos, carregados de músculo, que a camiseta também não conseguia esconder. E as pernas eram fabulosas. Havia pessoas que não deviam usar *lycra*. Apesar de eu não gostar de homens assim tão velhos, David não era uma delas.

— É disso que se trata? — perguntei eu, simultaneamente irritada e aliviada. — É assim que arranja os seus clientes? Perseguindo-os? — franzi o cenho e virei-lhe as costas. — Isto é patético, mesmo para um *animalomem.*

— Espere — disse ele, lançando-se para o carreiro atrás de mim, no meio de ramos a partir. — Não. Na verdade estou aqui por causa do peixe.

Eu parei de repente, os pés uma vez mais ao sol. Meus pensamentos recuaram para o peixe que eu tinha roubado do gabinete do Sr. Ray em setembro. Merda.

— Hum… — gaguejei, sentindo os joelhos subitamente fracos e não era só da corrida. — Que peixe? — com dedos inseguros, abri os óculos. Colocando-os na cara, comecei a dirigir-me para a saída.

David tateou a barriga, em busca de danos, enquanto me seguia, acompanhando facilmente o meu passo rápido.

— Sabe — disse ele, quase para si mesmo. — É precisamente por isso que a tenho seguido. Agora nunca conseguirei obter uma resposta direta, nunca conseguirei resolver a reclamação.

Doía-me o estômago e obriguei-me a avançar a passo mais rápido.

— Foi um erro — disse eu, sentindo o rosto quente. — Pensei que era o peixe dos Howlers.

David tirou a fita de ginástica, puxou para trás o cabelo e voltou a colocá-la.

— Consta que o peixe foi destruído. Acho isso muitíssimo improvável. Se o puder confirmar, posso terminar o meu relatório, enviar um cheque à parte a quem o Sr. Ray roubou o peixe e nunca mais me voltará a ver.

Dirigi-lhe um olhar de esguelha, o alívio que sentia por ele não me apresentar uma citação ou algo no género era muito real. Tinha calculado que o Sr. Ray o roubara, quando ninguém veio atrás de mim por causa dele. Mas aquilo era inesperado.

— Alguém pôs o peixe no seguro? — trocei, sem acreditar, depois compreendi que ele estava a falar a sério. — Está brincando.

O homem abanou a cabeça.

— Tenho andado a segui-la para tentar compreender se o tem ou não.

Tínhamos chegado à entrada e eu parei, não querendo que ele me seguisse até ao carro. Não que ele não soubesse já qual era.

— Por que não se limitou a perguntar-me, senhor agente de seguros?

Parecendo irritado, ele abriu as pernas assumindo uma posição agressiva. Tinha exatamente a mesma altura que eu – o que fazia com que fosse algo baixo para um homem –, mas a maior parte dos *animalomens* não era muito grande por fora.

— Espera mesmo que eu acredite que não sabe?

Dirigi-lhe um olhar vazio.

— Que não sei o quê?

Passando uma mão pela barba espessa, ele fitou o céu.

— A maior parte das pessoas mente com todos os dentes que tem quando deita a mão a um peixe do desejo. Se o tem, diga-me. Não quero saber. Tudo o que quero é tirar esta reclamação da minha mesa.

Fiquei de queixo caído.

— Um… Um peixe…

Ele acenou.

— Um peixe dos desejos, sim — as sobrancelhas espessas ergueram-se. — Não sabia mesmo? Ainda o tem?

Eu sentei-me num dos bancos frios.

— O Jenks comeu.

O *animalomem* sobressaltou-se.

— Desculpe?

Eu não consegui erguer os olhos. Meus pensamentos voaram até ao último outono e o meu olhar deslizou para lá do portão, até ao meu conversível vermelho e brilhante que esperava por mim no estacionamento. Eu tinha desejado um carro. Maldição, eu tinha desejado um carro e conseguira-o. Jenks comeu um peixe dos desejos? A sua sombra desceu sobre mim e eu ergui os olhos, semicerrando-os para a silhueta de David, negra contra o azul imaculado do céu da tarde.

— Meu parceiro e sua família comeram-no.

David fitava-me.

— Está brincando.

Sentindo-me doente, baixei os olhos.

— Não sabíamos. Ele cozinhou-o numa fogueira na rua e sua família comeu-o.

Os pés pequenos dele moveram-se rapidamente. Mudando de posição, retirou da mochila uma folha de papel dobrada e uma caneta. Enquanto eu permanecia sentada, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a fitar o vazio, David agachou-se ao meu lado e escrevinhou qualquer coisa, utilizando o banco como apoio.

— Se não se importar de assinar aqui, menina Morgan — disse ele, enquanto me estendia a caneta.

Inspirei fundo, tremendo. Peguei na caneta, depois no papel. Sua letra tinha uma precisão rígida que me dizia que ele era meticuloso e bem organizado. Ivy devia gostar dele. Percorrendo as linhas, vi que se tratava de um documento legal, o acrescento que David escrevera à mão afirmava que eu tinha testemunhado a destruição do peixe, inconsciente das suas capacidades. Franzindo o cenho, escrevi meu nome e devolvi. Seus olhos estavam repletos de uma descrença divertida enquanto ele pegava a caneta e assinava, igualmente, o papel. Refreei um arquejo quando ele retirou da mochila um kit de tabelião e o tornou legal. Ele não pediu a minha identificação, mas caramba, tinha andado atrás de mim durante os últimos três meses.

— Também é tabelião? — disse eu e ele acenou, voltando a colocar tudo na sua mochila e fechando-a.

— É uma necessidade, no meu trabalho — levantando-se, sorriu. — Obrigado, menina Morgan.

— Sem problemas — meus pensamentos estavam confusos. Não conseguia decidir se ia ou não contar a Jenks. Meu olhar voltou a pousar-se sobre David quando compreendi que ele me estendia o seu cartão. Peguei nele, inquisitiva.

— Já que a tenho aqui — disse ele, mudando de posição para que eu não tivesse de olhar de frente para o Sol para o ver —, se estiver interessada em obter um seguro mais barato…

Eu suspirei e deixei cair o cartão. Que pateta. Ele deu uma risada, baixando-se graciosamente para apanhá-lo.

— Através do Sindicato consigo um seguro de saúde e hospitalização por duzentos e cinquenta por mês.

Subitamente, estava interessada.

— Os detetives privados são quase impossíveis de segurar.

— É verdade — ele tirou um casaco de *nylon* preto da mochila e vestiu-o. — O mesmo acontece com os peritos reguladores de seguros. Mas como somos muito poucos, quando comparados com os burocratas que constituem a maior parte da empresa, conseguimos bons preços. As quotas para o Sindicato são cento e cinquenta por ano. Isso garante um desconto nos seguros, aluguel de carros e toda a carne que conseguir comer no piquenique anual.

Isso era demasiado bom para acreditar.

— Por quê? — perguntei, voltando a aceitar o cartão. Ele ergueu os ombros, encolhendo-os.

— Meu parceiro reformou-se o ano passado. Preciso de alguém.

Fiquei de boca aberta ao compreender. Ele achava que eu queria ser uma perita reguladora de seguros? Oh, por favooor!

— Desculpe. Já tenho um trabalho — disse eu, fungando. David emitiu um ruído exasperado.

— Não. Não compreendeu. Eu não quero um parceiro. Corri com todos os estagiários que me enviaram e todos os outros sabem que é melhor nem sequer tentar. Tenho dois meses para arranjar alguém ou vão correr comigo. Gosto do meu trabalho e sou muito bom a fazê-lo, mas não quero um parceiro — ele hesitou, seu olhar aguçado percorrendo a área atrás de mim com uma determinação profissional. — Trabalho

sozinho. Você assina o papel, passa a pertencer ao Sindicato, recebe o desconto no seu seguro, nunca mais volta a me ver a não ser no piquenique anual, onde agimos como se fôssemos grandes amigos e participamos na corrida das três pernas. Eu ajudo-a; você ajuda-me. Não pude impedir minhas sobrancelhas de se erguerem e minha atenção saltou dele para o cartão que tinha na mão. Menos quase trezentos dólares por mês parecia muito bom. Eu estava disposta a apostar que também poderia arranjar um melhor preço para o seguro do meu carro. Tentada perguntei:

— Com que hospitais trabalham?

Os seus lábios encurvaram-se num sorriso, revelando um pouco dos dentes pequenos.

— Silver Cross.

Baixei a cabeça. Era especializado em *animalomens*, mas suficientemente flexível para que pudesse trabalhar com eles. Um osso partido é um osso partido.

— Então — disse com a voz arrastada, encostando-me para trás —, o que não está me dizendo?

Seu sorriso abriu-se ainda mais.

— Seu salário será transferido para mim, já que serei eu a fazer todo o trabalho.

Ahhhh — pensei eu —, ele receberia dois salários. Tratava-se de um esquema, não havia como negá-lo. Sorrindo, devolvi-lhe o cartão.

— Obrigada, mas não. Obrigada.

David emitiu um som decepcionado, recuando com o cartão na mão.

— Não pode me culpar por ter tentado. Na verdade, foi por sugestão do meu velho parceiro. Eu devia ter calculado que não aceitaria — ele hesitou. — Seu parceiro comeu realmente aquele peixe?

Eu acenei, sentindo-me deprimida só de pensar nisso. Pelo menos, tinha conseguido o carro primeiro.

— Bem… — ele pousou o cartão ao meu lado. — Ligue se mudar de ideia. A extensão indicada no cartão é a da minha mesa. Quando não estou no campo estou no gabinete das três à meia-noite. Talvez, possa considerar a hipótese de tomá-la como

minha aprendiz de verdade. Meu último parceiro era um bruxo e você parece ter bastante ousadia.

— Obrigada — disse eu, em tom trocista.

— Não é tão aborrecido como parece. E é mais seguro do que aquilo que faz agora. Talvez depois de ser espancada mais algumas vezes, mude de ideias.

Perguntei-me se aquele cara estaria a falar sério.

— Não trabalho para mais ninguém. Só trabalho para mim.

Acenando, ele tocou casualmente na cabeça numa saudação vaga, antes de dar meia volta e se afastar. Eu levantei-me com alguma dificuldade, enquanto sua figura esguia deslizava através do portão. Ele entrou num carro cinzento de dois lugares, estacionado do outro lado do parque, em frente ao meu carro vermelho e partiu. Estremeci, reconhecendo-o e compreendendo que me tinha observado com Nick no dia anterior.

Senti o traseiro gelado de estar sentada no cimento, quando me levantei. Peguei seu cartão, rasgando-o ao meio e dirigindo-me a um caixote do lixo, mas enquanto segurava os pedaços rasgados sobre a abertura do caixote, hesitei. Lentamente, coloquei-os no bolso. Um perito regulador de seguros? Troçou uma vozinha na minha cabeça. Com uma careta, tirei os pedaços do bolso e lancei-os no caixote do lixo. Voltar a trabalhar para alguém? Não. Nunca.



9

A paz desceu, quente, sobre mim, enquanto eu salpicava de açúcar amarelo no biscoito com cobertura glacê, a que dera a forma de um sol. Está bem, era apenas um círculo, mas com o açúcar brilhante podia ser o sol. Estava cansada das noites longas e a afirmação física da mudança de estação sempre me enchera de uma força silenciosa. Em especial, o inverno. Pousei o biscoito terminado sobre uma toalha de papel e peguei outro. Tudo estava em silêncio não fora pela música que me chegava da sala de estar. Takata tinha lançado Red Ribbons na rádio WVMP e esta tocava, incessantemente, a música. Eu não queria saber. O refrão era aquele que eu lhe tinha dito que se adequava ao tema da música e agradava-me pensar que tinha representado um pequeno papel na sua criação.

Todos os *pixies* iam dormir, pelo menos, mais duas horas na minha mesa. Era provável que Ivy não se levantasse nem entrasse por ali em busca de um café durante um período ainda maior. Ela tinha chegado antes do nascer do Sol, parecendo calma e relaxada, procurando timidamente minha aprovação por ter saciado sua sede de sangue num qualquer idiota antes de cair na cama como uma viciada em Enxofre. Eu tinha a igreja toda para mim e ia aproveitar todas as gotas de solidão que pudesse. Balançando ao som pesado da bateria, de uma forma que jamais faria se alguém me estivesse a ver, sorri. Era agradável estar sozinha de vez em quando.

Jenks obrigara os filhos a fazerem mais do que pedir-me desculpas e esta tarde eu tinha acordado com uma caneca de café quente numa cozinha impecavelmente limpa.

Tudo brilhava, tudo tinha sido polido. Eles até tinham raspado a sujeira acumulada do círculo que eu desenhara no linóleo ao redor da ilha central. Nem um grão de pó, ou um fio de teia de aranha sujava as paredes, ou o teto e enquanto eu mergulhava a minha faca no açúcar glacê verde, prometi tentar mantê-la igualmente limpa durante todo o tempo.

Sim, claro — pensei eu, enquanto barrava o biscoito. Eu adiaria até este chegar ao mesmo nível de caos a que os *pixies* me tinham arrancado. Dava-lhe duas semanas, no máximo. Compassando os meus movimentos com o ritmo da música, dispus três doces ainda quentes para se parecerem com bagas. Um suspiro agitou meus ombros e eu pousei-o de lado, pegando o biscoito com a forma de uma vela, tentando decidir se a faria roxa num pedido de sabedoria, ou verde num pedido de mudança.

Estava a levar a mão do roxo quando o telefone tocou na sala de estar. Estanquei por um instante, depois pousei a embalagem de cobertura e apressei-me a atender antes que pudesse acordar os *pixies*. Eram piores do que ter um bebê em casa. Agarrando o comando que estava em cima do sofá, apontei-o para a aparelhagem, silenciando-a.

— Encantamentos Vampíricos — disse eu, enquanto atendia o telefone, desejando não estar a respirar demasiado depressa. — Rachel.

— Quanto me custará ser acompanhado no dia vinte e três? — perguntou uma voz jovem, hesitando.

— Isso depende da situação — procurei freneticamente um calendário e uma caneta. Não estavam onde eu os tinha deixado e, por fim, vasculhei no interior da minha bolsa em busca da agenda. Pensava que o dia vinte e três era um sábado. — Trata-se de uma ameaça de morte ou de proteção?

— Ameaça de morte! — exclamou a voz. — Tudo o que quero é uma garota gostosa para que meus amigos não pensem que sou um idiota.

Meus olhos fecharam-se enquanto eu recuperava as forças. *Muito tarde* — pensei, fechando a caneta com um ruído.

— Trata-se de um serviço independente de detetives — disse eu cansada —, não de uma casa de sangue. E, cara? Faz um favor a você e leva uma garota mais tímida. Ela é mais legal do que pensa e não se apoderará da tua alma de manhã.

A chamada foi desligada e eu franzi o cenho. Era a terceira chamada do gênero que recebia este mês. Talvez fosse melhor dar uma olhadela ao anúncio das páginas

amarelas que Ivy tinha pago. Limpei o que restava do açúcar das mãos e vasculhei o armário estreito onde se encontrava o atendedor automático, retirando do seu interior a lista telefônica e pousando-a sobre a mesa do centro. A luz vermelha das mensagens estava a piscar e eu toquei-lhe, ao mesmo tempo em que folheava a lista pesada até chegar aos "detetives privados". Estaquei quando a voz de Nick jorrou do aparelho, carregada de culpa e atrapalhada, dizendo-me que tinha passado por ali por volta das seis da manhã e apanhara Jax, acrescentando que voltaria a ligar dentro de alguns dias.

— Covarde — sussurrei, pensando que era mais um prego no seu caixão. Ele sabia que ninguém, a não ser os *pixies,* estaria acordado àquela hora. Prometi a mim mesma que ia gozar o encontro com Kisten, quer Ivy o matasse depois ou não. Bati no botão para apagar a mensagem, depois voltei a atenção uma vez mais para a lista telefônica.

Éramos uma das últimas entradas e, quando descobri os "Encantamentos Vampíricos" impresso num *lettering* simpático, minhas sobrancelhas ergueram-se. Era um anúncio simpático, mais atraente do que os anúncios de página inteira que o rodeavam, com o esboço de uma mulher de aspeto misterioso, de chapéu e casaco comprido, a desvanecer-se em pano de fundo.

— "Rápido. Discreto. Sem perguntas" — disse eu, lendo. — "Tabela de preços variável. Opções de pagamento. Com seguro. Tarifas por semana, dia e hora" — sobre tudo aquilo, constavam os nossos três nomes, endereço e número de telefone. Não entendi. Não havia ali nada que levasse alguém a pensar numa casa de sangue ou mesmo num serviço de acompanhantes. Depois, vi as pequenas letras no fundo que remetiam para as entradas secundárias.

Percorri as folhas finas até à primeira entrada listada, descobrindo o mesmo anúncio. Em seguida, olhei com mais atenção; não para o nosso anúncio, mas para os que o rodeavam. Ai, caramba! Aquela mulher quase não tinha roupas, mostrando o corpo espevitado de um desenho animado. Meus olhos saltaram para o teto.

— Serviços de acompanhamento? — disse eu, corando perante os anúncios sensuais e sugestivos.

Meu olhar fixou-se de novo no nosso anúncio, as palavras tomavam agora um significado completamente novo. Sem perguntas? Tarifas por semana, ao dia ou por hora? Opções de pagamento? Apertando os lábios, fechei a lista, deixando-a de fora para conversar com Ivy sobre tudo aquilo. Não era de admirar que estivéssemos a receber chamadas... Estranhas.

Mais do que um pouco irada, aumentei o som e dirigi-me de novo para a cozinha, enquanto Magic Carpet Ride de Steppenwolf tentava o seu melhor para melhorar meu humor. A sugestão de uma corrente de ar, um ligeiríssimo odor do pavimento molhado, fez hesitar meus passos, fazendo com que a palma da mão estendida na minha direção, através da passagem para a cozinha, não me acertasse no maxilar.

— Deus santo! — praguejei, quando passei para a cozinha desviando-me, em vez de recuar para o corredor estreito. Lembrando-me dos filhos de Jenks, acedi à linha *Ley* dos fundos, mas nada fiz, a não ser encaixar-me, numa posição defensiva, entre a pia e o balcão da ilha. Quase engasgava quando vi quem se encontrava na entrada.

— Quen? — gaguejei, não abandonando minha posição defensiva enquanto o homem atlético e levemente enrugado me fitava, sem qualquer expressão. O chefe da segurança de Trent estava completamente vestido de preto, o *body* justo parecia-se vagamente com um uniforme. — Que raio está fazendo aqui? — perguntei eu. — Devia chamar a SI, sabe disso? E fazer com que arrastassem daqui o seu traseiro por ter entrado, ilegalmente, na minha cozinha! Se Trent quer me ver, ele que venha me visitar como todo mundo. Eu vou dizer-lhe que pode ir beber detergente, mas ele podia ter a gentileza de permitir que eu o fizesse em pessoa!

Quen abanou a cabeça.

— Tenho um problema, mas não creio que seja capaz de lidar com ele.

Eu fiz uma careta.

— Não me teste, Quen — praticamente rosnei. — Falhará.

— Veremos.

Foi todo o aviso que tive, pois o homem saltou usando a parede, dirigindo-se para mim.

Arquejando, desviei-me dele em vez de recuar como queria. Quen respirava segurança. Recuar faria apenas com que fosse apanhada. Com o coração a bater veloz, agarrei meu caldeirão de cobre para feitiços, amolgado, repleto de glacê branco e agitei-o na direção dele. Quen agarrou-o, puxando-me para frente. A adrenalina pulsou na minha cabeça, dolorosamente, enquanto eu o largava e ele atirou-o para o lado. Caiu ao chão com um estrondo rude e deslizou para o corredor.

Eu agarrei a cafeteira e atirei. O aparelho elétrico ficou preso pelo fio e a cafeteira de vidro caiu, estilhaçando-se no chão. Ele desviou-se, os olhos verdes irritados quando

se cruzaram com os meus, como se se perguntasse o que raio estava eu fazendo. Mas se ele me conseguisse agarrar, estava perdida. O armário dos amuletos estava perto, mas não tinha tempo para invocá-los. Ele preparou-se para saltar e, lembrando-me de como ele se tinha desviado de Piscary, com seus saltos incríveis, dirigi-me à minha tigela de dissolução. Cerrando os dentes com o esforço, virei-a.

Quen gritou, enojado, quando quarenta litros de água salgada jorraram pelo chão, misturando-se com o café e os estilhaços de vidro. Agitando os braços, escorregou. Equilibrei-me, apoiando-me no balcão da ilha, pisando os biscoitos cobertos de glacê e virando as embalagens de açúcar colorido. Agachando-me para evitar os utensílios pendurados, saltei com os pés à frente do corpo, quando ele se levantava. Meus pés acertaram-no no peito e caímos ambos ao chão.

Onde estavam todos? — pensei enquanto meu quadril batia no chão e eu gemia de dor. Eu estava a fazer barulho suficiente para acordar os mortos-vivos. Mas já que tal reboliço era mais comum do que o silêncio nos dias que corriam, o mais certo era que Ivy e Jenks o ignorassem, esperando que passasse. Deslizando, escapei-me de Quen. Procurando sem ver, tentei agarrar minha arma de bolas explosivas, que mantinha, propositadamente, a baixa altura. Agarrei nela. Os caldeirões de cobre ali arrumados rolaram pelo chão ruidosamente.

— Basta! — gritei eu, os braços rígidos enquanto me mantinha sentada na água salgada, apontando para ele. A arma estava carregada com bolas explosivas repletas de água, apenas para praticar, mas ele não sabia isso. — O que você quer?

Quen hesitou, a água desenhando manchas mais escuras nas suas calças pretas. O olho estremeceu. A adrenalina subia dentro dele. Ele ia arriscar. O instinto e a prática com Ivy fez com que apertasse o gatilho, quando ele saltou para cima da mesa, aterrando nela como um gato. Eu segui-o, disparando todas as bolas explosivas. Sua expressão tornou-se chocada quando parou agachado, virando a atenção de mim para as seis novas manchas de água na sua camisa justa. Maldição. Tinha falhado uma. De maxilar cerrado, seus olhos semicerraram-se enraivecidos.

— Água? — perguntou ele. — Tem a arma carregada com água?

— Teve sorte! — disse eu repentinamente. — O que quer de mim?

Ele abanou a cabeça e a minha respiração silvou quando senti uma sensação de queda interior. Ele estava a aceder à linha dos fundos. O pânico fez-me levantar e

sacudi o cabelo dos olhos. Daquele ponto vantajoso sobre a mesa, Quen endireitou-se completamente, movendo as mãos enquanto sussurrava em latim.

— Nem pense que vai fazer uma coisa dessas! — gritei eu, atirando na sua direção a minha arma de bolas explosivas. Ele agachou-se, e eu agarrei em tudo o que pude para lhe atirar, desesperada por impedir que terminasse o encantamento.

Quen desviou-se da embalagem de glacê. Esta bateu na parede deixando uma mancha verde. Agarrando na lata das bolachas, corri contornando o balcão, fazendo-a girar como uma tábua. Ele mergulhou da mesa para evitá-la, praguejando. Havia bolachas e doces vermelhos a voar por todos os lados. Eu segui-o, agarrando-o pelo joelho e atirando-nos a ambos ao chão com um ruído molhado. Ele contorceu-se, até os seus olhos verdes lívidos se cruzarem com os meus. Com movimentos frenéticos, enfiei bolachas ensopadas em água salgada na boca dele para que não pudesse invocar verbalmente o encantamento. Ele cuspiu-as na minha direção, o seu rosto profundamente bronzeado e marcado pelas bexigas vincado com uma expressão séria.

— Sua cadela… — conseguiu ele dizer e eu enfiei ainda mais bolachas na boca dele.

Os dentes dele cerraram-se em torno do meu dedo e eu guinchei, saltando para trás.

— Mordeu-me! — gritei furiosa. Tentei esmurrá-lo, mas ele conseguiu levantar-se, chocando contra as cadeiras.

Arquejando, levantou-se. Estava ensopado, coberto de água e manchas de açúcar colorido. Rosnando uma palavra inaudível, saltou. Endireitei-me num movimento súbito, para fugir. A dor atravessou-me quando ele me agarrou pelo cabelo e me fez girar, encerrando-me nos seus braços, de costas para o seu peito. Um braço envolveu-me o pescoço, sufocando-me. O outro deslizou por entre as minhas pernas, fazendo com que eu ficasse apoiada só num pé.

Furiosa, dei-lhe uma cotovelada no estômago com o braço livre.

— Tire as mãos… — resmunguei, saltitando para trás só com um pé — ...Do meu cabelo!

Cheguei à parede e empurrei-o contra ela. A respiração dele explodiu ao mesmo tempo em que eu lhe batia nas costelas e ele deixou de me apertar o pescoço. Virei-me para lhe bater com o antebraço no maxilar, mas ele tinha desaparecido. Eu estava a fitar

uma parede amarela. Guinchando, caí, as pernas puxadas de debaixo de mim. O peso dele aterrou em cima de mim, prendendo-me ao chão molhado, os meus braços por cima da cabeça.

— Ganhei — arquejou ele, enquanto subia em cima de mim, uma perna de cada lado do meu corpo, os olhos verdes fitando-me por baixo do cabelo desgrenhado.

Lutei sem qualquer resultado, irritada por algo tão parvo como peso corporal a decidir aquele confronto.

— Esqueceu-se de uma coisa, Quen — rosnei. — Tenho cinquenta e sete companheiros de quarto.

Sua testa, ligeiramente enrugada, franziu-se. Inspirando fundo, assobiei. Os olhos de Quen abriram-se muito. Rosnando em esforço, libertei a mão direita e bati com a palma no nariz dele. Ele recuou para se esquivar a ela e eu empurrei-o de cima de mim, rebolando. Ainda agachada, afastei meu cabelo molhado do caminho.

Quen tinha se levantado, mas não se estava a mover. Estava absolutamente imóvel, as palmas das mãos repletas de bolacha erguidas sobre a cabeça num gesto de aquiescência. Jenks pairava à sua frente, a espada que guardava para combater as fadas que tentassem invadir seu território apontada ao olho direito de Quen. O *pixy* parecia irritado, o pó de *pixy* soltava-se dele, traçando um raio de sol constante direito ao chão.

— Respira — ameaçou Jenks. — Pisca. Dá-me uma razão, sua aberração da natureza.

Endireitei-me com dificuldade, enquanto Ivy entrava na sala, movendo-se mais depressa do que eu julgara possível. O robe aberto e a flutuar, ela agarrou Quen pelo pescoço. As luzes tremeluziram e os utensílios de cozinha pendurados sobre a ilha agitaram-se quando ela o empurrou contra a parede ao lado da porta.

— O que fazendo aqui? — rosnou ela, os nós dos dedos brancos com a pressão. Jenks movera-se com Quen, a espada ainda a tocar no olho do homem.

— Espera! — exclamei eu, temendo que eles o matassem. Não que me importasse, mas depois o pessoal da SI invadiria a minha cozinha, já para não falar na papelada, nos montes de papelada. — Calma — disse numa voz calmante.

Meus olhos saltaram para Ivy, que ainda segurava Quen. Eu tinha açúcar glacê na mão e limpei-o nos meus jeans molhados, enquanto recuperava o fôlego. Estava manchada de água salgada e tinha migalhas de bolacha e açúcar no cabelo. A cozinha

tinha todo o aspecto de uma doceria que explodira. Semicerrei os olhos perante o glacê roxo preso ao teto. Quando é que aquilo aconteceu?

— Menina Morgan — disse Quen, depois gorgolejou quando Ivy apertou o seu pescoço ainda com mais força. A música que vinha da sala de estar desvaneceu-se e tornou-se numa conversa.

Tateei as costelas, estremecendo. Furiosa, avancei para o local onde ele se encontrava preso por Ivy.

— Menina Morgan? — gritei eu, a quinze centímetros do seu rosto vermelho. — Menina Morgan? Agora sou menina Morgan? Que raio se passa contigo! — gritei. — Entra assim em minha casa. Arruína os meus biscoitos. Sabe quanto tempo vou demorar a limpar tudo isto? — ele voltou a gorgolejar e a minha raiva começou a acalmar-se. Ivy fitava-o com uma intensidade chocante. O cheiro do seu medo tinha a levado além dos seus limites. Ela estava a revelar sua natureza de vampiro ao meio-dia. Aquilo não era bom e eu recuei um passo, subitamente mais séria.

— Hum, Ivy? — disse eu.

— Estou bem — disse ela com a voz rouca, seus olhos dizendo o contrário. — Queres que o sangre até que se cale?

— Não! — exclamei e senti mais uma queda interior. Quen estava a aceder à linha. Inspirei, alarmada. As coisas estavam a ficar fora de controle. Alguém se ia magoar. Queria estabelecer um círculo, mas este se ergueria à minha volta, não dele. — Larguem-no! — exigi. — Jenks, você também! — nenhum deles se moveu. — Agora!

Erguendo-o primeiro ao longo da parede, Ivy largou-o e afastou-se. Ele caiu ao chão enrolado sobre si próprio, a mão no pescoço enquanto descia violentamente. Lentamente, moveu as pernas para assumirem uma posição mais normal. Afastando dos olhos seu cabelo muito escuro, ele olhou para cima, deixando-se ficar sentado de pernas cruzadas e pés descalços.

— Morgan — disse ele roucamente, a mão escondendo a garganta —, preciso da tua ajuda.

Olhou de relance para Ivy, que estava a apertar o robe de seda preta.

Ele precisa da minha ajuda? Claaaaro.

— Está bem? — perguntei a Ivy, e ela acenou. O anel de castanho que permanecia nos seus olhos era demasiado fino para meu conforto, mas o Sol estava alto e a tensão na cozinha começava a acalmar-se. Vendo minha preocupação, ela apertou os lábios.

— Estou ótima — reiterou. — Quer que ligue para a SI agora, ou depois de matá-lo?

Percorri a cozinha com o olhar. Meus biscoitos estavam arruinados, jazendo em montes ensopados. As manchas de açúcar glacê na parede começavam a escorrer. A água salgada deslizava pela cozinha, ameaçando chegar ao tapete da sala de estar. Deixar que Ivy o matasse parecia muito boa ideia.

— Quero ouvir o que ele tem a dizer — disse eu, enquanto abria uma gaveta e punha três panos de prato junto à entrada para formarem um dique.

Os filhos de Jenks estavam a espreitar para nós a partir do corredor. O *pixy* furioso esfregou as asas uma na outra, emitindo um assobio agudo e eles desapareceram numa nuvem de ruído. Pegando numa quarta toalha, limpei o açúcar do cotovelo e fui me colocar à frente de Quen. De pés afastados e os punhos nos quadris, esperei. Devia ser algo importante, já que ele estava disposto a arriscar que Jenks descobrisse que ele era um elfo. Meus pensamentos viajaram até Ceri, do outro lado da rua, e a minha preocupação cresceu. Eu não ia permitir que Trent ficasse sabendo da sua existência. Ele a usaria, de certo, de uma forma muito má.

O elfo tateou as costelas através da camisa preta.

— Acho que é boa, mas estalou.

— Passei no teste? — disse eu, em tom sarcástico.

— Não. Mas é o melhor que consigo arranjar.

Ivy emitiu um som de descrença e Jenks desceu, colocando-se à sua frente e tendo o cuidado de se manter fora do seu alcance.

— Seu idiota — praguejou o homem de dez centímetros. — Podíamos ter te matado por três vezes.

Quen franziu o cenho.

— Nós. Era nela que eu estava interessado. Não em nós. Ela falhou.

— Suponho que isso queira dizer que vai embora — disse eu, sabendo que não teria essa sorte. Fitei sua atitude submissa e suspirei. Passava pouco do meio-dia. Os elfos dormiam quando o sol estava alto e a meio da noite, tal como os *pixies*. Quen estava ali sem que Trent soubesse. Sentindo-me mais segura, puxei uma cadeira e sentei-me, antes que Quen conseguisse ver minhas pernas a tremer. — Trent não sabe que está aqui — disse eu e ele acenou solenemente.

— É um problema meu, não dele — disse Quen. — Eu estou pagando, não ele.

Pestanejei, tentando disfarçar minha inquietação. Trent não sabia. Interessante.

— Tem um trabalho para mim sobre o qual ele nada sabe — disse eu. — O que é?

O olhar de Quen prendeu-se em Ivy e em Jenks. Irritada, cruzei as pernas e abanei a cabeça.

— Somos uma equipe. Não vou pedir que saiam só para que me possa revelar o problemazinho em que se meteu. A testa do elfo mais velho enrugou-se. Ele inspirou, furioso. — Ouça — disse eu, o meu polegar espetado e apontado para ele. — Não gosto de você. Jenks não gosta de você. E Ivy quer comê-lo. Comece a falar.

Ele ficou imóvel. Foi então que vi seu desespero, brilhando no fundo dos seus olhos como a luz sobre as águas.

— Tenho um problema — disse ele, o medo nada mais do que uma fina fita na sua voz baixa e controlada.

Olhou de relance para Ivy. Sua respiração tinha se tornado mais rápida e ela erguia-se com os braços a envolver o corpo, segurando o robe fechado. Parecia inquieta. O rosto pálido ainda mais branco do que o normal.

— O Sr. Kalamack vai assistir a um encontro social e…

Cerrei os lábios.

— Já recusei uma procura de prostitutas hoje.

Os olhos de Quen relampejaram.

— Cale-se — disse ele friamente. — Alguém está a interferir com os negócios secundários do Sr. Kalamack. O encontro é para que tentem chegar a um entendimento mútuo. Quero que esteja lá para garantir que não passe disso.

Entendimento mútuo? Tratava-se de uma festa para dizer "Sou mais forte do que você, saia da minha cidade".

— Saladan? — alvitrei.

Uma expressão de surpresa genuína desceu sobre ele.

— Conhece-o?

Jenks estava a esvoaçar sobre Quen, tentando perceber o que ele era. O *pixy* estava a ficar cada vez mais frustrado, as suas mudanças de direção tornando-se súbitas e acentuadas com estalos sonoros das suas asas de libelinha.

— Já ouvi falar dele — disse eu, pensando em Takata. Meus olhos semicerraram-se. — Porque haveria de me preocupar com a possibilidade de ele se ocupar com os negócios secundários de Trent? Estamos a falar de Enxofre, não é? — disse eu. — Bem, podem muito bem arriscar e arder no Inferno. Trent está matando pessoas, não que já não o tenha feito antes, mas agora está a matá-las sem qualquer motivo — a sensação de ultraje fez-me levantar. — Seu patrão não passa de coco de traça. Eu devia prendê-lo, não protegê-lo. E você — disse eu, mais alto, apontando para ele —, vale ainda menos do que coco de traça por não fazer nada e se limitar a assistir!

Quen corou, fazendo-me sentir muito melhor comigo mesma.

— É assim tão burra? — perguntou ele e eu fiquei rígida. — O Enxofre estragado não é do Sr. Kalamack; é do Saladan. A reunião é sobre isso mesmo. O Sr. Kalamack está a tentar tirá-lo das ruas e a menos que queira que Saladan tome conta da cidade, é melhor que comece a tentar manter o Sr. Kalamack vivo como os restantes. Vai aceitar o trabalho ou não? São dez mil.

De Jenks ergueu-se numa pulsação de surpresa ultrassônica que me fez doer os olhos.

— Pagamento adiantado — acrescentou Quen, retirando um fino maço de notas de algum lugar e atirando-o para os meus pés.

Olhei para o dinheiro. Não era suficiente. Um milhão de dólares não teria sido suficiente. Movi o pé e o fiz deslizar sobre o chão molhado em direção de Quen.

— Não.

— Aceita o dinheiro e deixa-o morrer, Rache — disse Jenks, do parapeito da janela iluminado pelo sol.

O elfo vestido de negro sorriu.

— Não é assim que a menina Morgan trabalha — seu rosto marcado pelas bexigas revelava confiança e eu odiei o olhar arrogante dos seus olhos verdes. — Se ela aceitar o dinheiro, protegerá o Sr. Kalamack até seu último sopro. Não é verdade?

— Não — disse eu, sabendo que seria assim. Mas eu não ia aceitar seus míseros dez mil.

— Vai aceitar o dinheiro e cumprir com a missão — disse Quen —, porque se não o fizer, vou contar ao mundo sobre os verões que passou naquele pequeno acampamento do pai dele. Você é a única pessoa que tem a mínima hipótese de mantê-lo vivo.

Senti meu rosto gelar.

— Canalha — sussurrei, recusando-me a sentir medo. — Por que é que não me deixam em paz? Por que eu? Acabou de limpar o chão comigo.

Os olhos dele afastaram-se dos meus.

— Estarão vampiros presentes — disse ele, suavemente. — Vampiros poderosos. Há possibilidade… — ele inspirou fundo e o seu olhar prendeu-se no meu. — Não sei se…

Abanei a cabeça, um pouco mais calma. Quen não revelaria nada. Trent sentiria algo irritado se me pegassem e me mandassem para a Antártida; ele ainda acalentava a esperança de me atrair para sua lista de empregados.

— Se tem medo de vampiros, o problema é seu — disse eu. — Não vou deixar que o torne um problema meu. Ivy, tira-o da minha cozinha.

Ela não se moveu e eu virei-me, a minha ira evaporando-se perante o olhar vazio estampado no seu rosto.

— Ele foi mordido — sussurrou ela, a hesitação carregada de desejo da sua voz, chocando-me. Dobrando-se sobre si própria, inclinou-se contra a parede, fechou os olhos e inspirou lentamente, assimilando o odor dele.

Os meus lábios abriram-se, compreendendo. Piscary tinha o mordido, mesmo antes de eu ter agredido o vampiro morto-vivo e deixado inconsciente. Quen era um Inderlander e, como tal, não podia contrair o vírus vampírico e ser transformado, mas

podia ficar mentalmente preso ao mestre vampiro. Minha mão subiu para o pescoço, meu rosto ficou gelado.

O Grande Al tinha assumido a forma e as habilidades de um vampiro quando me rasgara o pescoço e tentara matar. Tinha enchido minhas veias com o mesmo *cocktail* potente de neurotransmissores que agora percorriam as veias de Quen. Tratava-se de uma adaptação de sobrevivência que ajudava os vampiros a garantir um fornecimento de sangue voluntário e transformava a dor em prazer quando estimulado pelas feromônios vampíricos. Se o vampiro tivesse experiência suficiente, podia sensibilizar a resposta de forma que eles, e só eles, pudessem estimular a dentada, fazendo com que transmitisse sensações agradáveis, ligando a pessoa só a eles e impedindo o seu abastecimento privado de se tornar presa fácil.

Algaliarept não se dera ao trabalho de sensibilizar os neurotransmissores, já que estava tentando me matar. Fiquei, como tal, com uma cicatriz que qualquer vampiro poderia usar. Não pertencia a ninguém e, enquanto mantivesse os dentes de vampiro do lado correto da minha pele, não pertenceria. Na hierarquia do mundo vampírico, alguém mordido, mas sem ligação com um vampiro, encontrava-se no fundo da tabela, era um brinquedo de festas, uma sobra patética de tal forma ignorada que qualquer vampiro podia tomar aquilo que desejasse. As propriedades para reclamá-lo não duravam muito tempo, eram passadas de vampiro para vampiro, depressa drenadas da sua vitalidade e vontade, deixadas para apodrecer numa solidão confusa de traição, quando a lealdade da sua vida se tornasse visível no seu rosto. Eu estaria entre as suas fileiras se não fosse pela proteção de Ivy.

E Quen, ou tinha sido mordido e deixado para reclamar, como eu, ou mordido e reclamado por Piscary. Enquanto fitava o homem com piedade, decidi que ele tinha razão em ter medo. Vendo que eu tinha compreendido, Quen levantou-se lentamente. Ivy ficou tensa e eu ergui a mão, dizendo-lhe que estava tudo bem.

— Não sei se a dentada me uniu a ele ou não — disse Quen, a calma da sua voz incapaz de esconder o medo interior que sentia. — Não posso arriscar, permitindo que o Sr. Kalamack confie em mim. Posso… Ser distraído num momento sensível.

As ondas de felicidade e as promessas de prazer que se erguiam da mordida podiam de fato ser uma grande distração, mesmo no meio de um combate. A piedade fez-me avançar. Fios de suor deslizavam pelo seu rosto levemente enrugado. Ele era tão velho como o meu pai seria se ainda fosse vivo, com a força de um jovem de vinte anos e a resistência que só a maturidade concedia.

— Mais algum vampiro criou um formigueiro na sua cicatriz? — perguntei-lhe, pensando que se tratava de uma pergunta muitíssimo pessoal, mas que fora ele a procurar-me.

Sem nunca afastar o seu olhar do meu, ele respondeu:

— Ainda não me envolvi em qualquer situação durante a qual isso pudesse acontecer.

— Rache? — chamou Jenks e eu ouvi o matraquear das suas asas quando ele desceu e pairou ao meu lado.

— Nesse caso, não sei se Piscary te prendeu ou não — disse eu, depois estanquei ao compreender que a minha própria cicatriz emitia um formigueiro, enviando laivos de sensações mais profundas que me fizeram abrir os olhos em alerta. Quen ficou rígido. Os nossos olhos cruzaram-se e eu soube, pelo seu olhar assustado, que ele estava a sentir o mesmo.

— Rache! — gritou Jenks, as asas vermelhas quando ele se colocou mesmo à frente do meu rosto e me obrigou a recuar. — Quen não é o único com um problema!

Segui seu olhar assustado, para trás de mim até Ivy.

— Oh… Droga! — sussurrei.

Ivy tinha-se enroscado num canto, o robe aberto revelando a camisa de dormir de seda preta. Sua consciência estava perdida, seus olhos nada viam enquanto sua boca se movia. Estanquei, sem saber o que se estava a passar.

— Tira-o daqui — sussurrou ela, uma gota de saliva pingando dos dentes. — Oh, céus, Rachel. Ele não está ligado a ninguém. Piscary… Está na minha cabeça — ela arquejou inspirando. — Ele quer que eu o tome. Não sei se consigo parar. Tira Quen daqui!

Fitei-a, sem saber o que fazer.

— Tirem-no da minha cabeça! — gemeu ela. — Tira-o daqui!

Horrorizada, observei enquanto ela deslizava ao longo da parede dobrando-se sobre si própria, as mãos a tapar os ouvidos.

— Tira-o daqui!

Com o coração a bater veloz, virei-me para Quen. Meu pescoço era uma massa quente de promessas. Podia ver pela sua expressão que também sua cicatriz estava viva e quente. Deus me ajudasse, sabia bem.

— Abre a porta — disse a Jenks. Agarrando o braço de Quen, puxei-o para o corredor. De trás de nós, ergueu-se um gemido gutural e assustador. Comecei a correr, arrastando Quen atrás de mim. Quen ficou rígido quando entrámos no santuário, libertando-se.

— Você vai embora! — gritei, estendendo um braço na sua direção. — Agora!

Ele estava dobrado sobre si próprio e tremia, o que fazia com que aquele mestre de artes marciais parecesse vulnerável. As marcas da sua luta interna eram visíveis no seu rosto. Os olhos mostravam seu espírito quebrado.

— Vai acompanhar o Sr. Kalamack no meu lugar — disse ele, a voz alterada.

— Não, não vou.

Estendi um braço, tentando agarrá-lo. Recuperando subitamente a energia, saltou para trás.

— Vai acompanhar o Sr. Kalamack no meu lugar — repetiu ele, o rosto caindo de novo no desespero. — Ou eu cederei e entrarei naquela cozinha — o seu rosto contorceu-se, e eu entrei em pânico pensando que ele o poderia fazer, mesmo que não o quisesse. — Ele está sussurrando para mim, Morgan. Eu consigo ouvir através dela…

Fiquei com a boca seca. Meus pensamentos saltaram para Kisten. Se eu permitisse que ele me unisse a ele, podia acabar assim.

— Por que eu? — perguntei. — Há um universo de pessoas que são melhores em magia do que eu.

— Todos os outros usam apenas sua magia — arquejou ele, dobrado quase em dois. — Você usa-a como último recurso. Dá-lhe… Uma vantagem — ele arquejou. — Ela está enfraquecendo. Consigo senti-lo.

— Está bem! — reclamei. — Eu vou, inferno! Mas saia daqui!

Um som de agonia, como uma rajada de vento, deslizou dele.

— Ajude-me — sussurrou. — Já não consigo obrigar-me a mover-me.

Com o coração a bater, agarrei-lhe o braço e arrastei-o para a porta. Atrás de nós, erguia-se o grito de angústia torturada de Ivy. Meu estômago contorceu-se. O que estava eu a fazer, planejando um encontro com Kisten? Uma forte punhalada de luz refletida da neve penetrou na igreja enquanto Jenks e a sua prole trabalhavam com o elaborado sistema de roldanas que tínhamos montado para que pudessem abrir a porta. Quen hesitou perante a rajada de ar frio, que fez com que os *pixies* se escondessem.

— Saia! — exclamei eu, frustrada e temerosa, enquanto o puxava para os degraus.

Uma comprida limusine Grey Ghost esperava junto a calçada. Minha respiração silvou de alívio quando Jonathan, o principal lacaio de Trent, abriu a porta do lado do condutor e saiu. Nunca pensei que me sentiria feliz por ver aquele homem impressionantemente alto e desagradável. Eles estavam juntos naquilo, agindo atrás das costas de Trent. Tratava-se de um erro ainda maior do que o normal. Já o conseguia sentir. Quen arquejou enquanto eu o ajudava a descer os degraus.

— Tira-o daqui — exigi.

Jonathan abriu a porta do lado do passageiro com um gesto brusco.

— Vai fazê-lo? — perguntou, os lábios finos apertados enquanto ele fitava meu cabelo sujo de biscoitos e os jeans molhados.

— Sim! — empurrei Quen para o interior. Ele caiu no assento de couro, tombando como um bêbado. — Vá!

O elfo alto fechou a porta e fitou-me.

— O que ele fez? — disse ele friamente.

— Nada! É Piscary! Tire-o daqui!

Aparentemente satisfeito, ele avançou até ao lugar do condutor. Com um silêncio estranho, o carro arrancou. Eu deixei-me ficar no passeio gelado e tremi, vendo enquanto ele acelerava para longe, até fazer uma curva e desaparecer. Com a pulsação a abrandar, envolvi o corpo com os braços. O Sol de inverno era frio. Lentamente, virei-me para entrar, sem saber o que encontraria enroscado no chão da minha cozinha.



10

Observei-me no espelho, enquanto punha os brincos de argola, suficientemente grandes para Jenks se empoleirar neles. O pequeno vestido preto ficava-me bem e as botas acima do joelho me manteriam suficientemente quente. Não me pareceu que Kisten tivesse planejado um combate de bolas de neve no parque, por mais cafona e barato que isso fosse. E ele tinha dito para eu vestir algo bom. Virei-me de lado e olhei-me ao espelho. Aquilo era muito bom.

Agradada, sentei-me na cama e fechei as botas, deixando os últimos centímetros abertos para poder andar com mais facilidade. Não queria ficar muito excitada com o fato de ir sair com Kisten, mas a oportunidade para me aperaltar e divertir tinha sido tão pouco frequente ultimamente que era difícil não o fazer. Disse a mim mesma que podia estar a preparar-me para uma saída só de garotas e sentir-me assim. Não era Kisten; era o simples fato de sair. Desejando obter uma segunda opinião, saí para o corredor, os saltos a bater no chão, em busca de Ivy. A memória dela tentando escorraçar Piscary da sua mente era muito real.

O vampiro morto-vivo tinha desistido mal Quen partira, mas ela permanecera deveras submissa durante o resto do dia, recusando-se a falar daquilo enquanto me ajudava a limpar a cozinha. Agora, ela não queria que eu fosse sair com Kisten e eu

estava inclinada a concordar com ela de que se tratava de uma ideia idiota. Mas não se tratava de eu ser incapaz de afastar Kisten. Ele tinha dito que não me ia morder e eu não ia permitir que um momento de paixão me fizesse mudar de ideias. Nem agora, nem nunca.

Deslizei as mãos pelo meu vestido de festa brilhante enquanto entrava na sala de estar, hesitando enquanto esperava pela inspeção de Ivy. Enroscada no sofá, ela ergueu os olhos da revista. Não pude deixar de reparar que ela estava na mesma página do que quando eu fora mudar de roupa meia hora atrás.

— O que achas? — perguntei, traçando um círculo lento e sentindo-me alta nas minhas botas de saltos agulha.

Ela suspirou, fechando a revista e mantendo um dedo no meio das folhas para marcar a página.

— Acho que é um erro.

Franzi o cenho e olhei para mim mesma.

— Sim, tens razão — disse eu, enquanto os meus pensamentos viajavam até ao meu roupeiro. — Vou vestir outra coisa.

Virei-me para sair e ela atirou a revista através da sala, de tal forma que bateu na parede à minha frente.

— Não era isso que eu queria dizer! — e eu virei-me sobressaltada.

O rosto oval de Ivy estava tenso e as suas sobrancelhas finas cerradas quando ela se sentou direita na cadeira, incapaz de ficar quieta.

— Rachel… — disse ela num tom de súplica, e eu soube o caminho que aquela conversa ia tomar.

— Não vou deixar que ele me morda — disse eu, ficando irritada. — Sou uma menina crescida. Posso tomar conta de mim. E depois desta tarde, pode ter certeza de que seus dedos não vão se aproximar de mim.

Com a preocupação moldando-lhe os olhos castanhos, ela puxou as pernas para debaixo de si, o que lhe deu um ar de incerteza. Era uma postura que eu não lhe via muitas vezes. Ela fechou os olhos, enquanto suspirava, como se estivesse a se recompor.

— Está bonita — disse ela, e eu quase conseguia sentir a pressão sanguínea descer. — Não deixe que ele te morda — acrescentou ela suavemente. — Não quero ter de matar Kisten, se ele te prender a ele.

— Pode crer — disse eu, tentando aliviar o estado de espírito dela, enquanto saía, sabendo que isso podia acontecer. Seria a única forma de ter a certeza de que a ligação entre nós era quebrada. O tempo e a distância também acabariam por fazê-lo, mas Ivy não era conhecida por correr riscos. E estar ligada a ele, depois de me ter recusado a ligar-me a ela, seria mais do que ela era capaz de aguentar. Os saltos das minhas botas emitiram um matraquear mais lento enquanto eu regressava ao quarto, para vestir algo mais sutil. Aquela roupa pedia problemas.

Erguendo-me perante o roupeiro aberto, desviei os cabides de um lado para o outro, na esperança de que algo saltasse e dissesse "Veste-me! Veste-me!". Já tinha percorrido toda minha roupa e começava a pensar que não tinha nada que não fosse demasiado sensual e, ainda assim, suficientemente atraente para uma noite na cidade. Com todo o dinheiro que eu tinha gasto, no mês anterior, a encher o roupeiro, devia haver ali qualquer coisa. Senti o estômago apertado ao pensar na minha conta bancária que encolhia, mas Quen tinha deixado os seus dez mil no chão da cozinha. E eu tinha concordado em servir de babá de Trent…

O suave bater na porta sobressaltou-me e eu virei-me de repente, levando a mão à clavícula.

— Hum… — disse Ivy, com o seu sorriso de lábios apertados, revelando-me que ela tinha achado divertido o fato de me ter surpreendido.

— Desculpa. Eu sei que não vai deixar que ele te morda — ela ergueu uma mão comprida num gesto de exasperação. — É uma coisa de vampiros. Mais nada.

Acenei, compreendendo. Eu já vivia com Ivy há tempo suficiente para que os seus instintos inconscientes de vampiro me vissem como sua propriedade, mesmo que sua mente consciente soubesse que não era assim. Era por isso que eu já não lutava com ela, não lavava minhas roupas com as dela, não abordava questões sobre família e sangue, nem a seguia para fora de uma divisão quando ela partia abruptamente, no meio de uma conversa, sem qualquer motivo aparente. Tudo isso ativava seus instintos vampíricos e deixava-nos onde tínhamos estado há sete meses, lutando enquanto procurávamos descobrir uma forma de vivermos uma com a outra.

— Toma — disse Ivy, dando um passo para o interior do meu quarto e erguendo uma embalagem do tamanho de um punho embrulhada em folha de prata verde com um laço roxo. — É um presente. Pensei que talvez gostasses de usá-lo no teu encontro com o Kisten.

— Oh, Ivy! — exclamei eu, pegando a embalagem elaborada, obviamente embrulhada na loja. — Obrigada. Eu, hum, ainda não embrulhei o teu… — embrulhar? Ainda nem sequer o tinha comprado.

— Não faz mal — disse ela, obviamente agitada. — Eu ia esperar, mas pensei que o pudesse usar. No teu encontro — ela mexeu-se nervosa. Com os olhos ansiosos, fitou a caixa na minha mão. — Vamos. Abre-a.

— Está bem — sentei-me na cama, desmanchando, cuidadosamente, o laço de tecido e folha de metal, já que o poderia querer usar no ano seguinte. O papel tinha gravado o logótipo da Black Kiss e o movimento dos meus dedos abrandou, desejando prolongar o suspense. A Black Kiss era uma loja que vendia apenas para vampiros. Eu nem sequer ia ver suas vitrines. Seus funcionários sabiam, só de olhar para mim, que eu não teria dinheiro para comprar, sequer, um lencinho.

O papel saiu para revelar uma pequena caixa de madeira e, no interior, sobre uma almofada de veludo vermelho, uma garrafa de perfume de vidro talhado.

— Ooooh — murmurei. — Obrigada.

Ivy andava a comprar-me perfumes desde que eu mudara para ali, já que estávamos a tentar encontrar um cheiro que cobrisse o odor dela que se fixara em mim e que ajudasse a vergar as suas tendências vampíricas. Não se tratava do presente romântico que alguém poderia imaginar, mas uma espécie de antiafrodisíaco vampírico. Minha cômoda estava coberta com os restos de perfumes que tinham atingido diferentes graus de efetividade. Na verdade, o perfume era mais para ela do que para mim.

— É muito difícil de encontrar — disse ela, começando a assumir uma expressão desconfortável. — É preciso encomendá-lo especialmente. Foi o meu pai que me falou dele. Espero que goste.

— Hum — disse eu, abrindo-o e salpicando as minhas orelhas e os meus pulsos com algumas gotas. Inspirei profundamente, pensando que cheirava a bosques verdejantes com uma pitada de citrino: límpido e cristalino, com um toque de sombras escuras. Delicioso. — Oh, é maravilhoso — disse eu, aproximando-me para lhe dar um

abraço rápido e inesperado. Ela ficou muito quieta e eu afastei-me, começando a remexer na minha cômoda fingindo não ter reparado na sua surpresa.

— Hum — disse ela, e eu virei-me, descobrindo nela uma expressão divertida. — Funciona.

— O quê… — disse eu, desconfiada, perguntando-me o que teria posto.

O olhar dela percorreu a divisão antes de se pousar no meu.

— Bloqueia o sentido de olfato de um vampiro — disse ela. — Pelo menos os aromas mais sensíveis que penetram no nosso inconsciente — ela dirigiu-me um sorriso torto que a fazia parecer inofensiva. — Não consigo cheirar tudo.

— Legal — disse eu, impressionada. — Devia usá-lo a toda a hora.

A expressão de Ivy assumiu um ar de culpa sutil.

— Podia, mas eu consegui a última garrafa e não sei se o voltarei a encontrar.

Acenei. Ela queria com isto dizer que era mais dispendioso do que cinco litros de água na lua.

— Obrigada, Ivy — disse, com sinceridade.

— Não tem de quê — o sorriso dela era genuíno. — Feliz Solstício antecipado — sua atenção viajou para frente da igreja. — Ele chegou.

O ronco do motor de um carro parado atravessou a fina janela de vitral. Inspirei fundo e olhei de relance para o relógio ao lado da minha cama.

— Em ponto.

Virei-me para ela, implorando-lhe com o olhar que abrisse a porta.

— Não — ela sorriu, revelando, inconscientemente, um pouco dos dentes. — Abre você.

Ela voltou-me as costas e partiu. Eu olhei para mim mesma, pensando que aquilo que trazia vestido era muitíssimo inapropriado e no fato de ter de ir abrir a porta assim vestida.

— Ivy… — queixei-me, enquanto a seguia para fora do quarto. Ela nunca abrandou, erguendo uma mão em sinal de recusa, enquanto avançava para a cozinha. — Ótimo — murmurei, os saltos das botas matraqueando o chão até à frente da igreja.

Acendi as luzes no santuário ao passar, o brilho alto e ténue pouco fazendo para iluminar a divisão. Passava da uma da manhã e os *pixies* estavam todos em segurança, aninhados na minha escrivaninha, até por volta das quatro, hora em que acordariam. Não havia luz no hall e eu perguntei-me se deveríamos fazer algo em relação a isso, enquanto abria um dos lados da pesada porta de madeira. Com o som suave dos sapatos a esmagar o sal grosso, Kisten desviou-se.

— Olá, Rachel — disse ele, os olhos percorrendo minhas roupas. Um ténue esticar da pele ao redor dos olhos dele, disse-me que eu tinha calculado corretamente; eu não estava vestida para o que quer que fosse que ele tinha planeado. Desejei saber o que é que ele trazia vestido sob o casaco de lã cinzento maravilhoso que ele envergava. Descia até o cano das suas botas e parecia cheio de classe. Também tinha feito a barba, os curtos pelos que lhe costumavam cobrir o rosto tinham desaparecido, dando-lhe um aspecto polido que não estava habituada a ver nele.

— Não é isso que vou usar — disse eu, como forma de saudação. — Entra. Só preciso de um minuto para mudar.

— Claro — além dele, junto a calçada, estava estacionado o seu Corvette preto, a neve leve derretia-se ao cair sobre ele. Ele esgueirou-se para lá de mim e eu fechei a porta.

— A Ivy está na cozinha — disse eu, começando a regressar ao meu quarto, seus passos suaves seguindo-me de perto. — Ela teve uma tarde complicada. Recusa-se a falar comigo sobre isso, mas talvez fale contigo.

— Ela ligou — disse ele, a cuidadosa cadência das suas palavras dizendo-me que ele sabia que Piscary tinha tentado impor seu domínio sobre ela. — Vai calçar umas botas diferentes, certo?

Eu parei repentinamente, junto à porta do meu quarto.

— O que há de errado com as minhas botas? — perguntei eu, pensando que era a única coisa que ia manter… A única coisa daquele conjunto, não a única coisa que ia manter vestida.

Ele olhou para elas, as sobrancelhas pintadas de loiro erguidas.

— Têm o quê, doze centímetros?

— Sim.

— O chão está gelado. Vai escorregar e cair de bunda — seus olhos azuis abriram-se muito. — Queria dizer, sobre o traseiro.

Um sorriso atravessou-me o rosto ao pensar no fato de ele estar a tentar não praguejar à minha frente.

— Fazem tão alta como tu, também — disse eu com ar satisfeito.

— Já reparei — ele hesitou. Com uma pequena risada, deslizou para lá de mim e entrou no meu quarto.

— Hei! — protestei, quando ele avançou diretamente para o meu roupeiro. — Sai do meu quarto!

Ignorando-me, ele avançou até à parte do fundo do roupeiro, onde eu guardava tudo aquilo de que não gostava.

— Vi aqui qualquer coisa outro dia — disse ele, emitindo uma pequena exclamação enquanto se inclinava para tocar em qualquer coisa. — Toma — disse ele, erguendo um par de botas pretas e monótonas. — Começa com estas.

— Essas? — queixei-me, enquanto ele as pousava e voltava a enfiar os braços no armário. — Essas não têm qualquer salto. Além disso, já têm quatro anos e estão fora de moda. E o que andava a fazer no meu roupeiro?

— São botas clássicas — disse Kisten, insultado. — Nunca saem de moda. Calça-as. — ele voltou a vasculhar o interior, através do tato, já que era impossível ver o que quer que fosse no fundo do roupeiro. Meu rosto ficou vermelho quando vi um vestido velho que me tinha esquecido que possuía. — Oh, isto é mesmo horrível — disse ele, e eu arranquei de suas mãos.

— É para entrevistas — disse eu. — É suposto ser feio.

— Joga fora. Mas guarda as calças. Vai usá-las esta noite.

— Não vou não! — protestei. — Kisten, sou plenamente capaz de escolher minha própria roupa!

Silenciosamente, ele ergueu as sobrancelhas, depois se voltou para o roupeiro e retirou do seu interior uma camisa de manga comprida, da minha seção "não me toque", que minha mãe me tinha comprado três anos antes. Eu não tivera coragem para dá-la, já que era de seda, embora fosse tão comprida que me chegava a meio da coxa.

Era demasiado decotada e fazia com que o meu pequeno peito parecesse ainda mais liso.

— Isso também — disse ele, e eu abanei a cabeça.

— Não — disse com firmeza. — É demasiado comprida e parece-se com algo que a minha mãe usaria.

— Nesse caso, sua mãe tem melhor gosto do que você — disse ele, bem-humorado. — Usa uma camisola por baixo dele e, pelo amor de Deus, não enfie nas calças.

— Kisten, sai do meu roupeiro!

Mas ele voltou a enfiar os braços no seu interior, curvando a cabeça sobre algo pequeno que segurava entre as mãos, enquanto se endireitava. Pensei que pudesse tratar-se da horrenda bolsa de lantejoulas que eu desejava nunca ter comprado, mas fiquei mortificada quando ele se voltou, segurando um livro de aspeto inócuo. Não tinha qualquer título e a sua capa era de pele castanha e suave. O brilho nos olhos de Kisten dizia-me que ele sabia do que se tratava.

— Dá-me isso — disse eu, estendendo um braço na sua direção.

Com um sorriso maldoso, Kisten segurou-o por cima da cabeça. O mais certo é que eu ainda conseguisse pegar, mas tinha de trepar por ele acima.

— Bem, bem, bem… — disse ele com a voz arrastada. — Menina Morgan. Chocou-me e deliciou-me. Onde é que arranjaste uma cópia do guia para encontros com os mortos-vivos de Rynn Cormel?

Apertei os lábios e espumei, vendo-me entre a espada e a parede. Erguendo uma anca, nada mais pude fazer enquanto ele dava um passo, afastando-se de mim e o folheava.

— Já o leu? — perguntou ele, depois emitiu um gemido de surpresa, ao parar em determinada página. — Já me tinha esquecido este. Será que ainda sou capaz de fazê-lo?

— Sim, li — estendi a mão. — Dá-me.

Kisten afastou a atenção das páginas, suas mãos longas e masculinas segurando o livro aberto. Os olhos tinham se tornado ligeiramente pretos e eu praguejei, ao sentir um arrepio de excitação percorrer-me. Malditos feromônios.

— Ooooh, é importante para você — disse Kisten, olhando de relance através da porta, quando Ivy bateu com qualquer coisa na cozinha. — Rachel… — disse ele, sua voz mais suave quando ele se aproximou. — Conheces todos os meus segredos — sem olhar, seus dedos dobraram o canto de uma das páginas. — O que me enlouquece. O que me faz, instintivamente, passar… Para… O outro lado… — ele disse a última palavra cuidadosamente e eu refreei um arrepio delicioso. — Sabe como… Me manipular — murmurou ele, o livro pendendo das suas mãos desatentas. — As bruxas também têm um manual?

De alguma forma, ele aproximara-se até ficar a meio metro de mim e eu nem sequer me lembrava de ele ter se movido. O cheiro do seu casaco de lã era forte e, sob ele, erguia-se o odor potente do couro. Desorientada, arranquei o livro das suas mãos e Kisten recuou um passo.

— Isso... — murmurei. — Ivy ofereceu para que eu parasse de fazer coisas que a excitavam. Foi tudo — enfiei-o debaixo da minha almofada e o sorriso dele cresceu. Maldição, se ele me tocasse eu ia bater nele.

— É aí que pertence — disse ele. — Não no interior de um armário. Mantém-no por perto, para referência rápida.

— Sai — disse eu, apontando.

Com o casaco comprido esvoaçando sobre os sapatos, ele dirigiu-se à porta, todos os seus movimentos encerrando uma graça sedutora e confiante.

— Prende o cabelo — disse ele, enquanto atravessava, bamboleando-se, a entrada. O seu rosto abriu-se num sorriso, revelando seus dentes. — Gosto do teu pescoço. Página doze, terceiro parágrafo — ele lambeu os lábios, escondendo os caninos tão depressa como os revelara.

— Sai! — gritei, dando dois passos e fechado a porta com estrondo. Espumando de raiva, virei-me para as roupas que ele tinha disposto sobre a minha cama, contente por tê-la feito nessa tarde. Um suave formigueiro no meu pescoço fez-me erguer a mão e pressionei a palma contra ele, desejando que parasse. Fitei a minha almofada, depois puxei o livro de debaixo dela. Tinha sido Rynn Cormel a escrevê-lo? Bolas, o homem tinha dirigido sozinho o país durante a Viragem e ainda lhe restara tempo para escrever o manual sexual de vampiros?

Um odor de lilás ergueu-se do livro, quando eu o abri na página marcada. Estava preparada para tudo, tendo já folheado o livro duas vezes, ficando mais chocada do que

excitada, mas era simplesmente sobre o uso de colares para enviar mensagens ao amante. Aparentemente, quanto mais se tapava o pescoço, mais se convidava o outro a mordê-lo. As rendas brilhantes e góticas que eram tão populares nos tempos correntes equivaliam a passear de combinação. Apresentar-se com o pescoço completamente nu, era quase tão mau, uma deliciosa afirmação de virgindade vampírica, completa e absolutamente excitante.

— Hum — murmurei, fechando o livro e pousando-o sobre a minha nova mesa de cabeceira. Talvez precisasse voltar a ler. Meu olhar regressou a roupa que Kisten tinha escolhido para mim. Parecia desmazelado, mas experimentaria e quando Ivy lhe dissesse que eu parecia ter quarenta anos, ele bem que podia esperar mais dez minutos enquanto eu voltava a mudar de roupa.

Com movimentos rápidos, tirei as botas e atirei-as para o lado com um baque surdo. Tinha-me esquecido que as calças cinzentas estavam forradas de seda e elas transmitiram uma sensação agradável ao deslizar pelas minhas pernas. Escolhi um top sem costas preto – sem a ajuda de Kisten – e vesti a camisa comprida por cima dele. Não fazia nada para me revelar as curvas e eu virei-me para o espelho franzindo o cenho.

Estaquei perante o meu reflexo, chocada.

— Maldição — sussurrei. Eu ficara bem no meu vestido preto e nas minhas botas. Mas naquilo? Naquilo parecia… Sofisticada. Recordando-me da página doze, procurei minha corrente de ouro mais comprida e passei-a em laços sobre a cabeça. — Dupla maldição — sussurrei, virando-me para poder ver meu reflexo de um ângulo diferente.

Minhas curvas tinham desaparecido, escondidas atrás das linhas direitas e simples, mas as calças modestas, a camisa de seda e a corrente de ouro gritavam confiança e riqueza casual. Agora, minha pele pálida era de um suave tom de alabastro, em vez de branca e doentia e minha estrutura atlética parecia esguia. Era um *look* diferente para mim. Eu não sabia que podia dar um aspeto de classe alta.

Hesitante, afastei o cabelo do pescoço e segurei-o por cima da cabeça.

— Uou — sussurrei, quando meu ar passou de sofisticada a elegante. Ficar com tão bom aspecto prevalecia sobre o embaraço de permitir que Kisten soubesse que me conseguia vestir melhor do que eu o fazia a mim própria.

Vasculhando numa gaveta, encontrei e invoquei meu último amuleto para domar o frisado do meu cabelo, depois prendi, soltando algumas madeixas que caíam ao redor das minhas orelhas. Pus um pouco mais do meu novo perfume, verifiquei a

maquiagem, escondi o amuleto para domar o cabelo atrás da camisa e depois agarrei uma pequena bolsinha de mão com fivela, já que a minha normal bolsa de trazer ao ombro arruinaria tudo. A falta dos meus amuletos habituais fez-me hesitar, mas tratava-se de um encontro, não de uma missão. E, de qualquer forma, se eu tivesse que lutar contra Kisten iria usar magia das linhas *Ley*.

Minhas botas sem salto eram silenciosas quando eu deixei meu quarto e segui o som suave dos murmúrios de Kisten e Ivy até ao santuário iluminado com uma luz âmbar. Hesitei junto à porta, olhando para o interior. Eles tinham acordado os *pixies*, que esvoaçavam por todo o lado, concentrando-se sobre o piano de cauda de Ivy enquanto jogavam à apanhada entre os fios e os batentes. Havia um ténue zumbido a agitar o ar e compreendi que as vibrações das suas asas estavam a fazer ressoar as cordas.

Ivy e Kisten erguiam-se junto à passagem para o hall. Ela tinha estampado no rosto o mesmo olhar inquieto e desafiante que me mostrara mais cedo, quando se recusara a falar comigo. Kisten estava próximo, obviamente preocupado, com uma mão pousada no ombro dela. Tossi, limpando a garganta, para chamar a atenção deles e a mão de Kisten desceu-lhe do ombro. A atitude de Ivy regressou à sua normal equanimidade, mas eu podia ver sua confiança estilhaçada por baixo dela.

— Oh, assim está melhor — disse Kisten, enquanto se virava, os olhos pousando por breves instantes no meu colar.

Ele tinha desabotoado o casaco e eu percorri sua figura com os olhos, apreciando o que via, enquanto me aproximava. Não era de admirar que ele me tivesse querido vestir. Estava com um aspeto fabuloso: terno italiano azul escuro, com uma risca, sapatos brilhantes, cabelo penteado para trás e a cheirar ligeiramente a shampoo… E a sorrir para mim com uma confiança atraente. A corrente que usava normalmente estava escondida atrás do colarinho da camisa branca engomada. Uma gravata de bom gosto aconchegava-a contra o pescoço e a corrente de um relógio emergia de um bolso do colete, atravessava a casa de um botão e entrava no outro bolso do colete. Olhando para a sua cintura estreita, os ombros largos e os quadris esguios, não havia nada com que reclamar. Absolutamente nada.

Ivy pestanejou enquanto me observava.

— Quando é que comprou isso? — perguntou ela e eu sorri francamente.

— Foi Kist que a encontrou no meu armário — disse eu, alegremente, e essa seria a única admissão da minha falta de requinte que ele ia obter.

Tratava-se de um encontro, por isso fui-me colocar ao lado de Kisten; Nick teria recebido um beijo, mas tendo em consideração que Ivy e Jenks pairavam – no caso de Jenks, literalmente – nas redondezas, era necessário um pouco de discrição. Mais importante do que isso, ele não era Nick.

Jenks aterrou no ombro de Ivy.

— Preciso dizer alguma coisa? — perguntou o *pixy* a Kisten, as mãos nos quadris dando-lhe a aparência de um pai protetor.

— Não, senhor — disse Kisten, absolutamente sério e eu lutei para impedir que um sorriso me marcasse o rosto.

A imagem de um *pixy* de dez centímetros a ameaçar um vampiro vivo com mais de um metro e oitenta teria sido ridícula se Kisten não o estivesse a levar a sério. O aviso de Jenks era real e ele era muito capaz de fazê-lo cumprir. A única coisa mais imparável do que as fadas assassinas eram os *pixies*. Eles podiam dominar o mundo se assim o desejassem.

— Ótimo — disse Jenks, aparentemente satisfeito.

Eu deixei-me ficar ao lado de Kisten e balancei-me para trás e para frente, duas vezes, sobre os saltos baixos, fitando a todos. Ninguém disse uma palavra. Aquilo era mesmo muito estranho.

— Está pronto? — acabei por perguntar.

Jenks fungou e esvoaçou para reunir os filhos e os conduzir à escrivaninha. Ivy dirigiu a Kisten um último olhar e abandonou o santuário. Mais depressa do que seria de esperar, a televisão foi ligada. Percorri Kisten com o olhar, pensando que ele parecia tão diferente da sua normal imagem como uma cabra de uma árvore.

— Kisten — disse eu, levando uma mão ao colar. — O que isso… Significa?

Ele inclinou-se para mim.

— Confiança. Não está à procura de nada, mas é uma marota atrás das portas fechadas.

Refreei um arrepio de excitação quando ele se afastou. Está bem. Isso… Funciona.

— Deixa-me ajudar com o teu casaco — disse ele e um som de decepção ergueu-se de mim enquanto o seguia para o hall de entrada. Meu casaco. Meu feio, feio casaco com o pelo falso ao redor do colarinho. — Au — exclamou Kisten, a testa franzida na luz fraca que chegava até ali vinda do santuário quando o viu. — Fazemos assim — ele tirou o casaco. — É unissex.

— Ora, espera aí — protestei eu, recuando antes que ele me pudesse vestir. — Sou mais esperta do que isso, dentinho. Vou acabar a cheirar como tu. Este é um encontro platônico e eu não vou quebrar a primeiríssima regra misturando nossos cheiros antes de ter sequer saído da minha igreja.

Ele sorriu, seus dentes brancos a brilhar na luz ténue.

— Me pegou — admitiu ele. — Mas o que vai usar? Aquilo?

Encolhi-me, a tensão revelando-se no meu rosto, quando olhei para o casaco.

— Está bem — concordei, não querendo arruinar minha nova imagem de elegância com o pelo falso e o nylon. E havia o meu novo perfume… —, mas eu não vou vestir isso para misturar intencionalmente os nossos cheiros. Compreendeste?

Ele acenou, mas seu sorriso fez-me pensar que ele julgava o contrário e eu deixei-o ajudar-me a vestir o casaco. Meu olhar tornou-se distante quando seu peso desceu sobre os meus ombros, reconfortante e quente. Kisten podia não ser capaz de sentir o meu cheiro, mas eu podia sentir o cheiro de Kisten e o que restava do seu calor corporal entranhou-se em mim. Couro, pele e um ténue toque de pós-barba de odor agradável faziam uma mistura que tornava quase impossível não suspirar.

— Vai ficar bem? — perguntei, vendo que ele agora tinha apenas o casaco do terno.

— O carro já está quente — ele interceptou meu braço que se dirigia para a porta, a sua mão tocando na minha sobre a maçaneta. — Permite-me — disse ele, galantemente. — Isto é um encontro. Deixa-me agir como tal.

Pensando que ele estava a ser tolo, deixei-o, ainda assim, abrir a porta e segurar no meu braço enquanto me ajudava a descer os degraus levemente cobertos de neve. A neve tinha começado a cair pouco depois do pôr do sol e as horríveis manchas cinzentas deixadas pelo caminhão que limpava a neve tinham sido cobertas por um branco imaculado. O ar estava seco e frio e não havia vento. Não me senti surpreendida quando ele se distanciou de mim para abrir a porta do carro e não pude deixar de me

sentir especial enquanto me sentava. Kisten fechou a porta e apressou-se a contornar a frente do carro. Os assentos de couro estavam quentes e não havia nenhum pinheiro de cartão pendurado no espelho retrovisor. Dei uma rápida olhadela aos CD que se encontravam no *tablier* enquanto ele entrava. Iam de Korn a Jeff Beck e incluíam, até, um coro de monges. Ele ouvia monges?

Kisten instalou-se. Mal ligou o carro, virou o aquecimento para o máximo. Eu afundei-me no assento, apreciando o profundo roncar do motor. Era mais forte do que o meu pequeno carro, vibrando através de mim como um trovão. O couro, também, era de melhor qualidade e o mogno do *tablier* era verdadeiro, não falso. Eu era uma bruxa; sabia bem.

Recusei-me a comparar o carro de Kisten com a horrível *pick-up* cheia de correntes de ar de Nick, mas era difícil não o fazer. E eu gostava de ser tratada como se fosse especial. Não que Nick não me fizesse sentir especial, mas aquilo era diferente. Era divertido aperaltar-se, mesmo que acabássemos comendo numa lanchonete. O que era uma possibilidade muito real, tendo em conta que Kisten só tinha sessenta dólares para gastar. Olhando de relance para ele, ao meu lado, percebi-me que não me importava.



11

— Então — disse eu, lentamente, enquanto lutava contra o impulso de levar a mão ao fecho da porta para impedi-la de se abrir quando atravessámos os caminhos de ferro. — Para onde vamos?

Kisten dirigiu-me um sorriso de esguelha, as luzes do carro que seguia atrás de nós iluminando-o.

— Vai ver.

Ergui as sobrancelhas e inspirei fundo, pronta a insistir com ele para que desse mais pormenor, quando um toque suave se ergueu do seu bolso. Meu espírito brincalhão desapareceu, substituído por irritação quando ele me dirigiu um olhar e levou a mão ao telefone.

— Espero que isso não vá acontecer toda a noite — murmurei, pousando o cotovelo no apoio da porta e fitando a escuridão. — Pode dar a volta e levar-me para casa se vai ser assim. Nick nunca atendia o celular quando saíamos juntos.

— Nick também não estava a tentar gerir meia cidade — Kisten abriu a tampa prateada. — Sim? — disse ele, a forte irritação na sua voz fazendo-me tirar o cotovelo da porta e chamando minha atenção para ele. O som abafado e pequeno de uma súplica

erguia-se do celular. Ao fundo, podia ouvir música animada. — Está brincando — a atenção de Kisten saltou da estrada para mim e de volta para a estrada. Seus olhos mostravam uma mistura de incômodo e descrença. — Bem, vai lá e abre a pista.

— Já tentei! — gritou a vozinha. — São uns verdadeiros animais, Kist. Uns malditos selvagens! — a voz desvaneceu-se num pânico irreconhecível e agudo.

Kisten suspirou enquanto olhava para mim.

— Está bem, está bem. Vamos passar por aí. Eu trato de tudo.

A voz do outro lado suspirou de alívio, mas Kisten não se deu ao trabalho de ouvir, fechado o telefone e guardando-o.

— Desculpe, querida — disse ele com aquele seu sotaque ridículo. — Uma paradinha rápida. Só cinco minutos, prometo.

E aquilo tinha começado tão bem.

— Cinco minutos? — perguntei. — Alguma coisa vai ter de ceder — ameacei eu, meio séria. — Ou o telefone, ou essa pronúncia.

— Oh! — disse ele, levando a mão ao peito num gesto dramático. — Ferido até ao meu âmago — ele olhou para mim de lado, claramente aliviado por eu estar a levar tão bem aquilo. — Não posso passar sem meu telefone. A pronúncia vai ter de sair... — ele sorriu. — ...Minha querida.

— Oh, por favor — gemi, apreciando a ligeira troca de palavras. Tinha sido tão cuidadosa perto de Nick, há tanto tempo, temendo dizer qualquer coisa que pudesse tornar tudo pior. Pelo visto, já não tinha que me preocupar com isso.

Não fiquei surpreendida quando Kisten virou em direção à beira d'água. Eu já tinha calculado que os problemas fossem na pizzaria Piscary's. Desde que perdera sua licença pública mista, no último outono, tinha passado a receber uma clientela estritamente vampira e, pelo que ouvira dizer, Kisten estava a obter lucros. Era o único estabelecimento com boa reputação em Cincinnati, sem uma LPM, a fazê-lo.

— Selvagens? — questionei, quando paramos no estacionamento do restaurante de dois pisos.

— Mike está sendo dramático — disse Kisten, enquanto estacionava num local reservado. — É só um bando de mulheres — ele saiu do carro e eu deixei-me ficar sentada, as mãos no colo, enquanto ele fechava a porta do seu lado. Eu teria esperado

que ele deixasse o carro ligado para mim. Minha cabeça ergueu-se repentinamente, quando ele abriu a porta do meu lado e eu fitei-o com uma expressão vazia.

— Não vai entrar? — perguntou ele, baixando-se enquanto a brisa fria que se erguia do rio lhe agitava as madeixas. — Está um gelo aqui fora.

— Oh, deveria? — gaguejei, surpreendida. — Perdeste a tua LPM.

Kisten estendeu um braço pedindo que lhe desse a mão.

— Acho que não tens de se preocupar.

O chão estava gelado e eu senti-me feliz por ter calçado as botas baixas, quando saí do carro.

— Mas não tens um LPM — repeti. O estacionamento estava cheio e ver vampiros a sangrar uns aos outros não devia ser uma imagem agradável. E se eu entrasse ali, por vontade própria, sabendo que o estabelecimento não tinha LPM, a lei não me protegeria caso algo corresse mal.

O casaco de Kisten era comprido, arrastando-se no chão enquanto ele me segurava no braço e acompanhava até à entrada coberta por um toldo.

— Aqui todos sabem que deixaste Piscary inconsciente — disse ele suavemente, tão perto do meu ouvido que eu senti a sua respiração no rosto. — Nenhum deles se atreveria, sequer, a pensar em fazê-lo. Além disso, podias tê-lo matado e não o fizeste. É preciso mais coragem para deixar um vampiro vivo do que para matá-lo. Ninguém vai se meter contigo — ele abriu a porta e a luz e a música jorraram para o exterior. — Ou é o sangue, que te preocupa? — perguntou ele, enquanto eu hesitava.

Fixei nele os olhos e acenei, não me preocupando com o fato de ele poder ver a minha apreensão. Com uma expressão distante, Kisten impeliu-me gentilmente para frente.

— Não vai ver nenhum — disse ele. — Todos os que aqui vêm, fazem-no para relaxar, não para alimentar seu animal interior. Este é o único local em Cincinnati onde os vampiros se podem mostrar em público sendo eles mesmos, sem ter de corresponder a uma ideia que os humanos, os bruxos ou os *animalomens* têm daquilo que devemos ser e de como devemos agir. Não haverá sangue algum, a menos que alguém se corte ao abrir uma cerveja.

Ainda insegura, deixei que ele me guiasse, parando logo ao entrar, enquanto ele sacudia a neve dos sapatos. A primeira coisa que senti foi o calor que vinha do interior e não me pareceu que fosse originário apenas da lareira na extremidade mais longínqua da sala. Devia estar perto dos trinta graus, o calor transportando consigo o aroma agradável do incenso e das coisas escuras. Inspirei profundamente, enquanto abria o casaco de Kisten e o calor parecia instalar-se no meu cérebro, relaxando-me de uma forma que um banho quente e uma boa refeição eram incapazes de fazer.

Um assomo de inquietude arruinou a sensação, quando um vampiro vivo avançou com uma rapidez inquietante. Seus ombros pareciam tão largos como eu era alta e devia pesar mais de cento e trinta quilos. Mas seus olhos eram vivos, revelando uma inteligência rápida e seu corpo musculoso movia-se com aquela graça sensual da maior parte dos vampiros.

— Lamento — disse ele, com a pronúncia dos *bodybuilders* quando se aproximou. Tinha uma mão estendida, não para me tocar, mas claramente indicando que eu devia partir. — A pizzaria Piscary's perdeu seu LPM. Só recebemos vampiros.

Kisten deslizou por trás de mim e ajudou-me a despir o casaco.

— Olá, Steve. Há algum problema esta noite?

— Sr. Felps — exclamou suavemente o homem grande, o seu discurso assumindo uma pronúncia educada que se adequava à inteligência que os seus olhos não conseguiam esconder. — Não estava à sua espera senão mais tarde. Não. Problema algum a não ser com Mike, no andar de cima. Aqui em baixo, estamos todos calmos — com os seus olhos castanhos numa expressão estranha, olhou para mim de relance. — Desculpe, minha senhora. Não sabia que estava com o Sr. Felps.

Deparando-me com uma oportunidade de ouro para bisbilhotar, sorri.

— O Sr. Felps traz muitas vezes jovens mulheres que não são vampiras ao seu clube? — perguntei.

— Não, minha senhora — disse o homem, de forma tão natural e que eu tive de acreditar.

Suas palavras e ações eram de tal forma inócuas e não vampíricas que eu tive de cheirar duas vezes para me assegurar de que ele era um. Não tinha compreendido o quanto da identidade vampírica tinha origem na atitude. E enquanto percorria com os

olhos o piso inferior, concluí que se assemelhava em muito a um restaurante fino, mais mundano do que quando tinha a sua LPM.

Os criados estavam adequadamente vestidos, com a maior parte das suas cicatrizes escondidas e moviam-se com uma rapidez eficiente que não era minimamente provocatória. Meu olhar percorreu as fotografias sobre o bar, fazendo-me vacilar quando vi uma fotografia desfocada de Ivy usando seu típico traje de couro, conduzindo sua moto com uma ratazana e um visom empoleirados sobre o depósito de combustível. Oh, céus! Alguém nos tinha visto.

Kisten dirigiu-me um olhar divertido, quando viu para onde tinham viajado os meus olhos.

— Steve, esta é a menina Morgan — disse ele, enquanto entregava meu casaco emprestado ao segurança. — Não vamos ficar durante muito tempo.

— Sim, senhor — disse o homem, depois estacou e virou-se. — Rachel Morgan?

Meu sorriso aumentou.

— É um prazer conhecer-te, Steve — disse eu.

Senti o rosto corar, quando Steve me pegou na mão e beijou a parte de cima dela.

— O prazer é todo meu, menina Morgan — o grande vampiro hesitou, a gratidão visível nos seus olhos expressivos. — Obrigado por não ter matado Piscary. Teria transformado Cincinnati num inferno.

Eu ri.

— Oh, não fui só eu; tive ajuda para prendê-lo. E não me agradeça ainda — disse eu, sem saber ao certo se ele estava a falar a sério ou não. — Eu e Piscary temos uma inimizade antiga e eu simplesmente ainda não decidi se vale a pena o esforço de matá-lo ou não.

Kisten deu uma gargalhada, mas esta soou algo forçada.

— Muito bem, muito bem — disse ele, enquanto arrancava a minha mão à de Steve. — Já chega. Steve, importa-se de mandar alguém ao andar de baixo em busca do meu casaco de couro comprido? Vamos sair assim que eu abrir a pista.

— Sim, senhor.

Não era capaz de esconder meu sorriso, enquanto Kisten deslizava a mão para meu cotovelo e me conduzia sutilmente para as escadas. Concluí que, embora ele não parasse de me tocar, não havia ali nenhum motivo escondido, ainda, e eu podia tolerar que ele me conduzisse de um lado para o outro como uma barbie. Combinava, de certa forma, com o *look* sofisticado que eu tinha naquela noite e fazia-me sentir especial.

— Deus do céu, Rachel — seu sussurro no meu ouvido fez-me tremer. — Não acha que já tens uma atitude suficientemente de durona sem ter de derramar sangue no chão?

Steve já estava a falar com os empregados e as cabeças viravam-se para observar Kisten que me acompanhava ao segundo piso.

— Que foi? — perguntei, sorrindo com confiança a todos os que me fitavam olhos nos olhos. Eu estava com bom aspecto. Eu sentia-me bem. Todos podiam vê-lo.

Kisten puxou-me para mais perto dele e posou a mão na curva das minhas costas.

— Acha mesmo que foi uma boa ideia dizer ao Steve que o Piscary só está vivo porque ainda não decidiu se o quer matar ou não? Que tipo de imagem acha que isso dá de ti?

Eu sorri. Sentia-me bem. Relaxada. Como se tivesse passado a tarde a beber vinho. Devia ser por causa dos feromônios, mas minha cicatriz de demônio ainda não tinha formigado minimamente. Aquilo era algo diferente. Aparentemente, não havia nada mais relaxado e confortável do que um vampiro saciado e eles pareciam gostar de partilhar essa sensação. Por que diabo Ivy nunca se sentia assim?

— Bem, disse que tinha tido ajuda — admiti, perguntando-me se minha voz começava a ficar arrastada. — Mas matar Piscary passará para o topo das minhas prioridades se ele alguma vez sair da prisão.

Kisten não disse nada, fitando-me de cenho franzido e eu perguntei-me se teria dito algo errado. Mas fora ele que me dera o fluido de embalsamamento egípcio naquela noite, pensando que deixaria Piscary inconsciente. Ele tinha dito que queria que eu o matasse. Talvez tivesse mudado de ideia?

A música que chegava do segundo piso ia se tornando cada vez mais ruidosa à medida que íamos subindo os degraus. Tratava-se de um ritmo de dança constante e, enquanto este me percorria, dei por mim a desejar mover-me ao seu som. Podia sentir o meu sangue a zumbir e vacilei quando Kisten me fez parar no topo das escadas.

Ali estava mais quente e eu usei a mão para me abanar. As enormes janelas de vidro laminado tinham sido substituídas por paredes, ao contrário das aberturas que tinham ficado no piso inferior. As mesas de jantar tinham sido retiradas deixando um espaço aberto a toda a extensão do edifício, de teto alto, rodeado por mesas altas encostadas contra as paredes. Não havia cadeiras. No lado oposto, havia um bar comprido. Uma vez mais, não havia cadeiras. Todos estavam de pé.

Acima do bar, logo abaixo do teto, encontrava-se uma galeria elevada, onde se encontrava o Dj e um painel de luzes. Mais ao fundo, encontrava-se aquilo que parecia ser uma mesa de bilhar. Um homem alto, de aspecto atormentado, erguia-se no centro da pista de dança com um microfone sem fios, dirigindo-se num tom de súplica à multidão heterogênea de vampiros: vivos e mortos, homens e mulheres, todos vestidos como eu no início da noite. Era uma discoteca de vampiros, concluí, desejando tapar os ouvidos perante os assobios sonoros.

O homem que segurava o microfone viu Kisten e o seu rosto comprido abriu-se numa expressão de alívio.

— Kisten! — disse ele, a sua exclamação junto ao microfone fazendo virar as cabeças e erguer uma ovação das mulheres que o rodeavam com os seus curtos vestidos de noite. — Graças a Deus!

O homem sorriu-lhe e Kisten segurou-me nos ombros.

— Rachel? — perguntou ele. — Rachel! — exclamou ele, arrancando a minha atenção das belas luzes que giravam sobre a pista. Seus olhos azuis assumiram uma expressão preocupada. — Está bem?

Eu acenei, sentindo a cabeça agitar-se para cima e para baixo.

— Sim, sim, sim — disse eu, por entre risadas. Sentia-me tão quente e relaxada. Gostava da discoteca do Kisten.

Kisten franziu o cenho. Olhou de relance para o homem excessivamente vestido de que todos riam, depois pousou em mim o seu olhar.

— Rachel, isso vai demorar só um instante. Pode ser?

Eu estava de novo a observar as luzes e ele pegou-me no queixo para que olhasse para ele.

— Sim — disse eu, movendo lentamente a boca para que o som saísse correto. — Eu vou esperar aqui, vai abrir a pista — alguém me deu um encontrão e eu quase caí para cima dele. — Gosto da tua discoteca, Kisten. É fabulosa.

Kisten endireitou-me, esperando que eu recuperasse o equilíbrio antes de me largar. A multidão tinha começado a entoar o seu nome e ele ergueu uma mão indicando que os tinha escutado. Eles redobraram o seu chamamento e eu cobri os ouvidos com as mãos. A música batia através de mim. Kisten fez um gesto a alguém que se encontrava no fundo das escadas, e eu observei Steve subir os degraus dois a dois, movendo o seu enorme tamanho como se não fosse nada.

— Ela está aquilo que eu penso que está? — perguntou Kisten ao homem grande, quando este se aproximou.

— Si-i-i-im — disse o homem grande com a voz arrastada enquanto ambos me fitavam. — Ela está açucarada. Mas ela é uma bruxa — os olhos de Steve abandonaram-me e fixaram-se em Kisten. — Não é?

— Sim — disse Kisten, quase obrigado a gritar sobre o barulho das pessoas que lhe gritavam que pegasse no microfone. — Ela foi mordida, mas não foi reclamada por ninguém. Talvez seja esse o porquê.

— Vampiros, fero... hum, fero... — lambi os lábios, franzindo o cenho. — Feromônios — disse eu, os olhos muito abertos. — Mmmm — que bom. Por que Ivy nunca transmite estas sensações?

— Porque a Ivy é muito tensa — Kisten franziu o cenho. Um suspiro fez agitar o seu corpo e eu ergui a mão para os seus ombros. Ele tinha uns ombros agradáveis, firmes, com músculo e possibilidades.

Kisten pegou-me nas mãos, afastou-as de si e segurou-as à minha frente.

— Steve, fica com ela.

— Claro, patrão — disse o grande vampiro, movendo-se para se colocar ao meu lado, um pouco mais atrás.

— Obrigado — Kisten espreitou para os meus olhos, fixando-os. — Desculpa, Rachel — disse ele. — Não é por culpa tua. Eu não sabia que isto ia acontecer. Volto já.

Ele esgueirou-se para longe e eu estendi um braço, tentando agarrá-lo, pestanejando perante o tumulto que se ergueu quando ele chegou ao centro da sala.

Kisten deixou-se ficar ali por um instante, de aspeto sensual no seu terno italiano, enquanto se concentrava, de cabeça curvada, e esperava. Ele já estava a deixar a multidão ao rubro sem sequer dizer uma palavra; não podia deixar de me sentir impressionada. Um sorriso malandro de lábios apertados repuxou os cantos da boca, quando ele ergueu a cabeça, fitando-os por baixo da franja loura.

— Caramba — sussurrou ele para o microfone, e a multidão aplaudiu. — Que estão todos a fazer aqui?

— Estamos à tua espera! — gritou uma voz feminina.

Kisten sorriu, movendo o corpo sugestivamente enquanto acenava na direção da voz.

— Hei, Mandy. Está aqui esta noite? Quando te deixaram sair?

Ela gritou, feliz, e ele sorriu.

— Vocês são um bando de megeras muito más, sabiam? Causando tantos problemas ao Mickey. Qual é o problema do Mickey? Ele é bom para vocês.

As mulheres gritaram e eu tapei os ouvidos, quase tombando quando o meu equilíbrio se alterou. Steve segurou-me no cotovelo.

— Bem, eu estava tentando ter num encontro — disse Kisten, baixando a cabeça num gesto dramático. — O primeiro em sei lá quanto tempo. Estão a vê-la, está ali junto às escadas.

Um foco de luz enorme banhou-me e eu semicerrei os olhos. O calor dele fez a minha pele formigar e eu endireitei-me, quase caindo quando acenei. Steve agarrou-me no braço e eu sorri-lhe. Encostei-me a ele e ele abanou a cabeça, bem-humorado, passando o dedo pelo lado inferior do meu maxilar antes de me endireitar gentilmente.

— Ela está um bocado fora de si esta noite — disse Kisten. — Vocês estão se a divertir muito e isso está refletindo nela. Quem diria que as bruxas detetives precisam se divertir como nós?

O ruído duplicou e o ritmo das luzes tornou-se mais veloz, percorrendo o chão, as paredes e o teto. A minha respiração tornou-se mais rápida à medida que o ritmo da música crescia.

— Mas vocês conhecem o ditado — disse Kisten por cima do ritmo. — Quanto maiores são...

— Melhor sabe — gritou alguém.

— Mais precisam se divertir! — gritou Kisten por cima dos risos.

— Por isso tenham calma com ela, está bem? Ela só quer relaxar-se e divertir-se. Sem falsidades. Sem jogos. Eu digo que qualquer bruxa com coragem suficiente para derrubar o Piscary e deixá-lo viver tem presas suficientemente compridas para que nos divirtamos com ela. Estão todos de acordo comigo?

O segundo piso explodiu num rugido de som, empurrando-me contra Steve. Os meus olhos ficaram quentes enquanto as minhas emoções viajavam de um extremo ao outro. Eles gostavam de mim? Aquilo era mesmo legal!

— Então vamos dar início à festa! — gritou Kisten, virando-se para a mesa do Dj, atrás de si. — Mickey, dá-me aquela que eu quero.

As mulheres gritaram a sua aprovação e eu observei, de maxilar caído de surpresa, enquanto a pista se via subitamente coberta de mulheres, de olhos selvagens e movimentos rápidos. Vestidos curtos e reveladores, saltos altos e maquilhagem extravagante era a regra, embora ali se encontrassem alguns vampiros mais velhos vestidos com tanta classe quanto eu. Os vivos eram pouco mais do que os mortos-vivos.

A música derramava-se dos alto-falantes no teto, alta e insistente. Um ritmo pesado, uma bateria minúscula, um sintetizador fuleiro e uma voz rouca. Era Living Dead Girl, de Rob Zombie, e eu fitei, descrente, enquanto os movimentos variados das vampiras pouco vestidas e de membros expostos assumiam os movimentos rítmicos e simultâneos de uma dança coreografada. Eles estavam a dançar em linha. Oh... Meu... Deus! Os vampiros estavam a dançar em grupo.

Como um cardume de peixes, agitavam-se e moviam-se em conjunto, os pés a bater no chão com uma força capaz de sacudir o pó do teto. Nem um deles cometia um erro ou falhava um passo. Pestanejei enquanto Kisten avançava para frente do grupo num passo de Michael Jackson, parecendo indescritivelmente atraente com os seus movimentos confiantes e suaves, seguido por um Staying Alive.

As mulheres atrás dele imitaram-no com exatidão, depois do primeiro gesto. Não sabia se tinham praticado, ou se sua resposta rápida lhes permitia aquele tipo de improvisos. Pestanejando, decidi que não interessava. Perdendo-se no poder e na intensidade, Kisten praticamente brilhava, conduzindo o grupo de vampiros atrás dele. Entorpecida pela sobrecarga de feromônios, música e luzes, senti-me ficar zonza. Todos os movimentos tinham uma graça líquida, todos os gestos eram precisos e sem pressas.

O barulho pulsava em mim e, enquanto os observava a divertirem-se, num abandono selvagem, compreendi que tinha sua origem na oportunidade de serem aquilo que queriam ser, sem medo de que alguém os recordasse de que eram vampiros e, como tal, tinham de ser escuros e deprimentes e de se comportarem com uma aura de perigo misterioso. E eu senti-me privilegiada por me respeitarem o suficiente para permitirem que os visse como desejavam ser.

Balançando, inclinei-me contra Steve, enquanto o baixo matraqueava na minha mente, lançando-me num torpor de felicidade. As minhas pálpebras recusavam manter-se abertas. O ruído trovejou através de mim, depois desapareceu, transformado num ritmo rápido de uma música diferente. Alguém me tocou no braço e os meus olhos abriram-se.

— Rachel?

Era Kisten e eu sorri, ébria.

— Começou bem — disse eu. — Dança comigo?

Ele abanou a cabeça, olhando de relance para o vampiro que me mantinha direita.

— Ajuda-me a levá-la lá para fora. Isso é esquisito como a merda.

— Palavras feias — disse eu, a voz arrastada, os meus olhos fechando-se de novo. — Cuidado com a língua.

Deixei escapar uma risada que se transformou num guincho de prazer quando alguém me pegou ao colo para me transportar nos seus braços. Tremi enquanto o ruído baixava e a minha cabeça batia no peito de alguém. Era quente e eu aconcheguei-me. O ritmo trovejante suavizou, transformando-se numa conversa de circunstância e no matraquear dos talheres na louça. Fui coberta por um cobertor pesado e emiti um som de protesto quando alguém abriu a porta e o ar frio me atingiu. A música e o riso atrás de mim desapareceram no meio de um silêncio gelado quebrado apenas pelos passos gêmeos que esmagavam a neve espessa e pelo apito de um carro.

— Quer que chame alguém? — ouvi um homem perguntar, enquanto uma aragem desconfortavelmente fria me fazia tremer.

— Não. Acho que ela precisa apenas de um pouco de ar. Se ela não estiver bem quando eu lá chegar, ligo para Ivy.

— Bem, tenha cuidado, patrão — disse a primeira voz.

Senti-me descer e depois o frio de um assento de couro contra o meu rosto. Suspirando, aconcheguei-me mais sobre o cobertor que cheirava a Kisten. Meus dedos formigavam e podia ouvir o bater do meu coração e sentir o sangue a correr. Nem mesmo a porta a fechar fez o que quer que fosse para me irritar. O súbito rugido do motor era calmante e, enquanto o movimento do carro me mergulhava na inconsciência, pude jurar que tinha ouvido monges a cantar.



12

O som familiar do carro a passar sobre os caminhos de ferro acordou-me e a minha mão lançou-se para agarrar a porta antes que esta se abrisse. Minhas pálpebras abriram-se quando os nós dos dedos bateram na porta desconhecida. Oh, sim. Não estava na pick-up de Nick; estava no Corvette de Kisten. Fiquei imóvel, dobrada sobre mim mesma e a fitar a porta, com o casaco de Kisten sobre mim como um cobertor. Kisten inspirou fundo e baixou o volume da música. Ele sabia que eu estava acordada. Senti o rosto corar e desejei poder fingir que ainda estava desmaiada.

Deprimida, sentei-me e vesti o casaco comprido de Kisten o melhor que pude no espaço apertado do carro. Recusava-me a olhar para ele, meus olhos fixos na janela, tentando compreender em que parte de Hollows nos encontrávamos. As ruas eram movimentadas e o relógio no *tablier* dizia que estávamos perto das duas. Eu tinha desmaiado como um bêbado, à frente de uma fatia considerável da classe média-alta dos vampiros de Cincinnati, devido seus feromônios. Eles devem ter pensado que eu não passava de uma bruxa esquelética, sem vontade própria, que não era capaz de se comportar. Kisten moveu-se no assento, enquanto abrandava para parar num semáforo.

— Bem-vinda de volta — disse ele suavemente.

Com os lábios apertados, levei subtilmente a mão ao pescoço para garantir que tudo estava tal como eu tinha deixado.

— Quanto tempo estive inconsciente? — perguntei. — Isto vai fazer maravilhas pela minha reputação.

Kisten pôs o carro em ponto morto e depois engatou a primeira.

— Não ficou inconsciente. Adormeceu — o semáforo passou para verde e ele aproximou-se do carro parado à nossa frente para forçá-lo a andar. — Ficar inconsciente implica uma falta de controle. Adormecer é aquilo que se faz quando estamos cansados — ele olhou para mim de relance enquanto atravessávamos o cruzamento. — Todos ficam cansados.

— Ninguém adormece no meio de uma discoteca — disse eu. — Fiquei inconsciente.

Minha mente procurou no meio das memórias, descobrindo-as límpidas como água benta em vez de abençoadamente difusas e o meu rosto ficou vermelho. Açucarada, tinha ele dito. Eu ficara açucarada. Eu queria era ir para casa. Queria ir para casa, enfiar-me no esconderijo do padre que os *pixies* tinham encontrado no campanário e morrer. Kisten estava em silêncio; a tensão do seu corpo enquanto conduzia revelava-me que ele ia dizer qualquer coisa assim que fizesse as palavras passar pelo seu medidor de paternalismos.

— Lamento — disse ele, surpreendendo-me, ainda que a admissão de culpa tivesse alimentado a minha raiva em vez de acalmá-la. — Fui um idiota por te ter levado para o Piscary's antes de descobrir se as bruxas podiam ficar açucaradas. Nunca me tinha ocorrido — ele cerrou o maxilar. — E não é tão mau como julgas.

— Hum... — murmurei, vasculhando por baixo do assento até ter encontrado a minha bolsinha.

— Aposto que a notícia já correu meia cidade... "Hei, alguém quer ir a casa da Morgan esta noite e vê-la a ficar açucarada? Basta juntar uns quantos de nós bem divertidos e lá vai ela! Iupi!"

A atenção de Kisten estava presa na estrada.

— Não foi assim. Estavam ali mais de duzentos vampiros, uma boa parte deles mortos-vivos.

— E é suposto eu sentir-me melhor por isso?

Com movimentos rígidos, ele tirou o celular do bolso, carregou num botão e entregou-me.

— Sim? — perguntei, segurando o telefone, quase a rosnar. — Quem fala?

— Rachel? Céus, está bem? Eu juro que vou matá-lo por te ter levado para o Piscary's. Ele disse que tinhas ficado açucarada. Ele te mordeu?

— Ivy! — gaguejei eu, depois fitei Kisten de olhos esbugalhados. — Disse à Ivy? Muito obrigada por nada. A seguir quer ligar também para a minha mãe?

— Como se Ivy não viesse a descobrir? — disse ele. — Eu queria que ela o ouvisse de mim. E estava preocupada contigo — acrescentou ele, impedindo a minha exclamação seguinte.

— Ele mordeu? — disse Ivy, afastando a minha atenção das últimas palavras dele. — Mordeu?

Voltei a minha atenção de novo para o telefone.

— Não — disse eu, tateando o meu pescoço. Embora eu não soubesse o porquê. Eu era realmente uma idiota.

— Vem para casa — disse ela e a minha raiva transformou-se em rebeldia. — Se alguém te mordeu, poderei dizer. Anda para casa para que te possa cheirar.

Emiti um som de nojo.

— Não vou para casa para você me cheirar! Todos os que lá estavam foram muito simpáticos comigo. E soube bem poder libertar-me durante uns malditos cinco minutos. — franzi o cenho a Kisten, compreendendo porque é que ele me pusera ao telefone com Ivy. O sacana manipulador sorriu. Como é que eu podia continuar zangada com ele quando o estava a defender?

— Ficaste açucarada em cinco minutos? — Ivy parecia aterrorizada.

— Sim — disse eu secamente. — Talvez devesse experimentar. Vai para o Piscary' s e absorve alguns feromônios. Mas eles são capazes de não te deixar entrar. Pode acabar com o divertimento de todos os outros — ela susteve a respiração e eu desejei imediatamente poder retirar aquelas palavras. Merda. — Ivy... Lamento — disse eu rapidamente. — Não devia ter dito isso.

— Deixa-me falar com o Kisten — disse a sua voz suave.

Lambi os lábios, sentindo-me miserável.

— Claro.

Com os dedos gelados, entreguei-lhe o telefone. Seus olhos imperscrutáveis cruzaram-se com os meus por um instante. Ele escutou durante algum tempo, murmurou qualquer coisa que eu não consegui perceber, depois terminou a chamada. Observei-o, procurando qualquer sinal do seu estado de espírito, enquanto ele guardava o pequeno telefone prateado atrás do casaco de lã.

— Açucarada? — perguntei, pensando que tinha o direito de saber o que tinha acontecido. — Importa-se de me explicar o que é isso, exatamente?

As mãos dele deslizaram sobre o volante e ele assumiu uma posição mais relaxada. As luzes da rua que o iluminavam a tempos, lançavam sombras fantasmagóricas.

— Trata-se de um ligeiro sedativo — disse ele — que os vampiros libertam quando estão saciados e relaxados. Uma espécie de sensação de bem-estar? Foi uma surpresa, a primeira vez que alguns dos novos mortos-vivos ficaram açucarados pouco depois de o Piscary's ter passado para uma clientela exclusivamente vampírica. Fez-lhes muitíssimo bem, por isso tirei as mesas do andar superior e mandei instalar o espetáculo de luzes e contratei um Dj. Transformei o espaço numa discoteca. Depois disso, todos ficaram açucarados — ele hesitou, enquanto fazíamos uma curva apertada para um estacionamento junto ao rio. Nos seus limites, erguiam-se pilhas de neve com mais de um metro e oitenta de altura. — É uma espécie de droga natural — disse ele, enquanto metia uma mudança abaixo e conduzia lentamente na direção do pequeno aglomerado de carros estacionados junto a um barco fortemente iluminado na doca. — E também é legal. Todos gostam e começaram a policiarem-se uns aos outros, expulsando todos aqueles que surgiam à procura de sangue rápido e protegendo os que chegavam magoados e adormeciam como você. Além disso, também provocou algumas alterações. Vai perguntar ao teu capitão do DFI. Os crimes violentos cometidos por jovens vampiros solteiros desceram.

— Estás a brincando — disse eu, parecendo que aquilo soava como um grupo de apoio informal aos vampiros. Talvez Ivy devesse ir. Não. Estragaria o divertimento a todos os outros.

— Não terias sido tão receptiva se não precisasse tanto disso — disse ele, estacionando nos limites do parque.

— Oh, então a culpa minha! — disse eu, secamente.

— Não diga isso — disse ele, as palavras rudes enquanto puxava o freio de mão. — Já te deixei gritar comigo uma vez esta noite. Não tentes atirar isto para cima de mim. Quanto mais precisamos daquilo, com mais força nos bate. Foi por isso que ninguém pensou menos de você... E talvez até tenham ficado a pensar um pouco mais.

Chocada, fiz uma expressão confusa.

— Desculpe — agradava-me o fato de ele ser demasiado inteligente para ser manipulado pela malvada lógica feminina. Tornava as coisas mais interessantes. Lentamente, ele foi relaxando, desligando o aquecimento e o CD que tocava baixinho.

— Estava sofrendo por dentro — disse ele, enquanto tirava o CD dos monges a cantar e o guardava no estojo. — Por causa de Nick. Tenho-te visto sofrer desde que puxaste aquela linha através dele e ele se assustou. Além disso, eles divertiram-se muito por te ver descontrair — ele sorriu, com olhar distante. — O fato de a bruxa malvada que derrotou Piscary ter confiado neles os fez sentir bem. A confiança é uma sensação que não temos muitas vezes, Rachel. Os vampiros vivos desejam-na quase tanto como desejam sangue. É por isso que Ivy está pronta para matar qualquer um que ameace essa amizade — eu não disse nada, fitando-o à medida que tudo aquilo começava a fazer sentido. — Não sabias isso, hum? — acrescentou e eu abanei a cabeça, sentindo-me desconfortável com o fato de estarmos a abordar os quês e os porquês da minha relação com Ivy. O carro estava a ficar frio e eu tremi. — Além disso, mostrar sua vulnerabilidade é bem capaz de ter feito crescer tua reputação. O fato de não te teres sentido ameaçada por eles e teres permitido que acontecesse.

Fitei o barco à nossa frente, decorado com luzes de natal a piscar.

— Não tive escolha.

Ele estendeu os braços e ajustou o colarinho do seu casaco ao redor dos meus ombros.

— Sim, tinha.

As mãos de Kisten afastaram-se de mim e eu dirigi-lhe um sorriso fraco. Não estava convencida, mas pelo menos não me sentia tão idiota. Minha mente percorreu os eventos, o lento deslizar de um estado relaxado para o sono e as atitudes daqueles que me rodeavam. Ninguém se tinha rido às minhas custas. Tinha-me sentido confortada,

cuidada. Compreendida. E nenhum deles tinha revelado a mínima sede de sangue. Eu não sabia que os vampiros podiam ser assim.

— Dançam em grupo, Kisten? — disse eu, sentindo os meus lábios abrirem-se num sorriso.

Um riso nervoso ergueu-se dele e curvou a cabeça.

— Ah droga, hum, importa-se de não falar a ninguém disso? — perguntou ele, as orelhas a ficar vermelhas. — O que acontece no Piscary's fica no Piscary's. Trata-se de uma lei.

Fazendo-me de boba, estendi o braço e passei o dedo pelo arco da sua orelha avermelhada de sangue. Ele sorriu, mudando de posição para agarrar minha mão e tocando nos meus dedos com os seus lábios.

— A menos que queiras ser banida dali — disse ele. Arrepiei-me quando a respiração dele me tocou nos dedos e afastei a mão. Seu olhar inquisitivo penetrou até ao âmago do meu ser, apertando- me o estômago em nós de antecipação.

— Estive bem — disse eu, não me importando se se tratava de um erro. — Também têm uma noite de karaokê?

— Mmmm — murmurou ele, movendo-se no assento, assumindo de novo a sua atitude de malandro, encostando-se à porta. — Karaokê. Aí está uma ideia. As quintas-feiras são lentas. Nunca conseguimos reunir pessoas que cheguem para gerar uma emoção satisfatória. Pode ser disso que precisamos.

Virei a minha atenção para o barco para esconder o meu sorriso. A imagem de Ivy no palco a cantar Round Midnight atravessou-me e desapareceu. A atenção de Kisten seguiu a minha até ao barco. Era um daqueles barcos de rio recuperados, de dois pisos e quase inteiramente fechado.

— Posso levar-te para casa, se quiser — disse ele.

Abanando a cabeça, apertei o cinto do casaco dele e o cheiro do couro envolveu-me.

— Não, quero ver como é que paga um jantar num cruzeiro, num rio gelado, com apenas sessenta dólares.

— Isso não é o jantar. Isso é o entretenimento — ele estava prestes a desviar o cabelo num gesto habilidoso, mas parou a meio do movimento.

As luzes de aviso na minha mente começaram a piscar.

— É um barco-casino — disse eu. — Não é justo. Piscary é dono de todos os barcos-casino. Não vai ter de pagar por nada.

— Este barco não é do Piscary — Kisten saiu do carro e contornou-o até ao meu lado. Com ótimo aspecto no seu casaco de lã, ele abriu a minha porta e esperou que eu saísse.

— Oh — disse eu, ainda mais luzes de aviso a acender. — Viemos ver a concorrência?

— Algo do gênero — ele dobrou-se para olhar para mim. — Vens? Ou vamos embora?

Se ele não ia obter as suas fichas de graça, cabia nos limites legais do nosso acordo. E eu nunca tinha jogado antes. Podia ser divertido. Aceitando a sua mão, deixei que ele me ajudasse a sair do carro. Seu passo era rápido, enquanto percorríamos a prancha de embarque. No fundo da rampa, esperava um homem de parca e luvas. Enquanto Kisten falava com ele, eu fitei o casco do barco. Filas de bolhas impediam que o barco de rio ficasse preso no gelo. Provavelmente, era mais dispendioso do que guardar o barco durante o inverno, mas os regulamentos da cidade estipulavam que só se podia jogar no rio. E, ainda que o barco estivesse preso à doca, estava dentro de água. Depois de ter falado para um rádio, o homem grande deixou-nos passar. Kisten pousou uma mão no fundo das minhas costas e empurrou-me para frente.

— Obrigada por ter emprestado o casaco — disse eu, enquanto minhas botas batiam no chão e nós nos abrigávamos na cobertura. A neve que caíra durante a noite cobrira de branco do corrimão e eu sacudi a neve, fazendo-a cair em pequenos montes sobre as águas geladas.

— O prazer foi meu — disse ele, apontando para uma porta meia de madeira, meia de vidro. Nela estavam gravados um par de SS maiúsculos interligados e eu tremi quando senti um resquício de energia de linhas *Ley* a atravessar-me quando Kisten abriu a porta e passamos pela entrada. Era, muito provavelmente, um encantamento antifraude do casino e fez-me arrepiar, como se estivesse a respirar ar coberto de óleo. Um outro homem grande, num smoking – um bruxo, tendo em consideração o cheiro familiar a pau-brasil –, encontrava-se no interior para nos receber e ficou tanto com o meu casaco como com o de Kisten.

Kisten assinou o livro de hóspedes, inscrevendo-me como "acompanhante". Irritada, escrevi o meu nome à frente do dele com grandes floreados, ocupando três linhas. A caneta fez-me tremer os dedos e eu fitei o metal antes de pousá-la. Com todas as minhas bandeiras de alarme içadas, e enquanto Kisten comprava uma única ficha com a maior parte do dinheiro destinado ao nosso encontro, tracei uma linha precisa através do meu nome e do de Kisten, para impedir que as nossas assinaturas pudessem ser usadas como objeto focal para o encantamento das linhas *Ley*.

— E fez isso porque... — perguntou Kisten enquanto me segurava no braço.

— Confia em mim — sorri ao bruxo de rosto imperscrutável, de smoking, que pegava no livro de honra. Havia formas mais subtis de prevenir tais roubos de objetos focais, mas eu não os conhecia. E o fato de ter acabado de insultar o anfitrião não me incomodava de todo. Como se eu fosse voltar ali mais alguma vez!

Kisten segurava-me no braço de tal forma que eu estava livre para acenar, como se fosse importante para alguém que pudesse erguer os olhos do seu jogo. Estava feliz por ter sido Kisten a vestir-me; se tivesse vindo com a roupa que tinha escolhido pareceria com uma prostituta. Os painéis de carvalho e teca eram reconfortantes e o rico carpete verde sabia bem nos meus pés, através das botas. As poucas janelas estavam tapadas com um tecido de um vermelho profundo e preto, afastadas, revelando as luzes de Cincinnati. O ar estava pesado com o cheiro a pessoas e excitação. O ruído das fichas e as explosões de som fizeram acelerar a minha pulsação.

O teto baixo poderia ter sido claustrofóbico, mas não era. Havia duas mesas de Black Jack, uma de craps, uma roleta, e uma fila enorme de slot machines. No canto, erguia-se um pequeno bar. A maior parte do pessoal era bruxo ou mago, se o meu instinto estava correto. Perguntei-me onde estaria a mesa de póquer. Talvez no andar superior? Não sabia jogar mais nada. Bem, podia jogar Black Jack, mas isso era para os fracos.

— Que tal um pouco de Black Jack? — perguntou Kisten, enquanto me guiava subtilmente nessa direção.

— Claro — disse eu, sorrindo.

— Quer uma bebida?

Olhei de relance para as pessoas que nos rodeavam. Os cocktails eram a regra, com exceção de um tipo que segurava uma cerveja. Estava a beber diretamente da garrafa e isso estragava todo o seu *look*, se esquecêssemos do *smoking*.

— Um Dead Man's Float? — perguntei, enquanto Kisten me ajudava a subir para um banco. — Com duas pedras de gelo?

A empregada de balcão que pairava nas redondezas acenou e, depois de receber o pedido de Kisten, a bruxa mais velha afastou-se.

— Kisten? — meu olhar ergueu-se, atraído por um enorme disco de metal cinzento que pendia do teto. Fitinhas de metal brilhante irradiavam dele como raios de sol, correndo para os limites do teto. Podia tratar-se de uma decoração, mas eu estava disposta a apostar que o metal continuava por trás dos painéis de madeira e até mesmo por baixo dos nossos pés. — Kisten, o que é aquilo? — sussurrei, tocando-lhe.

O olhar dele deslizou para o disco.

— Provavelmente seu sistema de segurança — os olhos dele cruzaram-se com os meus e ele sorriu. — Sardas — disse ele. — Mesmo sem os teus feitiços, é a mulher mais bela que aqui está.

Eu corei perante o seu cumprimento – certa agora que aquele disco enorme era mais do que *art deco* –, mas quando ele se virou para o *croupier*, olhei freneticamente para os espelhos na parede junto às escadas. Meus ombros abateram-se quando vi meu reflexo, as roupas sofisticadas, com sardas e o cabelo começar a frisar. Todo aquele barco era uma zona sem feitiços – pelo menos para as bruxas de terra que usavam amuletos e eu desconfiava que aquele grande disco púrpura incluía algo para estorvar as bruxas das linhas *Ley*.

O simples fato de o barco estar sobre as águas representava alguma proteção contra a utilização das linhas *Ley*, já que não se podia acender a uma linha por cima da água, a menos que se utilizasse um familiar. O mais provável era que o sistema de segurança do barco diminuísse o efeito de feitiços das linhas *Ley* já invocados e detectasse qualquer pessoa que tentasse aceder a uma linha através de um familiar para invocar um novo feitiço. Eu tivera certa vez uma versão menor dele, nas minhas há muito perdidas algemas da SI.

Enquanto Kisten conversava com o *croupier* sobre a sua mísera ficha de cinquenta dólares, eu recostei-me e estudei as pessoas. Encontravam-se ali cerca de trinta clientes, todos bem vestidos e a maior parte mais velha do que Kisten e eu. Franzi o cenho quando compreendi que Kisten era o único vampiro presente: bruxas, *animalomens* e alguns humanos de olhos vermelhos que já deviam estar a dormir, mas nada de vampiros.

Isso me pareceu errado, por isso quando Kisten duplicou o seu dinheiro em algumas jogadas, afastei dele minha atenção desejando ver a divisão com minha segunda visão. Eu não gostava de usar minha segunda visão, especialmente durante a noite quando via também a eternidade, mas preferia apanhar um valente susto do que não saber o que estava a acontecer. Pensei por um instante se Algaliarept ficaria sabendo o que eu estava a fazer, depois concluí que não havia qualquer forma de o saber a menos que eu usasse uma linha, o que não iria fazer.

Sossegando-me, fechei os olhos para que a minha pouco usada segunda visão não tivesse de competir com a minha visão mais mundana e, com um safanão mental, abri o meu olho da minha mente. Imediatamente, as madeixas do meu cabelo que se tinham libertado moveram-se no vento que sempre soprava na eternidade. A memória do barco dissolveu-se no nada e a paisagem em ruínas da cidade dos demônios tomou o seu lugar.

Deixei escapar um suave gemido de nojo e recordei a mim mesma porque é que nunca fazia isto tão perto do centro de Cincinnati; a cidade dos demônios estava em ruínas e era horrenda. A lua minguante já se devia ter erguido nos céus e havia um tom definitivamente vermelho no fundo das nuvens, parecendo iluminar a rígida cascata de edifícios partidos e escombros manchados de vegetação com uma névoa que cobria tudo e me fazia sentir algo pegajosa. Dizia-se que os demônios viviam debaixo do solo e, vendo o que tinham feito com a sua cidade – construída sobre as mesmas linhas *Ley* que Cincinnati –, não perguntei porquê. Já tinha visto a eternidade uma vez durante o dia. Não era muito melhor.

Eu não estava na eternidade, só a estava a ver, mas ainda assim senti-me desconfortável, em especial quando compreendi que a razão por que tudo parecia mais límpido do que era normal era o fato de eu estar coberta da aura negra de Algaliarept. Tendo recordado o acordo a que me escapara, abri os olhos, rezando para que Algaliarept não descobrisse uma forma de me usar através das linhas tal como tinha ameaçado.

O barco-casino estava tal e qual como o tinha deixado, os ruídos que me tinham mantido mentalmente ligada à realidade voltavam a adquirir significado. Eu estava a usar ambas as visões e, antes que a minha segunda visão fosse esmagada e perdida, olhei apressadamente à minha volta. Meu olhar foi imediatamente atraído para o disco de metal no teto e a minha boca contorceu-se num trejeito de desagrado. Pulsava com um borrão púrpura que tudo cobria. Estava disposta a apostar que tinha sido aquilo que eu tinha sentido quando atravessara a entrada.

O que mais me interessava era a aura das pessoas presentes. Não podia ver a minha, nem mesmo quando olhei para o espelho. Nick dissera-me certa vez que era amarela e dourada, não que alguém a conseguisse ver agora, por baixo da de Al. A de Kisten era de um laranja avermelhado, saudável e quente, com raios amarelos que se concentravam ao redor da sua cabeça e um sorriso pairou nos meus lábios. Ele usava a cabeça para tomar as suas decisões, não o coração; não estava surpreendida. Não tinha qualquer preto, embora a aura de quase todos os outros presentes estivesse manchada com escuridão, compreendi enquanto analisava o espaço.

Reprimi um arrepio quando descobri um jovem num canto, a observar-me. Estava de smoking, mas tinha uma postura confortável, não o comportamento rígido e hirto do porteiro ou o torpor profissional dos croupiers. Além disso, o copo cheio ao seu lado dizia cliente, não empregado. A sua aura era tão escura, que era difícil perceber se era de um azul ou de um verde profundo. Era percorrida por um toque de preto demoníaco e eu senti uma onda de vergonha, pelo fato de ele me estar a fitar com a sua segunda visão – o que eu tinha a certeza estar – e me poder ver coberta com o visco de Algaliarept.

Inclinando-se para trás, o queixo apoiado nos dedos dobrados para dentro, fitou o seu olhar no meu a partir do outro lado da sala, avaliando-me. Estava profundamente bronzeado – um belo truque a meio do inverno – e isso, combinado com as ténues madeixas no seu cabelo preto e liso, fez-me calcular que ele fosse de outro Estado, de um local mais quente. De constituição e aspeto banal, não me pareceu particularmente atraente, mas a sua confiança era merecedora de um segundo olhar. Também parecia rico, mas quem não o pareceria envergando um smoking?

Os meus olhos deslizaram dele para o cara que estava a beber cerveja e concluí que, afinal de contas, havia quem ficasse mal de smoking. E com esse pensamento a fazer-me sorrir, voltei a mirar o surfista. Ele ainda me observava e, vendo-me sorrir, respondeu-me, inclinando a cabeça num gesto de especulação que convidava à conversa. Inspirei, preparando-me para abanar a cabeça, depois parei. Por que não? Eu estava a enganar-me quando pensava que Nick ia voltar. E o meu encontro com Kisten era uma oferta de uma noite só.

Perguntando-me se o negro que o marcava teria a sua origem numa marca do demônio, foquei a minha atenção para tentar ver além da sua aura inusitadamente escura. Ao fazê-lo, o brilho púrpura vindo do teto tornou-se mais claro, assumindo os primeiros tons de amarelo. O homem sobressaltou-se, a sua atenção prendendo-se no teto. O choque contorceu seu rosto barbeado. Uma chamada abrupta encheu a sala a

partir de três locais diferentes e, esquecido junto ao meu cotovelo, Kisten praguejou quando o croupier disse que aquela mão tinha sido adulterada e que o jogo estava suspenso até que ele pudesse abrir um novo baralho.

Nessa altura, perdi por inteiro a minha segunda visão, ao mesmo tempo em que o bruxo que geria o livro de honra apontava para mim indicando-me a um segundo homem, claramente segurança, tendo em consideração a sua séria falta de qualquer expressão emocional.

— Oh, droga — praguejei, virando as costas à sala e pegando meu Dead Man's Float.

— O que foi? — disse Kisten irado, enquanto empilhava os seus ganhos de acordo com a cor.

Eu encolhi-me, fitando-o por cima da borda do meu copo.

— Acho que fiz uma asneira.

13

— O que fez Rachel? — disse Kisten com a voz monocórdica, ficando mais rígido enquanto olhava por cima do meu ombro.

—Nada! — exclamei eu.

O *croupier* dirigiu-me um olhar cansado e quebrou o selo de um novo baralho de cartas. Eu não me virei quando senti uma presença pairar atrás de mim.

— Há algum problema? — perguntou Kisten. A sua atenção estava presa quase um metro acima da minha cabeça. Lentamente, virei-me, descobrindo um homem muito, muito grande num smoking muito, muito grande. — Preciso falar com a senhora — ribombou a sua voz.

— Eu não fiz nada — disse eu rapidamente. — Estava só a analisar, hum, a segurança... — terminei de forma indecisa. — Trata-se apenas de interesse profissional. Tome. Tem aqui um dos meus cartões. Eu própria estou no ramo da segurança — remexi a minha bolsinha em busca de um, entregando a ele. — Sério, não ia mexer em nada. Nem sequer utilizei uma linha. Sério.

Sério? Que disparate era aquele? Meu cartão preto parecia muito pequeno em suas mãos grossas e ele olhou-o de relance, lendo-o rapidamente. O seu olhar cruzou-se com

o de uma mulher na base das escadas. Ela encolheu os ombros, dizendo com os lábios: "Ela não usou a linha" e ele voltou-se para mim.

— Obrigado, menina Morgan — disse o homem, e os meus ombros suavizaram-se. — Por favor, não sobreponha sua aura aos feitiços da casa — eu não sorria de todo. — Qualquer outra interferência e temos de pedir que saia.

— Claro, sem problemas — disse eu, recomeçando a respirar.

Ele afastou-se e os jogos retomaram o seu curso à nossa volta. Os olhos de Kisten estavam repletos de irritação.

— Não posso te levar a lugar nenhum? — disse ele secamente, colocando as fichas num pequeno balde e entregando-o. — Toma. Tenho de ir ao banheiro.

Eu fitei-o, incrédula, enquanto ele me dirigia um olhar de aviso antes de se afastar, deixando-me sozinha no meio de um casino, com um balde cheio de fichas e sem qualquer ideia do que fazer com ele. Eu virei-me para o *croupier* do Black Jack e ele arqueou as sobrancelhas.

— Suponho que vá jogar outra coisa — disse eu, enquanto deslizava do banco e ele acenou.

Com a bolsa presa debaixo do braço, olhei de relance para a sala, as fichas numa mão e minha bebida na outra. O surfista tinha desaparecido e eu refreei um suspiro de decepção. Baixando a cabeça, olhei para as fichas, vendo que estavam gravadas com os mesmos SS entrelaçados. Sem sequer saber o valor monetário do que tinha, vagueei para a excitação da mesa de craps.

Sorri aos dois homens que se afastaram para abrir espaço para mim, pousando a bebida e as fichas no rebordo mais baixo da mesa, enquanto tentava perceber porque é que algumas pessoas estavam felizes com o cinco que tinha saído e outras chateadas. Um dos bruxos que se tinham afastado para que eu me chegasse à frente estava demasiado perto e eu perguntei-me quando é que ele iria tentar sua cantada. Dito e certo, depois dos dados serem lançados mais uma vez, dirigiu-me um sorriso e disse:

— Aqui estou eu. Quais são seus últimos dois desejos?

A minha mão tremeu e eu obriguei-a a permanecer imóvel.

— Por favor — disse eu. — Pare.

— Oh, que boas maneiras, querida! — disse ele em voz alta, tentando envergonhar-me, mas eu conseguia envergonhar-me sozinha com muito mais facilidade do que ele.

As conversas em redor da mesa pareceram desaparecer enquanto eu me concentrava nele. Estava pronta a dizer-lhe das boas, meu amor próprio ferido até ao âmago, quando apareceu o surfista.

— Meu senhor — disse ele, com a voz calma —, foi a pior cantada que alguma vez ouvi, não só insultuosa como revelando uma séria falta de prudência. É óbvio que está a incomodar a jovem. Devia sair antes que ela lhe provoque danos permanentes.

Era protetor e, no entanto, dava a entender que eu era capaz de cuidar de mim própria; não era algo fácil de conseguir num único parágrafo, quanto mais numa única frase. Fiquei impressionada. O prodígio da cantada inspirou, fez uma pausa e, erguendo os olhos acima do meu ombro, mudou de ideia. Murmurando, pegou sua bebida e o amigo que estava do outro lado de mim e partiu. Meus ombros acalmaram-se e eu dei por mim a suspirar quando me virei para o surfista.

— Obrigada — disse eu, fitando-o com mais atenção. Os olhos dele eram castanhos e os lábios finos, quando sorria, sua expressão envolvia-os a ambos, forte e sincera. Havia algum sangue asiático no seu passado não muito distante, que lhe conferia o cabelo liso e escuro, bem como o nariz e a boca pequenos.

Ele baixou a cabeça, aparentemente envergonhado.

— Não é preciso agradecer. Eu tinha de fazer qualquer coisa para redimir todos os homens de tão má tirada de engate — seu maxilar forte assumiu uma expressão de sinceridade falsa. — E quais são seus outros desejos? — disse ele, com uma risadinha.

Eu ri, acabando por prender o olhar na mesa de craps, enquanto pensava nos meus dentes grandes.

— Meu nome é Lee — disse ele, interrompendo o silêncio antes que este se tornasse incômodo.

— Rachel — disse eu, aliviada quando ele me estendeu a mão. Ele cheirava a areia e pau-brasil e fez deslizar seus dedos finos na minha mão, apertando-a com força. As nossas mãos afastaram-se repentinamente e os meus olhos saltaram para os dele, quando a energia das linhas *Ley* deslizou entre nós.

— Desculpa — disse ele, enquanto colocava a mão atrás das costas. — Um de nós deve estar em baixo.

— Provavelmente, sou eu — disse eu, recusando-me a limpar a mão. — Não guardo a energia das linhas *Ley* no meu familiar.

As sobrancelhas de Lee ergueram-se.

— Sério? Não pude deixar de reparar que estava a analisar a segurança.

Agora eu estava verdadeiramente envergonhada, dei um gole na minha bebida e virei-me para apoiar os cotovelos na beira da mesa.

— Foi um acidente — disse eu, enquanto os dados de cor âmbar rolavam à minha frente. — Só estava dando uma espreitadela mais atenta a... Hum... Você — terminei, com a certeza de estar tão vermelha como o meu cabelo. Oh, céus, eu estava a dar cabo daquilo!

Mas Lee pareceu divertido, os dentes brancos no rosto bronzeado.

— Eu também.

Sua pronúncia era agradável. Talvez da costa leste? Não pude deixar de apreciar seu comportamento relaxado, mas quando ele deu um gole no vinho branco, meu olhar fixou-se no pulso que espreitava por baixo do punho e o meu coração pareceu parar. Tinha uma cicatriz. Tinha uma cicatriz tal como a minha.

— Tens uma cicatriz do demo... — os olhos dele saltaram para os meus e eu interrompi as minhas palavras. — Desculpa.

A atenção de Lee fixou-se nos clientes que nos rodeavam. Nenhum deles parecia ter ouvido.

— Não faz mal — disse ele suavemente, semicerrando os olhos castanhos. — Foi um acidente.

Encostei as costas à mesa, compreendendo agora porque é que a minha aura manchada pelo demônio não o tinha assustado.

— Não é sempre? — perguntei eu, surpreendida quando ele abanou a cabeça. Os meus pensamentos saltaram para Nick e eu mordi o lábio inferior.

— Como recebeu a sua? — perguntou ele e foi a minha vez de ficar nervosa.

— Estava morrendo. Ele salvou-me. Fiquei devendo por me ter levado através das linhas — não achei necessário revelar ali que eu era a familiar de um demônio. — E você?

— Curiosidade — semicerrando os olhos, ele franziu o cenho perante a memória do passado.

Curiosa eu mesma, dirigi-lhe mais um olhar de cima a baixo. Eu não estava disposta a dizer o nome verdadeiro de Al e a quebrar o contrato que tínhamos realizado quando comprei o nome de invocação para ele, mas queria saber se se tratava do mesmo demônio.

— Hei, hum, o teu gosta de usar roupas de veludo verde? — perguntei. Lee saltou. Os olhos castanhos abriram-se muito sob a franja curta e, depois, um sorriso desceu sobre ele.

— Sim. Ele fala com sotaque britânico...

— E gosta de açúcar glacê e batatas fritas? — interrompi.

Lee baixou a cabeça e deu uma gargalhada.

— Sim, quando não está se transformando no meu pai.

— E está? — disse eu, sentindo uma estranha ligação com ele. — É o mesmo.

Puxando a manga para tapar a marca, Lee encostou o flanco à mesa de craps.

— Parece ter queda pelas linhas *Ley* — disse ele. — Está a ter aulas com ele?

— Não — disse eu energicamente. — Sou uma bruxa de terra.

Brinquei com o dedo onde tinha o meu anel amuleto e toquei no fio que estava em redor do meu pescoço e que devia desfrisar o meu cabelo. A atenção dele foi da cicatriz do meu pulso para o teto.

— Mas vo... — disse ele com a voz arrastada.

Abanei a cabeça e dei um gole na minha bebida, as costas viradas para o jogo.

— Já disse que foi um acidente. Não sou uma bruxa das linhas *Ley*. Fiz uma cadeira, mais nada. Bem, meia cadeira. A professora morreu antes de a cadeira ter terminado.

Ele pestanejou, incrédulo.

— Dra. Anders? — disse ele de repente. — Teve uma cadeira com a Dra. Anders?

— Conheceu? — endireitei-me.

— Ouvi falar dela — ele inclinou-se mais para frente. — Ela era a melhor bruxa das linhas *Ley* do leste do Mississipi. Vim para cá para fazer as cadeiras dela. Era suposto ser a melhor.

— E era — disse eu, deprimida. Ela ia me ajudar a desvincular Nick como meu familiar. Agora, não só tínhamos perdido o livro de feitiços, como ela estava morta e todo o conhecimento partira com ela. Endireitei-me repentinamente quando percebi que estivera a sonhar acordada. — Então, é um estudante? — perguntei.

Lee pousou os cotovelos na mesa, observando o dado que deslizava e rodava atrás de mim.

— Formação contínua — limitou-se a dizer. — Licenciei-me há anos, em Berkeley.

— Oh, adoraria visitar a costa um dia — disse eu, brincando com meu colar e perguntando-me quanto daquela conversa se tornara exagerada. — O sal não torna tudo mais difícil?

Ele encolheu os ombros.

— Não tanto para os bruxos das linhas *Ley*. Tenho pena das bruxas de terra, presas a um caminho sem poder.

A minha boca abriu-se. Sem poder? Nem por isso. A força da magia de terra tinha a sua origem nas linhas *Ley*, tal como os feitiços das bruxas das linhas *Ley*. O fato de ser filtrado através das plantas tornava-a mais clemente e, talvez, mais lenta, mas não menos poderosa. Não havia nenhum encanto das linhas *Ley* que pudesse alterar fisicamente a forma de uma pessoa. Ora, isso era poder. Atribuindo aquela afirmação à ignorância, deixei-a passar não o fosse afastar antes de ter oportunidade de saber quão idiota ele era.

— Olha para mim — disse ele, claramente reconhecendo que tinha metido os pés pelas mãos de tal maneira que era quase impossível voltar atrás. — Estou a incomodar-te, quando o mais certo é que queiras jogar um pouco antes do regresso do teu namorado.

— Ele não é meu namorado — disse eu, não tão excitada como poderia estar pela sutil questão relativa ao meu estatuto de compromisso. — Eu disse que ele não seria

capaz de me levar para um encontro decente por sessenta dólares e ele aceitou o desafio.

Lee percorreu o casino com o olhar.

— Como ele está se saindo?

Eu dei um gole na bebida, desejando que o gelo não tivesse derretido. Atrás de mim, ergueu-se um grito alegre quando algo bom aconteceu.

— Bem, até agora fiquei açucarada e desmaiei numa discoteca de vampiros, insultei a minha companheira de casa e ativei o sistema de segurança de um barco-casino — ergui o ombro num meio encolher. — Suponho que não tem sido assim tão mau.

— Ainda é cedo — o olhar de Lee seguiu os dados que rolavam atrás de mim. — Posso pagar-te um copo? Ouvi dizer que o vinho da casa é bom. Merlot, creio eu.

Perguntei-me para onde estaria a ir aquela conversa.

— Não, obrigada. O vinho tinto... Não me cai bem — ele deu uma gargalhada.

— Também não sou grande adepto. Dá-me dores de cabeça.

— A mim também — exclamei suavemente, verdadeiramente surpreendida.

Lee afastou a franja dos olhos.

— Ora, se tivesse sido eu a dizer isso teria me acusado de estar tentando te enganar — eu sorri, sentindo-me subitamente tímida, e ele voltou-se para os gritos de alegria vindos da mesa. — Não joga? — disse ele.

Olhei de relance para trás de mim e depois para ele.

— Nota-se, hã?

Ele pousou uma mão no meu ombro e fez-me dar meia-volta.

— Eles sacaram três quatros de seguida e nem sequer reparaste — disse ele, baixinho, quase ao meu ouvido.

Eu nada fiz para encorajá-lo, ou desencorajar, o súbito acelerar da minha pulsação não me dizendo o que fazer.

— Oh, isso é incomum? — disse eu, tentando manter a voz leve.

— Tom — disse ele, fazendo um gesto para o croupier. — Novo jogador — disse ele em voz alta.

— Oh, espera — protestei. — Nem sequer sei como apostar.

Não se deixando dissuadir, Lee pegou o balde das fichas e conduziu-me até à cabeceira da mesa.

— Você lança os dados, eu faço as apostas por ti — ele hesitou, seus olhos castanhos e inocentes. — Há algum... Problema?

— Claro que não — disse eu, sorrindo. Que queria eu saber? Kisten dera-me as fichas. O fato de ele não estar ali para gastá-las comigo não era um problema meu. Ele é que me devia estar a ensinar a jogar craps, não um cara qualquer de smoking. De qualquer forma, por onde é que ele andava?

Olhei de relance para os rostos reunidos em redor da mesa, enquanto pegava os dados. Eles pareciam escorregadios – como ossos na mão – e eu abanei-os.

— Espera... — Lee estendeu um braço e pegou a minha mão. — Tens de lhes dar um beijo primeiro. Mas só uma vez — disse ele, a voz séria embora os olhos brilhassem. — Se acharem que vão sempre ser amados, não darão bom resultado.

— Certo — disse eu, as mãos dele saindo das minhas quando levei os dados aos lábios, ainda que me recusasse a tocar-lhes.

— Estou a falando sério.

— Bah! — as pessoas moveram suas fichas e ligeiramente mais depressa do que o jogo pedia, lancei os dados. Olhei para Lee, não para os dados, enquanto eles deslizavam e dançavam.

Lee observou-os, atento, e eu pensei que embora não fosse belo como Kisten, era mais provável que aparecesse na capa de uma revista do que Nick. Era apenas um cara comum, um bruxo com uma licenciatura. A minha mãe adoraria que eu o levasse até minha casa. Tinha de haver algo errado com ele. *Além da marca do demônio?* — pensei friamente. Deus me salve de mim mesma.

As pessoas que nos observavam tiveram reações diferentes ao oito que me saiu.

— Não é bom? — perguntei a Lee.

Os ombros dele ergueram-se e desceram, enquanto ele pegava nos dados que o croupier empurrava na sua direção.

— Não é mau — disse ele. — Mas tens de lançar outra vez um oito antes de poderes lançar um sete para ganhar.

— Oh — disse eu, fingindo compreender. Mistificada, lancei os dados.

Desta vez saiu um nove.

— Continuo? — perguntei, e ele acenou.

— Vou fazer apostas para cada lançamento — disse ele. Depois fez uma pausa. — Se não houver problema?

Estavam todos à espera, por isso eu disse:

— Claro, será ótimo.

Lee acenou. Franziu o cenho por um instante, depois colocou uma pilha de fichas vermelhas num quadrado. Alguém deu uma risadinha, inclinando-se para sussurrar "Vítima inocente" ao ouvido do vizinho. Os dados estavam quentes na minha mão e eu fi-los rolar. Eles bateram na parede da extremidade oposta, parando. Foi um onze e, na mesa, todos gemeram. Lee, por outro lado, estava a sorrir.

— Ganhaste — disse ele, pousando-me a mão no ombro. — Vê? — ele apontou. — As hipóteses de ser um onze são de quinze para um. Calculei que fosse uma zebra.

Os meus olhos abriram-se, enquanto a cor predominante da minha pilha de fichas ia de vermelho para azul, à medida que o croupier empilhava outra fila junto a elas.

— Desculpe?

Lee colocou os dados na minha mão.

— Quando ouvir o ruído de cascos, procura os cavalos. Isso seriam os lançamentos mais comuns neste caso. Eu sabia que ias lançar algo estranho. Uma zebra.

Sorri, gostando bastante da ideia, e os dados voaram de mim quase antes de ele ter movido as fichas para outro quadrado. A minha pulsação tornou-se mais veloz e, enquanto Lee me explicava os pormenores das hipóteses e das apostas, lancei-os outra vez, e outra vez, e outra vez, a mesa ficando cada vez mais ruidosa e excitada. Não demorei muito a perceber a lógica. O risco, a questão do que iria acontecer e a espera sem fôlego até que os dados se aquietassem, era como estar numa missão, só que

melhor porque aqui arriscava apenas pequenas fichas de plástico, não a minha vida. Lee começou a explicar-me outras formas de apostar e, quando eu me atrevi a fazer uma sugestão, ele sorriu, apontando para a mesa e indicando que esta era minha.

Deliciada, tomei conta das apostas, lançando os dados enquanto Lee, pousando uma mão no meu ombro e sussurrando-me ao ouvido me dizia as hipóteses de lançar uma coisa ou outra. Ele cheirava a areia. Podia sentir a sua excitação através do fino material da minha camisa de seda e o calor dos seus dedos parecia entranhar-se no meu ombro, mesmo depois de ele os afastar e se desviar para me colocar os dados na mão. Ergui os olhos quando a mesa saudou o meu último lançamento, surpreendida pelo fato de todos estarem reunidos à nossa volta e de nos termos, de alguma forma, tornado o centro das atenções.

— Parece que já o apanhaste — Lee sorriu enquanto recuava um passo. O meu rosto ficou imediatamente pálido.

— Vai embora? — perguntei, enquanto o cara de faces vermelhas que bebia cerveja me deitava os dados para as mãos e incitava a lançá-los. — Preciso ir — disse ele. — Mas não pude resistir a conhecer-te — inclinando-se para mais perto disse. — Gostei de te ensinar a jogar craps. É uma mulher especial, Rachel.

— Lee? — confusa, pousei os dados e as pessoas ao redor da mesa gemeram.

Lee pegou nos dados e colocou-os na minha mão.

— Está a ferver. Não pare.

— Quer o meu número de telefone? — perguntei. Oh, céus, eu parecia desesperada.

Mas Lee sorriu, os dentes escondidos.

— É Rachel Morgan, a antiga agente da S.I. que deixou a agência para trabalhar com a última vampira Tamwood viva. Está na lista telefônica... Em quatro locais, ainda para mais.

Senti o rosto vermelho, mas consegui silenciar-me antes de dizer a todos que não era uma prostituta.

— Até à próxima — disse Lee, erguendo uma mão e inclinando a cabeça antes de se afastar.

Pousando os dados, recuei da mesa para poder vê-lo desaparecer pela escadaria nas traseiras do barco, parecendo elegante no seu smoking com fita púrpura. Combinava com a sua aura, concluí. Um novo apostador tomou o meu lugar e o ruído regressou. Com o meu bom humor manchado, retirei-me para uma mesa junto a uma janela fria. Um dos empregados trouxe-me os meus três baldes de fichas. Outro pousou um novo copo com Dead Man's Float sobre um guardanapo de linho. Um terceiro acendeu a vela vermelha e perguntou-me se precisava de alguma coisa. Eu abanei a cabeça e ele afastou-se.

— O que há de errado com esta imagem? — sussurrei, enquanto esfregava os dedos na testa. Aqui estava eu, vestida como uma jovem viúva rica, sentada sozinha num casino com três baldes de fichas. Lee tinha sabido quem eu era e nunca me dissera? Onde raio estava Kisten?

A excitação junto à mesa de craps diminuiu e as pessoas começaram a afastar-se em grupos de duas e três. Contei até cem, depois até duzentos. Furiosa, levantei-me, pronta para trocar as fichas e ir à procura de Kisten. O banheiro, o inferno. O mais certo era que estivesse no andar de cima a jogar póquer... Sem mim.

Com os baldes de fichas na mão, estaquei repentinamente. Kisten estava a descer as escadas, os movimentos rápidos com a velocidade de um vampiro vivo.

— Por onde andou? — quis saber, quando ele chegou.

Tinha o rosto tenso e eu podia ver um fio de suor na sua testa.

— Vamos embora — limitou-se ele a dizer. — Anda.

— Espera — eu soltei o cotovelo que ele segurava. — Por onde andou? Deixaste-me completamente sozinha. Um cara qualquer teve de me ensinar a jogar craps. Vê o que eu ganhei?

Kisten olhou de relance para os meus baldes, obviamente não impressionado.

— As mesas estão viciadas — disse ele, chocando-me. — Estavam a distrair-te enquanto eu falava com o patrão.

Senti-me como se me tivessem dado um murro no estômago. Afastei-me, num movimento repentino, quando ele voltou a tentar agarrar-me no cotovelo.

— Para de me tentar arrastar de um lado para o outro — disse eu, não querendo saber se havia pessoas a olhar para nós. — O que queres dizer com isso de ter estado a falar com o patrão?

Ele dirigiu-me um olhar exasperado, os primeiros vestígios da barba a despontar no seu queixo.

— Podemos fazer isso lá fora? — disse ele, obviamente apressado. Olhei de relance para os homens grandes que desciam as escadas.

Aquilo era um barco-casino. Não era do Piscary. Kisten estava a tratar dos negócios do vampiro morto-vivo. Ele estava ali a pressionar o cara que chegara agora à cidade e trouxera-me com ele para o caso de haver problema. Senti o peito apertado de raiva, quando tudo começou a fazer sentido, mas a discrição era a parte mais sábia da coragem.

— Está bem — disse eu. Minhas botas faziam sons abafados ao ritmo da minha pulsação, enquanto me dirigia para a porta. Pousei os baldes de fichas no balcão e sorri tristemente para a senhora atrás dele. — Quero que os meus ganhos sejam doados ao fundo da cidade para a reconstrução dos orfanatos queimados — disse eu com a voz tensa.

— Sim, minha senhora — disse a senhora educadamente, avaliando-nos.

Kisten tirou uma ficha da pilha.

— Queremos trocar esta.

Arranquei-a dos dedos, irritada por ele por me ter usado daquela maneira. Era ali que ele queria que Ivy fosse com ele. E eu tinha caído. Assobiando, lancei a ficha ao *croupier* da mesa de craps. Ele apanhou-a, inclinando a cabeça em agradecimento.

— Era uma ficha de cem dólares! — protestou Kisten.

— Sério? — irritada, tirei outra, atirando-a atrás da primeira. — Não quero parecer sovina — murmurei. A mulher entregou-me o recibo por oito mil setecentos e cinquenta dólares doados ao fundo da cidade. Fitei-a por um momento, depois enfiei-o na minha pequena bolsa.

— Rachel — protestou Kisten, o rosto ficando vermelho atrás do cabelo loiro.

— Não vamos ficar com nada — ignorando o casaco de Kisten que o porteiro me estendia, atravessei a porta com o duplo S entrelaçado. Um deles significaria, talvez, Saladan? Deus, eu era uma idiota.

— Rachel... — a raiva tornava a voz de Kisten dura, enquanto ele se inclinava pela porta atrás de mim. — Volta aqui e diz- que troque uma das fichas.

— Deu-me as primeiras e eu ganhei as restantes! — gritei a partir da rampa, os braços a envolver o meu corpo debaixo da neve que caía. — Vou doar todas. Estou irritada contigo, seu covarde sugador de sangue!

O homem no fundo da rampa deu uma risadinha, a sua expressão novamente impassível quando eu o fitei. Kisten hesitou, depois fechou a porta e veio atrás de mim, o casaco que me emprestara dobrado sobre o braço. Avancei até ao seu carro, esperando que ele destrancasse a porta, ou me dissesse para apanhar um táxi. Ainda a vestir o casaco, Kisten parou ao meu lado.

— Por que está zangada comigo? — disse ele num tom monocórdico, os olhos azuis começando a ficar pretos sob a luz escura.

— Aquele barco é de Saladan, não é? — disse eu furiosa, apontando para ele. — Posso ser lenta, mas acabo de entender. Piscary controla o jogo em Cincinnati. Vieste aqui à procura da parte de Piscary e Saladan recusou, não foi? Ele está a ocupar o território de Piscary e me trouxeste para te apoiar, sabendo que eu lutaria para te defender se as coisas ficassem descontroladas — furiosa, ignorei seus dentes e a sua força e aproximei o meu rosto a centímetros do dele. — Nunca mais me volte a enganar desta maneira. Podias ter me matado com os teus pequenos jogos. Eu não tenho direito a uma segunda oportunidade, Kisten. Para mim, morte é morte! — minha voz ecoou nos edifícios próximos. Pensei nos ouvidos que nos escutavam a partir do barco e senti o rosto a arder. Mas eu estava furiosa, inferno, e aquela questão ia ser resolvida antes de eu entrar no carro de Kisten. — Me enganou ao me fazer sentir especial — disse eu, a garganta apertada. — Tratou-me como se me levar para sair fosse algo que quisesse fazer por mim, nem que fosse apenas na esperança de poder afundar os dentes, e depois eu descubro que nem sequer é isso, mas apenas negócios? E nem sequer fui a tua primeira escolha. Queria que a Ivy viesse contigo, não eu! Eu sou o teu apoio alternativo. Como é que acha que isso me faz sentir? — ele abriu a boca, depois fechou-a. — Compreendo que me use como segunda escolha porque é homem e, como tal, um idiota! — exclamei. — Mas me trouxeste aqui conscientemente, para uma situação potencialmente perigosa, sem os meus feitiços, sem os meus encantamentos. Disseste que era um encontro, por isso deixei tudo em casa. Diabos, Kisten, se queria o meu

apoio, eu teria dado! Além disso — acrescentei, a minha raiva começando a diminuir já que ele parecia estar realmente a ouvir em vez de passar o tempo a formular desculpas —, teria sido divertido saber o que estava acontecendo. Eu podia ter tirado informações das pessoas, coisas assim.

Ele fitou-me, surpresa nos olhos.

— Sério?

— Sim, sério. Acha que me tornei agente do S.I. por causa do seguro dentário? Teria sido bem mais divertido do que deixar um cara qualquer ensinar-me craps. Já agora, esse era o teu trabalho.

Kisten erguia-se ao meu lado, a neve começava a acumular-se sobre o casaco de couro dobrado sobre o braço. Seu rosto comprido tinha uma expressão infeliz sob a luz fraca de um poste de rua. Ele inspirou fundo e os meus olhos semicerraram-se. Ele soltou a respiração num som rápido de derrota. Eu pude sentir meu sangue correr veloz e meu corpo estava, simultaneamente, quente e frio, de raiva e do vento cortante que se erguia do rio. Gostava ainda menos do fato de Kisten poder, provavelmente, ver meus sentimentos melhor do que eu. Seus olhos, cujo anel de azul crescia, soltaram-se de mim e dirigiram-se para o barco. Enquanto eu o observava, tornaram-se negros, deixando-me gelada.

— Tens razão — limitou-se ele a dizer, a voz tensa. — Entra no carro.

A minha raiva regressou. Filho da mãe...

— Não seja paternalista — disse eu com a voz tensa.

Ele estendeu um braço e eu desviei-me antes que ele me pudesse tocar. Com os olhos negros, parecendo sem alma sob a luz fraca, ele afastou o gesto de mim e estendeu a mão para me abrir a porta.

— Não estou a ser — disse ele, os seus movimentos mergulhando na arrepiante rapidez vampírica. — Estão a sair três homens do barco. Posso sentir o cheiro de pólvora. Você tinha razão, eu estava errado. Entra na porcaria do carro.

14

Uma onda de medo atravessou-me e, sentindo-a, Kisten inspirou como se eu lhe tivesse dado um estalo. Eu estanquei, lendo na sua fome crescente, que tinha mais com que me preocupar do que os pés que ribombavam enquanto desciam a prancha de embarque. Com o coração a bater veloz, entrei no carro. Kisten entregou-me o casaco e as chaves. A minha porta fechou-se ruidosamente e, enquanto ele passava à frente do carro eu enfiei a chave na ignição. Kisten entrou e o rugido súbito do motor fez-se ouvir ao mesmo tempo em que o estrondo da porta a fechar. Os três homens tinham mudado de direção, apressando o passo enquanto se dirigiam para um BMW de modelo antigo.

— Nunca conseguirão nos apanhar naquilo — troçou Kisten. Ligando os para-brisas para afastar a neve, engatou a mudança e eu agarrei-me ao *tablier* quando ele pisou no acelerador. Derrapamos, entrando na estrada com a traseira a fugir e passando um sinal amarelo. Eu não olhei para trás.

Kisten abrandou quando o tráfego se tornou mais intenso e, com a pulsação acelerada, enfiei o casaco dele e apertei o cinto de segurança. Ele pôs o aquecimento no máximo, mas este soprava apenas ar gelado. Sentia-me nua sem os meus amuletos. Maldição, devia ter trazido algo comigo, mas era suposto tratar-se de um encontro!

— Desculpa — disse Kisten, virando subitamente à esquerda. — Tinha razão.

— Seu idiota! — gritei, minha voz rouca no espaço apertado do carro. — Nunca tome decisões por mim, Kisten. Aqueles homens tinham armas e eu não tinha nada!

A adrenalina que se desvanecia tornava minhas palavras ainda mais sonoras do que era minha intenção e eu olhei de relance para ele, subitamente mais séria ao recordar o negro dos seus olhos, quando sentira meu medo. Ele podia parecer seguro, envergando o seu terno italiano e com o cabelo penteado para trás, mas não o era. Tudo podia mudar num instante. Céus, o que eu estava fazendo ali?

— Eu já pedi desculpa — voltou Kisten a dizer, sem olhar para a estrada, enquanto os edifícios iluminados, ofuscados pela neve, iam passando por nós. Havia mais do que um toque de irritação no seu tom de voz e eu achei que era melhor parar de gritar com ele, ainda que continuasse chateada e a tremer. Além disso, ele não se estava a revelar um covarde, implorando o meu perdão e a sua admissão confiante de ter cometido um erro era uma mudança simpática.

— Não se preocupe com isso — disse eu amargamente, não me sentindo ainda pronta a perdoá-lo, mas não desejando continuar a falar daquilo.

— Merda — disse ele, o maxilar apertado enquanto fitava o espelho retrovisor em vez da estrada à sua frente. — Eles ainda vêm atrás de nós.

Eu estremeci, conseguindo não me virar para olhar, satisfazendo-me com o que conseguia ver pelo espelho lateral. Kisten virou subitamente à direita e os meus lábios afastaram-se, revelando a minha incredulidade. A estrada à nossa frente estava vazia, um túnel escuro de nada comparado com as luzes e a segurança do comércio atrás de nós.

— Que está fazendo? — perguntei, ouvindo um toque de medo na minha voz.

Os olhos dele ainda estavam presos na estrada atrás de nós quando o Cadillac preto apareceu à nossa frente, bloqueando a estrada quando girou, ficando de lado.

— Kisten! — gritei, estendendo os braços para o *tablier*.

Deixei escapar um pequeno guincho quando ele praguejou e virou o volante. Bati com a cabeça na janela e refreei um grito de dor. Sustendo a respiração, senti os pneus perderem o contato com o pavimento enquanto deslizávamos sobre o gelo. Sem parar de praguejar, Kisten reagiu com os seus reflexos de vampiro, o carro lutando contra ele. O pequeno Corvette deu o último soluço de movimento ao tocar na calçada e nós paramos e estremecemos.

— Fica no carro — ele levou a mão à porta. Quatro homens de roupas escuras estavam a sair do Cadillac à nossa frente. Três seguiam no BMW atrás de nós. Provavelmente, eram todos bruxos e ali estava eu, com um par de amuletos de beleza. Aquilo ia ficar mesmo muito bem nos nossos obituários.

— Kisten, espera! — disse eu.

Com a mão na porta, ele virou-se para mim. Senti o peito apertado perante a escuridão dos seus olhos. Oh, céus, ele estava a dar uma de vampiro!

— Vai ficar tudo bem — disse ele, a sua voz um ribombar rico de terra preta, que penetrou até ao centro do meu ser e se apertou em torno do meu coração.

— Como é que sabe? — sussurrei.

Uma sobrancelha pintada de loiro ergueu-se ligeiramente, eu nem sequer tinha a certeza de que se tivesse movido.

— Porque se eles me matarem, então estarei morto e os caçarei. Eles querem... Falar. Fica no carro.

Ele saiu e fechou a porta. O carro ainda estava ligado, o zumbido do motor deixando-me os músculos tensos um a um. A neve que caía sobre o para-brisas derretia-se e eu desliguei.

— Fica no carro — murmurei, remexendo-me. Olhei de relance para trás de mim, vendo os três tipos do BMW que se aproximavam. Kisten foi rudemente iluminado quando se atravessou em frente das luzes, aproximando-se dos quatro homens com as palmas das mãos viradas para cima e uma calma que eu sabia ser falsa. — O inferno é que vou ficar no carro — disse eu, levando a mão à porta e saindo para o frio.

Kisten voltou-se.

— Disse que ficasses no carro — disse ele e eu afastei o medo gerado pela rudeza da sua expressão. Ele já se tinha divorciado daquilo que ia acontecer.

— Sim, disseste — respondi-lhe, obrigando os meus braços a descer.

Estava frio e eu tremi. Ele hesitou, claramente dividido. Os homens que se aproximavam dispersaram. Estávamos rodeados. Os seus rostos estavam ensombrados, mas confiantes. Tudo aquilo de que precisavam era de um bastão ou um pé-de-cabra para bater contra a palma da mão e a imagem estaria completa. Mas eram bruxos. A sua força era a sua magia. A minha respiração tornou-se lenta e eu inclinei-me para frente

sobre as botas de salto raso. Sentindo o fluxo de adrenalina, desloquei-me para frente das luzes do carro e coloquei-me de costas para Kisten. A fome negra dos seus olhos pareceu acalmar-se.

— Rachel, por favor espera no carro — disse ele, a sua voz fazendo arrepiar a minha pele. — Isso não vai levar muito tempo e não quero que apanhe do frio.

Ele não queria que eu apanhasse do frio? — Pensei, observando os três tipos do BMW atrás de nós, que paravam estabelecendo uma vedação viva.

— Estão aqui sete bruxos — disse eu baixinho. — Bastam três para formar uma rede e um para sustê-la uma vez lançada.

— É verdade, mas preciso apenas de três segundos para derrubar um homem.

Os homens na minha linha de visão hesitaram. Havia um motivo para o SI não enviar bruxos para capturar vampiros. Sete contra um talvez fosse suficiente, mas não sem que alguém se ferisse seriamente. Arrisquei um olhar de relance por cima do ombro e constatei que os quatro caras do Cadillac estavam a olhar para o homem de casaco comprido que tinha saído do BMW.

Mandachuva — pensei, achando-o excessivamente confiante enquanto ajustava o casaco comprido e agitava a cabeça aos homens que nos envolviam. Os dois à frente de Kisten avançaram e três recuaram. Os seus lábios moviam-se e as suas mãos traçavam gestos. Os pelos na parte de trás do meu pescoço eriçaram-se perante o súbito aumento de poder. Pelo menos três eram bruxos das linhas *Ley*; calculei, depois fiquei gelada quando um dos homens que tinha avançado sacou de uma arma. Droga. Kisten podia regressar dos mortos, mas eu não.

— Kisten... — avisei, a minha voz erguendo-se e os meus olhos prendendo-se na arma.

Kisten moveu-se e eu saltei. Num momento, estava ao meu lado e no seguinte, estava entre os homens. Ouvi o estalo de uma arma. Arquejando, agachei-me, as luzes do Corvette deixando-me cega. Mantendo-me baixa, vi que um dos homens tinha caído, mas não o que segurava a arma.

Rodeando-nos, quase perdidos na escuridão, os bruxos das linhas *Ley* murmuravam e gesticulavam, a sua rede apertava-se cada vez que davam um passo em frente. A minha pele formigou quando a rede caiu sobre nós.

Movendo-se demasiado rápido para que eu o conseguisse seguir, Kisten agarrou o pulso do homem com a arma. O estalar do osso foi claro no ar frio e seco. O meu estômago saltou quando o homem gritou e caiu de joelhos. Kisten seguiu aquele movimento com um poderoso golpe na cabeça do homem. Alguém gritava. A arma caiu e Kisten apanhou-a antes de ter tocado na neve.

Com um gesto do pulso, Kisten atirou a arma num arco, para mim. Ela brilhou à luz dos faróis, e eu saltei para a frente para a apanhar. O metal pesado caiu na minha mão. Estava quente, surpreendendo-me. Ouvi mais uma arma e saltei. Deixei cair a arma sobre a neve.

— Apanhem aquela arma! — disse o homem do casaco comprido, que se mantinha afastado.

Espreitei por cima do capô do Corvette de Kisten constatando que ele também tinha uma arma. Os meus olhos abriram-se mais quando vi a sombra negra de um homem a vir na minha direção. Tinha na mão uma bola de eternidade cor de laranja. A minha respiração silvou quando ele sorriu e a lançou para mim. Atirei-me para o chão, a neve coberta de gelo nada fez para amortecer a minha queda. A eternidade explodiu numa chuva de centelhas que cheiravam a Enxofre, ao bater no carro de Kisten e ricochetear. A neve meio derretida molhava-me as roupas, o choque limpou-me as ideias. A partir do chão, pousei as palmas das mãos abertas no pavimento frio e concentrei-me. As minhas roupas! As minhas calças forradas de seda estavam cobertas de neve cinzenta e suja.

— Vê só o que me obrigaste a fazer! — gritei, furiosa, enquanto sacudia de mim a neve fria.

— Seu filho da mãe! — gritou Kisten e eu virei-me, vendo três bruxos a envolvê-lo num círculo imperfeito. O que tinha lançado a bola de eternidade fez um movimento de dor e Kisten o chutou selvagemente. Como é que ele tinha chegado ali tão depressa?

— Queimou a pintura do carro, seu imbecil!

Enquanto eu o observava, o semblante de Kisten alterou-se num instante sem fôlego. De olhos negros, lançou-se para o bruxo das linhas *Ley* que se encontrava mais próximo. Os olhos do homem abriram-se muito, mas não teve tempo para mais. O punho de Kisten bateu-lhe no rosto, impelindo a cabeça para trás.

Ouviu-se um som de esmagamento feio e o bruxo dobrou-se sobre si próprio. Com os braços moles, traçou um arco para trás através do ar, caindo e deslizando sobre os

faróis do Cadillac. Girando antes de o primeiro ter parado de se mover, Kisten aterrou à frente do seguinte, traçando um círculo apertado. Os sapatos bateram na parte de trás dos joelhos do bruxo sobressaltado. O homem gritou enquanto as pernas cediam. O som cessou com uma rapidez assustadora quando Kisten bateu com o antebraço na garganta dele. Senti o estômago apertado perante o gorgolejo e o estalar da cartilagem.

O terceiro bruxo recuou, começando a correr. Um erro. Um erro terrível. Kisten percorreu os três metros que os separavam tão depressa como meia batida cardíaca. Agarrando o bruxo que fugia, o fez girar num círculo, sem nunca lhe largar o braço. O estalido do braço a sair do lugar atingiu-me como um estalo. Levei a mão ao estômago, sentindo-me mal. Fora tão rápido como o pensamento, nem mais um segundo.

Kisten parou à frente do último bruxo que continuava de pé, mantendo-se a uns agressivos dois metros e meio de distância. Tremi, ao recordar a vez em que Ivy me olhara assim. Ele tinha uma pistola, mas não me pareceu que fosse ajudar.

— Vai me dar um tiro? — rosnou Kisten.

O homem sorriu. Senti-o aceder a uma linha. Recuperei rapidamente o fôlego para gritar em aviso. Kisten lançou-se para frente, apanhando o homem pela garganta. Os olhos do homem abriram-se de medo enquanto ele lutava por recuperar o fôlego. A pistola caiu, a mão pendendo inútil. Os ombros de Kisten tornaram-se tensos, a agressão brilhava nele. Não conseguia ver seus olhos. Também não os queria ver. Mas o homem que ele segurava conseguia e estava aterrorizado.

— Kisten! — gritei, demasiado assustada para interferir. Oh, céus! Por favor não. Não quero ver isto.

Kisten hesitou e eu perguntei-me se ele conseguia ouvir meu coração a bater. Lentamente, como se lutasse contra si próprio, Kisten puxou o homem para mais perto de si. O bruxo arquejava, lutando por respirar. Os faróis fizeram brilhar o cuspe que borbulhava no canto da sua boca e tinha o rosto vermelho.

— Diz a Saladan que nos vemos por aí — rosnou Kisten.

Saltei quando o braço de Kisten se estendeu e o bruxo saiu a voar. Ele chocou contra um poste de iluminação apagado e o choque reverberou pelo poste acima, fazendo a luz tremeluzir e acender-se. Eu tive medo de me mexer quando Kisten se virou. Vendo-me de pé, sobre a neve que caía, iluminada pelos faróis do carro, ele fez uma pausa. Com os olhos daquele preto terrível, limpou uma mancha de humidade do casaco.

Imóvel e tensa, afastei dele o olhar, seguindo seus olhos quando ele olhou de relance para o carro, fortemente iluminado pelos três pares de faróis e pelo candeeiro isolado. Havia homens por todos os lados. O que tinha o ombro deslocado tinha vomitado e tentava chegar a um carro. No fundo da rua, um cão ladrou e uma cortina agitou-se numa janela iluminada. Levei a mão ao estômago, sentindo náuseas. Eu gelara. Oh, céus, eu gelara, incapaz de fazer o que quer que fosse. Eu deixara-me entorpecer, porque as ameaças de morte sobre mim tinham desaparecido. Mas por causa do que fizera, seria sempre um alvo.

Kisten começou a andar, o anel de azul ao redor das suas pupilas negras muito fino.

— Disse para ficar no carro — disse ele e eu fiquei rígida quando ele me segurou no cotovelo e me conduziu ao Corvette.

Num torpor, não resisti. Ele não estava zangado comigo e eu não queria que ele ficasse ainda mais consciente do bater do meu coração e do medo que eu ainda sentia. Mas um arrepio de aviso fez-me ficar rígida. Escapando das mãos de Kisten, virei-me, os olhos muito abertos e inquisitivos. Erguendo-se de debaixo do candeeiro, o homem vergado semicerrava os olhos, o rosto transfigurado pela dor.

— Perdeu, cadela — disse ele, depois pronunciou uma palavra selvagem em latim.

— Cuidado! — gritei, empurrando Kisten para longe de mim.

Ele caiu para trás, recuperando o equilíbrio com uma graça vampírica. Eu caí no chão quando as minhas botas escorregaram. Um grito cru varreu-me. O coração a bater veloz, levantei-me subitamente, meu olhar pousando-se primeiro em Kisten. Ele estava bem. Era o bruxo. Levei a mão à boca, horrorizada, enquanto o seu corpo manchado de eternidade se contorcia sobre a calçada coberta de neve. O medo trespassou-me quando a neve que ele levantava assumiu uma cor avermelhada. Ele estava a sangrar através dos poros.

— Deus o ajude — sussurrei.

Ele guinchou, depois guinchou outra vez, o som rude tocando no primitivo do meu ser. Kisten avançou para ele rapidamente. Eu não o podia impedir; o bruxo estava a sangrar, a gritar de dor e medo. Estava a provocar Kisten ao máximo. Virei-lhe as costas, pousando a mão a tremer sobre o capô quente e trepidante do Corvette. Eu ia ficar maldisposta. Já sabia.

Ergui a cabeça quando o terror e a dor do homem cessaram, com um estalo seco. Kisten ergueu-se, com uma expressão horrenda e furiosa. O cão voltou a ladrar, enchendo a noite gelada com o som do alarme. Um par de dados rolou da mão mole do homem e Kisten os pegou.

Eu já não conseguia pensar. De repente, Kisten estava ao meu lado, a mão no meu cotovelo, conduzindo-me para o carro. Deixei que ele me guiasse, feliz por ele não ter sucumbido aos seus instintos vampíricos e perguntando-me porque teria isso acontecido. Toda a sua aura vampírica tinha desaparecido, os olhos estavam normais e as suas reações eram apenas ligeiramente rápidas.

— Ele não está morto — disse ele, entregando-me os dados. — Nenhum deles está morto. Não matei ninguém, Rachel.

Perguntei-me porque lhe interessaria aquilo que eu pensava. Peguei os pedaços de plástico e agarrei-os até me doerem os dedos.

— Traz a arma — sussurrei. — Tem as minhas impressões digitais — sem revelar que me tinha ouvido, ele enfiou meu casaco dentro do carro e fechou a porta.

O odor acre do sangue chamou minha atenção e obriguei minha mão a abrir-se. Os dados estavam pegajosos. Senti o estômago às voltas e levei um punho frio como o inverno à boca. Eram o par que eu tinha usado no casino. Toda a sala me tinha visto beijá-los; ele tentou usá-los como objeto focal, mas eu não tinha chegado a estabelecer a ligação e, por isso, a magia negra ricocheteou ferindo, em vez disso, quem a tentara utilizar.

Olhei através da janela, tentando não hiperventilar. Era suposto aquele ser eu, os membros contorcidos e abertos sobre a neve derretida pelo sangue. Eu não passara de um peão no jogo de Saladan e ele estivera preparado para me liquidar se isso significasse a devolução do equilíbrio para os seus homens. E eu não fizera nada, demasiado gelada pela minha falta de amuletos e tão chocada que nem sequer fora capaz de erguer um círculo.

A intensidade da luz aumentou quando Kisten se atravessou à frente dos faróis, dobrando-se e recuperando a arma. Os seus olhos cruzaram-se com os meus – cansados e desconfiados – até um suave movimento atrás dele o ter feito girar. Alguém estava a tentar fugir. Eu emiti um pequeno gemido, enquanto Kisten dava passos incrivelmente rápidos e longos, agarrando-o, erguendo-o no ar, os pés a abanar. O homem pareceu grunhir, um som que atravessou até ao centro de mim, enquanto suplicava pela vida.

Disse a mim mesma que a pena dele era uma idiotice, que eles tinham planeado o pior para mim e Kisten. Mas tudo o que Kisten fez foi falar com ele, os rostos tocando-se enquanto o vampiro lhe sussurrava ao ouvido.

Num movimento espalhafatoso, Kisten lançou-o para cima do teto do Cadillac, limpando a arma na bainha do casaco do bruxo. Tendo terminado, largou a arma e virou-lhe costas. Kisten tinha as costas vergadas quando regressou ao carro, o que lhe dava uma má mistura de raiva e preocupação. Eu nada disse quando ele entrou e ligou os para-brisas. Mantendo o silêncio, ele foi metendo a primeira e a marcha ré, manobrando o carro para tirá-lo da caixa que os dois carros tinham desenhado.

Eu agarrei-me à porta e não disse nada enquanto avançávamos, parávamos e voltávamos a avançar. Por fim, não tínhamos à nossa frente senão estrada livre e Kisten acelerou. Meus olhos abriram-se quando os pneus começaram a girar e nós começámos a derrapar no gelo, deslizando para a esquerda, mas depois os pneus agarraram e nós saltámos para frente. Saímos por onde tínhamos chegado, no som deslizante de um motor de corrida.

Eu mantive o silêncio enquanto Kisten conduzia, os seus movimentos rápidos e súbitos. As luzes tornaram-se, abruptamente, mais brilhantes à nossa volta, derramando-se sobre o seu rosto, marcado pela tensão. Eu sentia o estômago tenso e doíam-me as costas. Eu sabia que ele estava a tentar perceber como deveria reagir.

Observá-lo tinha sido simultaneamente excitante e terrivelmente assustador. Viver com Ivy tinha me ensinado que os vampiros eram tão instáveis como assassinos em série, divertidos e cativantes num instante, agressivos e perigosos no seguinte. Eu sabia-o, mas assistir a tudo aquilo tinha sido uma advertência chocante.

Engolindo em seco, olhei para mim própria, constatando que estava mais tensa do que um esquilo com anfetaminas. Imediatamente, obriguei as minhas mãos fechadas a abrirem-se e os meus ombros a relaxar. Fitei os dados ensanguentados que tinha na mão e Kisten murmurou:

— Eu não faria isso com você, Rachel. Não o faria — o ritmo do limpa-vidro era lento e firme. Talvez eu devesse ter ficado no carro. — Tens lenço umedecido no porta-luvas.

A sua voz tinha a suavidade de uma desculpa. Baixando os olhos antes que ele me olhasse de frente, abri o porta-luvas e encontrei alguns lenços. Os meus dedos tremiam

enquanto eu envolvia os dados com eles e, depois de um momento de hesitação, os colocava na minha pequena bolsa.

Procurando melhor, encontrei os lenços umedecidos. Sentindo-me infeliz, entreguei o primeiro a Kisten, depois limpei as mãos com o segundo. Kisten conseguia conduzir com facilidade através das ruas cobertas de neve e cheias de carros, ao mesmo tempo em que limpava, meticulosamente, os dedos. Quando terminou, estendeu a mão para que eu lhe desse o meu e eu entreguei. Atrás do meu banco, estava um pequeno saco de lixo e, sem qualquer esforço, ele estendeu o braço e jogou ambos fora. As mãos dele eram tão firmes como as de um cirurgião e eu enrolei os dedos para esconder os tremores. Kisten acalmou-se, e eu quase conseguia vê-lo a forçar a tensão para fora de si enquanto exalava. Estávamos a meio caminho de Hollows, as luzes de Cincinnati, fortes, à nossa frente.

— Trás, crunch, pop — disse ele, levemente. Confusa, mirei-o.

— Desculpe? — disse eu, feliz por a minha voz soar calma.

Sim, eu acabara de vê-lo a derrubar toda uma assembleia de bruxos das artes negras, com a graça sem esforço de um predador, mas se agora queria discutir cereais de café-da-manhã, eu não me importaria de fazê-lo.

Ele dirigiu-me um sorriso de lábios apertados, um toque de desculpa, talvez de culpa, no fundo dos seus olhos azuis.

— Trás, crunch, pop — disse ele. — Derrubá-los tinha o mesmo som de uma tigela de cereais — ergui as sobrancelhas e um sorriso amarelo desceu sobre mim. Com um movimento pequeno, estendi os pés na direção da saída de ar junto ao chão. Se não risse, ia chorar. E eu não queria chorar. — Não me saí muito bem esta noite, hum? — disse ele, os olhos de novo na estrada. Eu não disse nada, sem saber ao certo o que sentia. — Rachel — disse ele suavemente. — Lamento que tivesse de ver aquilo.

— Não quero falar disso — disse eu, recordando os gritos aterrorizados e repletos de agonia do homem. Eu já sabia que Kisten fazia coisas horrendas por causa de quem era e daquele para quem trabalhava, mas assistir àquilo enchera-me simultaneamente de repulsa e fascínio. Eu era um detetive, a violência fazia parte da minha existência. Eu não podia rotular seriamente aquilo que tinha acontecido como mau sem lançar a minha própria profissão para a escuridão. Embora os seus olhos estivessem negros e os seus instintos tensos, ele tinha agido de forma rápida e decisiva, com uma graça e um movimento sucinto que eu invejava. Além disso, durante tudo aquilo, eu sentira a

atenção de Kisten levemente em mim, sempre consciente de onde eu me encontrava e de quem me estava a ameaçar.

Eu gelara e ele mantivera-me em segurança. Kisten acelerou suavemente através do cruzamento à nossa frente, quando o semáforo mudou para verde. Ele suspirou, obviamente inconsciente dos meus pensamentos, enquanto virava em direção à igreja. O relógio brilhante no *tablier* indicava que eram três e meia. A saída já não soava tão divertida, mas eu ainda estava a tremer e, se ele não me alimentasse, eu ia acabar por comer bolachas de queijo e restos de arroz ao jantar. Bah!

— Vamos ao Mickey-d's? — perguntei. Era só um encontro, pelo amor de Deus. Um encontro... Platônico.

Kisten ergueu subitamente a cabeça. Os lábios afastados numa expressão de espanto, quase chocava contra os carros à nossa frente, carregando no freio de mão na última hora. Habituada à forma como Ivy conduzia, simplesmente preparei-me e deixei-me balançar para frente e para trás.

— Ainda quer ir jantar? — perguntou ele, enquanto o tipo à nossa frente gritava insultos impossíveis de ouvir através do espelho retrovisor. Eu encolhi os ombros. Estava coberta de neve derretida e suja, o meu cabelo caía-me em redor das orelhas, tinha os nervos em franja... Se não comesse qualquer coisa, ia ficar maldisposta. Ou doente. Ou pior. Kisten recostou-se, uma expressão pensativa alisando suas feições tensas. Um toque da sua normal atitude arrogante brilhou, apesar da postura vergada. — Agora tudo o que te posso oferecer é fast food — resmungou ele alegremente, mas eu pude constatar que ele estava aliviado por eu não o obrigar a levar-me para casa. — Tinha planeado usar parte dos ganhos para te levar para jantar ao nascer do sol em Carew Tower.

— Os órfãos precisam mais do dinheiro do que eu preciso de um jantar excessivamente caro no topo de Cincinnati — disse eu.

Kisten riu, o som foi tornando mais fácil para eu afastar o que restava da minha cautela. Ele mantivera-me viva quando eu gelara. Não ia acontecer outra vez. Nunca mais.

— Hei, hum, há alguma hipótese de não contares à Ivy sobre... Aquilo? — perguntou ele.

Eu sorri perante a inquietação na sua voz.

— Vai sair caro, dentinho.

Ele deixou escapar um pequeno ruído e, quando se virou, os seus olhos estavam muito abertos numa preocupação fingida.

— Estou na disposição de te oferecer um batido super gigante em troca do teu silêncio — disse ele e eu reprimi um arrepio perante a ameaça brincalhona que ele colocara naquela frase. Sim, chamem-me idiota. Mas eu estava viva e ele mantivera-me em segurança.

— Que seja de chocolate — disse eu — e temos o negócio feito.

O sorriso de Kisten cresceu e ele agarrou o volante com uma segurança redobrada. Eu recostei-me no assento de couro aquecido, abafando um minúsculo, oh tão minúsculo, pensamento de preocupação.

O quê, como se eu fosse contar à Ivy?

15

O som do gelo e do sal esmagado era forte enquanto Kist me acompanhava até à porta. O carro estava estacionado junto a calçada, numa poça de luz, difusa devido à névoa que caía. Subi os degraus, perguntando-me o que iria acontecer nos cinco minutos seguintes. Tratava-se de um encontro platônico, mas anda assim, de um encontro. Que ele me pudesse beijar deixava-me nervosa.

Voltei-me ao chegar junto da porta, sorrindo. Kisten erguia-se a meu lado com o seu longo casaco de lã e os sapatos brilhantes, muitíssimo elegante com o cabelo a cair-lhe sobre os olhos. A neve que caía era lindíssima e cobria-lhe os ombros. A cena dos acontecimentos dessa noite entrava e saía dos meus pensamentos.

— Eu diverti-me — disse eu, desejando esquecê-lo. — Ir ao Mickeyd's foi divertido.

A cabeça de Kisten baixou e ele deixou escapar uma pequena gargalhada.

— Nunca tinha fingido ser um inspetor sanitário para receber uma refeição gratuita. Como sabia o que fazer?

Eu estremeci.

— Eu, hum, trabalhei na cozinha de uma lanchonete durante o liceu, até ter deixado cair um amuleto na frigideira — ele ergueu uma sobrancelha e eu acrescentei. — Fui despedida. Não sei por que tanto drama. Ninguém se magoou e a mulher ficou muito melhor com o cabelo liso.

Ele riu, sua gargalhada transformando-se num acesso de tosse.

— Deixaste cair uma poção na frigideira?

— Foi um acidente. O gerente teve que pagar um dia no spa e eu fui atirada da vassoura. Tudo o que ela precisava era de um banho de sal para quebrar o feitiço, mas ela ia nos processar.

— Não consigo imaginar por que... — Kisten ergueu-se na ponta dos dedos, voltando depois a pousar os pés no chão, tinha as mãos atrás das costas e olhava para além da neve, para o campanário. — Fico feliz por ter se divertido. Eu também me diverti — ele recuou e eu fiquei imóvel. — Passo aqui amanhã à noite para vir buscar meu casaco.

— Hei, hum, Kisten? — disse eu, sem saber por que. — Queres... Beber um café?

Ele estacou, num movimento gracioso, com um pé no degrau seguinte. Virando-se de novo para mim, sorriu, a sua expressão agradada estendendo-se até aos olhos.

— Só se deixar que eu faça.

— De acordo — minha pulsação estava ligeiramente mais rápida quando eu abri a porta e entrei à frente dele. Fomos recebidos pelo som de uma lenta música de jazz, que se erguia da sala de estar. Ivy estava em casa e eu esperei que ela já tivesse regressado da sua dose bissemanal de sangue. A música Lilac Wine cantada com alma criava um ambiente suave, que era acentuado pela escuridão do santuário.

Eu tirei o casaco de Kisten, a seda do seu forro emitindo um som abafado enquanto deslizava de mim. O santuário estava mal iluminado e silencioso, os *pixies* aninhados na minha mesa, embora já devessem estar acordados àquela hora. Querendo preservar o ambiente, tirei as botas, enquanto Kisten pendurava o casaco que trazia vestido ao lado daquele que me tinha emprestado.

— Vamos lá para dentro — sussurrei, não querendo acordar os *pixies*. O sorriso de Kisten era suave, enquanto ele me seguia até à cozinha.

Fomos silenciosos, mas eu sabia que Ivy nos tinha ouvido quando ela baixou, ligeiramente, a música. Atirando minha pequena bolsa para o meu lado da mesa, senti-me como se fosse outra pessoa enquanto avançava de meias até a geladeira, em busca do café. Vi meu reflexo na janela. Se se ignorassem as manchas de neve e o cabelo desgrenhado, não estava assim com tão mau aspecto.

— Vou buscar o café — disse eu, procurando na geladeira enquanto o som de água a correr se intrometia na música de jazz.

Com os grãos de café na mão, virei-me e descobri-o de aspecto confortável e relaxado, no seu terno de risco enquanto se erguia junto a pia e limpava a nova cafeteira. Tinha toda a sua atenção centrada na tarefa, aparentemente inconsciente do fato de eu me encontrar na mesma divisão, enquanto ele jogava fora os velhos grãos e retirava um filtro do armário, em movimentos suaves e inconscientes.

Depois de ter passado quatro horas com ele sem que fizesse qualquer comentário namoradeiro ou qualquer insinuação sobre sexo ou sangue sentia-me confortável. Eu não sabia que ele podia ser assim: normal. Observei-o enquanto ele se movia, vendo-o com os pensamentos em nada. Gostei do que estava a ver e perguntei-me como seria ser sempre assim. Como se sentisse os meus olhos sobre ele, Kisten virou-se.

— Que foi? — perguntou ele, sorrindo.

— Nada — olhei de relance para o corredor escuro. — Quero ir ver como está Ivy.

Os lábios de Kisten afastaram-se, revelando um vislumbre dos seus dentes, enquanto o sorriso crescia.

— Está bem.

Não sabendo ao certo porque é que isso parecia agradar-lhe, dirigi-lhe um último olhar de sobrancelha erguida e avancei para a sala de estar iluminada pelas velas. Ivy estava estendida na sua almofada da poltrona, a cabeça pousada num braço, as pernas sobre o outro. Os seus olhos castanhos pousaram-se nos meus quando entrei, fitando as linhas suaves e elegantes das minhas roupas e descendo até aos meus pés cobertos apenas por umas meias de nylon.

— Estás coberta de neve — disse ela, sem alterar a posição ou a expressão do rosto.

— Eu, hum, escorreguei — menti, e ela aceitou-o, tomando o meu nervosismo por embaraço. — Por que os pixies ainda estão a dormir?

Ela fungou – erguendo-se e colocando os pés no chão – e eu sentei-me na poltrona à frente dela, deixando entre nós a mesinha de centro.

— Jenks manteve-os acordados depois de ter saído, para que ainda estivessem a dormir quando chegasses a casa.

Um sorriso agradecido desceu sobre mim.

— Lembra-me de lhe fazer alguns bolos de mel — disse eu, recostando-me e cruzando as pernas.

Ivy deixou-se cair na sua poltrona, numa posição semelhante à minha.

— Então... Como correu o teu encontro?

Os meus olhos fixaram-se nos dela. Consciente de que Kisten nos estava a ouvir da cozinha, encolhi os ombros. Ivy agia, muitas vezes, como uma ex-namorada enjoativa o que era muito, muito estranho. Mas agora que eu sabia que tal comportamento tinha origem na sua necessidade de manter a minha confiança, era um pouco mais fácil de compreender, ainda que continuasse a ser estranho. Ela inspirou lentamente e eu soube que ela estava a cheirar o ar, para garantir que ninguém me tinha mordido no Piscary's. Os seus ombros relaxaram e eu revirei os olhos em sinal de exasperação.

— Hei, hum — comecei. — Lamento muito aquilo que disse antes. Sobre o Piscary's? — os olhos dela saltaram para os meus e eu acrescentei rapidamente. — Queres ir lá um dia desses? Comigo, quero dizer. Acho que se ficar no piso de baixo, não desmaiarei — meus olhos semicerraram-se, sem saber porque é que estava a fazer aquilo, a não ser pelo fato de achar que se ela não achasse em breve uma forma de se relaxar, ia acabar por se partir em duas. Eu não queria estar perto para assistir. E me sentiria melhor se lá estivesse para mantê-la debaixo de olho. Tinha a sensação de que ela desmaiaria ainda mais depressa do que eu.

Ivy mexeu-se na poltrona, retomando a posição em que se encontrava quando eu entrei.

— Claro — disse ela, a sua voz não dando o mínimo sinal dos seus pensamentos, enquanto ela fitava o teto e fechava os olhos. — Há algum tempo que não temos uma saída só de mulheres.

— Ótimo — recostei-me nas almofadas enquanto esperava por Kisten.

Na aparelhagem, uma voz suave, que exsudava sexo, sussurrou enquanto as músicas mudavam. O cheiro de café a ferver tomou-se óbvio. Senti um sorriso acender-se no meu rosto quando começou a tocar o mais recente single de Takata. Até o estavam a passar nas estações de Jazz. Ivy abriu os olhos.

— Passes para os bastidores — disse ela, sorrindo.

— Para o fundo dos bastidores — contrapus.

Ela já tinha concordado em trabalhar comigo no concerto e eu estava ansiosa por apresentá-la a Takata. Mas depois pensei em Nick. Não havia, agora, a mínima hipótese de eles nos acompanhar. Talvez pudesse perguntar a Kisten se estava disposto a ajudar-nos. E já que ele estava a representar o papel de delfim de Piscary, seria duplamente eficaz como forma de dissuasão. Um pouco como um carro da polícia estacionado nas imediações. Olhei para o corredor escuro, perguntando-me se ele diria que sim caso lhe perguntasse e se eu queria que ele lá estivesse.

— Escuta — Ivy ergueu um dedo. — Esta é a minha parte favorita. Aquele reverberar baixo penetra-me até às entranhas. Ouve a dor na voz dela? Este tem de ser o melhor CD de Takata.

A voz dela? Só o Takata estava a cantar.

— É minha, de certa forma — sussurrou Ivy, os olhos fechados, a dor interior aparente na sua testa, deixando-me desconfortável. — És minha, embora não o saibas. És minha, um laço nascido da paixão...

Os meus olhos abriram-se muito. Ela não estava a cantar a mesma coisa que Takata. Suas palavras estavam entrelaçadas com as dele, um bizarro pano de fundo que me fez arrepiar a pele. Aquele era o refrão que ele não ia lançar.

— És minha, no entanto, totalmente tu — sussurrou ela. — Por nossa vontade...

— Ivy! — exclamei eu, e os olhos dela abriram-se de repente. — Onde ouviu isso? — ela fitou-me sem compreender, enquanto Takata continuava, cantando sobre acordes feitos na ignorância. — Esse é o refrão alternativo! — disse eu, deslizando para a beira da poltrona. — Ele não ia lançar essa versão.

— O refrão alternativo? — disse ela, enquanto Kisten entrava, pousando uma travessa com três canecas de café na mesa, ao lado das espessas velas vermelhas e fazendo questão de se sentar ao meu lado.

— A letra! — apontei para a aparelhagem. — Estava a cantá-la. Ele não ia lançar essa versão. Ele disse. Ele ia lançar a outra.

Ivy fitou-me, como se eu estivesse louca, mas Kisten gemeu, dobrando-se e pousando os cotovelos nos joelhos, a cabeça nas mãos.

— É a faixa para vampiros — disse ele, a voz monocórdica. — Diabos.

Bem me pareceu que me faltava qualquer coisa. Confusa, levei a mão ao meu café. Ivy endireitou-se e fez o mesmo.

— Faixa de vampiros? — disse eu.

Kisten ergueu a cabeça. A sua expressão era resignada enquanto afastava a franja loura.

— Takata costuma acrescentar uma faixa às suas músicas que só os mortos-vivos são capazes de ouvir — disse ele, e eu estanquei, a caneca a meio caminho dos meus lábios. — Ivy consegue ouvi-la por ser o delfim de Piscary.

O rosto de Ivy ficou branco.

— Não consegue ouvi-la? — perguntou ela. — Aqui mesmo — disse ela, fitando a aparelhagem enquanto o refrão recomeçava. — Não consegue ouvi-la a cantar com Takata?

Abanei a cabeça, sentindo-me inquieta.

— Só o consigo ouvir a ele.

— A bateria? — perguntou ela. — Consegues ouvi-la?

Kisten acenou, recostando-se com o café nas mãos e urna expressão carrancuda.

— Sim, mas tu estás a ouvir muito mais do que nós — pousou a caneca. — Maldição — praguejou. — Agora vou ter de esperar até estar morto e fazer figas para que consiga encontrar por aí uma cópia antiga — suspirou decepcionado. — É boa, Ivy? A voz dela é a coisa mais fantástica que alguma vez ouvi. Ela está em todos os CD, nas nunca surge listada nos créditos — ele abateu-se sobre si mesmo. — Não sei por que ela não faz um álbum só dela.

— Não consegue ouvi-la? — disse Ivy, suas palavras num forte estacato. Ela pousou a caneca com força suficiente para entorná-la e eu fitei-a, surpreendida.

Kisten olhou de esguelha e abanou a cabeça.

— Parabéns — disse ele amargamente. — Bem-vinda ao clube. Quem me dera ainda fazer parte dele.

A minha pulsação acelerou enquanto os olhos de Ivy brilhavam de raiva.

— Não! — disse ela, levantando-se.

Kisten olhou para cima, os olhos muito abertos, só agora compreendendo que Ivy não estava contente. Ivy abanou a cabeça, muitíssimo tensa.

— Não — disse ela com insistência. — Não quero isto!

A compreensão deixou-me tensa. Que ela conseguisse ouvir significava que o controle de Piscary sobre ela se estava a tornar mais forte. Fitei Kisten e a sua expressão tornou-se preocupada.

— Ivy, espera — disse ele com uma voz calmante, enquanto o rosto normalmente plácido dela se tornava feio de raiva.

— Já nada é meu! — exclamou ela, os olhos tornando-se negros. — Era lindo e agora é feio por causa dele. Ele está a tomar tudo, Kist! — gritou ela. — Tudo!

Kisten levantou-se e eu fiquei imóvel quando ele contornou a mesa e estendeu os braços para ela.

— Ivy...

— Isso vai acabar — disse ela, afastando a mão dele com um movimento rápido, antes que ele lhe conseguisse tocar. — Agora mesmo.

Fiquei de queixo caído quando ela saiu de rompante da sala, com a rapidez de um vampiro. As chamas das velas tremeluziram, depois se aquietaram.

— Ivy? — pousei o café e levantei-me, mas a divisão já estava vazia. Kisten tinha saído disparado atrás dela. Eu estava só. — Para onde vais... — sussurrei. Ouvi o ruído abafado do sedan de Ivy, que esta pedira emprestada à mãe para o inverno. Num instante, tinha desaparecido. Saí para o corredor, o som suave de Kisten a fechar a porta e dos seus passos sobre o chão de madeira claros no silêncio. — Onde é que ela vai? — perguntei-lhe, quando ele chegou perto no corredor.

Ele pousou-me a mão no ombro, numa silenciosa sugestão de que eu deveria regressar à sala de estar. Com apenas as meias calçadas, a diferença das nossas alturas era algo que eu sentia fortemente.

— Falar com Piscary.

— Piscary! — o choque fez-me parar. Escapei-me das suas mãos que me seguravam levemente e avancei para o corredor. — Ela não pode falar com ele sozinha!

Mas Kisten dirigiu-me um sorriso triste.

— Ela vai ficar bem. Já é mais do que tempo de falar com ele. Quando o fizer, ele vai recuar. É por isso que ele a tem estado a importunar. Isso é uma coisa boa.

Nada convencida, regressei à sala de estar. Estava muito consciente dele atrás de mim, silencioso, suficientemente perto para me tocar. Estávamos completamente sós, se não se tivessem em conta os cinquenta e seis *pixies* na minha escrivaninha.

— Ela vai ficar bem — disse ele, num sussurro, enquanto me seguia, os sapatos silenciosos.

Eu queria que ele fosse embora. Estava emocionalmente esgotada e queria que ele fosse embora. Sentindo os seus olhos sobre mim, soprei para apagar as velas. Na nova escuridão, reuni as canecas de café sobre a bandeja na esperança de que ele percebesse o sinal. Mas quando meu olhar se ergueu para o corredor, um pensamento deixou-me gelada.

— Achas que Piscary pode força-la a me morder? Ele quase a fez morder o Quen.

Kisten começou a mexer-se, os dedos tocando de leve nos meus enquanto ele pegava na bandeja, no meio do ar pesado com o fumo.

— Não — disse ele, claramente esperando que eu seguisse para a cozinha à frente dele.

— Por que não? — avancei para a divisão fortemente iluminada. Semicerrando os olhos perante a nova luminosidade, Kisten pousou o tabuleiro ao lado da pia e despejou o café, criando poças castanhas na porcelana branca.

— Piscary foi capaz de exercer uma tal influência sobre ela esta tarde porque a apanhou desprevenida. Isso e o fato de não haver ainda comportamento preestabelecido contra o qual lutar. Ela tem estado a lutar contra os seus instintos para te morder desde que se tornaram parceiras na SI. E não foi se tornando mais fácil.

Piscary não pode obrigá-la a te morder, a menos que ela ceda primeiro e ela não vai ceder. Respeita-te muito.

Abri a máquina de lavar a louça e Kisten empilhou as canecas na parte de cima.

— Tem certeza? — perguntei, suavemente, desejando acreditar.

— Sim — sorriso cúmplice voltava a fazer com que ele se parecesse com um garoto maroto num terno caro. — Ivy tem orgulho em negar-se a si própria. Dá mais valor à sua independência do que eu, razão pela qual o combate. Seria mais fácil se ela desistisse. Nesse caso, ele deixaria de tentar forçar o seu domínio sobre ela. Não é algo degradante deixar que Piscary veja através dos nossos olhos, canalize as nossas emoções e desejos. Eu achava-o edificante.

— Edificante — encostei-me ao balcão incrédula. — O facto de Piscary exercer a sua vontade sobre ela e a obrigar a fazer coisas que ela não quer é "edificante"?

— Não quando põe as coisas dessa forma — ele abriu o armário debaixo da pia e retirou do seu interior o detergente. Perguntei-me, por breves instante, como é que ele sabia onde encontrá-lo. — Mas Piscary só está sendo um idiota porque ela resiste. Ele gosta que ela o confronte.

Tirei a garrafa das mãos dele e enchi a pequena taça na porta da máquina de lavar.

— Eu estou sempre a dizer que ser o delfim de Piscary não faz dela menos, mas mais — disse ele. — Ela não perde nada de si própria e ganha tanto. Como aquela faixa só para vampiros e o fato de ter quase tanta força como um morto-vivo, sem nenhum dos inconvenientes.

— Como uma alma que te diga que é errado ver as pessoas como biscoitos ambulantes — disse eu, mordaz, fechando a porta com um estalo.

Ele deixou escapar um suspiro, o fino tecido do seu terno erguendo-se na zona dos ombros, quando ele tirou a garrafa de detergente das minhas mãos e a pousou sobre o balcão.

— Não é assim — disse ele. — As ovelhas são tratadas como ovelhas, os abusadores são abusados e os que merecem mais recebem tudo.

Cruzando os braços em frente do peito, disse:

— E quem és tu para tomar essa decisão?

— Rachel — ele soava cansado, quando tomou os meus cotovelos nas mãos. — São eles quem tomam essa decisão.

— Não acredito nisso — mas não me afastei nem fiz qualquer movimento para que ele tirasse suas mãos de mim — E mesmo que assim seja, vocês aproveitam-se disso.

Os olhos de Kisten tornaram-se distantes, caindo dos meus ao mesmo tempo em que puxava os meus braços suavemente, para que assumissem uma postura menos agressiva.

— A maior parte das pessoas — disse ele — estão desesperadas por ser desejadas. E se não se sentirem bem consigo próprias, ou se pensarem que não merecem ser amadas, algumas procurarão das piores formas possíveis satisfazer essa necessidade de se castigar. São os viciados, os espectros, tanto os reclamados como os por reclamar, passados de mão em mão como as ovelhas servis em que se transformaram, enquanto procuram uma centelha de valor, sabendo que é falsa, mesmo enquanto imploram por ela. Sim, é feio. E sim, aproveitamo-nos daqueles que nos deixam. Mas o que é pior, tirar de alguém que quer que o façamos, sabendo na nossa alma que somos um monstro, ou tomar de alguém que não o deseje e prová-lo?

Meu coração bateu veloz. Queria discutir com ele, mas concordava com tudo o que ele estava a dizer.

— E depois, há aqueles que apreciam o poder que têm sobre nós — os lábios de Kisten apertaram-se numa raiva antiga e as suas mãos caíram de mim. — Os mais espertos que sabem que a nossa necessidade de sermos aceitos e sentirmos que confiam em nós é tão profunda que se pode tornar paralisante. Aqueles que brincam com isso, sabendo que faremos quase qualquer coisa por esse convite para tomar o sangue que ansiamos desesperadamente. Os que exultam no domínio escondido que um amante pode exercer, sentindo que os eleva ao estatuto de um semideus. Esses são aqueles que querem ser como nós, acreditando que isso os torna poderosos. E também os usamos, deitando-os fora com menos arrependimento do que às ovelhas, a menos que passemos a odiá-los, altura em que o transformamos num de nós, numa cruel forma de vingança.

Ele segurou meu maxilar com sua mão. Seu toque era quente e eu não me afastei.

— E depois há aqueles raros, que conhecem o amor, que o compreendem. Que se entregam livremente, exigindo em troca apenas esse amor, essa confiança — seus imaculados olhos azuis nunca pestanejaram e eu sustive a respiração. — Pode ser lindo,

Rachel, quando existe confiança e amor. Ninguém está preso. Ninguém perde sua vontade. Ninguém se torna menos. Ambos se tornam mais do que podem ser sozinhos. Mas é tão raro, tão lindo quando isso acontece.

Eu estremeci, perguntando-me se ele me estava a mentir. O toque suave da sua mão no meu maxilar enquanto ele a afastava fez-me zumbir o sangue. Mas ele não reparou, a sua atenção presa na manhã que se erguia do outro lado da janela.

— Tenho pena da Ivy — sussurrou ele. — Ela não quer aceitar a necessidade que sente de pertencer, ainda que ela conduza todos os seus movimentos. Ela deseja esse amor perfeito, mas acha que não o merece.

— Ela não ama Piscary — sussurrei. — Disseste que não havia beleza sem confiança e amor.

Os olhos de Kisten fixaram-se nos meus.

— Não estava a falar de Piscary.

Sua atenção prendeu-se no relógio por cima da pia e, quando ele recuou, eu soube que ele ia sair.

— Está tarde — disse ele, sua voz distante dizendo-me que, mentalmente, ele já estava noutro local. Depois, seus olhos tornaram-se límpidos e ele regressou. — Gostei do nosso encontro — disse ele, enquanto se afastava. — Mas no próximo não vai haver nenhum limite para aquilo que posso gastar.

— Estás a partir do princípio de que vai haver uma próxima vez? — perguntei eu, tentando aligeirar o ambiente.

Ele respondeu ao meu sorriso com um dele, os pelos que lhe despontavam no rosto refletindo a luz.

— Talvez.

Kisten começou a avançar para a porta da frente e eu segui-o automaticamente, para acompanhá-lo à saída. De meias, os meus pés não emitiam qualquer ruído no chão de madeira. O santuário estava em silêncio, nem um som sé erguia da minha mesa. Ainda sem ter dito nada, Kisten vestiu o casaco de lã.

— Obrigada — disse eu, enquanto lhe entregava o comprido casaco que ele me emprestara.

Os dentes dele brilharam no hall escuro.

— O prazer foi todo meu.

— Pela saída, não pelo casaco — disse eu, sentindo as meias de nylon a ficarem ensopadas por causa da neve derretida. — Bem, claro que também te agradeço por me ter emprestado o casaco — gaguejei.

Ele inclinou-se para mim.

— Mais uma vez, o prazer foi meu — disse ele, a luz fraca cintilando nos seus olhos. Olhei fixamente, tentando perceber se os seus olhos estavam escuros de desejo, ou se era apenas uma sombra. — Eu vou beijar-te — disse ele, a voz rouca e os meus músculos ficaram tensos. — Nada de fugir.

— Nada de morder — disse eu, mortalmente séria. A antecipação cresceu dentro de mim. Mas era de mim, não da minha cicatriz do demônio, e aceitar tal coisa correspondia, simultaneamente, a um alívio e a um temor... Eu não podia fingir que era a cicatriz. Não desta vez.

As mãos dele cobriram o meu maxilar inferior, simultaneamente rudes e quentes. Inalei quando ele se aproximou, fechando os olhos. O cheiro de couro e pele era forte, o vislumbre de algo mais profundo, primitivo, afetando os meus instintos de tal forma que não sabia o que sentir. De olhos abertos, observei enquanto ele se inclinava para mim, o meu coração a bater veloz com a antecipação dos seus lábios nos meus.

Os seus polegares moveram-se, seguindo a curva do meu maxilar. Os meus lábios afastaram-se, mas o ângulo estava errado para um beijo completo e os meus ombros relaxaram quando me apercebi que ele me ia beijar o canto da boca. Relaxando, deslizei para frente na direção dele, ficando perto do pânico quando as pontas dos seus dedos deslizaram pelo meu pescoço, embrenhando-se no meu cabelo. A adrenalina correu através de mim numa onda fria, quando me apercebi que ele não se dirigia à minha boca. *Ele ia beijar-me o pescoço!* — Pensei, estancando.

Mas ele parou, exalando quando seus lábios se encontraram perante a zona macia entre a minha orelha e o maxilar. O alívio misturou-se com o medo, fazendo com que eu fosse incapaz de me mover. O que restava da adrenalina que me percorria fazia acelerar a minha pulsação. Seus lábios eram gentis, mas suas mãos no meu rosto, firmes, com desejo reprimido.

Uma ligeira tepidez tomou o lugar dos seus lábios quando ele se afastou, no entanto, ele manteve-se naquela posição por um momento, depois outro. O meu coração batia selvagem e eu soube que ele o conseguia sentir como se fosse o seu próprio coração. A sua respiração foi uma lenta exalação que eu espelhei com a minha.

Com o som suave da lã, Kisten recuou. Os seus olhos cruzaram-se com os meus e eu compreendi que tinha erguido as mãos e as pousara na cintura dele. Elas afastaram-se do corpo dele com relutância e eu engoli em seco, chocada. Embora ele não tivesse tocado nem nos meus lábios nem no meu pescoço, tinha sido um dos beijos mais excitantes que eu alguma vez experimentara. A emoção de não saber o que ele ia fazer deixara-me mais agitada do que seria possível com um beijo na boca.

— É a coisa mais estranha — disse ele suavemente, erguendo uma sobrancelha inquisitiva.

— O quê? — perguntei sem fôlego, ainda não tendo afastado a sensação.

Ele abanou a cabeça.

— Não consigo sentir de todo o teu cheiro. É algo excitante — eu pestanejei, incapaz de dizer uma palavra. — Noite, Rachel — um sorriso pairou sobre ele enquanto recuava mais um passo.

— Boa noite — sussurrei.

Ele voltou-se e abriu a porta. O ar frio arrancou-me do meu torpor. A cicatriz do demônio não tinha provocado um único arrepio, permanecendo dormente. *Isso era assustador* — pensei. Que ele me pudesse fazer aquilo sem sequer brincar com a minha cicatriz. Que raio havia de errado comigo?

Kisten dirigiu-me um último sorriso do patamar das escadas, a noite e a neve um pano de fundo belíssimo. Girando, desceu os degraus gelados, os seus passos esmagando o sal. Confusa, fechei a porta atrás dele, perguntando-me o que tinha acontecido. Ainda me sentindo irreal, coloquei a barra que trancava a porta, depois, voltei a retirá-la, lembrando-me que Ivy tinha saído.

Envolvendo o corpo com os braços, dirigi-me para meu quarto. Meus pensamentos estavam carregados daquilo que Kisten me contara sobre a forma como as pessoas ditavam o seu próprio destino quando deixavam que um vampiro se unisse a elas. O fato de as pessoas pagarem o êxtase da paixão vampírica com graus diferentes de dependência, que iam comida à igualdade. *E se ele estivesse a mentir?* — pensei. A

mentir para me enganar e permitir que eu o deixasse ligar-se a mim? Mas depois, um pensamento ainda mais assustador fez com que os meus pés parassem de se mover e deixou o meu rosto gelado.

E se ele estivesse a dizer a verdade?

16

Batendo as botas ao longo do corredor, segui Ivy até à porta da frente. Sua estatura alta movia-se com uma graça preocupada, predatória como sempre, nas suas calças de bom gosto. Ela podia dar-se ao luxo de fazer as compras no inverno usando aquilo, mas eu tinha optado por jeans e uma camisa vermelha. Ainda assim, estávamos as duas com bom aspecto. Ir às compras com Ivy era divertido. Ela recebia sempre imensos brindes e nos esquivarmos das propostas para encontros constituía sempre uma deliciosa sensação de perigo, já que ela atraía todo o tipo de pessoas.

— Tenho de estar de volta as onze — disse ela, enquanto penetrávamos no santuário e ela lançava para trás o longo cabelo preto —, tenho uma missão esta noite. A filha caçula de alguém foi atraída para uma casa de sangue e eu vou libertá-la.

— Quer ajuda? — perguntei, abotoando o casaco e puxando minha bolsa para o ombro enquanto andava.

Os *pixies* estavam reunidos junto às janelas de vitral, pairando perto das cores mais claras e guinchando a algo do outro lado. Um sorriso rude estendeu-se no rosto de Ivy.

— Não. Não vai ser preciso muita coisa.

A rude antecipação no seu rosto pálido e oval deixava-me preocupada. Ela tinha regressado da sua visita a Piscary de muito mau humor. Era óbvio que esta não tinha corrido bem e eu tinha a sensação de que ela ia descarregar sua frustração em quem quer que fosse que tivesse raptado a garota. Ivy era implacável com os vampiros que caçavam os menores. Alguém ia passar as férias completamente engessado.

O telefone tocou e eu e Ivy estancamos, olhando uma para a outra.

— Vou atender — disse eu. — Mas se não for uma missão, deixarei que a secretária atenda.

Ela acenou, dirigindo-se para a porta com a bolsa na mão.

— Vou aquecer o carro.

Inspirando fundo, avancei a passo veloz até os fundos da igreja. Ao terceiro toque, secretária ligou-se. A mensagem gravada derramou sua lengalenga e o meu rosto ficou tenso. Tinha sido Nick que a gravara para mim. Eu achava chique o fato de dar a aparência de termos um homem como secretário. Embora agora, tendo em conta que surgíamos na lista junto de profissionais de outro tipo, provavelmente servia apenas para aumentar a confusão. Meu cenho franziu-se ainda mais quando a mensagem chegou ao fim e eu continuei a ouvir a voz do Nick.

— Hei, Rachel? — disse ele, hesitando. — Está aí? Atende se estiver. Eu... Eu tinha esperança de que estivesse em casa. São o quê, umas seis horas e tal.

Obriguei minha mão a atender o telefone. Ele estava num fuso horário diferente?

— Olá, Nick.

— Rachel — o alívio era pesado na sua voz, em forte contraste com o meu tom monocórdico. — Ainda bem. Fico feliz por te achar.

Por me achar. Sim.

— Como está? — perguntei, tentando afastar o sarcasmo da minha voz. Ainda estava irritada, magoada e confusa.

Ele inspirou fundo. Eu conseguia ouvir a água ao fundo e o silvo de algo a cozinhar. O som suave de copos e o murmúrio de uma conversa intrometeu-se.

— Estou bem — disse ele. — Estou a ficar bem. Dormi muito bem a noite passada.

— Isso é ótimo.

Por que diabos não me disse que o fato de eu estar a praticar com a magia das linhas Ley não te deixava dormir? Também podia ter dormido muito bem por aqui — pensei.

— E como está você? — perguntou ele.

Doía-me o maxilar e obriguei os meus dentes a afastarem-se. Estou confusa. Estou magoada. Não sei o que é que quer. Não sei o que é que eu quero.

— Estou ótima — disse eu, pensando em Kisten. Pelo menos sabia o que ele queria. — Estou ótima — doía-me a garganta. — Quer que vá buscar o teu correio ou voltará em breve?

— Pedi a um vizinho que o levantasse. Mas obrigado.

Não respondeu à minha pergunta.

— Está bem. Sabes se estará de volta por altura do Solstício, ou devo dar o teu bilhete a... Outra pessoa? — Não foi minha vontade hesitar.

Simplesmente aconteceu. Era óbvio que Nick também o tinha ouvido, tendo em conta o seu silêncio. Ao fundo, ouvi o grito de uma gaivota. Ele estava na praia? Ele estava num bar, na praia, e eu estava a esquivar-me de encantamentos negros na neve fria?

— Por que não faz isso? — acabou ele por dizer e eu senti-me como se alguém me tivesse dado um soco no estômago. — Não sei durante quanto tempo estarei por aqui.

— Claro — sussurrei eu.

— Tenho saudade, Rachel — disse ele e eu fechei os olhos. *Por favor, não digas isso* — pensei eu. *Por favor*. — Estou me sentindo muito melhor. Em breve, estarei em casa.

Era precisamente aquilo que Jenks me tinha dito que ele diria e senti que minha garganta se apertava.

— Também tenho saudade — disse eu, sentindo-me traída e perdida uma vez mais. Ele não disse nada e, depois de alguns segundos, eu quebrei o silêncio. — Bem, eu e Ivy vamos às compras. Ela está no carro.

— Oh! — ele soava aliviado, o idiota. — Não te vou ocupar mais. Hum, falo contigo mais tarde.

Mentiroso.

— Está bem. Adeus.

— Amo você, Rachel — sussurrou ele, mas eu desliguei como se não tivesse ouvido. Não sabia se ainda podia responder. Sentindo-me miserável, larguei o telefone. Meu verniz vermelho sobressaía forte contra o plástico negro. Meus dedos tremiam e a minha cabeça doía.

— Então por que foi embora em vez de me dizer o que havia de errado? — perguntei para a sala vazia.

Exalei, com alguma lentidão, para tentar baixar minha tensão. Eu ia às compras com Ivy. Não ia arruinar esse momento a pensar em Nick. Ele tinha ido embora. Ele não ia voltar. Ele sentia-se melhor quando estava num fuso horário diferente do meu; porque haveria de voltar?

Puxando minha bolsa ainda mais para cima no ombro, dirigi-me para frente da igreja. Os *pixies* ainda estavam reunidos junto às janelas, em pequenos grupos. Jenks não estava ali, algo por que me sentia agradecida. Ele se limitaria a dizer "Eu disse", se tivesse ouvido a minha conversa com Nick.

— Jenks! Tens o comando do navio! — gritei, enquanto abria a porta da frente e um sorriso, ténue, mas real, atravessou meu rosto quando um assobio agudo se ergueu da minha mesa.

Ivy já estava no carro e meus olhos foram atraídos para o outro lado da rua, para a casa de Keasley; atraída pelo som de crianças e de um cão a ladrar. Meus passos abrandaram. Ceri estava no pátio, envergando os jeans que eu lá deixara antes e um velho casaco da Ivy. As luvas vermelho vivo e o chapéu a condizer faziam um forte contraste com a neve enquanto ela e cerca de seis pequenos com idades entre os dez e os dezoito faziam bolas de neve. Havia uma montanha a ganhar forma no canto da pequena propriedade de Keasley. Na porta ao lado, estavam mais quatro crianças a fazer o mesmo. Aparentemente, ia haver um combate com bolas de neve, muito em breve.

Acenei a Ceri, depois a Keasley... Que estava de pé no alpendre, com uma expressão determinada que me dizia que ele gostava de também ali estar. Ambos me acenaram em resposta e eu senti-me quente. Tinha feito algo bom. Ergui o puxador da porta do Mercedes emprestado de Ivy, deslizando para o interior para descobrir que este ainda estava a soprar ar frio. Era preciso uma eternidade para o grande sedan de

quatro portas aquecer. Eu sabia que Ivy não gostava de conduzi-lo, mas a mãe não lhe emprestava mais nada e uma moto no chão gelado era estar completamente louco.

— Quem era? — perguntou Ivy, enquanto eu virava para mim a saída do ar e apertava o cinto. Ivy conduzia como se fosse impossível matá-la, o que eu achava que era algo irônico.

— Ninguém.

Ela dirigiu-me um olhar cúmplice.

— Nick?

Apertando os lábios, pousei a bolsa no colo.

— Tal como eu disse, ninguém.

Sem olhar para trás, Ivy recuou da calçada.

— Rachel, lamento.

A sinceridade na sua voz de seda cinzenta fez-me erguer a cabeça.

— Pensei que odiava o Nick.

— E odeio — disse ela. — Acho que ele é manipulador e esconde informação que pode te magoar. Mas você gostava dele. Talvez... — ela hesitou, o maxilar ficando mais tenso e depois relaxando. — Talvez ele ainda volte. Ele... Te ama — ela emitiu um som horrível. — Oh, céus, me fez dizer.

Eu ri.

— Nick não é assim tão mau — disse eu e ela virou-se para mim. Meus olhos saltaram para o caminhão que estávamos prestes a bater num *stop* e eu segurei-me ao *tablier*.

— Eu disse que ele te amava. Não disse que ele confiava em você — disse ela, seus olhos fixos em mim enquanto travava suavemente e parava nos deixando quinze centímetros do para-choque do caminhão.

Meu estômago estava apertado.

— Acha que ele não confia em mim?

— Rachel — disse ela tentando convencer-me, ao mesmo tempo em que avançava ligeiramente quando o semáforo mudou, mas o caminhão não arrancou. — Ele sai da cidade sem te dizer. Depois não te diz quando vai regressar. Não me parece que alguém tenha se intrometido entre vocês, acho que foi alguma coisa. Assustou-o de morte e ele não é homem suficiente para admiti-lo, lidar com isso e ultrapassá-lo.

Eu não disse nada, feliz por termos começado a andar de novo. Eu não me tinha limitado a assustá-lo, tinha-o feito ter um ataque. Devia ter sido horrível. Não era de admirar que ele se tivesse ido embora. Ótimo, agora ia me sentir culpada durante todo o dia. Ivy guinou o volante e mudou de faixa. Soou uma buzina e ela olhou para o motorista pelo espelho retrovisor. Lentamente, o carro deixou espaço entre nós, repelido pela força do seu olhar.

— Importa-se que passemos por casa dos meus pais por um minuto? Fica no caminho.

— Claro — reprimi um grito quando ela atravessou na frente do caminhão que tínhamos acabado de ultrapassar. — Ivy, pode ter reflexos velozes como um relâmpago, mas os do homem que vai a conduzir são minúsculos.

Ela fungou, afastando-se mais de meio metro do para-choque do carro que seguia agora à nossa frente. Ivy fez um esforço óbvio para conduzir normalmente através das áreas mais movimentadas de Hollows e eu fui relaxando, lentamente, as mãos que seguravam minha bolsa. Era a primeira vez que estávamos juntas, longe de Jenks, em cerca de uma semana e nenhuma de nós sabia o que lhe havia de comprar para o Solstício. Ivy estava a pensar na casinha de cão aquecida que tinha visto num catálogo; qualquer coisa para tirá-lo, e à sua prole, da igreja. Eu optara por uma caixinha que ele podia cobrir com um tapete e fingir que era uma mesa de centro.

Enquanto Ivy ia conduzindo, os pátios foram se tornando maiores e as árvores mais altas. As casas começaram a recuar da rua, até só os seus telhados serem visíveis para lá de bancos de árvores de folha persistente. Estávamos perto dos limites da cidade, mesmo ao lado do rio. Na verdade, não ficava nada no caminho do centro comercial, mas como a interestadual não era muito longe, a cidade era de fácil acesso.

Ivy entrou sem hesitar numa estrada de acesso com portão. Dois carreiros traçavam um caminho escuro na neve que tinha caído depois de ter sido limpo. Inclinei-me para espreitar pelo vidro, nunca tendo visto a casa dos pais dela. O carro abrandou e parou em frente a uma casa de três andares, antiga e de aspeto romântico, pintada de

branco e com portas verde-escuro. Um pequeno carro vermelho de dois lugares estava estacionado à frente, seco e livre de neve.

— Cresceu aqui? — perguntei, enquanto saía. Os dois nomes na caixa de correio deixaram-me a pensar até eu ter recordado que os vampiros mantinham seus nomes depois do casamento, para manter as linhagens vivas e intactas. Ivy era uma Tamwood, a irmã uma Randal. Ivy bateu com a porta e enfiou as chaves na bolsa preta.

— Sim — ela fitou as luzes excessivas que decoravam a casa de forma agradável e sutil. Estava a ficar escuro. O Sol desaparecia dentro de cerca de uma hora e eu esperava que saíssemos antes disso. Não estava particularmente interessada em conhecer a mãe dela.

— Entra — disse ela, batendo as botas nos degraus varridos, e eu segui-a para o alpendre coberto. Ela abriu a porta, gritando:

— Olá! Estou em casa!

Senti um sorriso curvar-me os lábios enquanto me detive na porta, para sacudir a neve. Gostava de ouvir a voz dela assim tão relaxada. Entrando, fechei a porta e inspirei fundo. Cravo-da-índia e canela... Alguém tinha estado a cozinhar. A grande entrada era toda em madeira envernizada, com tons sutis de creme e branco. Era tão estéril e elegante como a nossa sala de estar era quente e casual. Uma fila de galhos de cedro traçava arcos graciosos ao longo do corrimão de uma escadaria próxima. Estava calor e desabotoei o casaco e enfiei as luvas nos bolsos.

— Aquele carro lá fora é da Erica. O mais certo é que esteja na cozinha — disse Ivy, pousando a bolsa na pequena mesa ao lado da porta. Estava de tal forma polida que parecia plástico preto.

Tirando o casaco, dobrou-o sobre o braço e dirigiu-se para uma grande passagem à esquerda, estancando ao ouvir o som de passos nos degraus. Ivy ergueu os olhos, o seu rosto plácido alterado. Demorei algum tempo a compreender que ela estava feliz. Meu olhar seguiu o dela para uma jovem mulher que descia relaxadamente os degraus.

Ela parecia ter cerca de dezessete anos, envergava uma curta saia gótica que revelava também a barriga, e tinha as unhas e os lábios pintados de preto. Correntes e pulseiras de prata agitavam-se por todo o lado enquanto ela saltitava pelas escadas, fazendo-me recordar a página que Kisten marcara. A maturidade ainda não tinha acabado de encher suas formas, mas eu já percebia que ela ia ter exatamente o mesmo aspecto da irmã mais velha, com a diferença de ser quinze centímetros mais baixa:

esguia, ágil, predatória e com ar suficientemente oriental para a tornar exótica. Era bom saber que se tratava de um traço de família. Claro que, naquele momento, se parecia mais com um vampiro adolescente fora de controle.

— Olá, Erica — disse Ivy, recuando e esperando por ela no fundo das escadas.

— Meu Deus, Ivy — disse Erica, a sua voz pesada com a pronúncia do vale. — Tens de falar com o papá. Ele está a dar uma de *big brother*. Tipo, eu não sei a diferença entre bom Enxofre e mau Enxofre. Quem o ouvir pensa que eu ainda tenho dois anos, ando engatinhando de fraldas a tentar morder o cão. Céus! Ele estava na cozinha — continuou ela, enquanto me olhava de cima a baixo —, fazendo aquele fedorento chá orgânico, amigo da terra e politicamente correto, e eu nem sequer posso sair uma noite com os meus amigos. É tão injusto! Vais ficar? Ela vai estar acordada e a agitar as janelas muito em breve.

— Não — Ivy recuou. — Vim falar com o pai. Ele está na cozinha?

— Na cave — disse Erica. A boca dela parou finalmente de se mover; ela fitou-me uma vez mais enquanto eu me erguia, divertida e espantada perante a velocidade com que elas conversavam. — Quem é a sua amiga? — perguntou ela.

Um ténue sorriso repuxou os cantos da boca de Ivy.

— Erica, esta é a Rachel.

— Oh! — exclamou a jovem, os olhos castanhos, quase completamente escondidos atrás da máscara negra, abrindo-se muito. Ela avançou e agarrou-me a mão, fazendo-a subir e descer num gesto entusiasmado enquanto as suas pulseiras tilintavam. — Eu devia ter sabido! Hei, eu te vi no Piscary — disse ela, dando-me uma palmada no ombro que me fez avançar um passo. — Meu, estava mesmo açucarada. Um pouco lenta das ideias. Com o efeito da droga nem sequer te reconheci — os olhos dela viajaram pelos meus jeans e casaco de inverno. — Foi com o Kisten. Ele te mordeu?

Eu pestanejei e Ivy riu nervosa.

— Seria difícil. Rachel não deixa que ninguém a morda.

Ela deu um passo na direção da irmã, dando-lhe um abraço. Eu senti-me bem quando a jovem respondeu com uma atenção descuidada, aparentemente sem saber ou se preocupar com a raridade de tal gesto. As duas afastaram-se e as feições de Ivy tornaram-se rígidas. Ela inspirou, as narinas abrindo-se. Erica sorriu como um gato que tinha comido um canário.

— Adivinha quem fui buscar ao aeroporto?

Ivy endireitou-se.

— Skimmer está aqui?

Foi quase um sussurro e Erica quase dançou enquanto subia um dos degraus.

— Chegou num voo esta manhã — disse ela, tão orgulhosa como se tivesse sido ela a aterrissar o avião.

Meus olhos abriram-se muito. Ivy estava tensa. Sustendo a respiração, ela virou-se para uma passagem ao ouvir o som de uma porta a fechar. Uma voz feminina ecoou:

— Erica? É o meu táxi?

— Skimmer! — Ivy deu um passo em direção à passagem, depois recuou. Olhou para mim, mais viva do que alguma vez a vira em muito tempo. Um pequeno ruído na passagem afastou sua atenção de mim. As emoções derramaram-se sobre ela em cascata e a felicidade instalou-se definitivamente, dizendo-me que Skimmer era uma das poucas pessoas junto das quais Ivy se sentia confortável.

Então somos duas — pensei, virando-me para seguir seu olhar até uma jovem que se erguia no limiar da porta. Senti minhas sobrancelhas erguerem-se num olhar especulativo enquanto fitava aquela que devia ser Skimmer. Trazia vestidos uns jeans desbotados e uma camisa fresca e branca, o que gerava uma mistura agradável de sofisticação e casualidade. Umas simples botas pretas faziam com que ficasse mais ou menos da minha altura. Esguia e bem proporcionada, a mulher loira erguia-se com uma graciosa confiança típica dos vampiros vivos.

Em redor do pescoço, tinha uma única corrente de prata e o seu cabelo loiro estava preso num rabo-de-cavalo simples que acentuava uma estrutura óssea que a maior parte das modelos gastava uma pequena fortuna em cirurgias plásticas para obter. Fitei os seus olhos, perguntando-me se eles eram realmente assim tão azuis, ou se só o pareciam por causa dos cílios incrivelmente longos. O nariz era pequeno e arrebitado na ponta, o que dava ao seu sorriso um ar de confiança tímida.

— Que estás fazendo aqui? — disse Ivy; o rosto iluminado, enquanto avançava para saudá-la. As duas mulheres trocaram um longo abraço. Os meus lábios afastaram-se e eu estanquei, perante o longo beijo que trocaram antes de se afastarem. Está bem... Ivy olhou para mim de relance, mas estava a sorrir quando se voltou de novo para

Skimmer, a sorrir, ainda a sorrir, com as mãos nos cotovelos da mulher. — Nem posso acreditar que está aqui! — disse ela.

Skimmer olhou de relance para mim uma vez antes de se concentrar em Ivy. Ela parecia ter confiança e esperteza suficientes para domar um cavalo, ensinar crianças aborígenes e jantar num restaurante cinco estrelas, tudo no mesmo dia. E ela e Ivy tinham-se beijado? Não tinha sido um simples tocar de lábios, mas um verdadeiro... Beijo?

— Estou aqui a negócios — disse ela. — Negócios de longo prazo — acrescentou ela, a voz agradável carregada de uma emoção feliz. — Um ano, calculo eu.

— Um ano! Por que não me ligou? Teria ido te buscar!

A mulher recuou um passo e Ivy largou-a.

— Queria fazer uma surpresa — disse ela, o sorriso crescendo até abarcar também os seus olhos azuis. — Além disso, não estava certa da tua situação. Já se passou tanto tempo — terminou ela suavemente.

Os olhos dela caíram sobre mim e eu senti-me corar ao compreender. Oh, torrada com merda. Há quanto tempo é que eu estava a viver com a Ivy? Como é que eu podia não ter percebido? Seria eu cega ou simplesmente burra?

— Inferno — praguejou Ivy, ainda se sentindo obviamente excitada. — É bom te ver. O que vieste fazer? Precisa de um lugar onde ficar?

A minha pulsação acelerou e eu tentei impedir a minha preocupação de se tornar visível. Duas delas juntas na igreja? Não era bom. Ainda mais perturbador foi o fato de Skimmer parecer ter relaxado perante sua oferta, perdendo seu interesse em mim e concentrando-se inteiramente em Ivy. Erica erguia-se ao meu lado, sorrindo maldosa.

— Skimmer veio para cá para trabalhar para Piscary — disse ela, claramente ansiosa por revelar aquilo que achava serem boas notícias, mas o meu rosto ficou gelado. — Está tudo tratado. Ela agora responde perante ele — fazendo girar os colares, a jovem vampira reluzia. — Como eu sempre pensei que ela viesse a fazer.

Ivy inspirou e eu sustive a respiração. O espanto atravessou-a e ela estendeu um braço para tocar no ombro de Skimmer, como se não acreditasse que ela estava realmente ali.

— Responde perante Piscary? — murmurou ela e eu perguntei-me o que significaria aquilo. — Quem, ou o quê ele te ofereceu?

Skimmer encolheu os ombros, erguendo um ombro estreito e deixando-o cair de novo.

— Nada. Tenho passado os últimos seis anos a tentar entrar para a sua equipe e, se tratar desta questão como deve ser, será permanente — ela baixou a cabeça por breves instantes, os olhos brilhantes e ansiosos quando ela a ergueu. — Vou ficar no Piscary's, entretanto — disse ela —, mas obrigada pela oferta para ficar contigo.

No Piscary' s — pensei, a minha preocupação a crescer. Era lá que Kisten vivia. Isto está a ficar cada vez melhor. Ivy também pareceu ter ficado a pensar naquilo.

— Deixaste teu lugar com Natalie para gerir o restaurante do Piscary? — perguntou ela e Skimmer riu. Era um som confortável e agradável, mas tudo o que ficou por dizer deixou-me inquieta.

— Não. Kist pode ficar com esse emprego — disse ela levemente. — Estou aqui para tirar Piscary da prisão. Minha inclusão permanente na equipe de Piscary depende disso. Se ganhar o caso, fico. Se perder, volto para casa.

Senti-me gelar. Oh, meu Deus. Ela era a advogada de Piscary. Skimmer hesitou perante a falta de resposta de Ivy. Ivy virou-se para mim, uma expressão de pânico no seu rosto. Observei enquanto o muro se erguia, selando tudo. Sua felicidade, sua alegria, sua excitação por se ter reunido com uma velha amiga; tudo tinha desaparecido. Algo passou entre nós e eu senti o peito apertado. As pulseiras de Erica tilintaram, enquanto a jovem vampira se apercebia que havia algo errado, mas não compreendia. Diabos, eu achava que não compreendia. Subitamente desconfiada, Skimmer olhou de relance para mim e para Ivy.

— Então, quem é sua amiga? — perguntou ela no silêncio incômodo.

Ivy lambeu os lábios e virou-se para mim, encarando-me de frente. Eu avancei, sem saber como reagir.

— Rachel — disse Ivy —, gostaria que conhecesse Skimmer. Vivemos juntas durante os dois últimos anos de ensino médio, na Costa Oeste. Skimmer, esta é a Rachel, minha parceira.

Inspirei, tentando decidir como lidar com aquilo. Estendi a mão para apertar a dela, mas Skimmer ignorou-a, apertando-me num abraço expansivo. Tentei não ficar

rígida, determinada a seguir com a corrente até ter uma oportunidade de conversar com Ivy sobre o que íamos fazer em relação àquilo. Piscary não podia sair da prisão; eu nunca voltaria a dormir. Meus braços envolveram-na num abraço fraco e genérico, e eu estanquei quando a mulher pousou os lábios logo abaixo da minha orelha e murmurou:

— É um prazer conhecer-te.

A adrenalina começou a correr através de mim enquanto a minha cicatriz do demônio ganhava vida em ondas de calor. Chocada, empurrei-a para longe, assumindo uma atitude defensiva. A vampira viva recuou, surpreendida, as suas pestanas compridas e olhos azuis parecendo enormes. Ela retomou o equilíbrio a um bom metro e meio de distância. Erica arquejou e Ivy era um borrão negro que se interpunha entre nós.

— Skimmer! — gritou Ivy, a voz quase em pânico enquanto se erguia de costas para mim.

O meu coração batia veloz e comecei a suar. A promessa ardente do meu pescoço doía, era tão forte que me fez erguer uma mão, sentindo-me traída e chocada.

— Ela é minha parceira de negócios! — exclamou Ivy. — Não minha parceira de sangue!

A mulher esguia fitou-nos, o seu rosto ficando vermelho de embaraço.

— Oh, céus — gaguejou ela, encurvando-se e assumindo um comportamento ligeiramente submisso. — Lamento — ela levou uma mão à boca. — Lamento mesmo, muito — olhou para Ivy, que começava a relaxar lentamente. — Ivy, pensei que tivesse arranjado um espectro. Ela cheira a você. Só estava a ser educada — o olhar de Skimmer saltou para mim enquanto eu tentava recuperar lentamente meu batimento cardíaco normal. — Perguntou se queria ficar contigo. Pensei... Deus, lamento. Pensei que ela era o teu espectro. Não pensei que fosse... Sua amiga.

— Não faz mal — menti eu, obrigando-me a endireitar. Não gostava da forma como ela dissera "amiga". Implicava mais do que aquilo que éramos. Mas não me estava a apetecer explicar à antiga companheira de casa de Ivy que não estávamos a partilhar nem sangue nem cama. Ivy também não fora grande ajuda, imóvel, com uma expressão semelhante à de um veado fitando os faróis de um carro. E eu tinha a estranha sensação de que ainda não percebera qualquer coisa. Deus, como é que eu me meti nisso?

Erica erguia-se no fundo das escadas, os olhos muito abertos e a boca escancarada. Skimmer parecia nervosa, enquanto tentava corrigir seu erro, esfregando as mãos nas calças e tocando no cabelo. Ela inspirou fundo. Ainda corada, estendeu rigidamente a mão, numa óbvia demonstração de determinação e avançou.

— Lamento — disse ela, enquanto parava à minha frente. — Meu nome é Dorothy Claymor. Se quiser, pode chamar-me assim. O mais certo é que o mereça.

Consegui apresentar um sorriso gelado.

— Rachel Morgan — disse eu, apertando-lhe a mão. A mulher pareceu gelar e eu afastei-me. Ela olhou para Ivy, as peças caindo no seu lugar. — A que pôs Piscary na prisão — acrescentei, para ter certeza que ela tinha compreendido.

Um sorriso doentio abriu-se no rosto de Ivy. Recuando um passo, o olhar de Skimmer saltava entre as duas. A confusão tomava as suas faces vermelho vivo. Isto era uma confusão. Isto era uma confusão pegajosa e malcheirosa e, os níveis continuavam a aumentar. Skimmer engoliu em seco.

— É um prazer conhecer-te — hesitando, acrescentou — Droga, isso é embaraçoso.

Senti meus ombros relaxarem perante a admissão dela. Ela ia fazer aquilo que tinha de fazer e eu ia fazer aquilo que tinha de fazer. E Ivy? Ivy ia enlouquecer.

Erica avançou, o tilintar das suas joias sonoro.

— Hei, hum, alguém quer um biscoito, ou algo assim?

Oh, sim! Um biscoito. Isso ia tornar tudo muito melhor. Mergulhado num shot de tequila, talvez? Ou melhor ainda, podes trazer só a garrafa? Sim, isso devia resolver.

Skimmer obrigou-se a sorrir. Sua expressão límpida estava a tornar-se ténue, mas ela estava a portar-se bem tendo em consideração que tinha deixado sua casa e seu mestre para reacender uma relação com a namorada do liceu que estava a viver com a mulher que tinha metido seu novo patrão atrás das grades. Juntem-se a nós no próximo episódio de Dias dos mortos-vivos quando Rachel descobre que o seu irmão há muito perdido é, na verdade, um príncipe herdeiro do espaço sideral. A minha vida era tão fodida.

Skimmer olhou de relance para o seu relógio, não pude deixar de reparar que tinha diamantes em vez de números.

— Tenho que ir. Vou encontrar-me com... Alguém dentro de uma hora.

Ela ia encontrar-se com alguém dentro de uma hora. Logo depois do pôr do sol. Por que ela não dizia que se tratava de Piscary?

— Precisas de carona? — perguntou Ivy, a voz soando quase desejosa, como se alguma vez se permitisse expressar tal emoção.

Skimmer olhou de Ivy para mim e de novo para Ivy, a dor e a decepção tremeluzindo no fundo dos seus olhos.

— Não — disse ela suavemente. — Estou à espera de um táxi — ela engoliu em seco, tentando recompor-se. — Na verdade, acho que acabou de chegar.

Eu não tinha ouvido nada, mas eu não tinha o sentido de audição de um vampiro vivo. Skimmer avançou desconfortavelmente.

— Foi bom conhecer-te — disse-me ela, depois se virou para Ivy. — Falo contigo mais tarde, doce — disse ela, fechando os olhos enquanto lhe dava um longo abraço.

Ivy ainda estava perplexa e chocada e lhe respondeu com uma expressão dormente.

— Skimmer — disse eu, enquanto elas se afastavam e a mulher abalada e vergada pegava num casaco fino do armário do corredor e o vestia. — Isso não é o que está pensando.

Ela parou, a mão na maçaneta da porta, fitando Ivy durante um longo momento com um arrependimento profundo nos olhos.

— Não é aquilo que eu penso que interessa — disse ela, enquanto abria a porta. — É o que Ivy quer.

Abri a boca para protestar, mas ela partiu, fechando a porta suavemente atrás dela.



17

A partida de Skimmer deixou-nos num silêncio incômodo. Enquanto o táxi acelerava ao longo da estrada de acesso, olhei para Ivy que se erguia no *hall* de entrada branco e estéril, de decoração elegante ao qual faltava em absoluto todo o calor. A culpa cobria-a como um cobertor espesso. Eu sabia que estava relacionado com o fato de ela ainda acalentar a esperança de que um dia me tornaria seu delfim, aparentemente com alguns extras a acompanhar. Tratava-se de uma posição que julgo que Skimmer tinha procurado preencher com sua mudança. Sem saber ao certo que posição estava eu a ocupar, virei-me para ela.

— Por que deixou que ela pensasse que somos amantes? — disse eu, tremendo por dentro. — Céus, Ivy! Nós nem sequer partilhamos sangue e ela acha que somos amantes.

O rosto de Ivy fechou-se, o ligeiro apertar do seu maxilar revelando suas emoções.

— Ela não pensa isso — ela deixou a divisão a passos largos. — Quer um pouco de suco? — disse-me ela.

— Não — disse suavemente, enquanto a seguia para as profundezas da casa. Eu sabia que, se continuasse a insistir no assunto naquele momento, o mais certo era que

ela se fechasse ainda mais. Aquela conversa ainda não tinha chegado ao fim, mas tê-la em frente de Erica não era uma boa ideia.

Doía-me a cabeça. Talvez eu a conseguisse convencer a falar sobre isso enquanto bebíamos café e comíamos um *cheesecake*, durante as compras. Talvez eu me devesse mudar para Tombuctu, ou para as montanhas do Tennessee, ou para qualquer outro lugar onde não existissem vampiros – não perguntem. É esquisito, até mesmo para os Inderlanders, o que quer dizer muito.

Erica seguia-me de perto, sua tagarelice inconsequente uma óbvia tentativa de encobrir as questões levantadas por Skimmer. Sua voz alegre enchia a casa estéril de vida enquanto ela nos seguia através de diversas divisões pouco iluminadas repletas de mobiliário de madeira maciça e frias correntes de ar. Tomei uma nota mental para nunca juntar Erica e Jenks numa mesma divisão. Não era de admirar que Ivy não tivesse problemas com Jenks. A irmã era farinha do mesmo saco.

As botas de Ivy avançavam lentamente sobre o chão polido quando deixamos a sala de jantar formal, azul escura, e entrámos na fortemente iluminada e espaçosa cozinha. Eu pestanejei. Ivy percebeu meu olhar sobressaltado e encolheu os ombros. Eu sabia que Ivy tinha remodelado a cozinha da igreja antes de eu me ter mudado para lá e, enquanto olhava à minha volta, compreendi que ela o tinha feito de acordo com aquela onde tinha crescido.

A divisão era quase tão espaçosa como a nossa, a mesma ilha a ocupar o centro da divisão. Panelas de ferro forjado e utensílios de metal pendiam sobre ela, em vez de colheres de cerâmica e caldeirões de cobre para feitiços, mas garantia o mesmo espaço confortável para nos apoiarmos. Havia uma pesada mesa antiga, igual à nossa, contra a parede mais próxima, precisamente onde eu esperara encontrá-la. Até os armários eram do mesmo estilo e os balcões tinham uma cor idêntica. O chão, contudo, era de azulejos e não de linóleo.

Para lá da pia, onde eu tinha uma única janela que dava no cemitério, havia toda uma fila de janelas que se abriam para um longo campo coberto de neve que se estendia até à fita cinzenta do rio Omo. Os pais de Ivy tinham uma propriedade muito grande. Podia-se criar gado ali. Uma chaleira fervia e, enquanto Ivy a tirava de cima do bico do fogão, pousei minha bolsa sobre a mesa, no local onde se deveria encontrar minha cadeira, caso eu estivesse em casa.

— Isso é agradável — disse secamente.

Ivy dirigiu-me um olhar cauteloso, claramente feliz por eu ter arrumado a discussão pendente sobre Skimmer.

— Saía mais barato fazer as duas cozinhas ao mesmo tempo — disse ela e eu acenei. Estava calor e eu tirei o casaco, pousando-o nas costas da cadeira.

Esticando-se e revelando o fundo das costas, Erica ergueu-se sobre um pé para chegar a um frasco de vidro meio cheio do que pareciam bolachas de açúcar. Encostando-se ao balcão, comeu uma, oferecendo outra a Ivy, mas não a mim. Eu tinha a sensação de que não se tratam de biscoitos de açúcar, mas daqueles discos horríveis que Ivy não parara de me enfiar pela garganta na primavera anterior quando eu estava a recuperar de uma gigantesca perda de sangue. Uma espécie de tônico para vampiros, que os ajudava a suportar seu... Hum... Estilo de vida. Um bater abafado foi se tornando mais alto e eu virei-me para o que tinha pensado ser a porta da dispensa. Esta abriu-se, revelando uma escadaria que descia para a cave. Um homem alto e de aspecto doentio estava a subi-la e emergiu das sombras.

— Olá, pai — disse Ivy e eu endireitei-me, sorrindo perante a suavidade da sua voz.

— Ivy... — o homem pareceu iluminar-se, enquanto pousava uma bandeja com duas pequenas xícaras vazias em cima da mesa. Sua voz era grave, combinando com a pele: seca e marcada. Reconheci a textura como cicatrizes deixadas pela Viragem. Tinha afetado uns mais do que outros, e as bruxas, *pixies* e fadas nada em absoluto. — Skimmer está aqui — disse ele gentilmente.

— Já a vi — disse Ivy e eu hesitei perante a falta de qualquer outro comentário.

Ele parecia cansado, os olhos castanhos felizes enquanto dava a Ivy um rápido abraço. O cabelo preto com ligeiras ondas emoldurava seu rosto sério, com suaves rugas, que pareciam ter a sua origem mais na preocupação do que na idade. Era óbvio que fora dele que Ivy herdara sua altura. O vampiro vivo era alto, com um refinamento que tornava sua estrutura demasiado magra em algo agradável e não pouco atraente. Usava uns jeans e uma camisa casual. Cicatrizes pequenas e quase invisíveis marcavam seu pescoço e braços, reveladas pelas mangas enroladas, tinham as mesmas marcas no lado interior. Devia ser difícil ser casado com um morto-vivo.

— Estou feliz por ter — disse o homem, os olhos saltando para mim por breves instantes e fixando-se na cruz da minha pulseira de amuletos antes de regressarem à

filha com um calor óbvio. — Sua mãe estará a pé dentro de pouco tempo. Ela quer falar contigo. Skimmer deixou-a num raro bom humor.

— Não — Ivy recuou do seu toque. — Queria perguntar uma coisa, mais nada.

Ele acenou uma vez, os seus lábios finos caindo numa expressão de decepção resignada. Senti um ligeiro formigueiro na ex-cicatriz do demônio enquanto ele despejava água a ferver para uma segunda chaleira. O som da porcelana era sonoro. Com os braços cruzados à minha frente, encostei-me à mesa, para me distanciar. Esperava que o formigueiro fosse um eco da sensação provocada por Skimmer e que não tivesse a sua origem no pai de Ivy. Não me parecia que tivesse sido ele. Ele parecia demasiado calmo para estar a lutar contra a necessidade de abafar sua fome.

— Pai — disse Ivy, vendo a minha inquietação. — Esta é a Rachel. Rachel, este é o meu pai.

Como se estivesse consciente do fato de a minha cicatriz estar a formigar, o pai de Ivy deixou-se ficar na outra extremidade da cozinha, tirando os biscoitos da mão de Erica e voltando a colocá-los no frasco dos biscoitos. A garota bufou, depois sorriu quando o pai levantou uma sobrancelha.

— É um prazer conhecer-te — disse ele, sua atenção voltando a mim.

— Olá, Sr. Randal — disse eu, não gostando da forma como ele olhava para Ivy e para mim ao lado uma da outra. Subitamente, senti-me como se estivesse a sair num encontro, a conhecer os pais, e corei. Não gostei do seu sorriso cúmplice. Aparentemente, Ivy também não.

— Para, pai — Ivy puxou uma cadeira e sentou-se. — Rachel partilha a casa comigo, não o quarto.

— É melhor que te assegure de que Skimmer saiba — seu peito estreito moveu-se enquanto ele inspirava fundo para assimilar as emoções no ar. — Ela veio para cá por causa de ti. Deixou tudo. Pensa bem antes de abandonar isso. Ela tem uma boa família. Uma linhagem milenar intacta é difícil de encontrar.

A tensão regressou a mim e senti-me ficar rígida.

— Oh, céus — gemeu Erica, a mão de novo no frasco dos biscoitos. — Não comece, papá. Acabamos de passar por uma situação feia no corredor.

Sorrindo e revelando seus dentes, ele estendeu um braço para lhe tirar o biscoito da mão e deu uma dentada.

— Não tens de estar no trabalho em breve? — disse ele, depois de engolir.

A jovem vampira deu uma risadinha.

— Papá, quero ir ao concerto. Todos os meus amigos vão.

Ergui as sobrancelhas. Ivy abanou a cabeça com um movimento diminuto, uma resposta privada à minha questão: se devíamos dizer que também íamos e que a poderíamos manter debaixo de olho.

— Não — disse o pai dela, limpando as migalhas de si, ao terminar o biscoito.

— Mas... Papá...

Abrindo o frasco, ele tirou mais três.

— Não tens controle suficiente...

Erica bufou, abatendo-se contra o balcão.

— Meu controle é ótimo — disse ela, amuando.

Ele endireitou-se, os primeiros sinais de uma atitude férrea crispando-lhe o rosto.

— Erica, as teus hormônios estão neste momento aos pulos. Numa noite, tens controle numa situação tensa, na seguinte, perde-o enquanto estás a ver televisão. Não está usando as capas como era suposto e não quero que ligues alguém a ti acidentalmente.

— Papá! — gritou ela, assumindo um tom vermelho e embaraçado.

Tirando dois copos do armário, Ivy deu uma risadinha. Minha inquietação desvaneceu-se ligeiramente.

— Eu sei... — disse o pai dela, a cabeça baixa e uma mão erguida. — Muitos dos teus amigos têm espectros e parece divertido ter alguém atrás de ti, procurando a tua atenção e sempre presente. É o centro do seu mundo e eles só te veem a ti. Mas Erica, os espetros ligados a um vampiro dão muito trabalho. Não são animais de estimação que podes entregar a um amigo quando te cansa deles. Precisam ser reconfortados e que lhes deem atenção. É demasiado jovem para ter esse tipo de responsabilidade.

— Papá, para! — disse Erica, obviamente mortificada. Sentei-me enquanto Ivy tirava uma embalagem de suco de laranja do geladeira. Perguntei-me quanto daquilo era para Erica e quanto era destinado a mim, numa tentativa de me assustar e afastar da sua filha mais velha. Estava a funcionar. Não que eu necessitasse de encorajamento.

O rosto do vampiro vivo tornou-se sério.

— Está sendo descuidada — disse ele, a sua voz grave assumindo um tom rude. — A tomar riscos que te podem deixar num local onde não queres estar. Achas que eu não sei que tiras as capas mal sai de casa? Não vai ao concerto.

— Não é justo! — gritou ela, o cabelo espigado agitando-se. — Só tiro notas excelentes e trabalho em meio período. É apenas um concerto! Nem sequer vai haver Enxofre!

Ele abanou a cabeça enquanto ela bufava.

— Até este mau Enxofre sair das ruas, virá para casa antes do nascer do Sol, minha jovem. Não estou disposto a ir às catacumbas da cidade para identificar e trazer para casa um membro da minha Casa. Já fiz isso uma vez e não estou pronto a fazê-lo de novo.

— Papá!

Ivy entregou um copo de suco ao pai, depois se sentou com a bebida na mão na cadeira ao lado da minha. Cruzando as pernas pelo joelho ela disse:

— Eu vou ao concerto.

Erica arquejou, suas joias tilintando enquanto ela saltava.

— Papá! — gritou ela. — Ivy vai. Não tomo Enxofre e não morderei ninguém. Prometo! Oh, céus! Por favor, deixa-me ir!

De sobrancelhas erguidas, o pai de Ivy olhou para ela. Ela encolheu os ombros e Erica susteve a respiração.

— Se tua mãe não se importar, eu também não — acabou ele por dizer.

— Obrigada, papá! — guinchou Erica. Ela atirou-se para ele, quase derrubando o pai alto e esguio. No meio do matraquear das suas botas, ela abriu a porta para as escadas com um puxão e desceu-as ruidosamente. A porta fechou-se e os gritos de Erica tornaram-se abafados.

O homem suspirou, os seus ombros finos movendo-se.

— Durante quanto tempo ia permitir que ela implorasse antes de me dizer que também ia? — perguntou secamente.

Com os olhos fixos no suco, Ivy sorriu.

— Durante o tempo suficiente para que ela me ouça quando lhe disser que tem de usar as capas, ou mudarei de ideias.

Ele riu.

— Aprendeu bem, jovem gafanhoto — disse ele, fingindo um sotaque forte.

Ouviu-se um novo bater nas escadas e Erica entrou na cozinha, os olhos negros de excitação, as correntes balançando.

— Ela disse que sim! Tenho de ir! Amo-te, papá! Obrigada, Ivy! — ela fez um par de orelhas de coelho com os dedos, dobrando-os enquanto dizia beijo, beijo! e saía disparada da sala.

— Tens tuas capas? — gritou o pai.

— Sim! — respondeu ela, a voz distante.

— E tira alguns desses colares, minha jovem! — acrescentou ele, mas a porta fechou-se com estrondo. O silêncio era um alívio e eu fitei o sorriso de Ivy com um espanto divertido. Erica era mesmo capaz de encher uma sala.

O pai de Ivy pousou o copo. Seu rosto parecia ter ficado mais enrugado e eu pude ver o esforço que seu corpo estava a realizar para fornecer à sua esposa morta-viva o sangue de que ela necessitava para se manter sã. Vi Ivy mover os dedos sobre o copo para fazê-lo girar no mesmo lugar. Lentamente, seu sorriso desvaneceu-se.

— Ela já foi ver Piscary? — perguntou ela suavemente, a súbita preocupação na sua voz chamando minha atenção. Era por isso que Ivy tinha ido falar com o pai e eu pensei na inocência descuidada e selvagem de Erica presa no braço manipulador de Piscary, e também eu me senti preocupada.

O pai de Ivy, contudo, parecia não ter nenhum problema com isso, bebendo lentamente o seu suco antes de responder.

— Sim. Ela visita-o a cada quinze dias. Como é de bom tom — minha sobrancelha franziu-se perante a questão subjacente e não fiquei surpreendida quando ele a colocou: — E tu?

Os dedos de Ivy pararam de se mover em redor do copo. Sentindo-me desconfortável, procurei uma forma de me despedir e ir esconder no carro. Ivy olhou de relance para mim, depois para o pai. Ele recostou-se, esperando. Do exterior, ergueu-se o rugido do carro de Erica, desvanecendo-se e deixando para trás o zumbido do relógio sobre o fogão como único som. Ivy inspirou fundo.

— Pai, cometi um erro.

Senti os olhos do pai de Ivy pousarem-se em mim, ainda que eu estivesse a olhar através da janela, tentando divorciar-me da conversa.

— Devíamos falar sobre isso quando sua mãe ficasse disponível — disse ele e eu inspirei fundo.

— Sabem — disse eu enquanto me levantava —, acho que vou esperar no carro.

— Não quero falar disso com a mãe, quero falar disso contigo — disse Ivy irritada. — E não há nenhuma razão para que a Rachel não possa ouvir.

O pedido escondido na voz de Ivy fez-me estancar. Voltei a sentar-me, ignorando a óbvia desaprovação de seu pai. Aquilo não ia ser nada divertido. Talvez ela desejasse minha opinião da conversa para contrapor à sua. Eu podia fazer isso por ela.

— Cometi um erro — disse Ivy suavemente. — Não quero ser o delfim de Piscary.

— Ivy... — havia um enfado cansado naquela palavra. — Está na altura de começar a assumir suas responsabilidades. Sua mãe era o delfim dele antes de morrer. Os benefícios...

— Não os quero! — disse Ivy e eu observei atentamente seus olhos, perguntando-me se o anel de castanho em redor da sua pupila estaria a encolher. — Talvez se ele não estivesse tanto na minha cabeça — acrescentou ela, afastando o copo de suco. — Mas já não aguento mais. Ele está sempre a insistir.

— Ele não o faria se fosse vê-lo.

Ivy sentou-se mais direita, os olhos presos na mesa.

— Eu fui vê-lo. Disse-lhe que não ia ser o seu delfim e que ele devia sair da minha cabeça. Ele riu de mim. Disse que eu tinha feito uma escolha e que agora tinha de viver e morrer com ela.

— Fizeste uma escolha.

— E agora quero fazer a outra — ripostou ela, os olhos submissamente descidos, mas a voz determinada. — Não vou fazê-lo. Não quero gerir o submundo de Cincinnati e não vou fazê-lo — ela inspirou fundo, seus olhos erguendo-se até aos dele. — Já não consigo dizer se gosto de alguma coisa porque sou eu, ou porque Piscary gosta dela. Pai, fala com ele por mim?

Meus olhos abriram-se perante seu tom de súplica. A única vez que a ouvira antes fora quando ela pensara que estava morta e me implorara para mantê-la segura. Cerrei o maxilar quando me recordei disso. Deus, tinha sido horrível. Quando ergui os olhos perante o seu continuado silêncio, fiquei sobressaltada ao descobrir que o pai de Ivy me fitava. Tinha os lábios apertados e o olhar furioso, como se a culpa fosse minha.

— É o delfim dele — disse ele, os olhos presos nos meus numa expressão acusatória. — Para de fugir dos teus deveres.

As narinas de Ivy abriram-se. Eu não queria mesmo estar ali, mas se me movesse, atrairia atenção para mim.

— Eu cometi um erro — disse ela furiosa. — E estou disposta a pagar o preço para me libertar dele, mas ele vai começar a magoar as pessoas para me obrigar a fazer o que quer. Isso não é justo.

Ele deu uma gargalhada trocista e levantou-se.

— Estava à espera de algo diferente? Ele vai usar tudo e todos para te manipular. É um mestre vampiro — pousando as mãos sobre a mesa, inclinou-se para Ivy. — É o que eles fazem.

Gelada, lancei meu olhar para o rio em baixo. Não interessava se Piscary estava ou não na prisão, tudo o que ele precisava fazer era dizer uma palavra e seus subordinados poriam não só Ivy na linha como me tirariam do seu caminho. Dispendioso, mas eficaz. Mas Ivy ergueu a cabeça, abanando-a num gesto destinado a reconfortar-me antes de virar os olhos úmidos para o pai.

— Pai, ele disse que ia começar a usar a Erica.

O rosto do homem ficou pálido, fazendo com que as pequenas cicatrizes se tornassem mais visíveis. O alívio pelo fato de Piscary não me ter escolhido como alvo atravessou-me, seguido por um sentimento de culpa por ter sentido tal coisa.

— Eu falo com ele — sussurrou, a preocupação na voz pela sua filha inocente e tão viva bem clara. Senti-me doente. Na sua conversa transpareciam sombras escuras e feias dos pactos secretos que os filhos mais velhos faziam entre si para proteger os irmãos mais novos e inocentes de um pai abusador. A sensação solidificou-se quando o pai dela repetiu baixinho: — Eu falo com ele.

— Obrigada.

Parecemos ter recuado todos para um silêncio desconfortável. Estava na hora de partir. Ivy levantou-se primeiro, rapidamente seguida por mim. Agarrei o casaco que pousara nas costas da cadeira e enfiei-o. O pai de Ivy levantou-se lentamente, parecendo duas vezes mais cansado do que quando chegamos.

— Ivy — disse ele enquanto se aproximava. — Estou orgulhoso de ti. Não concordo com o que está a fazer, mas estou orgulhoso de ti.

— Obrigada, pai — sorrindo com os lábios apertados numa expressão de alívio, ela deu-lhe um abraço. — Temos que ir. Tenho uma missão esta noite.

— A filha dos Darvan? — perguntou ele e ela acenou, a sua atitude revelando ainda um toque de culpa e medo. — Ótimo. Continua a fazer o que está fazendo. Eu vou falar com Piscary e ver o que consigo arranjar.

— Obrigada.

Ele virou-se para mim.

— Foi um prazer conhecer-te, Rachel.

— Igualmente, Sr. Randal — estava contente por a conversa de vampiros ter, aparentemente, chegado ao fim. Agora podíamos todos fingir uma vez mais que éramos normais; esconder a realidade debaixo do tapete de cinco mil dólares.

— Espera, Ivy. Toma. — o homem levou a mão ao bolso de trás das calças e retirou do seu interior uma carteira gasta, transformando-se de vampiro em simples pai.

— Pai — protestou Ivy. — Tenho meu próprio dinheiro.

Ele sorriu com metade da boca.

— Pensa nele como um agradecimento por levar Erica ao concerto. Almocem por minha conta — eu não disse nada enquanto ele enfiava uma nota de cem dólares na mão de Ivy, puxando-a para frente só com um braço. — Ligo amanhã de manhã — disse ele baixinho. Os olhos de Ivy perderam sua normal tensão.

— Eu passo por aqui. Não quero falar pelo telefone — ela dirigiu-me um sorriso forçado, de lábios apertados. — Pronta para partir?

Eu acenei, dirigindo ao pai de Ivy um aceno de cabeça enquanto a seguia para a sala de jantar e a porta principal. Sabendo quão boa era a audição dos vampiros, mantive a boca fechada até a porta elegantemente talhada ter sido fechada atrás de nós e os nossos pés estarem de novo enterrados na neve. Tinha se tornado mais escuro e a neve que esvoaçava parecia brilhar na luz que se refletia no céu. O carro de Erica tinha partido. Balançando as chaves, Ivy hesitou.

— Espera — disse ela, as botas gemendo na neve enquanto ela avançava para o local onde tinha estado estacionado o carro vermelho. — Acho que ela jogou fora as capas.

Deixei-me ficar junto à porta aberta do carro e esperei enquanto Ivy parava ao lado das marcas dos pneus. Fechando os olhos, fez um movimento da mão como se estivesse a jogar qualquer coisa fora e, depois, avançou até ao outro lado da estrada de acesso. Enquanto a observava num silêncio embasbacado, ela procurou na neve. Dobrando-se duas vezes pela cintura, agarrou em qualquer coisa. Regressou e entrou no carro sem tecer qualquer comentário.

Eu segui-a e apertei o cinto, desejando que estivesse mais escuro para não ter que ver enquanto ela conduzia. Perante meu silêncio interrogativo, Ivy estendeu a mão e largou dois pedaços de plástico ocos em minhas mãos abertas. O carro arrancou e eu apontei os respiradores para mim, desejando que o motor ainda estivesse quente.

— Capas? — perguntei, olhando para elas, pequenas e brancas na palma da minha mão, enquanto Ivy arrancava. Como raio é que ela as encontrou na neve?

— Desenhadas para impedir que rasgue a pele — disse Ivy, apertando os lábios finos. — E com isso, ela não pode ligar ninguém a ela por acidente. Era suposto ela usá-las até o pai dar ordens contrárias. E, a este ritmo, vai chegar aos trinta antes que isso aconteça. Sei onde ela trabalha. Importa-se que vá lá levá-las?

Abanei a cabeça, estendendo-lhe as capas de volta. Ivy olhou para os dois lados da estrada, no final do acesso, antes de se enfiar à frente de uma station azul, os pneus deslizando na neve derretida.

— Tenho na minha bolsa uma caixa vazia para capas. Importa-se de guardá-las por mim?

— Claro — eu não gostava de mexer na bolsa dela, mas se não o fizesse, ela guardaria as capas enquanto conduzia e o meu estômago já estava suficientemente apertado. Senti-me estranha enquanto colocava a bolsa de Ivy ao meu colo e a abria. Estava horrendamente arrumada. Nem um único lenço usado.

— A minha é a de vidro colorido — disse Ivy, dedicando apenas metade da sua atenção à estrada... — Devo ter aí alguma de plástico. O desinfetante ainda deve estar bom. O pai a mataria se soubesse que ela a atirou para a neve. Custaram tanto como o acampamento de férias de verão do ano passado, nos Andes.

— Oh! — os três anos que passei no campo Esperança de Kalamack para crianças moribundas pareceram-me subitamente miseráveis. Desviando uma pequena caixa que parecia uma caixa de comprimidos com decorações elaboradas, estava um frasco branco do tamanho de um polegar. Desenrosquei a tampa e descobri-o cheio de um líquido azulado.

— É esse — disse Ivy; e eu coloquei-as dentro. Elas flutuaram e quando eu me preparava para enfiar o mindinho no seu interior e empurrá-las para o fundo, ela acrescentou. — Basta que coloque a tampa e o agite. Elas afundarão.

Eu fiz isso mesmo, guardando o frasquinho na bolsa dela e pousando-a a seu lado.

— Obrigada — disse Ivy. — Quando eu "perdi" as minhas, ele pôs-me de castigo durante um mês.

Eu dirigi-lhe um sorriso tímido, pensando que era quase como perder os óculos, o aparelho dos dentes... Ou talvez o diafragma. Oh, céus! Será que queria mesmo saber tudo aquilo?

— Continuas a usar as capas? — perguntei, a curiosidade levando a melhor. Ela não pareceu muito envergonhada com a questão. Talvez eu me devesse limitar a seguir com a corrente.

Ivy abanou a cabeça, dando pisca um instante antes de atravessar duas filas de trânsito para apanhar a rampa de acesso à via rápida.

— Não — disse ela, enquanto eu me agarrava à porta. — Não desde os meus dezessete anos, mas guardo-as comigo, só para o caso... — ela interrompeu-se. — Não vá o diabo tecê-las.

Só para o caso de... Concluí que não queria saber.

— Hum, Ivy? — perguntei, enquanto tentava não calcular em que ponto do trânsito é que ela ia forçar a entrada. Sustive a respiração quando nos fundimos com os carros em movimento, ouvindo as buzinas que se erguiam atrás de nós. — Que diabo significam as orelhinhas de coelho e "beijo, beijo"?

Ela fitou-me e eu ergui dois dedos, que dobrei duas vezes em rápida sucessão. Um estranho sorriso fez erguer os cantos da boca dela.

— Isso não são orelhas de coelho — disse ela. — São presas.

Pensei um pouco, depois corei.

— Oh! — Ivy riu. Eu fitei-a por um momento, depois, decidindo que não haveria melhor altura, inspirei lentamente. — Hum, em relação à Skimmer...

O seu bom humor desapareceu. Ela olhou-me por breves instantes, depois voltou a fitar a estrada.

— Partilhávamos a mesma casa — ela corou ligeiramente, dizendo-me que era mais do que isso. — Éramos muito próximas — acrescentou ela, cuidadosamente, como se eu ainda não tivesse percebido. Ivy carregou nos freios com força para evitar um BMW preto que a queria prender atrás de uma moto. Acelerando rapidamente, ela fugiu para a direita, deixando o carro preto para trás.

— Ela veio para cá por causa de ti — disse eu, sentindo o sangue a correr mais rápido. — Por que não disse que nós não éramos assim?

Ela segurou o volante com mais força.

— Porque... — ela inspirou ligeiramente e prendeu o cabelo atrás da orelha. Era um tique nervoso que eu não via muitas vezes. — Porque não quis — disse ela, enquanto se colocava atrás de um caminhão vermelho que seguia mais de vinte quilómetros acima do limite legal. Com um olhar preocupado, ela fitou-me, ignorando o carro verde de que tanto o caminhão como nós, nos aproximávamos ruidosamente.

— Não vou pedir desculpa, Rachel. Na noite em que decidir que dar e tomar sangue não é o mesmo que sexo, eu vou lá estar. Até que o faça, aceitarei o que me for dado.

Sentindo-me horrivelmente desconfortável, mexi-me no meu assento.

— Ivy...

— Não diga nada — disse ela, suavemente, enquanto dava uma guinada para a direita, carregando o acelerador para ultrapassar a ambos. — Sei como se sente em relação a isso. Não posso te fazer mudar de ideia. Vai ter de compreender as coisas por si só. O fato de Skimmer estar aqui não muda nada — ela esgueirou-se para frente do carro, dirigindo-me um sorriso suave que me convenceu ainda mais que sangue era sexo. — E nessa altura, vai ficar furiosa contigo mesma por ter esperado tanto tempo para aproveitar essa oportunidade.

18

Começou o intervalo, o som fazendo-me estremecer no sofá onde estava sentada. Suspirando, puxei os joelhos até ao queixo e abracei as pernas. Ainda era cedo, pouco passava das duas da manhã e eu estava a tentar arranjar coragem para ir fazer qualquer coisa para comer. Ivy ainda estava na sua missão e, apesar da desconfortável conversa que tínhamos tido no carro, esperava que ela chegasse em casa suficientemente cedo para podermos sair. Aquecer uma empada e comer sozinha era tão apelativo como arrancar a pele das canelas. Agarrando o controle remoto, tirei o som da televisão. Isso era deprimente. Estava sentada num sofá, numa sexta-feira à noite, a ver Assalto ao Arranha-Céu, sozinha. Nick devia estar ali comigo. Tinha saudades dele. Eu achava que tinha saudades dele. Eu tinha saudades de alguma coisa. Talvez só tivesse saudades de ser abraçada. Seria eu assim tão fútil?

Largando o controle remoto, percebi uma voz vinda da igreja. Sentei-me direita; era uma voz masculina. Alarmada, acendi à linha dos fundos. Entre duas lufadas de ar, meu centro encheu-se. Com a força da linha a correr no meu corpo, preparei-me para me levantar, mas voltei a sentar-me quando Jenks voou para o interior da sala, mantendo-se à altura da minha cabeça. O suave zumbido das suas asas disse-me, imediatamente, que o que quer que fosse que se estivesse a passar na frente da igreja não ia me matar, ou pôr dinheiro no bolso.

De olhos muito abertos, ele aterrou no *abajur* do candeeiro. O pó que caía dele ergueu-se devido ao calor da lâmpada. Àquela hora, ele estava, normalmente, a dormir na minha mesa, razão pela qual estava, naquele momento, a sentir pena de mim, para poder amuar sem interferência.

— Hei, Jenks — disse eu enquanto soltava a linha e a magia sem destino me abandonava.

— Quem está aí?

O rosto dele assumiu uma expressão preocupada.

— Rachel, somos capazes de ter um problema.

Eu fitei-o, infeliz. Estava sentada sozinha, a ver Assalto ao Arranha-Céu. Isso era um problema, não o que quer que fosse que tivesse entrado pela nossa porta.

— Quem é? — disse eu, num tom monocórdico. — Já corri com as Testemunhas de Jeová. Seria de pensar que, como vivemos numa igreja, elas desistissem, mas elas n-ã-ã-ão desistiram.

Jenks franziu o cenho.

— É um *animalomem* qualquer com um chapéu de cowboy. Ele quer que eu assine um papel para dizer que comi aquele peixe que roubámos aos Howlers.

— David? — saltei da cadeira e dirigi-me para o santuário.

As asas de Jenks emitiam um zumbido seco enquanto ele voava ao meu lado.

— Quem é David?

— É um perito regulador de seguros — franzi o cenho. — O conheci ontem.

David erguia-se no meio da sala vazia, parecendo desconfortável no seu casaco comprido e com o chapéu puxado sobre os olhos. Os pequenos *pixies* espreitavam através de uma brecha, os belos rostos alinhados em fila. Ele estava a falar no celular e, quando me viu, murmurou algumas palavras, fechou a tampa do celular e enfiou-o no bolso.

— Olá, Rachel — disse ele, encolhendo-se quando sua voz ecoou. Seus olhos fitaram meus jeans e a minha camisa vermelha e, depois, ergueram-se até ao teto, enquanto saltava de um pé para o outro. Era óbvio que ele não se sentia confortável numa igreja, tal como acontecia com a maior parte dos *animalomens*, mas era algo

psicológico, não biológico. — Desculpe incomodá-la — disse ele, enquanto tirava o chapéu e o apertava nas mãos. — Mas rumores não servirão neste caso. Preciso que seu parceiro confirme que comeu aquele peixe dos desejos.

— Ai, caramba! Era um peixe dos desejos! — um coro de pequenos gritos ergueu-se da mesa. Jenks emitiu um som seco e os rostos que enchiam a frincha recuaram para as sombras.

David tirou um papel dobrado em três de um bolso do casaco comprido e abriu-o sobre o piano de Ivy.

— Se pudesse assinar aqui? — disse ele, depois se endireitou, com olhar desconfiado. — Comeu-o, não foi?

Jenks parecia assustado, as asas azuis tão escuras que eram quase roxas.

— Sim. Comi. Vamos ficar bem?

Eu tentei esconder meu sorriso, mas David não fez o mesmo, os dentes brancos na luz fraca do santuário.

— Creio que vai ficar bem, Sr. Jenks — disse ele, abrindo uma caneta com um estalo e erguendo-a.

Ergui as sobrancelhas. David hesitou, olhando da caneta para o *pixy*. A caneta era maior que ele.

— Hum... — disse ele, movendo-se uma vez mais. — Eu cuido disso — Jenks foi a voar para a mesa, regressando com o bico de um lápis. Observei enquanto ele escrevia, cuidadosamente, seu nome, as conversas ultrassónicas vindas da mesa fazendo-me doer os olhos. Jenks ergueu-se no ar, pó de *pixy* caindo dele. — Hei, hum... Não estamos em perigo, hum?

O cheiro pungente da tinta assaltou-me e David ergueu os olhos do trabalho que estava a fazer, reconhecendo a assinatura enquanto tabelião.

— Não. Obrigado, Sr. Jenks — ele olhou para mim. — Rachel.

O suave agitar das janelas, provocado por uma alteração na pressão do ar, fez-nos erguer a ambos a cabeça. Alguém tinha aberto a porta dos fundos da igreja.

— Rachel? — disse uma voz sonora, e eu pestanejei. Era minha mãe? Espantada, olhei para David.

— Ah, é a minha mãe. Talvez seja melhor ir. A menos que queira que ela o force a sair comigo.

O rosto de David sobressaltou-se, enquanto ele guardava o papel.

— Não. Estou despachado. Obrigado. Provavelmente, deveria ter ligado primeiro, mas são horas de expediente.

Senti o rosto ficar vermelho. Eu tinha acabado de acrescentar dez mil dólares à minha conta bancária, cortesia de Quen e do seu "pequeno problema". Podia muito bem ficar quieta e sentir pena de mim mesma durante uma noite, se assim o desejasse. E não ia preparar amuletos que pudesse usar nessa missão hoje. Fazer feitiços depois da meia-noite, em quarto minguante, era pedir problema. Além disso, como organizava meu dia não era da conta dele. Preocupada, olhei na direção dos fundos da igreja, não desejando ser mal-educada, mas também não desejando que a minha mãe fizesse um interrogatório a David.

— Já vou, mãe! — gritei, depois virei-me para Jenks. — Importa-se de acompanhá-lo à porta?

— Claro, Rache — Jenks ergueu-se no ar até à altura da cabeça de David para acompanhá-lo até ao hall de entrada.

— Adeus, David — disse eu, e ele dirigiu-me uma despedida de mão erguida e pôs o chapéu.

Por que acontece sempre tudo ao mesmo tempo? — pensei, afastando-me até à cozinha. A visita não anunciada da minha mãe era a cereja no topo do bolo de um dia perfeito. Cansada, entrei na cozinha e descobri-a com a cabeça enfiada no meio da geladeira. Do santuário, chegou o estrondo da porta da frente a fechar.

— Mãe — disse eu, tentando manter a voz agradável. — É ótimo ver-te, mas é hora de expediente.

Os meus pensamentos viajaram até ao banheiro, perguntando-me se a minha roupa íntima ainda estava em cima da máquina de secar. Sorrindo, ela endireitou-se, espreitando para mim pelo lado da porta da geladeira. Estava de óculos de sol e, juntamente com um chapéu de palha e um vestido de verão, davam-lhe um aspecto muito estranho. Vestido de verão? Ela trazia um vestido de verão? Estavam menos de quatro graus lá fora.

— Rachel! — sorrindo ela fechou a porta e abriu os braços. — Dá-me um abraço, querida.

Com os pensamentos num redemoinho, respondi ao seu abraço sem grande convicção. Talvez devesse ligar ao psicólogo dela e assegurar-me de que continuava a respeitar as consultas. Senti nela um cheiro estranho e, enquanto me afastava, disse:

— O que trouxe? Cheira a âmbar queimado.

— É porque é, querida.

Chocada, os meus olhos pousaram-se no seu rosto. Sua voz tinha descido várias oitavas. Senti a adrenalina pulsar através de mim. Recuei, apenas para descobrir uma mão de luva branca a segurar-me o ombro. Estanquei, incapaz de me mover, enquanto uma cascata de eternidade descia sobre ela, revelando Algaliarept. Oh, bolas. Eu estava morta.

— Boa noite, familiar — disse o demônio, sorrindo e revelando-me os seus dentes uniformes. — Vamos em busca de uma linha *Ley* para que possas ir para casa, hã?

— Jenks! — guinchei, ouvindo minha voz rouca de terror. Encostando-me para trás, ergui um pé, dando-lhe um pontapé mesmo no meio das pernas.

AI grunhiu, abrindo os seus olhos vermelhos de pupilas rasgadas.

— Cadela! — disse ele, estendendo um braço e agarrando-me o tornozelo.

Arquejando, caí, quando ele me puxou. Caí, ruidosamente, no chão, entrando em pânico. Enquanto escoiceava ineficazmente, ele arrastou-me ruidosamente da cozinha para o corredor.

— Rachel! — guinchou Jenks, pó de *pixy* preto caindo dele.

— Traz-me um amuleto! — gritei enquanto agarrava a ombreira da porta e me segurava. Oh, céus, ele tinha me apanhado! Se ele me conseguisse levar até uma linha, poderia arrastar-me fisicamente para a eternidade, mesmo que eu dissesse que não.

Os braços tensos, lutei por me agarrar à parede tempo suficiente para que Jenks abrisse meu armário dos amuletos e retirasse um do seu interior. Eu não precisava da agulha, meu lábio já estava a sangrar por causa da queda.

— Toma — gritou Jenks, parando à altura dos tornozelos para me fitar olhos nos olhos. Tinha na mão o fio de um amuleto para dormir. Seus olhos estavam assustados e as suas asas vermelhas.

— Não me aborreça, bruxa — disse Al, dando-me um puxão. A dor penetrou meu ombro e eu larguei a parede.

— Rachel! — exclamou Jenks, enquanto minhas unhas raspavam pelo chão de madeira e, depois, pelo carpete na sala de estar.

Al murmurou em latim e eu gritei quando uma explosão arrancou a porta das traseiras das suas dobradiças.

— Jenks! Sai daqui! Leva seus filhos para um local seguro! — gritei quando o ar frio jorrou para o interior, tornando o lugar do ar que a explosão tinha expulsado. Ouvi cães a ladrar enquanto deslizava pelas escadas de barriga para baixo. Neve, gelo e sal grosso raspavam pelo meu corpo e pelo meu queixo. Fitei a ombreira da porta estilhaçada enquanto a silhueta de David surgia negra contra a luz. Ergui a mão pedindo o amuleto que Jenks deixara cair. — O amuleto! — gritei, quando vi que ele não fazia ideia do que eu desejava. — Atira-me o amuleto!

Al parou de repente. Com as botas de montar inglesas a deixar as suas marcas no caminho por limpar, ele virou-se.

— Detrudo — disse ele, obviamente uma palavra de estímulo para uma maldição impressa na sua memória.

Arquejei quando uma sombra negra e vermelha de eternidade atingiu David, lançando-o contra a parede mais distante e para longe da minha vista.

— David! — gritei, enquanto Al me voltava a arrastar. Contorcendo-me, virei-me de forma a ficar de bunda no chão e não de barriga. Eu ia traçando um pequeno caminho através da neve, atrás de Al, enquanto ele me puxava a espernear até ao portão de madeira na frente do jardim, que dava acesso à rua.

Al não podia utilizar a linha *Ley* no cemitério para me arrastar para a eternidade, já que esta estava completamente rodeada por chão sagrado, que ele não podia pisar. A linha *Ley* mais próxima, que eu tivesse conhecimento, ficava a oito quarteirões. *Eu tinha alguma chance* — pensei, a neve fria ensopando-me os jeans.

— Me larga! — exigi, pontapeando a parte de trás da perna de Al, com meu pé livre.

A perna dele cedeu e ele parou, seu olhar irado bem visível à luz de um poste. Ele não podia transformar-se em vapor para evitar os golpes, já que isso me permitiria escapar das suas mãos.

— Mas que cadela — disse ele, segurando meus dois tornozelos com uma mão e continuando.

— Não quero ir! — gritei, agarrando os lados do portão enquanto o atravessávamos. Parámos repentinamente e Al suspirou.

— Larga — disse ele, soando cansado.

— Não! — meus músculos começaram a tremer enquanto eu lutava por me manter imóvel e Al me puxava. Eu tinha apenas um encantamento das linhas *Ley* gravado no meu subconsciente, mas aprisionar Al e eu num círculo não me levaria a lugar nenhum. Ele poderia quebrá-lo com a mesma facilidade que eu, agora que a sua aura o mancharia.

Deixei escapar um grito quando Al desistiu de me tentar arrastar através do portão e pegou-me no colo, atirando-me por cima do ombro. Minha respiração deflagrou quando seu ombro duro e musculoso chocou contra minha barriga. Ele fedia a âmbar queimado e eu lutei por me libertar.

— Isso seria muito mais fácil — disse ele, enquanto eu batia com os cotovelos entre as suas omoplatas sem qualquer resultado — se aceitasse o fato de que é minha. Limita-te a dizer que virá de boa vontade e eu posso transportar-nos daqui para uma linha, o que te poupará uma grande quantidade de embaraço.

— Não estou preocupada com o embaraço! — estiquei os braços tentando agarrar o ramo de uma árvore por onde passávamos, suspirando de alívio quando o consegui agarrar. Al cambaleou para trás, desequilibrado. — Oh, vê só — disse ele, enquanto me libertava com um puxão e as palmas das minhas mãos ficavam cobertas de arranhões e a sangrar. — Teu amigo lobinho quer brincar.

David — pensei, contorcendo-me para ver além do ombro de Al. Enquanto lutava por respirar, vi uma sombra enorme que se erguia no centro da rua iluminada pelos postes e coberta de neve. Fiquei de queixo caído. Ele tinha se transformado. Ele tinha se transformado em menos de três minutos. Céus, aquilo devia ter doído.

Ele era enorme, tendo mantido toda sua massa humana. A cabeça devia chegar à altura dos meus ombros, calculei. Seu pelo negro e sedoso, que se parecia mais com

cabelo, esvoaçava no vento frio. As orelhas estavam apertadas contra a cabeça e dele erguia-se um rosnado de aviso impossivelmente grave. As patas do tamanho das minhas mãos abertas enterravam-se na neve enquanto ele avançava na nossa direção. Soltou um latido indescritivelmente profundo de aviso e Al riu. As luzes estavam acendendo nas casas adjacentes e as cortinas estavam a ser afastadas.

— Ela é legalmente minha — disse Al, com leviandade. — Vou levá-la para casa. Nem sequer tente — Al fitava a rua, deixando-me dividida entre gritar por ajuda e admitir que estava feita. Aproximava-se um carro, as suas luzes tornavam tudo mais visível. — Belo cãozinho — murmurou Al, enquanto passávamos por David, deixando uns bons três metros entre nós.

Parecendo rude sob a luz dos candeeiros, David baixou a cabeça e eu perguntei-me se ele tinha desistido, sabendo que nada poderia fazer. Mas depois, a cabeça dele levantou-se e ele começou a correr atrás de nós.

— David, não há nada que possa fazer! David, não! — guinchei, quando seu passo lento se transformou numa corrida. Os olhos perdidos num frenesi mortal, avançou diretamente para mim. Claro, não queria ser levada para a eternidade, mas também não queria morrer.

Praguejando, Al virou-se.

— Vacuefacio — disse ele, a mão de luva branca esticada. Contorci-me sobre o seu ombro para ver. Uma bola negra de força foi lançada de dentro dele, chocando com o toque silencioso de David, meio metro à nossa frente. As patas enormes de David deslizaram, mas ele chocou de frente com ela. Ganindo, rolou, acabando por parar junto a uma pilha de neve. O cheiro a pelo queimado ergueu-se e desapareceu.

— David! — gritei, sem sentir o frio que me mordia. — Estás bem? Gritei, quando Al me largou no chão, uma mão forte apertando meu ombro até eu gritar de dor. A camada espessa de neve comprimida sobre o chão, derreteu-se e ensopou-me, o meu traseiro ficou dormente com a dor e o frio.

— Idiota — resmungou Al para si próprio. — Tens um familiar, pelas cinzas da tua mãe, por que é que não a usa? — ele sorriu-me, erguendo as sobrancelhas espessas em antecipação. — Está pronta para trabalhar, Rachel, querida?

Perdi o fôlego. Em pânico, ergui os olhos para ele, sentindo meu rosto ficar pálido e os meus olhos abrirem-se.

— Por favor, não — sussurrei.

Ele sorriu ainda mais.

— Guarda isto por mim — disse ele.

Senti-me atravessar por um grito de dor, enquanto Al acendia a uma linha, lançando a sua força através de mim. Meus músculos agitaram-se e fui assolada por um espasmo até que o meu rosto bateu no chão. Eu estava a arder e enrosquei-me em posição fetal, as mãos a tapar os ouvidos. Grito após grito martelou sobre mim. Não conseguia bloqueá-los. Eles martelavam-me, era a única coisa real além da agonia na minha cabeça. Com uma explosão, a força da linha *Ley* atravessou-me, instalando-se no centro de mim, derramando-se e incendiando meus membros. Meu cérebro parecia ter sido mergulhado em ácido e, durante todo aquele tempo, os gritos horríveis ressoavam nos meus ouvidos. Eu estava em chamas. Eu estava a arder.

Subitamente, compreendi que os gritos vinham de mim. Soluços enormes que agitavam todo meu corpo tomaram seu lugar enquanto eu conseguia pará-los. Um uivo fantasmagórico e agudo tomou seu lugar e eu consegui pará-lo também. Arquejando, abri os olhos. Minhas mãos estavam brancas e tremiam, na luz do carro. Elas não estavam queimadas. O cheiro de âmbar queimado não era da minha pele a cair. Estava tudo na minha cabeça.

Oh, céus! Minha cabeça parecia estar em três lugares ao mesmo tempo. Eu estava a ouvir tudo duas vezes, a cheirar tudo duas vezes e a ter pensamentos que não eram meus. Al sabia tudo o que eu estava a sentir, tudo o que eu estava a pensar. Só podia rezar para que não tivesse feito isto a Nick.

— Melhor? — disse Al e eu saltei como se tivesse sido chicoteada, ouvindo sua voz tanto na minha cabeça como aos meus ouvidos. — Nada mal — disse ele, puxando-me e levantando-me sem que eu resistisse. — Ceri desmaiou apenas com metade dessa energia e foram precisos três meses para que parasse de fazer esse barulho horrível.

Dormente, senti a saliva deslizar de mim. Não me conseguia lembrar de como a limpar. Doía-me a garganta e o ar frio que respirava parecia queimar-me. Podia ouvir o som de cães a ladrar e do motor de um carro. A luz dos faróis não se estava a mover e a neve brilhava. Eu pendia, fraca, nas mãos de Al, os pés tentando mover-se quando ele voltou a andar. Ele arrastou-me da frente do carro e, num guincho escorregadio de neve e gelo, ele acelerou para longe.

— Vamos, Rachel, querida — disse Al na nova escuridão, claramente de bom humor, enquanto me puxava ao longo de um monte de neve e para a calçada limpa. — Teu lobo desistiu e, a menos que te submetas a mim, temos uma boa parte da cidade para percorrer até eu te poder levar até uma linha *Ley*.

Cambaleando, ia avançando atrás de Al, meus pés calçando apenas meias, frios e insensíveis. Sua mão apertava-me o pulso, um grilhão mais forte do que qualquer metal. A sombra de Al estendia-se atrás de nós até ao local onde David se encontrava, arquejando, abanando a cabeça como que para limpá-la. Eu não podia fazer nada, nada sentindo enquanto os lábios de David se afastavam do nariz. Silenciosamente, ele saltou. Sentindo-me dormente e indiferente, observei como se estivesse longe. Al, por seu lado, estava muito consciente de tudo o que se passava.

— Ceiero fervefacia! — exclamou ele, furioso e eu gritei quando a praga ardeu através de mim. A força da magia de Al explodiu a partir da sua mão estendida e atingiu David. Num relâmpago, a neve por baixo do *animalomem* derreteu-se e ele tombou sobre o círculo negro no chão. Eu gritei de agonia, sustendo o grito, abafando-o, ouvindo-o transformar-se no som agudo.

— Por favor... Mais não — sussurrei, o cuspe caindo de mim e derretendo a neve. Fitei o branco sujo, pensando que era a minha alma, maltratada e conspurcada, a pagar pela magia negra de Al. Não conseguia pensar. A dor ainda me queimava, transformando-se numa dor familiar.

O som de pessoas assustadas fez-me erguer os olhos. Os vizinhos observavam a partir das portas e das janelas. O mais certo era que eu aparecesse nas notícias. Um estrondo puxou minha atenção para a casa por onde íamos a passar, um elegante castelo de neve com torres e amuradas erguia-se num canto do jardim. A luz visível através da porta aberta derramava-se sobre a neve, quase chegando a Al e a mim. Sustive a respiração quando vi Ceri de pé, no limiar da porta, o crucifixo de Ivy ao redor do seu pescoço. Seu vestido de noite esvoaçava para o interior da casa, branco e ondulante. O cabelo solto flutuava à sua volta, chegando-lhe quase à cintura. Sua postura estava rígida de raiva.

— Você! — disse ela, a sua voz límpida sobre a neve.

Um pequeno grito de aviso ergueu-se de mim e eu senti que era puxada. Graças ao conhecimento de Al soube instintivamente que Ceri tinha erguido um círculo em redor de Al e de mim. Deixei escapar um soluço fútil, mas agarrei-me à sensação, como um rafeiro esfomeado que vasculha o lixo. Eu sentira algo que não tivera sua origem em Al.

A irritação do demônio era premente, atrás da minha depressão, cobrindo-a até eu me ter esquecido do que sentia. Graças a Al, soube que o círculo era inútil. Podemos erguer um círculo sem o desenhar primeiro, mas só um círculo desenhado é suficientemente forte para conter um demônio.

Al nem sequer se deu ao trabalho de abrandar, arrastando-me através da fronteira de eternidade. Minha respiração silvou, quando a força que Ceri usara para erguer o círculo fluiu para dentro de mim. Eu gritei quando uma nova onda de fogo cobriu a minha pele. Corria a partir do ponto onde eu tocara inicialmente no campo, fluindo como líquido para me cobrir. A dor procurava o centro do meu ser. Encontrou-o e eu voltei a gritar, contorcendo-me até que Al me soltou, quando descobriu o meu chi cheio e a rebentar. A eternidade ricocheteou, queimando através de mim até se instalar no único local onde conseguiu encontrar espaço livre: minha cabeça. Mais cedo ou mais tarde seria demasiado e eu enlouqueceria.

Agarrei-me a mim mesma. A calçada áspera arranhava-me a coxa e o ombro enquanto eu convulsionava. Lentamente, tornou-se suportável e eu consegui parar de gritar. Meu último grito perdeu-se transformado num suspiro que silenciou os cães. Oh, céus, estava a morrer! Eu estava a morrer de dentro para fora.

— Por favor — supliquei a Ceri, sabendo que ela não me conseguia ouvir. — Não volte a fazer isso.

Al endireitou-me.

— É uma excelente familiar — encorajou ele, o rosto aberto num sorriso largo. — Estou tão orgulhoso. Conseguiu parar de gritar. Acho que vou fazer uma xícara de chá quando chegarmos e permitir que durma antes de te exibir à frente dos meus amigos.

— Não... — suspirei, e Al riu do meu desafio, mesmo antes de a palavra se escapar de mim. Eu não podia ter qualquer pensamento sem que ele o conhecesse primeiro. Agora compreendia porque é que Ceri tinha adormecido as suas emoções, preferindo nada sentir a partilhá-lo com Al.

— Espera — disse Ceri, a sua voz soando límpida sobre a neve enquanto ela corria, descendo os degraus do alpendre, passando pela vedação de arame e chegando ao pátio à nossa frente.

Eu cedi nas mãos de Al, quando ele parou para olhar para ela. A voz dela fluiu sobre mim, acalmando a minha pele e a minha mente. Os meus olhos aqueceram

perante a breve pausa na dor e eu quase solucei de alívio. Ela parecia uma deusa. Ela conseguia a libertação da dor.

— Ceri — disse Al, com uma voz quente, a sua atenção só em parte sobre David enquanto este nos rodeava, o pelo do pescoço erguido e uma selvajaria assustadora nos olhos. — Estás com bom aspecto, querida — os olhos dele viajaram pelo elaborado castelo de neve atrás dela. — Tens saudades de casa?

— Eu sou Ceridwen Merriam Dulciate — disse ela, a certeza na sua voz como um chicote. — Não sou tua familiar. Tenho alma. Concede-me o respeito que mereço.

Al deu uma risadinha.

— Vejo que redescobriu seu ego. Qual é a sensação de estar envelhecendo de novo?

Vi-a ficar rígida. Ela foi se colocar à nossa frente e eu pude ver sua culpa.

— Já não o temo — disse ela suavemente e eu perguntei-me se uma vida sem envelhecimento fora o que Al usara para atraí-la para ser sua familiar. — O mundo é assim. Deixa Rachel Mariana Morgan.

Al lançou a cabeça para trás e riu, mostrando os dentes grossos e uniformes ao céu nublado.

— Ela é minha. Está com bom aspecto. Quer voltar? Podiam ser irmãs. Não era bom?

A boca dela contorceu-se.

— Ela tem alma. Não pode obrigá-la.

Arquejando, pendia no local onde Al me segurava. Se ele me conseguisse levar até uma linha, o fato de ter ou não alma deixaria de importar.

— Sim, posso — disse Al, apresentando-o como um fato consumado. Franziu o cenho e sua atenção regressou a David. Ele tinha o visto contornar o lago, tentando traçar um círculo físico com seus passos, com o qual pudéssemos prender Al. Os olhos do demônio semicerraram-se.

— Detrudo — disse ele, com um gesto.

Eu arquejei, agitando-me quando a eternidade me atravessou para pôr em prática o encantamento de Al. Com a cabeça direita, engoli o som horrível que iria emergir da

minha garganta seca. Consegui manter-me em silêncio enquanto a energia me atravessava, mas todos os meus esforços para me manterem em silêncio foram ineficazes quando uma onda de eternidade se ergueu, vinda de uma linha, para substituir a que Al tinha usado. Uma vez mais, o fogo imolou o meu centro, derramando-se e fazendo arder minha pele, instalando-se, por fim, nos meus pensamentos. Eu não conseguia pensar. Em mim, não existia nada além da dor. Eu estava a arder. Os meus pensamentos, a minha alma, estavam a arder.

Em choque, caí de joelhos, a dor provocada pelo passeio gelado quase imperceptível, enquanto um grito de infelicidade se escapava de mim. Eu tinha os olhos muito abertos e Ceri encolheu-se, erguendo-se descalça à nossa frente, na neve. Uma dor partilhada estava espelhada nos seus olhos e eu fixei-me neles, encontrando paz nas suas profundezas verdes. Ela tinha sobrevivido àquilo. Eu podia sobreviver àquilo. Eu iria sobreviver àquilo. Deus, ajude-me a descobrir uma forma de sobreviver a isto.

Al riu ao sentir a minha resolução.

— Ótimo — encorajou ele. — Aprecio teu esforço para manter o silêncio. Vai chegar lá. O teu Deus não pode ajudar, mas continua a chamar por ele. Gostaria de conhecê-lo.

Inspirei, tremendo. David era um monte trêmulo de pelo sedoso sobre a neve, a alguma distância do local onde se encontrara antes. Eu estava a gritar quando o feitiço o atingiu e não o vi ser derrubado. Ceri correu para ele quando ele se levantou, agarrando-lhe o focinho com ambas as mãos e fitando-o nos olhos. Ela parecia muito pequena ao seu lado, o negrume absoluto dele parecendo perigoso e, de alguma forma, correto ao lado da fragilidade dela, envolta no vestido branco e ondulante.

— Dá-me isso — sussurrou ela, enquanto fitava, sem medo, seus olhos e as orelhas de David ergueram-se.

Soltando o rosto dele, ela avançou até ao local onde as pegadas de David terminavam. Keasley juntou-se a ela, abotoando o casaco de tecido grosso, avançando da minha direita e parando ao lado dela. Ele pegou na mão dela, murmurando:

— É teu — disse, antes de largá-la e ambos recuaram.

Eu queria chorar, mas não tinha força para isso. Eles não me podiam ajudar. Admirei a confiança de Ceri, a sua atitude orgulhosa e desapaixonada, mas era inútil. Era como se já estivesse morta.

— Demônio — disse ela, a voz repicando através do ar imóvel como um sino. — Eu te prendo.

Al agitou-se, quando um lençol de eternidade azul se ergueu sobre nós e o seu rosto ficou vermelho.

— Es scortum obscenus impurua! — gritou ele, largando-me. Eu deixei-me ficar onde caí, sabendo que ele não me teria largado se eu fosse capaz de fugir. — Como se atreve a usar aquilo que te ensinei para me prender!

Arquejando, ergui a cabeça, só agora compreendendo por que é que ela tinha tocado em David e, depois, em Keasley. David começara o círculo, Ceri traçara a segunda parte e Keasley a terceira. Eles tinham lhe dado permissão para juntarem os seus caminhos como um. O círculo tinha sido feito; ele estava preso. E, enquanto eu o observava a avançar para os limites da bolha, em direção a uma Ceri vitoriosa, pensei que não seria preciso muito para que ele decidisse matar-me por puro despeito.

— Moecha putida! — gritou ele, batendo na força que os dividia. — Ceri, vou voltar a arrancar sua alma, juro!

— Et de — disse ela, o queixo fino erguido e os olhos a brilhar. — Acervus exceremento. Pode saltar a partir daqui para uma linha. Parte agora, antes que o sol se levante, para que possamos ir todos para a cama.

Algaliarept inspirou lentamente e eu tremi perante a raiva contida dos seus movimentos.

— Não — disse ele. — Vou abrir os horizontes da Rachel e tu vai ouvi-la gritar enquanto ela aprende a suportar por inteiro aquilo que exijo.

Ele consegue puxar ainda mais energia através de mim? — pensei, sentindo os pulmões pesados enquanto eu perdia temporariamente a vontade de respirar. Havia pior do que isto? A confiança de Ceri fraquejou.

— Não — disse ela. — Ela não sabe como acumulá-la adequadamente. Se usa mais sua mente quebrará. Ela enlouquecerá antes que sejas capaz de ensiná-la a fazer o teu chá.

— Não precisa ser sã para me fazer chá, ou uma torrada só de um lado — rosnou ele. Agarrando-me no braço, puxou-me, fazendo-me levantar sem que eu oferecesse qualquer resistência.

Ceri abanou a cabeça, deixando-se ficar de pé na neve, como se fosse verão.

— Está sendo tolo. Perdeste. Ela foi mais esperta do que tu. É um mau perdedor.

Al beliscou-me o ombro e eu cerrei os dentes, recusando-me a gritar.

Era apenas dor. Não era nada comparado com o ardor contínuo da eternidade que ele me estava a obrigar a acumular por ele.

— Mau perdedor! — gritou ele e eu ouvi os gritos de medo das pessoas que se escondiam nas sombras. — Ela não se pode esconder em solo sagrado para sempre. Se o tentar, arranjarei uma forma de usá-la através das linhas.

Ceri olhou de relance para David e eu fechei os olhos, desesperada. Ela achava que ele seria capaz de fazê-lo. Deus me ajudasse. Era apenas uma questão de tempo até que ele descobrisse uma forma. Minha tentativa de salvar minha alma ia falhar.

— Vai embora — disse ela, afastando o olhar de David. — Regressa à eternidade e deixa Rachel Mariana Morgan em paz. Ninguém te chamou.

— Não pode me banir, Ceri! — disse ele, furioso, puxando por mim até eu ter caído para cima dele. — Minha familiar abriu um caminho de invocação que eu pude seguir, quando acedeu à linha. Quebra este círculo e deixa que a leve como é meu direito!

Ceri inspirou, exultante.

— Rachel! Ele reconheceu que o chamaste. Bane-o!

Meus olhos abriram-se.

— Não! — gritou Algaliarept, lançando uma onda de eternidade através de mim. Eu quase desmaiei, as ondas de dor atravessando-me e acumulando-se uma sobre as outras até não haver mais nada a não ser agonia. Mas eu inspirei, sentindo o fedor da minha alma queimada.

— Algaliarept — consegui dizer, minha voz um arquejo rouco. — Regressa à eternidade.

— Sua cadela — rosnou ele, dando-me um estalo com as costas da mão.

A força do golpe lançou-me contra o muro erguido por Ceri. Eu aterrei enroscada sobre mim mesma, incapaz de pensar. Doía-me a cabeça e sentia a garganta em ferida. A neve debaixo de mim estava fria. Eu aninhei-me nela, ardendo.

— Vai embora. Vai embora agora — sussurrei.

A esmagadora energia da eternidade que zumbia através do meu cérebro desapareceu de repente. Eu gemi perante sua ausência. Ouvi meu coração bater, parar e bater uma vez mais. Tive de usar todas as minhas forças para continuar a respirar, agora que só tinha os meus pensamentos na minha cabeça. Ele tinha ido embora. O fogo tinha desaparecido.

— Tira-a da neve — ouvi Ceri dizer, com urgência, sua voz derramando-se sobre mim como água gelada. Tentei abrir os olhos, não fui capaz. Alguém pegou em mim e senti o calor de um corpo. Era Keasley, concluiu uma pequena parte de mim, pois reconheci o cheiro de pau-brasil e café barato. Minha cabeça bateu nele e o meu queixo desceu até ao meu peito. Senti mãos pequenas e frescas na minha testa e, enquanto Ceri cantava para mim, senti que começávamos a mover-nos.



19

— Oh, céus — sussurrei, minhas palavras soando tão secas como sentia minha garganta. Fora uma afirmação rouca, mais parecida com a ervilha dentro de uma lata do que com uma voz. Doía-me a cabeça e sobre os meus olhos estava um pano úmido que cheirava a sabão azul e branco. — Não me sinto muito bem.

A mão fria de Ceri tocou-me no rosto.

— Não estou surpreendida — disse ela secamente. — Mantém os olhos fechados. Vou mudar a compressa.

À minha volta, podia escutar a respiração suave de duas pessoas e de um cão muito grande. Recordava-me vagamente de ter sido levada ao colo, prestes a desmaiar, mas sem nunca o fazer, por muito que tentasse. Podia perceber, pelo cheiro dos meus perfumes, que Keasley me tinha levado até ao meu quarto e a almofada sob a minha cabeça transmitia-me urna sensação familiar e confortável. O peso da coberta que mantinha aos pés da cama cobria-me. Eu estava viva. Quem diria. Ceri ergueu de mim o pano úmido e, apesar do seu aviso, abri ligeiramente as pálpebras.

— Au... — gemi, quando a luz de uma vela acesa sobre a cômoda pareceu perfurar-me os olhos, trespassando-me até à parte de trás do meu crânio e ricocheteando. Minha dor de cabeça triplicou.

— Ela disse que mantivesse os olhos fechados — disse Jenks num tom irônico, mas o alívio na sua voz era óbvio. O matraquear das unhas de David intrometeu-se, seguido de perto por um bafo quente junto ao meu ouvido.

— Ela está ótima — disse Ceri baixinho, e ele afastou-se.

Ótima? — pensei eu, concentrando-me em respirar até que a luz que saltitava dentro da minha cabeça perdeu a sua força e se desvaneceu. Isso era ótimo? O latejar da minha cabeça transformou-se numa ténue agonia e, quando ouvi o som suave de um sopro e senti o cheiro forte de uma vela apagada, abri os olhos uma vez mais.

Sob a luz que atravessava minhas cortinas, vinda da rua, podia ver Ceri, sentada numa cadeira de cozinha ao lado da minha cama. Tinha no colo uma panela de água e eu estremeci quando ela a pousou em cima do guia sobre como namorar com um vampiro da Ivy, que ali se encontrava à vista de todos. Do outro lado da minha cama, estava Keasley, uma sombra encurvada. Empoleirado na armação da cama, Jenks brilhava num tom baço de âmbar e, espreitando ao fundo, estava David, que ocupava metade do espaço livre com o seu corpo de lobo.

— Acho que estamos de volta ao Kansas, *Toto* — murmurei, e Keasley riu. Meu rosto estava úmido e frio e a corrente de ar que vinha da porta partida misturava-se com o cheiro almiscarado do aquecimento que soprava através das grelhas. — Jenks! — gemi quando me lembrei da onda de frio invernal que o tinha atingido. — Seus filhos estão bem?

— Sim, estão ótimos — disse ele e eu voltei a deixar-me cair sobre a almofada. Levei a mão à garganta. Parecia estar a sangrar por dentro.

— David? — perguntei, com a voz mais baixa. — E você?

Seu arfar aumentou, enquanto ele afastava Keasley do caminho e tocava na minha orelha, com o focinho quente e húmido. Abriu as mandíbulas. Ceri arquejou, quando David agarrou todo o meu rosto com a boca. A adrenalina atravessou-me, cortando a dor.

— Hei! — exclamei, lutando enquanto ele me abanava suavemente e depois me largava. Com o coração a bater veloz, estanquei perante o suave grunhido e o focinho molhado que me tocou na face. Com um latido canino, afastou-se para o corredor.

— O que raio isso quer dizer? — perguntei, o coração a bater veloz contra meu peito.

Jenks ergueu-se numa chuva de pó de *pixy* que me fez semicerrar os olhos. Não era luminoso, mas os meus olhos doíam mesmo muito.

— Ele está feliz por estar bem — disse ele, as suas feições minúsculas sérias.

— Isto é bem? — disse eu e do santuário ergueu-se um estranho, latido de riso.

Doía-me a garganta e ergui uma mão, enquanto me sentava. Tinha baba de *animalomem* no rosto e limpei-a com o pano molhado, pousando-o em seguida, na beira da panela. Doíam-me os músculos. Raios, doía-me tudo. E eu não tinha gostado nada de sentir a cabeça na boca do David. O som de unhas cuidadas a bater nas ripas de madeira atraiu minha atenção para o corredor escuro, enquanto ele trotava, dirigindo-se aos fundos da igreja. Trazia, na boca, a mochila e as roupas, e o casaco arrastava-se atrás dele como um animal caído.

— Jenks — disse Ceri baixinho. — Vai ver se ele vai se transformar aqui, ou se quer ajuda para guardar as coisas na mochila.

Jenks ergueu-se, voltando a pousar quando se ouviu um breve latido de negação vindo da sala de estar. De maxilar fechado perante a dor de cabeça do tamanho do Texas, concluí que o mais provável era que ele se transformasse antes de sair. Era ilegal ser visto em público sob a forma animal, com exceção dos três dias por altura da lua cheia. Antigamente, a restrição não passava de tradição; agora tinha a força da lei, servindo para que os humanos se sentissem melhor. O que os *animalomens* faziam à porta fechada era problema deles. Eu estava certa que ninguém diria nada sobre o fato de se ter transformado para ajudar a salvar-me de um demônio, mas ele não conseguia conduzir seu carro naquela forma e apanhar um ônibus seria impossível.

— Bem — disse Keasley, enquanto se sentava na beira da minha cama —, vamos dar uma olhada.

— Au... — exclamei, quando ele me tocou no ombro e o músculo dolorido lançou através de mim uma facada de dor. Afastei a mão dele e ele aproximou-se ainda mais.

— Já tinha esquecido como é uma paciente chata — disse ele, voltando a estender uma mão. — Quero saber onde dói.

— Para — gemi, tentando bater nas mãos inchadas pela artrite. — Dói-me o ombro no lugar onde Al o beliscou. Doem-me as mãos onde as arranhei, o queixo e a barriga por ele me ter arrastado ao longo dos degraus. Os joelhos de... — hesitei. — Ter caído

na rua. E o rosto no local onde Al me esbofeteou — olhei para Ceri. — Tenho um olho roxo?

— Vai ter, de manhã — disse ela baixinho, encolhendo-se num gesto de simpatia.

— E tenho o lábio cortado — terminei, tocando-o.

David estava a transformar-se uma vez mais, com toda a calma. Teria de ser assim, depois da dor que devia ter sentido quando se transformou tão rapidamente. Senti-me feliz por ele ter acônito. A erva era um ligeiro inibidor de dor e sedativo que tornava a transformação mais fácil. Era pena que só funcionasse com *animalomens*.

Keasley gemeu enquanto se levantava.

— Vou buscar-te um amuleto contra a dor — disse ele, regressando ao corredor. — Importa-se que faça um pouco de café? Vou ficar até que tua companheira de casa regresse.

— Pode trazer dois amuletos — disse eu, sem saber se isso ajudaria à minha dor de cabeça. Os amuletos contra a dor só funcionavam nas dores físicas e eu tinha a sensação que se tratava mais de um eco por ter canalizado demasiada energia das linhas *Ley*. Fora isto que eu tinha feito a Nick? Não era de admirar que ele tivesse partido.

Semicerrei os olhos quando a luz se acendeu, piscando, na cozinha e uma boa parte dela chegou ao quarto. Ceri observou-me cuidadosamente e eu acenei para lhe dizer que estava bem. Tocando na minha mão, por cima da manta, ela murmurou:

— O chá será mais fácil de digerir que o café — seus olhos verdes solenes saltaram para o Jenks. — Fica com ela?

— Sim — as asas dele começaram a mover-se. — Tomar conta da Rachel é a terceira coisa que melhor faço.

Eu dirigi-lhe um sorriso escarninho e Ceri hesitou.

— Não vou demorar muito — disse ela, erguendo-se e partindo com o som suave dos pés descalços na madeira.

O ritmo confortável da conversa ergueu-se da cozinha e eu puxei desajeitadamente a minha coberta até aos ombros. Doíam-me todos os músculos como se eu tivesse estado com febre. Os meus pés estavam frios nas meias molhadas e o mais certo é que eu estivesse a deixar uma mancha de umidade na cama, por causa das

roupas úmidas de neve. Deprimida, meus olhos pousaram-se em Jenks na armação de madeira aos meus pés.

— Obrigada por ter tentado ajudar — disse eu. — Tens certeza que está bem? Ele arrancou a porta.

— Devia ter sido mais rápido com o amuleto — as asas dele assumiram um triste tom azul.

Eu encolhi os ombros, desejando logo não o ter feito quando estes começaram a latejar. Onde estava Keasley com os meus amuletos?

— Até podem não funcionar nos demônios.

Jenks esvoaçou para mais perto, aterrando no alto formado pelo meu joelho.

— Raios, Rache. Está péssima.

— Obrigada.

O cheiro divinal do café começou a fundir-se com o cheiro almiscarado do aquecimento. Uma sombra eclipsou a luz que vinha do corredor e eu virei-me lentamente para ver Ceri.

— Come isso enquanto o teu chá está a fazer — pousando um prato com três dos biscoitos de Ivy.

Os meus lábios enrugaram numa careta.

— Tenho mesmo? — queixei-me. — Onde está meu amuleto?

— Onde está meu amuleto? — troçou Jenks, com a voz em falsete.

— Deus, Rachel. Aguenta.

— Cala-te — murmurei. — Tenta canalizar a linha *Ley* de um demônio e vê se sobrevive. Aposto que explodiria numa nuvem de pó de *pixy*, seu pequeno idiota.

Ele riu e Ceri franziu o cenho, como se fôssemos crianças.

— Tenho-o aqui mesmo — disse ela e eu inclinei-me para frente para que ela pudesse passar o fio pela minha cabeça. O abençoado alívio estendeu-se sobre os meus músculos. Keasley devia tê-lo invocado por mim, mas minha dor de cabeça permaneceu, ainda pior agora que não havia nada que me distraísse dela.

— Lamento — disse Ceri. — Vai ser preciso um dia inteiro — quando eu não disse nada, ela avançou para a porta, acrescentando. — vou buscar teu chá — ela saiu, um ruído atabalhoado chamou minha atenção. — Desculpe — murmurou ela, olhando para o chão, quando quase chocou com David. O *animalomem* parecia cansado, aparentando ser mais velho enquanto ajustava o colarinho do casaco. A barba curta que lhe cobria o rosto era agora mais espessa e o cheiro forte de acônito era pesado sobre ele. — Quer um pouco de chá? — disse ela, e as minhas sobrancelhas ergueram-se quando sua confiança normal se transformou numa ténue reverência.

David abanou a cabeça, aceitando sua atitude submissa com uma graciosidade que o fazia parecer nobre. Mantendo a cabeça baixa, ela esgueirou-se para lá dele e saiu para a cozinha. Eu e Jenks trocamos olhares inquisitivos enquanto ele entrava e pousava a mochila. Acenando a Jenks, ele puxou a cadeira da cozinha para mais longe de mim e sentou-se, recostando-se com os braços cruzados e fitando-me especulativamente por baixo do seu chapéu de cowboy.

— Importa-se de me contar o que foi tudo aquilo antes de eu ir embora? — perguntou ele. — Começo a pensar que há uma boa razão para que ninguém queira fazer-te um seguro.

Eu fiz uma careta envergonhada e peguei num biscoito.

— Lembra daquele demônio que testemunhou para pôr Piscary atrás das grades?

Os olhos dele abriram-se.

— Filho da cadela da minha mãe!

Jenks riu, a sua voz repenicando como espanta-espíritos.

— Foi muito idiota da parte dela, se quer saber minha opinião.

Ignorando Jenks, suportei o olhar chocado de David: parte de preocupação, parte de terror, parte de incredulidade.

— Ele veio em busca do que lhe era devido pelos serviços prestados — disse eu. — O que conseguiu. Eu sou sua familiar, mas ainda tenho minha alma, por isso ele não me pode levar para a eternidade a menos que eu o permita — fitei o teto, perguntando-me que tipo de agente era eu se não era capaz de acender a uma linha depois do pôr do sol sem atrair os demônios.

David assobiou baixinho.

— Nenhum alvo vale assim tanto.

Os meus olhos voltaram aos dele.

— Normalmente, concordaria contigo, mas na época, Piscary estava tentando me matar e tinha me parecido uma boa ideia.

— Uma boa ideia, o inferno. Foi mesmo muito estúpido — murmurou Jenks, acreditando obviamente que se lá estivesse, as coisas nunca tinham ido tão longe. Talvez tivesse razão.

Sentindo-me como se estivesse de ressaca, dei uma dentada num biscoito. Aquelas coisas secas davam-me fome e náuseas ao mesmo tempo.

— Obrigada por ter ajudado — disse eu, sacudindo as migalhas. — Ele teria conseguido me levar se não tivesse feito qualquer coisa. Vai ficar bem? Nunca tinha visto ninguém transformar-se em animal tão depressa antes.

Inclinando-se para frente, ele puxou a mochila, colocando-a entre os pés. Observei enquanto seus olhos se dirigiam para a porta e soube que ele queria partir.

— Doem-me os ombros, mas vou ficar bem.

— Lamento — terminei a primeira bolacha e comecei a comer outra. Parecia que começava a sentir a zumbir através de mim. — Se alguma vez precisar de alguma coisa, diz-me. Estou em dívida para contigo. Sei o quanto dói. O ano passado passei de bruxa para visom em três segundos. Duas vezes numa semana.

A respiração dele silvou e a testa enrugou-se.

— Au! — disse ele, o respeito cintilando nos seus olhos. Eu sorri, sentindo crescer dentro de mim um novo calor.

— Vocês não brincam. Mas sabe, é como se aquela fosse a única vez na minha vida em que eu seria magrinha e utilizaria um casaco de peles.

Um ténue sorriso deslizou sobre ele.

— Afinal para onde vai a massa extra?

Já só restava uma bolacha e eu obriguei-me a comê-la devagar.

— Regressa a uma linha *Ley*.

Ele acenou com a cabeça.

— Nós não conseguimos fazer isso.

— Eu reparei. É um lobo mesmo muito grande, David.

O sorriso dele abriu-se ainda mais...

— Sabe que mais? Mudei de ideia. Mesmo que alguma vez queira entrar para o ramo dos seguros, não me telefone.

Jenks pousou no prato vazio, para que eu não tivesse de continuar a mover a cabeça para ver a ambos.

— Ainda está para nascer o dia — disse ele com uma risadinha. — Estou mesmo a ver a Rachel numa roupa de negócios cinzenta, com uma pasta na mão, o cabelo preso e óculos na ponta do nariz.

Eu ri, caindo, imediatamente, num ataque de tosse. Cerrando os braços em redor do meu corpo, dobrando-me sobre mim mesma, tremendo com a tosse rouca e forte. Minha garganta parecia estar a arder, mas isso não era nada perante a dor de cabeça latejante que explodiu devido ao movimento súbito. O amuleto contra a dor, que batia no meu pescoço, não estava a fazer grande coisa.

David deu-me uma palmadinha nas costas, preocupado. A dor do meu ombro quebrou o amuleto e o meu estômago roncou. Com os olhos a encherem-se de lágrimas, afastei-o. Ceri entrou, pronunciando suaves censuras enquanto pousava uma caneca de chá e levava uma mão ao meu ombro. O seu toque pareceu acalmar o espasmo e, arquejando, deixei que ela me recostasse nas almofadas que tinha erguido atrás de mim. Por fim, parei e cruzei o meu olhar com o dela.

O seu rosto envolto em sombras estava tenso de preocupação. Atrás dela, Jenks e David observavam. Não gostava que David me visse assim, mas não tinha grande escolha.

— Bebe o chá — disse ela, erguendo-me a caneca e colocando a minha mão em volta dela.

— Dói-me a cabeça — queixei-me, bebendo um gole da mistura. Não era chá, mas algo com flores e ervas. O que queria era uma caneca daquele café, mas não queria magoar os sentimentos de Ceri. — Sinto-me como se tivesse sido atropelada.

— Parece que foste atropelada — disse Jenks. — Bebe o chá.

Não sabia nada, mas era calmante. Dei mais um gole, dirigindo um sorriso a Ceri.

— Hum, que bom — menti.

Ela endireitou-se, claramente agradada enquanto pegava a bacia.

— Bebe todo. Importa-se que Keasley prenda um cobertor para tapar a porta para impedir a corrente de ar?

— Seria ótimo, obrigada — disse, mas ela não saiu enquanto eu não bebi mais um gole. A sombra dela deixou o corredor e meu sorriso transformou-se numa careta.

— Esta coisa é ruim — sussurrei. — Por que tudo o que faz bem tem de ser tão ruim?

David olhou de relance para o corredor vazio e para a luz que o enchia. Jenks voou para aterrar no seu ombro, enquanto o *animalomem* abria sua mochila.

— Tenho algo que pode ajudar — disse David. — Meu velho parceiro costumava adorá-lo. Implorava-me que lhe desse quando festejava demais.

— Uau! — cobrindo o nariz com a mão, Jenks ergueu-se, esvoaçando. — Que quantidade de acônito tem aí, Johnny Appleseed?

O sorriso de David tornou-se matreiro.

— O que foi? — disse ele, os olhos castanhos inocentes. — Não é ilegal. É orgânico. Nem sequer tem hidratos de carbono.

O cheiro familiar ergueu-se mais espesso na divisão pequena e eu não fiquei surpreendida quando David pegou num saco de celofane com fecho de correr. Reconheci o nome da marca: Wolf's Head Organics.

— Toma — disse ele, enquanto me tirava a caneca da mão e a pousava na mesinha de cabeceira. Ocultando o que estava a fazer do corredor, meteu uma boa colher de chá de acônito na bebida. Percorrendo-me com os olhos, acrescentou um pouco mais.

— Experimenta agora — disse ele, entregando-me a caneca.

Eu suspirei. Por que todo mundo estava me dando coisas? Tudo o que eu queria era um amuleto para dormir, ou uma das estranhas aspirinas do capitão Edden. Mas David parecia de tal forma esperançoso e o cheiro do acônito era tão mais apelativo do que o das bagas de roseira brava que eu mexi com o mindinho. As ervas esmagadas afundaram-se dando ao chá uma cor mais rica.

— Que bem me fará isso? — questionei enquanto bebia um gole. — Não sou um *animalomem*.

David voltou a guardar o saco na sua mochila e fechou-a.

— Não fará grande coisa. Teu metabolismo de bruxa é demasiado lento para que funcione de verdade. Mas o meu antigo parceiro é um bruxo e ele dizia que ajudava com as ressacas. Quanto mais não seja, deve saber melhor.

Ele levantou-se para partir e eu voltei a beber mais um gole, concordando. Meu maxilar relaxou; nem sequer tinha percebido que o estava a cerrar. Quente e suave, o chá de acônito deslizou pela minha garganta com um gosto de caldo de fiambre e maçãs. Meus músculos pareceram soltar-se, como se eu tivesse bebido um shot de tequila. Deixei escapar um suspiro e o suave peso de Jenks a pousar no meu braço puxou os meus olhos para ele.

— Hei, Rache, estás bem?

Eu sorri e dei mais um gole.

— Olá, Jenks. Está tão brilhante — o rosto de Jenks ficou pálido e David ergueu os olhos, parando de apertar os botões do casaco. Os seus olhos castanhos estavam inquisitivos. — Obrigada, David — disse eu, ouvindo a minha voz lenta, precisa e baixa. — Devo-te uma, está bem?

— Claro — ele pegou a mochila. — Tem cuidado contigo.

— Assim farei — bebi metade do chá de um golo só e ele deslizou através de mim, aquecendo-me. — Neste momento, não me sinto assim muito mal. O que é bom, tendo em consideração que amanhã tenho um encontro com Trent e, se não for, o chefe da segurança dele vai matar-me.

David estancou junto à porta. Para lá dele, chegava o tap-tap-tap de Keasley a martelar um cobertor sobre a porta.

— Trent Kalamack? — perguntou o *animalomem*.

— Sim — bebi mais um gole, agitando o chá com o meu mindinho até o acônito traçar um remoinho e tornar a mistura ainda mais escura. — Ele vai falar com Saladan. O chefe de segurança obriga-me a ir com ele — semicerrei os olhos fitando David, a luz do corredor parecendo forte, mas não dolorosa. Perguntei-me onde teria David as suas

tatuagens. Os *animalomens* tinham sempre tatuagens, não me perguntem o porquê. — Alguma vez cruzou com Trent? — perguntei.

— Com o Sr. Kalamack? — David voltou a entrar no quarto. — Não.

Contorci-me debaixo do cobertor e concentrei-me na caneca. O parceiro de David tinha razão. Aquela coisa era maravilhosa. Já não me doía nada.

— Trent é um idiota — disse eu, recordando-me do que é que estávamos a falar. — Eu sei umas coisas sobre ele e ele sabe umas coisas sobre mim. Mas não sei nada sobre o seu chefe de segurança e se eu não fizer isso, ele vai contar.

Jenks esvoaçou, traçando um caminho inseguro entre David e a porta e depois regressando para mim. David fitou-o, depois perguntou:

— Contar o quê?

Eu inclinei-me na direção dele, abrindo os olhos quando meu chá ameaçou entornar-se, tendo-me eu movido mais depressa do que achava que ia. Franzindo o cenho, terminei-o, não me importando com os pedaços de folhas que ingeri. Sorrindo, inclinei-me ainda mais, apreciando o cheiro almiscarado.

— Meu segredo — sussurrei, perguntando-me se David me deixaria procurar suas tatuagens caso eu lhe perguntasse. Ele tinha um ótimo aspecto para um cara mais velho. — Eu tenho um segredo, mas não te vou contar.

— Volto já — disse Jenks, aproximando-se. — Quero saber o que ela pôs nesse chá.

Ele saiu voando rapidamente e eu pestanejei, fitando as cintilações do pó de *pixy* que descia. Nunca tinha visto tantas antes, e eram das cores do arco-íris. Jenks devia estar preocupado.

— Segredo? — perguntou David, mas eu abanei a cabeça e a luz pareceu tornar-se mais forte.

— Não vou contar. Não gosto do frio.

David pousou as mãos nos meus ombros e fez-me deitar nas almofadas. Eu sorri-lhe, sentindo-me feliz quando Jenks entrou.

— Jenks — disse David suavemente. — Ela alguma vez foi mordida por um *animalomem*?

— Não! — protestou ele. — A não ser que tenha acontecido antes de eu a ter conhecido.

Os meus olhos tinham-se fechado e, depois, abriram-se quando David me abanou.

— O que foi? — protestei, empurrando-o, quando ele espreitou para mim, os seus olhos líquidos e castanhos demasiado perto dos meus. Agora, fazia-me pensar no meu pai e eu sorri.

— Rachel, querida — disse ele. — Foi mordida por algum *animalomem*?

Eu suspirei.

— Não. Nunca por ti e nunca pela Ivy. Ninguém me morde a não ser os mosquitos e eu esmago-os. Os malandros.

Jenks recuou e David afastou-se. Fechei os olhos, ouvindo-os respirar. Parecia terrivelmente alto.

— Shiu — disse eu. — Silêncio.

— Talvez lhe tenha dado demais — disse David. Os suaves passos de Ceri tornaram-se mais suaves ainda.

— O que foi... O que foi que lhe deste? — perguntou ela, a voz forte, obrigando-me a abrir os olhos.

— Nada! — protestou David, os ombros encurvados. — Dei um pouco de acônito. Não devia ter feito isso. Nunca vi fazer isso num bruxo!

— Sério — disse eu —, tenho sono. Posso dormir?

Ela tinha os lábios apertados, mas percebi que não estava zangada comigo.

— Sim — ela puxou-me a coberta até ao queixo.

Recostei-me, sem querer saber que ainda usava as minhas roupas molhadas. Estava mesmo, mesmo cansada. E estava quente. E a minha pele formigava. E eu sentia-me como se pudesse dormir durante uma semana.

— Por que não me perguntou antes de ter dado acônito? — perguntou Ceri asperamente, suas palavras apenas um sussurro, mas muito límpidas. — Ela já tinha tomado Enxofre. Está nos biscoitos!

Eu sabia! — pensei, tentando abrir os olhos. Bolas, ia dizer das boas à Ivy quando ela voltasse para casa. Mas ela ainda não estava em casa e eu estava tão cansada, por isso nada fiz. Já estava farta de pessoas que me tentavam embebedar. Juro que não ia voltar a comer nada que não tivesse feito.

O som da gargalhada de David pareceu fazer tilintar a minha pele, nos pontos em que a coberta não se interpunha entre nós.

— Já percebi — disse ele. — O Enxofre acelerou o metabolismo dela de tal forma que o acônito poderá agora fazer algum bem. Ela vai agora dormir durante três dias. Dei o suficiente para deixar um *animalomem* a dormir durante a lua cheia.

Um safanão de alarme atravessou-me. Meus olhos abriram-se repentinamente.

— Não! — disse eu, tentando endireitar-me enquanto Ceri me empurrava para as almofadas. — Tenho de ir a essa festa. Se não o fizer, Quen vai contar!

David ajudou-a e juntos conseguiram manter a minha cabeça na almofada e os meus pés debaixo do cobertor.

— Tem calma, Rachel — disse ele, acalmando-me e eu odiei o fato de ele ser mais forte do que eu. — Não lute, ou vai ser ainda pior. Seja uma boa bruxinha e deixa que se gaste sozinho.

— Se eu não for, ele vai contar! — disse eu, ouvindo o meu sangue a correr nos ouvidos. — A única coisa que tenho contra o Trent é o fato de saber o que ele é e se eu contar, Quen vai me matar!

— O quê! — guinchou Jenks, as asas batendo enquanto ele ser erguia. Demasiado tarde, compreendi o que tinha dito. Merda.

Fitei Jenks, sentindo o meu rosto ficar branco. O quarto ficou mortalmente silencioso. Os olhos de Ceri estavam muito abertos numa interrogação e David fitava-me, incrédulo. Eu não podia retirar o que tinha dito.

— VOCÊ sabe! — gritou Jenks. — Sabe o que ele é e não me disse? Sua bruxa! Você sabia? Sabia! Rachel! Você... Vo... — os olhos de David estavam carregados de desaprovação e Ceri fitava-me, assustada. À porta espreitavam crianças *pixies*. — Você sabia! — gritou Jenks, o pó de *pixy* caía dele num raio de sol dourado. Os seus filhos dispersaram-se num tilintar assustado.

Eu endireitei-me de repente.

— Jenks... — disse eu, dobrando-me sobre mim mesma quando senti o estômago apertado.

— Cale-se! — gritou ele. — Cale-se! Era suposto sermos sócios!

— Jenks... — estendi um braço. Já não tinha sono e o meu estômago contorcia-se.

— Não — disse ele, uma explosão de pó de *pixy* iluminou meu quarto escuro. — Não confia em mim? Ótimo. Vou embora. Tenho de fazer uma chamada. David, eu e a minha família podemos pegar uma carona?

— Jenks! — tirei a coberta de cima de mim. — Lamento! Não podia contar.

Oh, céus, eu devia ter confiado em Jenks!

— Cale-se! — exclamou ele, depois voou para fora do quarto, o pó de *pixy* brilhando, vermelho, no seu encalço.

Levantei-me para segui-lo. Dei um passo, depois estendi a mão tentando agarrar na ombreira da porta, minha cabeça balançando para fitar o chão. Minha visão vacilou e eu perdi o equilíbrio. Levei a mão ao estômago.

— Vou vomitar — murmurei. — Oh, céus, vou vomitar.

A mão de David era pesada sobre o meu ombro. Com movimentos firmes e deliberados, ele puxou-me para o corredor.

— Eu disse que ia ser pior — murmurou ele, enquanto me empurrava para o banheiro e acendia a luz com o cotovelo. — Não devia ter sentado. Qual é o problema com vocês, bruxas? Acham que sabem tudo e nunca dão ouvido a ninguém.

Estranho será dizer que ele tinha razão. Com a mão a tapar a boca, quase não conseguia chegar ao sanitário. Coloquei tudo para fora: as bolachas, o chá, o jantar de duas semanas atrás. David partiu depois de eu ter começado a vomitar, deixando-me sozinha, a tossir, até já não ter nada para vomitar.

Por fim, recuperei o controle de mim mesma. Com os joelhos a tremer, levantei-me e puxei a descarga. Incapaz de olhar para o espelho, lavei a boca, bebendo a água diretamente da torneira. Tinha vomitado por cima do amuleto e tirei-o, passando-o por baixo de um fluxo constante de água antes de pousá-lo na pia. Todas as minhas dores regressaram e eu senti que as merecia.

Com o coração a bater veloz e sentindo-me fraca, molhei o rosto com água e ergui os olhos. Além do meu reflexo de mau aspecto, Ceri erguia-se no corredor, os braços a envolver o corpo. A igreja estava fantasmagoricamente silenciosa.

— Onde está Jenks? — perguntei com a voz rouca. Os olhos dela afastaram-se dos meus e eu virei-me.

— Lamento, Rachel. Ele foi embora com David.

Ele foi embora? Ele não podia partir. Estavam quatro graus lá fora. Ouvi uma tosse abafada e Keasley arrastou-se, colocando-se ao lado dela.

— Para onde ele foi? — perguntei, tremendo enquanto o acônito e o Enxofre que restavam me agitavam por dentro.

Ceri baixou a cabeça.

— Ele pediu a David que o levasse para a casa de um amigo e toda a família partiu dentro de uma caixa. Ele disse que não podia continuar a arriscar a família e... — o olhar dela foi para Keasley, os olhos verdes brilhando na luz fluorescente. — Ele disse que se demitia.

Ele foi embora? Comecei a mover-me, dirigindo-me ao telefone. Não queria arriscar a sua família, o inferno. Ele tinha matado duas fadas assassinas naquela primavera, deixando a terceira viva como um aviso para as restantes. E não era o frio. A porta ia ser arranjada e eles podiam sempre ficar no quarto de Ivy, ou no meu até que isso acontecesse. Ele partira porque eu tinha mentido. E ao ver o rosto enrugado de Keasley atrás do de Ceri, eu soube que tinha razão. Tinham sido ditas palavras que eu não tinha ouvido.

Cambaleando para a sala de estar, procurei pelo telefone. Ele só podia ter ido para um lugar: a casa de um *animalomem* que tinha limpado os feitiços das minhas coisas, no outono anterior. Eu tinha de falar com Jenks. Eu tinha de dizer que lamentava. Que tinha sido uma idiota. Que devia ter confiado nele. Que ele tinha razão para estar zangado comigo e que eu lamentava. Mas Keasley interceptou meu braço e eu recuei perante sua mão velha. Fitei-o, sentindo frio na fraca proteção do cobertor que ele tinha erguido entre mim e a noite.

— Rachel... — disse ele, enquanto Ceri parava, melancolicamente, no corredor. — Acho... Acho que lhe deve dar pelo menos um dia.

Ceri saltou e olhou para o corredor. Ténue no ar, ouvi a porta da frente a abrir e o cobertor moveu-se na corrente de ar.

— Rachel? — disse a voz de Ivy. — Onde está Jenks? E por que está um carro do AKI a descarregar folhas de madeira prensada na estrada de acesso?

Deixei-me cair numa cadeira antes que tombasse para o chão. Pousei os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. O Enxofre e o acônito ainda guerreavam dentro de mim, fazendo-me tremer e sentir fraca. Maldição. O que é que eu ia dizer a Ivy?



20

O café na minha caneca exageradamente grande estava frio, mas eu não ia à cozinha buscar mais. Ivy andava a bater tachos de um lado para o outro, cozinhando mais daqueles seus biscoitos, apesar de já termos falado sobre o fato de eu não os comer e de estar mais furiosa do que um *troll* com ressaca, por ela ter andado a me dar Enxofre. O matraquear do meu amuleto contra as dores sobre o feitiço de compleição que escondia o meu olho ferido interrompeu o silêncio enquanto eu pousava a caneca e levava a mão ao candeeiro da mesa.

A noite começara a cair enquanto Ceri me tentava ensinar a acumular energia das linhas. A luz amarelo-rosada estendeu-se sobre as plantas espalhadas na minha mesa, o brilho quase não chegando a Ceri que estava sentada numa almofada que tinha trazido da casa de Keasley. Podíamos ter feito aquilo na sala de estar, bem mais confortável, mas Ceri tinha insistido que nos mantivéssemos em solo sagrado, apesar de o sol ainda estar alto. E o santuário estava calmo. Deprimentemente calmo.

Ceri estava sentada no chão, de pernas cruzadas, uma pequena figura de jeans e camisa casual, sob a sombra da cruz. A seu lado, estava uma caneca de chá que ainda fumegava, embora a minha própria caneca já estivesse fria há muito. Eu tinha a sensação de que ela estava a usar magia para mantê-la quente, embora ainda não a tivesse aprendido a fazê-lo. Uma caneca delicada estava aninhada, reverentemente, em

suas mãos finas – ela também a tinha trazido de Keasley – e o crucifixo de Ivy brilhava em redor do seu pescoço.

As mãos da mulher nunca estavam muito longe dele. Seu cabelo claro tinha sido entrançado pela filha mais velha de Jenks nessa manhã e ela parecia em paz consigo mesma. Gostava muito de vê-la assim, sabendo tudo por que tinha passado. Ouviu-se um estrondo vindo da cozinha, seguido pelo estalo da porta do fogão a fechar. Franzi o cenho e virei-me para Ceri enquanto ela me perguntava:

— Está pronta para tentar outra vez?

Pousando meus pés com meias no chão, acenei. Com a rapidez da prática, usei a minha consciência para tocar na linha dos fundos. Meu *chi* encheu-se, recebendo nem mais nem menos do que costumava receber. A energia fluiu através de mim como um rio que flui através de um lago. Eu era capaz de fazer aquilo desde que tinha doze anos e lançara acidentalmente Trent contra uma árvore, no campo Esperança do pai dele.

O que eu tinha que fazer era puxar alguma energia do lago e guardá-la numa cisterna na minha mente, por assim dizer. O *chi* de uma pessoa, seja humana, *Inderlander* ou demônio, tem um limite de energia que pode acumular. Os familiares funcionam como *chi* extra a que um utilizador de magia pode recorrer como se fosse seu.

Ceri esperou até que eu fizesse um gesto indicando que estava pronta antes de aceder à mesma linha e impulsionar mais energia para dentro de mim. Ela fazia-o lentamente, gota a gota, enquanto Algaliarept o fizera como se fosse um dilúvio, mas ainda assim, sentia a pele a arder quando o meu *chi* enchia e a força me varria, procurando um local onde se acumular. Regressando à analogia do lago e do rio, as margens tinham enchido e o vale estava a ficar submerso.

Meus pensamentos eram o único local onde ela se podia instalar e quando lá chegou, criei um minúsculo círculo tridimensional na minha imaginação que Ceri tinha passado a maior parte da tarde a ensinar-me a fazer. Relaxando os ombros, senti as gotas encontrarem no pequeno espaço fechado. Imediatamente, a sensação de calor da minha pele desapareceu à medida que a energia que o meu *chi* não conseguia conter era puxada para o seu interior, como se se tratasse de gotas de mercúrio. A bolha estendeu-se, brilhando num tom de vermelho que foi assumindo a cor da minha aura ideal. Blah!

— Diz a palavra chave — disse Ceri e eu encolhi-me. Era demasiado tarde. Meus olhos cruzaram-se com os dela e os seus lábios finos estremeceram. — Esqueceu — disse ela, num tom acusatório, e eu encolhi os ombros. Instantaneamente, ela parou de

forçar a energia para dentro de mim e o excesso jorrou numa breve centelha de calor de volta à linha. — Direi desta vez — disse ela com a voz tensa. Ceri era simpática, mas não era uma professora particularmente paciente.

Uma vez mais, a energia das linhas *Ley* encheu o meu *chi*. Minha pele aqueceu, a nódoa negra onde Algaliarept me tinha esbofeteado latejante. A amperagem, se assim se pode chamar, era ligeiramente maior do que o normal e eu calculei que se tratasse de uma forma não muito sutil de Ceri me encorajar a acertar desta vez.

— *Tulpa* — sussurrei, ouvindo a palavra tanto na minha mente como nos meus ouvidos. A escolha da palavra não era importante. Construir a associação entre a palavra e as ações é que o era. Normalmente, usava-se latim, já que era pouco provável que se dissesse a palavra acidentalmente, desencadeando o feitiço por engano. O processo era idêntico ao que realizara quando aprendi a criar um círculo instantâneo. A palavra *tulpa* não era latim, dificilmente se poderia classificar como inglês, mas com que frequência era ela usada numa conversa?

Mais depressa desta vez, a energia da linha descobriu o recinto fechado na minha mente e encheu-o. Afastei o olhar de Ceri e acenei, pedindo mais. Com os olhos verdes sérios, sob a luz fraca do candeeiro na minha mesa, ela respondeu ao aceno. Minha respiração escoou e os meus olhos desfocaram-se, quando Ceri aumentou o nível e um relâmpago de calor crepitou sobre a minha pele.

— *Tulpa* — sussurrei, a pulsação mais rápida.

A nova força encontrou a primeira. A proteção esférica no meu subconsciente expandiu, absorvendo-a. Uma vez mais, meu olhar tornou-se límpido e eu acenei a Ceri. Ela pestanejou, quando lhe fiz um gesto indicando que estava pronta para mais, mas eu não ia permitir que Al me deixasse inconsciente com uma sobrecarga de energia.

— Estou ótima — disse eu, depois fiquei rígida quando a pele ferida em redor do meu olho latejou, ardendo com a sensação de uma queimadura solar, mesmo através do amuleto contra a dor. — *Tulpa* — disse eu, relaxando quando o calor desapareceu. Vê, disse ao meu cérebro exausto. É uma ilusão. Não estou realmente a arder.

— Já chega — disse Ceri desconfortavelmente, e eu ergui o queixo do peito. O fogo tinha desaparecido das minhas veias, mas eu estava exausta e os meus dedos tremiam.

— Não quero ir para a cama esta noite sem ser capaz de conter aquilo que ele empurrou para dentro de mim — respondi eu.

— Mas, Rachel... — protestou ela e eu ergui a mão lentamente, em negação.

— Ele vai regressar — disse eu. — Não conseguirei lutar contra ele se estiver a convulsionar de dor.

De rosto pálido, ela acenou com a cabeça e eu saltei quando ela forçou mais energia para dentro de mim.

— Oh, céus — sussurrei, depois disse a palavra chave antes que Ceri pudesse parar. Desta vez, senti a energia fluir como ácido através de mim, seguindo novos canais, puxada pela minha palavra em vez de encontrar o caminho para a minha bolha por acidente. Ergui a cabeça subitamente. Os olhos muito abertos, fitei Ceri enquanto a dor desaparecia.

— Conseguiste — disse ela, parecendo quase assustada enquanto permanecia sentada de pernas cruzadas à minha frente.

Engolindo em seco, puxei as pernas para debaixo do meu corpo para que ela não visse os meus joelhos a tremer.

— Sim.

Sem pestanejar, ela pousou a caneca no colo.

— Liberta-a. Precisa reencontrar teu centro.

Descobri que tinha os braços a envolver o corpo. Obrigando-me a baixá-los, exalei. Libertar a energia presa na minha cabeça parecia mais fácil do que era na realidade. Tinha dentro de mim força suficiente para atirar Ivy para o condado vizinho. Se ela não voltasse a atravessar o meu *chi* e se fundisse com a linha, usando os canais suavemente traçados que Ceri tinha aberto através do meu sistema nervoso, ia doer mesmo muito.

Preparando-me, envolvi a bolha com a minha vontade e apertei. Sustendo a respiração, esperei pela dor, mas a energia da linha *Ley* regressou suavemente ao meu *chi* e, depois, à linha, deixando-me a tremer devido à adrenalina gasta. Muitíssimo aliviada, afastei o cabelo dos olhos e pousei o meu olhar em Ceri. Sentia-me terrível: cansada, exausta, suada e a tremer... Mas satisfeita.

— Está melhorando — disse ela e senti um sorriso fino abrir-se no meu rosto.

— Obrigada — pegando minha caneca, bebi um gole de café frio. O mais certo é que ela me pedisse para ser eu a puxar a energia da linha, da próxima vez; ainda não estava pronta para fazê-lo. — Ceri — disse eu, com os dedos a tremer. — Isso não é

assim tão difícil quando comparado com os benefícios. Por que não há mais pessoas a saber fazê-lo?

Ela sorriu, a sua forma escura sob as sombras do candeeiro assumindo um aspecto sábio.

— Na eternidade fazem-no. É a primeira coisa... Não, a segunda coisa que um novo familiar aprende.

— Qual é a primeira? — perguntei, antes de me lembrar que na verdade não queria saber.

— A morte do voluntarismo — disse ela e a minha expressão congelou perante o tom casual com que ela o disse. — Teria deixado fugir, quando eu sabia como me podia tornar meu próprio familiar, foi um erro — disse ela. — Al me mataria se pudesse, para escondê-lo.

— E não pode? — perguntei eu, subitamente assustada perante a possibilidade de que o demônio o tentasse.

Ceri encolheu os ombros.

— Talvez. Mas tenho minha alma de volta, por mais escura que seja. Isso é que é importante.

— Suponho que sim — não compreendia sua atitude indiferente, mas eu não fora a familiar de Al durante um milênio. — Não quero um familiar — disse eu, feliz por Nick estar tão distante que não podia sentir nada disto. Eu tinha a certeza de que se ele estivesse suficientemente perto, teria telefonado para perguntar se eu estava bem. Acho eu.

— Está a se portar bem — Ceri deu um gole no seu chá e olhou de relance para as janelas escuras. — Al disse que demorei três meses para chegar ao ponto onde está agora.

Eu fitei-a, chocada. Era impossível eu ser melhor do que ela.

— Está brincando.

— Eu estava lutando contra ele — disse ela. — Não queria aprender e ele teve de me obrigar a fazê-lo, usando a ausência de dor como um estímulo positivo.

— Esteve sem dor durante três meses? — disse eu, horrorizada.

Seus olhos estavam presos nas mãos finas, os dedos entrelaçados ao redor da xícara.

— Não lembro. Já foi há muito tempo. Lembro-me de me sentar aos seus pés todas as noites, sua mão suave na minha cabeça, enquanto ele relaxava e me ouvia gritar pelo céu e pelas árvores.

Imaginar aquela mulher bela e frágil, aos pés de Algaliarept, a sofrer o seu toque era quase insuportável.

— Lamento, Ceri — sussurrei.

Ela saltou, como se só agora compreendesse que tinha falado em voz alta.

— Não permita que ele te leve — disse ela, os olhos grandes sérios e solenes. — Ele gostava de mim e, embora me tivesse usado como todos eles usam os seus familiares, ele gostava de mim. Eu era uma joia cobiçada no seu cinto e ele tratava-me bem para que eu pudesse permanecer útil e ao seu lado durante muito tempo. Você, contudo... — ela baixou a cabeça, pondo um fim ao contato visual e puxando a trança para cima do ombro. — Ele atormentará com tal intensidade e com tal velocidade que não terá tempo de respirar. Não deixe que ele te leve.

Engolindo em seco, senti-me gelada.

— Não estava a pensar fazê-lo.

O queixo fino dela tremeu.

— Não está compreendendo. Se ele vier te buscar e não conseguir repelir, irrita-o de tal forma que ele te mate.

Sua sinceridade atingiu meu âmago.

— Ele não vai desistir, hum? — disse eu.

— Não. Ele precisa de um familiar para manter sua posição. Não vai desistir de ti a menos que encontre alguém melhor. Al é ganancioso e impaciente. Se apoderará do melhor que conseguir encontrar.

— Então, toda esta prática está a tornar-me um alvo ainda mais atraente? — disse eu, sentindo-me doente.

Ceri semicerrou os olhos.

— Precisa aprender para impedir que ele te atordoe com uma dose maciça de energia das linhas *Ley* e te arraste para uma linha.

Fitei as janelas que escureciam.

— Maldição — sussurrei, não tendo pensado nisso.

— Mas ser teu próprio familiar ajudará na tua profissão — disse Ceri, num tom persuasivo. — Terá a força de um familiar, sem os riscos.

— Suponho que sim — pousei minha caneca, o olhar desfocado.

Estava a ficar escuro e eu sabia que ela queria regressar a casa antes do pôr do sol.

— Queres que experimente sozinha? — perguntei, hesitante.

Sua atenção prendeu-se em minhas mãos.

— Aconselharia um pequeno descanso. Ainda está a tremer.

Fitei os dedos, envergonhada por ela ter razão. Fechando-os num punho, dirigi-lhe um sorriso ingênuo. Ela bebeu um gole do seu chá – obviamente forçando-se a ser paciente, já que eu não tinha qualquer controle da situação – e eu saltei quando ela sussurrou:

— *Consimilis calefacio*.

Ela tinha feito qualquer coisa; senti uma leve queda na linha, embora não estivesse ligada a ela. Dito e certo, o olhar dela cruzou-se com o meu, brilhando divertido.

— Sentiu isso? — disse ela, com uma gargalhada bela. — Está ficando muito ligada à tua linha, Rachel Mariana Morgan. Ela pertence a toda a rua, mesmo que esteja no teu jardim.

— O que fizeste? — perguntei, não querendo aprofundar o que ela quisera dizer com aquilo. Ela ergueu a caneca num gesto explicativo e o meu sorriso cresceu.

— Aqueceu — disse eu, e ela acenou com a cabeça. Lentamente, o meu sorriso desapareceu. — Não é um feitiço negro?

O rosto de Ceri perdeu toda sua expressão.

— Não. É uma magia comum das linhas *Ley* que age sobre a água. Não acrescentarei à fuligem que cobre a minha alma, Rachel. Já tenho pouco tempo para me ver livre dela tal como está.

— Mas Al usou-a sobre o David. Quase o cozinhou — afirmei, sentindo-me doente. As pessoas eram, acima de tudo, água. Aquece-a e podia cozinhá-las de dentro para fora. Deus, sentia-me doente só de pensar nisso.

— Não — garantiu-me ela. — Foi diferente. Este funciona apenas em coisas sem aura. A maldição suficientemente forte para atravessar uma aura é negra e necessita de uma gota de sangue de demônio para funcionar. A única razão porque David sobreviveu foi o facto de Al estar a puxar a linha através de ti e saber que ainda não conseguia lidar com a quantidade de energia necessária para torná-lo letal... Ainda.

Pensei nisso por um momento. Se não era negra, não havia qualquer mal em usá-la. E ser capaz de aquecer o meu café sem usar o micro-ondas, deixaria Ivy impressionada.

— É difícil de fazer?

O sorriso de Ceri cresceu.

— Eu ensino. Dá-me um momento; tenho de me recordar como fazê-lo pelo caminho mais longo — disse ela, estendendo a mão para a minha caneca. *Oh, tens de abrandar para o ritmo da bruxa* — pensei, inclinando-me para frente e entregando-a. Mas tendo em consideração que o mais provável era que fosse o encantamento que ela usava três vezes por dia para cozinhar as refeições de Al, o mais certo é que ela fosse capaz de fazê-lo dormindo.

— Trata-se de magia simpática — explicou ela. — Há um poema que ajuda a recordar os gestos; mas as únicas duas palavras que tens de dizer são em latim. E é necessário um objeto focal para direcionar a magia — disse ela e bebeu um gole do meu café frio, fazendo uma careta. — Isso é lavagem — murmurou ela, as palavras soando estranhas, enquanto ela falava com a gota na língua. — Bárbaro.

— É melhor quando está quente — protestei, não sabendo que era possível manter um objeto focal na língua e ainda assim torná-lo eficaz. Ela podia fazer o feitiço sem ele, mas depois teria de lançar o feitiço para a minha caneca. Assim era mais fácil e menos provável que o café se entornasse.

O rosto mostrando ainda o seu desagrado, ergueu as mãos finas e expressivas.

— De velas ardidas da rotação do planeta — disse ela e eu movi os dedos, imitando o seu gesto, supus que se usássemos a nossa imaginação se pareceria ligeiramente com o acender uma vela, embora não compreendesse como é que a forma

súbita como baixava a mão se relacionava com o movimento de rotação dos planetas. — A fricção é como tudo termina e começa.

Saltei quando ela uniu as mãos num estalo sonoro, dizendo ao mesmo tempo:

— *Consimilis*.

Semelhante — pensei, pensando que podia ser uma frase feita para a magia simpática e que o estalo poderia ser o exemplo audível das moléculas no ar submetidas à fricção. Na magia simpática, não interessava quão nebulosa era a relação, desde que fosse real.

— De frio para quente, preso no interior — continuou ela, traçando outro gesto estranho, mas reconheci o movimento seguinte dos dedos, por tê-lo usado no feitiço das linhas *Ley* de que me servira para partir os tacos dos Howlers durante o aquecimento. Talvez fosse o movimento que acedia ao objeto focal para direção. Hum. Talvez, afinal, houvesse alguma lógica naquela história das linhas *Ley*.

— *Calefacio*! — disse ela alegremente, invocando o encantamento e pondo tudo em movimento.

Senti uma suave queda dentro de mim, quando o encantamento puxou a energia da linha para excitar as moléculas de água dentro da caneca, aquecendo o café.

— Uau — murmurei, quando ela me devolveu a caneca, a fumegar suavemente. — Obrigada.

— Não tem de quê — disse ela. — Tem de regular tu própria a temperatura final, mediante a quantidade de energia que utiliza.

— Quanto mais energia, mais quente fica? — bebi um gole cuidadosa, decidindo que estava perfeito. Deviam ter sido precisos vários anos para obter tamanha maestria.

— Dependendo da quantidade que precisa aquecer — sussurrou Ceri, seus olhos distantes numa recordação. — Por isso, tem cuidado com a água do banho até que saibas o que está a fazer — puxando-se visivelmente do passado ao presente, ela virou-se para mim. — Já está mais calma agora?

A adrenalina zumbiu através de mim e eu pousei meu café quente. Consigo fazer isso. Se Ceri consegue aquecer seu chá e fiar energia das linhas *Ley* na sua cabeça, eu também consigo.

— Enche teu centro — encorajou ela. — Depois, empurra para fora uma parte, como se fosses fazer um feitiço, enquanto diz a palavra de invocação.

Prendi um caracol atrás da orelha e concentrei-me. Exalando, fechei os olhos e acedi à linha, sentindo que as pressões se equilibravam num instante. Colocando minha mente naquele estado de calma que eu cultivava quando dizia um encantamento das linhas *Ley*, senti formigar através de mim uma sensação nova e curiosa. Um pouco da energia fluiu da linha, substituindo aquela que eu tinha inconscientemente puxado do meu *chi*. *Tulpa* — pensei, a esperança deixando-me tensa.

Meus olhos abriram-se de repente, quando uma onda de força fluiu da linha, para substituir aquela que tinha dardejado do meu *chi* para minha cabeça. Numa torrente, a linha correu através de mim e instalou-se nos meus pensamentos. Minha barragem expandiu para recebê-la. Chocada, nada fiz para pará-lo.

— Basta! — gritou Ceri, pondo-se de joelhos. — Rachel, larga a linha!

Eu saltei, afastando minha atenção da linha. Senti uma breve vergastada de calor percorrer-me, enquanto algumas gotas de água ricocheteavam nos meus pensamentos e voltavam para o meu *chi*, enchendo-o. Sustendo a respiração, deixei-me ficar imóvel na minha cadeira, fitando-a. Tinha medo de me mexer. Havia tanta energia na minha cabeça!

— Está bem? — disse ela, não se voltando a sentar e eu acenei. Da cozinha chegou um ténue:

— Está tudo bem aí?

— Estamos ótimas! — gritei cuidadosamente em resposta, olhando depois para Ceri. — Estamos ótimas, certo?

Com os olhos verdes muito abertos, ela acenou com a cabeça, não afastando o seu olhar do meu por um instante.

— Está guardando muita energia no exterior do teu centro — disse ela. — Mas reparei que o teu *chi* não guarda tanto como o meu. Acho... — ela hesitou. — Acho que o *chi* de um elfo consegue guardar mais energia do que o de uma bruxa, mas as bruxas parecem ser capazes de acumular mais nos seus pensamentos.

Conseguia sentir o gosto da energia acumulada dentro de mim, parecia papel de estanho na minha língua.

— As bruxas fazem pilhas melhores, hã? — brinquei levemente.

Ela riu, a sua voz límpida erguendo-se até às vigas escuras. Desejei que ali se encontrassem *pixies* para dançar no meio do som.

— Talvez tenha sido por isso que as bruxas abandonaram a eternidade antes dos elfos — disse ela. — Os demônios parecem preferir as bruxas aos elfos, ou aos humanos como familiares. Pensei que era por sermos muito poucos, mas talvez não seja.

— Talvez — disse eu, perguntando-me durante quanto tempo seria capaz de conter toda aquela força sem entornar. Senti comichão no nariz. Sentia-me desesperada por não espirrar.

O som das botas de Ivy no corredor intrometeu-se e ambas nos viramos quando ela avançou na nossa direção, a bolsa ao ombro e uma travessa de biscoitos na mão.

— Vou sair — disse ela, levemente, lançando o cabelo por cima do ombro. — Quer que te acompanhe em casa, Ceri?

Ceri levantou-se imediatamente.

— Não é necessário.

A ira tremeluziu nos olhos de Ivy.

— Eu sei que não é necessário.

A travessa de biscoitos fumegantes de Ivy caiu sobre o tampo da mesa à minha frente com um som seco. Ergui as sobrancelhas e pus os pés no chão. Ivy queria falar a sós com Ceri, sobre mim. Irritada, matraqueei com as unhas, num ritmo forte.

— Não vou comer isso — disse eu, com a voz monocórdica.

— É medicinal, Rachel — disse ela, a voz pesada com a ameaça.

— É Enxofre, Ivy — respondi-lhe. Ceri saltou de um pé para o outro, obviamente desconfortável, mas eu não quis saber. — Nem posso acreditar que me deste Enxofre — acrescentei. — Eu prendo pessoas que consomem Enxofre; não partilho a renda com elas.

Eu não ia prender Ivy. Não queria saber se ela quebrava todas as regras do manual da SI. Não desta vez. A pose de Ivy tomou-se agressiva, o quadril erguido e os lábios quase afastados.

— É medicinal — disse ela, rudemente. — É especialmente processada e a quantidade de estimulante presente é tão baixa que nem sequer consegue sentir o cheiro. Não consegue sentir o cheiro de Enxofre, consegue?

O anel de castanho em redor das suas pupilas tinha encolhido e eu baixei o olhar, não querendo levá-la a usar a aura. Não agora, que o Sol se pusera quase por completo.

— Tinha o suficiente para ativar o acônito — disse eu, solenemente. Também Ivy se acalmou, sabendo que tinha chegado ao seu limite.

— A culpa não foi minha — disse ela suavemente. — Nunca te dei o suficiente para ativar sequer um cão de Enxofre.

Ceri ergueu o queixo estreito. Não havia qualquer remorso nos seus olhos verdes.

— Peço desculpa por isso — disse ela com a voz tensa. — Não sabia que era ilegal. Não era da última vez que o dei a alguém.

— Vê? — disse Ivy, apontando para Ceri. — Ela não sabia e aquele cara dos seguros só estava a tentar ajudar. Agora se cale, come os biscoitos e para de nos fazer sentir mal. Tens uma missão amanhã e precisa recuperar as forças.

Recostando-me na minha cadeira giratória, afastei a travessa de biscoitos de vampiro. Eu não ia comê-los. Não queria saber que o que comera no dia anterior tinha acelerado o meu metabolismo de tal forma que o meu olho negro já estava a ficar amarelo e o corte no meu lábio tinha sarado.

— Estou ótima.

O rosto normalmente plácido de Ivy ensombrou-se.

— Ótimo — disse ela, rudemente.

— Ótimo — respondi, cruzando as pernas e virando-me de forma a olhá-la apenas de lado.

Ivy cerrou o maxilar.

— Ceri, vou acompanhá-la.

Ceri olhou para ambas. O rosto vazio de emoção, baixou-se para pegar o bule e a xícara.

— Vou tratar primeiro da minha louça — disse ela.

— Eu posso fazer isso — apressei-me a dizer, mas Ceri abanou a cabeça, tendo cuidado com os seus passos, para nada entornar enquanto avançava para a cozinha. Eu franzi o cenho, não gostando que ela fizesse o serviço doméstico. Parecia-se demasiado com aquilo que eu imaginava que Algaliarept a obrigasse a fazer.

— Deixa que ela o faça — disse Ivy, quando o som dos passos de Ceri cessou. — Faz com que ela se sinta útil.

— Ela é realeza — disse eu. — Sabe disso, não sabe?

Ivy fitou o corredor escuro, enquanto o som da água a correr chegava até nós.

— Talvez há mil anos. Agora não é nada e ela sabe-o.

Eu bufei.

— Não tem qualquer compaixão? Lavar minha louça é degradante.

— Tenho muita compaixão — um toque de raiva fez erguer as sobrancelhas de Ivy. — Mas da última vez que procurei, não havia vagas para princesas nos anúncios de trabalho. O que é suposto ela fazer para dar algum significado à sua vida? Não existem tratados para fazer, leis para julgar e sua maior decisão será comer ovos ou *waffles* no café da manhã. Não existe nenhuma forma de se sentir valiosa utilizando as velhas tretas da realeza. E lavar a louça não é degradante.

Recostei-me na minha cadeira numa demonstração de aquiescência. Ela tinha razão, mas eu não gostava daquilo.

— Tens uma missão? — perguntei, quando o silêncio se estendeu.

Ivy ergueu um ombro.

— Vou falar com Jenks.

— Ótimo — meus olhos cruzaram-se com os dela, aliviada. Algo sobre o qual podíamos falar sem discutir. — Passei pela casa daquele *animalomem* esta tarde. O pobre cara nem sequer me deixava entrar. As pequenas *pixies* tinham andado a volta dele. O cabelo estava todo entrançado.

Eu tinha acordado certa manhã com o cabelo entrançado com as franjas da minha coberta. Matalina obrigara-as a pedir desculpa, mas eu precisei de quarenta minutos para me soltar. Daria quase tudo para voltar a acordar assim.

— Sim, eu o vi — disse Ivy e eu ergui-me da minha posição relaxada. — Já fui lá duas vezes — disse ela. — O *animalomem* não me tem deixado entrar, mas um dos meus amigos vai levá-lo para sair, para que tenha que ser Jenks a ir à porta, o pequeno idiota. É um homenzinho típico. Tem um ego do tamanho do Grand Canyon.

Eu dei uma risada e Ceri regressou. Trazia, dobrado sobre o braço, o casaco emprestado e os sapatos que Keasley lhe comprara estavam na sua bolsa. Eu não lhe ia dizer que os calçasse. Quanto a mim ela podia andar descalça na neve, se assim o quisesse. Ivy; por seu lado, dirigiu-lhe um olhar firme.

— Vai ficar bem durante algum tempo? — perguntou Ivy, enquanto Ceri largava os sapatos no chão e enfiava neles os pés.

— Deus do céu — murmurei, fazendo a cadeira girar. — Vou ficar ótima.

— Fica em solo sagrado — acrescentou ela, ao mesmo tempo em que acenava a Ceri para que saíssem. — Não use nenhuma linha. Come os biscoitos.

— Isso não vai acontecer, Ivy — disse eu. Massa. Eu queria massa com molho Alfredo. Fora isso que Nick me cozinhara da última vez que Ivy se mostrara determinada a enfiar aquelas coisas pela minha boca abaixo. Nem queria acreditar que ela me tinha estado a dar Enxofre às escondidas. Sim, podia.

— Ligo dentro de cerca de uma hora para ter certeza de que está bem.

— Não vou atender — disse eu irritada. — Vou dormir.

Levantei-me e espreguicei-me, até a camisola de lã e o top sem costas se terem erguido e revelado o meu umbigo. Teria feito Jenks assobiar e o silêncio nas vigas foi deprimente. Ceri aproximou-se com a sua almofada, para me dar um abraço de despedida. Sobressaltou-me e eu respondi-lhe hesitante.

— Rachel consegue tomar conta de si — disse ela com orgulho. — Tem estado a conter eternidade suficiente para abrir um buraco no teto durante os últimos cinco minutos e esqueceu-se disso.

— Ai, caramba! — exclamei, sentindo o rosto quente. — Estou viva, não estou!

Ivy suspirou, enquanto avançava para a porta da igreja.

— Não espere por mim — disse ela por cima do ombro. — Vou jantar com os meus pais e não devo chegar em casa senão depois do nascer do Sol.

— Devia libertá-la — disse Ceri, enquanto avançava atrás de Ivy —, pelo menos quando o Sol se puser. Mais alguém pode invocar e se não o banirem adequadamente, ele virá à tua procura. Pode tentar deixar-te inconsciente, juntando ainda mais energia àquela que já estás a guardar — ela encolheu os ombros num gesto muito moderno. — Mas se ficar em solo sagrado deve ficar bem.

— Vou libertá-la — disse eu, distraída, meus pensamentos num redemoinho.

Ceri sorriu timidamente.

— Obrigada, Rachel — disse ela suavemente. — É bom sentir que precisam de nós.

A minha atenção regressou a ela.

— Não tem de quê.

O cheiro da neve fria chegou até mim. Ergui os olhos e vi Ivy aguardando impaciente, no limiar da porta aberta, a luz que se desvanecia fazendo dela uma silhueta ameaçadora.

— Adeus, Rache-e-el — disse ela, troçando, e Ceri suspirou. Virando-se, a mulher esguia avançou lentamente para a porta, tirando os sapatos no último momento e avançando descalça pelos degraus de cimento gelados.

— Como consegue suportar o frio? — ouvi Ivy dizer antes de a porta se fechar atrás delas.

Absorvi o silêncio e a luz fraca. Estendendo um braço, apaguei o *abajur*, o que fez com que o exterior parecesse mais luminoso. Eu estava só – provavelmente pela primeira vez – na minha igreja. Sem companheira de casa, sem namorado, sem *pixies*. Sozinha. Fechei os olhos e sentei-me no palco levemente erguido, respirando. Podia sentir o cheiro do contraplacado sobre o perfume de amêndoas dos biscoitos de Ivy. A suave pressão atrás dos meus olhos recordou-me que ainda estava a segurar a bola de eternidade e, com um safanão da minha vontade, quebrei o círculo tridimensional nos meus pensamentos e a energia regressou à linha numa onda quente.

Abri os olhos e dirigi-me para a cozinha, os pés silenciosos nas meias. Eu não ia dormir, ia fazer *brownies* como parte do presente de Ivy. Eu não tinha como competir com um perfume de mil dólares: tinha de optar pelo caminho do presente feito à mão. Fazendo um desvio pela sala de estar, procurei pelo comando. O cheiro a contraplacado quase me tomou de assalto e eu fitei a janela que Ivy desenhara no painel, uma

reprodução da vista do cemitério. Liguei a aparelhagem e Come Out and Play dos Offspring jorrou das colunas. Sorrindo, aumentei o som.

— Acordem os mortos — disse eu, atirando o comando e dançando a caminho da cozinha.

Enquanto a música animada me punha de bom humor, fui buscar o caldeirão para feitiços amolgado, que já não podia usar para fazer feitiços, e o livro de receitas que tinha roubado da minha mãe. Percorrendo-o, descobri a receita de *brownies* com caramelo da minha avó, escrita a lápis ao lado da receita *gourmet*. Sincronizando os meus movimentos com a música, fui buscar os ovos, o açúcar, a baunilha e pousei tudo sobre o balcão da ilha. Tinha as aparas de chocolate a derreter ao lume e o leite em pó medido quando a pressão do ar mudou e a porta da frente se fechou cuidadosamente. O ovo que tinha na mão escorregou, partindo-se quando caiu sobre o balcão.

— Esqueceu alguma coisa. Ivy? — gritei.

A adrenalina rasgou através de mim enquanto o meu olhar ia do ovo partido para tudo o que estava espalhado pela cozinha. Não conseguiria esconder tudo antes de ela ali chegar. Será que aquela mulher não conseguia ficar fora nem por uma hora? Mas foi a voz de Kisten que me respondeu.



21

— Sou eu, Rachel — Disse Kisten, a voz fraca sobre a música que ribombava a partir da sala de estar. Estanquei, a memória do beijo que ele me dera, mantendo-me onde estava. Eu devia parecer uma idiota quando ele virou a esquina e atravessou a porta.

— Ivy não está? — perguntou ele, seus olhos varrendo-me de cima a baixo. — Droga!

Eu inspirei fundo para me recompor.

— Droga? — perguntei, fazendo deslizar o ovo partido do balcão para a tigela. Eu achava que ninguém dizia droga. — Posso dizer merda?

— Inferno, sim!

— Então, merda — seu olhar saltou de mim para a cozinha, entrelaçando as mãos atrás das costas enquanto eu escolhia os bocados maiores de casca. — Hei, você, hum, importa-se de baixar a música para mim? — disse eu, olhando de relance para ele enquanto ele acenava e saía.

Era sábado e ele estava vestido de forma casual, com botas e jeans desbotados, bons e justos. Trazia o casaco de couro curto aberto e a camisa de seda *Bordeaux*

revelava um pouco dos seus pelos do peito. *Só o suficiente* — pensei, enquanto o volume da música descia. Podia sentir o cheiro do seu casaco. Eu adorava o cheiro. Isso pode ser um problema.

— Tem certeza que Ivy não te mandou para tomar conta de mim? — perguntei enquanto ele regressava e eu limpava a sujeira de ovo com um pano molhado.

Ele deu uma risada e sentou-se na cadeira de Ivy.

— Não — ele hesitou. — Ela vai demorar algum tempo, ou posso esperar?

Eu não ergui os olhos da receita, não gostando da forma como ele dissera aquilo. Sua voz tinha sido mais inquisitiva do que a pergunta merecia.

— Ivy foi falar com Jenks — percorri a página com o dedo, sem olhar para as palavras. — Depois, vai jantar com os pais.

— Até ao nascer do Sol — murmurou, e eu senti bandeirinhas de aviso a agitarem-se. Todas elas.

O relógio por cima da pia fez o seu tique-taque e eu retirei o chocolate derretido do fogão. Eu não ia ficar de costas para ele, por isso pousei-o no balcão entre nós, cruzando os braços à minha frente e encostando o traseiro na pia. Observando-me, ele afastou o cabelo dos olhos. Eu inspirei, preparando-me para lhe dizer que se fosse embora, mas ele interrompeu-me.

— Está bem?

Eu fitei-o sem compreender, depois me recordei.

— Oh! A cena... Com o demônio — murmurei, envergonhada, enquanto tocava no amuleto contra as dores que tinha ao pescoço. — Ouviu falar disso, hã?

Ele sorriu com metade da boca.

— Apareceu nas notícias. E eu tive de ouvir Ivy durante três horas inteiras, enquanto ela se queixava do fato de não ter estado aqui na hora.

Regressando à minha receita, revirei os olhos.

— Lamento. Sim. Estou bem. Alguns arranhões e nódoas negras. Nada de relevante. Mas já não posso usar as linhas depois do pôr do sol — não queria dizer que também não estava completamente segura depois de escurecer, a menos que me encontrasse em solo sagrado... O que a cozinha e a sala de estar não eram. — Vai

prejudicar consideravelmente o meu trabalho — disse eu, amargamente, perguntando-me como é que havia de contornar esta última montanha. Oh, bem! Não é que eu confiasse completamente em magia das linhas *Ley*. Afinal de contas, eu era uma bruxa de terra.

Kisten também não pareceu achar que isso importava muito, se é que o seu encolher de ombros casual significava alguma coisa.

— Lamento que Jenks se tenha ido embora — disse ele, esticando as pernas e cruzando as botas pelos tornozelos. — Ele não era apenas uma qualquer para a empresa. É um bom amigo.

Meu rosto contorceu-se numa expressão desagradável.

— Devia ter dito o que era Trent quando descobri.

A surpresa derramou-se sobre ele.

— Sabe o que é Trent Kalamack? Sério? — de maxilar cerrado, baixei os olhos para o livro de receitas e acenei, esperando que ele colocasse a pergunta. — O que é ele? — permaneci em silêncio, meus olhos fixos na página. O som suave dos seus movimentos fez-me erguer os olhos. — Esquece — disse ele. — Não interessa.

Aliviada, mexi o chocolate no sentido dos ponteiros do relógio.

— Importa para Jenks. Eu devia ter confiado nele.

— Nem todos precisam de saber tudo.

— Precisa, quando se tem dez centímetros e asas.

Ele levantou-se, chamando minha atenção enquanto se espreguiçava. Com um som suave e satisfeito, seus ombros relaxaram e ele baixou os braços. Tirando o casaco, dirigiu-se para a geladeira. Eu bati com a colher no lado da tigela para sacudir a maior parte do chocolate. Franzi o cenho. Por vezes, era mais fácil falar com um estranho.

— O que fazendo de errado, Kisten? — disse eu, frustrada. — Por que afasto as pessoas de quem gosto?

Ele emergiu de trás da porta da geladeira, com o saco de amêndoas que eu tinha comprado na semana anterior.

— Ivy não vai embora.

— Isso é meu — disse eu e ele parou, até eu ter feito um gesto azedo indicando que podia ficar com elas.

— Eu não vou embora — disse ele, a boca movendo-se suavemente enquanto ele comia uma.

Eu suspirei ruidosamente, despejando o açúcar medido no chocolate. Ele estava com ótimo aspecto e as recordações não cessavam de se intrometer: pensamentos de nós, os dois aperaltados e a divertirmo-nos, o arrepio que os seus olhos negros me provocaram quando os gorilas de Saladan jaziam vergados na rua, o elevador do Piscary's e o meu corpo a envolver o dele, desejando senti-lo a tomar tudo o que eu tinha... O som do açúcar contra as paredes da panela fazia-se ouvir enquanto eu o mexia. Malditos feromônios.

— Fico feliz por Nick ter ido embora — disse Kisten. — Ele não era bom para ti.

Mantive a cabeça baixa, mas meus ombros ficaram tensos.

— Que sabe sobre isso? — disse eu, prendendo um longo caracol ruivo atrás da orelha. Ergui os olhos e descobri-o a comer calmamente as minhas amêndoas. — Nick fazia-me sentir bem. Eu fazia-o sentir-se bem. Divertíamo-nos juntos. Gostávamos dos mesmos filmes, de comer nos mesmos lugares. Ele conseguia acompanhar-me quando corríamos no jardim zoológico. Nick era uma boa pessoa e não tem o direito de julgá-lo. — agarrei um pano úmido, limpando o açúcar derramado e sacudindo-o para a pia.

— Talvez tenha razão — disse ele, enquanto despejava um punhado de amêndoas na mão aberta e fechava o saco. — Mas há uma coisa que eu acho fascinante — ele colocou uma amêndoa entre os dentes e mordeu-a ruidosamente. — Fala dele no passado.

Fiquei de queixo caído, dividida entre a raiva e o choque. Meu rosto ficou gelado. Na sala de estar, a música passou para algo rápido e saltitante... Totalmente inapropriado. Kisten abriu a porta da geladeira, voltou a guardar as amêndoas na porta e fechou-a.

— Vou esperar por Ivy durante algum tempo. Pode ser que ela regresse com o Jenks... Caso tenhas sorte. Tens a tendência para exigir mais de uma pessoa do que a maioria está disposta a dar — ele agitou as amêndoas que ainda tinha na mão, enquanto eu resmungava. — Um bocado como um vampiro — acrescentou ele, enquanto pegava o casaco e saía da cozinha.

Minha mão estava a pingar e percebi que estava a apertar o pano com tanta força que a água pingava dele. Joguei para dentro da pia, furiosa e deprimida. Não era uma boa combinação. Na sala de estar, o som de música pop alegre, saltitava e deslizava.

— Importa-se de desligar isso? — gritei. Meu maxilar doeu no local onde eu o cerrava e eu obriguei meus dentes a afastarem-se, quando a música parou. Espumando, medi o açúcar e juntei-o à mistura. Levei a mão à colher, um som de frustração escapando de mim quando lembrei que já tinha acrescentado o açúcar. — Para a Viragem com isto — murmurei. Agora ia ter de fazer uma dose dupla. Segurando a colher com força, tentei mexer a massa. O açúcar saltou por todos os lados, indo por fora. Cerrei os dentes e recuei para a pia em busca do pano molhado. — Não sabe nada — sussurrei, enquanto juntava o açúcar derramado numa pequena pilha. — Nick vai voltar. Ele disse que ia. Eu tenho a chave dele.

Puxei o açúcar assim reunido para a palma da mão, hesitando antes de voltá-lo a por na tigela com o restante. Sacudindo o que restava dos meus dedos, fitei o corredor escuro. Nick não me teria dado a sua chave se não fosse voltar. A música começou a tocar uma vez mais, suave e com ritmo constante. Eu não tinha dito que ele podia pôr outra coisa. Furiosa, dei um passo em direção à sala de estar, depois estaquei. Kisten tinha saído no meio de uma conversa. Tinha levado comida com ele. Comida estaladiça. De acordo com o livro de Ivy, tratava-se de um convite vampírico. E segui-lo seria dizer que estava interessada. Ainda pior, ele sabia que eu sabia. Ainda estava a fitar o corredor, quando Kisten passou por ele. Ele parou e recuou um pouco quando me viu ali com uma expressão vazia no rosto.

— Vou esperar no santuário — disse ele. — Tens algum problema com isso?

— À vontade — sussurrei.

Ele ergueu as sobrancelhas e, mantendo o pequeno sorriso, comeu uma amêndoa.

— Está bem.

Kisten desapareceu ao longo do corredor escuro, as botas silenciosas no chão de madeira. Virei as costas e fitei a janela que se abria para a noite escura. Contei até dez. Contei até dez outra vez. Contei até dez uma terceira vez, dando por mim no corredor quando cheguei a sete. Vou até lá, digo o que tenho a dizer e venho embora, prometi a mim mesma, quando o encontrei junto ao piano, de costas viradas para mim, sentado no banco. Ele endireitou-se, quando meus pés se imobilizaram.

— Nick é um bom homem — disse eu, a voz a tremer.

— Nick é um bom homem — concordou ele, sem se virar.

— Ele faz com que eu me sinta desejada, querida.

Kisten virou-se lentamente. Os pelos da sua barba que começavam a despontar refletiram a luz ténue filtrada da rua. Os contornos dos seus ombros largos iam se afunilando até à sua cintura estreita e eu sentia um arrepio mental perante a bela imagem que formavam.

— Ele antes a fazia sentir assim — sua voz baixa e suave fez-me arrepiar.

— Não quero continuar a falar dele contigo — disse eu. Ele fitou-me por um momento, depois disse:

— Está bem.

— Ótimo — inspirei fundo, virei costas e saí.

Sentia os joelhos a tremer e, mantendo-me à escuta de quaisquer passos que me seguissem, virei à direita e entrei no meu quarto. Com o coração a bater veloz, estendi a mão para o meu perfume. Aquele que escondia o meu odor.

— Não faz isso.

Arquejando, virei-me, descobrindo Kisten atrás de mim. A garrafa de Ivy deslizou dos meus dedos. A sua mão saltou disparada e eu saltei quando ele envolveu a minha, mantendo a garrafa preciosa em segurança sob o meu controle. Estanquei.

— Gosto do teu cheiro — sussurrou ele, demasiado perto.

Senti o estômago apertado. Arriscaria atrair Al se acedesse a uma linha para deixá-lo inconsciente, mas eu não queria fazê-lo.

— Tem que sair do meu quarto — disse eu.

Seus olhos azuis pareciam negros sob a luz fraca. O ténue brilho que chegava da cozinha fazia dele uma sombra atraente e perigosa. Meus ombros estavam de tal forma tensos que doíam, quando ele abriu minha mão e tirou o perfume. O som dele a ser pousado na minha cômoda fez-me endireitar.

— Nick não vai voltar — disse ele, num tom franco e nada acusatório.

Deixei escapar a respiração e fechei os olhos. Oh, céus!

— Eu sei.

Meus olhos abriram-se repentinamente quando ele me segurou nos cotovelos. Gelei, esperando que a minha cicatriz reagisse, mas não aconteceu nada. Ele não estava a tentar enfeitiçar-me. Uma parte tola de mim respeitava isso e, como uma idiota, eu nada fiz quando lhe deveria ter dito que se pusesse a andar da minha igreja e fosse para longe de mim.

— Precisa se sentir desejada, Rachel — disse ele, a poucos centímetros do meu rosto, sua respiração agitando-me o cabelo. — Vive com tanta energia, tão honestamente, que precisa ser desejada. Está sofrendo. Consigo senti-lo.

— Eu sei.

Seus olhos sérios assumiram um toque de pena.

— Nick é humano. Por muito que tente, nunca te compreenderá inteiramente.

— Eu sei — engoli em seco. Senti um calor úmido nos olhos. Apertei o maxilar até me doer a cabeça. Não vou chorar.

— Ele não pode dar aquilo de que precisa — as mãos de Kisten deslizaram até à minha cintura. — Ele terá sempre um pouco de medo — eu sei. Fechei os olhos, abrindo-os ao mesmo tempo em que permitia que ele me puxasse para si. — E mesmo que Nick aprenda a viver com seu medo — disse ele com honestidade, seus olhos pedindo-me que o ouvisse —, nunca te perdoará por ser mais forte do que ele.

Senti um nó formar-se na minha garganta.

— Eu... Eu tenho de ir — disse eu. — Com licença.

Suas mãos soltaram-me e eu passei por ele, saindo para o corredor. Confusa e desejando gritar com o mundo, avancei a passos largos até à cozinha. Estanquei, vendo entre os tachos e a farinha um enorme e doloroso vazio que eu nunca antes vira. Envolvendo meu corpo com os braços, lancei-me para a sala de estar. Tinha de desligar a música. Era tão bela. Eu odiava-a. Odiava tudo. Agarrando no comando, apontei-o para o som. Jeff Buckley. Eu não conseguia lidar com Jeff no estado em que estava. Quem teria posto Jeff Buckley no meu som? Desligando-a, atirei o controle para o sofá. A adrenalina fez-me endireitar quando o controle caiu, não sobre o sofá de Ivy, mas na mão de alguém.

— Kisten! — gaguejei, enquanto ele voltava a ligar a música, observando-me com os olhos semicerrados. — O que estás fazendo?

— Ouvindo música.

Ele estava calmo e tenso e o pânico invadiu-me perante sua segurança calculada.

— Não se aproximes furtivamente dessa maneira — disse eu, minha respiração entrecortada. — Ivy nunca se aproxima furtivamente de mim.

— Ivy não gosta de quem é — os olhos dele não pestanejavam. — Eu gosto.

Ele estendeu um braço. Inspirando rapidamente, afastei-lhe o braço com uma palmada. A tensão percorreu-me, cantando, enquanto ele me puxava para frente, segurando-me junto a ele. Pânico, depois raiva, ergueram-se em mim. Não sentia mais ligeiro arrepio proveniente da minha cicatriz.

— Kisten! — exclamei, tentando mover-me. — Larga-me!

— Não estou a tentar morder-te — disse ele suavemente, os seus lábios tocando-me de leve a orelha. — Para.

A voz dele era firme, calmante. Não havia nela qualquer sede de sangue. Meus pensamentos regressaram ao momento em que tinha acordado no seu carro ao som de monges a cantar.

— Larga-me! — exigi, tensa e sentindo-me prestes a bater-lhe, ou começar a chorar.

— Não quero fazê-lo. Está sofrendo demais. Há quanto tempo ninguém te abraça? Te toca? — derramei uma lágrima e odiei que ele tivesse visto. Odiei que ele soubesse que eu estava a suster a respiração. — Precisas de sentir, Rachel — sua voz tornou-se mais suave, suplicante. — Isso está a matar-te lentamente.

Engoli o caroço que sentia na garganta. Ele estava a seduzir-me. Eu não era tão inocente que achasse que ele não iria tentar. Mas suas mãos nos meus braços eram quentes. E ele tinha razão. Eu precisava do toque de alguém, ansiava por isso, maldita fosse. Quase me tinha esquecido qual era a sensação de ser desejada. Nick tinha me devolvido isso, aquele pequeno arrepio de excitação que é saber que alguém deseja tocar-nos, nos deseja e que só nós lhe toquemos.

Eu tinha passado por mais relacionamentos de breve duração, do que uma senhora da sociedade por sapatos. Ou era o meu trabalho na SI, ou a tresloucada da minha mãe a insistir num compromisso, ou o fato de eu atrair idiotas que viam uma ruiva apenas como mais um potencial nó nas suas vassouras. Talvez eu fosse uma

cadela louca que exigia confiança sem ser capaz de devolvê-la. Eu não queria mais um relacionamento unilateral, mas Nick tinha partido e Kisten cheirava bem. Ele fazia com que eu sentisse menos a dor.

Meus ombros acalmaram-se e ele exalou quando sentiu que eu parava de lutar contra ele. Fechando os olhos, pousei a testa no ombro dele, enquanto meus braços cruzados nos separavam ligeiramente. A música era suave e lenta. Eu não era louca. Eu podia confiar. Eu confiava. Eu tinha confiado em Nick e ele tinha partido.

— Irá embora — murmurei. — Todos vão embora. Obtêm aquilo que querem e depois vão embora. Ou descobrem aquilo de que sou capaz e então vão embora.

Os braços dele apertaram-se por um instante à minha volta, depois relaxaram.

— Não vou a lugar nenhum. Já me pregaste um susto terrível quando derrubaste Piscary — ele enterrou o nariz no meu cabelo e aspirou meu perfume. — E eu ainda aqui estou.

Embalada pelo calor do seu corpo e pelo seu toque, minha tensão foi desaparecendo. Kisten alterou meu ponto de equilíbrio e eu avancei com ele. Movendo-me, quase sem me mover, nosso peso mudou enquanto a música lenta e sedutora me fazia dançar com ele.

— Não pode ferir meu orgulho — sussurrou Kisten, os dedos percorrendo as minhas costas. — Toda minha vida vivi com pessoas mais fortes do que eu. Gosto disso e não tenho vergonha em ser o mais fraco. Jamais serei capaz de te lançar um feitiço e não me importa o fato de tu seres capaz de fazer algo que eu não consigo fazer.

A música e a nossa quase imobilidade fez crescer o calor dentro de mim. Lambendo os lábios, deslizei os braços de entre os nossos corpos e descobri que se enroscavam com naturalidade em redor da cintura dele. A minha pulsação acelerou e os meus olhos abriram-se, enquanto fitava a parede; a minha respiração deslizava para dentro e para fora de mim com uma uniformidade irreal.

— Kisten...

— Estarei sempre aqui — disse ele suavemente. — Jamais será capaz de preencher todo meu desejo, jamais será capaz de me afugentar, por muito que tente. O bom e o mau. Estarei sempre esfomeado por emoções, sempre e para sempre, e consigo sentir a tua dor. Posso transformá-la em alegria. Se me deixar.

Eu engoli em seco quando ele nos fez parar. Ele afastou-se e, com um suave toque no meu maxilar, inclinou a minha cabeça para que pudesse ver os meus olhos. O ritmo pulsante da música ressoava na minha mente, atordoante e calmante. Seu olhar era apaixonado.

— Deixa que faça isso — sussurrou, a voz profundamente perigosa.

Mas com suas palavras, ele colocava-me numa posição de poder. Eu podia dizer não. Eu não queria fazê-lo. Meus pensamentos atravessavam-me, demasiado rápidos para serem compreendidos. Suas mãos sabiam bem e os seus olhos continham paixão. Eu queria aquilo que ele me podia dar... Aquilo que prometia.

— Por quê? — sussurrei.

Seus lábios afastaram-se e ele sussurrou:

— Porque quero. Por que tu queres que eu o faça.

Eu não afastei os olhos dele. Suas pupilas não se alteraram, não cresceram. Meus braços tornaram-se mais firmes à sua volta, apertando-o.

— Não haverá partilha de sangue, Kisten. Nunca.

Ele inspirou e expirou e as suas mãos seguraram-me com mais força. Com uma expressão carregada com o conhecimento do que estava para vir, ele aproximou-se mais.

— Um — disse ele, enquanto beijava o canto da minha boca. — Passo — ele beijou-me do outro lado. — De cada vez — continuou, enquanto me deixava suavemente, tão suavemente que me fazia desejar mais. — Meu amor — sussurrou.

Uma facada de desejo cortou-me até ao fundo do meu ser. Fechei os olhos. *Oh, céus! Salva-me de mim mesma.*

— Não prometo nada — sussurrei.

— Não pedi que o fizesse — disse ele. — Aonde isso nos vai levar?

— Não sei.

Minhas mãos deslizaram da sua cintura. Estávamos uma vez mais a mover-nos ao ritmo da música. Eu sentia-me viva e, enquanto quase dançávamos, um toque de fogo ergueu-se da minha cicatriz de demônio.

— Posso fazer isso? — perguntou Kisten aproximando-se de forma que mais dos nossos corpos se tocasse. Eu sabia que ele estava a pedir a minha autorização para usar a minha cicatriz, para que eu o deixasse enfeitiçar-me. O fato de ele me perguntar encheu-me como uma sensação de segurança que eu sabia ser provavelmente falsa.

— Não. Sim. Não sei — *tão dividida*. Sabia bem, o simples fato de ter o meu corpo a tocar no dele, os braços dele em redor da minha cintura, uma nova exigência na sua força. Não sei...

— Então não o farei.

Aonde é que isto nos vai levar? Exalando, ele desceu as mãos ao longo dos meus braços, entrelaçando os seus dedos com os meus. Suavemente, puxou as minhas mãos para as suas costas, segurando-as ali enquanto nos movíamos, deslizando ao som suave e sedutor da música.

Senti um arrepio crescer dentro de mim. O cheiro do couro tornou-se mais espesso e quente. Os pontos onde ele me tocava lançavam raios de calor que formigavam através dos meus dedos. Pousei a cabeça no espaço entre o pescoço e o ombro. Queria colocar ali os meus lábios, sabendo como ele se sentiria, sabendo qual seria o seu gosto se me atrevesse. Mas não o fiz, contentando-me em respirar naquele ponto sensível, temendo o que ele poderia fazer se os meus lábios o tocassem.

Com o coração a bater veloz, fiz deslizar as mãos dele para o fundo das minhas costas e deixei-as ali, movendo-se, pressionando, massajando. As minhas mãos ergueram-se para brincar com os dedos atrás da sua orelha. Meus pensamentos regressaram a nós no elevador, quando eu pensei que Piscary ia me matar. Fora demasiado para resistir. A memória da minha cicatriz de demônio viva e forte.

— Por favor — sussurrei, meus lábios tocando-lhe no pescoço e fazendo-o tremer. O lóbulo rasgado da sua orelha estava a centímetros de mim, tentando-me. — Quero que faça — erguendo meu olhar procurei seus olhos, vendo, mas não temendo, o aro azul que se estreitava. — Confio em ti. Mas não confio nos teus instintos.

Os seus olhos cintilaram com uma compreensão e um alívio profundos. Suas mãos deslizaram ainda mais, acariciando-me até terem descoberto o topo das minhas pernas, depois começaram a subir de novo, movendo-se, sem nunca parar de se mover, enquanto dançávamos.

— Também não confio neles — disse ele, seu sotaque falso completamente desaparecido. — Não contigo.

Sustive a respiração, enquanto seus dedos deslizavam das minhas costas para a minha frente, um sussurro sobre os jeans. Puxando pelo botão de cima. Insinuando.

— Estou a usar capas — disse ele. — Este vampiro ficou sem suas presas.

Surpreendida, meus lábios afastaram-se, quando ele sorriu mostrando-me que os seus caninos afiados tinham, de fato, sido cobertos por capas. Lançou através de mim uma onda de calor, desinquietante e que me fez pensar. Claro, ele não podia sugar o meu sangue, mas agora iria deixá-lo explorar muito mais de mim. E ele sabia-o. Mas seguro? Não. Ele era mais perigoso agora do que se não tivesse colocado as capas nos dentes.

— Oh, céus — sussurrei, sabendo que estava perdida quando ele tocou com a cabeça no meu ombro e me beijou suavemente. Fechando os olhos, enfiei os dedos nos seus cabelos, agarrando-os quando o seu beijo deslizou, avançando sobre o limite da minha clavícula, onde começava minha cicatriz. Ondas de desejo insistente pulsaram dela e os meus joelhos cederam.

— Desculpa — murmurou Kisten, a voz rouca, enquanto me segurava pelos cotovelos e me mantinha direita. — Não sabia que era assim tão sensível. Exatamente quanta saliva é te injetaram?

Seus lábios tinham deixado meu pescoço e estavam junto do meu ouvido. Quase arquejando, inclinei-me sobre ele. O sangue em mim zumbia, desejando que eu fizesse qualquer coisa.

— Quase morri — disse eu. — Kisten...

— Terei cuidado — disse ele, a ternura na sua voz viajando até ao centro do meu ser. Segui de boa vontade suas direções enquanto ele me sentava no sofá, aninhando-me entre as costas e o braço. Tomando suas mãos, puxei Kisten para meu lado. Sentia um formigueiro na cicatriz e ondas de promessa rasgavam através de mim.

Aonde é que isto nos ia levar?

— Rachel?

Ouvi a mesma pergunta na sua voz, mas não quis responder. Sorrindo, puxei-o para mais perto de mim através do sofá.

— Fala demais — sussurrei e cobri a minha boca com a dele. Um som suave ergueu-se dele, enquanto seus lábios respondiam aos meus, a barba que despontava

áspera contra a minha pele. Os seus dedos espalharam-se sobre meu rosto, ele segurou-me enquanto eu puxava seu peso para cima de mim. Empurrando meu quadril, ele arranjou espaço para o joelho entre mim e as costas do sofá.

Senti um formigueiro no local onde os seus dedos tinham tocado no meu maxilar. Deslizei minha língua hesitante entre seus lábios e minha respiração acelerou quando a dele penetrou na minha boca. Sentia o gosto ligeiramente de amêndoas e, quando ele se moveu para se afastar, entrelacei os dedos atrás do seu pescoço para o imobilizar durante mais um momento. Ele emitiu um som de surpresa, tornando-se mais insistente e agressivo. Agora eu respondia-lhe, fazendo passar a língua pela suavidade dos seus dentes. Kisten estremeceu, o tremor claramente sentido já que ele tinha seu corpo apoiado no meu. Eu não sabia até aonde queria ir. Mas isto? Isto era bom. Não podia enganá-lo, prometendo mais do que estava disposta a dar.

— Espera... — disse eu relutantemente, prendendo meu olhar no seu.

Mas vendo-o sobre mim, sem fôlego, com a paixão controlada, hesitei. Seus olhos estavam negros, repletos de desejo e necessidade. Procurei e encontrei uma sede de sangue cuidadosamente controlada. Seus ombros estavam tensos sob a camisa, a mão firmemente apoiada no meu flanco, o polegar movendo-se sob a minha camisola. A expressão de desejo no seu rosto lançou raios de adrenalina até ao centro do meu ser, excitando-me mais do que o seu toque rude e gentil que se erguia em busca dos meus seios.

Oh, ser desejada, querida.

— O que foi? — disse ele, parado e à espera.

Para o inferno com isto.

— Esquece — disse eu, brincando com os cabelos em redor da sua orelha.

A mão suave sob o meu top sem costas imobilizou-se.

— Quer que pare?

Uma segunda facada de sentimentos atravessou-me. Senti os meus olhos fecharem-se.

— Não — murmurei, ouvindo uma centena de convicções bem pensadas morrer com uma palavra. O coração a bater veloz, afastei de mim os amuletos e deixei-os cair

sobre o tapete, queria sentir tudo, mas só quando levei a mão ao seu cinto é que ele compreendeu.

Ele deixou escapar um som baixo e gutural e baixou a cabeça sobre a minha. Seu peso era um calor bem-vindo contra o meu corpo, enquanto seus lábios procuravam a minha cicatriz de demônio e lhe tocavam suavemente. O fogo derramou-se como pedra derretida através de mim até às minhas virilhas e eu arquejei quando a sensação ricocheteou e se multiplicou. As dores do recente ataque do demônio transformaram-se em prazer, cortesia da velha saliva de vampiro com que ele estava a brincar. Eu não conseguia pensar. Não conseguia respirar. As minhas mãos ergueram-se subitamente, parando de tentar abrir as calças dele e agarrei os seus ombros.

— Kisten — sussurrei, quando fui capaz de inspirar tremendo. Mas ele não parou, empurrando-me até a minha cabeça se encontrar apoiada no braço do sofá. Os meus dedos enterraram-se nele enquanto os seus dentes cuidadosos tomavam o lugar dos lábios. Deixei escapar um gemido e ele brincou com a cicatriz, os seus dentes suaves e a sua respiração áspera. Eu desejava-o. Eu desejava-o completamente. — Kisten... — empurrei-o. Tinha de perguntar primeiro. Tinha de saber.

— O que foi? — disse ele, num tom monocórdico, enquanto empurrava a minha camisola e o meu top para fora do caminho e os seus dedos procuravam os meus seios e começavam a mover-se, prometendo mais.

No espaço que nos dividia consegui, por fim, abrir seu cinto. Dei um puxão e ouvi o som do botão a saltar da casa. Ele voltou a fitar-me e antes que ele pudesse encontrar de novo meu pescoço e lançar-me para um êxtase inconsciente, abri o fecho e enfiei as minhas mãos dentro das suas calças. *Deus me ajude* — pensei quando encontrei o que procurava, a pele suave tensa sob os meus dedos insistentes.

— Já tiveste relações com uma bruxa antes? — sussurrei, baixando-lhe as calças e passando a mão pelo seu traseiro.

— Sei no que me estou a meter — disse ele, sem fôlego.

Senti-me derreter sobre o sofá enquanto meus pensamentos e meus ombros se acalmavam. Minhas mãos voltaram a encontrá-lo e ele exalou, longa e lentamente.

— Não quis presumir... — disse eu, depois arquejei quando ele fez descer o seu peso e levantou ainda mais a minha camisola. — Não quis que ficasse surpreendido... Oh, céus! Kisten — arquejei, quase histérica de desejo enquanto seus lábios se moviam da parte de baixo do meu maxilar até à minha clavícula e, depois, ao meu seio.

Cresciam ondas de promessa e eu arqueei as costas enquanto ele me puxava, as suas mãos quentes contra a minha pele.

Onde é que ele estava? Eu não conseguia chegar tão longe.

Ele silenciou meu sorriso, enquanto erguia o rosto e me beijava. Agora conseguia chegar-lhe e expirei, numa sensação de felicidade, enquanto eu o agarrava e movia os meus dedos.

— Kisten...

— Fala demais — disse ele, seus lábios movendo-se contra a minha pele. — Alguma vez tiveste sexo com um vampiro? — perguntou, os olhos semicerrados, observando-me.

Eu exalei, enquanto ele virava de novo a atenção para o meu pescoço. Seus dedos traçavam o caminho que os seus lábios iriam tomar e ondas de êxtase rolaram através de mim enquanto ele o fazia.

— Não — arquejei, enquanto puxava ainda mais as suas calças. Nunca as conseguiria tirar por causa das botas. — Há alguma coisa que deva saber?

Ele passou as mãos por baixo do meu seio, traçando uma vez mais o caminho que os seus lábios tomariam em breve. De costas arqueadas, tentei não gemer de desejo, enquanto estendia os braços, tentando encontrá-lo.

— Nós mordemos — disse ele e eu gritei quando ele o fez, prendendo suavemente a minha pele entre os seus dentes.

— Tira-me as calças antes que te mate — arquejei, quase louca de desejo.

— Sim, minha senhora — rosnou ele e a barba que despontava no seu rosto arranhou-me quando ele se afastou.

Eu inspirei fundo, algo de que muito necessitava, levantando-me com ele apenas para voltá-lo a empurrar contra o sofá e me sentar em cima dele. As mãos dele abriram o fecho das minhas calças enquanto eu lutava com os botões da sua camisa. Deixei escapar um suspiro quando consegui abrir o último e as minhas mãos viajaram sobre ele, os meus dedos subindo e descendo as linhas definidas dos seus abdominais e do seu peito. Inclinei-me sobre ele, meu cabelo escondendo aquilo que estava a fazer, enquanto os meus lábios subiam da sua barriga até à cova do seu pescoço. Demorei-me ali, hesitando, me atrevendo a passar os dentes pela sua pele, puxando-a com uma

ligeira pressão. Sob mim, ele tremeu e as suas mãos, que faziam descer as calças pelos meus quadris, tremeram. Abrindo os olhos, afastei-me, pensando que tinha ido longe demais.

— Não — sussurrou ele, colocando as mãos na minha cintura para me imobilizar. Seu rosto estava tenso de emoção. — Não pare. É... Não vou rasgar tua pele — seus olhos abriram-se de repente. — Oh, céus, Rachel! Prometo que não vou rasgar a tua pele.

A paixão na sua voz surpreendeu-me. Abandonando-me, prendi-o contra o sofá, um joelho de cada lado. Procurando com os lábios, encontrei seu pescoço, transformando os meus beijos em algo mais substancial. Sua respiração pesada e a leveza das suas mãos excitaram o meu desejo, pulsando exigente, martelando através de mim ao ritmo do meu coração. Os dentes substituíram os meus lábios e a sua respiração tornou-se rouca.

Segurou-me na cintura com as mãos e ergueu-me o suficiente para que eu pudesse tirar as calças. Elas ficaram presas nas minhas meias e, com um grito de impaciência, afastei dele os meus lábios durante o tempo suficiente para tirá-las. Depois regressei, a minha pele quente nos pontos onde o tocava. Inclinei-me sobre ele, mantendo imóvel seu pescoço enquanto usava os dentes para lhe tocar na pele em vez dos lábios. Kisten inspirou num som estremecido.

— Rachel — murmurou ele, as suas mãos eram firmes segurando-me, deslizando ao longo de mim, procurando.

Um som grave, quase inaudível, ergueu-se de mim quando seus dedos me tocaram. No seu toque, senti seu desejo transformar-se em algo mais exigente. Meus olhos fecharam-se e eu lancei uma mão entre nós, procurando-o. Sentindo-o contra mim, mexi-me para frente, depois para trás. Exalamos em simultâneo, quando nos unimos. Feroz e potente, meu desejo e meu alívio cresceram. Ele deslizou profundamente dentro de mim. *Em breve, Deus me ajudasse, se não fosse em breve, eu ia morrer.* Sua respiração suave ergueu-se para brincar com os meus pensamentos, enviando ondas do meu pescoço para a minha virilha.

Meu coração batia veloz e os dedos dele percorriam meu pescoço, parando sobre a minha pele que pulsava. Movíamo-nos em conjunto, a um ritmo carregado de promessa. Seu braço livre envolvia-me, segurava-me próximo, seu peso, simultaneamente, prendendo-me e mantendo-me segura.

— Dá-me isso — sussurrou ele, puxando-me ainda mais para ele e eu verguei-me à sua vontade, deixando que seus lábios descobrissem a cicatriz do demônio.

Minha respiração regressou num arquejo sonoro. Eu tremi, nosso ritmo alterou-se. Ele segurou-me mais próximo de si enquanto ondas de desejo se acumulavam. Seus lábios no meu pescoço tornaram-se dentes, esfomeados, exigentes. Não havia dor e eu incitei-o a fazer o que desejava. Uma pequena parte de mim sabia que se ele não tivesse as capas, eu teria sido mordida. Era algo que servia apenas para gerar em mim um desejo ainda mais desesperado.

Ouvi-me gritar e o seu aperto estremeceu, tornando-se mais forte. Louca de paixão, agarrei-me aos seus ombros. Estava ali, só precisava o apanhar. Minha respiração tornou-se rápida contra seu pescoço. Não havia nada além dele e de mim e os nossos corpos moviam-se em conjunto. O seu ritmo alterou-se e, sentindo que a sua paixão começava a encrespar-se, descobri seu pescoço e voltei a mergulhar nele os dentes.

— Com mais força — sussurrou ele. — Não podes magoar-me. Prometo-te que não me podes magoar.

Isso fez-me ceder por completo e, enquanto brincava ao faz de conta com o meu vampiro, lancei-me esfomeada sobre ele, sem pensar no que deixaria para trás.

Kisten gemeu, seus braços apertando-se em redor de mim. Sua cabeça arrastou a minha e, com um som gutural, ele enterrou o rosto no meu pescoço. Eu gritei quando os seus lábios tocaram na minha cicatriz. Um fogo incendiou meu corpo. Com isso, a satisfação abateu-se sobre mim e eu atingi o clímax. Ondas atrás de ondas foram-se erguendo, cada uma delas acumulando a anterior. Kisten estremeceu, seus movimentos sob mim cessando quando suas paixões jorraram um instante depois das minhas. Inspirei, emitindo um som dolorido e tremi, incapaz de me mexer, temendo e desejando os últimos arrepios.

— Kisten? — consegui dizer quando se desvaneceram e eu me descobri a arquejar contra ele.

A força com que ele me segurava hesitou e as suas mãos caíram de mim. Deixei cair a testa sobre o peito dele e inspirei tremendo, exausta e gasta. Era incapaz de fazer o que quer que fosse, enquanto permanecia deitada sobre ele, meus olhos meio fechados. Lentamente compreendi que tinha as costas geladas e a mão de Kisten traçava um caminho quente, subindo e descendo ao longo da minha espinha. Podia ouvir o

bater do seu coração e sentir o cheiro dos nossos odores que se misturavam. Com os músculos tremendo de cansaço, ergui a cabeça e deparei-me com ele de olhos fechados e um sorriso de felicidade no rosto.

Fiquei sem fôlego. *Merda. O que é que tinha feito?* Os olhos de Kisten abriram-se, procurando os meus. Eram límpidos e azuis, o negrume das suas pupilas normal e relaxante.

— Agora é que estás com medo? — disse ele. — É um bocado tarde demais para isso.

Seu olhar demorou-se no meu olho negro, só agora ele o vira, já que os meus amuletos estavam no chão. Afastei-me dele, regressando logo a seguir já que estava frio. Meus membros começaram a tremer.

— Hum, foi divertido — disse eu e ele riu.

— Divertido? — disse ele, percorrendo a linha do meu maxilar com um dedo. — Minha bruxa malandra achou que tinha sido *divertido* — seu sorriso recusava-se a abandoná-lo. — Nick foi um tolo por te ter deixado.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, preparando-me para me afastar, mas as suas mãos seguraram-me contra ele.

— Quero dizer — disse ele suavemente —, que é a mulher mais erótica que alguma vez toquei. Que é, ao mesmo tempo, uma inocente de olhos arregalados e uma cadela descarada.

Fiquei rígida.

— Se isso é uma tentativa para fazer conversa, está se saindo muito mal.

— Rachel — disse ele num tom adulador, sua expressão carregada de ternura satisfeita, a única coisa que me mantinha onde estava. *Isso e o facto de achar que ainda não era capaz de me levantar.* — Não fazes ideia de como é excitante ter os teus dentes minúsculos em mim, lutando por rasgar a pele, provando sem provar. Inocente, experiente e sedenta, tudo ao mesmo tempo.

Ergui as sobrancelhas, soprando para afastar uma madeixa dos meus olhos.

— Tinhas tudo isso planeado, não tinha? — perguntei num tom acusatório. — Acha que podia entrar aqui e seduzir-me, como faz com todas as outras? — eu não podia, propriamente, sentir-me furiosa, deitada como estava sobre ele, mas tentei.

— Não. Não como faço com todas as outras — disse ele, o brilho nos seus olhos trespassando até ao centro do meu ser. — E sim, vim até aqui tencionando seduzir-te — ele ergueu a cabeça e sussurrou-me ao ouvido. — É nisso que sou bom. Tal como tu és boa para escapar de demônios e a chutar traseiros.

— Chutar traseiros? — perguntei, enquanto ele voltava a pousar a cabeça no braço do sofá. Sua mão movia-se de novo sobre o meu corpo e eu não me queria mexer.

— Sim — disse ele e eu saltei quando ele descobriu um lugar onde eu tinha cócegas. — Gosto de uma mulher que sabe tomar conta de si própria.

— Não é muito do tipo príncipe no cavalo branco, hum?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Oh, podia ser — disse ele. — Mas sou um filho da mãe preguiçoso.

Eu ri e ele juntou seu riso ao meu, enquanto apertava minha cintura com mais força. Com um pequeno impulso, ele ergueu-me de si.

— Espera — disse ele, enquanto se levantava, pegando em mim e aninhando-me nos seus braços, como se eu fosse um saco de dois quilos de açúcar. Com a sua força de vampiro, ele segurou-me com um braço e puxou as calças, deixando-as soltas em redor dos quadris. — Chuveiro?

Meus braços envolviam o pescoço dele e procurei as marcas das minhas dentadas. Não havia nenhuma, embora eu soubesse que tinha mordido com força suficiente para deixá-las. Também soube, sem precisar olhar, que ele não deixara em mim qualquer marca visível, apesar da sua rudeza.

— Parece-me bem — disse eu, enquanto ele começava a andar, os jeans ainda abertos.

— Vou te dar um banho — disse ele, enquanto eu olhava para trás de mim, para os meus amuletos, calças e uma meia espalhados pelo chão. — E depois, vamos abrir todas as janelas e deixar sair o ar da igreja. Também vou te ajudar a acabar de fazer o teu bolo. Isso vai ajudar.

— São *brownies*.

— Ainda melhor. Isso usa o forno.

Ele hesitou à frente da porta do meu banheiro e, sentindo-me protegida e desejada nos seus braços, abri-a empurrando-a com o pé. O homem era forte, tinha de admiti-lo. Aquilo era quase tão agradável como sexo. Bem, quase.

— Tens velas perfumadas, não tens? — perguntou ele, enquanto eu acendia a luz com um dedo do pé.

— Tenho dois cromossomos x — disse eu, secamente, enquanto ele me pousava em cima da máquina de lavar e me tirava a última meia. — Tenho uma velinha ou duas.

Ele ia ajudar-me a tomar banho? Que querido.

— Ótimo. Vou acender uma no santuário. Podes dizer à Ivy que a puseste na janela para Jenks e poderá deixá-la acesa até ao nascer do Sol.

Um suspiro de inquietação fez-me ficar tensa e os meus movimentos tornaram-se mais lentos, enquanto tirava a camisola pela cabeça e a deixava cair sobre a máquina de lavar.

— Ivy? — perguntei.

Kisten encostou-se à parede e tirou as botas.

— Não se importas de contar?

A bota dele caiu com um baque junto à parede oposta e o meu rosto ficou gelado. Ivy. Velas perfumadas. Arejar a igreja. Fazer brownies para perfumar o ar. Lavar o seu cheiro de mim. Que maravilha! Dirigindo-me um sorriso malandro, Kisten avançou para mim de meias e jeans abertos. Sua mão grande segurou-me pelo maxilar e ele inclinou-se para mais perto.

— Eu não me importo que ela saiba — disse ele e eu não me movi, gostando do calor. — Ela vai acabar por descobrir. Mas, se fosse você, contava com calma, não de forma repentina.

Ele deu-me um beijo suave no canto da boca. Sua mão afastou-se relutantemente de mim enquanto eu recuava e abria o chuveiro. Droga, tinha-me esquecido da Ivy.

— Sim — disse eu, distante, recordando seus filmes, o pouco que gostava de surpresas e o quão mal reagia a ambos. — Acha que ela vai ficar chateada?

Kisten virou-se, já tinha tirado a camisa e a água deslizava sobre sua mão enquanto sentia a temperatura.

— Chateada? Ela vai ter mais ciúmes do que uma maçã verde pelo fato de você e eu termos uma forma física de expressar nossa relação e ela não.

Senti-me encher de frustração.

— Maldição, Kisten. Eu não vou deixar que ela me morda para que ela saiba que gosto dela. Sexo e sangue. Sangue e sexo. É a mesma coisa e não posso fazê-lo com Ivy. Não fui feita assim!

Ele abanou a cabeça, um sorriso triste no seu rosto.

— Não pode dizer que sangue e sexo são a mesma coisa. Nunca deste sangue a ninguém. Não tem que basear no teu ponto de vista.

Franzi o cenho.

— Sempre que um vampiro pousa em mim os seus olhos, em busca de qualquer coisa para comer, a sensação é sexual.

Ele avançou, colocando seu corpo entre os meus joelhos, aproximando-se da máquina de lavar. Estendeu um braço e empurrou meu cabelo para trás do ombro.

— A maior parte dos vampiros vivos que estão em busca de uma dose rápida descobrem mais depressa um parceiro disposto quando os excitam sexualmente. Mas Rachel, o significado por trás de dar e receber sangue não deverá ser baseado no sexo, mas no respeito e no amor. O fato de poder ser convencida com a promessa de sexo foi o motivo por que Ivy desistiu tão depressa de utilizar contigo tal estratégia. Mas ela ainda está a caçar-te.

Pensei em todos os aspectos de Ivy que o aparecimento de Skimmer me tinha obrigado a reconhecer abertamente.

— Eu sei.

— Uma vez ultrapassada sua raiva inicial, creio que ela não terá nenhum problema com o fato de nós namorarmos.

— Eu nunca disse que gostaria de namorar contigo.

Ele dirigiu-me um sorriso cúmplice e tocou-me no rosto.

— Mas se eu tirasse o teu sangue, mesmo que por acidente, ou num momento de paixão? — os olhos azuis de Kisten estavam semicerrados, de preocupação. — Um arranhão e ela me atacaria com uma estaca. Toda a cidade sabe que ela te reclamou e

Deus ajude o vampiro que se atravessar seu caminho. Eu tomei o teu corpo. Se tocar no teu sangue, serei morto duas vezes.

Fiquei gelada.

— Kisten, está me assustando.

— Devia ficar assustada, bruxinha. Um dia, ela será o vampiro mais poderoso de Cincinnati e ela quer ser tua amiga. Ela quer que tu seja sua salvadora. Ela acha que tu vai descobrir uma forma de matar o vírus do vampirismo para que ela possa morrer com a alma intacta, ou que aceitará tornar-se seu delfim para que ela possa morrer, sabendo que estará lá para tomar conta dela.

— Kisten. Para.

Sorrindo, ele beijou-me a testa.

— Não se preocupes. Nada mudou desde ontem. Amanhã será o mesmo. Ela é tua amiga e não te pedirá nada que não lhe possa dar.

— Isso não ajuda.

Ele encolheu os ombros e, tocando-me uma última vez, recuou. O vapor deslizava pela fresta na porta do chuveiro, enquanto Kisten despia os jeans e se inclinava para ajustar a temperatura uma vez mais. Meus olhos correram de suas pernas bem tonificadas até às suas coxas, percorrendo depois as suas costas largas, ligeiramente musculadas. Todos os pensamentos relativos à futura raiva de Ivy desapareceram. Maldição. Como se sentisse os meus olhos sobre ele, ele virou-se, apanhando-me a fitá-lo. O vapor redemoinhou em seu redor. Gotas de humidade da agarravam-se à barba que despontava.

— Deixa-me ajudar-te a tirar a camisola — disse ele, o timbre da sua voz alterando-se.

Eu voltei a deslizar meus olhos sobre ele, sorrindo quando os ergui de novo. *Dupla maldição.* Ele deslizou as mãos para trás das minhas costas e, com uma pequena ajuda da minha parte, puxou-me para frente, até à beira da máquina de lavar e tirou-me a camisola sem costas. Envolvendo-o com as minhas pernas, entrelacei as mãos atrás da cabeça dele e encostei o queixo à cova do seu pescoço. Deus me ajudasse, ele era lindo.

— Kisten? — perguntei, enquanto ele afastava meu cabelo do caminho e descobria um local, atrás da minha orelha, onde eu sentia cócegas. Uma sensação quente ergueu-

se no fundo de mim, sua origem no local onde os seus lábios me tocavam, exigindo que eu o reconhecesse. Aceitasse. Dissesse que era bom.

— Ainda tem aquele couro justo? — perguntei, ligeiramente envergonhada.

Erguendo-me da máquina de lavar e transportando-me até ao chuveiro, ele riu.



22

Eu sorri enquanto a música terminava, deixando um silêncio confortável. O tique-taque do relógio sobre a pia tornou-se mais audível no ar iluminado pelas velas. Meus olhos saltaram para o ponteiro que se movia no mostrador. Estava a aproximar-se das quatro da manhã e eu não tinha nada para fazer a não ser sentar-me e sonhar acordada com Kisten. Ele tinha saído por volta das três da manhã para lidar com a multidão do Piscary's, deixando-me quente, saciada e feliz.

Tínhamos passado o início da noite juntos, a comer sanduíche de presunto com alface e tomate e *fast food*, atacando a coleção de discos, minha e de Ivy, e, depois, usando o computador dela para gravarmos um CD com as nossas músicas favoritas. Em retrospectiva, acho que deve ter sido a noite mais agradável de toda minha vida adulta, enquanto ríamos das recordações um do outro e eu percebia de que gostava de partilhar com ele mais do que meu corpo.

Todas as velas que eu possuía estavam acesas, para garantir que eu seria capaz de escolher a hora em que falaria a Ivy do meu novo acordo com Kisten, e o seu brilho aumentava a paz instilada pelo suave borbulhar do *pot-pourri* que eu tinha ao lume e a ligeira letargia do amuleto contra a dor que eu trazia ao pescoço. O ar cheirava a gengibre, pipocas e *brownies* e, enquanto me sentava à mesa de Ivy; os cotovelos

abertos, um de cada lado de mim, brinquei com os meus amuletos e perguntei-me o que estaria Kisten a fazer.

Por muito que não o quisesse admitir, gostava mesmo dele e o fato de ter passado do medo, para o desagrado, para a atração e para o interesse em menos de meio ano deixava-me preocupada e envergonhada. Não era próprio de mim ignorar minha saudável desconfiança em relação a vampiros por causa de um traseiro firme e de um comportamento encantador.

O fato de viver com uma vampira talvez tivesse algo que ver com isso — pensei, mergulhando a mão na tigela de pipocas e comendo uma, porque estava ali, não por um qualquer desejo de satisfazer a fome. Não acreditava que minha nova atitude estivesse relacionada com minha cicatriz; eu já gostara de Kisten antes do sexo, ou não teria havido nenhum... E ele também não a tinha usado para me influenciar.

Limpando o sal dos dedos, fitei o vazio. Eu tinha começado a pensar em Kisten de forma diferente desde que ele me fizera sentir bem. *Talvez* — pensei, pegando em mais uma pipoca. Talvez eu conseguisse encontrar alguma coisa com um vampiro que nunca conseguira manter com um bruxo, um mago ou um humano.

Pousando o queixo na palma da mão, deslizei levemente os dedos pela cicatriz do demônio enquanto recordava sua cuidadosa atenção enquanto me lavava o cabelo e esfregava as costas, e como me soubera bem poder fazer o mesmo por ele. Ele tinha me deixado apoderar o chuveiro durante o tempo quase todo. Esses tipos de coisas eram importantes. O som da porta da frente a abrir fez com que a minha atenção saltasse para o relógio. Ivy estava em casa? Já? Eu queria estar enfiada na cama, fingindo dormir, quando ela chegasse.

— Está acordada, Rachel? — disse ela, suficientemente alto para ser ouvida e suficientemente baixo para não me acordar.

— Na cozinha — respondi. Nervosa, olhei de relance para o *pot-pourri*. Era suficiente. Kisten tinha dito que era suficiente. Levantando-me, liguei a luz de cima e voltei a instalar-me. Enquanto as luzes florescentes tremeluziam e se acendiam, enfiei os amuletos atrás da camisola e fiquei a ouvir seus passos no quarto. Quando entrou para o corredor seu avançar foi rápido e afetado.

— Olá — disse eu, quando ela entrou na cozinha, uma visão no seu couro justo e botas altas. Sob um braço trazia uma sacola preta e um embrulho de seda, mais ou menos do tamanho de uma vara de pesca partida, estava na sua mão. Ergui as

sobrancelhas quando percebi que ela tinha colocado maquiagem. Sua imagem era simultaneamente profissional e sensual. Onde é que ela ia assim tão tarde? E vestida daquela maneira?

— O que aconteceu no jantar com seus pais? — perguntei.

— Mudança de planos — pousando suas coisas ao meu lado, sobre a mesa, agachou-se para vasculhar numa das gavetas mais baixas. — Vim buscar algumas coisas, vou voltar a sair — ainda ao nível dos joelhos, ela sorriu-me mostrando os dentes. — Regressarei em poucas horas.

— Está bem — disse eu, ligeiramente confusa. Ela parecia feliz. Ela parecia realmente feliz.

— Está frio aqui — disse ela, enquanto pegava em três das minhas estacas de madeira e as pousava ruidosamente sobre o balcão, junto a pia. — Cheira como se tivesse aberto as janelas.

— Hum, deve ser da nossa porta de contraplacado — franzi o cenho enquanto ela se levantava, puxando para baixo a bainha do casaco. Atravessando a divisão com uma velocidade perto do assustador, abriu a sacolas e enfiou as estacas no seu interior. Observei-a silenciosamente, perguntando-me o que se estaria acontecendo.

Ivy hesitou.

— Posso usá-las? — perguntou ela, confundindo meu silêncio com desaprovação.

— Claro. Fica com elas — disse eu, perguntando-me o que se estaria a passar. Eu não a via usar assim tanto couro desde que ela aceitara a missão de libertar uma criança vampira de um ex-ciumento. E eu não queria que me devolvesse uma estaca depois de tê-la usado.

— Obrigada — com os saltos das botas a bater no linóleo, ela dirigiu-se à cafeteira. O seu rosto oval enrugou-se numa expressão irritada, enquanto espreitava para a cafeteira vazia.

— Tem uma missão? — perguntei.

— Mais ou menos — seu entusiasmo esmoreceu e eu observei enquanto ela jogava fora os grãos velhos.

A curiosidade levou a melhor e eu afastei a seda para ver o que cobria.

— Ai, caramba! — exclamei, ao descobrir o aço brilhante que cheirava tenuemente a óleo. — Onde foi arranjar uma espada?

— É legal, não é — sem se virar, ela acrescentou três colheres de café ao filtro e pôs a máquina a trabalhar. — E não é possível localizá-la, como as balas ou os amuletos.

Oh, que pensamento tão quente e agradável.

— Sabe usá-la?

Ivy afastou-se do balcão. Eu reclinei a minha cadeira, enquanto ela sacudia o pano de seda, agarrando a espada fina pelo punho e retirando-a da bainha. A espada libertou-se com um sussurro de metal, que me fez cócegas no ouvido interno. Com o deslizar da seda, sua postura assumiu uma pose clássica, o braço livre em arco sobre a cabeça e o braço que segurava a espada, ligeiramente dobrado e estendido. Seu rosto não revelava qualquer expressão, enquanto ela fitava a parede, o cabelo preto balançando até parar lentamente. Eu tinha uma guerreira samurai vampira como companheira de casa. Isto estava a ficar cada vez melhor.

— E também sabe usá-la — disse eu, com a voz fraca.

Ela dirigiu-me um sorriso enquanto se erguia e voltava a guardá-la na sua bainha.

— Tive aulas desde o quinto ano até ao secundário — disse ela, enquanto a pousava sobre a mesa. — Cresci tão depressa que era difícil manter o equilíbrio. Estava sempre a chocar contra as coisas. Sobretudo pessoas que me irritavam. A adolescência é a época em que os reflexos mais rápidos se começam a revelar. Os treinos ajudavam e eu continuei com eles.

Lambi o sal dos dedos e afastei as pipocas. Eu estava disposta a apostar que as aulas tinham uma boa seção dedicada ao autocontrole. Sentindo-me mais relaxada, já que as velas pareciam estar a funcionar, estiquei as pernas por baixo da mesa, desejando mais café. Ivy vasculhou um dos armários altos em busca dos seus termos. Eu fitei o café que pingava, esperando que ela não fosse levar todo.

— Bem — disse ela, enquanto enchia a garrafa de metal com água quente para aquecê-la. — Parece com um vampiro que sangrou o gato.

— Desculpe? — disse eu, sentindo o estômago apertado.

Ela virou-se e secou as mãos num pano.

— Nick ligou?

— Não — disse eu, num tom monocórdico.

O sorriso dela alargou-se. Abanando a cabeça para afastar o cabelo, ela disse:

— Ainda bem — depois, mais baixinho, repetiu —, isso é bom.

Não era para ali que eu queria que a conversa fosse. Erguendo-me limpei as palmas das mãos às calças e avancei, com os pés descalços, para aumentar o lume sob o *pot-pourri*. Ivy abriu a geladeira e emergiu do seu interior com requeijão e um saco de pãezinhos. Aquela mulher comia como se as calorias não se agarrassem a ela.

— Nada do Jenks? — perguntei, embora a resposta fosse óbvia.

— Nada de Jenks. Mas ele falou comigo — os olhos dela estavam semicerrados de frustração. — Eu disse que também sabia o que Trent era e que ele devia esquecer. Agora ele também se recusa a falar comigo — ela abriu a tampa do requeijão e espalhou uma faca cheia sobre o pãozinho. — Acha que devíamos pôr um anúncio no jornal?

Ergui a cabeça.

— Para substituí-lo? —gaguejei.

Ivy deu uma dentada e abanou a cabeça.

— Só para provocá-lo — disse ela com a boca cheia. — Pode ser que vendo o nosso anúncio para apoio *pixy*, recomece a falar conosco.

Franzindo o cenho, sentei-me na minha cadeira e recostei-me, esticando as pernas e pousando os pés descalços na cadeira vazia dela.

— Duvido. O mais certo era que ele nos mandasse atirar de uma vassoura.

Ivy ergueu um ombro e voltou a descê-lo.

— Também não há nada que possamos fazer até à primavera.

— Suponho que não — Deus, isso era deprimente. Eu tinha de arranjar uma forma de pedir desculpas a Jenks. Talvez se lhe enviasse um telegrama entregue por um palhaço. Talvez se eu fosse o palhaço. — Vou lá, voltar a falar com ele — disse eu. — Levo um pouco de mel. Talvez se eu o conseguir embebedar ele me perdoe por ser tão idiota.

— Eu vou comprar algum enquanto estiver fora — ofereceu ela. — Vi à venda um mel *gourmet* feito de flores de cerejeira japonesa.

Despejando a água, ela voltou a enchê-los com todo o café que tinha feito, selando o cheiro divinal no invólucro de metal e vidro. Refreando a minha decepção, tirei os pés de cima da cadeira dela. Era óbvio que ela também tinha andado a pensar em formas de acalmar o orgulho de Jenks.

— Então, onde pensa em ir a esta hora com um copo de café, um saco de estacas e essa espada? — perguntei.

Ivy recostou-se no balcão com a graça esguia de uma pantera negra, o pãozinho meio comido empoleirado na ponta dos dedos.

— Tenho de ter uma conversa com uns vampiros emproados. Mantê-los acordados até mais tarde. A espada é para impressionar, as estacas para que não se esqueçam de mim e o café para eu beber.

Fiz uma careta, imaginando como deveria ser horrível ter Ivy a manter-nos acordados. Em especial, se ela se aplicasse na tarefa. Mas depois meus olhos abriram-se muito, enquanto eu juntava as coisas.

— Está fazendo isso para Piscary? — disse eu, tendo certeza de que estava correta quando ela se virou para espreitar pela janela.

— Sim.

Esperei em silêncio, desejando que ela dissesse qualquer coisa. Ela não o fez. Fixei nela a minha atenção, assimilando a sua atitude fechada.

— Seu pai conseguiu chegar a um acordo? — sugeri.

Ela suspirou e virou-se para mim.

— Desde que eu trate dos negócios do Piscary, o sacana não se voltará a intrometer na minha cabeça — ela fitou o pãozinho meio comido. Franzindo o cenho, avançou até ao caixote do lixo, as botas a matraquear no chão, e jogou-o fora.

Eu nada disse, surpreendida pelo fato de ela ter cedido com tanta facilidade. Aparentemente, lendo no meu silêncio uma acusação que não estava lá, seu rosto macio ficou pálido.

— Piscary concordou em permitir que eu continue a usar Kisten como testa-de-ferro — disse ela. — Ele gosta da notoriedade e todos os mais importantes saberão que tudo o que ele diz vem na realidade de mim... Quer dizer, de Piscary. Não tenho de

fazer nada, a menos que Kisten depare com algo com que não consiga lidar. Nesse caso, me apresentarei como músculo para ajudá-lo.

Minhas memórias regressaram a Kisten e ao fato de ele ter derrubado sete bruxos com a calma e despreocupação de quem parte um tablete de chocolate. Não conseguia imaginar nada com que ele não fosse capaz de lidar, mas por outro lado, ele não seria capaz de enfrentar vampiros mortos-vivos sem o apoio da força de Piscary.

— E está de acordo com isso? — disse eu estupidamente.

— Não — disse ela, cruzando os braços à sua frente. — Mas foi aquilo que meu pai conseguiu arranjar e se eu não posso aceitar a forma como me ajudou, não lhe devia ter pedido.

— Lamento — murmurei, desejando ter mantido a boca fechada. Aparentemente mais calma, Ivy atravessou a cozinha e juntou a garrafa térmica às estacas.

— Não quero Piscary na minha cabeça — disse ela, dando um safanão à pasta para que tudo caísse no seu lugar antes de fechá-la. — Enquanto fizer o que ele quer, ele se manterá longe; deixará Erica em paz. Kisten devia ser o delfim dele, não eu — murmurou ela. — Ele deseja-o.

Concordei distraidamente e os dedos dela sobre a pasta imobilizaram-se, seu rosto revelava a sombra de dor que reconheci como sendo igual à da noite em que Piscary a tinha violado de mais do que uma forma. Senti um arrepio a percorrer meu corpo quando as narinas dela se abriram e os olhos se desfocaram.

— Kisten esteve aqui — disse ela baixinho.

Minha pele ficou tensa. Maldição. Eu não me tinha conseguido esconder dela nem mesmo por uma noite.

— Hum, sim — disse eu, enquanto me endireitava na cadeira. — Ele veio à tua procura, há cerca de meio dia — o arrepio dentro de mim aprofundou-se quando ela se concentrou em mim e na minha inquietação. A cabeça dela virou-se para fitar o *pot-pourri* ao lume. Dupla maldição. Com os lábios apertados, ela saiu da cozinha, os saltos ruidosos no chão. A cadeira de madeira arranhou o chão quando me levantei.

— Hum, Ivy? — chamei, seguindo-a para fora da cozinha. Sustive a respiração e estanquei de repente, quando quase choquei com ela na escuridão do corredor, no seu regresso do santuário.

— Com licença — murmurou ela, contornando-me com a rapidez de um vampiro. A sua postura era tensa e, na luz que jorrava da cozinha, pude ver que os seus olhos estavam dilatados. Droga. Ela estava a dar uma de vampiro.

— Ivy? — disse eu no corredor vazio, já que ela tinha avançado para a sala de estar. — Em relação ao Kisten...

Minhas palavras foram sufocadas e eu estanquei, os pés no limite do carpete cinzento, na sala de estar iluminada pelas velas. Ivy erguia-se, rígida, à frente do sofá. O sofá onde eu e Kisten tínhamos tido relações. As emoções caíram sobre ela numa cascata, assustando-me com a sua rapidez: decepção, medo, raiva, traição. Saltei quando ela se voltou a mexer, carregando freneticamente nos botões da aparelhagem. Os cinco CD emergiram do seu interior. Ivy fitou-os, rígida.

— Vou matá-lo — disse ela, os dedos tocando o CD de Jeff Buckley. Chocada, abri a boca em protesto, descobrindo que as minhas palavras esmoreciam perante a raiva, negra e pesada, na sua expressão tensa. — Vou matá-lo duas vezes — disse ela. Ela sabia. De alguma forma ela sabia.

Senti o coração bater veloz.

— Ivy — comecei, ouvindo o medo na minha voz. E com aquilo, desencadeei os seus instintos. Arquejando, recuei, demasiado devagar.

— Onde foi? — silvou ela, os olhos muito abertos e selvagens, enquanto estendia os braços para mim.

— Ivy... — minhas costas chocaram contra a parede do corredor e eu afastei a mão dela. — Ele não me mordeu.

— Onde foi!

Senti uma descarga de adrenalina; cheirando-a, ela estendeu um braço tentando agarrar-me. Tinha os olhos perdidos e vazios. Só os nossos antigos treinos de combate impediram que ela me conseguisse agarrar, quando bloqueei o seu movimento e me esquivei por baixo do braço dela, ficando de pé no centro da sala de estar iluminado pelas velas.

— Afasta-te, Ivy! — exclamei, tentando não me colocar na posição agachada e defensiva. — Ele não me mordeu! — mas não tive tempo para respirar antes que ela me agarrasse, puxando-me pelo colarinho da camisola.

— Onde é que ele te mordeu? — disse ela, a voz cinzenta a tremer. — Vou matá-lo. Inferno, vou matá-lo! Consigo sentir o cheiro dele a cobrir-te!

A mão dela enfiou-se por baixo da bainha da minha camisola. O gesto fez-me entrar em pânico e o instinto tomou o controle de mim.

— Ivy! Para! — gritei. Assustada, procurei a linha. Ela estendeu os braços na minha direção, o rosto contorcido pela raiva. A linha encheu o meu *chi*, selvagem e descontrolada. A energia jorrou ardente das minhas mãos, queimando-as, já que eu não a tinha controlado com o feitiço.

Ambas gritamos, quando um lençol preto e dourado de eternidade se ergueu a partir de mim, atirando Ivy para trás, contra a porta de contraplacado. Ela deslizou para o chão, num monte desajeitado, os braços por cima da cabeça e as pernas tortas. As janelas estremeceram com a explosão. Eu vacilei para trás, depois recuperei o equilíbrio. A raiva substituiu o meu medo. Eu não queria saber se ela estava bem ou não.

— Ele não me mordeu! — gritei, cuspindo o cabelo para fora da boca enquanto me erguia sobre ela. — Está bem? Tivemos relações. Está bem? Por amor de Deus, Ivy, foi apenas sexo!

Ivy tossiu. De rosto vermelho e a arquejar, recuperou o fôlego. A folha de contraplacado atrás dela estava estalada. Abanando a cabeça, ela fitou-me, ainda incapaz de se concentrar. Ela não se levantou.

— Ele não te mordeu? — disse ela com a voz rouca, o rosto coberto de sombras à luz das velas.

As minhas pernas tremiam por causa da adrenalina.

— Não! — exclamei. — Pensa que sou idiota?

Claramente abalada, ela olhou para mim de esguelha. Inspirando lentamente, limpou o lábio inferior com as costas da mão. Senti um nó no estômago quando ela ficou vermelha de sangue. Ivy fitou-a, depois puxou as pernas para debaixo do corpo e levantou-se. Comecei a respirar com mais facilidade quando ela agarrou num lenço de papel, limpando a mão e amarrotando-o numa bola.

Ela estendeu um braço na minha direção e eu saltei para trás.

— Não me toque! — disse eu e ela ergueu uma mão em sinal de concordância.

— Desculpa — ela olhou para o contraplacado estalado, depois encolheu-se enquanto tateava as costas. Cuidadosamente, puxou para baixo o casaco. Ao cruzar o seu olhar com o meu, inspirou suavemente. O meu coração batia ao ritmo da minha dor de cabeça. — Dormiste com o Kisten e ele não te mordeu? — perguntou ela.

— Sim. E não, ele não me mordeu. E se... Alguma vez me voltar a me tocar, vou sair pela porta da frente, para sempre. Maldição, Ivy. Pensei que tínhamos deixado isso bem claro!

Eu esperava um pedido de desculpas ou algo semelhante, mas tudo o que ela fez foi observar-me especulativamente e perguntar:

— Tem a certeza? Pode não ter reparado se ele te tiver cortado o lábio por dentro.

Senti-me nervosa e percorri com a língua o interior da boca.

— Ele usou capas — disse eu, sentindo-me doente com a facilidade com que ele me podia ter enganado. Mas não o tinha feito.

Ivy pestanejou. Lentamente, sentou-se na beira do sofá, os cotovelos pousados nos joelhos e a testa pousada nas mãos. Seu corpo fino parecia vulnerável sob a luz das três velas que se encontravam em cima da mesa. Droga. Subitamente, ocorreu-me que ela desejava não só uma relação mais próxima comigo, mas que Kisten era o seu antigo namorado.

— Ivy? Estás bem?

— Não.

Cuidadosamente, sentei-me na cadeira à frente dela, o canto da mesa entre nós. Independentemente do ponto de vista, aquela situação era completamente estranha. Praguejei em silêncio, depois estendi um braço.

— Ivy. Céus, isto é constrangedor.

Ela saltou perante o peso da minha mão no seu braço, erguendo os olhos assustadoramente secos. Eu afastei-me, pousando a mão como uma coisa morta, no colo. Eu sabia que não lhe devia tocar quando ela queria mais. Mas ficar ali sentada e não fazer nada era demasiado frio.

— Simplesmente aconteceu.

Ivy tocou no lábio para constatar que tinha parado de sangrar.

— Foi apenas sexo? Não lhe deste o teu sangue?

Fui atingida pela vulnerabilidade da sua voz. A minha cabeça oscilou. Senti-me como uma boneca, os olhos muito abertos e os pensamentos vazios.

— Lamento — disse eu. — Não pensei que tu e o Kisten... — hesitei. Aquilo não era por causa do sexo, mas do sangue que ela pensou que eu lhe tinha oferecido. — Pensei que tu e o Kisten já não tinham uma relação formal — arrisquei, sem saber ao certo se estava a pôr a questão da melhor forma.

— Não partilho o sangue com Kisten senão nas raras ocasiões em que ele levou com os pés e precisa de algum carinho — disse ela, sua voz de seda cinzenta muito suave. Ainda assim, ela não abria os olhos. — Sangue não é sexo, Rachel. É uma forma de mostrarmos a alguém que gostamos dela. Uma forma de mostrar... Que a amamos.

Quase não passou de um sussurro. A minha respiração tornou-se mais rápida. Eu sentia como se estivéssemos a balançar no gume da faca e isso assustava-me terrivelmente.

— Como podes dizer que sexo não é sangue quando estás disposta a ter relações com qualquer um? — disse eu, a adrenalina tornando a minha voz mais dura do que fora a minha intenção. — Deus do céu, Ivy. Quando foi a última vez que fizeste sexo sem sangue?

Só nesse momento, ela ergueu a cabeça, chocando-me com o medo nos seus olhos. Ela estava com medo e não porque pensava que eu tinha dado o meu sangue a Kisten. Ela estava com medo das respostas que eu lhe exigia. Não creio que ela alguma vez as tivesse enfrentado, mesmo no caos que os seus desejos tinham deixado nela. Senti-me quente, depois fria. Puxando os joelhos até ao queixo, apertei contra mim os calcanhares nus.

— Está bem — disse ela, exalando, e eu soube que a próxima coisa que ela ia dizer seria chocantemente honesta. — É um bom argumento. Normalmente, uno o sangue ao sexo. Gosto assim. É uma emoção. Rachel, se ao menos... — disse ela, erguendo as mãos dos joelhos. Senti-me empalidecer. Abanei a cabeça e ela mudou de ideias em relação àquilo que ia dizer. Ela pareceu esvaziar-se, toda a tensão desaparecendo dela. — Rachel, não é o mesmo — terminou ela com a voz fraca, os olhos castanhos suplicantes.

Meus pensamentos voltaram para Kist. Um estremecimento da minha cicatriz estendeu-se até à minha virilha e fez-me respirar mais depressa. Engolindo em seco,

obriguei a sensação a abandonar o meu corpo. Afastei-me, feliz por a mesa se encontrar entre nós.

— Foi o que o Kisten disse, mas eu não consigo separar as coisas e acho que tu também não consegue — o rosto de Ivy ficou vermelho e eu soube que tinha razão. — Maldição, Ivy. Não estou a dizer que é errado que sejam a mesma coisa — disse eu. — Raios, estou a viver contigo há já sete meses. Não achas que por esta altura já saberias se eu o pensasse? Mas eu não sou assim. É a melhor amiga que eu alguma vez tive, mas não vou partilhar uma almofada contigo e nunca vou deixar que ninguém prove o meu sangue — inspirei fundo. — Também não fui feita assim. E não posso passar a minha vida a evitar uma relação verdadeira com alguém porque pode magoar os teus sentimentos. Já te disse que não vai acontecer nada entre nós e não vai. Talvez... — senti-me doente. — Talvez eu devesse sair de casa.

— Sair de casa?

Foi apenas um sussurro de decepção e o calor das lágrimas picaram nos olhos. Fitei a parede, o maxilar cerrado. Os últimos sete meses tinham sido os mais assustadores, aterrorizantes e melhores da minha vida. Eu não queria partir – e não só porque ela me estava a proteger da possibilidade de que um qualquer outro vampiro me mordesse e reclamasse –, mas ficar aqui não seria justo para nenhuma de nós se ela não conseguisse esquecer-me.

— Jenks foi embora — disse eu, a voz baixa, para que não tremesse. — Acabei de dormir com o teu antigo namorado. Não é justo que fique aqui se nunca vai existir mais nada entre nós senão a amizade. Em especial agora que a Skimmer está de volta — olhei para a porta partida, odiando-me. — Talvez fosse melhor desistirmos de tudo.

Céus, por que é que eu estava quase a chorar? Não lhe podia dar mais nada e ela precisava disso desesperadamente. Skimmer podia; Skimmer queria. Eu devia ir embora. Mas quando ergui os olhos, constatei com choque que a luz da vela brilhava sobre uma fita de umidade, logo abaixo do olho.

— Não quero que vá — disse ela e o nó na minha garganta tornou-se maior. — Uma boa amizade é razão suficiente para que fique, não é? — sussurrou ela, os olhos tão cheios de dor que acabei por derramar uma lágrima.

— Maldição — disse eu, passando um dedo por baixo do olho. — Olha o que me obrigaste a fazer.

Saltei quando ela estendeu um braço sobre a mesa e me agarrou no pulso. Meus olhos estavam presos nos dela, enquanto ela puxava para si minha mão e tocava com os lábios nos meus dedos úmidos de lágrimas. Ela fechou os olhos e as suas pestanas tremeram. Senti uma descarga de adrenalina a percorrer-me. Minha pulsação tornou-se mais veloz, a memória do êxtase induzido pelos vampiros erguendo-se nos meus pensamentos.

— Ivy? — disse eu com a voz fraca, afastando-me. Ela largou-me. Meu coração bateu com força enquanto ela respirava lentamente, provando o ar com seus sentidos, analisando minhas emoções no seu cérebro incrível, lendo o equilíbrio daquilo que eu poderia ou não fazer. Eu não queria saber qual era o resultado dos seus cálculos. — Vou fazer as malas — disse eu, temendo que ela pudesse saber mais de mim do que eu.

Os olhos dela abriram-se. Pensei ver neles um ténue brilho de força.

— Não — disse ela, o primeiro sinal do regresso da sua vontade férrea. — Somos as duas uma porcaria quando estamos sozinhas e não estou só a falar sobre esta firma idiota. Prometo que não pedirei nada de ti a não ser que seja minha amiga. Por favor... — ela inspirou. — Por favor, não vá embora por causa disso. Faz o que quiser com o Kist. Ele é um bom homem e sei que não te magoará. Mas... — ela susteve a respiração, a determinação a esmorecer. — Mas vai estar em casa quando eu regressar?

Eu acenei. Eu sabia que ela não estava a perguntar só sobre esta noite. E eu não me queria ir embora. Eu gostava daquele local: a cozinha, o jardim de bruxa, o aspecto legal de viver numa igreja. O fato de ela valorizar nossa amizade significava muito para mim e, depois de ter evitado uma verdadeira amizade durante anos por causa daquilo que tinha acontecido ao meu pai, ter uma melhor amiga significava muito. Certa vez, ela ameaçara suprimir sua proteção, de que eu necessitava desesperadamente, caso eu partisse. Desta vez não o tinha feito. Eu temia procurar o motivo, temia que tivesse tido origem na pequena excitação que eu sentira quando ela provara as minhas lágrimas.

— Obrigada — disse ela, e eu senti-me gelar quando ela se inclinou para frente sobre a mesa para me dar um rápido abraço. O cheiro a amêndoas e couro encheu os meus sentidos. — Se Kisten conseguir se convencer de que sangue não é sexo — disse ela —, promete que me dizer?

Eu olhei-a fixamente. A memória de Skimmer a beijá-la atravessou a minha mente e desapareceu. Aparentemente satisfeita, ela largou-me, ergueu-se e foi para a cozinha.

— Ivy? — murmurei, demasiado atordoada e tensa para falar mais alto, sabendo que ela me conseguia ouvir. — Quantas regras estamos nós a quebrar?

Ela hesitou, ao aparecer no corredor, a pasta e a espada na mão, saltando de um pé para o outro e não me respondendo.

— Estarei de volta depois do nascer do Sol. Talvez possamos comer um jantar tardio? Falar sobre Kisten enquanto comemos uma lasanha? Na verdade, ele é um bom cara, será bom para ti — dirigindo-me um sorriso desconfortável, ela partiu.

Sua voz tinha um ligeiro toque a arrependimento, mas eu não sabia se isso se devera ao fato de ela ter perdido a mim, ou a Kisten. Eu não queria saber. Fitei o carpete, não vendo as velas nem sentindo o odor da cera e do perfume, quando o suave estremecer da porta provocou uma alteração na pressão do ar. Quando é que a minha vida tinha ficado assim tão louca?

Tudo o que eu quisera fora desistir da SI, ajudar algumas pessoas, fazer algo comigo e com a minha licenciatura. Desde então, tinha descoberto e afastado meu primeiro namorado de verdade em muitos anos, insultado um clã de *pixies*, me transformado no anel de ouro de Ivy e tido relações sexuais com um vampiro vivo. Isso sem contar com as duas ameaças de morte a que tinha sobrevivido, ou a situação precária com Trent. O que raio estava eu a fazer?

Erguendo-me, cambaleei para a cozinha, o rosto gelado e as pernas parecendo-se com borracha. Erguendo os olhos, perante o som de água a correr, estanquei. Algaliarept estava na pia, a encher a chaleira, o cobre manchado pela condensação.

— Boa noite, Rachel — disse ele, sorrindo e revelando-me os seus dentes lisos. — Espero que não se importe que faça um pouco de chá. Temos muito para fazer antes do nascer do Sol.

Oh, céus! Tinha-me esquecido daquilo.



23

— Maldição! — praguejei recuando. O santuário. Se eu conseguisse chegar a solo sagrado, ele não me poderia tocar. Guinchei quando uma mão pesada se abateu sobre o meu ombro. Girando, arranhei seu rosto. Este se tornou uma névoa e eu corri quando o seu aperto desapareceu. Num instante, ele agarrou-me no tornozelo e puxou-me fazendo-me cair. — Larga-me! — gritei, quando caí ao chão, a voz rouca enquanto o pontapeava.

Ele virou-me, deslizando para a geladeira. O seu rosto assumiu uma compleição faminta de sol e os seus olhos vermelhos, como os de uma cabra, tornaram-se gulosos sob os óculos escuros. Eu ergui-me com esforço e ele saltou, agarrando-me com a mão coberta por uma luva branca e dando-me um safanão que me fez chocalhar os dentes. Empurrou-me e eu choquei com o balcão da ilha, como uma boneca de trapos. Girando, encostei as costas à ilha, os olhos muito abertos e o coração a bater rapidamente. Eu era tão burra. Eu era tão burra!

— Se voltar a fugir, considerarei uma quebra do nosso acordo — disse ele calmamente. — Esse é o teu aviso. Por favor, foge. Tornaria tudo tã-ã-ã-ão mais simples.

Tremendo, agarrei-me ao balcão para manter o equilíbrio.

— Vai embora — disse eu. — Não te invoquei.

— Já não é assim tão simples — disse ele. — Tive de passar o dia inteiro na biblioteca, mas encontrei precedente — sua pronúncia precisa tornou-se ainda mais oficial e ele encostou os nós dos dedos no casaco de veludo verde e citou: — "Se o dito familiar se encontrar no local beta em resultado de um empréstimo, ou evento similar, o mestre poderá procurar o familiar por ordem a que este realize os seus deveres." Abriu a porta ao usar a linha — acrescentou ele. — E já que tenho uma tarefa para ti, ficarei por aqui até que a realize.

Senti-me doente.

— O que queres? — sobre o balcão da cozinha encontrava-se um caldeirão para feitiços repleto de um líquido âmbar que cheirava a sardinha. Eu não tinha contado com a possibilidade de ele trazer o trabalho até mim.

— O que quer... Mestre — corrigiu Al, sorrindo e mostrando-me os dentes grandes e compactos.

Eu prendi o cabelo atrás da orelha.

— Quero que saia da minha cozinha.

O seu sorriso nem estremeceu quando, num movimento poderoso, me esbofeteou com as costas da mão. Refreei um arquejo, procurando o equilíbrio. Senti uma descarga de adrenalina enquanto ele me agarrava pelo ombro, mantendo-me direita.

— Que garota tão divertida — murmurou ele, a sua elegância britânica arrepiando- me e as suas feições finamente talhadas tornando-se duras. — Diga.

O sabor forte do sangue chegou-me à língua. Tinha as costas dolorosamente encostadas ao balcão.

— O que quer, ó gracioso mestre do meu traseiro?

Não tive tempo para me desviar, quando as costas da sua mão se lançaram de novo contra mim. A dor trespassou-me o rosto e eu caí ao chão. As botas de Al, com a sua fivela de prata, surgiram à minha frente. Ele estava a usar meias brancas, e havia renda no local onde elas se encontravam com o fundo das calças.

Senti as náuseas crescerem. Toquei no meu rosto, sentindo-o a arder e odiando-o. Tentei levantar-me, incapaz de fazê-lo quando ele pôs um pé sobre o meu ombro e me

obrigou a descer. Odiando-o ainda mais, afastei o cabelo do rosto para consegui-lo ver. Que diferença é que fazia?

— O que quer, mestre? — senti-me prestes a vomitar.

Seus lábios finos curvaram-se num sorriso. Puxando pela renda das mangas, curvou-se para me ajudar solicitamente a levantar. Eu recusei a sua ajuda, mas ele puxou-me para cima tão depressa que dei por mim encostada a ele, inspirando o cheiro do veludo e do âmbar queimado.

— Quero isso — sussurrou ele, enfiando uma mão debaixo da minha camisola, procurando. O meu coração começou a bater veloz. Sentindo-me rígida, cerrei os dentes. Hei de matá-lo. De alguma forma, hei de matá-lo. — Uma conversa tão tocante a que tiveste com a tua companheira de casa — disse ele e eu estremeci, quando sua voz se transformou na de Ivy. A eternidade crepitou através de mim quando sua aparência se alterou quando ainda me estava a tocar. Os seus olhos vermelhos de cabra fitavam-me a partir do rosto perfeito de Ivy. Esguia e firme, a imagem do seu corpo envolta em couro encostava-se contra mim, prendendo-me ao balcão. Da última vez, ele tinha me mordido. Oh, céus! Outra vez não. — Mas talvez prefira isso — disse ele, com a voz de seda cinzenta dela e o suor começou a correr no fundo das minhas costas. O seu longo cabelo liso tocou-me no rosto, o sussurro sedoso arrancando um arrepio imparável à minha pele. Sentindo onde os nossos corpos se estavam a tocar, ele inclinou-se ainda mais, até eu me ter encolhido. — Não te afaste — disse ele, com a voz de Ivy, e eu senti-me ainda mais resoluta. Ele era vil. Ele era um sacana. Eu ia matá-lo por aquilo. — Lamento, Rachel... — murmurou ele, os dedos compridos queimando os pontos onde tocavam, traçando uma linha do meu ombro até ao meu quadril. — Não estou zangada. Compreendo que tenha medo. Mas as coisas que te poderei ensinar... Se ao menos soubesse os auges de paixão que poderíamos encontrar — a respiração dele estremeceu. Os braços de Ivy envolviam-me, frios e leves, puxando-me gentilmente para ele contra a minha vontade. Eu podia sentir nela o odor rico a incenso escuro e cinza. Ele tinha a reproduzido na perfeição. — Deixa-me mostrar? — sussurrou a visão de Ivy e eu fechei os olhos. — Só uma amostra... Sei que te posso fazer mudar de ideias — tratava-se de uma súplica, carregada com os seus desejos vulneráveis. Era tudo aquilo que ela não tinha dito, tudo aquilo que ela nunca diria. Os meus olhos abriram-se quando a minha cicatriz despertou. Deus, não! O fogo correu até à minha virilha. Com os joelhos fracos, tentei afastá-la. Os olhos vermelhos do demônio assumiram um tom castanho líquido e ele agarrou-me com mais força, puxando-me para mais perto até a sua respiração ir e vir no meu pescoço. — Suavemente, Rachel — sussurrou a voz dela. — Eu podia ser tão

gentil. Eu podia ser tudo o que um homem não pode ser. Tudo o que quer. Basta uma pequena palavra, Rachel. Diz-me que sim?

Eu não podia... Eu não podia lidar com aquilo agora.

— Não tinha algo para fazer? — disse eu. — O Sol vai levantar-se em breve e eu preciso ir para a cama.

— Calma — disse ele, a voz cantada, a respiração de Ivy a cheirar a laranja —, só há uma primeira vez.

— Larga-me — disse eu com a voz tensa. — Você não é a Ivy e eu não estou interessada.

Os olhos de Ivy repletos de paixão semicerraram-se, mas toda a atenção de Al estava presa em algum lugar acima do meu ombro e não me pareceu que tivesse sido algo que eu tivesse dito. Ele largou-me e eu cambaleei tentando recuperar o equilíbrio. O brilho da eternidade derramou-se em cascata sobre ele, fazendo derreter as suas feições até assumirem a normal imagem de um jovem lorde britânico do século XVIII. Os óculos estavam de volta para esconder os seus olhos e ele ajeitou-os sobre o nariz fino.

— Que maravilha — disse ele, mudando também sua pronúncia. — Ceri.

Ouvi o som distante da porta da frente a abrir-se.

— Rachel! — disse a voz dela, aguda e assustada. — Ele está deste lado das linhas! — com o coração a bater veloz, virei-me. Inspirei preparando-me para avisá-la, mas era tarde demais. Minha mão estendida caiu, quando ela se lançou para o interior da divisão, o simples vestido verde esvoaçando em redor dos seus pés descalços, quando ela parou na entrada. Os olhos verdes grandes e emotivos, ela levou uma mão ao peito pousando-a sobre o crucifixo de Ivy. — Rachel... — murmurou ela, a decepção fazendo-lhe descer os ombros.

Al deu um passo e ela girou como uma bailarina, apontando com o dedo do pé e com o cabelo solto a esvoaçar. Ela recitou um poema que eu nunca antes ouvira, entrelaçado com escuridão, e uma onda de energia das linhas desceu em cascata entre nós. De rosto pálido e estendendo os braços, ela fitou-o, tremendo no interior do seu pequeno círculo.

O demônio pomposo sorriu, ajustando a renda em redor do colarinho.

— Ceri. Como é esplêndido ver-te. Já tinha saudade tuas, querida — quase ronronou.

O queixo da mulher tremeu.

— Bane-o, Rachel — disse ela, seu medo óbvio. Eu tentei engolir, não sendo capaz de fazê-lo.

— Puxei uma linha. Ele encontrou precedente. Tem uma missão para mim.

Os olhos dela abriram-se muito.

— Não...

Al franziu o cenho.

— Há mil anos que não ia à biblioteca. Eles estavam a sussurrar atrás das minhas costas, Ceri. Tive de renovar meu cartão. Foi quase embaraçoso. Todos sabem que partiste. É o Zoe quem me tem feito o chá. É o chá mais horrível que alguma vez provei. Ele não consegue segurar a colher de açúcar com apenas dois dedos. Volta para casa — seu rosto agradável enrugou-se num sorriso. Farei com que valha a tua alma.

Ceri saltou. De queixo erguido, ela disse num tom desafiante:

— O meu nome é Ceridwen Merriam Dulciate.

Um som rude de alegria escapou-se dele. Tirando os óculos, ele encostou um cotovelo ao balcão. Com o seu olhar trocista preso no meu, ele murmurou:

— Ceri, não quer ser educada e fazer-me um chá? — fiquei estupefata quando Ceri baixou a cabeça e deu um passo. Al riu quando ela emitiu um grito de desagrado consigo própria e parou no limite do seu círculo. Os pequenos punhos cerrados, ela espumou. — Os velhos hábitos são difíceis de perder — troçou ele.

Senti a bílis ferver dentro de mim. Mesmo agora ela era dele.

— Deixe-a em paz — rosnei.

Vinda de lado nenhum, a mão envolta na luva branca atingiu-me. Eu girei embatendo contra o balcão, o maxilar a arder. Arquejando, dobrei-me sobre ele, o cabelo caindo-me em redor do rosto. Estava a ficar cansada disto.

— Não bata nela! — disse Ceri, a voz aguda e furiosa.

— Incomoda-te? — disse ele com leveza. — A dor impele-a mais do que o medo. O que é bom... A dor mantém uma pessoa viva durante mais tempo do que o medo.

A minha dor transformou-se em raiva. Erguendo as sobrancelhas, ele desafiou-me a protestar, enquanto eu recuperava o fôlego. Os olhos de cabra deslizaram até ao caldeirão do tamanho de uma cabeça que ele tinha trazido consigo.

— Vamos começar, pode ser? — olhei para o caldeirão, conhecendo a mistura pelo cheiro. Era a que servia para transformar uma pessoa num familiar. O medo deixou-me gelada e envolvi o meu corpo com os braços. — Já estou coberta com a tua aura — disse eu. — Fazer com que eu receba mais não fará qualquer diferença.

— Não pedi a tua opinião — saltei para trás quando ele se moveu. Sorrindo, estendeu-me um cesto que lhe tinha aparecido na mão. Podia sentir o cheiro da cera. — Coloca as velas — ordenou ele, divertido com a minha reação rápida.

— Rachel... — sussurrou Ceri, mas eu não consegui olhar para ela.

Tinha prometido ser a familiar dele e agora seria. Miserável, os meus pensamentos viajaram até Ivy, enquanto dispunha as velas de um verde leitoso nos locais marcados a verniz preto. Por que eu não era capaz de tomar boas decisões? A minha mão tremeu sobre a última vela. Tinha marcas, como se algo tivesse tentado quebrar o círculo, atravessando-a. Algo com grandes garras feias.

— Rachel! — ladrou Al e eu saltei. — Não as dispuseste de acordo com os seus nomes — segurando ainda a última vela, fitei-o com o rosto inexpressivo. Além, Ceri lambia os lábios, nervosa. — Não sabe seus nomes? — acrescentou Al e eu abanei a cabeça, não desejando ser agredida de novo, mas ele limitou-se a suspirar. — Eu tratarei disso quando as acender — resmungou, o rosto pálido assumindo um tom rosado. — Esperava mais de ti do que isso. Ao que parece, passaste quase todo o teu tempo com magia de terra, negligenciando as artes das linhas *Ley*.

— Sou uma bruxa de terra — disse eu. — Por que me daria a esse trabalho?

Ceri saltou, quando ele ameaçou bater-me de novo, o seu cabelo quase translúcido esvoaçando.

— Deixa-a, Algaliarept. Não a quer como familiar.

— Está a oferecer-te para tomar seu lugar? — troçou ele, e eu inspirei, temendo que ela o fizesse.

— Não! — gritei, e ele riu.

— Não te preocupe, Rachel, querida — trauteou ele e eu estremeci quando ele passou o dedo enluvado pela linha do meu maxilar, traçando o caminho ao longo do meu braço até à minha mão, para me tirar a vela. — Mantenho os meus familiares até que apareça algo melhor e, embora sejas tão ignorante como um sapo, és capaz de guardar quase o dobro da energia das linhas do que ela — ele sorriu. — Sortuda — batendo por uma vez as mãos enluvadas, virou-se, fazendo esvoaçar as caudas do casaco. — Agora. Observa com atenção, Rachel. Amanhã, serás tu a acender minhas velas. São palavras que movem tanto mortais como deuses, tornando-os a todos iguais e capazes de manter o meu círculo inteiro mesmo contra Newt.

Maravilha.

— *Salax* — disse ele enquanto acendia a primeira vela com o acendedor de fogão vermelho da espessura de um lápis que lhe apareceu na mão enluvada. — *Aemulatio* — disse ele ao acender a segunda. — *Adfictatio, cupidus* e a minha preferida *inscitia*.

Enquanto ele sorria, o isqueiro ainda aceso desapareceu da sua mão. Senti-o aceder a uma linha e, com um remoinho translúcido de vermelho e negro, o seu círculo ergueu-se num arco fechando-se sobre as nossas cabeças. A minha pele arrepiou-se devido à sua força e eu envolvi o corpo com os braços. Eis algumas das minhas coisas preferidas, ouvi na minha mente e refreei uma gargalhada histérica. Eu ia ser a familiar de um demônio. Agora não tinha como escapar. Al ergueu a cabeça perante o horrível ruído abafado e o rosto de Ceri perdeu toda a expressão.

— Algaliarept — implorou ela. — Está exigindo muito dela. A sua força de vontade é muito para ser facilmente vergada.

— Prepararei meus familiares conforme achar melhor — disse ele com a voz calma. — Algumas bases e ela será tão boa como a chuva para o deserto — com uma mão no quadril e a outra a envolver o seu próprio queixo, ele mirou-nos especulativo. — Está na hora do teu banho, querida.

Algaliarept estalou os dedos com um movimento rebuscado. A mão abriu-se e um balde de cedro surgiu-lhe, pendurado. Os meus olhos abriram-se de espanto quando ele lançou o seu conteúdo na minha direção. A água fria jorrou sobre mim. A minha respiração explodiu num grito de afronta. Era água salgada, fazia-me arder os olhos e pingava-me para dentro da boca. A realidade atingiu-me, tornando mais claros os meus

pensamentos. Ele estava a assegurar-se de que eu não tinha comigo quaisquer poções que pudessem contaminar o feitiço.

— Não uso poções, sua merda verde gigante! — gritei, agitando os braços com as mangas ensopadas.

— Vê? — disse Al, obviamente satisfeito. — Muito melhor — a ligeira dor nas minhas costelas tornou-se patente já que o meu amuleto contra a dor se tornara inútil. A maior parte da água estava a ensopar a minha pequena biblioteca de livros de feitiços. Se eu sobrevivesse àquilo, teria de arejá-los a todos. Que idiota. — Oooooh, o teu olho está a sarar muito bem — disse ele, enquanto estendia um braço para tocar. — Andamos a comer o Enxofre da amiga, não é? Espera só até provares o verdadeiro. Vai te virar do avesso — desviei-me quando a sua mão enluvada me tocou na pele, com o seu cheiro a lavanda, mas a mão de Al desceu um pouco e agarrou-me pelo cabelo. Guinchando, tentei chutá-lo. Ele apanhou a minha perna, movendo-se mais depressa do que eu conseguia acompanhar. Ceri fitava-me, sentindo pena, enquanto eu lutava inutilmente. Segurando o meu pé bem alto, ele forçou-me contra o balcão. Os seus óculos tinham caído e ele sorria-me com um prazer dominador. — Da forma mais difícil — sussurrou ele. — Maravilhoso.

— Não! — exclamei, quando um par de tesouras brilhou subitamente na sua mão.

— Fica quieta — disse ele, largando o meu pé e prendendo-me contra o balcão.

Eu contorci-me e cuspi-lhe, mas ele tinha-me presa contra o balcão e eu nada podia fazer. Entrei em pânico quando ouvi o som do metal a raspar. Ele largou-me, transformando-se numa névoa, e eu caí ao chão. Agarrando o cabelo com uma mão, esforcei-me por me levantar.

— Para! Para de uma vez! — gritei, alternando a minha atenção entre a sua alegria e o pedaço que ele me cortara ao cabelo. Maldição, tinha pelo menos dez centímetros de comprimento. — Sabe quanto tempo é que demora o cabelo a crescer!

Al dirigiu a Ceri um olhar de esguelha, enquanto as tesouras desapareciam e ele deixava cair o meu cabelo na poção.

— Ela está preocupada com o cabelo?

O meu olhar prendeu-se nas madeixas vermelhas que flutuavam no topo da mistura de Al e, enquanto me erguia no meio da cozinha com a camisola molhada,

senti-me gelar. Aquele caldeirão de poção não era destinado a transferir para mim mais aura de Al. Era para lhe dar a minha.

— Oh, nem pense! — exclamei, recuando. — Não te vou dar minha aura!

Al tirou uma colher de cerâmica do suporte por cima da ilha e empurrou as madeixas de cabelo para o fundo. Ele tinha uma elegância refinada nas suas vestes de veludo e renda, cada centímetro dele em tão boa forma quanto inumanamente possível.

— Isso é uma recusa, Rachel? — murmurou ele. — Por favor, diz-me que sim?

— Não — sussurrei. Não havia nada que eu pudesse fazer. Nada. O sorriso dele tornou-se ainda maior.

— Agora o teu sangue para ativá-la, querida.

Com a minha pulsação a bater veloz, olhei para a agulha que ele segurava entre o indicador e o polegar, sobre o caldeirão. Se corresse, seria sua. Se fizesse aquilo, ele poderia usar-me através das linhas. Maldição, maldição e dupla maldição. Entorpecendo os meus pensamentos, peguei na agulha de prata manchada. Fiquei com a boca seca quando vi todo seu peso. Era tão comprida como a palma da minha mão e elaborada e trabalhada. A ponta era de cobre, para que a prata não interferisse com o feitiço. Espreitando mais perto, senti meu estômago contorcer-se. O desenho de um corpo nu contorcia-se em redor do corpo da agulha.

— Deus me salve — sussurrei.

— Ele não está a ouvir. Está muito ocupado — fiquei rígida. Al erguia-se atrás de mim e sussurrava-me ao ouvido. — Termina a poção, Rachel — sua respiração era quente na minha face e eu não conseguia mover-me enquanto ele puxava o meu cabelo para trás. Um arrepio atravessou-me enquanto ele inclinava a cabeça e se aproximava ainda mais. — Termina... — sussurrou ele, os seus lábios tocando-me a pele. Podia sentir o odor de goma e lavanda. Cerrando os dentes, agarrei na agulha e piquei-me. A minha respiração sustida explodiu de mim e eu sustive-a uma vez mais. Pensei ter ouvido Ceri chorar. — Três gotas — sussurrou Al, tocando-me com o nariz no pescoço. Doía-me a cabeça. Com o sangue a correr veloz, ergui o dedo sobre o caldeirão e esfreguei-o até derramar três gotas. O perfume de pau-brasil ergueu-se, tornando-se, por breves instantes, mais potente do que o fedor de âmbar queimado. — Hum, tão rico — a mão dele envolveu a minha, recuperando a agulha. Esta desapareceu num borrão de eternidade e ele segurou-me no dedo que sangrava. — Deixa-me provar?

Saltei para trás, para tão longe dele quanto me era possível, o meu braço estendido entre ambos.

— Não!

— Deixa-a em paz! — implorou Ceri.

Lentamente, Al foi me soltando. Observava-me, uma nova tensão a crescer dentro dele. Lutei por libertar a minha mão e coloquei mais um passo entre ambos. Envolvi o corpo com os braços, sentindo frio, apesar do aquecedor que soprava junto aos meus pés descalços.

— Sobe para o espelho — disse ele, seu rosto sem qualquer expressão por trás dos óculos escuros.

O meu olhar saltou para ele, esperando-me no chão.

— Eu... Não posso — sussurrei.

Ele apertou os lábios finos e eu cerrei os dentes para me manter em silêncio quando ele pegou em mim e me colocou sobre o espelho. Eu inalei, os olhos abrindo-se de espanto quando senti que me tinha afundado uns cinco centímetros no espelho.

— Oh, céus! — gemi, desejando agarrar-me ao balcão, mas Al estava no caminho, sorrindo.

— Empurra a tua aura — disse ele.

— Não posso — arquejei, sentindo-me hiperventilar.

Al desceu os óculos ao longo do seu nariz e olhou-me por cima deles.

— Não faz diferença. Está a dissolver-se como açúcar à chuva.

— Não — sussurrei. Os meus joelhos começaram a tremer e o martelar no interior da minha cabeça piorou. Podia sentir a minha aura a deslizar de mim e a de Al a agarrar-me com mais força.

— Suavemente — disse Al, seus olhos de cabra fixos no espelho.

O meu olhar seguiu o dele e eu agarrei-me ao estômago. Conseguia ver-me refletida nele. O meu rosto estava coberto pela aura de Al, negro e vazio. Só os meus olhos eram visíveis, um ténue brilho cintilando neles. Era a minha alma, tentando gerar

aura suficiente para se interpor entre a aura de Al e eu. Não era suficiente, já que o espelho a sugava toda e eu podia sentir a presença de Al a afundar-se em mim.

Descobri que estava a arquejar. Imaginei como deveria ter sido para Ceri, sua alma totalmente desaparecida e a aura de Al impregnando-a assim, durante todo o tempo, estranha e errada. Tremi. As mãos a tapar a minha boca, olhei freneticamente em busca de algo para onde vomitar. Sentindo o estômago às voltas, saltei do espelho. Não ia vomitar. Não ia.

— Maravilhoso — disse Al, enquanto eu me dobrava em duas, os dentes cerrados e a bílis a subir dentro de mim. — Tirou toda. Vem. Eu vou colocá-la por ti no caldeirão.

A sua voz era alegre e luminosa e, enquanto eu o perscrutava por entre o cabelo, Al deixou cair o espelho no interior da poção. A mistura brilhou tornando-se límpida. Como eu sabia que aconteceria. Ceri estava sentada no chão, chorando com a cabeça nos joelhos. Ela ergueu a cabeça e eu achei que ela parecia ainda mais bela devido às suas lágrimas. Eu ficava horrível quando chorava.

Saltei quando um espesso tomo amarelado caiu sobre o balcão ao meu lado. A luz que atravessava a janela começava a ficar mais forte, mas o relógio dizia que ainda eram apenas cinco da manhã. Ainda faltavam quase três horas até que o sol se erguesse e terminasse aquele pesadelo. A não ser que Al o terminasse mais cedo.

— Lê.

Baixando os olhos, reconheci-o. Era o livro que eu tinha encontrado no meu sótão, aquele que Ivy jurava não se encontrar entre as coisas que ela lhe tinha deixado para mim. O mesmo que eu dera a Nick para que o guardasse, depois de tê-lo acidentalmente tornado meu familiar e o mesmo livro que Al levara de nós ao engano. Aquele que Algaliarept escrevera para tornar as pessoas familiares de demônios. Merda. Engoli em seco. Os meus dedos pareciam pálidos quando os pousei sobre o texto, percorrendo-o até encontrar o encantamento. Estava em latim, mas eu sabia a tradução.

— Um pouco para ti, mas todo para mim — sussurrei. — Preso por laços por pedido tornado assim.

— *Pars tibi, totum mihi* — disse Al sorrindo. — *Vinctus vinculuis*, *prece fractis*.

Os meus dedos começaram a tremer.

— Lua tornada segura, noite antiga tornada sã. Caos decretado, viagem realizada se vã.

— *Luna servata, lux sanata. Chaos statutum, pejus minutum*. Vamos. Termina.

Faltava apenas uma linha. Uma linha e o feitiço estaria terminado. Catorze palavras e a minha vida seria um inferno vivo quer eu estivesse deste lado das linhas ou não. Inspirei fundo. Depois, mais uma vez.

— Protegido da mente — sussurrei, a minha voz a tremer, fazendo com que fosse mais difícil respirar. — Portador de sofrimento. Escravo até o universo terminar o seu movimento...

O sorriso de Al cresceu e os seus olhos tornaram-se negros.

— *Mentem tegens, malum ferens* — entoou ele. — *Semper servus. Dum duret... mundus*.

Com uma impaciência ansiosa, Al tirou as luvas e mergulhou as mãos no caldeirão. Eu saltei. Um som metálico reverberou através de mim, seguido por uma tontura que me apertou o estômago. Negro e abafado, o encantamento envolveu a minha alma, deixando-me dormente. Com as mãos, de nós dos dedos vermelhos, a pingar, Al encostou-se ao balcão para recuperar o equilíbrio. Um brilho vermelho descia sobre ele em cascata e a sua imagem tornou-se turva antes de recuperar a consistência. Ele pestanejou, aparentemente abalado.

Inspirei fundo, depois repeti mais uma vez. Estava terminado. Ele tinha a minha aura de vez... Tudo exceto o que a minha alma tentava desesperadamente substituir, atravessar entre o meu ser e a aura de Al que ainda me cobria. Talvez com o tempo a situação melhorasse, mas eu duvidava.

— Ótimo — disse ele, puxando para baixo as mangas e limpando as mãos a uma toalha preta que lhe surgiu de repente. As luvas brancas materializaram-se, escondendo-lhe as mãos. — Ótimo e terminado. Legal.

Ceri chorava baixinho, mas eu estava demasiado derrotada para sequer olhar para ela. O meu celular tocou no interior da minha bolsa, no balcão do lado oposto, soando absurdo. O que restava da fugaz inquietação de Al desapareceu.

— Oh, deixa-me atender — disse ele, quebrando o círculo quando o foi buscar. Estremeci quando senti um ligeiro puxão no meu centro vazio, enquanto a energia regressava a Al e à linha de onde tinha vindo. As sobrancelhas de Al ergueram-se de

prazer, quando ele se virou com o meu celular em suas mãos enluvadas. — Pergunto-me quem será? — disse, com um sorriso afetado. Incapaz de me manter de pé, deslizei para o chão, as costas encostadas ao balcão enquanto abraçava os joelhos. O ar era quente sobre os meus pés descalços, mas os meus jeans úmidos ensopavam o frio. Eu era o familiar de Al. Por que é que continuava a dar-me ao trabalho de continuar a mover o ar para dentro e fora dos meus pulmões?

— É por isso que nos tiram a alma — sussurrou Ceri. — Não te podem matar se ainda tiver sua força de vontade.

Fitei-a, só agora compreendendo.

— Esto-o-ou? — ronronou Al, apoiando-se na pia, o cilindro cor de rosa parecendo estranho entre o seu charme do velho mundo. — Nicholas Gregory Sparagmos! Que prazer!

Ergui a cabeça.

— Nick? — sussurrei.

Al pousou a mão comprida sobre o bucal do telefone e disse-me, com um sorriso afetado:

— É o teu namorado. Eu vou pôr para correr por ti. Parece cansada — Torcendo o nariz, virou-se de novo para o telefone. — Sentiu isso, foi? — disse alegremente. — Falta-te qualquer coisa, não é? Tem cuidado com aquilo que deseja, pequeno feiticeiro.

— Onde está a Rachel? — ouviu-se a voz de Nick, fraca e aguda. Ele parecia em pânico e senti o coração apertado. Estendi uma mão, sabendo bem que Al não me entregaria o telefone.

— Ora, está a meus pés — disse Al, sorrindo. — Minha, toda minha. Ela cometeu um erro e agora é minha. Podes enviar as flores. É tudo aquilo que poderá fazer.

O demônio escutou por um instante, as emoções tremeluzindo sobre ele.

— Oh, não te ponhas a fazer promessas que não podes manter. É de tãão baixo nível. Já agora, deixei de precisar de um familiar, por isso não voltarei a responder aos teus chamados; não os repitas. Ela salvou a tua alma, homenzinho. É pena que nunca lhe tenhas dito o quanto a ama. Os humanos são tão estúpidos — ele desligou, com Nick a meio de um protesto. Fechando o telefone com um estalo, voltou a largá-lo na minha bolsa. Ele recomeçou a tocar logo de seguida e ele tocou-lhe por uma vez. O meu

telefone tocou a sua horrenda música de despedida e desligou-se. — Agora — Al bateu palmas —, onde estava? Ah, sim! Volto já. Quero ver isso funcionar — com os olhos vermelhos a brilhar de prazer, ele desapareceu com um ligeiro movimento do ar.

— Rachel! — gritou Ceri. Ela caiu sobre mim, arrastando-me para fora do círculo quebrado. Eu empurrei-a, demasiado deprimida para tentar escapar. Estava quase a acontecer. Al ia encher-me com a força, obrigar-me a sentir os seus pensamentos, transformar-me numa pilha ruiva capaz de fazer o seu chá e lavar a louça. A primeira das minhas lágrimas de impotência começou a correr, mas não consegui encontrar a força de vontade para me odiar por elas. Eu sabia que devia estar a chorar. Eu tinha apostado a vida para prender Piscary e perdera. — Rachel! Por favor! — implorou Ceri, magoando-me o braço enquanto tentava puxar-me. Os meus pés molhados chiavam e eu puxei por ela, tentando fazer com que ela parasse. Uma bolha vermelha de eternidade estalou, ganhando a sua existência no local onde Al tinha estado antes de desaparecer. A pressão do ar alterou-se violentamente e tanto Ceri como eu levamos as mãos aos ouvidos.

— Para o céu com tudo isso! — praguejou Al, o sobretudo de veludo verde aberto e torto. O cabelo estava desgrenhado e os óculos tinham desaparecido. — Fizeste tudo corretamente! — gritou ele, gesticulando violentamente. — Eu tenho a tua aura. Tu tens a minha. Por que não consigo chegar até ti através das linhas?

Ceri ajoelhou-se atrás de mim, envolvendo-me com um braço protetor.

— Não funcionou! — disse ela com a voz a tremer, puxando-me um pouco mais para trás. O seu dedo molhado traçou um círculo rápido à nossa volta.

— Eu tenho ar de que tenha funcionado? — exclamou ele. — Pareço feliz?

— Não — sussurrou ela e o círculo ergueu-se à nossa volta, manchado de negro, mas forte. — Rachel — disse ela, apertando-me ligeiramente. — Vai ficar bem.

Al ficou imóvel. Mortalmente quieto, virou-se, as suas botas emitindo um som suave contra o chão.

— Não, não vai.

Os meus olhos abriram-se muito perante a sua raiva frustrada. Oh, céus! Outra vez não. Eu fiquei rígida, quando ele puxou a energia da linha e a lançou contra mim. Com o gesto, ouviu-se um sussurro de emoção, satisfeita, repleta de antecipação. O fogo

atravessou-me e eu gritei, empurrando Ceri. A bolha dela rebentou numa sensação brilhante de agulhas quentes, aumentando a minha agonia.

Enroscada em posição fetal, pensei freneticamente na palavra *tulpa*, relaxando de alívio quando a torrente me atravessou e se instalou na esfera na minha cabeça. Arquejando, ergui lentamente a cabeça. A frustração e a confusão de Al encheram-me. A minha raiva cresceu até ter esmagado as suas emoções.

Os pensamentos de Al nos meus transformaram-se em surpresa. A minha visão tornou-se desfocada enquanto aquilo que eu via entrava em conflito com aquilo que o meu cérebro sabia como certo, tropecei, levantando-me. A maior parte das velas tinha se apagado, tinha tombado gerando poças de cera e enchia o ar com o cheiro do fumo. Al sentiu meu desafio através da nossa ligação e o seu rosto desfigurou-se quando o meu orgulho por ter aprendido a acumular energia o inundou.

— Ceri... — ameaçou ele, semicerrando os olhos de cabra.

— Não funcionou — disse eu, a minha voz baixa enquanto eu observava por entre as madeixas do meu cabelo molhado. — Sai da minha cozinha.

— Vou possuir-te, Morgan — rosnou Al. — Se não te puder levar pelo direito, te espancarei até à submissão e te puxarei, quebrada e a sangrar.

— Oh, sim? — respondi-lhe. Olhei de relance para o caldeirão que tinha contido a minha alma. Os seus olhos abriram-se de espanto quando percebeu o meu pensamento mal eu o tive. O laço ia agora em ambos os sentidos. Ele tinha cometido um erro. — Sai da minha cozinha! — exclamei, libertando a energia das linhas que ele me tinha forçado a segurar, através do nosso laço familiar e para dentro dele. Endireitei-me subitamente, enquanto toda a energia fluía de mim para ele, deixando-me vazia. Al cambaleou para trás, chocado.

— Sua *cadela*! — gritou ele, a sua imagem tornando-se turva. Cambaleando para se manter de pé, ele puxou pela linha, acrescentando mais força.

Semicerrando os olhos, preparei os meus pensamentos para lançá-la de volta para ele. O que quer que ele enviasse para dentro de mim acabaria dentro dele. Al engasgou-se quando percebeu o que eu ia fazer. Senti um súbito aperto no estômago e esbarrei, apoiando-me na mesa, enquanto ele quebrava a conexão entre nós. Fitei-o do outro lado da cozinha, a respiração rouca. Aquilo ia ser resolvido ali mesmo, naquele instante. Um de nós ia perder. E não ia ser eu. Não na minha cozinha. Não naquela noite. Al recuou

um dos pés, assumindo uma atitude enganadoramente relaxada. Passou uma mão pelo cabelo, alisando-o. Os seus óculos escuros surgiram no seu rosto e ele abotoou o casaco.

— Isso não está a funcionar — disse ele num tom monocórdico.

— Não — disse eu com a voz rouca. — Não está.

Segura no interior do seu círculo, Ceri deu uma risadinha.

— Não pode ficar com ela, Algaliarept, seu grande idiota — troçou ela, fazendo com que eu me questionasse quanto à sua escolha de palavras. — Fizeste com que o portão da familiaridade se abrisse para ambos os lados quando a obrigaste a entregar-te sua aura. É o seu familiar tanto como ela é o teu.

O rosto momentaneamente plácido de Al floresceu numa expressão de raiva.

— Usei este feitiço um milhar de vezes para ordenhar auras e isto nunca aconteceu antes e eu não sou familiar dela.

Observei, sentindo-me tensa e doente quando um banco de três pernas surgiu atrás de Al. Parecia algo que Atila, o Huno teria usado, com uma almofada de veludo vermelho e uma franja de crina de cavalo que chegava ao chão. Sem se dar ao trabalho de verificar se estava atrás dele, sentou-se, com uma expressão confusa.

— Foi por isso que o Nick ligou — disse eu e Al dirigiu-me um olhar paternalista. Quando ele tomou a minha aura, quebrou o laço que eu tinha com Nick. Ele tinha sentido. *Oh, droga! O Al era o meu familiar!*

Ceri fez-me um gesto para que eu me juntasse a ela no seu círculo, mas eu não podia arriscar que ela se magoasse, no instante que demoraria a reerguê-lo. Al, por outro lado, estava mais preocupado com os seus próprios pensamentos.

— Isso não está certo — murmurou ele. — Já fiz isto antes com centenas de bruxas com alma e nunca formou um laço assim tão forte. O que há de tão diferente em... — meu estômago deu um nó quando toda a emoção visível desapareceu do rosto dele. Ele olhou de relance para o relógio sobre a pia, depois para mim. — Vem cá, bruxinha.

— Não.

Ele apertou os lábios e ergueu-se. Arquejando, recuei, mas ele agarrou no meu pulso e puxou-me para o balcão da ilha.

— Já fizeste este feitiço antes — disse ele, enquanto apertava o dedo que eu tinha espetado com a agulha, fazendo-o sangrar de novo. — Quando tornaste Nicholas Gregory Sparagmos teu familiar. Era o teu sangue na mistura, bruxinha, foi ele que invocou?

— Sabe que foi — estava demasiado esgotada para continuar a sentir medo. — Estava lá — não conseguia ver os seus olhos, mas o meu reflexo nos óculos parecia horrível e pálido, o cabelo molhado e empastado.

— E funcionou — disse ele, pensativamente. — Não se limitou a uni-los, uniu-os com força suficiente para que conseguisse puxar uma linha através dele?

— Foi por isso que ele partiu — disse eu, surpreendida por ainda sentir a dor.

— O teu sangue ativou por inteiro o feitiço... — a especulação era espessa nos seus olhos de cabra, enquanto ele me fitava por cima dos óculos. Ele ergueu a minha mão e, embora eu me tivesse tentado libertar, lambeu o sangue do meu dedo, transmitindo uma sensação gelada e arrepiante. — Com um odor tão sutil — murmurou ele, os olhos sem nunca largarem os meus. — Como o ar perfumado que o teu amante atravessou.

— Larga-me — disse eu, empurrando-o.

— Devia estar morta — disse ele, a voz repleta de espanto. — Por que ainda está viva?

De maxilar cerrado, tentei fazer com que ele me largasse, colocando os meus dedos entre ele e o meu pulso.

— Esforço-me por isso — com um arquejo, caí para trás quando ele me libertou.

— Esforça-te por isso — sorrindo, ele recuou um passo e fitou-me de cima a baixo. — Os loucos têm uma graça só sua. Tenho de ir dar início a um grupo de estudo — assustada, dobrei-me sobre o meu pulso e segurei-o. — E eu conseguirei que sejas minha, Rachel Mariana Morgan. Conta com isso.

— Não irei para a eternidade — disse eu, com a voz tensa. — Terá de me matar primeiro.

— Não tens escolha — disse ele, com um tom que me arrepiou. — Se usar uma linha quando o Sol se puser, eu te encontrarei. Não conseguirá realizar um círculo que impeça a minha entrada. Se não estiver em solo sagrado, te espancarei e te arrastarei para a eternidade. E a partir daí, não terás fuga possível.

— Experimenta — ameacei, estendendo um braço atrás de mim e encontrando o martelo da carne, pendurado sobre a ilha central. — Não pode tocar-me a menos que te torne sólido, e vai doer, homem vermelho.

Franzindo a testa de preocupação, Al hesitou. Pensei que era como acertar numa vespa. O tempo era tudo. Ceri mostrava um sorriso que eu não compreendia.

— Algaliarept — disse ela suavemente. — Cometeste um erro. Ela descobriu uma lacuna no teu contrato e agora deverá aceitá-la e deixar Rachel Mariana Morgan em paz. Se não o fizer, abrirei uma escola sobre como acumular energia das linhas.

O rosto do demônio ficou branco.

— Hãã, Ceri? Espera um momento, querida.

De martelo na mão, recuei até sentir a sua bolha, fria nas minhas costas. Ela estendeu a mão e eu saltei quando ela me puxou, o seu círculo erguendo-se de novo quase antes de eu me ter percebido de que tinha descido. Os meus ombros relaxaram perante o brilho negro entre nós e Al. Havia apenas um ténue brilho azul da sua aura danificada, visível através da sujeira que Al deixara nela. Toquei-lhe na mão quando ela me deu um abraço de alívio, de lado.

— Isso é um problema? — perguntei, sem compreender porque é que Al estava tão preocupado.

Ceri estava visivelmente convencida.

— Fugi dele, sabendo como fazê-lo. Ele vai arranjar problemas por causa disso. Grandes problemas. Surpreende-me que ainda não lhe tenham pedido explicações sobre isso. Por outro lado, ninguém sabe — ela virou os seus olhos verdes e trocistas para Al. — Ainda.

Senti uma estranha onda de alarme, ao ver a satisfação selvagem nos olhos dela. Ela sempre soubera aquilo, limitara-se a esperar até que a informação pudesse ser usada em seu proveito. Aquela mulher era mais manipuladora que Trent e parecia não ver qualquer problema em jogar com a vida das pessoas, incluindo a minha. Graças a Deus que estava do meu lado. *Estava, não estava?*

Al ergueu uma mão em protesto.

— Ceri, podemos falar sobre isto.

— Numa semana — disse ela, com confiança — não haverá uma bruxa das linhas *Ley* em Cincinnati que não saiba como ser seu próprio familiar. Dentro de um ano, todo o mundo estará fechado para ti e para os da tua espécie e, tu terás de responder por isso.

— Isso é assim tão importante? — perguntei, enquanto Al ajustava os óculos e saltava de um pé para outro. Longe da saída de ar estava frio, e eu tremia nas minhas roupas úmidas.

— É mais difícil atrair uma pessoa e levá-la a fazer escolhas tolas se ela for capaz de lutar — disse Ceri. — Se se ficar a saber, seus potenciais familiares se tornarão fracos e indesejáveis numa questão de anos.

Abri a boca de espanto.

— Oh!

— Estou a ouvir — disse Al, sentando-se com uma rigidez desconfortável.

A esperança tão forte que quase correu através de mim dolorosamente.

— Liberta-me da marca do demônio, quebra o laço familiar, concorda em deixar-me em paz e não contarei a ninguém.

Al fungou.

— Não és nada tímida quando pedes coisas, pois não?

Ceri apertou suavemente o meu braço em sinal de aviso, largando-o de seguida.

— Deixa-me tratar disto. Escrevi a maior parte dos seus contratos não verbais dos últimos setecentos anos. Posso falar por ti?

Fitei-a, tinha os olhos brilhantes e selvagens tal era a sua necessidade de vingança. Lentamente, pousei o martelo.

— Claro — disse eu, perguntando-me o que teria eu salvo, exatamente, da eternidade.

Ela endireitou-se mais, um ar oficial abatendo-se sobre ela.

— Proponho que Al retire a sua marca e quebre o laço familiar entre ambos, em troca do teu voto solene de não ensinar a ninguém como guardar a energia das linhas. Além disso, tu e os teus familiares, por sangue ou pelas leis do homem, permanecerão

livres de qualquer vingança por parte do demônio conhecido como Algaliarept e dos seus agentes neste mundo, ou na eternidade, de hoje até ao dia em que os dois mundos colidam.

Tentei encontrar cuspe suficiente para engolir, não conseguindo. Eu jamais teria pensado naquilo.

— Não — disse Al firmemente. — Isso inclui três coisas em troca de uma e não perderei por completo meu laço com alguém como ela. Quero uma forma de recuperar a minha perda. E se ela atravessar as linhas, não quero saber que acordo tenhamos, será minha.

— Podemos forçá-lo? — disse eu suavemente. — Quer dizer, o temos mesmo contra a parede?

Al soltou uma gargalhada.

— Podia chamar Newt para arbitrar, se assim desejares...

Ceri ficou pálida.

— Não — respirando fundo para se sossegar, ela fitou-me, a confiança ligeiramente estalada, mas não quebrada. — Qual dos três pode suportar?

Pensei na minha mãe, no meu irmão Roby. Em Nick.

— Quero que ele me liberte dos laços familiares — disse —, e quero que ele me deixe a mim e aos meus parentes por sangue, ou lei em paz. Manterei a marca do demônio e a resolverei mais tarde.

Algaliarept ergueu uma perna e pousou o tornozelo no joelho dobrado.

— Esperta, bruxinha esperta — concordou. — Se ela quebrar sua palavra, abdicará da sua alma.

Os olhos de Ceri ficaram sérios.

— Rachel, se ensinar *a quem quer que seja* a suster a energia das linhas, a tua alma pertencerá a Algaliarept. Ele poderá puxar-te para a eternidade de acordo com a sua vontade e será sua. Compreende?

Acenei, acreditando pela primeira vez que talvez pudesse ver o nascer do Sol.

— O que acontecerá se ele quebrar a sua palavra?

— Se ele te ferir, ou aos teus parentes, por sua própria vontade, Newt enfiará Algaliarept numa garrafa e tu terás um génio. Faz parte da minuta, mas fico feliz por ter perguntado.

Os meus olhos abriram-se de espanto. Olhei para Al e depois para ela.

— Sério?

Ela sorriu-me, o cabelo agitando-se, enquanto ela o prendia atrás da orelha.

— Sério.

Al pigarreou e nós voltámos de novo a nossa atenção para ele.

— Então e tu? — perguntou ele, claramente irritado. — O que quer para manter a boca fechada?

A satisfação por obter algo de volta do seu anterior captor e atormentador era visível nos olhos de Ceri.

— Retomará a mancha da minha alma, a que assumi em vez de ti, e não procurará vingar-te de mim, ou dos meus parentes por sangue, ou pela lei, até que os nossos dois mundos colidam.

— Não vou receber de volta mil anos de desequilíbrio amaldiçoado — disse Al com indignação. — Era para isso que era o meu familiar — ele pousou os dois pés no chão e inclinou-se para frente. — Mas não permitirei que digam que não fui compreensivo. Tu ficas com a mancha, mas eu deixarei que ensines a uma pessoa como acumular a energia das linhas — um sorriso, maquinador e satisfeito, encheu os seus olhos ímpios. — Uma filha. Uma menina. A tua filha. Se ela contar a alguém, a sua alma será entregue. Imediatamente.

Ceri ficou pálida e eu não compreendi.

— Também ela poderá contar a uma das suas filhas e assim por diante — contrapôs ela e Al sorriu.

— Feito — ele levantou-se. O brilho de energia da eternidade pairava à volta dele como uma sombra. Entrelaçando os dedos, fez estalar os nós. — Oh, isso é grandioso. Isso é bom.

Fitei Ceri, espantada.

— Pensei que ele ficaria chateado — disse eu suavemente. Ela abanou a cabeça, obviamente preocupada.

— Ele ainda não te libertou por inteiro. E está contando que um dos meus parentes esqueça a seriedade do nosso acordo e cometa um erro.

— Os laços familiares — insisti, olhando de relance para a janela escura. — Ele vai quebrá-los agora?

— A hora da dissolução nunca foi afirmada — disse Al. Estava a tocar nas coisas que tinha trazido para a minha cozinha, fazendo-as desaparecer num borrão de eternidade.

Ceri ergueu-se.

— Estava implícito. Quebra o laço, Algaliarept.

Ele olhou-a por cima dos óculos, sorrindo ao colocar uma mão à frente do corpo e outra atrás, num ato trocista.

— É uma coisa pequena, Ceridwen Merriam Dulciate, mas não pode pensar menos de mim por ter tentado.

Trauteando, ajustou o casaco. Uma tigela repleta de garrafas e utensílios de prata surgiu sobre o balcão da ilha. Sobre ela, encontrava-se um livro pequeno, com o título escrito à mão, a letra elegante e redonda.

— Por que está tão feliz? — sussurrei.

Ceri abanou a cabeça, as pontas do seu cabelo movendo-se em redor da cabeça e acabando por parar.

— Só o costumava ver assim quando descobria um segredo. Lamento, Rachel, sabe qualquer coisa que o deixa muito feliz.

Maravilha.

Segurando o livro à altura dos olhos, percorreu suas páginas, com ar erudito.

— Posso quebrar um laço familiar com a mesma facilidade com que te parto o pescoço. Você, por outro lado, terá de fazê-lo da forma mais difícil. Não vou desperdiçar uma maldição acumulada em ti. E, como não quero que aprenda a quebrar laços familiares, vamos ter de acrescentar um pouco... Aqui está. Vinho lilás. Começa com vinho lilás — seus olhos cruzaram-se com os meus por cima do livro. — Para você.

Senti-me trespassar por um arrepio de frio quando ele me chamou para fora do círculo, uma pequena garrafa púrpura e envolta em fumo surgindo atrás dos seus dedos compridos. Inspirei fundo.

— Quebrará os laços e partirá? — disse eu. — Nada mais?

— Rachel Mariana Morgan — censurou ele. — Pensa assim tão pouco de mim?

Olhei de relance para Ceri e ela acenou-me para que avançasse. Confiando nela, não em Al, avancei. Ela abriu o círculo quando eu o fiz, voltando logo a erguê-lo atrás de mim. Ele abriu a garrafa, despejando uma brilhante gota de ametista para uma pequena taça de cristal do tamanho do meu polegar. Levando um dedo elevado aos seus lábios finos, estendeu-o. Sorrindo, peguei, meu coração batia veloz, não tinha outra escolha. Aproximando-se com uma ansiedade em que eu não confiava, guiou-me até ao livro aberto. Estava em latim e ele apontou para um conjunto de instruções escritas em latim.

— Vê esta palavra? — disse ele.

Eu inspirei.

— *Umbra*...

— Ainda não! — gritou Al, sobressaltando-me, o coração a bater com força. — Não até que o vinho envolva a tua língua. Meu Deus, até parece que nunca lançaste uma maldição antes!

— Não sou uma bruxa das linhas *Ley*! — exclamei, a minha voz mais rude do que, provavelmente, seria necessário.

Al ergueu as sobrancelhas.

— Podia ser — seus olhos dirigiram-se para o copo que tinha na mão. — Bebe-o.

Olhei de relance para Ceri. Perante o seu encorajamento, deixei que a pequena quantidade passasse pelos meus lábios. Era doce, fazendo-me cócegas na língua. Podia senti-lo mergulhar em mim, relaxando meus músculos. Al bateu com um dedo no livro e eu baixei os olhos.

— *Umbra* — disse eu, segurando a gota na minha língua. A doçura selvagem tornou-se amarga. — Bah — disse eu, inclinando-me para frente para cuspi-lo.

— Engole... — avisou Al suavemente e eu sobressaltei-me quando ele meteu a mão debaixo do meu queixo e me inclinou a cabeça para que eu não pudesse abrir a boca.

Com lágrimas nos olhos, engoli. O meu coração ecoou nos meus ouvidos. Al inclinou-se mais para frente, os olhos tornando-se negros quando ele me largou e a minha cabeça caiu. Os meus músculos tornaram-se fracos e líquidos; quando ele me largou, caí ao chão. Ele nem sequer me tentou apanhar e eu aterrei num monte dolorido. Bati com a cabeça no chão e inspirei rapidamente. Fechando os olhos, recompus-me, colocando as palmas das mãos debaixo do corpo e empurrando para me sentar.

— Muito obrigado pelo aviso — disse eu, furiosa, erguendo os olhos e não o descobrindo — confusa, levantei-me descobrindo Ceri sentada à mesa com a cabeça nas mãos e os pés descalços enfiados debaixo dela. A luz fluorescente estava apagada e uma única vela branca lançava o seu brilho suave para a escuridão de um amanhecer repleto de nuvens. Fitei a janela. *O Sol tinha nascido? Eu devia ter desmaiado.* — Onde é que ele está? — murmurei, empalidecendo quando percebi que eram quase oito horas.

Ela ergueu a cabeça, chocando-me com o quão cansada parecia.

— Não se lembras?

O meu estômago roncou e havia nele uma leveza inquietante.

— Não. Ele partiu?

Ela virou-se para me encarar.

— Ele recuperou sua aura. Você recuperou a sua. Quebraste o laço com ele. Gritaste e o chamou de filho da mãe e disse que partisse. Ele assim fez, depois de ter te batido com tal força que perdeste a consciência.

Levei a mão ao maxilar, depois à parte de trás da minha cabeça. A sensação era mais ou menos a mesma: muito, muito má. Eu estava úmida e gelada, levantei-me e envolvi o corpo com os braços.

— Está bem — tateei as costelas, concluindo que nada estava partido.

— Mais alguma coisa que eu deva saber?

— Bebeste uma cafeteira inteira de café em cerca de vinte minutos.

Isso talvez explicasse meus tremores. Tinha de ser isso. Passar a perna em demônios estava a tornar-se um velho hábito. Sentei-me ao lado de Ceri, exalando num suspiro longo. Em breve, Ivy chegaria.

— Gostas de lasanha?

Um sorriso estendeu-se no rosto dela.

— Oh, sim, por favor!



24

Os meus tênis eram silenciosos no carpete liso dos corredores dos fundos de Trent. Tanto Quen como Jonathan estavam comigo, o que fez com que eu tentasse decidir se estavam me acompanhando, ou se seriam guardas prisionais. Já tínhamos percorrido as áreas públicas dos escritórios e salas de conferência atrás das quais Trent escondia as suas atividades ilegais, silenciosas por ser domingo. Publicamente, Trent controlava uma boa parte dos transportes que percorriam Cincinnati, vindo de todas as direções e partindo de igual forma: trilhos, estradas e até um pequeno aeroporto municipal.

Em privado, Trent geria muito mais, usando esses mesmos sistemas de transporte para deslocar seus produtos genéticos ilegais e expandir a distribuição de Enxofre. Que Saladan estivesse a intervir nos seus negócios na sua terra natal, deixava o cara, provavelmente, fora de si. Se tal fosse possível, tratava-se efetivamente de um dedo espetado no olho. E aquela noite ia ser decisiva, já que Trent partiria aquele dedo e o enfiaria num dos orifícios convenientes de Saladan, ou levaria um tombo. Eu não gostava de Trent, mas o manteria vivo caso se tratasse da última hipótese.

Embora não saiba o porquê — pensei, enquanto seguia Quen. Ali em baixo, o ambiente era estéril, faltando-lhe até as declarações institucionais para o feriado, que

cobriam a frente do edifício. Aquele homem era vil. Tinha me caçado como um animal, quando me apanhara a roubar provas no seu gabinete secundário e o meu rosto tornou-se quente quando compreendi que estávamos no corredor que dava acesso, precisamente, a essa divisão.

Meio passo à minha frente, Quen estava tenso, envergando o seu terno justo e negro que se parecia vagamente com um uniforme. Tinha um casaco preto e verde vestido por cima do *body*, o que fazia com que parecesse que Scotty o podia teletransportar a qualquer momento. Senti o cabelo tocar-me no pescoço e virei, propositadamente, a cabeça para sentir suas pontas sobre os ombros. Tinha ido cortar nessa tarde para que ficasse do mesmo comprimento que o pedaço que Al tinha cortado e o creme com que a cabeleireira o lavou não estava a fazer grande coisa para domá-lo.

Eu trazia ao ombro um saco com a roupa que Kisten escolhera para mim, e que tinha ido buscar na lavanderia. Até tinha lembrado das joias e das botas. Eu não ia vestir aquilo até saber que a missão seria minha. Desconfiava que Trent pudesse ter outras ideias... E os meus jeans, bem como a camisa com o logotipo dos Howlers, parecia deslocada ao lado do elegante Jonathan. O homem hediondo seguia a uns irritantes três passos atrás de nós.

Ele tinha se encontrado conosco nos degraus do edifício principal de Trent e permanecera uma presença acusatória silenciosa, profissional e fria desde então. O cara devia ter mais de dois metros, as suas feições pontiagudas e rudes. O nariz aristocrático, como o de um falcão, dava ao seu rosto uma expressão semelhante à que faria se tivesse cheirado algo ofensivo. Os seus olhos eram de um azul frio e o cabelo preto cuidadosamente penteado começava a ficar cinzento. Odiava-o e estava a tentar com muito afinco ignorar o fato de que ele me tinha atormentado quando eu era um visom encurralado no gabinete de Trent, durante três dias surreais.

Sentindo-me corar perante a recordação, tirei o casaco enquanto íamos avançando, com alguma dificuldade, já que nenhum dos homens se ofereceu para segurar a sacola da roupa. Havia, sem dúvida, alguma humidade no ar quanto mais avançávamos. Ténue, ao ponto de ser quase subliminal, o som de água a correr puxada sabe-se de lá de onde. Os meus passos abrandaram quando reconheci a passagem para o segundo gabinete de Trent. Atrás de mim, Jonathan parou. Quen continuou, sem qualquer hesitação e eu apressei-me para acompanhá-lo. Jonathan não estava obviamente agradado.

— Para onde vai levá-la? — perguntou ele, beligerante. Os passos de Quen tornaram-se rígidos.

— Até Trenton — não se virou nem mudou o ritmo dos seus passos.

— Quen... — a voz de Jonathan estava pesada de aviso. Eu olhei para trás, trocista, agradada por ver seu rosto comprido e enrugado, revelando preocupação em vez do seu perpétuo ar de arrogância. De sobrancelhas franzidas, Jonathan apressou-se a avançar, enquanto nós parávamos à frente de uma porta em arco, de madeira, no fim do corredor. O homem excessivamente alto passou por nós, pousando a mão sobre o pesado fecho de metal, quando Quen o tentou agarrar.

— Não vai levá-la aí — avisou Jonathan.

Eu alterei a posição da sacola da roupa, com o som de nylon a deslizar, os meus olhos saltando de um para o outro, enquanto correntes políticas deslizavam entre ambos. O que quer que fosse que se encontrasse atrás daquela porta seria bom. O homem menor e mais perigoso semicerrou os olhos e as cicatrizes da varicela tornaram-se brancas no seu rosto subitamente vermelho.

— Ela vai mantê-lo vivo esta noite — disse ele. — Eu não vou obrigá-la a mudar de roupa e esperar por ele num gabinete secundário como uma prostituta contratada.

Os olhos azuis de Jonathan tornaram-se ainda mais determinados. A minha pulsação acelerou e eu afastei-me deles.

— Sai — disse Quen, sua voz surpreendentemente profunda ressoando através de mim.

Chocado, Jonathan recuou. Quen abriu a porta, os músculos das costas tensos.

— Obrigado — disse ele, sem qualquer sinceridade, enquanto a porta se abria para fora, lenta de inércia.

Os meus lábios afastaram-se; a porta tinha uns bons quinze centímetros de espessura! Do interior, jorrava o som de água a correr acompanhado pelo cheiro da neve molhada. Mas não estava frio e eu espreitei para lá dos ombros estreitos de Quen, vendo um macio carpete mosqueado e uma parede coberta de painéis de madeira escura que tinha sido oleada e polida até brilhar em tons dourados. *Isto* — pensei enquanto seguia Quen para o interior, *tinha de ser os aposentos privados de Trent.*

O curto corredor abria-se imediatamente para um passadiço elevado. Os meus passos pararam quando olhei para a grande sala por baixo de nós. Era impressionante, provavelmente com uns quarenta metros de comprimento, metade disso em largura e seis metros de altura. Tínhamos emergido no segundo andar, que abraçava o teto. Em

baixo, entre os ricos carpetes e madeiras, estavam conjuntos de sofás, cadeiras e mesinhas de centro dispostos para dar uma imagem de casualidade. Tudo estava decorado em suaves tons de terra, acentuados com *Bordeaux* e preto. Uma lareira do tamanho de um carro dos bombeiros ocupava uma das paredes, mas o que me chamou a atenção foi a janela do chão ao teto que se estendia por toda a parede à minha frente, deixando passar a luz fraca do início da noite.

Quen tocou-me no cotovelo e eu comecei a descer as largas escadas cobertas de carpete. Mantive uma mão no corrimão, já que não era capaz de afastar o olhar da janela, fascinada. Janela, não janelas, já que parecia ser um único vidro. Eu nunca pensei que fosse possível construir um vidro tão grande, mas ali estava ele, parecendo ter apenas alguns milímetros de espessura, já que não existia qualquer distorção. Era como se não estivesse ali nada.

— Não é plástico — disse Quen suavemente, seus olhos verdes presos à paisagem. É energia das linhas *Ley*.

Os meus olhos saltaram para os dele, lendo a verdade na sua expressão. Constatando o meu espanto, um ténue sorriso espreitou nas suas feições marcadas pela Viragem.

— É a primeira pergunta que fazem — disse ele, mostrando como sabia em que estava eu a pensar. — O som e o ar são as únicas coisas que podem passá-lo.

— Deve ter custado uma fortuna — disse eu, perguntando-me como teriam retirado dele o normal brilho vermelho da eternidade. Para lá dele, estendia-se uma vista espantosa dos jardins privados de Trent, agora cobertos de neve. Um despenhadeiro rochoso erguia-se quase tão alto como o telhado, uma queda de água jorrando dele, deixando para trás tiras de gelo cada vez mais grossas que brilhavam no que restava da luz do dia. A água acumulava-se no que parecia ser uma baía natural, mas que eu estava disposta a apostar que não era, transformando-se num riacho que serpenteava através das árvores de folha perene e os arbustos, até desaparecer.

Entre a janela e a paisagem estendia-se um *deck* cinzento da idade e limpo de neve. Enquanto eu ia descendo lentamente para o nível inferior, concluí que o disco redondo de cedro que se unia ao *deck* e de onde saía vapor era, muito provavelmente, uma banheira quente. Perto, estava uma área mais baixa, com assentos, para que pudessem ser realizadas festas no jardim. Eu sempre achara que o fogão de Ivy com o seu cromado brilhante e bicos enormes era algo estonteante, mas o que quer que fosse que Trent possuía devia ser obsceno. Os meus pés descobriram primeiro o chão e o meu

olhar baixou-se para eles quando me pareceu, subitamente, que estava a avançar sobre saibro em vez de um carpete.

— Legal — murmurei e Quen fez-me sinal para que esperasse no conjunto de cadeiras mais próximo.

— Vou informá-lo — disse o chefe da segurança. Dirigiu a Jonathan o que me pareceu ser um olhar de aviso antes de ter regressado ao segundo piso e desaparecido para uma área invisível da casa.

Pousei o meu casaco e a sacola num sofá de couro e girei lentamente sobre os calcanhares. Agora que estava no piso de baixo, a lareira parecia ainda maior. Não estava acesa e eu pensei que, muito provavelmente, conseguiria erguer-me dentro dela. No lado oposto da divisão, encontrava-se um palco baixo com amplificadores embutidos e jogos de luzes. À sua frente, estendia-se uma pista de dança de tamanho razoável rodeada por mesas de *cocktail*.

Escondido e aninhado por baixo do abrigo da passagem do segundo piso estava um bar comprido, a madeira bem oleada e o cromado a brilhar. Havia ali mais mesas, maiores e mais baixas. Vasos enormes repletos de plantas de folhas verde-escuras que podiam florescer na luz mais fraca rodeavam-nas para lhes conceder alguma privacidade que a zona mais aberta não podia garantir.

O ruído da queda de água tinha rapidamente se transformado num burburinho de fundo quase imperceptível e a quietude da divisão encheu-me. Não havia criados, ninguém se movia através da divisão tratando de outros negócios, não havia sequer uma vela, ou um prato de doces. Era como se a divisão tivesse ficado presa num feitiço de contos de fadas, esperando que alguém a acordasse. Não me parecia que a divisão tivesse sido usada para aquilo que fora concebida desde a morte do pai de Trent. Onze anos era muito tempo para se manter o silêncio.

Sentindo-me em paz no silêncio da divisão, inspirei fundo e virei-me para descobrir Jonathan que me fitava com um desagrado óbvio. A ténue tensão no seu maxilar fez-me erguer os olhos para o local por onde Quen desaparecera. Um ténue sorriso fez-me erguer o canto da boca.

— Trent não sabe que vocês os dois planearam isso, hum? — disse. — Ele acha que será Quen a ir com ele esta noite — Jonathan nada disse, o estremecimento nos seus olhos dizendo-me que eu tinha razão. Sorrindo convencida, pousei a mochila no chão, ao lado do sofá. — Aposto que Trent podia dar uma festa e tanto — comentei, tentando

pescar qualquer coisa. Jonathan estava em silêncio e eu avancei por entre uma mesinha de centro, erguendo-me, de mãos nos quadris, para olhar para a janela.

A minha respiração fez estremecer o lençol de eternidade. Incapaz de resistir, toquei. Arquejando, afastei a mão. Uma estranha sensação de afogamento atravessou-me e eu agarrei a mão com a outra, como se esta tivesse sido queimada. Estava frio. O lençol de energia estava tão frio que queimava. Olhei para trás de mim, para Jonathan, esperando vê-lo sorrir, mas ele fitava a janela, o rosto longo mole de surpresa.

O meu olhar seguiu o dele, o meu estômago apertando-se ao compreender que a janela já não estava límpida, mas que revolteava com tons de ouro e âmbar. *Maldição*. Tinha assumido a cor da minha aura. Era óbvio que Jonathan não esperara por aquilo. Passei a mão pelo cabelo curto.

— Hum... Ops.

— O que fez à janela? — exclamou ele.

— Nada — recuei um passo culpado. — Limitei-me a tocá-la, mais nada. Desculpa.

As feições de ave de rapina de Jonathan ficaram ainda mais feias. Com passos longos e agitados, ele avançou na minha direção.

— Sua bruxa! Veja só o que fez à janela! Não permitirei que Quen confie a segurança do Sr. Kalamack nas suas mãos.

O meu rosto ficou quente e eu descobri uma falsa escapatória para o meu embaraço, deixar que ele se transformasse em raiva.

— A ideia não foi minha — gritei eu. — E já pedi desculpas pela janela. A sua sorte é eu não o processar pela dor e o sofrimento.

Jonathan inspirou ruidosamente.

— Se ele se machucar por causa de ti, eu...

A raiva atravessou-me, alimentada pela memória dos três dias infernais em que ele me atormentara.

— Cale-se — silvei. Irritada por ele ser mais alto do que eu, subi em uma mesinha de centro próxima. — Já não estou numa gaiola — disse eu, mantendo a presença de espírito suficiente para não lhe espetar um dedo no peito. O seu rosto tornou-se

sobressaltado, depois colérico. — A única coisa que impede que a sua cabeça e o meu pé se tornem muito próximos, neste momento, é o meu profissionalismo questionável. E se alguma vez me voltar a ameaçar, o atirarei para o outro lado da divisão antes que consiga dizer "lápis número dois". Entendeu, sua aberração da natureza gigante? — frustrado, ele apertou as mãos longas e finas. — Força, menino elfo — fervilhei, sentindo a energia da linha que eu guardara na minha mente quase se derramando para encher o meu corpo. — Dá-me um motivo.

O som de uma porta a fechar chamou a nossa atenção para o passadiço do segundo piso. Jonathan escondeu, visivelmente, a sua raiva e recuou um passo. Subitamente, senti-me muito tola em cima de uma mesa. Trent estancou sobressaltado, acima de nós, de camisa e calças sociais, pestanejando.

— Rachel Morgan? — disse ele baixinho para Quen, que se erguia ao lado dele ligeiramente recuado. — Não. Isto não é aceitável.

Tentando ganhar alguma coisa da situação, lancei uma mão no ar num gesto extravagante, pousando a outra no quadril, como um modelo a mostrar um carro novo.

— Ta-tá! — deveras consciente dos meus jeans, camisa e novo corte de cabelo de que não gostava particularmente. — Olá, Trent. Serei a tua babá esta noite. Onde é que vocês escondem suas boas bebidas?

Trent franziu o cenho.

— Não a quero aqui. Veste o teu melhor terno. Partimos dentro de uma hora.

— Não, Sa'han.

Trent virara-lhe as costas para se afastar, mas parou subitamente.

— Posso falar contigo por um momento — disse baixinho.

— Sim, Sa'han — disse o homem mais baixo num murmúrio de deferência, sem se mover.

Saltei de cima da mesa. Eu sabia deixar uma boa primeira impressão ou quê? Trent franziu o cenho, a sua atenção saltando de um Quen nada arrependido para a atitude nervosa de Jonathan.

— Estavam combinados nisto? — disse ele.

Jonathan entrelaçou as mãos atrás das costas, afastando-se sutilmente de mim mais um passo.

— Confio no julgamento de Quen, Sa'han — disse ele, sua voz grave erguendo-se límpida na sala vazia. — Por outro lado, não confio na menina Morgan.

Ofendida, bufei.

— Vai chocar um dente-de-leão, Jon.

O lábio do homem estremeceu. Eu sabia que ele odiava a versão mais curta do nome. Trent também não estava feliz. Olhando de relance para Quen, começou a descer as escadas num passo rápido e regular, meio vestido no seu terno preto de marca, parecendo-se com um modelo da GQ.

O fino cabelo loiro tinha sido penteado para trás e a camisa repuxava ligeiramente nos ombros, enquanto ele descia para o piso mais baixo. O saltitar dos seus passos e o brilho dos seus olhos diziam-me mais claramente do que qualquer coisa que os elfos estavam na sua melhor forma nas quatro horas perto do nascer e do pôr do Sol. Uma gravata de um verde-escuro estava casualmente colocada em redor do pescoço, ainda não tendo sido apertada. Deus me ajudasse, ele estava com ótimo aspecto, tudo o que uma mulher alguma vez poderia desejar: jovem, belo, poderoso e confiante. Eu não ficava feliz por gostar do seu aspecto, mas não havia nada a fazer.

Com uma expressão interrogativa, Trent desceu as mangas e abotoou os punhos, com uma rapidez preocupada enquanto descia as escadas. Os dois botões de cima da sua camisa estavam abertos, produzindo uma vista intrigante. Ele ergueu a cabeça ao chegar ao patamar inferior e estacou por um instante quando viu a janela.

— O que aconteceu à proteção? — perguntou ele.

— A menina Morgan tocou — Jonathan tinha a alegria arrogante de uma criança de seis anos que entrega o irmão mais velho. — Eu aconselharia contra os planos de Quen. Morgan é imprevisível e perigosa.

Quen dirigiu-lhe um olhar negro que Trent não viu porque estava a abotoar os últimos botões da camisa.

— Luzes no máximo — disse Trent e eu semicerrei os olhos quando as enormes luzes no teto tremeluziram e, uma por uma, tomaram a sala tão luminosa como o dia. O meu estômago apertou-se quando olhei para a janela. Droga. Eu tinha-a danificado a sério. Até os meus riscos de vermelho estavam nela e eu não gostei que os três

pudessem ver que eu tinha tanta tragédia no meu passado. Pelo menos, o negrume de Al tinha desaparecido. Graças a Deus. Trent aproximou-se, o rosto suave impossível de ler. O cheiro límpido do pós barba ergueu-se dele quando parou.

— Fez isto quando tocou? — perguntou ele, o seu olhar saltando do meu novo penteado para a janela.

— Eu, hããã, sim. Quen disse que se tratava de um lençol de eternidade. Pensei que fosse uma espécie de círculo protetor modificado.

Quen baixou a cabeça e aproximou-se.

— Não se trata de um círculo de proteção, mas de uma guarda. A tua aura e a aura da pessoa que a ergueu deve ressoar numa frequência semelhante.

Com as feições jovens marcadas pela preocupação, Trent semicerrou os olhos. Um pensamento não partilhado atravessou a sua mente e os seus dedos estremeceram. Eu vi o sinal revelador, sabendo que ele o achava mais do que estranho e significativo. Foi uma certeza que se solidificou quando Trent olhou de relance para Quen e algo que tinha que ver com questões de segurança passou entre ambos. Quen encolheu levemente os ombros e Trent inspirou lentamente.

— Pede a alguém da manutenção que dê uma olhada — disse Trent. Puxando pelo colarinho, acrescentou mais alto — Luzes, reverter — eu estanquei quando o brilho desapareceu e os meus olhos se tentaram adaptar. — Não concordo com isso — disse Trent na suave obscuridade e Jonathan sorriu.

— Sim, Sa'han — disse Quen baixinho. — Mas vai levar a Morgan, ou não irá.

Ora, ora, ora — pensei, quando as orelhas de Trent ficaram vermelhas. Eu não sabia que Quen tinha autoridade para dizer a Trent o que fazer. Claramente, contudo, tratava-se de um direito raramente invocado e nunca sem consequências. Ao meu lado, Jonathan parecia absolutamente doente.

— Quen... — começou Trent.

O chefe da segurança manteve-se firme, olhando por cima do ombro de Trent para o vazio, as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— A dentada de vampiro faz com que não possa confiar em mim, Sa'han — disse ele, e eu tremi perante a óbvia dor que lhe causava a admissão pública de tal fato. — Já não tenho a certeza da minha efetividade.

— Raios, Quen — exclamou Trent. — Morgan também foi mordida. O que faz com que seja mais segura que tu?

— A menina Morgan tem vivido com um vampiro há sete meses e ainda não sucumbiu — disse Quen rigidamente. — Desenvolveu uma série de estratégias defensivas que lhe permitem combater um vampiro que a tente enfeitiçar. Eu ainda não o consegui fazer e, como tal, não poderei ser confiado em situações mais difíceis — seu rosto cicatrizado estava tenso de vergonha e eu desejei que Trent se calasse e aceitasse. Aquela confissão estava a matar Quen. — Sa'han — disse ele num tom monocórdico. — Morgan pode protegê-lo. Eu não posso. Não me peça que faça isto.

Eu remexi-me, desejando estar noutro local. Jonathan fulminou-me com o olhar como se fosse por minha culpa. O rosto de Trent estava consumido pela dor e pela preocupação e Quen estremeceu quando ele lhe pousou uma mão reconfortante no ombro. Com uma lentidão relutante, Trent deixou a mão cair.

— Arranja-lhe um ramalhete e vejam se há algo adequado para que ela possa usar, na suíte verde. Ela parece mais, ou menos do mesmo tamanho.

A expressão de alívio que atravessou o rosto de Quen foi substituída por uma incerteza profunda que parecia errada e preocupante. Quen parecia vergado e eu perguntei-me o que iria ele fazer se sentisse que não era capaz de continuar a proteger Trent.

— Sim, Sa'han — murmurou ele. — Obrigado.

O olhar de Trent pousou-se em mim. Eu não sabia o que ele estava a pensar e senti-me gelada e inquieta. A sensação tornou-se mais forte quando Trent acenou uma vez para Quen e disse:

— Tens um momento?

— Claro, Sa'han.

Os dois afastaram-se para uma das divisões do piso inferior que eu não conseguia ver, deixando-me com Jonathan. O homem infeliz dirigiu-me um olhar carregado de nojo.

— Deixa aqui o vestido — disse ele. — Segue-me.

— Tenho minha própria roupa, obrigada — disse eu, pegando a bolsa, o casaco e a sacola da roupa, de onde a tinha pousado, e seguindo-o em direção às escadas. No

fundo delas, Jonathan voltou-se. Os seus olhos frios percorreram-me e a minha sacola e ele fungou paternalista. — É uma boa roupa — disse eu, sentindo-me corar quando ele riu.

Ele avançou rapidamente ao longo dos degraus, obrigando-me quase a correr para acompanhá-lo.

— Pode parecer-se com uma prostituta se assim o desejar — disse ele. — Mas o Sr. Kalamack tem uma reputação — ele fitou-me por cima do ombro, enquanto chegava ao topo. — Despache-se. Não tem muito tempo para ficar apresentável.

Fumegando, dei dois passos por cada um que ele dava, enquanto virávamos à direita para uma grande área comum, onde se encontrava uma sala de estar de tamanho mais normal e confortável. Ao fundo, estava um armário e o que parecia um recanto para o café da manhã. Uma das janelas falsas de Trent mostrava uma segunda imagem do jardim obscurecido. Várias portas de aspecto pesado abriam-se para a área e eu calculei que fosse ali que Trent passava a sua vida "normal". Tive toda a certeza quando Jonathan abriu a primeira e me revelou uma pequena sala de estar que se abria para um quarto extravagante. Estava completamente decorado em tons de verde e ouro, conseguindo transmitir um aspeto rico sem se tornar berrante. Uma outra janela falsa para lá da cama mostrava a floresta, coberta de sombras e cinzenta no lusco-fusco.

Presumi que outras portas dessem acesso a outros quartos. Nem toda a riqueza e privilégio podiam esconder o fato de que toda a zona tinha sido erguida de forma a ser deveras defensável. O mais certo era que não existisse nenhuma janela real em toda a casa, a não ser a do andar de baixo, coberta por magia das linhas *Ley*.

— Não por aí — quase me ladrou Jonathan, quando dei um passo para o quarto. — Isso é o quarto. Fique longe dele. O quartinho de vestir fica ali.

— Desculpe — disse sarcasticamente, depois puxei a sacola ainda mais para cima do ombro e segui-o até o banheiro. *Pelo menos* — eu pensei —, *achava que fosse um banheiro.* Havia ali tantas plantas que era difícil perceber. E era do tamanho da minha cozinha. A multiplicidade de espelhos refletia as luzes que Jonathan foi acendendo até eu ter os olhos semicerrados. O brilho também pareceu incomodá-lo, já que ele começou a tocar nos botões até a multiplicidade de luz ter reduzido para uma sombra na cômoda e um sobre o pequeno lavatório e o balcão comprido. Os meus ombros relaxaram na luz mais fraca.

— Por aqui — disse Jonathan, ao passar por uma arcada aberta. Eu segui-o, parando logo à entrada. Suponho que se tratasse de um roupeiro, já que se encontravam roupas no seu interior – roupas de mulher de aspeto dispendioso –, mas o quarto era enorme. Um dos cantos estava coberto por um biombo de papel de arroz, com um toucador encostado à parede do fundo. À direita da porta, estava uma pequena mesa com duas cadeiras. À esquerda, um espelho de três faces. Só lhe faltava um bar. Maldição. Eu tinha *mesmo* escolhido a profissão errada. — Pode mudar-se aqui — disse Jonathan, com a voz nasalada. — Tente não tocar em nada.

Irritada, pousei o casaco numa cadeira e pendurei a sacola num gancho. De ombros tensos, abri a sacola e virei-me, sabendo que Jonathan estava a julgar-me. Mas as minhas sobrancelhas ergueram-se perante a sua expressão de surpresa quando viu a roupa que Kisten tinha preparado para mim. Em seguida, a sua expressão regressou ao seu normal gelo.

— Não vai vestir isso — disse ele num tom categórico.

— Vá se foder, Jon — gritei.

Com movimentos rígidos, ele avançou até um conjunto de portas espelhadas e deslizantes, abrindo-as para retirar do seu interior um vestido preto como se soubesse exatamente onde se encontrava.

— Vai usar *isto* — disse ele, lançando-o na minha direção.

— Não vou usar isso — tentei fazer com que a minha voz parecesse fria, mas o vestido era lindíssimo, feito de um tecido macio, profundamente decotado nas costas e elogiosamente alto na parte da frente e em redor do pescoço. Cairia até aos meus tornozelos e me faria parecer alta e elegante. Engolindo a inveja, disse: — É demasiado curto nas costas para esconder minha pistola de bolas explosivas. É demasiado justo para que consiga correr nele. É um péssimo vestido.

O braço esticado desceu e eu tive de usar toda a minha força de vontade para não me encolher quando o belo tecido caiu sobre o chão.

— Então escolha um.

— Talvez o faça — avancei hesitantemente para o armário.

— Os vestidos de noite estão naquele — disse Jonathan, num tom paternalista.

— Dah... — disse eu, trocista. Mas os meus olhos abriram-se e a minha mão estendeu-se para lhes tocar. Deus me ajude, eram todos lindíssimos, todos de uma elegância discreta. Estavam organizados por cor e por baixo deles encontravam-se, cuidadosamente organizados, sapatos e bolsas a condizer. Alguns tinham chapéus na prateleira por cima. Os meus ombros relaxaram quando toquei num vestido de um vermelho flamejante, mas o sussurro de Jonathan: "prostituta" encorajou-me a continuar a andar. Os meus olhos deixaram-no com relutância. — Então, Jon — disse eu, enquanto ele me observava a percorrer os vestidos. — Ou Trent é um travesti, ou gosta de trazer para casa mulheres usando vestidos de noite tamanho trinta e oito e depois as manda embora envergando farrapos — olhei-o. — Ou será que se limita a dar uma e a apagá-las?

O maxilar de Jonathan cerrou-se e o seu rosto ficou corado.

— Estes vestidos são para a menina Ellasbeth.

— Ellasbeth? — minhas mãos caíram de um vestido púrpura que me custaria um mês de missões. *Trent tem uma namorada?* — Oh, nem pensem! Não vou usar os vestidos de outra mulher sem pedir.

Ele deu uma risadinha, o rosto longo assumindo um toque de irritação.

— Eles pertencem ao Sr. Kalamack. Se ele diz que os pode usar, então pode.

Não me sentido completamente certa, regressei à minha busca. Mas todas as minhas apreensões desapareceram quando minhas mãos tocaram num suave e fino vestido cinzento.

— Oh, olha para isso — murmurei, retirando o top e a camisa do armário e erguendo-os triunfante, como se ele se preocupasse minimamente com aquilo.

Jonathan afastou os olhos do armário repleto de lenços, cintos e bolsas que tinha acabado de abrir.

— Pensei que o tínhamos jogado fora — disse ele e eu fiz uma careta, sabendo que ele estava a tentar fazer sentir que o vestido era horrível. Não era. O top apertado e a saia a combinar eram elegantes, o tecido macio ao toque e suficientemente espesso para o inverno, sem ser limitativo. Revelou-se de um brilho negro quando o coloquei à luz. A saia ia até ao chão, mas estava rasgada numa multiplicidade de faixas estreitas a partir dos joelhos, de tal forma que flutuaria em redor dos meus tornozelos. E com fendas

assim tão altas, minha arma de bolas explosivas no coldre de usar em redor da coxa seria fácil de esconder. Era perfeito.

— É adequado? — perguntei, enquanto o levava para o cabide e o pendurava por cima do meu próprio figurino. Ergui os olhos quando ele manteve o silêncio, descobrindo o seu rosto contorcido.

— Terá de servir — ele ergueu o bracelete do relógio, carregando num botão e falou para o comunicador que lembrava estar ali. — Faça o ramalhete preto e dourado — murmurou ele. Olhando de relance para a porta, acrescentou — Vou buscar as joias que condizem com ele no cofre.

— Tenho minhas próprias joias — disse eu, depois hesitei, não desejando ver qual seria a aparência das minhas joias de imitação contra um tecido como aquele. — Mas está bem — corrigi, incapaz de o olhar nos olhos.

Jonathan pigarreou.

— Vou mandar alguém para tratar da sua maquiagem — acrescentou, enquanto saía.

Aquilo era francamente insultuoso.

— Posso retocar minha maquiagem, obrigada — disse eu, bem alto. Estava a usar maquiagem mundana sobre um feitiço de compleição que escondia o que restava do meu olho negro que ainda estava a sarar e não queria que ninguém lhe tocasse.

— Nesse caso, só tenho de pedir à cabeleireira que faça qualquer coisa com o seu cabelo — respondeu-me ele.

— Meu cabelo está ótimo! — gritei. Olhei para um dos espelhos, tocando os caracóis soltos que começavam a frisar. — Está ótimo — acrescentei, mais baixo. — Acabei de mandá-lo cortar — mas tudo o que ouvi em resposta foi o risinho de Jonathan e o som de uma porta a abrir.

— Não vou deixá-la sozinha no quarto de Ellasbeth — disse a voz grave de Quen, em resposta a um murmúrio de Jonathan. — Ela a mataria.

Ergui as sobrancelhas. Quereria ele dizer que eu mataria Ellasbeth, ou que Ellasbeth me mataria? Este tipo de pormenores era importante. Virei-me quando a silhueta de Quen ocupou a porta do banheiro.

— Vai ser minha babá? — disse eu, enquanto pegava na combinação e nas meias de *nylon* e avançava para o fundo do quartinho de vestir, passando para trás do biombo.

— A menina Ellasbeth não sabe que está no local — disse ele. — Não achei necessário revelar, já que ela vai regressar a casa esta noite, mas ela é conhecida por mudar de planos sem avisar.

Fitei o papel de arroz entre Quen e eu, depois tirei os tênis. Sentindo-me vulnerável e baixa, retirei as roupas, dobrando-as em vez de pousá-las num monte emaranhado como era meu costume.

— Você é um grande adepto daquela treta de só contar aquilo que a pessoa precisa saber, não é? — disse eu e o ouvi falar baixinho com alguém que tinha acabado de entrar. — O que não está dizendo?

A segunda pessoa, que eu nunca chegara a ver, partiu.

— Nada — disse Quen secamente.

Sei!

O vestido estava forrado de seda e eu contive um gemido, quando ele desceu sobre mim. Ergui os olhos para a bainha, concluindo que ele cairia bem quando calçasse as minhas botas. De cenho franzido, hesitei. Minhas botas não iam funcionar ali. Teria de esperar que Ellasbeth calçasse o trinta e oito e que as lutas dessa noite pudessem ser realizadas de saltos. O corpete deu-me algum trabalho e eu acabei por desistir de tentar apertar o último centímetro. Dirigi a mim mesma um último olhar, enfiando o amuleto de compleição entre a pele e a cintura da saia. Com a arma de bolas explosivas no coldre da coxa, saí de detrás do biombo.

— Tratas do fecho, querido? — disse, num tom leve, recebendo aquilo que me pareceu ser um sorriso raramente oferecido de Quen. Ele acenou e eu virei as costas. — Obrigada — disse eu, quando ele terminou.

Ele virou-se para a mesa e para as cadeiras, baixando-se para apanhar um ramalhete que não estava ali quando fui para trás do biombo. Tratava-se de uma orquídea negra presa com uma fita dourada e verde. Endireitando-se, abriu o gancho, hesitando ao olhar para a tira fina. Imediatamente, percebi qual era o seu dilema e não ia ajudá-lo nem um pouco. O rosto marcado de Quen ficou sério. Olhando o meu vestido, pressionava os lábios.

— Com licença — disse ele, aproximando-se. Eu estanquei, sabendo que ele não me tocaria se não fosse necessário. Havia tecido suficiente para prendê-lo, mas ele teria de colocar seus dedos entre o fecho e eu. Exalei, colapsando os pulmões para lhe dar um pouco mais de espaço. — Obrigado — disse ele baixinho. A parte de trás da mão dele estava fria e eu reprimi um arrepio. Tentando não me mexer, fixei a atenção no teto. Um ligeiro sorriso atravessou-me o rosto, crescendo quando ele conseguiu prender a orquídea e se afastou exalando de alívio. — Alguma coisa divertida, Morgan? — perguntou ele amargamente. Eu baixei a cabeça, observando-o através da franja.

— Não, nada. Fizeste-me pensar no meu pai... Por um minuto — Quen adotou uma expressão simultaneamente incrédula e interrogativa. Abanando a cabeça, retirei a bolsa de cima da mesa e fui me sentar no trocador perto do biombo. — Sabe, tivemos um grande baile no sétimo ano e eu tinha um vestido sem alças — disse, enquanto tirava da bolsa minha maquiagem. — Meu pai não ia deixar que o meu par prendesse a flor, por isso fez ele mesmo — meus olhos tornaram-se desfocados e eu cruzei as pernas. — Ele perdeu meu baile de formatura.

Quen deixou-se ficar de pé. Não pude deixar de reparar que ele se tinha colocado num local a partir de onde conseguia ver a porta e a mim ao mesmo tempo.

— O seu pai era um bom homem. Ele sentiria orgulho esta noite.

Rápida e dolorosamente, senti a respiração prender-se. Lentamente libertei-a, as minhas mãos retomando o seu trabalho. Não estava verdadeiramente surpreendida por Quen o conhecer, eram da mesma idade, mas ainda assim doía.

— Conhecia-o? — não pude impedir-me de perguntar.

O olhar que ele me dirigiu através do espelho era impossível de ler.

— Ele morreu bem.

Morreu bem? Deus, o que é que se passava com estas pessoas?

Furiosa, virei-me no meu assento para o olhar diretamente.

— Ele morreu num hospital minúsculo e nojento, com sujeira acumulada nos cantos — disse eu com voz tensa. — Era suposto ele continuar vivo, maldição — minha voz estava uniforme, mas eu sabia que não iria continuar assim. — Era suposto ele estar lá quando eu consegui meu primeiro emprego e o perdi três dias depois por ter batido no filho do meu patrão quando ele me tentou apalpar. Era suposto ter estado lá quando eu me formei do ensino médio e, mais tarde, da faculdade. Era suposto ter estado lá

para assustar os garotos que saíam comigo, obrigando-os a controlarem-se, para que eu não tivesse de encontrar o meu caminho de volta a casa a partir do local onde o idiota me tinha largado quando descobriu que eu lhe dava resposta. Mas não estava, hum? Não. Ele morreu a fazer qualquer coisa com o pai de Trent e ninguém tem bolas para me dizer que grande coisa era essa em que ele estava a trabalhar que valia a pena foder a minha vida — meu coração batia com força e eu fitei o rosto de Quen, silencioso e marcado.

— Teve de tomar conta de si desde muito cedo — disse ele.

— Sim — de lábios apertados, voltei-me de novo para o espelho, o meu pé abanando para cima e para baixo.

— O que não nos mata...

— Machuca — observei seu reflexo. — Machuca. Machuca muito — meu olho negro latejou sob a pressão arterial mais alta e eu ergui uma mão para lhe tocar. — Sou suficientemente forte — disse amargamente. — Não quero ser mais forte. Piscary é um sacana e se ele alguma vez voltar a sair da prisão, vai morrer duas vezes — pensei em Skimmer, desejando que ela fosse tão má advogada como era boa amiga de Ivy. Os pés de Quen deslizaram no chão, mas ele não se moveu.

— Piscary?

A interrogação na sua voz fez-me erguer os olhos.

— Ele disse que tinha matado o meu pai. Ele mentiu?

Só aquilo que é preciso saber. Será que eu finalmente precisava saber, de acordo com Quen?

— Sim e não — os olhos do elfo saltaram para a porta.

Eu virei-me na cadeira. Ele podia dizer-me. Eu acho que ele queria.

— Bem, qual das duas?

Quen baixou a cabeça e recuou um passo simbólico.

— Não cabe a mim.

Com o coração a bater veloz, ergui-me, as mãos fechadas num punho.

— O que é que aconteceu? - exigi.

Uma vez mais Quen olhou em direção ao banheiro. Acendeu-se uma luz e um raio derramou-se no chão, desaparecendo no nada. A voz afeminada de um homem que conversava, aparentemente, consigo próprio encheu o ar com uma presença alegre. Jonathan respondeu-lhe e eu olhei para Quen em pânico, sabendo que não diria nada à frente dele.

— A culpa foi minha — disse Quen baixinho. — Eles estavam a trabalhar juntos. Eu devia lá ter estado, não seu pai. Piscary matou-os, é tão certo como se tivesse puxado o gatilho.

Sentindo-me irreal, aproximei-me o suficiente para ver o suor que brilhava nele. Era óbvio que ele tinha dito demais, revelando-me aquele pouco. Jonathan entrou, arrastando atrás de si um homem vestido de negro e com botas brilhantes.

— Oh! — exclamou o pequeno homem, apressando-se para o trocador com as suas caixas de material de pesca. — É ruivo! Eu adoro cabelo ruivo. E é natural, ainda por cima. Consigo percebê-lo a partir daqui. Vem sentar-te, minha pomba. As coisas que posso fazer por ti! Nem sequer te reconhecerias.

Virei-me para Quen. Com os olhos cansados e parecendo assombrados, recuou, deixando-me sem fôlego. Levantei-me, fitando-o, querendo mais, sabendo que não o receberia. Maldição, o sentido de oportunidade de Quen era péssimo e obriguei as minhas mãos a permanecerem ao lado do corpo em vez de lhe apertarem o pescoço.

— Senta a passarinha — exclamou o cabeleireiro quando Quen inclinou a cabeça para mim e saiu da sala. — Só tenho meia hora!

Franzindo o cenho, dirigi um olhar cansado à expressão trocista de Jonathan, depois me sentei na cadeira e tentei explicar ao homem que gostava do meu cabelo como era e pedindo-lhe que se limitasse a dar-lhe uma breve penteada. Mas ele assobiou e mandou-me calar, puxando por garrafa atrás de garrafa de *spray* e instrumentos de aspecto estranho, cujo uso eu não conseguia sequer adivinhar. Eu sabia que se tratava de uma batalha já perdida.



25

Instalei-me no banco da limusine de Trent, cruzando as pernas e dispondo as tiras estreitas da minha saia para cobrir o joelho. O xale que eu usava – em vez de casaco – deslizou pelas costas e eu deixei que ele assim ficasse. Cheirava a Ellasbeth e o meu sutil perfume não era capaz de competir com isso.

Os sapatos eram meio tamanho abaixo do meu, mas o vestido servia-me na perfeição: o corpete era justo, mas não limitativo e a saia alta na cintura. O coldre da coxa era sutil como uma flor, completamente invisível. Randy tinha afastado meu cabelo curto do pescoço, prendendo-o com um fio de ouro espesso e fivelas antigas, num penteado elaborado que exigira do homem vinte minutos de interminável tagarelice. Mas ele tinha razão. Eu sentia-me muito diferente de mim mesma e *caaaara*... Esta era a segunda limusine onde eu entrava naquela semana.

Talvez fosse uma moda. Se assim fosse, eu poderia lidar com isso. Nervosa, olhei de relance para Trent que fitava as árvores enormes enquanto nos aproximávamos do portão, seus troncos negros sobressaíam contra a neve. Ele parecia a mil quilômetros de distância, nem sequer percebendo que eu me encontrava sentada ao seu lado.

— O carro de Takata é melhor — disse eu, quebrando o silêncio. Trent estremeceu, recuperando suavemente. A reação fez com que ele parecesse tão jovem como era.

— O meu não é alugado — disse ele. Encolhi os ombros, o pé a abanar enquanto eu olhava através dos vidros. — Está quente o suficiente? — perguntou ele.

— O quê? Oh! Sim, obrigada.

Jonathan levou-nos para lá da casa da guarda sem abrandar, a cancela que se erguia atingiu o seu ponto mais alto no preciso segundo em que passamos por baixo dela. Fechou-se com igual rapidez. Eu remexi-me, procurando na minha bolsinha de mão os amuletos, tateando minha arma de bolas explosivas e tocando no cabelo. Trent estava de novo a olhar através da janela, perdido no seu próprio mundo, que nada tinha a ver comigo.

— Ei, desculpe por causa da janela — disse eu, não gostando do silêncio.

— Enviarei a conta, se puder pagar — ele virou-se para mim. — Está com boa aparência.

— Obrigada — percorri com o olhar o vestido de lã e seda. Ele estava a usar um sobretudo que tinha sido feito à medida, revelando cada centímetro do seu corpo. Ao peito trazia um minúsculo botão de rosa negra e eu perguntei-me se a teria cultivado ele próprio. — Também não fica nada mau todo arranjado — ele dirigiu-me um dos seus sorrisos profissionais, mas havia nele um novo brilho e eu achei que poderia ter um toque de calor verdadeiro. — O vestido é lindo — acrescentei, perguntando-me como haveria de conseguir ultrapassar aquela noite sem ter de recorrer a conversas sobre o tempo. Inclinei-me para endireitar as meias.

— O que me lembra... — Trent torceu-se para mergulhar uma mão no bolso. — Estes fazem parte do conjunto — ele estendeu a mão, largando um conjunto de pesados brincos na minha palma. —Também tem um colar.

— Obrigada — inclinei a cabeça para tirar minhas argolas simples, colocando-as no interior da minha bolsinha e fechando-a com um estalido. Os brincos de Trent eram uma série de círculos que se entrelaçavam e suficientemente pesados para serem de ouro verdadeiro. Coloquei-os, sentindo seu peso estranho.

— E o colar... — Trent ergueu-o e os meus olhos abriram-se. Era lindíssimo, feito de anéis entrelaçados – do tamanho do meu polegar – e que combinavam com os brincos. Formavam um delicado desenho de renda e, não fosse pela sua riqueza, teria considerado góticos. Um pingente de madeira com a forma de uma runa celta, para proteção, pendia da ponta e eu hesitei em tocar. Era lindíssimo, mas eu desconfiava que sua renda elaborada me transformaria numa verdadeira prostituta vampira.

E a magia celta provocava-me arrepios. Era uma arte especializada, grande parte dela dependente da crença da pessoa, não do fato de se ter ou não realizado corretamente o feitiço. Tratava-se mais de uma religião do que de uma magia. Eu não gostava de misturar religião e magia, quando algo imensurável misturava sua vontade com a intenção do praticante gerava forças terrivelmente fortes, o que fazia com que os resultados não estivessem necessariamente em linha com aquilo que era esperado. Era uma magia selvagem e eu preferia a minha, muito mais científica. Quando se invoca a ajuda de um ser superior, não nos podemos queixar quando as coisas não correm de acordo com os nossos planos, mas com os dele.

— Vire-se — disse Trent e os meus olhos saltaram para os dele. — Vou colocar. Tem de ficar bem justo para ficar bem.

Eu não ia mostrar a Trent os meus receios e, tendo em consideração que os encantamentos de proteção eram relativamente confiáveis, tirei o simples fio de ouro falso que tinha ao redor do pescoço e coloquei-o na minha bolsa, juntamente com os brincos. Perguntei-me se Trent saberia o que usar isso queria dizer, chegando à conclusão que provavelmente sabia e achava que era uma grande piada. A tensão apertou-me os ombros enquanto eu pegava nas madeixas de cabelo que Randy tinha soltado para dar efeito.

O colar pousou-se ao redor do meu pescoço, transmitindo uma pesada sensação de segurança, ainda quente por ter estado no bolso dele. Os dedos de Trent tocaram-me e eu soltei um pequeno grito de surpresa, quando uma pequena descarga de energia das linhas *Ley* se ergueu, atravessando-me e penetrando nele. O carro guinou e os dedos de Trent afastaram-se num gesto súbito. O colar caiu no chão atapetado com um repenicar de metal. Levando a mão à garganta, fitei-o.

Ele tinha-se afastado para o canto. A luz âmbar do teto brilhava lançando sombras sobre ele. Fitando-me com uma expressão de irritação, ele deslizou no banco e apanhou o colar do chão, sacudindo-o até ele pender adequadamente sobre uma das mãos.

— Lamento — disse eu, o coração a bater veloz e a minha mão ainda cobrir o pescoço.

Trent franziu o cenho, seu olhar cruzando-se com o de Jonathan no espelho retrovisor antes de me fazer um gesto, pedindo-me que me voltasse a virar. Eu assim fiz, deveras consciente da sua presença atrás de mim.

— Quen disse que tem vindo a praticar suas capacidades no domínio das linhas *Ley* — disse Trent, enquanto voltava a rodear o meu pescoço com o metal. — Demorei uma semana para aprender como impedir a energia do meu familiar de tentar se equilibrar com a minha quando tocava outro praticante. Claro que na época tinha três anos, por isso tinha uma desculpa.

As suas mãos afastaram-se de mim e eu recostei-me no almofadado flexível. A sua expressão era convencida, seu normal profissionalismo desaparecido. Ele não tinha nada a ver com o fato de aquela ser a primeira vez que eu tinha tentado acumular energia das linhas dentro de mim por uma questão de conveniência. Estava pronta para dar o assunto por encerrado. Doíam-me os pés e, graças a Quen, queria ir para casa, comer uma caixa de sorvete e pensar no meu pai.

— Quen conhecia meu pai — disse eu, amargamente.

— Já ouvi dizer — ele não olhou para mim, mas para a vista que ia passando pela janela enquanto entrávamos na cidade. Minha respiração acelerou e eu deslizei sobre o assento.

— Piscary disse que tinha matado meu pai. Quen deu a entender que foi mais do que isso.

Trent cruzou as pernas e desabotoou o casaco.

— O Quen fala demais.

A tensão deixou-me o estômago tenso.

— Nossos pais estavam a trabalhar juntos? — inquiri. — Fazendo o quê?

O seu lábio contorceu-se e ele passou uma mão pelo cabelo para se assegurar de que este estava liso. A partir do assento do condutor, Jonathan tossiu em tom de aviso. *Ora, como se suas ameaças tivessem algum significado para mim.* Trent deslizou sobre o assento a olhar para mim. O rosto revelando um ligeiro interesse.

— Está pronta para trabalhar comigo?

Ergui uma sobrancelha. *Trabalhar comigo. Da última vez tinha sido trabalhar para mim.*

— Não — sorri, embora me apetecesse pisar em seu pé. — Quen parece culpar-se pela morte do meu pai. Acho isso fascinante. Em especial tendo em consideração que Piscary reclamou sua responsabilidade.

Trent suspirou. Ele estendeu uma mão para se equilibrar quando deslizamos para a interestadual.

— Piscary matou meu pai — disse ele. — Seu pai foi mordido enquanto o tentava ajudar. Quen devia estar lá, não seu pai. Foi por isso que Quen foi ajudá-la a subjugar Piscary. Ele sentia a necessidade de tomar o lugar do seu pai, já que acredita que foi por culpa dele que seu pai não a pôde ir pessoalmente.

Senti o rosto gelado e empurrei o corpo para trás contra o assento. Eu pensara que Trent tinha enviado Quen para me ajudar; Trent nada tivera que ver com aquilo. Mas um pensamento insistente veio à superfície, apesar da minha confusão.

— Mas meu pai não morreu de uma dentada de vampiro.

— Não — disse Trent cuidadosamente, os olhos presos na linha do horizonte. — Não morreu.

— Ele morreu quando seus glóbulos vermelhos começaram a atacar os tecidos moles — disse, esperando mais, mas a atitude de Trent tornou-se defensiva. — É tudo aquilo que vou ficar sabendo, não é? — disse eu, num tom monocórdico, e o homem dirigiu-me um meio sorriso, encantador e matreiro.

— Minha oferta de emprego estará sempre aberta, menina Morgan.

Foi difícil, mas eu consegui manter uma expressão agradável no rosto enquanto me abatia sobre o assento. Sentia-me, subitamente, como se estivesse a ser embalada, atraída para locais onde até então pensava em não ir: coisas como trabalhar para Trent, ter sexo com um vampiro, atravessar a estrada sem olhar. Era possível escapar de todas elas, mas mais cedo ou mais tarde, acabaria por ser atropelada por um ônibus. *O que diabo estava fazendo numa limusine com Trent?* Tínhamos atravessado até Hollows e eu endireitei-me, meu interesse crescendo. As luzes festivas eram espessas, sobretudo em tons verde, branco e dourado. O silêncio era imenso.

— Então, quem é Ellasbeth?

Trent dirigiu-me um olhar venenoso e eu sorri docemente.

— Não foi minha ideia — disse ele.

Interessante — pensei. *Descobri um ponto fraco. Não seria divertido espinhá-lo?*

— Uma velha namorada? — pus-me a adivinhar alegremente. — Um relacionamento mais sério? A irmã feia que esconde?

A expressão de Trent tinha regressado ao seu vazio profissional, mas os seus dedos inquietos não paravam de se mover.

— Gosto das suas joias — disse ele. — Talvez devesse ter pedido a Jonathan que as guardasse no cofre da casa enquanto estamos fora.

Levei uma mão ao colar dele, sentindo-o quente no meu corpo.

— Estava usando uma porcaria e você sabe — maldição, eu tinha uma quantidade suficiente do seu ouro em cima do meu corpo para fazer uma dentadura para um cavalo.

— Nesse caso, podemos falar sobre Nick — a voz calmante de Trent tinha um toque trocista. — Gostaria muito de falar sobre Nick. Era Nick, não era? Nick Sparagmos? Pelo que ouvi, saiu da cidade, depois de você ter provocado um ataque epilético — com as mãos a apertar os olhos, ele dirigiu-me um olhar revelador, as pálidas sobrancelhas erguidas. — O que fez? Nunca consegui descobrir.

— Nick está ótimo — baixei as mãos antes que elas pudessem brincar com meu cabelo. — Estou a tomar conta do apartamento dele enquanto ele anda fora a negócios — olhei pela janela, levando as mãos atrás do meu corpo para erguer o xale de novo sobre os ombros. Ele era capaz de atirar lama melhor do que a maior cadela rica da escola. — Temos de falar sobre que é suposto eu protegê-lo.

Do assento do condutor, ergueu-se um fungar de Jonathan. Também Trent riu.

— Não preciso de proteção — disse ele. — Se precisasse, Quen estaria aqui. Você não passa de uma decoração semifuncional.

Semifuncional...

— É? — respondi, desejando poder dizer que estava surpreendida.

— Sim — disse-me ele numa resposta imediata, dando uma entoação estranha à palavra. — Por isso, sente-se onde lhe disserem e mantenha a boca fechada.

Sentindo o rosto corar, movi-me de tal forma que os meus joelhos quase lhe tocavam a coxa.

— Escute-me, Sr. Kalamack — disse eu, com uma voz seca. — Quen está pagando um bom dinheiro para manter o seu traseiro do lado de cima da relva, por isso não saia da sala sem mim e não se interponha entre mim e os mauzões. Entendeu?

Jonathan virou para um estacionamento e eu tive de me agarrar quando ele carregou com força no freio de mão. Trent olhou para ele de relance e eu observei os seus olhares que se cruzaram através do espelho retrovisor. Ainda furiosa, olhei para o exterior descobrindo feias pilhas de neve com uns bons dez metros de altura. Estávamos junto ao rio e os meus ombros ficaram tensos perante o barco-casino com as suas chaminés a fumegar ligeiramente. *O barco-casino de Saladan? Outra vez?* Os meus pensamentos recuaram para a noite em que ali fora com Kisten e o cara de smoking que me ensinara a jogar *craps. Merda*.

— Ei, hum, sabe qual é a de Saladan? — perguntei. — Ele é um bruxo?

A hesitação no meu tom de voz foi provavelmente o que chamou a atenção de Trent e enquanto Jonathan estacionava no lugar comprido reservado para um carro do seu tamanho, ele olhou-me.

— É um bruxo das linhas *Ley*. Cabelo preto, olhos escuros, da minha idade. Por quê? Está preocupada? Devia estar. Ele é melhor do que você.

— Não — droga. Ou deveria dizer *craps*? Agarrando minha pequena bolsa, voltei a deslizar sobre o assento almofadado, quando Jonathan abriu a porta e Trent saiu com uma graça que tinha que ser praticada. Uma rajada de ar frio tomou seu lugar, fazendo-me perguntar como é que Trent se conseguia erguer no exterior como se fosse verão. Eu tinha a sensação de que já tinha conhecido Saladan. *Idiota!* — disse a mim mesma. Mas mostrar ali que eu não tinha medo dele, depois do seu pequeno encantamento negro falhado, seria extraordinariamente satisfatório. Tornando-me ansiosa pelo encontro, deslizei sobre o banco até à porta aberta, saltando para trás quando o Jonathan bateu com ela na minha cara. — Hei! — gritei, a adrenalina provocando uma dor de cabeça. A porta abriu-se e Jonathan dirigiu-me um sorriso satisfeito.

— Desculpe, minha senhora — disse ele.

Para lá dele, estava Trent, com uma expressão cansada estampada no rosto. Segurando o meu xale emprestado em redor do corpo, observei Jonathan enquanto deslizava para o exterior.

— Ora, obrigada, Jon — disse alegremente —, seu sacana.

Trent baixou a cabeça, escondendo um sorriso. Eu puxei o xale mais para cima e, assegurando-me de que mantinha a minha energia das linhas onde deveria estar, tomei o braço de Trent para que ele me pudesse ajudar a subir a rampa gelada. Ele ficou

rígido e preparou-se para fugir, pelo que eu lhe agarrei o braço com a minha mão livre, prendendo a bolsa entre ambos. Estava frio e eu queria entrar.

— Estou usando saltos por causa de ti — murmurei. — O mínimo que pode fazer é assegurar-se de que não caio de bunda. Ou será que tem medo de mim?

Trent nada disse, sua atitude assumindo uma aceitação inquieta enquanto avançávamos, passo a passo, através do estacionamento. Ele virou-se para olhar para Jonathan por cima do ombro, fazendo-lhe sinal de que deveria ficar no carro e eu dirigi um sorriso afetado ao homem alto e infeliz, acenando-lhe com a despedida de Erica, fazendo um gesto de orelhas de coelho e atirando-lhe um beijo. Já estava completamente escuro e o vento soprava pedaços de neve contra as minhas pernas, nuas não fora pelas meias de *nylon*. *Por que eu não insistira em trazer um casaco?* — perguntei-me. Aquele xale era absolutamente inútil. E fedia a lilás. Eu odiava lilás.

— Não tem frio? — perguntei, vendo que Trent parecia estar a sentir-se tão quente como se fosse julho.

— Não — disse ele, e eu lembrei-me de Ceri a andar pela neve com uma tolerância semelhante.

— Deve ser uma coisa de elfos — murmurei e ele deu uma gargalhada.

— Sim — disse ele, meus olhos saltando para ele perante a entoação casual que dera à palavra. Estavam brilhantes de divertimento e eu olhei de relance a rampa que chamava por nós.

— Bem, eu estou completamente gelada — resmunguei. — Podemos andar um pouco mais depressa?

Ele apressou o passo, mas eu continuava a tremer quando chegamos à porta de entrada. Trent manteve-a aberta para mim, num gesto solícito, empurrando-me ligeiramente para que avançasse à sua frente. Largando seu braço, entrei, as mãos apertadas em redor dos braços, para me tentar aquecer. Dirigi ao porteiro um breve sorriso e recebi em troca um olhar estoico e vazio. Tirando o xale, estendi-o entre dois dedos ao bengaleiro, perguntando-me se o poderia deixar ali convenientemente... Por acidente, claro.

— Sr. Kalamack e menina Morgan — disse Trent ignorando o livro de honra. — Estão à nossa espera.

— Sim, senhor — o porteiro fez um gesto para que alguém tomasse o seu lugar. — Por aqui.

Trent ofereceu-me o braço. Eu hesitei, tentando ler seu rosto calmo e não sendo capaz de fazê-lo. Inspirando fundo, entrelacei meu braço no dele. Enquanto os meus dedos tocavam na parte de cima da sua mão, realizei um esforço consciente para manter meu nível de energia das linhas, quando senti um ligeiro puxão no meu *chi*.

— Está melhor — disse ele, os olhos percorrendo a movimentada sala de jogos enquanto seguíamos o porteiro. — Está a melhorar a passos largos, menina Morgan.

— Vou dar uma volta, Trent — disse eu, sorrindo às pessoas que ergueram os olhos quando entramos. A mão dele era quente sobre os meus dedos e eu sentia-me como uma princesa. Houve uma ligeira descida do ruído e quando as conversas se voltaram a erguer, tinham em si uma excitação que não podia ser inteiramente atribuída aos feitos do jogo.

Estava calor e o ar tinha um cheiro agradável. O disco que pendia no centro da sala de jogos parecia silencioso, mas eu imaginei que, se me desse ao trabalho de olhar para ele com a minha segunda visão, estaria a pulsar naqueles tons horríveis de roxo e negro. Olhei de relance para o meu reflexo e constatei que o meu cabelo estava a se comportar convenientemente sob os *sprays* e fios do cabeleireiro, feliz por o amarelo do meu olho negro ainda estar escondido atrás da maquiagem. Depois, voltei a olhar.

Maldição — pensei, abrandando. Eu e Trent estávamos com um aspecto fantástico. Não era de admirar que as pessoas nos fitassem. Ele estava em boa forma e eu estava elegante no meu vestido emprestado, com o cabelo afastado do pescoço e preso com aquele pesado fio de ouro. Estávamos ambos confiantes, estávamos ambos a sorrir. Mas no preciso instante em que eu pensava que fazíamos o casal perfeito, compreendi que embora estivéssemos juntos, estávamos ambos sós. As nossas forças não dependiam do outro e ainda que isso não fosse mau, não ajudava a que nos tornássemos um casal. Estávamos simplesmente um ao lado do outro.

— O que foi? — perguntou Trent, fazendo ao mesmo tempo um gesto que indicava que eu devia subir as escadas à sua frente.

— Nada — segurando na saia rasgada tão bem como me foi possível, subi a escadaria estreita coberta por uma carpete, atrás do porteiro. O som das pessoas a jogar foi se tornando mais ténue, transformando-se num zumbido de fundo, que me agitou o

subconsciente. Ergueu-se uma ovação e eu desejei poder estar lá em baixo, meu coração a bater veloz enquanto esperava sem fôlego para ver o que iriam os dados revelar.

— Pensei que eles nos fossem revistar — disse Trent baixinho, para que o homem que nos acompanhava não pudesse ouvir.

Encolhi os ombros.

— Em busca de quê? Não viu aquele grande disco no teto? — ele olhou de relance para trás de nós e eu acrescentei. — Trata-se de um enorme bloqueador de feitiços. Semelhante aos amuletos que eu costumava ter nas minhas algemas antes de tê-las mandado pelos ares, mas afeta todo o barco.

— Não trouxe uma arma? — sussurrou ele, enquanto chegávamos ao segundo piso.

— Sim — disse eu através dos dentes, sorrindo. — E poderia dispará-la contra alguém, mas as poções não farão efeito até essa pessoa sair do barco.

— Então de que serve?

— Eu não mato pessoas, Trent. Aguente-se — *embora estivesse disposta a abrir uma exceção para Lee.*

Vi seu maxilar tornar-se tenso e relaxar. O nosso guia abriu uma porta estreita, fazendo-me um gesto para que entrasse. Eu assim fiz, descobrindo Lee com uma expressão agradavelmente surpreendida, enquanto erguia a atenção da papelada sobre a sua mesa. Tentei manter minha expressão neutra, a memória daquele homem contorcendo-se na rua sob um feitiço negro que me era destinado, deixando-me furiosa e doente ao mesmo tempo.

Atrás dele, erguia-se uma mulher alta, que se curvou para lhe sussurrar ao ouvido. Tinha pernas compridas e era esguia, envergando um macacão preto com calças boca-de-sino. O decote quase lhe chegava ao umbigo. Vampira, concluí, quando os seus olhos desceram até ao meu colar e ela sorriu, revelando-me caninos pequenos e pontiagudos. Minha cicatriz formigou e a minha raiva diminuiu. Quen não teria tido qualquer chance. De olho a cintilar, Lee levantou-se e endireitou o casaco do *smoking*. Afastando o vampiro do seu caminho, fisicamente, contornou a mesa. Trent entrou e o seu olhar tornou-se ainda mais animado.

— Trent! — exclamou ele, avançando para frente de mãos estendidas. — Como está, meu velho!

Recuei, enquanto Trent e Lee apertavam calorosamente a mão. *Só podem estar brincando.*

— Stanley — disse ele, sorrindo, e eu acabei por compreender. *Stanley, o nome completo de Lee.*

— Maldição! — disse Lee, batendo nas costas de Trent. — Quanto tempo já passou? Dez anos?

O sorriso de Trent estremeceu, sua irritação perante aquela palmadinha nas costas quase indetectável não fosse pelo ligeiro semicerrar dos seus olhos.

— Quase. Está com bom aspeto. Continua pegando ondas?

Lee baixou a cabeça, um sorriso malandro dando-lhe um ar de malandro, apesar do *smoking*.

— De vez em quando. Não tanto como gostaria. A porcaria do meu joelho tem-me estado a dar problemas. Mas estás com bom aspeto. Agora já tens algum músculo. Já não é aquele garoto marrentinho que me tentava acompanhar.

Os olhos de Trent saltaram para os meus e eu dirigi-lhe um olhar branco.

— Obrigado.

— Corre por aí que te vai casar.

Casar? Eu estava a usar o vestido da noiva dele? Oh, isso estava ficando cada vez melhor!

Lee afastou o cabelo dos olhos e sentou-se na mesa. O vampiro atrás dele começou a massajar seus ombros de uma forma sensual, própria de uma prostituta. Ela ainda não tinha tirado os olhos de mim e eu não gostava disso.

— Alguém que eu conheça? — perguntou Lee e o maxilar de Trent semicerrou-se.

— Uma belíssima jovem chamada Ellasbeth Withon — disse ele. — De Seattle.

— Ah! — os olhos castanhos abrindo-se muito, Lee sorriu como se estivesse a rir para Trent.

— Parabéns!

— Já a conhece? — disse Trent amargamente e Lee deu uma gargalhada.

— Já ouvi falar dela — fez uma expressão dolorida. — Vou ser convidado para o casamento?

Eu bufei impacientemente. Pensei que tínhamos ido ali para um confronto, não para um reencontro. Dez anos significaria que não se viam desde o final da adolescência. Faculdade? E eu não gostava de ser ignorada, mas supus que isso fosse o normal para os contratados. Pelo menos, a prostituta também não tinha sido apresentada.

— Claro — disse Trent. — Os convites serão enviados assim que ela escolher entre as oito opções que ainda nos restam — disse ele secamente. — Eu pediria para ser meu padrinho, se achasse que alguma vez voltaria a andar a cavalo.

Lee levantou-se e afastou-se das mãos da vampira.

— Não, não, não — protestou ele, dirigindo-se a um pequeno armário e retirando do seu interior dois copos e uma garrafa. — Outra vez não. Não contigo. Meu Deus, o que é que sussurra ao ouvido daquele animal?

Trent sorriu, um verdadeiro sorriso dessa vez, e pegou o copo que lhe era oferecido.

— O que é justo é justo, amigo surfista — disse ele, e eu pestanejei perante a entoação afetada. — Tendo em consideração que quase me afogaste.

— Eu? — Lee voltou a sentar-se, erguendo um pé do chão. — Eu não tive nada a ver com isso. Aquela canoa tinha um buraco. Não sabia que não era capaz de nadar.

— É o que continua a dizer — o olho de Trent estremeceu. Bebendo um pequeno gole, virou-se para mim. — Stanley, esta é Rachel Morgan. Será minha segurança esta noite.

Eu dirigi-lhe um sorriso falso.

— Olá, Lee — estendi a mão, com cuidado para manter minha energia das linhas *Ley* sob controle, ainda que, com a memória dos gritos do homem a ecoar através de mim fosse difícil não lhe dar um safanão. — É bom ver o piso de cima desta vez.

— Rachel — disse Lee com uma voz calorosa, virando minha mão para beijá-la em vez de apertá-la. — Nem pode imaginar como me senti mal por te ter visto misturada no meio de tanta falsidade. Estou muito feliz por teres saído incólume. Acredito que esta noite estarás a ser adequadamente recompensada?

Afastei a mão antes que os seus lábios lhe pudessem tocar, limpando-a de forma espalhafatosa.

— Não são necessárias desculpas. Mas seria uma falha minha não te agradecer por me ter ensinado a jogar *craps* — minha pulsação tornou-se mais rápida e eu refreei a vontade de lhe bater. — Quer os *dados* de volta?

A vampira deslizou para trás dele, suas mãos pousando-se possessivamente nos seus ombros. Lee manteve o seu sorriso, aparentemente ignorando minha farpa. *Deus, o homem tinha estado a sangrar por todos os poros e aquele feitiço era me destinado. Sacana.*

— O orfanato ficou muito grato pelo teu donativo — disse Lee, suavemente. — Graças a ele, vão colocar um novo telhado, foi o que me disseram.

— Fantástico — disse eu, realmente agradada. Ao meu lado, Trent não parava quieto, obviamente morto de vontade de nos interromper. — Fico sempre feliz quando consigo ajudar os menos afortunados.

Lee pegou nas mãos da vampira e a fez avançar para seu lado. Trent pegou no meu braço quando eles estavam distraídos.

— Foi você que pagou o novo telhado? — sussurrou ele.

— Aparentemente — murmurei, reparando que sua surpresa se prenda com o telhado, não com a confusão nas ruas.

— Trent, Rachel — disse Lee, enquanto segurava a mão da vampira na sua. — Esta é Candice.

Candice sorriu mostrando os dentes. Ignorando Trent, ela fixou os olhos castanhos no meu pescoço, uma língua vermelha aproximando-se do canto da boca. Exalando, inclinou-se para mais perto.

— Lee, querido — disse ela e eu agarrei com mais força no braço de Trent, quando a sua voz correu como ondas sobre minha cicatriz. — Disseste que eu ia entreter um homem — seu sorriso era predatório. — Mas isso também é bom.

Obriguei-me a respirar. Ondas de promessa erguiam-se do meu pescoço, deixando-me os joelhos fracos. Meu sangue bateu veloz e meus olhos quase se fecharam. Inspirei fundo, fiz mais uma vez. Precisei usar toda a minha experiência com Ivy para me impedir de responder. Ela tinha fome e sabia o que estava a fazer. Se ela

fosse um morto-vivo, eu teria sido dela. Assim sendo, mesmo com a minha cicatriz, ela não podia enfeitiçar-me se eu não deixasse. E eu não ia deixar.

Consciente do fato de que Trent me estava a observar, recuperei o controle de mim mesma, embora conseguisse sentir a tensão sexual erguer-se em mim como nevoeiro numa noite úmida. Os meus pensamentos deslizaram para Nick, depois para Kisten, onde se demoraram, tornando as coisas ainda piores.

— Candice — disse eu suavemente, inclinando-me para ela. *Eu não ia tocar-lhe. Não ia.* — É um prazer conhecer-te. E vou te quebrar os dentes e utilizá-los para te fazer um *piercing* no umbigo se voltar sequer a olhar para minha cicatriz.

Os olhos de Candice tornaram-se negros. O calor da minha cicatriz desvaneceu-se. Furiosa, ela afastou-se, a mão pousada no ombro de Lee.

— Não quero saber se é o joguinho da Tamwood — disse ela, tentando armar-se em Rainha dos Malditos, mas eu vivia com um vampiro realmente perigoso e os seus esforços eram patéticos. — Consigo vencer-te — terminou ela. Cerrei o maxilar.

— Vivo com Ivy. Não sou seu joguinho — disse eu suavemente, ouvindo uma ovação abafada vinda do andar de baixo. — O que isso te diz?

— Nada — disse ela, o seu belo rosto tornando-se feio.

— E nada é exatamente aquilo que vais ter de mim, por isso recua.

Lee colocou-se entre nós.

— Candice — disse ele, pousando a mão no fundo das suas costas e empurrando-a em direção à porta. — Faz-me um favor, querida. Vai buscar um pouco de café à menina Morgan, pode ser? Ela está a trabalhar esta noite.

— Preto, sem açúcar — disse, ouvindo a minha voz rouca. Tinha o coração a bater veloz e o suor começara a correr. Bruxos negros eu conseguia lidar. Vampiros hábeis e esfomeados era um pouco mais difícil.

Afastando os dedos do braço de Trent, recuei. O seu rosto estava silencioso enquanto ele me fitava e depois a vampira que Lee acompanhava à porta.

— Quen... — sussurrou ele.

— Quen não teria tido a menor chance -— disse eu, sentindo o coração a abrandar. Se ela fosse morta-viva, nem eu. Mas Saladan não teria sido capaz de convencer um

morto-vivo a apoiá-lo, não fosse Piscary descobrir e matá-lo duas vezes. Havia honra entre os mortos. Ou talvez fosse apenas medo.

Lee dirigiu algumas palavras a Candice e a mulher deslizou para o corredor, dirigindo-me um sorriso de esguelha antes de ter partido. A última coisa que vi dela foram os saltos vermelhos. Os meus pensamentos redemoinharam quando reparei que ela tinha uma pulseira no tornozelo idêntica à de Ivy. Não podia haver mais do que uma igual sem um bom motivo... Talvez Kisten e eu devêssemos conversar.

Sem saber o que isso significava, se é que significava alguma coisa, sentei-me numa das cadeiras de forro verde antes que caísse para o lado devido à adrenalina que se dispersava. Com as mãos apertadas para esconder o ténue tremer, pensei em Ivy e na proteção que ela me dava. Há meses que ninguém se atirava assim a mim, não desde que o vampiro da perfumaria me confundira com outra pessoa. Se eu tivesse de lutar contra algo assim todos os dias, seria uma questão de tempo antes que me tornasse uma sombra de mim mesma: magra, anêmica e nas mãos de outra pessoa. Ou pior, nas mãos de ninguém. O som de tecido a deslizar fez com que eu fixasse minha atenção em Trent, que se sentava na segunda cadeira.

— Está bem? — murmurou ele, quando Lee fechou a porta atrás de Candice com um som firme.

A sua voz era um calmante, surpreendendo-me. Obrigando-me a endireitar, acenei, perguntando-me por que é que ele se preocupava, ou sequer *se* se preocupava. Exalando, obriguei minhas mãos a abrir-se e a relaxar. Revelando enorme eficiência, Lee voltou a contornar a mesa e sentou-se. Sorria, mostrando os seus dentes brancos por entre o rosto bronzeado pelo sol.

— Trent — disse ele, recostando-se na sua cadeira. Esta era maior do que a nossa e pensei que o tornava vários centímetros mais alto. Sutil. — Fico feliz por ter vindo me ver. Devíamos falar antes de as coisas ficarem ainda mais fora de controle.

— Fora de controle? — Trent não se moveu e eu observei a minha preocupação desaparecer por completo. Com os olhos verdes duros, pousou o copo na mesa entre eles, o som suave parecendo mais alto do que deveria. Sem afastar os olhos do sorriso sentimental de Saladan, ele assimilou a divisão. Aquele era o homem que matava os empregados no seu próprio gabinete e se safava, o homem que possuía meia cidade, o homem que se escapava da lei, vivendo no alto da sua fortaleza no meio de uma floresta antiga e planejada. Trent estava furioso e, subitamente, não me importei que me estivesse a ignorar.

— Descarrilou dois dos meus comboios, quase provocou uma greve na minha transportadora e incendiou meu principal meio de relações públicas — disse Trent, uma madeixa do seu cabelo começando a flutuar.

Fitei-o, enquanto Lee encolhia os ombros. O principal meio de relações públicas? Tinha sido o orfanato. Deus, quão frio poderia ser?

— Era a forma mais fácil de chamar sua atenção — Lee deu um gole na sua bebida. — Tens avançado aos poucos para lá do Mississipi, ao longo dos últimos dez anos. Estava à espera de outra coisa?

O maxilar de Trent apertou-se.

— Está matando pessoas inocentes, com a força do Enxofre que está pondo nas ruas.

— Não! — disse Lee de repente, afastando de si o copo. — Não existem inocentes — apertando os lábios finos, Lee inclinou-se para frente, furioso e ameaçador. — Foste longe demais — disse ele, os ombros tensos sob o seu *smoking*. — E eu não estaria aqui se tivesse ficado do teu lado do rio, como de acordo.

— Foi meu pai quem fez esse acordo, não eu. Pedi ao teu pai que baixasse os níveis permitidos no seu Enxofre. As pessoas querem um produto seguro, é o que lhes dou. Não me interessa onde vivem.

Lee recostou-se com um som de descrença.

— Poupa-me das tuas tretas de benfeitor — disse, com um sorriso afetado. — Não vendemos a ninguém que não o queria. E, Trent? Eles querem. Quanto mais forte melhor. Os níveis de mortalidade abrandam em menos de uma geração. Os fracos morrem, os fortes sobrevivem, prontos e dispostos a comprar mais. A comprar mais forte. Sua regulação cuidadosa enfraquece todo mundo. Não existe equilíbrio natural, não existe um fortalecimento das espécies. Talvez seja por isso que há tão poucos de vocês. Vocês se mataram, tentando salvá-los.

Deixei-me ficar sentada, as mãos enganadoramente calmas no meu colo, sentindo a tensão que se erguia na pequena divisão. *Eliminar a clientela fraca? Fortalecimento das espécies?* Afinal de contas quem é que ele pensava que era? Lee realizou um movimento rápido e eu estremeci.

— Mas no fundo — disse Lee, recuando quando me viu mover —, estou aqui porque está mudando as regras. E não vou embora. É muito tarde para isso. Pode

entregar-me tudo e partir, graciosamente, do continente, ou vou me apoderar de tudo, um orfanato, um hospital, uma estação de comboios, uma esquina e um pobre inocente de coração a sangrar, de cada vez — ele deu um gole na bebida e segurou o copo nas mãos entrelaçadas. — Eu gosto de jogos, Trent. E, se bem te lembras, ganhei sempre que jogamos.

O olho de Trent estremeceu. Foi a sua única mostra de emoção.

— Tens duas semanas para deixar minha cidade — disse ele, a voz uma fita suave de água calma que escondia um fundo mortal. — Vou manter a minha distribuição. Se o teu pai quiser falar, estou à escuta.

— Tua cidade? — Lee pousou os olhos nos meus, depois voltou a pousá-los em Trent. — A mim parece que está dividida — ele arqueou suas finas sobrancelhas. — Muito perigoso, muito atraente. Piscary está na prisão. O seu delfim é ineficaz. Tu és vulnerável devido ao verniz de homem de negócios honesto atrás do qual te escondes. Eu vou tomar Cincinnati e a rede de distribuição que desenvolveste a tanto custo e usá-la como deve ser. É um desperdício, Trent. É possível controlar todo o hemisfério ocidental com aquilo que tens e estás a desperdiçar tudo em Enxofre com meia potência e biomedicamentos que entrega a agricultores pobres e coitados que nunca serão ninguém... Ou qualquer coisa para ti.

Uma raiva crescente aqueceu-me o rosto. Por acaso, eu era um desses coitados e, ainda que o mais provável fosse ser enviada para a Sibéria num saco para materiais perigosos, se alguma vez soubesse, fiquei indignada. Trent era uma bosta, mas Lee era nojento. Abri a boca para lhe dizer que se calasse e parasse de falar de coisas que não compreendia quando Trent tocou na minha perna com seu sapato em sinal de aviso. As orelhas de Trent tinham ficado vermelhas e o seu maxilar estava tenso. Ele bateu no braço da cadeira, uma demonstração deliberada da sua agitação.

— Eu controlo o hemisfério ocidental — disse Trent, a voz baixa e ressonante fazendo-me apertar o estômago. — E os coitados, como os chama, deram-me mais do que os clientes do meu pai... Stanley — o rosto bronzeado de Trent ficou branco de raiva e eu perguntei-me o que estaria a ser dito que eu não compreendia. Talvez não tivesse sido na faculdade. Talvez eles se tivessem conhecido no "campo". — O teu dinheiro não pode me obrigar a partir — acrescentou Trent. — Nunca. Vai dizer ao teu pai que baixe os níveis do Enxofre e eu recuarei da costa ocidental.

Lee levantou-se e eu fiquei rígida, pronta para atacar. Ele pousou as mãos de dedos abertos, acalmando-se.

— Subestima o teu alcance, Trent. Fazia-o quando éramos rapazes e nada mudou. Foi por isso que quase te afogaste, tentando nadar para a margem, e foi por isso que perdeste todos os jogos que disputamos, todas as corridas que fizemos, todas as garotas que desejamos — agora estava a apontar, realçando suas palavras. — Se achas mais do que é, tendo sido mimado e elogiado por feitos que todos os outros tomam como certos. Admite-o. É o último da tua espécie e é a tua arrogância que faz com que assim seja.

Os meus olhos saltaram entre ambos. Trent estava sentado, de pernas confortavelmente cruzadas e dedos entrelaçados. Estava absolutamente imóvel. Estava furioso, mas nada o mostrava a não ser a bainha das calças que estremecia.

— Não cometa um erro do qual não poderá escapar — disse ele baixinho. — Já não tenho doze anos.

Lee recuou, uma satisfação e uma confiança deslocadas mostrando-se enquanto observava a porta atrás de mim.

— Quase me teria enganado.

O trinco da porta estalou e eu saltei. Candice entrou, uma caneca de café de aspecto institucional na sua mão.

— Com licença — disse ela, a sua voz de gatinho aumentando ainda mais a tensão. Ela intrometeu-se entre Trent e Lee, quebrando a troca de olhares entre ambos.

Trent abanou as mangas e inspirou lentamente. Eu olhei de relance para ele antes de levar a mão ao café. Ele parecia abalado, mas isso se devia à raiva reprimida, não ao medo. Pensei nos seus biolaboratórios e em Ceri, escondida e em segurança com um velho, do outro lado da rua em frente à minha igreja. Estaria eu a fazer escolhas por ela que ela deveria fazer sozinha? A caneca era espessa, o calor dela chegando-me aos dedos, quando lhe segurei. Fiz uma careta quando percebi que ela lhe tinha juntado natas. Não que eu o fosse beber.

— Obrigada — disse eu, dirigindo-lhe uma careta quando ela assumiu uma postura deveras sensual em cima da mesa de Lee, as pernas cruzadas.

— Lee — disse ela, inclinando-se de forma provocadora. — Há um pequeno problema lá em baixo que exige sua atenção.

Parecendo irritado, ele empurrou-a do caminho.

— Trata disso, Candice. Estou com amigos.

Os olhos dela ficaram negros e os seus ombros rígidos.

— É algo que exige sua atenção. Leva o traseiro lá para baixo. Não pode esperar — meu olhar saltou para Trent, lendo sua surpresa. Aparentemente, a bela vampira era mais do que decoração. *Sócia?* — perguntei-me. Estava de fato a agir como tal. Ela ergueu uma sobrancelha a Lee, num gesto de petulância trocista, fazendo-me desejar ser capaz de fazer o mesmo. Ainda não me tinha dado ao trabalho de aprendê-lo. — Agora, Lee — disse ela, deslizando na mesa e indo segurar a porta para ele. Ele franziu a testa. Afastando a franja curta dos olhos, empurrou a cadeira com uma força excessiva.

— Desculpem-me — com os lábios finos apertados, acenou a Trent e saiu, os pés batendo ruidosos na escadaria. Candice dirigiu-me um sorriso predatório antes de deslizar atrás dele.

— Aprecia o café — disse ela, fechando a porta. Ouviu-se um estalo quando ela foi trancada.



26

Inspirei fundo, escutando o silêncio. Trent moveu as pernas de forma que colocasse o tornozelo sobre o joelho. De olhos distantes e preocupados, mordia o lábio inferior, nada se parecendo com o traficante de drogas e assassino que era. Engraçado, ninguém diria, olhando para ele.

— Ela trancou a porta — disse eu, saltando perante o som da minha própria voz.

Trent ergueu as sobrancelhas.

— Não quer que ande a vaguear por aí. Acho que é uma boa ideia.

Elfo desagradável — pensei. Refreando um franzir de cenho, avancei até à pequena janela redonda que dava para o rio gelado. Usando a palma da minha mão, limpei a condensação e olhei a linha do horizonte. Carew Tower estava iluminada com luzes festivas, brilhando com a película dourada, verde e vermelha com que cobriam as janelas do último piso para que se parecessem com enormes lâmpadas. A noite estava límpida e eu até conseguia ver algumas estrelas através da poluição luminosa da cidade. Virando-me, coloquei as mãos atrás das costas.

— Não confio no seu amigo.

— Eu nunca confiei. Vive-se mais tempo dessa forma — o maxilar apertado de Trent acalmou-se e o verde dos seus olhos tornou-se ligeiramente menos duro. — Eu e Lee passamos os nossos verões juntos, quando éramos rapazes. Quatro semanas num dos campos do meu pai, quatro semanas na casa de praia da família dele, numa ilha feita pelo homem na costa da Califórnia. Era suposto ele promover o relacionamento entre as nossas famílias. Foi ele quem estabeleceu a guarda da minha janela grande, para ser franco — Trent abanou a cabeça. — Ele tinha apenas doze. Um verdadeiro feito para ele, nessa época. Ainda é. Fizemos uma festa. A minha mãe caiu na banheira quente, ela estava tão tocada. Devia substituí-la por vidro, agora que estamos... A ter problemas.

Ele sorria perante a memória agridoce, mas eu parara de escutar. Lee erguera a guarda? Assumira a cor da minha aura, tal como o disco na sala de jogos. As nossas auras ressoavam numa frequência semelhante. Semicerrando os olhos, pensei na nossa aversão partilhada ao vinho tinto.

— Ele tem a mesma doença de sangue que eu, não tem? — disse eu. Não podia ser uma coincidência. Não com Trent.

A cabeça de Trent ergueu-se.

— Sim — disse ele, cuidadosamente. — É por isso que não entendo nada disso. Meu pai salvou a vida dele e agora ele está a lutar por causa de alguns milhões por ano?

Alguns milhões por ano. Trocos para os ricos e imorais. Inquieta, olhei de relance para a mesa de Lee, concluindo que nada tinha a aprender caso percorresse suas gavetas.

— Você, hã, monitoriza os níveis do Enxofre que produz?

A expressão de Trent tornou-se resguardada, depois, como se tomasse uma decisão, passou uma mão pelo cabelo para alisá-lo.

— Muito cuidadosamente, menina Morgan. Não sou o monstro que gostaria que fosse. Não estou no negócio de matar pessoas; estou no negócio da oferta e da procura. Se eu não o produzisse outra pessoa o faria e não seria um produto seguro. Morreriam milhares — ele olhou de relance para o chão e descruzou as pernas, pousando os pés um ao lado do outro. — Posso garanti-lo.

Os meus pensamentos saltaram para Erica. A ideia de que ela morresse sob a alegação de que se tratava de um membro fraco da espécie era intolerável. Mas ilegal

era ilegal. A minha mão tocou nos seus brincos de ouro, enquanto eu prendia uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Não me interessa quão belas são as cores com que pinta seu retrato, não deixa de ser um assassino. Faris não morreu de uma picadela de abelha.

Ele franziu o cenho.

— Faris ia entregar os seus registos à imprensa.

— Faris era um homem assustado que amava sua filha — pousei uma mão no quadril e observei enquanto ele se remexia na cadeira. Era muito sutil: a tensão no seu maxilar, a forma como erguia os dedos de unhas cuidadas, a falta de expressão. — Então por que não me mata? — perguntei eu. — Antes que eu faça o mesmo? — meu coração batia veloz e eu senti-me como se me encontrasse à beira de um precipício.

Trent quebrou a sua imagem de barão da droga profissional e bem vestido com um sorriso.

— Porque não irá à imprensa — disse ele baixinho. — Acabariam com você junto comigo e para você a sobrevivência é mais importante do que a verdade.

Senti o rosto ficar vermelho.

— Cale-se.

— Não é uma falha, menina Morgan.

— Cale-se!

— E eu sabia que acabaria por trabalhar comigo.

— Não o farei.

— Já o está a fazer.

Com o estômago às voltas, virei-lhe as costas. Olhei, sem ver, para o rio gelado. A minha testa enrugou-se num franzir de cenho. O silêncio era tão grande que eu conseguia ouvir o bater do meu coração... Por que estava assim tão silencioso? Girei, as mãos a agarrar os cotovelos. Trent ergueu os olhos da bainha das calças que estava a endireitar. Atentava, curioso, na expressão assustada que eu sabia ter estampada no rosto.

— O que foi? — perguntou ele cuidadosamente.

Sentindo-me irreal e desligada, dei um passo em direção à porta.

— Escute.

— Não ouço nada.

Estendi a mão e tentei girar a maçaneta.

— O problema é esse — disse eu. — O barco está vazio.

Durante breves instantes houve silêncio. Trent levantou-se, o seu terno emitindo um som agradável. Ele parecia mais preocupado do que alarmado, enquanto abanava as mangas fazendo-as descer sobre o braço e avançava. Empurrando-me do caminho, tentou abrir a porta.

— O quê, acha que ela se vai abrir para você quando não se abriu para mim? — perguntei eu, agarrando-lhe no cotovelo e empurrando-o para longe da porta. Equilibrando-me num só pé, sustive a respiração e pontapeei a madeira, grata por até os barcos de luxo tentarem manter tudo tão leve quanto possível. O meu salto atravessou a madeira fina, prendendo meu pé. As tiras do meu belo vestido pendiam e agitavam-se enquanto eu saltitava desajeitadamente para trás, tentando soltar-me. — Hei! Espere! — exclamei, quando Trent tirou as lascas de madeira do buraco e estendeu o braço através dele para abrir a porta pelo lado de fora. Ignorando-me, abriu a porta e correu para o corredor. — Maldição, Trent! — silvei, agarrando na minha bolsa e seguindo-o. Sentindo dores no tornozelo, alcancei-o no fundo das escadas. Estendendo um braço, puxei-o para trás, atirando seu ombro contra a parede da passagem estreita. — O que está fazendo? — disse eu, a centímetros dos seus olhos furiosos. — É assim que trata o Quen? Não sabe o que está lá fora e, se morrer, serei eu quem vai sofrer, não você! —ele nada disse, os olhos verdes coléricos e o maxilar tenso. — Agora meta o seu traseiro esquelético atrás do meu e mantenha-o aí — disse eu, dando-lhe um empurrão.

Obstinada e preocupada, deixei-o ali. A minha mão queria tocar na arma de bolas explosivas, mas enquanto aquele disco púrpura estivesse a funcionar, as poções no seu interior não fariam nada a não ser irritar alguém, à medida que eu fosse sujando as suas belas roupas com uma malcheirosa mistura de acônito e erva-da-fortuna. Um ligeiro sorriso ergueu-se no meu rosto. Eu não me importava de fazer isto de forma alguma.

Pelo que podia ver a divisão estava vazia. Pus-me à escuta, nada ouvindo. Agachando-me, para colocar a cabeça à altura dos joelhos, espreitei por uma esquina. Eu estava ali em baixo por dois motivos. Primeiro, se alguém estivesse à espera para me atingir, teriam de ajustar o movimento, o que me dava tempo para sair do caminho.

Segundo, se fosse atingida, não teria de percorrer uma distância tão grande até ao chão. Mas ao fitar a sala elegante senti o estômago às voltas. O chão estava repleto de corpos.

— Oh, meu Deus — disse eu baixinho, enquanto me levantava. — Trent, ele matou todos — *Seria aquilo? Lee ia incriminar-nos por assassinato?*

Trent passou por mim, escapando-se facilmente da minha tentativa para o impedir. Ele baixou-se junto do primeiro corpo.

— Inconscientes — disse ele, num tom monocórdico, a sua bela voz transformando-se em aço. O meu horror transformou-se em confusão.

— Por quê? — analisei o piso, calculado que tinham caído onde se encontravam.

Trent ergueu-se. Os seus olhos estavam presos na porta. Eu assenti.

— Vamos sair daqui — disse eu. Os seus passos atrás dos meus eram rápidos, enquanto corríamos para a entrada descobrindo-a, como seria de prever, fechada. Através do vidro fosco, eu podia ver os carros no estacionamento, a limusine de Trent estacionada no local onde a tínhamos deixado. — Tenho um mau pressentimento quanto a isto — murmurei, e Trent puxou-me para o lado para espreitar. Fitei a madeira espessa, sabendo que não seria capaz de pontapear através dela. Tensa, vasculhei a minha bolsa. Enquanto Trent perdia a sua energia, tentando partir um vidro com um banco do bar, carreguei na primeira tecla da marcação automática. — É vidro à prova de bala — disse eu, enquanto o telefone tocava.

Ele baixou o banco e percorreu com a mão seu cabelo leve tornando-o de novo perfeito. Nem sequer estava a respirar com dificuldade.

— Como é que sabe?

Encolhi os ombros, virando-me de lado para obter alguma privacidade.

— Era o que eu teria feito — regressei à sala de jogos enquanto Ivy atendia. — Hei, Ivy — disse eu, recusando-me a baixar a voz não fosse dar ao Sr. elfo a impressão de que não tinha nada daquilo planeado. — O Saladan trancou-nos no seu barco-casino e fugiu. Importa-se de vir e destrancar a porta?

Trent espreitava para o estacionamento.

— Jonathan está ali. Liga.

Ivy estava a dizer qualquer coisa, mas a voz de Trent era mais sonora. Tapei o receptor com uma mão e disse a Trent:

— Se ele ainda estivesse consciente, não lhe parece que ele sentiria algo curioso com o facto de Lee já ter saído e não teria vindo dar uma espreitadela? — o rosto de Trent ficou um pouco mais branco. — O quê? — disse eu, concentrando-me de novo em Ivy. Ela estava quase histérica.

— Sai daí! — gritou ela. — Rachel, Kist mandou pôr uma bomba na caldeira. Não sabia que era aí que você ia! Sai daí!

Senti o rosto gelado.

— Hum, tenho de ir, Ivy. Falamos mais tarde.

Enquanto Ivy gritava, eu fechei a tampa do meu celular e guardei-o. Virando-me para Trent, sorri.

— Kisten vai explodir o barco de Lee para lhe dar uma lição. Parece que temos de nos ir embora.

O meu telefone começou a tocar. Ignorei-o e quem quer que estivesse a ligar foi atirado para o atendimento automático. A confiança de Trent desvaneceu-se, deixando para trás um jovem atraente e bem vestido que tentava não mostrar seu medo.

— Lee não deixaria que alguém queimasse seu barco — disse ele. — Ele não trabalha assim.

Eu envolvi o corpo com os braços, analisando a sala em busca de algo... Qualquer coisa... Que me ajudasse.

— Ele incendiou o seu orfanato.

— Isso foi para chamar a minha atenção.

Olhei para ele, cansada.

— Será que seu amigo permitiria que seu barco ardesse e o levasse com ele, se Piscary recebesse a culpa? Seria uma excelente forma de tomar conta da cidade.

O maxilar de Trent tornou-se ainda mais tenso.

— A caldeira? — perguntou ele.

Eu acenei.

— Como soube?

Ele dirigiu-se para uma pequena porta atrás do bar.

— Era o que eu faria.

— Maravilha — segui-o, a minha pulsação mais rápida enquanto ele contornava as pessoas inconscientes. — Para onde vamos?

— Quero dar uma olhada.

Estanquei repentinamente, enquanto Trent se virava para descer de costas uma escada.

— Consegue desarmar uma bomba? — seria a única forma de salvar todo mundo. De certeza que estava ali uma dúzia de pessoas. A partir do fundo da escada, Trent ergueu os olhos para mim, parecendo estranho no seu terno entre a sujeira e a tralha.

— Não. Só quero dar uma olhada.

— Está louco! — exclamei eu. — Quer dar uma olhada? Temos de sair daqui!

O rosto de Trent, que me fitava, era plácido.

— Poderá ter um temporizador. Vem?

— Claro — disse eu, refreando uma gargalhada; eu tinha a certeza de que soaria histérica. Trent avançou através do barco com uma perturbadora falta de urgência. Eu conseguia sentir o cheiro de metal quente e fumo. Tentando não ficar com o vestido preso, espreitei para a escuridão. — Ali está! — gritei apontando. O meu dedo tremia e eu baixei a mão para o esconder. Trent avançou e eu segui-o, escondendo-me atrás dele quando ele se agachou perante uma caixa de metal com fios que emergiam dela. Estendeu uma mão para abri-la e eu entrei em pânico. — Hei! — gritei, agarrando-lhe o ombro. — Que Viragem está a fazer? Não sabe como desligá-la!

Ele reequilibrou-se sem se levantar, fitando-me irritado. Todos os cabelos da sua cabeça estavam perfeitos.

— Será aí que vamos encontrar o temporizador, Morgan.

Eu engoli em seco, espreitando por cima do ombro dele enquanto ele abria cuidadosamente a tampa.

— Quanto tempo? — sussurrei, a minha respiração fazendo esvoaçar o seu cabelo fino.

Ele ergueu-se e eu recuei um passo.

— Cerca de três minutos.

— Oh, raios, não! — a minha boca ficou seca e o meu telefone recomeçou a tocar. Ignorei-o. Inclinando-me para frente, olhei com mais atenção para a bomba, começando a sentir algo instável. Trent puxou a corrente de um relógio, revelando um cronômetro de aspeto antigo e acertou o temporizador moderno.

— Temos três minutos para encontrar a saída.

— Três minutos! Não conseguimos encontrar forma de sair do barco em três minutos. O vidro é à prova de bala, as portas são mais espessas do que a sua cabeça e aquele grande disco púrpura absorverá qualquer feitiço que lancemos!

Os olhos de Trent estavam gelados sobre mim.

— Controle-se. A histeria não a irá ajudar.

— Não me diga o que fazer! — exclamei, com os joelhos a começarem a tremer. — Penso melhor quando estou histérica. Cale-se e deixe-me entrar em pânico! — envolvendo o corpo com os braços, olhei de relance para a bomba. Estava calor ali em baixo e eu estava a suar. Três minutos. O que raio conseguiríamos nós fazer em três minutos? Cantar uma canção. Dar uns passos de dança. Espalhar um pouco de amor. Encontrar um novo romance. *Oh, céus! Eu estava a fazer poesia*.

— Talvez ele tenha uma forma de escapar através do seu gabinete? — sugeriu Trent.

— E foi por isso que ele nos trancou lá dentro? — disse eu. Continuei. — Vamos — agarrei-lhe por uma manga e puxei. — Não temos tempo suficiente para descobrir uma saída — meus pensamentos dirigiram-se para o disco púrpura no teto. Eu tinha-o influenciado uma vez. Talvez o conseguisse vergar à minha vontade. — Vamos! — repeti, enquanto a sua manga escapava através dos meus dedos e ele se recusava a mover. — A menos que queria ficar aí a ver os números decrescer. Talvez eu seja capaz de quebrar a zona sem feitiços que Lee estabeleceu neste barco.

Trent começou a mover-se.

— Eu continuo a achar que seremos capazes de encontrar um ponto fraco na sua segurança.

Subi a escada, sem querer saber se Trent reparava se eu estava ou não a usar calcinha.

— Não há tempo — maldição, por que Kisten não me disse o que ia fazer? Eu estava rodeada de homens que guardavam segredos de mim. Nick, Trent e, agora, Kisten. Eu sabia escolhê-los ou quê? E Kist ia matar pessoas. Eu não gostava de estar interessada por um tipo que matava pessoas. O que haveria de *errado* comigo?

Com o coração a bater, como se assinalasse os segundos a passar, regressamos à sala de jogos. Estava silenciosa e calma. À espera. A minha boca contorceu-se perante a imagem das pessoas a dormir. Estavam mortas. Eu não podia salvá-las e a Trent. Eu nem sequer sabia como me ia salvar a mim mesma. O disco sobre mim parecia suficientemente inócuo, mas eu soube que estava a funcionar quando Trent olhou para ele de relance e empalideceu. Calculei que ele estivesse a usar a sua segunda visão.

— Não consegue quebrar aquilo — disse ele. Mas não precisa. Consegue estabelecer um círculo de proteção suficientemente grande para ambos?

Os meus olhos abriram-se.

— Quer suportar a explosão dentro de um círculo protetor? Você é louco! Assim que eu lhe tocar, ele desaparecerá!

Trent parecia furioso.

— Quão grande, Morgan?

— Mas eu fiz soar os alarmes da última vez, só por olhar para ele!

— Então e depois! — exclamou ele, a sua confiança a falhar. Era bom vê-lo abalado, mas naquelas circunstâncias, não podia apreciá-lo. — Faça soar os alarmes! O disco não a impede de aceder a uma linha e gerar um feitiço. Simplesmente descobre-a quando o faz. Erga a porcaria do círculo!

— Oh! — olhei-o compreendendo, a minha primeira esperança desvanecendo-se. Eu não podia aceder a uma linha para erguer um círculo protetor. Não em cima de água como estava.

— Hum, faça-o você — disse eu.

Ele pareceu sobressaltar-se.

— Eu? Preciso de uns bons cinco minutos com giz e velas.

Frustrada, gemi.

— Que tipo de elfo é você?

— Que tipo de agente é você? — respondeu-me ele. — Não me parece que o seu amigo se importe que puxe uma linha através dele para salvar sua vida. Faça-o, Morgan. Estamos a ficar sem tempo!

— Não posso — virei-me num círculo apertado. Através do vidro inquebrável, Cincinnati brilhava.

— Que se foda a sua maldita honra, Rachel. Quebre a promessa que lhe fez ou morreremos!

Sentindo- me infelicíssima, virei-me para ele. *Ele pensava que eu tinha honra?*

— Não é isso. Já não posso puxar uma linha através de Nick. O demônio quebrou a minha ligação com ele.

O rosto de Trent ficou pálido.

— Mas você deu-me um choque no carro. Era demasiada energia para o que um bruxo consegue guardar no seu *chi*.

— Sou o meu próprio familiar, está bem? — disse eu. — Fiz um acordo com o demônio para ser sua familiar, desde que ele testemunhasse contra Piscary e tive de aprender a guardar a energia das linhas *Ley* para ele. Oh, tenho toneladas de energia, mas um círculo requer que se fique ligado a uma linha. Não posso fazê-lo.

— Você é familiar de um demônio? — seu rosto parecia horrorizado, aterrorizado, com medo de mim.

— Não mais — gritei, furiosa por ter de admitir sequer que tinha acontecido. — Comprei a minha liberdade. Está bem? Deixe-me em paz! Mas não tenho nenhum familiar e não consigo puxar uma linha por cima da água!

A partir da minha mala erguia-se o som ténue do meu celular a tocar. Trent sobressaltou-me.

— O que lhe deu pela sua liberdade?

— O meu silêncio — minha pulsação batia veloz. Que diferença faria se Trent ficasse a saber? Íamos morrer os dois.

Sorrindo como se tivesse decidido qualquer coisa, Trent tirou o casaco. Abanando a manga, abriu o botão de punho e puxou a manga para lá do cotovelo.

— Não é o familiar de um demônio? — tratava-se de um sussurro suave e preocupado.

— Não! — eu estava a tremer. Enquanto eu o observava confusa, ele agarrou-me no braço logo abaixo do cotovelo. — Hei! — gritei, afastando-me.

— Aguente-se — disse ele, soturno. Agarrando o meu braço com mais força, usou a mão livre para me obrigar a tomar o seu pulso no mesmo aperto que os acrobatas usam quando atuam no trapézio. — Não me faça me arrepender — murmurou ele e os meus olhos abriram-se, quando uma onda de energia das linhas fruiu para mim.

— Ai, caramba! — arquejei, quase caindo. Era uma magia selvagem, com o sabor inalcançável do vento. Ele tinha unido a sua vontade à minha, acedendo à linha através do seu familiar e entregando-me como se fôssemos um. A linha que o atravessava em mim tinha tomado um toque da sua aura. Era limpa e pura, com o gosto do vento, como a de Ceri.

Trent gemeu e os meus olhos saltaram para os dele. Tinha o rosto sério e o suor começava a escorrer. O meu *chi* estava cheio e, embora a energia extra estivesse a saltar de volta para a linha, aparentemente a que eu tinha armazenado na minha cabeça estava a arder através dele.

— Oh, céus — disse eu, desejando que houvesse uma forma de poder alterar o equilíbrio. — Lamento, Trent.

A sua respiração ergueu-se num arquejo rouco.

— Faça o círculo — arquejou ele.

Com os olhos saltando para o cronômetro que pendia da sua corrente, disse a invocação. Ambos cambaleámos quando a força que corria através de nós se alterou. Eu não relaxei de todo quando a bolha de energia das linhas *Ley* fluiu à nossa volta. Olhei de relance para o seu relógio. Não conseguia perceber quanto tempo nos restava.

Trent afastou o cabelo dos olhos, sem largar o meu braço. Com uma expressão perturbada nos olhos, fitou a bolha manchada de dourado que nos cobria e as pessoas

para além dela. A sua expressão estava vazia. Engolindo em seco, agarrou-me com mais força. Era óbvio que a energia já não estava a arder através dele, mas a pressão iria acumular-se lentamente até atingir os níveis anteriores.

— É mesmo grande — disse ele fitando seu brilho. — Consegue erguer um círculo sem desenho assim tão grande?

— Consigo erguê-lo — disse eu, evitando seus olhos. A pele dele contra a minha era quente e eu sentia um formigueiro que se erguia dela. Não gostava da intimidade. — E quis que fosse grande para que tivéssemos alguma margem de manobra quando a onda de choque nos atingir. Assim que você me largar, ou se eu tocar...

— Se desfará — terminou Trent por mim. — Eu sei. Está a tagarelar, Morgan.

— Cale-se! — exclamei, nervosa como um *pixy* num quarto cheio de sapos. — Você pode estar habituado a ter bombas a explodir à sua volta, mas para mim é a primeira vez!

— Se tiver sorte, não será a última — disse ele.

— Cale-se de uma vez! — disse rudemente. Esperei que os meus olhos não estivessem tão assustados como os dele. Se sobrevivêssemos à explosão, ainda tínhamos de sobreviver ao rescaldo. Pedaços do barco a cair e água gelada. Maravilha. — Hum, quanto tempo? — perguntei, ouvindo a minha voz a tremer. O meu telefone voltou a tocar.

Ele olhou para baixo de relance.

— Dez segundos. Talvez devêssemos sentar-nos antes de cairmos.

— Claro — disse eu. — É capaz de ser uma boa ide...

Arquejei quando um estrondo abanou o chão. Aproximei-me de Trent, desesperada por impedir que nos soltássemos. O chão empurrou-nos e depois caímos. Ele agarrou-me pelo ombro, puxando-me para ele e impedindo-me de rolar para longe. Apertada contra ele podia sentir o cheiro da seda e do pós barba.

Senti o estômago cair e uma onda de fogo rebentou em nosso redor. Gritei enquanto os meus ouvidos ficavam dormentes. Era um movimento irreal e sem som, o barco quebrou-se enquanto nos erguíamos. A noite transformou-se em manchas de céu negro e fogo vermelho. O formigueiro do círculo a quebrar-se desceu sobre mim. Depois caímos. Trent soltou-me e eu gritei quando o fogo correu sobre mim. Os meus

ouvidos surdos pela explosão encheram-se de água e eu não conseguia respirar. Eu não estava a arder, estava a afogar-me. Estava frio, não quente. Entrando em pânico, lutei contra a água pesada que me empurrava.

Não me conseguia mover. Não sabia para que lado era para cima. A escuridão estava repleta de bolhas e pedaços do barco. Um ténue brilho à minha esquerda chamou-me a atenção. Recompus-me e virei-me na sua direção, dizendo ao meu cérebro que a superfície era para ali, ainda que parecesse estar de lado, não para cima. Deus, eu esperava que fosse a superfície. Emergi da água, os meus ouvidos ainda sem funcionar. O frio atingiu-me, estava gelado.

Arquejei, o ar como facas nos meus pulmões. Inspirei mais uma vez, grata por estar viva. Estava tão frio que magoava. Pedaços do barco continuavam a cair e eu avancei pelas águas, grata por estar a usar um vestido dentro do qual me conseguia mexer. A água sabia a combustível e o golo que eu tinha bebido mantinha-se pesadamente dentro de mim.

— Trent! — gritei, escutando como se tivesse uma almofada sobre a cabeça. — Trent!

— Aqui!

Abanei a cabeça afastando o cabelo molhado dos olhos e virei-me. Senti-me aliviada. Estava escuro, mas por entre o gelo que flutuava e a madeira vi Trent. O seu cabelo estava colado contra a cabeça, mas ele não parecia ter se machucado. Tremendo, tirei um dos sapatos de salto que ainda tinha calçado e comecei a nadar na sua direção. Ouvia pedaços do barco cair aqui e ali. *Como é que era possível que ainda estivesse a cair?* — perguntei-me. Havia destroços suficientes para fazer dois barcos.

Trent começou a nadar na minha direção com uma braçada aparentemente profissional. Ao que parecia, tinha aprendido a nadar. O brilho do fogo sobre a água gelada aumentou à nossa volta. Erguendo os olhos, arquejei. Algo grande e a arder ainda não tinha caído.

— Trent! — gritei, mas ele não me ouviu. — Trent, cuidado! — gritei, apontando, mas ele não me estava a ouvir. Mergulhei, tentando escapar — fui atirada para longe, como se me tivessem batido. A água à minha volta tornou-se vermelha. Perdi quase todo o ar que tinha nos pulmões quando algo me bateu, ferindo-me as costas. A água salvou-me, no entanto, e, com os pulmões doloridos e os olhos a arder, segui a minha exalação até à superfície. — Trent! — chamei, quando emergi da água gelada, no frio

ardente da noite. Descobri-o a segurar uma almofada que se estava rapidamente a encher de água. Os seus olhos cruzaram-se com os meus, desfocados. A luz do barco a arder estava a diminuir e eu nadei na sua direção. A doca tinha desaparecido. Eu não sabia como é que íamos sair dali. — Trent — disse eu, tossindo, quando cheguei junto dele. Os meus ouvidos estavam a tilintar, mas ele conseguia ouvir-me. Cuspi o cabelo da boca. — Está bem? — ele pestanejou como se estivesse a tentar recuperar o foco dos olhos. O sangue deslizava da sua cabeça, desenhando um fio castanho no cabelo claro. Os olhos fecharam-se e eu observei-o, aterrorizada, quando ele largou a almofada.

— Não, nem pense — disse eu, agarrando-o antes que ele deslizasse para o fundo das águas. Tremendo, passei um braço em redor do pescoço dele, apoiando o queixo dele na parte de dentro do meu cotovelo. Ele estava a respirar. As minhas pernas estavam a ficar lentas devido ao frio e os meus dedos estavam a ficar com cãibras. Olhei à minha volta em busca de ajuda. Onde raio estava a SI. Alguém devia ter visto a explosão. — Nunca estão por perto quando precisamos deles — murmurei, empurrando do meu caminho um pedaço de gelo tão grande como uma cadeira.

— Provavelmente estão a passar uma multa a alguém por ter vendido amuletos fora de prazo — a doca tinha desaparecido. Eu tinha de nos tirar de dentro de água. A única forma de sair era subir para o gelo e avançar até outra doca. Um som de desespero ergueu-se de mim, enquanto eu tentava nadar para o limite do buraco que a explosão abrira no gelo. Jamais o conseguiria alcançar, nem mesmo com a corrente lenta. A água começava a submergir-me ainda mais e os meus movimentos estavam lentos e cada vez mais difíceis. Também já não tinha frio e isso assustava-me terrivelmente. Provavelmente conseguiria lá chegar... Se não estivesse a arrastar Trent.

— Para o inferno com tudo isso! — gritei, usando a minha raiva para continuar a avançar. Eu não ia morrer ali, tentando salvar o traseiro dele. — Por que não me contou o que ia fazer, Kisten! — exclamei, sentindo as lágrimas como fogo a deslizarem de mim enquanto nadava. — Por que eu não te disse o que ia fazer? — gritei a mim mesma. — Sou uma idiota. E o teu relógio estúpido está adiantado, Trent! Sabia disso? O teu estúpido... — inspirei soluçando —... Relógio está adiantado.

Doía-me a garganta, mas o movimento pareceu aquecer-me. Agora a água parecia, sem dúvida, um bálsamo. Arquejando, parei de nadar, deslizando na água. A minha visão desfocou-se quando me apercebi que estava quase lá. No entanto, tinha no caminho um grande pedaço de gelo e teria de contorná-lo. Inspirando resoluta, mudei de posição o meu braço carregado e dei às pernas. Já não as conseguia sentir, mas presumi que estavam a mexer-se, já que a prateleira de gelo de vinte centímetros de

espessura parecia estar a aproximar-se. O que restava da luz do barco queimado traçava manchas vermelhas e minúsculas no gelo, quando cheguei junto dele e lhe toquei. A minha mão deslizou sobre ele, puxando a neve, e eu fui ao fundo. A adrenalina martelou através de mim e eu esperneei, regressando à superfície. Trent engasgou-se e começou a tossir.

— Oh, Trent — disse eu, com a água a encher-me a boca. — Tinha me esquecido que estava aí. Você primeiro. Vamos. Para cima do gelo.

Usando o questionável apoio do que parecia ser parte do bar do casino, ergui Trent sobre o rio gelado. As lágrimas correram pelo meu rosto, já que eu era agora capaz de usar ambos os braços para me manter a flutuar. Esperei por um momento, as minhas mãos insensíveis na neve, enquanto pousava a cabeça sobre o gelo. Estava tão cansada. Trent não se estava a afogar. Eu tinha feito o meu trabalho. Agora podia salvar-me. Estendi um braço para me puxar para cima do gelo e falhei. A neve caía formando poças de lama. Mudando de tática, tentei erguer uma perna. Esta recusava-se a mover. Eu não conseguia mexer a perna.

— Está bem — disse eu, não me sentindo tão assustada como pensava que iria ficar. O frio devia ter deixado tudo dormente, até os meus pensamentos estavam trôpegos. Eu devia estar a fazer qualquer coisa, mas não me conseguia lembrar o quê. Pestanejei ao ver Trent, as suas pernas ainda dentro de água. — Oh, sim — sussurrei. Tinha de sair da água. O céu sobre mim estava negro e a noite silenciosa não fora pelos zumbidos nos meus ouvidos e pelas sirenes distantes.

A luz dos fogos estava fraca e apagava-se. Os meus dedos recusavam mover-se e eu tive de usar os meus braços como tacos para puxar um pedaço do barco para mais perto de mim. Concentrando-me, para não perder o pensamento que estava a ter, puxei-o para debaixo de mim para me içar. Deixei escapar um gemido quando, com a sua ajuda, consegui fazer deslizar uma perna para cima do gelo. Rolei atabalhoadamente e deixei-me ficar a arquejar. O vento era como fogo nas minhas costas e o gelo estava quente. Eu tinha conseguido.

— Onde está todo mundo? — murmurei, sentindo a minha pele dura contra o gelo frio. — Onde está Ivy? Onde estão os bombeiros? Onde está meu telefone? — dei uma risadinha, ao recordar que se encontrava no fundo do rio, juntamente com a minha bolsa. Depois fiquei séria, ao pensar nas pessoas inconscientes que se afundavam através da água gelada, usando suas melhores joias, para se juntarem a ela. Raios, eu até daria um beijo em Denon, o meu velho e desprezível patrão da SI se ele aparecesse.

Isso fez-me pensar noutra coisa.

— Jonathan — sussurrei. — Oh, Jonathaaan — cantei eu. — Onde está? Mostre-se, sua aberração alta da natureza.

Ergui a cabeça, feliz por estar virada na direção correta. Semicerrando os olhos e tentando ver para lá do cabelo molhado, pude ver uma luz no local onde se encontrava a limusine. Os faróis estavam apontados para o rio, brilhando sobre a destruição e os pedaços do barco que se afundavam. A silhueta de Jonathan erguia-se no cais. Eu podia perceber que era ele porque eu não conhecia mais ninguém que fosse tão alto.

Estava a olhar para o lado errado. Nunca me veria e eu não conseguia gritar mais. Maldição. Ia ter de me levantar. Tentei. Tentei mesmo, mas as minhas pernas recusavam-se a trabalhar e os meus braços estavam pousados, ignorando-me. Além disso, o gelo estava quente e eu não me queria levantar. Talvez ele me ouvisse se eu gritasse. Inspirei.

— Jonathan — sussurrei. Oh, raios, isto não ia funcionar. Inspirei fundo mais uma vez. — Jonathan — disse eu, ouvindo a minha voz por entre o zumbido nos ouvidos. Ergui a cabeça, observando-o e constatando que ele não se virava. — Esquece — disse eu, deixando a minha cabeça cair mais uma vez sobre o gelo. A neve estava quente e eu encostei-me a ela. — Isto é agradável — murmurei, mas creio que não passou dos meus pensamentos nem assumiu a forma de palavras verdadeiras.

Sentia-me como se o mundo estivesse a girar e eu podia ouvir o bater das águas. Enroscando-me no gelo, sorri. Há dias que não dormia bem. Exalei, deslizando para o vazio, apreciando o calor do sol que subitamente brilhava sobre o gelo. Alguém me envolveu com os seus braços e eu senti a cabeça cair sobre um peito molhado enquanto me erguiam.

— Denon? — ouvi-me murmurar. — Anda aqui, Denon. Devo-te um grande... Beijo...

— Denon? — repetiu alguém.

— Eu levo-a, Sa'han.

Tentei abrir os olhos, voltando a cair no nada quando me senti mover. Dormia, sem estar acordada, mas não me encontrando verdadeiramente a dormir. Depois, fiquei imóvel e tentei sorrir e voltar a adormecer. Mas um ténue beliscão e um latejar não cessavam de se intrometer na minha face e as minhas pernas doíam. Irritada, empurrei

o gelo, descobrindo que tinha desaparecido. Eu estava sentada e alguém me esbofeteava.

— Já chega — ouvi Trent dizer. — Vai deixar marcas.

A dor desapareceu deixando apenas o latejar. *O Jonathan estava a esbofetear-me?*

— Hei, seu maldito sacana — murmurei. — Volta a me bater e eu acabarei com o teu abono de família.

Podia sentir o cheiro de couro. O meu rosto contorceu-se quando a sensação começou a regressar às minhas pernas e braços. Oh, céus, doía! Abri os olhos e descobri Trent e Jonathan espreitando para mim. O sangue escorria da cabeça de Trent e a água pingava de seu nariz. Sobre as nossas cabeças estava o interior da limusine. Eu estava viva? Como é que eu tinha chegado ao carro?

— Já não era sem tempo de nos ter encontrado — murmurei, fechando os olhos.

Ouvi Trent suspirar.

— Ela está bem.

Suponho que sim. Talvez. Quando comparado com estar morta, suponho que estivesse bem.

— É uma pena — disse Jonathan e eu ouvi-o afastar-se de mim. — Teria simplificado as coisas se não estivesse. Ainda não é muito tarde para a atirarmos de novo à água com os restantes.

— Jon! — ladrou Trent.

A sua voz era tão quente como eu sentia a minha pele. Ardia como o inferno.

— Ela salvou minha vida — disse Trent suavemente. — Não quero saber se gostas dela ou não, mas ela merece teu respeito.

— Trenton... — começou Jonathan.

— Não — a voz era gelada. — Ela *merece* o teu respeito.

Houve uma hesitação e eu teria deslizado de novo para o vazio se a dor nas minhas pernas me tivesse deixado. E os meus dedos ardiam.

— Sim, Sa'han — disse Jonathan e eu acordei subitamente.

— Leva-nos para casa. Liga e pede ao Quen que prepare um banho para ela. Temos que a aquecer mais do que isto.

— Sim, Sa'han — sua voz era lenta e relutante. — A SI está aqui. Por que não os deixamos ficar com ela?

Senti um pequeno puxão no meu *chi* enquanto Trent usava uma linha.

— Não quero que me vejam aqui. Não atravesse o caminho de ninguém e ninguém reparará em nós. Despacha-te.

Os meus olhos já não me respondiam, mas ouvi Jonathan sair do carro e fechar a porta. Ouviu-se mais um ruído quando ele entrou para o lugar do condutor e o carro se começou a mover. Os braços à minha volta apertaram-se e eu compreendi que estava no colo de Trent, o calor do seu corpo fazendo mais do que o ar para me aquecer. Senti a suavidade de um cobertor contra mim. Eu devia ter sido bem enrolada nele; não conseguia mexer os braços nem as pernas.

— Lamento — murmurei, desistindo de tentar abrir os olhos. — Estou a deixar o seu terno todo molhado — depois soltei urna risadinha, pensando que aquilo tinha soado verdadeiramente patético. Ele já estava ensopado. — Seu amuleto celta não vale nada — sussurrei. — Espero que tenha guardado o recibo.

— Cale-se, Morgan — disse Trent, a sua voz distante e preocupada.

O carro ganhou velocidade e o som pareceu embalar-me. Eu podia relaxar, enquanto sentia o formigueiro da circulação dos meus membros. Eu estava no quarto de Trent, embrulhada num cobertor e segura nos seus braços. Ele não deixaria que nada me machucasse. *Mas ele não estava a cantar* — pensei. *Não devia ele estar a cantar?*



27

A água quente dentro da qual eu estava sentada era agradável. Já me encontrava ali dentro há tempo suficiente para ficar enrugada por duas vezes, mas não me importava. A grande banheira de Ellasbeth era fabulosa. Suspirei, inclinando a cabeça para trás e fitando os tetos de oito metros envolta em orquídeas de vaso que rodeavam a banheira. Talvez houvesse algo de bom naquele negócio do barão da droga se podia ter uma banheira assim. Já lá estava há mais de uma hora.

Trent ligara para Ivy ainda antes de termos chegado aos limites da cidade. Eu própria tinha falado com ela não há muito, dizendo-lhe que estava bem, emersa em água quente e que não ia sair dali enquanto o inferno não congelasse. Ela tinha desligado o telefone, mas eu sabia que estávamos bem. Passando os dedos através das bolhas, ajustei o amuleto contra as dores que Trent me emprestara e que trazia preso em redor do pescoço.

Eu não sabia quem o tinha invocado; talvez a secretária? Todos os meus amuletos estavam no fundo do rio Ohio. O meu sorriso desapareceu quando me lembrei das pessoas que não tinha conseguido salvar. Recusava-me a sentir culpada por respirar e elas não. As suas mortes estavam nas mãos de Saladan, não nas minhas. Ou talvez de Kisten. Maldição. O que é que eu ia fazer em relação a isso?

Fechei os olhos e disse uma oração por eles. Mas eles abriram-se repentinamente quando uma ténue cadência de passos rápidos se tornou mais sonora. Eles aproximaram-se rapidamente e eu senti-me gelada quando uma mulher magra, muito bem vestida numa roupa de cor creme avançou com os saltos a bater no chão do banheiro sem se fazer anunciar. No braço, trazia um saco de um armazém. O seu olhar de aço estava fixo na porta para o quartinho de vestir e ela nem sequer me viu ao desaparecer no seu interior.

Tinha de ser Ellasbeth. Inferno. O que haveria eu de fazer? Limpar a espuma da mão e estendê-la para apertar a dela? Imóvel, fitei a porta. O meu casaco estava pousado numa das cadeiras e a sacola de roupa ainda estava pendurada junto ao biombo. Com a pulsação rápida, perguntei-me se conseguiria pegar a toalha verde antes de ela perceber que não estava sozinha.

O som suave cessou e eu encolhi-me no meio da espuma quando ela voltou a entrar, absolutamente irada. Os seus olhos escuros estavam semicerrados em sinal de raiva e as altas maçãs do rosto estavam vermelhas. Com uma postura rígida, ela estancou, a sacola ainda na mão e aparentemente esquecido. O seu cabelo loiro, espesso e ondulado estava preso para trás, concedendo ao seu rosto estreito uma beleza simples. De lábios apertados, mantinha a cabeça erguida, os olhos fortemente fixos em mim mal atravessou a passagem.

Então era este o aspecto do inferno quando congelava.

— Quem é você? — perguntou ela, sua voz forte, dominadora e fria. Eu sorri, mas só pareci algo tola.

— Hum... Sou Rachel Morgan. Dos encantamentos vampíricos? — comecei a sentar-me, depois mudei de ideia. Odiava a pergunta que se tinha insinuado na minha língua, mas estava lá. Claro que talvez lá estivesse porque eu estava nua com exceção da espuma e ela se erguia sobre os seus saltos de dez centímetros e uma roupa casual de bom gosto que Kisten talvez escolhesse para mim se me levasse às compras em Nova Iorque.

— O que está fazendo na minha banheira? — ela fitava desdenhosamente meu olho negro que começava a sarar.

Estendi a mão a uma toalha e arrastei-a para dentro da banheira, tapando-me.

— Tentando me aquecer.

A boca dela estremeceu.

— Não me admira — disse ela, rudemente. — Ele é um sacana gélido.

Sentei-me, enquanto ela saía.

— Trenton! — sua voz ressoava dura no meio da paz em que eu me estivera a perder.

A minha respiração escapou-se de mim e eu fitei a toalha ensopada, agarrada ao meu corpo. Suspirando, levantei-me e abri o ralo com o pé. A água que redemoinhava em redor das minhas canelas aquietou-se e começou a escapar. Ellasbeth deixara aberta todas as portas e eu podia ouvi-la a gritar com Trent. Ela não estava muito longe. Talvez tão perto como a sala comum. Concluindo que enquanto a conseguisse ouvir lá fora, seria provavelmente seguro para mim secar-me ali dentro, desenrolei-me da toalha ensopada e agarrei duas novas toalhas do toalheiro aquecido.

— Por amor de Deus, Trenton — dizia a voz dela, amarga e insultuosa. — Não podia ter esperado até eu ter ido embora antes de trazer para cá uma das tuas prostitutas?

Fiquei vermelha e os meus movimentos para secar os braços tornaram-se rudes.

— Pensei que tinha partido — disse Trent calmamente, não ajudando nada. — E ela não é uma prostituta, é uma parceira de negócios.

— Não quero saber do que chama, ela está nos meus aposentos, seu sacana.

— Não havia outro lugar para a pôr.

— Há oito banheiros deste lado e a puseste no meu?

Eu estava feliz por meu cabelo já estar um pouco seco e o cheiro do *shampoo* de Ellasbeth, me fazer sentir bem limpinha. Saltitando desajeitadamente sobre um pé, tentei vestir a roupa íntima, feliz por só estar a usar as meias de nylon que trouxera de casa quando saímos. A minha pele ainda estava úmida e tudo se colava. Quase caí quando o meu pé se prendeu a meio da perna das calças e, saltando, apoiei-me ao lavatório.

— Maldito seja, Trenton! Nem sequer te atrevas a dizer que isto são negócios! — Ellasbeth estava a gritar. — Está uma bruxa nua na minha banheira e tu está aqui sentado de roupão!

— Não, escuta-me — a voz de Trenton era dura como ferro e eu conseguia ouvir a sua frustração mesmo a dois quartos de distância. — Eu disse que ela era uma parceira de negócios e é isso mesmo que é.

Ellasbeth soltou uma gargalhada rude.

— Dos Encantamentos Vampíricos? Ela própria me disse o nome da sua casa de sangue!

— Ela é uma detetive, se é que quer saber — disse Trent, tão friamente, que eu quase o conseguia ver cerrar o maxilar. — A parceira dela é uma vampira. É um jogo de palavras, Ellasbeth. A Rachel foi minha segurança esta noite e caiu ao rio para me salvar a vida. Eu não ia deixá-la à porta do seu escritório meia morta de hipotermia, como um gato vadio. Disseste-me que ia apanhar o voo das sete horas. Pensei que tinha partido e não ia colocá-la no meu quarto.

Houve um momento de silêncio. Eu enfiei a minha camisa. Em algum lugar no fundo do rio, estavam vários milhares de dólares de suaves fitas de ouro do penteado de Randy e um brinco. Pelo menos, o colar sobrevivera. Talvez o amuleto só funcionasse no colar.

— Estavam naquele barco... No que explodiu... — a voz era mais suave, mas não havia qualquer sinal de um pedido de desculpas na sua súbita preocupação.

No silêncio, lutei contra o meu cabelo, com uma careta. Talvez se tivesse meia hora conseguisse fazer alguma coisa com ele. Além disso, eu não tinha como recuperar da primeira impressão fantástica que tinha deixado. Inspirando fundo para me acalmar, ergui os ombros e avancei, calçada apenas com meias, até à sala comum. Café. Podia sentir o cheiro de café. O café faria com que tudo ficasse melhor.

— Podes compreender a minha confusão — estava Ellasbeth a dizer, quando eu hesitei junto à porta, sem que tivessem reparado em mim, mas já capaz de vê-los. Ellasbeth erguia-se junto à mesa redonda, no recanto do café da manhã, com a expressão frágil de um tigre que compreende que não pode comer o homem com o chicote. Trent estava sentado, envergando um roupão verde debruado a *Bordeaux*. A sua testa estava enrugada de forma profissional. Ele parecia chateado, como seria normal tendo em consideração que a noiva o acabara de acusar de a enganar.

— Isso é o mais perto de um pedido de desculpas que vou receber, não é? — disse Trent.

Ellasbeth largou a sacola do armazém e pousou a mão no quadril.

— A quero fora dos meus aposentos. Não quero saber quem é.

Os olhos de Trent caíram nos meus, como se tivessem sido atraídos para eles e eu encolhi-me.

— Quen vai levá-la a casa depois de um leve jantar — disse ele. — Pode juntar-se a nós. Como eu disse, pensei que já tinha partido.

— Mudei para o voo vampiro para poder fazer compras durante mais tempo.

Trent voltou a olhar de relance para mim, para dizer a Ellasbeth que já não estavam sozinhos.

— Passou seis horas às compras e só tens uma sacola? — disse ele, a mais ténue acusação na sua voz.

Ellasbeth seguiu seu olhar até mim, rapidamente escondendo a sua raiva com uma expressão agradável. Mas eu podia ver sua frustração. Restava saber como se iria revelar. Eu apostava em farpas escondidas e descortesias disfarçadas em cumprimentos. Mas eu seria simpática enquanto ela o fosse. Sorrindo, aproximei-me, de jeans e camisa dos Howlers.

— Hei, hum, obrigada pelo amuleto contra a dor e por ter me deixado tomar um banho, Sr. Kalamack — parei ao lado da mesa, o desconforto tão espesso e angustiante como um mau *cheesecake*. — Não precisa incomodar Quen. Eu ligarei à minha parceira para que me venha buscar. O mais certo é que já esteja a bater no seu portão da frente.

Trent fez um esforço visível para afastar a raiva da sua atitude. Com os cotovelos sobre a mesa, de tal forma que as mangas do roupão caíam, revelando os pelos claros dos seus braços, disse:

— Preferia que Quen a levasse a casa, menina Morgan. Não estou particularmente desejoso de falar com a menina Tamwood — ele olhou de relance para Ellasbeth. — Quer que ligue para o aeroporto por ti, ou vais ficar mais uma noite?

A sua voz estava completamente vazia de qualquer convite.

— Vou ficar — disse ela com a voz tensa. Dobrando-se pela cintura, ela pegou a sacola e avançou em direção à porta. Observei os seus passos rápidos sobre os saltos, vendo neles uma perigosa combinação de um menosprezo insensível e ego.

— Ela é filha única, não é? — disse eu, quando o som dos seus passos se perdeu sobre o tapete.

Trent pestanejou, afastando os lábios.

— Sim, é — depois fez um gesto para que eu me sentasse. — Por favor.

Sem ter a certeza de que queria comer com aqueles dois, sentei-me, hesitante, na cadeira em frente a Trent. O meu olhar prendeu-se na janela falsa que cobria toda a parede da pequena sala de estar próxima. Passava pouco das onze, de acordo com os relógios que eu vira e a noite estava escura e sem lua.

— Lamento — disse eu, meu olhar saltando para a passagem dos aposentos de Ellasbeth.

O maxilar dele apertou-se por um instante, depois relaxou.

— Quer um pouco de café?

— Claro. Isso seria ótimo — eu estava quase a desmaiar de fome e o calor do banho tinha drenado todas as minhas forças. Ergui os olhos, espantada, quando uma mulher corpulenta, de avental, avançou a passos rápidos da pequena cozinha escondida no fundo da sala. Estava parcialmente aberta para o espaço onde tinham sido colocadas a mesa e as cadeiras, mas eu até agora não tinha reparado nela.

Dirigindo-me um sorriso que abarcava todo o seu rosto, a mulher pousou uma caneca daquele café de cheiro divinal à minha frente, voltando a encher a xícara de chá menor de Trent com um líquido de cor âmbar. Pensei que conseguia sentir o cheiro de gardénias, mas não tinha certeza.

— Abençoada seja — disse eu, enquanto envolvia a caneca com as mãos e aspirava o vapor.

— Não tem de quê — disse ela, com o calor profissional de uma boa empregada. Sorrindo, virou-se para Trent. — O que vai desejar esta noite, Sr. Kalamack? É quase tarde demais para um jantar como deve ser.

Enquanto eu soprava sobre a superfície do meu café, os meus pensamentos saltaram para os horários diferentes das bruxas e dos elfos, pensando que era interessante que uma das nossas espécies estivesse sempre acordada e que o jantar acontecesse mais ou menos à mesma hora para ambas.

— Oh, faça-o mais leve — disse Trent, obviamente tentando aligeirar o ambiente. — Tenho cerca de um quilo e meio do rio Ohio dentro de mim. Que tal um café da manhã? O normal, Maggie.

A mulher acenou, o cabelo branco cortado curto não se movendo de todo.

— E quanto a você, querida? — perguntou-me ela. Olhei para Trent e depois para a mulher.

— O que é o normal?

— Quatro ovos muito mal passados e três fatias de pão de centeio torrado só de um lado.

Senti-me empalidecer.

— Isso é comer pouco? — disse eu, antes de me conseguir impedir.

Trent endireitou o colarinho do pijama, espreitando por trás do roupão.

— Metabolismo elevado.

Os meus pensamentos regressaram ao fato de ele e Ceri nunca parecerem ter frio. Também a temperatura do rio não o tinha afetado.

— Hum — disse eu, quando compreendi que ela ainda estava à espera. — A torrada parece-me bem, mas dispenso os ovos.

Erguendo as sobrancelhas, Trent deu um gole no seu chá, olhando-me por cima da beira.

— É verdade — disse ele, sem qualquer tom de acusação na voz. — Não os tolera muito bem. Maggie, façamos antes *waffles*.

Chocada, recostei-me na cadeira.

— Como é que...

Trent encolheu os ombros, ficava bem no roupão de banho e pés descalços. Tinha pés belos.

— Acha que não conheço o seu histórico médico?

O meu espanto desvaneceu-se quando me lembrei de Faris, morto no chão do seu gabinete. *Que raio estava eu a fazer ali a jantar com ele?*

— As waffles parecem-me ótimas.

— A menos que deseje algo mais tradicional para jantar. A comida chinesa não demora muito tempo. Será que prefere algo do gênero? A Maggie faz uns *won ton* fabulosos.

Abanei a cabeça.

— *Waffles* parece bem.

Maggie sorriu, virando-se para regressar à cozinha.

— Não demora nada.

Pousei o guardanapo no colo, perguntando-me em que medida aquela tentativa de ser-simpático-com-a-Rachel se prendia com a fato de Ellasbeth se encontrar na sala do lado à escuta e Trent desejar magoá-la por tê-lo acusado de enganá-la. Decidindo que não queria saber, pousei os cotovelos na mesa e dei um gole do melhor café que alguma vez provara. Fechando os olhos no vapor que se erguia, gemi de prazer.

— Oh, céus, Trent! — murmurei. — Isto é bom.

O súbito bater de saltos no tapete fez-me abrir os olhos. Ela estava de volta. Endireitei-me na cadeira enquanto Ellasbeth entrava, o casaco aberto mostrando uma camisa branca engomada e um lenço cor de pêssego. O meu olhar fixou-se no anelar dela e eu empalideci. Podia-se iluminar uma cidade inteira com o brilho que dele emanava. Ellasbeth sentou-se ao meu lado, um pouco perto demais para o meu gosto.

— Maggie? — disse ela, alegremente. — Para mim pode ser chá e biscoitos, por favor. Comi enquanto estava fora.

— Sim, minha senhora — disse Maggie, enquanto se inclinava através da passagem aberta. O seu tom de voz não tinha absolutamente nenhum calor. Era óbvio que Maggie também não gostava de Ellasbeth. Ellasbeth sorriu, pousando os dedos compridos e de aspecto frágil sobre a mesa para melhor mostrar o anel de noivado. Cadela.

— Parece que começamos com o pé errado, menina Morgan — disse ela alegremente. — Você e o Trenton já se conhecem há muito tempo?

Eu não gostava de Ellasbeth. Eu achava que ficaria deveras irritada se chegasse a casa e descobrisse uma garota na banheira do Nick, mas depois de a ter visto a gritar com Trent, não conseguia encontrar simpatia por ela dentro de mim. Acusar alguém de

traição era duro. O meu sorriso vacilou quando percebi que quase fizera o mesmo com Nick. Eu tinha-o acusado de me dar com os pés, perguntando-lhe se havia outra pessoa. Havia uma diferença, mas não era grande. Merda. Tinha de lhe pedir desculpa. Que ele não me tivesse dito para onde estava a viajar durante os três últimos meses, enquanto me evitava, já não me parecia motivo suficiente. Pelo menos, eu não lhe chamara nomes. Arrancando-me aos meus pensamentos, sorri para Ellasbeth.

— Oh, eu e o Trent já nos conhecemos há muito — disse eu, levemente, enrolando um caracol de cabelo em torno do meu dedo e recordando-me que agora estava curto. — Conhecemo-nos no acampamento de férias quando éramos crianças. Até é bastante romântico se pensarmos nisso — sorri perante a expressão subitamente vazia de Trent.

— Sério? — ela virou-se para Trent, um toque de um rosnado de tigre na sua voz de cadência suave.

Endireitando-me, puxei as pernas para baixo de mim para me sentar de pernas cruzadas, percorrendo a beira da caneca com o meu dedo, de forma sugestiva.

— Ele era um verdadeiro lobinho quando era mais jovem, cheio de fogo e espírito. Eu tinha de o afugentar, pobre rapaz. Foi assim que ele arranjou a cicatriz no antebraço — olhei para Trent. — Não acredito que não contaste a Ellasbeth! Trent, não continua com vergonha disso, hum?

O olho de Ellasbeth estremeceu, mas o seu sorriso nunca lhe falhou. Maggie pousou uma xícara de aspecto delicado repleta de um líquido âmbar junto ao cotovelo dela e afastou-se em silêncio. Com as sobrancelhas, cuidadosamente aparadas, erguidas, Ellasbeth assimilou a atitude silenciosa de Trent e a sua falta de negação. As pontas dos dedos dela batiam contra a mesa, em sinal de agitação.

— Estou a ver — disse ela, depois se levantou. — Trenton, acredito que afinal vou apanhar esse voo esta noite.

O olhar de Trent pousou-se no dela. Ele parecia cansado e algo aliviado.

— Se é isso que desejas, querida.

Ela inclinou-se para ele, os seus olhos fixos em mim.

— É para te dar oportunidade de resolver teus negócios... Meu doce — disse ela, os seus lábios fazendo agitar o ar em redor da orelha dele. Sem deixar de me observar, ela deu-lhe um beijo leve no rosto. Além de um brilho vingativo não havia qualquer sentimento nos seus olhos. — Me liga amanhã.

Trent não revelou sequer uma centelha de emoção. Nada. E a sua ausência gelou-me.

— Vou contar as horas — disse ele, sua voz também não dando qualquer pista. Os olhos de ambos estavam presos em mim quando ele ergueu a mão para tocar no rosto dela, mas não lhe devolveu o beijo. — Quer que a Maggie prepare o teu chá para levar?

— Não.

Sem deixar de me observar, endireitou-se, sua mão demorando-se possessivamente no ombro dele. A imagem que transmitiam era simultaneamente bela e forte. E unida. Lembrei-me do reflexo de Trent e de mim no barco de Saladan. Ali havia um laço que faltara entre nós. Mas não era amor. Era mais... Franzi o cenho... Uma união de negócios?

— Foi um prazer conhecê-la, Rachel — disse Ellasbeth, trazendo os meus pensamentos de volta ao presente. — E obrigado por ter acompanhado o meu noivo esta noite. Os seus serviços são, sem dúvida, práticos e apreciados. É uma pena que ele não os vá voltar contratar.

Inclinei-me sobre a mesa para apertar a mão que ela me oferecia, com uma pressão neutra. Creio que ela tinha acabado de me chamar prostituta... Outra vez. Subitamente, compreendi que não percebia o que se estava a passar. *Será que ele gostava dela, ou não?*

— Espero que tenha um bom voo — disse eu.

— Terei, obrigada — sua mão deslizou da minha e ela recuou um passo. — Acompanha-me ao carro? — perguntou a Trent, sua voz suave e satisfeita.

— Não estou vestido, querida — disse ele baixinho, continuando a tocar-lhe. Jonathan pode levar tuas malas.

Uma centelha de irritação atravessou-a e eu dirigi-lhe um sorriso felino. Virando-se, ela atravessou o corredor sobre a sala grande.

— Jonathan? — chamou ela, os saltos sonoros no chão.

Meu Deus. Aqueles dois faziam jogos um com o outro como se se tratasse de um desporto olímpico. Trent exalou. Pousando os pés no chão, dirigi-lhe um sorriso amarelo.

— Ela é simpática.

A sua expressão tornou-se amarga.

— Não, não é, mas vai ser minha esposa. Agradeceria que não voltasse a sugerir que estamos a dormir juntos.

Sorri, desta vez um sorriso verdadeiro.

— Queria simplesmente que ela fosse embora.

Maggie aproximou-se, pondo a mesa e levando a xícara e o pires de Ellasbeth.

— Que mulher terrível, terrível — murmurava ela, os seus movimentos rápidos e bruscos. — Pode despedir-me se quiser, Sr. Kalamack, mas não gosto dela e nunca vou gostar. Espere só. Ela vai trazer com ela uma mulher qualquer que vai tomar conta da minha cozinha. Mudar a arrumação dos meus armários. Correr comigo.

— Nunca, Maggie — disse Trent acalmando-a, a sua atitude assumindo uma calma sociável. — Temos de aproveitar a situação o melhor possível.

— Oh, blá, blá, blá — murmurou ela, enquanto regressava à cozinha. Sentindo-me mais relaxada agora que Ellasbeth se tinha ido embora, dei mais um gole daquele café maravilhoso.

— Ela é simpática — disse eu, olhando para a cozinha.

Com os olhos verdes, revelando uma suavidade infantil, ele acenou.

— Sim, é.

— Ela não é um elfo — disse eu e os seus olhos saltaram para os meus. — Ellasbeth é — acrescentei e o seu olhar tornou-se novamente fechado.

— Está a ficar desconfortavelmente hábil, menina Morgan — disse ele, afastando-se de mim.

Pousando um cotovelo de cada lado do prato branco, pousei o queixo na ponte feita pelas minhas mãos.

— Esse é o problema de Ellasbeth, sabe? Ela sente-se como uma égua de criação.

Trent abanou o guardanapo e pousou-o no colo. O roupão começava a abrir-se lentamente revelando um pijama de aspeto executivo. Foi de certa forma uma decepção, tinha a esperança de que estivesse de boxers.

— Ellasbeth não quer se mudar para Cincinnati — disse ele, sem se perceber que eu estava a olhar de relance para o seu físico. — Seu trabalho e os seus amigos estão em Seattle. Talvez não seja possível sabê-lo só de olhar para ela, mas ela é uma das melhores engenheiras de transplante nuclear do mundo — meu silêncio surpreendido o fez erguer para mim a atenção, constatando que eu o fitava. — Ela consegue tocar no núcleo de uma célula danificada e transplantá-lo para uma célula saudável — disse ele.

— Oh! — bela e inteligente. Ela podia ser a Miss América se aprendesse a mentir melhor. Mas a mim, parecia-me muito próximo da manipulação genética ilegal.

— Ellasbeth pode trabalhar tão bem em Cincinnati como em Seattle — disse Trent, confundindo o meu silêncio por interesse. — Já financiei o Departamento de Investigação da Universidade para que possam atualizar suas instalações. Ela vai colocar Cincinnati no mapa graças aos seus desenvolvimentos e está furiosa por estar a ser obrigada a mudar-se em vez de mim — ele cruzou o seu olhar com o meu, interrogativo. — Não é ilegal.

— Para mim é igual — disse eu, recostando-me, quando Maggie pousou uma manteigueira e um jarro de xarope fumegante sobre a mesa e se afastou.

Os olhos de Trent cruzaram-se com os meus e ele encolheu os ombros. O odor da massa a cozinhar chegava até nós, carregado de promessas e a minha boca começou a salivar enquanto Maggie regressava com dois pratos de *waffles* fumegantes. Pousou um à minha frente, hesitando, para ter a certeza de que eu estava satisfeita.

— Parece maravilhoso — disse eu, levando a mão à manteiga. Trent endireitou o prato enquanto esperava por mim.

— Obrigado, Maggie. Eu trato do resto. Está a ficar tarde. Goza o resto da noite.

— Obrigada, Sr. Kalamack — disse Maggie, claramente agradada ao pousar a mão no ombro dele. — Vou limpar tudo antes de partir. Mais chá ou café?

Ergui os olhos, parando de empurrar a manteiga na direção de Trent. Ambos estavam à minha espera.

— Hum, não — disse eu, olhando de relance para a minha caneca. — Obrigada.

— Está ótimo — ecoou Trent.

Maggie acenou, como se nós estivéssemos a fazer algo correto antes de regressar à cozinha a trautear. Sorri quando reconheci a estranha canção de embalar *All the Pretty*

Little Horses. Erguendo a tampa de uma pequena embalagem, descobri-a cheia de morangos esmagados. Os meus olhos abriram-se. Uns poucos morangos inteiros do tamanho do meu mindinho formavam um anel em redor das paredes como se fosse junho, não dezembro, e eu perguntei-me onde é que ele os tinha comprado. Ansiosa, barrei o meu *waffle* com os morangos, erguendo os olhos quando compreendi que Trent me estava a observar.

— Quer isso?

— Quando terminar.

Fui buscar mais uma colher, depois hesitei. Largando a colher no seu interior, empurrei-os sobre a mesa. O som suave de prata a bater pareceu ruidoso, enquanto eu banhava os *waffles* com o xarope.

— Sabe, espanquei o último homem que vi de roupão com a perna de uma cadeira, até o deixar inconsciente — disse, desesperada por quebrar o silêncio.

Trent quase sorriu.

— Terei cuidado.

O *waffle* era estaladiço por fora e molinho por dentro, fácil de cortar com um garfo. Trent usava a faca. Coloquei cuidadosamente o quadrado perfeito na boca, para que não pingasse.

— Oh, céus — disse com a boca cheia, desistindo de qualquer tentativa de mostrar boas maneiras. — Será por que quase morremos que isso está tão delicioso, ou ela é a melhor cozinheira da terra?

Era manteiga a sério e o xarope de bordo tinha o sabor escuro que dizia que era cem por cento verdadeiro, não dez por cento, não sete por cento, era xarope de bordo a sério. Lembrando-me dos doces de bordo que tinha encontrado enquanto vasculhava o gabinete de Trent, não fiquei surpreendida. Trent pousou um cotovelo sobre a mesa, os olhos fixos no prato.

— Maggie coloca maionese. Confere uma textura interessante.

Hesitei, fitando o prato, concluindo que, se não conseguia sentir o seu gosto, não tinha ovo suficiente para me preocupar.

— Maionese?

Um ténue som de consternação ergueu-se da cozinha.

— Sr. Kalamack... — Maggie saiu, limpando as mãos ao avental. — Não ande a revelar os meus segredos, ou amanhã descobrirá folhas no seu chá — censurou ela.

Inclinando-se para espreitar por cima do ombro, o sorriso dele abriu-se fazendo com que ele se transformasse numa pessoa completamente diferente.

— Nesse caso, serei capaz de ler a minha sorte. Tem uma boa noite, Maggie.

Pigarreando, ela saiu, atravessando a sala de estar mais baixa e virando à esquerda para o corredor sobre o grande salão. Os seus passos eram quase silenciosos e o fechar da porta principal foi sonoro. Ouvindo o som da água a correr no novo silêncio, comi mais uma garfada. *Barão da droga, assassino, homem mau*, recordei a mim mesma. Mas ele não estava a falar e eu começava a sentir-me desconfortável.

— Hei, lamento ter enchido a sua limusine de água — disse. Trent limpou a boca.

— Acho que a limpeza a seco não será muito difícil de pagar depois do que fez.

— Ainda assim — disse eu, enquanto o meu olhar deslizava para o recipiente com os morangos. — Lamento.

Vendo os meus olhos saltar da fruta para ele, Trent dirigiu-me um olhar inquisitivo. Ele não ia oferecer, por isso estendi a mão e peguei.

— O carro de Takata não é melhor do que o seu — disse eu, virando o recipiente sobre o que restava do meu *waffle*. — Só me estava te enchendo.

— Calculei — disse ele secamente. Ele não estava a comer e eu ergui os olhos para o descobrir, de garfo e faca na mão, observando-me a raspar o que restava dos morangos com a faca da manteiga.

— O que foi? — disse eu, ao pousar o recipiente. — Já não ia comer mais.

Cuidadosamente, ele cortou mais um quadrado do *waffle.*

— Tem estado em contato com Takata, nesse caso?

Encolhi os ombros.

— Eu e Ivy vamos tratar da segurança do seu concerto na próxima sexta-feira — meti um pequeno pedaço na boca, fechei os olhos e mastiguei. — Isso é mesmo bom — ele não disse nada e os meus olhos abriram-se. — Você... Hum... Também vai?

— Não.

Virando-me de novo para o prato, olhei-o de relance, através do cabelo.

— Ainda bem — dei mais uma dentada. — O homem é algo do outro mundo; quando falamos, trazia vestidas umas calças cor de laranja. E de cabelo até aqui — fiz um gesto, mostrando-o a Trent. — Mas o mais certo é que o conheça. Pessoalmente.

Trent continuava a comer o seu *waffle* com o passo firme de um caracol.

— Encontramo-nos uma vez.

Satisfeita, empurrei os morangos do resto do *waffle* e concentrei-me neles.

— Ele apanhou-me na rua, deu-me carona e largou-me no meio da via rápida — sorri. — Pelo menos pediu a alguém que trouxesse o meu carro. Já ouviu o seu mais recente lançamento?

Música. Eu podia sempre manter a conversa, se esta fosse sobre música. E Trent gostava de Takata, isso eu sabia sobre ele.

— *Red Ribbons?* — perguntou Trent, uma estranha firmeza na sua voz.

Acenando, engoli e afastei o prato. Os morangos tinham acabado e eu estava cheia.

— Já ouviu? — perguntei, recostando-me na minha cadeira com a caneca do café na mão.

— Já ouvi — deixando uma pequena tira de *waffle* por comer, Trent pousou o garfo e afastou-o de forma simbólica. As suas mãos estenderam-se para o chá e ele recostou-se na cadeira. Preparei-me para dar um gole de café, estancando ao compreender que Trent tinha espelhado tanto a minha postura como os meus movimentos.

Oh, droga! Ele gosta de mim. Espelhar os movimentos era clássico no que dizia respeito à linguagem corporal da atração. Sentindo como se tivesse caído de repente no meio de algo que não desejava, inclinei-me para frente intencionalmente e pousei o braço na mesa, os dedos rodeando a caneca quente de café. *Não ia jogar aquele jogo. Não ia!*

— "És minha e, no entanto, totalmente tu" — disse Trent secamente, ignorando obviamente os meus pensamentos. — O homem não tem qualquer sentido de discrição.

Um dia, ainda se vai arrepender — com os olhos distantes e inconscientes, ele pousou o braço na mesa. O meu rosto ficou gelado e eu engasguei-me, mas não fora por causa do gesto que ele fizera. Fora por causa do que dissera.

— Ai, caramba! — praguejei. — Você é o delfim de um vampiro!

Os olhos de Trent saltaram para os meus.

— Desculpe?

— A letra! — cuspi. — Ele não lançou essa. Essa faz parte da faixa para vampiros que só os vampiros mortos-vivos e os seus delfins conseguem ouvir. Oh, meu Deus! Você foi mordido!

De lábios apertados, Trent pegou no garfo e cortou um triângulo de *waffle*, usando-o para ensopar o que restava do xarope que tinha no prato.

— Não sou o delfim de um vampiro. E nunca fui mordido.

O meu coração bateu veloz e eu fitei-o.

— Então como é que sabe letra? Eu o ouvi. Eu o ouvi dizê-la. Saída da faixa para vampiros.

Ele arqueou as sobrancelhas finas fitando-me.

— Como é que sabe da faixa para vampiros?

— Ivy.

Trent levantou-se. Limpando os dedos, apertou o roupão e atravessou a sala até à sala de estar casual, onde se encontrava a televisão e a aparelhagem. Vi-o tirar um CD de uma prateleira e colocá-lo na aparelhagem. Enquanto este começava a girar, ele carregou num botão e *Red Ribbons* jorrou dos alto-falantes escondidos. Embora estivesse a tocar baixinho, podia sentir o baixo a martelar dentro de mim. Trent mostrava uma expressão de aceitação cansada quando se voltou com um par de fones sem fios na mão. Tinham um aspecto profissional, do tipo que nos cobria os ouvidos em vez de pousar sobre eles.

— Escute — disse ele, estendendo-os para mim. Eu recuei, desconfiada, e ele colocou-me na cabeça.

Fiquei de boca aberta e os meus olhos voaram para os dele. Era *Red Ribbons*, mas não era a mesma canção. Era incrivelmente rica, parecendo voar diretamente para o

meu cérebro, saltando dos meus ouvidos. Ecoava dentro de mim, rodopiando atrás e através dos meus pensamentos. Havia agudos impossíveis e graves trepidantes que me faziam formigar a língua. Era a mesma música, mas era muito mais.

Compreendi que estava a fitar o prato. Aquilo que eu tinha estado a perder era lindíssimo. Inspirando, ergui a cabeça. Trent voltara a sentar-se, observando-me. Atordoada, ergui as mãos para tocar nos fones, garantindo a mim mesma que eles estavam mesmo lá. A faixa para vampiros era indescritível.

E depois, a mulher começou a cantar. Olhei para Trent, sentindo-me em pânico, era tão linda. Ele acenou, o sorriso do gato de Cheshire estampado no rosto. A sua voz era lírica, simultaneamente rouca e trágica. Arrancou de mim emoções que eu não sabia sentir. Um arrependimento profundo e doloroso, um desejo desnecessário.

— Eu não sabia — suspirei.

Enquanto ouvia até ao fim, incapaz de tirar os fones, Trent levou os nossos pratos até à cozinha. Regressou com um bule, enchendo de novo a sua xícara antes de pousá-lo. A faixa chegou ao fim, deixando apenas o silêncio. Atordoada, tirei os fones e pousei-os ao lado do meu café.

— Eu não sabia — repeti, pensando que os meus olhos deviam parecer assombrados. — Ivy consegue ouvir tudo isto? Por que é que Takata não os lança, soando assim?

Trent ajustou a sua posição na cadeira.

— Ele fara. Mas só os mortos-vivos o podem ouvir.

Toquei nos fones.

— Mas você...

— Fiz depois de ter ficado a saber sobre a faixa para vampiros. Não tinha a certeza de que funcionassem nas bruxas. Pela sua expressão, suponho que funcionaram?

Abanei a cabeça num gesto solto.

— Magia das linhas *Ley*? — perguntei. Um sorriso, quase tímido, pairou sobre ele.

— A minha especialização é a desorientação. Quen acredita que é uma perda de tempo, mas fiquei surpreendido com o que uma pessoa faria por um par desses.

Afastei os olhos dos fones.

— Posso imaginar.

Trent deu um gole no seu chá, recostando-se, fitando-me com uma expressão especulativa.

— Por acaso não... Quer um par, quer?

Inspirei fundo, franzindo o cenho perante a ténue provocação na sua voz.

— Não em troca do que está a pedir, não — pousando a caneca de café à distância de um braço, levantei-me. O seu comportamento anterior de imitar os meus movimentos tornou-se subitamente claro. Ele era um especialista em manipulação. Ele tinha de saber os sinais que estava a transmitir. A maior parte das pessoas não sabia – pelo menos conscientemente – e o fato de ele ter tentado abrir caminho ao romance para obter a minha ajuda quando o dinheiro não conseguia comprá-la era desprezível.

— Obrigada pelo jantar — disse eu. — Estava fabuloso.

A surpresa fez Trent endireitar-se.

— Direi à Maggie que gostou dele — disse ele, os lábios apertando-se.

Tinha cometido um erro e sabia-o. Limpei as mãos à camisa.

— Fico agradecida. Vou buscar as minhas coisas.

— Vou dizer ao Quen que está pronta para partir — sua voz era monocórdica.

Deixando-o sentado à mesa, afastei-me. Vi-o de relance, quando me virei e entrei nos aposentos de Ellasbeth. Estava a tocar nos fones, sua atitude incapaz de esconder a sua irritação. O curativo na cabeça e os pés descalços faziam com que parecesse vulnerável e sozinho. *Homem solitário e estúpido* — pensei. *E eu sou estúpida e ignorante por ter pena dele.*



28

Fui buscar a mochila no banheiro, traçando um círculo lento para ter certeza que tinha tudo. Lembrando-me da sacola, fui buscá-la e ao meu casaco ao quartinho de vestir. Fiquei de boca aberta perante a lista telefónica aberta na mesinha baixa e o meu rosto ficou vermelho. Ela tinha-a aberta nas acompanhantes, não nos detetives independentes.

— Ela pensa que eu sou uma prostituta — murmurei, arrancando a página e enfiando-a no bolso dos jeans. Maldição, eu não queria saber se nós fazíamos serviços de acompanhamento legítimos e ocasionais, Ivy ia tirar aquele anúncio. Irritada, enfiei o meu feio casaco, com a pele falsa ao redor do colarinho, agarrei no fato que não chegara a vestir e parti, quase chocando com Trent no passadiço aberto.

— Vou! Desculpe — gaguejei, recuando dois passos. Ele apertou o laço do roupão, os olhos vazios.

— O que vai fazer em relação ao Lee?

Os eventos dessa noite regressaram à minha mente, fazendo-me franzir o cenho.

— Nada.

Trent recuou, a surpresa fazendo-o parecer mais jovem.

— Nada?

Os meus olhos desfocaram-se quando recordei as pessoas espalhadas onde tinham caído, impossíveis de salvar. Lee era um carniceiro. Ele podia tê-las libertado, mas deixara-as para trás para que se parecesse com um ataque de Piscary. O que era, mas eu não acreditava que Kisten o fizesse. Ele devia tê-los avisado. Ele tinha de os ter avisado. Mas Trent estava de pé à minha frente, os olhos verdes inquisitivos.

— Não é um problema meu — disse eu e passei para lá dele.

Trent estava mesmo atrás de mim, os seus pés descalços silenciosos.

— Ele tentou matá-la.

Sem abrandar, disse por cima do ombro.

— Ele tentou matá-lo. Eu estava no caminho — *duas vezes.*

— Não vai fazer nada?

O meu olhar fixou-se na janela enorme. Era difícil perceber, na escuridão, mas pareceu-me que já estava de novo límpida.

— Eu não diria isso. Vou para casa dormir um pouco. Estou cansada.

Dirigi-me para a porta de quinze centímetros de espessura no final do passadiço. Trent continuava atrás de mim.

— Não quer saber que ele vá inundar Cincinnati com Enxofre inseguro, matando centenas?

O meu maxilar ficou tenso, enquanto eu pensava na irmã de Ivy. A vibração dos meus passos subiu ao longo da minha coluna.

— Trate você dele — disse eu secamente. — Já que isso se prende com os seus... *Negócios*.

— Não tem qualquer desejo de procurar a vingança? Nenhum?

A sua voz estava carregada de descrença e eu estaquei.

— Força. Eu meti-me no seu caminho. Ele é mais forte do que eu. Você, por outro lado... Tanto me faz que frite, pequeno elfo. Talvez Cincinnati ficasse melhor sem você.

O rosto suave de Trent ficou pálido.

— Não acredita seriamente nisso.

Mudando a posição da sacola, exalei.

— Já não sei em que acredito. Você não é honesto comigo. Desculpe. Tenho de ir para casa e dar de comer ao meu peixe — continuei a avançar, dirigindo-me para a porta. Sabia o caminho até à frente e Quen, provavelmente, me alcançaria a meio do caminho.

— Espere.

O tom de súplica na sua voz fez-me parar, a mão a tocar na porta. Virei-me, no mesmo momento em que Quen aparecia no fundo das escadas, o rosto preocupado e ameaçador. De alguma forma, não me pareceu ser por eu estar prestes a atravessar sozinha o complexo de Kalamack, mas pelo que Trent poderia dizer. A minha mão afastou-se da maçaneta. *Talvez valha a pena ficar.*

— Se eu lhe contar o que sei sobre o seu pai, me ajudará com Lee?

No piso inferior, Quen mexeu-se.

— Sa'han ...

Trent ergueu uma sobrancelha, desafiante.

— *Exitus acta probat.*

A minha pulsação acelerou e eu ajustei o colarinho de pele falsa do meu casaco.

— Hei! Falem língua de gente, garotos — disse, irritada. — Da última vez que disse que me ia falar do meu pai, fiquei a saber de sua cor favorita e a forma como ele gostava do cachorro-quente.

A atenção de Trent prendeu-se no grande salão e em Quen. O seu chefe da segurança abanou a cabeça.

— Gostaria de se sentar? — disse Trent, e Quen fez uma careta.

— Claro — olhando-o, desconfiada, voltando atrás e seguindo-o até o piso inferior. Ele instalou-se numa cadeira enfiada entre a janela e uma parede, sua postura confortável dizendo-me que era ali que ele se sentava quando se encontrava naquela divisão. A partir dali, podia ver a escura catarata e encontravam-se ali vários livros, as fitas que marcavam as suas páginas revelando tardes passadas ao sol. Atrás dele, na parede, encontravam-se quatro cartas de tarô Visconti meio rasgadas, cada uma delas

cuidadosamente protegida atrás de um vidro. O meu rosto ficou gelado quando compreendi que a dama cativa na carta do diabo se parecia com Ceri.

— Sa'han — disse Quen baixinho. — Isto não é uma boa ideia.

Trent ignorou-o e Quen recuou, colocando-se atrás dele, onde me podia fitar. Pousei a sacola numa cadeira próxima e sentei-me, as pernas cruzadas pelo joelho e o meu pé balançando impaciente. Ajudar Trent com Lee seria coisa pouca se ele me contasse algo de relevante. Raios, eu própria ia dar cabo do sacana assim que chegasse a casa e fizesse alguns amuletos. Sim, eu era uma mentirosa, mas era sempre sincera comigo própria sobre isso. Trent deslizou para a beira do assento, os cotovelos pousados nos joelhos e o olhar fixo na noite.

— Há dois milênios, a maré virou no nosso esforço para reclamar a eternidade aos demônios.

Os meus olhos arregalaram-se. Imobilizando o meu pé, tirei o casaco. Isto era capaz de ainda demorar algum tempo a chegar à parte do meu pai. O olhar de Trent ficou-se no meu e, vendo que eu aceitava que ele fosse pelo caminho mais longo, recostou-se num gemido de couro. Quen emitiu um som de sofrimento no fundo da garganta.

— Os demônios viram que o seu fim estava próximo — disse Trent baixinho. — Num esforço inusitado de cooperação, puseram de lado suas lutas internas por supremacia e trabalharam para lançar uma maldição sobre todos nós. Nem sequer nos tínhamos apercebido que esta ocorrera durante três gerações, não compreendendo a mais alta percentagem de mortes entre os recém-nascidos pelo que era.

Pestanejei. Os demônios eram os responsáveis pelo sumiço dos elfos? Pensava que tinha sido o seu hábito de se misturarem com os humanos.

— A mortalidade infantil aumentou exponencialmente a cada geração — disse Trent. — O nosso desejo de vitória foi fugindo de nós em minúsculos caixões e ao som do luto. Por fim, acabámos por compreender que eles nos tinham amaldiçoado, alterando o nosso DNA para que se quebrasse espontaneamente, a cada geração, tornando-se progressivamente pior.

O meu estômago apertou-se. Genocídio genético.

— Tentaram reparar os danos, cruzando-se com humanos? — perguntei, ouvindo a pequenez da minha voz.

Os seus olhos soltaram-se da janela e pousaram-se nos meus.

— Foi um último esforço para salvar qualquer coisa até conseguirmos encontrar uma forma de resolver o problema. Acabou por se revelar um desastre, mas manteve-nos vivos até termos melhorado as técnicas genéticas que nos permitiam suster e, em última instância, reparar a maior parte da degradação. Quando a Viragem o tornou ilegal, os laboratórios foram para o submundo, num esforço desesperado para salvar os poucos de nós que tinham conseguido sobreviver. A Viragem fez-nos espalhar e eu conseguia encontrar uma criança confusa ano sim, ano não.

Sentindo-me irreal, sussurrei:

— Os teus hospitais e orfanatos — nunca tinha pensado que houvesse um motivo além das relações públicas atrás deles.

Trent sorriu tenuemente, ao ver nos meus olhos que eu compreendia. Quen parecia doente, as suas rugas abatendo-se umas sobre as outras, as mãos atrás das costas, fitando o vazio num protesto silencioso. Trent inclinou-se para frente.

— Encontro-os doentes e a morrer, e ficam sempre gratos pela sua saúde e pela oportunidade de procurarem outros da sua espécie. Tem sido difícil, durante os últimos cinquenta anos. Fomos nos equilibrando. A próxima geração nos salvará, ou amaldiçoará.

Um pensamento em Ceri intrometeu-se, e eu esmaguei-o.

— Que isto tem a ver com o meu pai?

Um rápido aceno agitou-lhe a cabeça.

— O seu pai estava a trabalhar com o meu para tentar descobrir uma antiga amostra de DNA elfo na eternidade, que pudéssemos usar como padrão. Podemos arranjar aquilo que sabemos estar danificado, mas para melhorar a situação, para reduzir a mortalidade infantil até um nível que nos permita sobreviver sem ajuda médica, precisamos de uma amostra de alguém que tenha morrido antes de termos sido amaldiçoados. Algo a que consigamos comparar as reparações.

Um som de incredulidade escapou-se de mim.

— Precisam de uma amostra com mais de dois mil anos?

Ele ergueu o ombro num meio encolher. Os seus ombros não pareciam tão largos no roupão, e ele tinha uma aparência confortavelmente vulnerável.

— É possível. Havia várias bolsas de elfos que praticavam a mumificação. Tudo aquilo de que necessitamos é de uma célula, mesmo que só marginalmente perfeita. Só uma.

Os meus olhos saltaram para um histérico Quen, depois para ele.

— Piscary quase me matou ao tentar descobrir se me tinham contratado para ir à eternidade. Não vai acontecer. Não vou lá — pensei em Al à minha espera, o meu acordo inútil do seu lado das linhas. — Nem pensar.

Um sorriso de desculpas pairou nos olhos de Trent enquanto ele me olhava do outro lado da mesinha baixa.

— Lamento. Não tive qualquer intenção em fazer com que Piscary se concentrasse em si. Preferia ter-lhe contado toda a história o ano passado, quando deixou a SI, mas estava preocupado... — ele inspirou lentamente. — Não confiava em você para manter boca fechada quanto à nossa existência.

— E agora confia em mim? — disse eu, pensando em Jenks.

— Na verdade não, mas tenho de fazê-lo.

Na verdade não, mas tenho de fazê-lo. Que raio de resposta era essa?

— Somos poucos para permitir que o mundo saiba da nossa existência — dizia Trent, os olhos presos nos seus dedos entrelaçados. — Seria muito fácil para um zelote acabar conosco e já ternos problemas suficientes com Piscary a tentar fazê-lo. Ele sabe a ameaça que seremos à sua supremacia, caso aumentemos de número.

A minha boca contorceu-se e eu encostei-me ao couro. Política. Era sempre uma questão de política.

— Não se podem limitar a desfazer a maldição?

O rosto dele estava cansado, quando se virou para a janela.

— Foi o que fizemos quando descobrimos o que tinha acontecido. Mas os danos permaneceram e estariam a piorar caso não conseguíssemos encontrar todas as crianças elfos e reparar o que podemos.

Os meus lábios afastaram-se compreendendo.

— O campo. Era por isso que lá estava.

Ele moveu-se com relutância na sua cadeira, parecendo subitamente nervoso.

— Sim.

Encostei ainda mais as minhas costas às almofadas, sem saber se queria que ele respondesse à minha pergunta seguinte.

— Por que... Por que eu estava no campo?

A postura rígida de Trent suavizou-se.

— Você tem um defeito genético algo incomum. Uns cinco por cento da população de bruxas tem... Trata-se de um gene recessivo que é inofensivo desde que não seja combinado.

— Uma chance em quatro? — calculei.

— Se ambos os pais o tiverem. E quando os dois genes recessivos se encontram, provocam a morte antes do primeiro aniversário. O meu pai conseguiu mantê-lo suprimido até ter idade suficiente para suportar um tratamento integral.

— Ele fazia isso muitas vezes? — perguntei, com um nó no estômago.

Eu estava viva graças à manipulação genética ilegal. Era isso que eu tinha calculado, mas não tinha certeza. Talvez não devesse deixar que isso me incomodasse. Toda a raça élfica dependia da medicina ilegal para continuar a existir.

— Não — disse Trent. — Os registos indicam que, com muito poucas exceções, ele permitiu que as crianças com um problema como o seu morressem, sem que os seus pais soubessem que existia uma cura. É deveras dispendiosa. É deveras dispendiosa.

— Dinheiro — disse eu, e o maxilar de Trent apertou-se.

— Se a decisão tivesse a sua base no dinheiro, não teria visto o seu primeiro aniversário — disse ele com a voz tensa. — O meu pai não aceitou um único centavo por ter salvo a sua vida, fez porque era amigo do seu pai. Você e Lee são os únicos dois que ele salvou da morte e tudo se deveu à amizade. Ele não aceitou nada por salvar qualquer um de vocês. Pessoalmente, começo a acreditar que ele cometeu um erro.

— Não me está me fazendo ter vontade de ajudá-lo — disse eu, irônica, mas Trent dirigiu-me um olhar cansado.

— O meu pai era um homem bom — disse ele suavemente. — Ele jamais se recusaria a ajudar seu pai a salvar sua vida quando ele já tinha dedicado a vida a ajudá-lo a salvar toda uma raça.

Franzindo o cenho, levei uma mão ao estômago. Não gostava daquilo que estava a sentir. O meu pai não tinha sacrificado a sua vida em troca da minha, o que era bom. Mas ele não era o agente da SI íntegro, honesto e trabalhador que eu acreditara ser. Tinha ajudado o pai de Trent, de boa vontade, com as suas atividades ilegais, muito antes de eu ter ficado doente.

— Não sou uma pessoa má, Rachel — disse Trent. — Mas eliminarei todos aqueles que ameacem pôr um fim ao fluxo de dinheiro. A minha investigação para reparar os danos que os demônios causaram ao genoma do meu povo não é barata. Se conseguíssemos descobrir um exemplar suficientemente antigo, poderíamos resolvê-lo por inteiro. Mas degradou-se a ponto de já nem sequer sabermos qual é a cor dos pedaços.

Os meus pensamentos deslizaram para Ceri e eu endureci o meu rosto. Pensar na possibilidade de ela e Trent se cruzarem era intolerável. Além disso, ela tinha apenas mil anos. As feições suaves de Trent revelaram cansaço e uma preocupação que excedia os seus anos.

— Se o dinheiro parar, a próxima geração de elfos recomeçará a desaparecer. Só se conseguirmos encontrar um exemplar mais antigo do que a maldição podemos resolver por inteiro o problema e dar uma chance à minha espécie. O seu pai achava que era uma tarefa pela qual valia a pena morrer.

Os meus olhos saltaram para a carta de tarô com a imagem de Ceri e eu mantive a boca fechada. Trent a usaria como um lenço de papel e jogaria fora. Trent recostou-se, o seu olhar pesado sobre o meu.

— Bem, menina Morgan — disse ele, conseguindo assumir uma expressão de controle apesar de estar de roupão e pijama. — Já lhe dei o suficiente?

Por um momento, olhei-o, observando seu maxilar tornar-se lentamente tenso, enquanto compreendia que eu estava a fazer cálculos e sem saber para que lado eu saltaria. Sentindo-me arrogante e cheia de confiança, ergui as sobrancelhas.

— Oh, raios, Trent! Eu ia atrás de Lee de qualquer forma. O que acha que eu estive a fazer na sua banheira durante duas horas? A limpar a bunda?

Eu não tinha outra opção senão apanhar Lee, depois de ele ter tentado mandar-me pelos ares. Se o não fizesse, todos aqueles que eu tinha posto atrás das grades viriam atrás de mim. O rosto de Trent assumiu uma expressão irritada.

— Já tem tudo pensado, não tem? — perguntou ele, a irritação espessa na sua voz cinzenta e líquida.

— Praticamente — sorri quando Quen suspirou, claramente tendo percebido de antemão que eu ia dar a volta no patrão. — Só preciso ligar ao meu agente de seguros e tratar de tudo.

Saber que tinha levado a melhor sobre Trent valia mais do que qualquer dinheiro que ele pudesse meter-me nas mãos e eu funguei quando Trent sussurrou:

— Agente de seguros?

Ainda sentada, apontei um dedo a Trent.

— Preciso que faça duas coisas. Duas coisas, depois afasta-se e deixa-me trabalhar. Não vamos fazer isto em conjunto. Compreendeu?

Erguendo as sobrancelhas, Trent disse, num tom monocórdico:

— O que quer?

— Primeiro, quero que vá ao DFI e lhes diga que Lee deixou todas aquelas pessoas inconscientes e trancou as portas, sabendo que havia uma bomba no barco.

Trent riu, a sua voz quente assumindo uma certa amargura.

— O que vai conseguir com isso?

— Eles irão à procura dele. Ele terá que se esconder. Será passado um mandado e, com isso, terei o direito legal de o apanhar.

Os olhos de Trent abriram-se muito. Atrás dele, Quen acenou.

— É por isso... — Trent murmurou.

Não pude deixar de sorrir.

— Pode fugir da lei, mas deixar pendurado seu perito regulador de seguros? — abanei a cabeça. — Não é uma boa ideia.

— Vai infiltrar-se para matá-lo, fazendo-se passar por agente de seguros?

Gostaria de poder dizer que fiquei surpreendida. Deus, ele era tão arrogante.

— Eu não mato pessoas, Trent. Arrasto seus traseiros para a prisão e preciso de um motivo para mantê-los lá dentro. Pensei que ele era seu amigo.

Um toque de incerteza tremeluziu sobre Trent.

— Eu também pensei que fosse.

— Talvez a namorada dele lhe tenha dado uma pancada na cabeça e o tenha obrigado a partir? — disse eu, sem acreditar nisso. — Não se sentiria mal se o matasse, e depois descobrisse que ele o tentara salvar?

Trent dirigiu-me um olhar cansado.

— Sempre tentando ver o melhor numa pessoa, menina Morgan?

— Sim. A não ser com você — comecei a fazer uma lista mental das pessoas a quem tinha de dizer que estava viva: Kisten; Jenks, se ele me ouvisse; Ceri; Keasley... Nick? Oh, céus, a minha mãe! Essa ia ser divertida.

Pressionando os dedos contra a testa, Trent suspirou.

— Não faço ideia como isto funciona.

Insultada, bufei, irritada com ele e a sua atitude de "eu sou mais esperto do que você".

— Ajude-me aqui, hã? Deixar viver o mauzão talvez seja bom para a sua alma.

Ele não parecia convencido; parecia paternalista.

— Deixar que Lee viva é um erro. A família dele não vai gostar que ele esteja preso. Preferirão que esteja morto do que seja um embaraço.

— Bem, isso é uma pena. Eu não vou matá-lo e não vou deixar que você o mate, por isso deixe-se ficar sentado, cale-se, aguente-se e veja como é que as pessoas sérias resolvem os problemas.

Trent abanou a cabeça fazendo flutuar o cabelo em redor das orelhas vermelhas.

— O que vai ganhar por prender Lee? Os advogados dele vão libertá-lo ainda antes que ele tenha tempo de se sentar na cama da cela.

— Fala a voz da experiência? — trocei, tendo em conta que eu quase o atirara para uma no outono passado.

— Sim — disse ele soturnamente. — O DFI tem as minhas impressões digitais em arquivo, graças a você.

— E a SI tem uma amostra do meu DNA por motivos de identificação. Aguente-se.

Quen emitiu um som suave e eu compreendi, subitamente, que estávamos a discutir como crianças. Parecendo irritado, Trent recostou-se na sua cadeira e entrelaçou os dedos pousando as mãos na barriga. O cansaço pesava sobre ele.

— Admitir que ele estava no barco ia ser difícil. Não nos viram partir. E seria difícil explicar como é que nós sobrevivemos e todos os outros morreram.

— Seja criativo. Talvez a verdade? — disse eu, convencida. Provocar Trent era bastante divertido. — Todos sabem que ele está a tentar arrancar Cincinnati das suas mãos e das de Piscary. Faça-me a vontade. Deixe-me morta no rio.

Trent fitou-me cuidadosamente.

— Vai dizer ao seu capitão da SI que está viva, sim?

— Essa é uma das razões porque irá apresentar a queixa junto do DFI e não da SI — o meu olhar dirigiu-se para a escadaria, quando a forma alta de Jonathan começou a descê-la. Ele parecia irritado e eu perguntei-me o que se estaria a passar. Ninguém disse nada enquanto ele se aproximava e eu desejei não ter irritado tanto Trent. O homem não parecia nada feliz. Seria típico dele matar Lee mesmo à minha frente. — Quer o Saladan fora da cidade? — disse eu. — Farei de graça. Tudo o que quero é que apresente a queixa e pague o advogado para mantê-lo na prisão. Consegue fazer isso por mim?

O seu rosto tornou-se vazio, enquanto pensamentos que ele não queria partilhar comigo lhe atravessaram a mente. Acenando lentamente, fez sinal a Jonathan para que se aproximasse. Aceitando isso como um sim, senti os meus ombros suavizarem-se.

— Obrigada — murmurei, enquanto o homem alto se vergava para sussurrar ao ouvido de Trent e o olhar deste saltava para mim. Esforcei-me por ouvir, não o conseguindo.

— Mantenham-no no portão — disse Trent, olhando de relance para Quen. — Não quero que ele entre na propriedade.

— Quem? — perguntei, surpreendida. Trent ergueu-se e apertou o laço do roupão.

— Eu disse ao Sr. Felps que trataria do seu regresso, mas ele parece achar que precisa ser salva. Está à sua espera junto ao portão.

— Kisten? — suprimi um salto. Ficaria feliz por vê-lo, mas temia as respostas que ele me iria dar. Não queria que ele tivesse colocado aquela bomba, mas Ivy disse que assim fora. *Maldição, por que eu me apaixonava sempre pelos mauzões?* Enquanto os três homens esperavam, eu levantei-me e peguei nas minhas coisas, hesitando antes de estender uma mão.

— Obrigada pela sua hospitalidade... Trent — disse eu, fazendo uma pausa por breves instantes enquanto decidia o que lhe chamar. — E obrigada por não me ter deixado morrer gelada — acrescentei.

Um suave sorriso puxou-lhe os cantos dos lábios, perante a hesitação, e ele apertou-me a mão com firmeza.

— Era o mínimo que eu podia fazer, tendo em conta que me salvou de me afogar — respondeu ele. A sua testa franzida indicava claramente que ele queria dizer mais. Sustendo a respiração, mudou de ideia e virou-me as costas. — Jonathan, importa-se de acompanhar a menina Morgan até à casa da guarda? Quero falar com Quen.

— Claro, Sa'han.

Olhei de relance para Trent enquanto seguia Jonathan até às escadas, a minha mente fixando-se já no que eu tinha de fazer a seguir. Ia ligar primeiro a Eden, para casa dele, assim que chegasse. Podia ser que ainda estivesse acordado. Depois para a minha mãe. Depois para Jenks. Isso ia funcionar. Tinha de funcionar. Mas à medida que ia acelerando o meu passo para acompanhar Jonathan, uma onda de preocupação abateu-se sobre mim. Claro, eu ia conseguir encontrar-me com Saladan, mas e depois?



29

Kisten tinha o aquecimento no máximo e o ar quente fazia agitar uma madeixa do meu cabelo mais curto, fazendo-me cócegas no pescoço. Estendi um braço para baixá-lo, pensando que este estava ligado devido à falsa presunção de que eu ainda sofria de hipotermia e que quanto mais quente melhor. Era abafante, a sensação fortalecida pela escuridão através da qual conduzíamos. Abri uma brecha da janela e recostei-me, enquanto a noite fria entrava pelo carro. O vampiro vivo olhou de relance para mim, os seus olhos regressando à estrada iluminada pelos faróis mal os meus se cruzaram com eles.

— Estás bem? — perguntou ele pela terceira vez. — Não disse uma palavra.

Abanando o meu casaco aberto para criar uma corrente de ar, acenei. Eu dera-lhe um abraço junto ao portão de Trent, mas era óbvio que ele sentira a hesitação.

— Obrigada por vir me buscar — disse eu. — Não estava com muita vontade que fosse Quen a levar-me para casa — percorri com a mão o fecho da porta do Corvette de Kisten, comparando-o com a limusine de Trent. Gostava mais do carro de Kisten.

Kisten expeliu o ar numa longa exalação.

— Precisava sair. Ivy estava me deixando doido — ele afastou por um instante os olhos da estrada escura. — Fico feliz por ter contado.

— Vocês se falaram? — perguntei, surpreendida e um pouco preocupada. Por que eu não podia gostar de homens bons?

— Bem, ela falou — ele emitiu um ruído envergonhado. — Ameaçou cortar minhas duas cabeças, se eu roubasse seu sangue.

— Lamento — olhei através da janela, ficando ainda mais inquieta. Não queria ter de me afastar de Kisten porque ele desejara a morte daquelas pessoas numa estúpida luta de poder, em relação à qual elas estavam inconscientes. Ele inspirou fundo para dizer qualquer coisa e eu interrompi-o com um rápido: — Importa-se que use seu telefone?

Com uma expressão preocupada, ele tirou o telefone brilhante de uma bolsa no cinto e entregou-me. Não me sentindo particularmente feliz, liguei para as informações e obtive o número da empresa para a qual David trabalhava. E, por mais alguns dólares, eles estabeleceram a ligação. Por que não? O telefone não era meu. Enquanto Kisten conduzia em silêncio, eu fui avançando através do seu sistema automático de atendimento. Era quase meia-noite. Ele devia estar lá, a menos que tivesse saído para uma missão, ou ido para casa mais cedo.

— Estou — disse, quando finalmente fui atendida por uma pessoa. — Preciso falar com David Hue.

— Lamento — disse a mulher mais velha com excesso de profissionalismo. — O Sr. Hue não está de momento. Posso passá-la a um dos nossos outros agentes?

— Não! — disse, antes que ela me voltasse a atirar para o sistema.

— Há algum número para o qual eu possa ligar? Trata-se de uma emergência — nota para mim mesma: nunca, mas nunca, jogar fora o cartão de alguém.

— Se quiser deixar seu nome e número de contato...

Que parte de "emergência" é que ela não compreendeu?

— Ouça — disse eu, com um suspiro. — Preciso mesmo falar com ele. Sou sua nova parceira e perdi a extensão. Se não se importasse...

— É sua nova parceira? — interrompeu a mulher. O choque na sua voz fez-me parar. Seria assim tão difícil trabalhar com David?

— Sim — disse eu, olhando de relance para Kisten. Tinha a certeza que ele conseguia ouvir os dois lados da conversa com sua audição de vampiro. — Preciso mesmo falar com ele.

— Hã, pode esperar um momento?

— Pode crer.

O rosto de Kisten iluminou-se, no brilho dos carros que avançavam em sentido contrário. Tinha o maxilar tenso e os olhos presos na estrada. Ouviu-se um estalido enquanto a chamada era transferida, depois um cuidadoso:

— David Hue.

— David? — disse eu, sorrindo. — É a Rachel — ele não disse nada e eu apressei-me, para mantê-lo na linha. — Espera! Não desliga. Tenho de falar contigo. É sobre um seguro.

Ouvi o som de uma mão a pousar sobre o telefone.

— Está tudo bem — ouvi-o dizer. — Vou atender. Por que não sais mais cedo esta noite? Eu fecho o computador.

— Obrigada, David. Vemo-nos amanhã — disse a secretária, a voz distante, e depois de alguns momentos, a voz dele regressou à chamada.

— Rachel? — disse ele desconfiado. — Isso é por causa do peixe? Já entreguei o relatório. Se fez com que eu perjurasse, vou ficar muito chateado.

— Por que pensas sempre o pior de mim? — perguntei, ofendida. Os meus olhos deslizaram para Kisten, enquanto ele agarrava com mais força o volante. — Cometi um erro com Jenks, está bem? Estou a tentar corrigi-lo. Mas tenho algo em que talvez esteja interessado.

Houve um curto silêncio.

— Estou ouvindo — disse ele cuidadosamente.

Soltei a minha respiração num suspiro de alívio. Vasculhando na bolsa, procurei uma caneta. Abrindo a minha agenda, carreguei no botão para preparar a caneta.

— Hum, trabalhas com comissão, certo?

— Algo do gênero — disse David.

— Bem, sabe aquele barco que explodiu? — olhei de relance para Kisten. A luz dos carros que circulavam em sentido contrário fazia cintilar os pelos da barba que começavam a despontar no seu maxilar cerrado. Ouvia-se um matraquear de teclas de computador ao fundo.

— Ainda estou a ouvir...

A minha pulsação acelerou.

— Sua companhia de seguros é responsável por ele?

O som das teclas acelerou e desapareceu.

— Tendo em consideração que seguramos tudo aquilo em que Piscary não está interessado, é provável — voltou-se a ouvir o matraquear de teclas. — Sim. Somos nós.

— Ótimo — suspirei. Isso ia funcionar. — Eu estava no barco quando ele explodiu.

Ouvi o guincho de uma cadeira através da linha.

— De alguma forma isso não me surpreende. Está dizendo que não foi um acidente?

— Hum, não — olhei de relance para Kisten. Os nós dos seus dedos que agarravam o volante ficando brancos.

— Sério — não era uma pergunta e o som de teclas a bater recomeçou, seguido de perto pelo zumbido de uma impressora.

Mexi-me nos assentos aquecidos de Kisten e enfiei na boca a ponta da caneta.

— Seria correto da minha parte assumir que a vossa companhia não paga nos casos em que a propriedade é destruída...

— Devido a atos de guerra ou atividade relacionada com gangues? — interrompeu David. — Não. Não pagamos.

— Fantástico — disse eu, não considerando necessário dizer-lhe que estava sentada ao lado do cara que o tinha feito. Deus, por favor, faz com que o Kisten tenha uma resposta para mim. — O que acha de eu te encontrar e assinar um papel?

— Gostaria muito — David hesitou, depois acrescentou. — Não me parece o tipo de mulher que se dedica a atos aleatórios de bondade, Rachel. O que quer por isto?

O meu olhar percorreu o maxilar cerrado de Kisten, os seus ombros fortes, depois se demorou nas mãos que agarravam o volante como se estivesse a tentar espremer o metal do seu interior.

— Quero estar contigo quando for conversar com Saladan sobre o seguro.

Kisten saltou, aparentemente só agora compreendendo por que eu estava falando com David. O silêncio do outro lado da linha era pesado.

— Hum... — murmurou David.

— Não vou matá-lo, vou prendê-lo — disse rapidamente.

O trepidar do motor sob os meus pés alterou-se e estabilizou.

— Não é isso — disse ele. — Não trabalho com ninguém. E não vou trabalhar contigo.

Senti o rosto a ferver. Eu sabia que ele pensava muito pouco de mim depois de ter descoberto que eu escondia informações do meu próprio parceiro. Mas eu revelara-o por culpa do David.

— Ouça — disse eu, virando as costas a Kisten que me fitava. — Acabei de poupar um monte de dinheiro à tua companhia. Leva-me contigo quando for falar com ele sobre o seguro, depois sai do meu caminho e deixa que eu e a minha equipe façamos todo o trabalho — olhei de relance para Kisten. Algo tinha mudado nele. Segurava o volante com menos força e o seu rosto estava vazio.

Houve um breve silêncio.

— E depois?

— Depois? — as luzes em movimento tomavam o rosto de Kisten impossível de ler. — Nada. Tentamos trabalhar juntos. Não funcionou. Consegue mais tempo para descobrir um novo parceiro.

Houve um longo silêncio.

— É só isso?

— É só isso — carreguei no botão da caneta para fechá-la e atirei-a, bem como à agenda, para dentro da bolsa. Por que eu me dava ao trabalho de tentar ser organizada?

— Está bem — acabou por dizer. — Vou ladrar para o buraco e logo vejo o que é que sai.

— Fantástico — disse eu, genuinamente feliz, embora ele parecesse pouco agradado. — Hei, dentro de algumas horas eu vou estar morta naquela explosão, por isso não se preocupe, está bem?

Ele deixou escapar um som cansado.

— Está bem. Ligo amanhã quando o seguro for ativado.

— Ótimo. Vemo-nos nessa altura — a falta de entusiasmo de David era deprimente. A chamada foi desligada sem que ele tivesse se despedido e eu fechei o telefone e entreguei-o a Kisten. — Obrigada — disse eu, sentindo-me muito desconfortável.

— Pensei que ia me entregar — disse Kisten baixinho.

De boca aberta fitei-o, só então compreendendo a sua anterior tensão.

— Não — sussurrei, sentindo-me por uma qualquer razão temerosa.

Ele tinha ali ficado sentado e nada fizera, ainda pensando que eu o ia entregar? Com os ombros rígidos e os olhos na estrada ele disse:

— Rachel, eu não sabia que ele ia deixar aquelas pessoas morrer.

Sustive a respiração. Obriguei-me a expeli-la, depois voltei a inspirar.

— Fala comigo — disse eu, sentindo a cabeça zonza. Fitei a janela, as mãos no colo e o estômago apertado. *Por favor, que eu esteja errada desta vez?*

Olhei para o outro lado do carro e, depois de os seus olhos terem saltado para o espelho retrovisor, ele parou na beira da estrada. Senti o estômago apertado. Maldição, por que eu tinha de gostar dele? Por que eu não podia gostar de homens bons? Por que o poder e a força pessoal que me atraíam se pareciam sempre traduzir num desrespeito insensível pela vida das outras pessoas?

O meu corpo balançou para frente e para trás quando paramos subitamente. O carro tremia enquanto o trânsito continuava a passar por nós a mais de cento e vinte quilômetros hora, ao passo que nós estávamos parados. Kisten virou-se no banco para olhar para mim, retirando as mãos do volante para tomar as minhas, mantendo-as no

meu colo. A barba de um dia brilhava na luz dos carros que circulavam em sentido contrário e os seus olhos azuis estavam semicerrados.

— Rachel — disse ele e eu sustive a respiração, esperando que ele me fosse dizer que tudo não passava de um erro. — Eu mandei prender aquela bomba à caldeira — fechei os olhos. — Não queria que aquelas pessoas morressem. Liguei para Saladan — continuou ele e eu abri os olhos, quando um caminhão passou por nós balançando o carro. — Eu disse à Candice que havia uma bomba no barco. Raios, até lhe disse onde estava e que se lhe tocassem, detonaria. Dei-lhes tempo mais do que suficiente para tirarem todo mundo. Eu não estava a tentar matar as pessoas, estava a tentar criar um circo e afundar seu negócio. Nunca me ocorreu que ele partisse e os deixasse para morrer. Julguei-o mal — disse ele, uma amarga recriminação na sua voz — eles pagaram minha falta de visão com as suas vidas. Deus, Rachel. Se eu desconfiasse sequer que ele ia fazer aquilo, teria encontrado outra forma. E estiveste no barco... — ele inspirou fundo. — Eu quase te matei...

Engoli em seco, sentindo algo na garganta tomar-se menor.

— Mas já matou antes — disse eu, sabendo que o problema não era aquela noite, mas todo um histórico de pertencer a Piscary e ter de levar a cabo a sua vontade.

Kisten recostou-se, embora as suas mãos jamais tivessem deixado as minhas.

— Matei a primeira pessoa quando tinha dezoito anos.

Oh, céus! Tentei afastar as mãos, mas ele apertou-as suavemente.

— Precisa ouvir isso — disse ele. — Se quiser ir embora, quero que saiba a verdade para que não regresse. E, se ficar, então que não seja porque tomaste uma decisão baseada em pouca informação.

Retomando a compostura, olhei-o nos olhos, avaliando a sua sinceridade e percebendo um toque de culpa e sofrimento.

— Já fizeste isso antes — sussurrei, sentindo-me temerosa. Eu era uma de uma fila de mulheres. Todas elas tinham partido. Talvez fossem mais espertas do que eu.

Ele acenou, fechando os olhos por breves instantes.

— Estou cansado de ser magoado, Rachel. Sou um bom cara que, por acaso, matou sua primeira pessoa aos dezoito anos.

Engoli em seco, afastando as mãos com a desculpa de prender o cabelo atrás da orelha. Kisten sentindo que eu me afastava, virou-se para olhar pelo vidro da frente, pousando as mãos de novo no volante. Eu dissera-lhe que não tomasse decisões por mim; suponho que merecia todos os pormenores sórdidos. Com o estômago apertado, disse:

— Continua.

Kisten fitava o vazio enquanto o trânsito avançava, acentuando a quietude no carro.

— Matei a segunda cerca de um ano depois — disse ele, a sua voz sem qualquer emoção. — Ela foi um acidente. Consegui não voltar a tirar a vida a ninguém até o ano passado, quando... — observei-o, enquanto ele inspirava fundo e exalava. Os meus músculos tremeram, esperando. — Deus, lamento, Rachel — sussurrou ele. — Jurei tentar nunca mais matar ninguém. Talvez seja por isso que Piscary já não me quer como seu delfim. Quer alguém com quem partilhar a experiência e eu recusei-me a fazê-lo. Foi ele quem os matou, mas eu estava lá. Eu ajudei. Eu segurei-os, mantive-os ocupados enquanto ele os chacinava alegremente um a um. Que eles o tivessem merecido, dificilmente parece continuar a justificá-lo. Não da forma como o fez.

— Kisten? — disse eu, hesitando, a pulsação rápida.

Ele virou-se e eu estanquei, tentando não me sentir assustada. Os seus olhos tinham-se tornado negros perante a recordação.

— Aquela sensação de puro domínio é excitante, viciante e retorcida — disse ele, a fome perdida na sua voz arrepiando-me. — Demorei muito tempo a aprender a libertar-me dela para que fosse capaz de recordar a selvajaria desumana, escondida pela descarga de adrenalina pura. Perdi-me com os pensamentos e a força de Piscary a inundar-me, mas agora sei como controlá-la, Rachel. Posso ser, simultaneamente, seu delfim e uma pessoa justa. Posso ser o seu capanga e um amante gentil. Sei que consigo manter o equilíbrio. Neste momento, está a castigar-me, mas me receberá de volta. E quando o fizer, estarei pronto.

Que raio estava eu a fazer ali?

— Então — disse eu, ouvindo a minha voz a tremer. — É isso?

— Sim. É isso — disse ele sem qualquer emoção na voz. — O primeiro foi por ordens de Piscary, para fazer um exemplo de alguém que estava a atrair crianças. Foi

excessivo, mas eu era jovem e estúpido, tentando provar a Piscary que estava disposto a fazer qualquer coisa por ele e ele gostou de me ver agonizar em relação a isso, mais tarde. A última vez foi para impedir que se formasse uma nova gangue. Advogavam o regresso às tradições pré-Viragem, de acordo com as quais se raptavam pessoas de que ninguém sentiria falta. A mulher — seus olhos saltaram para mim —, é ela que me assombra. Foi então que decidi ser tão honesto quanto possível. Jurei que jamais tiraria a vida de um inocente. Não interessa que ela tenha mentido... — ele fechou os olhos e as suas mãos, que agarravam o volante, tremeram. As luzes do outro lado do separador central revelavam as rugas de dor no seu rosto. *Oh, céus!* Ele tinha matado alguém num acesso de raiva. — E hoje, pus fim a dezessete vidas — sussurrou ele.

Eu era tão estúpida. Ele tinha admitido ter matado pessoas... Pessoas que, muito provavelmente a SI lhe agradeceria por ter matado, mas ainda assim pessoas. Eu entrara naquela relação sabendo que ele não era "um namorado seguro", mas eu já tivera um namorado seguro e acabara sempre magoada. E, apesar da brutalidade de que ele era capaz, estava a ser honesto. Tinham morrido pessoas nesta noite numa tragédia horrível, mas não fora essa sua intenção.

— Kisten? — meus olhos pousaram-se em suas mãos, as unhas curtas e redondas cuidadosamente mantidas e limpas, cortadas rente à ponta dos dedos.

— Eu mandei colocar a bomba — disse ele, a culpa tornando sua voz rouca.

Num gesto hesitante, estendi as minhas mãos para tirar as dele do volante. Os meus dedos pareciam frios contra os dele.

— Não foi você quem os matou. Foi Lee.

Seus olhos estavam negros na luz incerta quando ele se virou para mim. Coloquei a mão atrás do pescoço dele para puxá-lo para mais perto e ele resistiu. Ele era um vampiro e isso não era uma coisa fácil... Não se tratava de uma desculpa, era um fato. O fato de ele estar a ser honesto significava mais para mim do que o seu passado horrendo. Ele tinha se deixado ficar sentado, pensando que eu o ia entregar, e não fizera nada. Tinha ignorado suas crenças e confiara em mim. Eu ia tentar confiar nele.

Não podia deixar de ter pena dele. Observando Ivy, tinha chegado à conclusão de que ser o delfim de um mestre vampiro era muito semelhante a fazer parte de uma relação mentalmente abusiva em que o amor tinha sido pervertido pelo sadismo. Kisten estava a tentar afastar-se das exigências sádicas do seu mestre. Ele tinha se distanciado.

Ele tinha se distanciado de tal forma que Piscary o trocara por uma alma ainda mais desesperada por ser aceite: minha companheira de casa. Maravilha.

Kisten estava sozinho. Estava magoado. Estava a ser honesto comigo... Não podia virar-lhe as costas. Ambos tínhamos feito coisas questionáveis e eu não podia rotulá-lo de maléfico quando era eu quem tinha a marca do demônio. As circunstâncias tinham feito as escolhas por nós. Eu fazia o melhor que podia. Ele também.

— Não foi por tua culpa que eles morreram — disse eu uma vez mais, sentindo-me como se tivesse encontrado uma nova forma de ver as coisas. À minha frente, estendia-se o mesmo mundo, mas eu encarava-o de ângulos diferentes. Em quê eu estava me transformando? Seria eu uma tola por confiar, ou uma pessoa mais sábia que descobria a capacidade de perdoar? Kisten ouviu a aceitação do seu passado na minha voz e o alívio refletido no seu rosto foi tão forte que era quase doloroso. A minha mão no seu pescoço deslizou para frente, puxando-o mais para cima sobre o *tablier*. — Está tudo bem — sussurrei, enquanto as suas mãos deslizavam dos meus dedos e tomavam os meus ombros. — Eu compreendo.

— Não creio que possa... — insistiu ele.

— Então lidaremos com a questão quando tiver de ser.

Inclinando a cabeça, fechei os olhos e avancei na sua direção. As suas mãos nos meus ombros tornaram-se mais leves e eu dei por mim a tentar tocar-lhe, aproximando-me cada vez mais quando nossos lábios se tocaram. Os meus dedos puxaram o pescoço dele, incitando-o a aproximar-se. Senti um arrepio trespassar-me, trazendo o meu sangue para a superfície, titilando através de mim enquanto o beijo dele se tornava mais profundo, prometendo mais. A sensação não tinha sua origem na minha cicatriz e eu puxei a mão dele para ela, quase arquejando quando os seus dedos percorreram de leve o tecido cicatrizado e quase invisível. A recordação do guia de Ivy ergueu-se em mim e eu vi-o sob uma luz completamente diferente. *Oh, céus, as coisas que eu poderia fazer com aquele homem!*

Talvez eu precisasse de um homem perigoso — pensei enquanto uma emoção selvagem se erguia dentro de mim. Só alguém que já tivesse errado podia compreender que sim, eu também fazia coisas questionáveis, mas ainda era uma boa pessoa. Se Kisten podia ser ambos, então isso significava que eu também o podia ser.

E com aquilo, abandonei qualquer pretensão de pensamento. As suas mãos sentiam a minha pulsação e os meus lábios apertavam os dele; hesitantemente, afastei

os seus lábios com a língua, sabendo que o seu movimento suave o deixaria ainda mais excitado do que um toque exigente. Encontrei um dente liso e envolvi-o com a língua, provocadora. A respiração de Kisten tornou-se mais veloz e ele afastou-se de repente. Fiquei imóvel quando, subitamente, ele deixou de estar ali, o calor do seu corpo ainda uma memória na minha pele.

— Não estou a usar as capas — disse ele, o negro a crescer nos seus olhos e a minha cicatriz a pulsar de promessa. — Estava tão preocupado contigo, não tive tempo de... Não estou... — ele inspirou tremendo. — Deus, cheira bem.

Com o coração a bater com força, obriguei-me a regressar ao meu assento, observando-o, enquanto prendia o cabelo atrás da orelha. Não tinha a certeza de querer saber se ele tinha, ou não as capas.

— Desculpa — disse eu sem fôlego, o sangue ainda a pulsar através de mim. — Não era minha intenção ir tão longe. Mas arrancaste-o de mim, de certa forma.

— Não peça desculpa. Não foi você quem negligenciou... Algumas coisas — expirando, Kisten tentou esconder seu olhar de desejo escaldante. Sob as emoções mais cruas, estava um olhar suave de branda compreensão e alívio. Eu tinha aceitado seu passado horrendo, sabendo que o seu futuro podia não ser melhor.

Nada dizendo, ele engatou a primeira e acelerou. Eu segurei-me à porta até termos regressado à estrada, feliz por nada ter mudado embora tudo estivesse diferente.

— Por que é tão boa para mim? — disse ele suavemente, enquanto ganhávamos velocidade e ultrapassávamos um carro.

Porque acho que poderia te amar — pensei eu, mas ainda não o podia dizer.



30

Ergui a cabeça ao ouvir o som suave de alguém a bater à porta. Dirigindo-me um olhar de aviso, Ivy levantou-se, espreguiçando-se, os braços estendidos na direção do teto.

— Eu vou — disse ela. — É provável que sejam ainda mais flores.

Dei uma dentada na torrada com canela e murmurei, com a boca cheia.

— Se for comida, traz, pode ser?

Suspirando, Ivy saiu da cozinha, simultaneamente sensual e casual nas suas calças justas pretas de exercício e numa camisa larga que lhe dava pelas coxas. O rádio estava ligado na sala de estar e eu tinha sensações conflituosas em relação ao locutor que falava sobre a tragédia do barco que tinha explodido na noite anterior. Até tinham um segmento em que Trent contava a todos que eu tinha morrido, salvando sua vida.

Isso era mesmo muito estranho — pensei, enquanto limpava a manteiga dos dedos. Tinham começado a aparecer coisas nos nossos degraus. Era bom saber que iam sentir minha falta e eu não fazia ideia de que tinha tocado tantas vidas. Contudo, não ia ser bonito quando eu revelasse que afinal estava viva, seria parecido com deixar alguém plantado no altar e ter de devolver todos os presentes. Claro, se eu morresse naquela

noite, iria para o túmulo sabendo exatamente quem eram os meus amigos. Sentia-me de certa forma como Huck Finn.

— Sim? — ouvi a voz cansada de Ivy através da igreja.

— Sou David. David Hue — disse uma voz familiar e, engolindo o último pedaço da torrada, avancei lentamente até à igreja. Estava cheia de fome e perguntei-me se Ivy estaria a meter Enxofre no meu café para tentar aumentar as reservas do meu corpo depois daquele mergulho no rio.

— Quem é ela? — perguntou Ivy; num tom beligerante, quando eu entrei no santuário e os descobri na entrada, o Sol que se punha passando pelos seus pés.

— Sou a secretária dele — disse uma mulher bem posta ao lado de David, sorrindo. — Podemos entrar?

Os meus olhos abriram-se muito.

— Uou, uou, uou — disse eu, agitando as mãos em sinal de protesto. — Não posso tomar conta de vocês dois e prender Lee.

Os olhos de David percorreram a minha camisa casual e jeans, carregados de uma avaliação calculista. Demoraram-se no meu cabelo mais curto, pintado de castanho nessa tarde, tal como ele sugerira ao telefone.

— A Sra. Aver não irá conosco — disse ele, fazendo o que era muito provavelmente um aceno inconsciente de aprovação. — Achei prudente que teus vizinhos me vissem chegar com uma mulher, bem como sair com uma. Vocês têm mais ou menos a mesma estrutura.

Oh! Idiota — pensei. *Por que é que não pensaste nisso?* A Sra. Aver sorriu, mas eu pude compreender que ela também pensava que eu era uma idiota.

— Vou só dar um salto no seu banheiro e mudar de roupa, depois partirei — disse ela alegremente. Avançando para o interior da divisão, pousou a pasta estreita ao lado do banco do piano e hesitou.

Ivy sobressaltou-se.

— Por aqui — disse ela, fazendo um sinal à mulher para que a seguisse.

— Obrigada. É muito gentil.

Fazendo uma pequena careta perante tudo o que ficara por dizer, observei a Sra. Aver e Ivy afastarem-se, a primeira deveras ruidosa nos seus sapatos de salto pretos, a última silenciosa nos seus chinelos. A sua conversa chegou ao fim com o estalo da porta do banheiro a fechar-se e eu virei-me para David. Ele parecia um *animalomem* completamente diferente sem as calças e a T-shirt de *nylon* que usava para correr e nada que se aproximasse da pessoa que eu vira encostada à árvore de um parque, num casaco comprido que lhe chegava ao cano das botas e com um chapéu de *cowboy* puxado sobre os olhos.

A barba pesada tinha desaparecido revelando a face não abronzeada pelo sol e seu cabelo longo estava bem penteado e cheirava a musgo. Só os *animalomens* de mais alto nível conseguiam apresentar-se de forma elegante sem parecer que estavam a se esforçar demasiado, mas David conseguia. O terno de três peças e as unhas bem cuidadas ajudava. Parecia mais velho do que o seu físico atlético dava a entender, com um par de óculos empoleirado no nariz e uma gravata apertada ao pescoço. Na verdade, ele estava com ótimo aspeto... De uma forma profissional e educada.

— Obrigada mais uma vez por me ajudar a ir ver Saladan — disse eu, sentindo-me desconfortável.

— Não me agradeça — disse ele. — Vou receber um bônus enorme — ele pousou a pasta de aspecto dispendioso no banco do piano. Parecia preocupado, não zangado comigo, mas desconfiado e desaprovador. Isso me deixava desconfortável. Sentindo que eu o observava, ergueu os olhos. — Importa-se que trate de alguns papéis?

Recuei um passo.

— Não, fica à vontade. Quer um pouco de café?

David olhou para a mesa de Jenks e hesitou. Franzindo o cenho, sentou-se no banco do piano, com uma perna para cada lado, e abriu a pasta à sua frente.

— Não, obrigado. Não vamos demorar tanto assim.

— Está bem — retirei-me, sentindo seu desagrado pesado sobre mim. Eu sabia que ele não gostava do fato de eu ter mentido ao meu parceiro, por omissão, mas eu só precisava que ele me ajudasse a ver Lee. Hesitei, quando cheguei ao corredor. — Vou mudar de roupa. Queria ver o que ia vestir.

David ergueu o olhar dos seus papéis, os olhos castanhos distantes enquanto tentava fazer duas coisas ao mesmo tempo.

— Vais usar as roupas da Sra. Aver.

As minhas sobrancelhas ergueram-se.

— Já fizeste isso antes.

— Eu disse que o trabalho era muito mais interessante do que poderia pensar — disse ele para os seus papéis.

Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não o fez, por isso fui em busca de Ivy, sentindo-me embaraçada e deprimida. Ele não ia dizer uma palavra sobre Jenks, mas sua desaprovação era óbvia. Ivy estava ocupada com os seus mapas e canetas, quando eu entrei, nada dizendo enquanto eu servia uma caneca de café para mim e uma para ela.

— O que pensa do David? — perguntei, pousando a caneca dela à sua frente.

Ela baixou a cabeça e bateu com uma caneta de cor na mesa.

— Acho que vai ficar bem. Ele parece saber o que está a fazer. E, além disso, eu estarei lá.

Apoiando-me no balcão, ergui a caneca com as duas mãos e bebi um gole. O café deslizou, acalmando os meus nervos. Algo na atitude de Ivy chamou a minha atenção. O rosto dela estavam ligeiramente vermelho.

— Acho que gosta dele — disse eu e a cabeça dela ergueu-se de repente. — Acho que gosta de homens mais velhos — acrescentei. — Em especial, homens mais velhos, de terno, que mordem e conseguem fazer planos melhor do que tu.

Dito aquilo, ela corou realmente.

— Eu acho que devia calar a boca.

Ambas nos sobressaltámos perante o suave bater na entrada, na passagem para o corredor. Era a Sra. Aver e era bastante embaraçoso que nenhuma de nós a tivesse ouvido sair do banheiro. Ela trazia o meu roupão vestido, as suas roupas sobre um dos braços.

— Aqui, querida — disse ela, enquanto me entregava o terno cinzento.

— Obrigada — pousei a caneca e agarrei.

— Se não se importa, podia deixá-las na lavandaria Weres-N '-tears. Eles fazem um bom trabalho para remover nódoas de sangue e coser pequenos rasgões. Sabe onde fica?

Olhei a mulher mais velha que se erguia à minha frente no felpudo roupão azul, o longo cabelo castanho sobre os ombros. Ela parecia mais ou menos do mesmo tamanho, ainda que com uns quadris um pouco maiores. O meu cabelo era ligeiramente mais escuro, mas suficientemente próximo.

— Claro — disse eu.

Ela sorriu. Ivy voltou a sua atenção para os mapas, ignorando-nos, o seu pé movendo-se silenciosamente.

— Ótimo — disse a *animalomem*. — Vou transformar-me e despedir-me do David antes de partir a quatro patas — dirigindo-me um sorriso cheio de dentes, ela avançou pelo corredor, hesitando. — Onde fica a porta dos fundos?

Ivy ergueu-se, raspando ruidosamente a cadeira.

— Está estragada. Vou abri-la para você.

— Obrigada — disse ela, com o mesmo sorriso educado. Elas partiram e, lentamente, levei as roupas da mulher ao nariz. Ainda estavam quentes do calor do seu corpo e o odor tênue e almiscarado misturava-se com um ligeiro perfume prado. Os meus lábios caíram perante a ideia de usar as roupas de outra pessoa, mas a intenção era que eu cheirasse como um *animalomem*. E ela não me tinha propriamente trazido uns trapos para vestir. O terno de lã forrado devia ter custado uma fortuna.

Com os passos lentos e calculados, avancei para o meu quarto. O guia de namoro ainda estava na minha cômoda e eu fitei-o, com uma mistura de depressão e culpa. Em que é que eu estava a pensar, querendo lê-lo outra vez com a ideia de enlouquecer Kisten? Sentindo-me infelicíssima, enfiei-o de volta no roupeiro. Deus me ajudasse, eu era uma idiota. Resignada, tirei os jeans e a camisola. Em breve, o som de unhas a percorrer o corredor quebrou o silêncio e, enquanto eu vestia as meias de *nylon*, ouvi o som de pregos a serem arrancados da madeira. A nova porta só chegaria no dia seguinte e ela não podia, propriamente, sair por uma janela.

Eu estava a sentir-me muito insegura em relação a tudo aquilo, ainda que não conseguisse identificar exatamente o por que. *Não era o fato de não ter os meus amuletos* — pensei, enquanto deslizava para o interior da saia cinzenta e prendia a blusa branca. Ivy

e Kisten iam levar-me tudo aquilo de que eu precisava; a minha mochila repleta de feitiços já estava pronta e à nossa espera na cozinha. Não era por estar prestes a enfrentar alguém melhor do que eu na utilização da magia das linhas *Ley*. Eu fazia isso a toda a hora.

Vesti o casaco, guardando o mandado de captura de Lee no bolso de dentro. Enfiando os pés nos sapatos de salto baixo que tinha retirado do fundo do roupeiro, fitei o meu reflexo. Estava melhor, mas ainda era eu. E levei a mão às lentes de contato que David me tinha enviado por correio, mais cedo.

Enquanto pestanejava e colocava os pequenos pedaços de plástico castanho no seu lugar, concluí que a minha inquietação se devia ao fato de David não confiar em mim. Ele não confiava nas minhas capacidades e não confiava em mim. Eu nunca tivera uma relação com um parceiro em que fosse eu a estar em dúvida. Já tinham pensado em mim como uma cabeça de vento, uma estouvada, até uma incompetente, mas nunca alguém em quem não se podia confiar. Não gostava daquilo. Mas revendo aquilo que tinha feito com Jenks, era provavelmente merecido.

Com os movimentos lentos e deprimidos, prendi o meu cabelo mais curto numa fivela de aspecto executivo. Coloquei bastante maquiagem, usando uma base demasiado escura, pelo que tive de colocar também uma boa dose nas mãos e no pescoço. Contudo, cobria as minhas sardas, e com uma sensação desagradável, tirei o pequeno anel de madeira que usava no mindinho; o encantamento foi quebrado. Com a maquiagem mais escura e as lentes de contato castanhas parecia diferente, mas eram as roupas que faziam a diferença. Enquanto eu me erguia em frente ao espelho e olhava para mim mesma, naquela roupa monótona e aborrecida, com um penteado monótono e aborrecido e com uma expressão monótona e aborrecida no rosto, achei que nem sequer a minha mãe seria capaz de me reconhecer.

Coloquei em mim uma gota do dispendioso perfume de *Ivy* – aquele que escondia o meu cheiro – depois, salpiquei-me com um pouco daquele perfume almiscarado que Jenks dissera certa vez que cheirava como o lado de dentro de um tronco: um cheiro de terra bastante rico. Prendendo o celular de Ivy à cintura, saí para o corredor, os meus saltos provocando um volume de som inusitado. O som suave de Ivy e David a conversar levou-me até ao santuário, onde os descobri junto ao piano dela. Desejava realmente que Jenks estivesse ali conosco. Era mais do que uma questão de precisar dele para fazer o reconhecimento e mexer com os sistemas de vigilância. Eu sentia saudades dele. David e Ivy ergueram os olhos quando ouviram os meus passos. Ivy ficou de boca aberta.

— Morde-me e insulta-me — disse ela. — Acho que essa é a coisa mais horrorosa que alguma vez te vi usar. Parece efetivamente respeitável.

Sorri ligeiramente.

— Obrigada — deixei-me ali ficar, mexendo as mãos e estática, enquanto David me percorria com o olhar, o ligeiro amaciar da sua testa o único sinal da sua aprovação. Virando-me as costas, lançou os papéis para a sua pasta e fechou-a com um estalido. A Sra. Aver tinha deixado a sua para trás e eu peguei nela quando David me fez sinal para fazê-lo.

— Trarás os meus feitiços? — perguntei a Ivy. Ela suspirou, virando o olhar para o teto.

— Kisten vem a caminho. Vou rever tudo com ele mais uma vez, depois trancamos a igreja e partimos. Dou-te um toque quando estivermos no local — ela olhou para mim. — Tens o meu telefone extra?

— Hum... — toquei na cintura. — Sim.

— Ótimo. Vão — disse ela, enquanto se virava e afastava. — Antes que eu faça algo idiota como dar-te um abraço.

Deprimida e insegura, avancei para a porta. David ia atrás de mim, o seu passo silencioso, mas a sua presença óbvia tendo em conta o suave cheiro de feno.

— Óculos de sol — murmurou ele, quando levei a mão à maçaneta da porta e fiz uma pausa para colocá-los. Abri a porta, semicerrando os olhos perante o Sol tardio, enquanto avançava através das oferendas que iam de arranjos de flores de aspecto profissional a páginas coloridas arrancadas de livros de colorir. Estava frio, o ar seco era refrescante.

O som do carro de Kisten fez-me erguer a cabeça e a minha pulsação acelerou. Estanquei nos degraus e David quase esbarrou contra mim. O pé dele bateu num vaso baixo e este rolou pelos degraus, até ao passeio, entornando água e o único botão de rosa no seu interior.

— Alguém que conhece? — perguntou ele, a respiração quente no meu ouvido.

— É Kisten — observei enquanto ele estacionava e saía do carro.

Deus, ele tinha mesmo boa aparência, em forma e sensual. A mão de David tocou-me no cotovelo, incitando-me a andar.

— Não pare, não diga nada. Quero ver que tal está o teu disfarce. O meu carro está do outro lado da rua.

Gostando da ideia, continuei a descer as escadas, parando apenas para pegar no vaso e o pousar no degrau inferior. Na verdade, tratava-se de um copo de geleia, com um pentagrama de proteção desenhado no fundo e eu emiti um som suave de reconhecimento, quando recoloquei a rosa vermelha no seu interior e me endireitei. Há anos que não via um daqueles. Senti borboletas no estômago quando os passos de Kisten se tornaram mais sonoros.

— Obrigado — disse ele, ao passar por mim, pensando que eu tinha posto a flor, e não que não me tinha limitado a apanhá-la. Abri a boca para dizer qualquer coisa, fechando-a quando David me beliscou o braço.

— Ivy! — gritou Kisten, batendo com força na porta. — Vamos embora! Vamos chegar atrasados!

David acompanhou-me até ao outro lado da rua e do seu carro, a mão firme sobre o meu cotovelo... O piso estava escorregadio e os sapatos de salto que eu calçara não tinham sido feitos para o gelo.

— Muito bem — disse ele, parecendo impressionado contra sua vontade. — Mas não é como se já tivesse dormido com ele.

— Na verdade — disse eu, enquanto ele me abria a porta —, dormi. Os olhos dele saltaram para os meus e um ar chocado de repulsa atravessou-os. Do interior da igreja ergueu-se um tênue:

— Estás brincando comigo, caralho! Era ela? Não acredito, caralho!

Pressionei os dedos contra a testa. Pelo menos, ele não praguejava daquela forma quando eu estava por perto. Os meus olhos pousaram-se em David, a porta aberta entre nós.

— É essa coisa das espécies, não é? — disse eu, num tom monocórdico. Ele nada disse. De maxilar cerrado, disse a mim mesma que ele podia pensar o que quisesse. Eu não tinha de viver de acordo com os seus padrões. Muitas pessoas não gostavam. Muitas pessoas se estavam nas tintas. Com quem eu dormia não devia ter qualquer relevância para a nossa relação profissional.

Sentindo o meu estado de espírito piorar, entrei e fechei a porta, antes que ele o pudesse fazer. Prendi o cinto com um clique e ele deslizou para trás do volante e ligou o

seu pequeno carro cinzento. Eu não disse uma palavra enquanto ele arrancava e se dirigia para a ponte. A água-de-colônia de David começava a tornar-se enjoativa e eu abri ligeiramente a janela.

— Não se importa de ir sem seus amuletos? — perguntou David. O seu tom de voz não tinha o toque de nojo que esperava e eu agarrei-me a isso.

— Não é a primeira vez que me encontro sem amuletos. E confio que Ivy os leve.

A cabeça dele não se moveu, embora os seus olhos se tenham apertado nos cantos.

— O meu velho parceiro nunca ia a lugar nenhum sem seus amuletos. Eu ria dele quando íamos a qualquer lugar e ele levava consigo três ou quatro pendurados em redor do pescoço. "David", dizia-me ele, "este é para ver se eles estão a mentir. Este é para saber se estão disfarçados. Este é para me dizer se eles transportam consigo um monte de energia escondida no *chi* e estão prontos para nos mandar dessa para melhor".

Olhei de relance para ele, o meu estado de espírito suavizando-se.

— Não se importa de trabalhar com bruxos?

— Não — ele tirou as mãos do volante quando começamos a saltitar sobre os trilhos. — Os amuletos dele pouparam-me muita dor. Mas não posso contar o número de vezes em que ele perdeu tempo em busca do feitiço certo, quando um bom gancho de direita teria sido suficiente para resolver as coisas mais depressa.

Atravessamos o rio para Cincinnati propriamente dita e os edifícios foram lançando sombras tremeluzentes que iam e vinham sobre mim. Os seus preconceitos prendiam-se apenas com as relações sexuais. Podia lidar com isso.

— Não vou completamente indefesa — disse eu, sentindo-me um pouco mais confortável. — Posso erguer um círculo protetor à minha volta, se tiver de fazê-lo. Mas na verdade, sou uma bruxa de terra. O que poderá tornar as coisas mais difíceis, já que é complicado apanhar alguém se não se consegue fazer a mesma magia — fiz uma careta que ele não viu. — Por outro lado, não tenho a menor chance de vencer Saladan utilizando magia das linhas *Ley*, por isso ainda bem que nem sequer vou tentar. O apanharei com meus amuletos de terra, ou com um pontapé no estômago.

David parou suavemente o carro num semáforo vermelho. Com o rosto revelando os primeiros sinais de interesse, virou-se para mim.

— Ouvi dizer que apanhaste três assassinos das linhas *Ley*.

— Oh, isso! — senti-me corar. — Tive ajuda. O DFI estava lá.

— Derrubaste Piscary sozinha.

O semáforo mudou e eu gostei do fato de ele não se ir esgueirando para cima do carro à nossa frente, até este ter arrancado.

— O chefe da segurança de Trent ajudou-me — admiti eu.

— Distraiu-o — disse David baixinho. — Foste tu que o espancou até ele ficar inconsciente.

Apertando os joelhos um contra o outro, virei-me para o olhar de frente.

— Como sabe?

O maxilar de David ficou mais tenso, depois relaxou, mas ele não afastou o olhar da rua.

— Falei com Jenks esta manhã.

— O quê? — exclamei, quase batendo com a cabeça no teto. — Ele está bem? O que ele disse? Disseste que eu pedia desculpas? Ele volta a falar comigo se eu ligar?

David olhou para mim de relance e eu sustive a respiração. Nada dizendo, ele virou cuidadosamente para um estacionamento.

— Não a todas as perguntas. Ele está muito perturbado.

Recostei-me no assento, ansiosa e preocupada.

— Se ele voltar a falar contigo, tem que agradecer — disse David com a voz tensa. — Ele pensa maravilhas de ti, que é a principal razão porque não recuei no nosso acordo para te levar a ver Saladan.

Senti um aperto no estômago.

— Como assim?

Ele hesitou, enquanto passava por um carro.

— Ele sente-se magoado por não ter confiado nele, mas não disse uma única coisa má sobre ti, até te defendeu quando eu te chamei de cabeça de vento — senti a garganta apertada e prendi os olhos no exterior da janela do lado do passageiro. Eu era uma

verdadeira idiota. — Ele acredita erroneamente que merecia que mentissem para ele, que não o disse porque sentia que ele não era capaz de manter a boca fechada e que, provavelmente, tinha razão. Ele partiu porque pensava que te tinha decepcionado, não o contrário. Eu disse que você era uma idiota e que qualquer parceiro que mentisse para mim, acabaria de garganta rasgada — David bufou de escárnio. — Ele me colocou para correr da casa. Aquele homenzinho de dez centímetros me colocou para correr. Disse-me que, se não te ajudasse como tinha dito que faria, ele viria atrás de mim quando o tempo melhorasse e me faria uma lobotomia enquanto eu dormia.

— Ele pode fazê-lo — disse eu, a voz tensa. Conseguia ouvir nela as lágrimas que ameaçavam correr.

— Eu sei que sim, mas não é por isso que aqui estou. Estou aqui por causa daquilo que ele não disse. O que fizeste ao teu parceiro é deplorável, mas uma alma tão honrada jamais pensaria bem de alguém que não o merecesse. Contudo, não consigo ver porque o faz.

— Tenho estado a tentar falar com Jenks durante os últimos três dias — disse eu, com um nó na garganta. — Estou a tentar pedir desculpas. Estou a tentar resolver isso.

— Essa é a outra razão porque aqui estou. Os erros podem ser resolvidos, mas se os cometemos mais do que uma vez deixam de ser erros.

Eu nada disse, a minha cabeça começava a doer, enquanto passávamos por um parque que virava para o rio e virávamos para uma rua lateral. David tocou o colarinho e eu li na postura do seu corpo que estávamos perto.

— E de certa forma, foi por culpa minha que tudo se ficou a saber — disse ele baixinho. — O acônito tende a deixar-nos os lábios soltos. Peço desculpa por isso, mas ainda assim foi errado da tua parte.

Como se tinha ficado a saber era irrelevante. Jenks estava furioso comigo e eu merecia-o. David deu o pisca e virou para uma estrada de acesso. Eu alisei a minha saia cinzenta e ajustei o casaco. Limpando os olhos, sentei-me mais direita e tentei assumir um aspecto profissional, escondendo o fato de que o meu mundo estava a desabar à minha volta e que tudo dependia de um *animalomem* que me achava verdadeiramente vil. Teria dado tudo para ter Jenks no meu ombro a tecer piadas sobre o meu novo penteado, ou sobre o fato de eu cheirar como os fundos de um anexo. Qualquer coisa.

— Eu manteria a boca fechada, se fosse você — disse David, soturnamente, e eu acenei, profundamente deprimida. — O perfume da minha secretária está no porta-luvas. Dá uma boa borrifada nas meias, o resto cheira bem.

Fiz aquilo que ele dizia, obediente, a minha frequente aversão a receber ordens de alguém esmagada pelo fato de ele pensar tão pouco de mim. O cheiro almiscarado do perfume encheu o carro e David abriu a janela, com uma careta.

— Bem, disseste... — murmurei, quando o ar frio se acumulou em redor dos meus tornozelos.

— Vai ser tudo muito rápido quando entrarmos — disse David, os olhos enchendo-se de lágrimas. — A tua parceira vampira tem cinco minutos, no máximo, antes de Saladan ficar furioso em relação ao seguro e correr conosco.

Segurei a pasta da Sra. Aver no meu colo.

— Ela vai lá estar.

A única resposta de David foi um ronco abafado. Contornamos uma pequena estrada de acesso que dava a volta, regressando a si mesma. Tinha sido limpa de neve e varrida e os tijolos de barro vermelho estavam úmidos de neve derretida. No cimo, encontrava-se uma vivenda pintada de branco, de portadas vermelhas e janelas altas e estreitas. Era uma das poucas mansões antigas que tinham sido restauradas sem perder o seu charme. O Sol estava atrás da casa e David estacionou nas sombras, atrás de uma *pick-up* preta e desligou o motor. A cortina de uma janela da frente agitou-se.

— O teu nome é Grace — disse ele. — Se eles pedirem identificação está na tua carteira no interior da pasta. Toma — entregou-me os óculos dele. — Usa-os.

— Obrigada —pousei as lentes plásticas no nariz, ficando a saber que David era um cegueta. Começaram a fazer me doer a cabeça e eu puxei-os sobre o nariz para poder olhar o mundo por cima deles e não através deles. Sentia-me horrível, as borboletas no meu estômago tão pesadas como tartarugas. Um suspiro o fez tremer e ele estendeu um braço entre os assentos, retirando a pasta do banco de trás.

— Vamos.



31

— David Hue — disse David friamente, soando aborrecido e um pouco irritado, enquanto nos erguíamos na entrada da velha mansão. — Estão à minha espera.

À minha, não à nossa — pensei, mantendo os olhos baixos e tentando passar despercebida enquanto Candice, a vampira que não largara Lee no seu barco, erguia o quadril envolto e olhava para o seu cartão de visita. Atrás dela, estavam outros dois vampiros, envergando ternos pretos que gritavam segurança. Eu não me importava de fazer o papel de subordinada fraca, se Candice me reconhecesse as coisas iam correr mal muito depressa.

— Foi comigo que você falou — disse a vampira em boa forma, com um suspiro de aborrecimento. — Mas depois das recentes desgraças, o Sr. Saladan retirou-se para... Um ambiente menos público, ele não está aqui e muito menos recebe visitas — sorrindo e exibindo os dentes, numa ameaça politicamente correta, ela devolveu-lhe o cartão. — Contudo, terei todo o gosto em falar com você.

O meu coração bateu veloz e eu fitei os azulejos italianos. Ele estava ali – eu quase conseguia ouvir o chacoalhar das fichas –, mas se eu não conseguisse encontrar com ele, as coisas iam ficar muito mais difíceis. David olhou-a, a pele em redor dos olhos tensa, depois pegou na pasta.

— Muito bem — disse ele, secamente. — Se não posso falar com o Sr. Saladan, a minha compania não terá outra opção senão presumir que a conclusão a que chegamos, de que se tratou de atividade terrorista, está correta, pelo que recusará o pagamento do seguro. Passe um bom dia, minha senhora — ele quase nem olhou para mim. — Vamos, Grace. Vamos embora.

Sustendo a respiração, senti o rosto empalidecer. Se nós partíssemos, Kisten e Ivy avançariam para uma armadilha. Os passos de David eram sonoros, enquanto avançavam para a porta e eu estendi um braço, tentando segurá-lo.

— Candice — disse a voz irada e oleosa de Lee, vinda do segundo piso, logo acima da escadaria. — O que está fazendo?

Virei-me, David agarrou-me num cotovelo em sinal de aviso. Lee erguia-se no patamar superior, uma bebida na mão, uma pasta e um par de óculos de aros metálicos na outra. Envergava aquilo que parecia ser um terno sem casaco, a gravata solta em redor do pescoço, mas ainda assim composto.

— Stanley, querido — ronronou Candice, encostando-se, provocadora, contra a pequena mesa junto à porta. — Disseste ninguém. Além disso, não passa de um pequeno barco. Quanto é que poderá valer?

Os olhos escuros de Lee semicerram-se, enquanto ele os franzia.

— Quase um quarto de milhão, querida. São agentes de seguros, não operacionais da SI. Verifica se não têm qualquer feitiço e traze-os para cima. A lei exige que mantenham tudo confidencial, incluindo o fato de que aqui se encontram — olhou para David e afastou a franja de surfista dos olhos, com um movimento de cabeça. — Não é assim?

David sorriu-lhe, com aquela expressão cúmplice de bons velhos amigos que eu odiava.

— Sim, senhor — disse ele, a voz ecoando no branco monótono do vestíbulo aberto. — Não poderíamos fazer o nosso trabalho sem essa pequena emenda constitucional.

Lee ergueu uma mão em sinal de reconhecimento, virando-nos as costas e desapareceu ao longo do corredor aberto. Uma porta rangeu e fechou-se e eu saltei quando Candice me agarrou na pasta. A adrenalina fez com que me endireitasse e eu apertei-a contra o corpo.

— Relaxa, Grace — disse David num tom paternalista, enquanto a tirava das minhas mãos e a entregava a Candice. — Isso não é inusitado — os dois vampiros que se tinham mantido afastados avançaram e eu obriguei-me a ficar quieta. — Tem de perdoar a minha assistente — disse David enquanto pousava as nossas pastas na pequena mesa junto à porta, abria primeiro a dele e a virava, fazendo o mesmo à minha. — Treinar uma nova assistente é um inferno.

A expressão de Candice tornou-se trocista.

— Foi você quem lhe deu o olho negro?

Corei, ergui a mão para tocar na maçã do rosto e baixei os olhos para os meus feios sapatos. Ao que parecia, a maquiagem mais escura não funcionava tão bem como eu pensava.

— Temos de manter nossas cadelas na linha — disse David num tom despreocupado. — Mas se batermos como deve ser, só temos de bater uma vez.

Cerrei o maxilar e senti-me corar quando Candice riu. Eu observava, sob a sobrancelha franzida, enquanto um vampiro vasculhava pela minha pasta. Estava repleta de tralhas que só um perito regulador de seguros teria: uma calculadora com mais botões minúsculos do que as botas de gala de um duende; blocos de notas; pastas manchadas de café; pequenos calendários inúteis que se prendem a geladeira e canetas com rostos sorridentes. Havia recibos de vários locais, como lanchonetes. Deus, era horrível! Ela olhou de relance para os meus cartões de visita falsos com uma atenção vaga. Enquanto a pasta de David era igualmente escrutinada, Candice dirigiu-se a uma sala dos fundos. Regressou com um par de óculos de armação metálica, com os quais nos examinou de forma deveras espalhafatosa. O meu coração bateu veloz, quando ela apresentou um amuleto. Estava a brilhar num tom vermelho de aviso.

— Chad, querido — murmurou ela. — Afasta-se, o teu feitiço está a interferir.

Um dos vampiros corou e afastou-se. Perguntei-me que feitiço possuiria o Chad-querido para que as suas orelhas assumissem aquela cor em particular. Senti o exalar da minha respiração quando o amuleto se tornou verde, deixando-me grata por ter optado por um disfarce tão mundano. Ao meu lado, os dedos de David estremeciam.

— Podemos despachar isso mais depressa? — disse ele. — Ainda tenho outras pessoas para ver.

Candice sorriu e fez girar o amuleto pendurado no dedo.

— Por aqui.

Com uma rapidez que parecia ter a sua origem na irritação, David fechou a sua pasta e arrastou-a de cima da pequena mesa. Eu fiz o mesmo, sentindo-me aliviada quando os dois vampiros desapareceram numa sala dos fundos, seguindo o cheiro a café. Candice avançou para as escadas com um passo lento, os seus quadris balançando como se estivessem prestes a soltar-se do corpo. Tentando ignorá-los, segui-a.

A casa era velha e agora que a observava com mais atenção, não estava a ser muito bem mantida. No andar de cima, o carpete estava a ficar no fio e os quadros pendurados no corredor aberto que dava para o vestíbulo eram tão antigos que, muito provavelmente, tinham sido adquiridos juntamente com a casa. A tinta acima era daquele verde ranhoso tão popular antes da Viragem e tinha um aspecto repulsivo. Alguém como muito pouca imaginação tinha o usado para cobrir as tábuas de madeira de vinte centímetros, onde estavam gravadas folhas e colibris, e eu dirigi um olhar sofrido à grandiosidade escondida atrás da tinta horrorosa das fibras sintéticas.

— Sr. Saladan — disse Candice, abrindo a porta envernizada de preto. O seu sorriso era malicioso e eu segui David quando este entrou, mantendo os olhos baixos ao passar por ela. Sustive a respiração, rezando para que ela não conseguisse perceber que era eu, esperando que ela não entrasse. Mas por que haveria de fazê-lo? Lee era um especialista em magia das linhas *Ley*, não precisava de proteção em relação a dois *animalomens*.

Tratava-se de um gabinete de boas dimensões, coberto de painéis de carvalho. O teto alto e as madeiras espessas que envolviam as janelas altas eram a única evidência de que aquela divisão começara por ser um quarto de dormir antes de se tornar um escritório. Tudo o resto tinha sido coberto e disfarçado com cromados e carvalho leve com apenas alguns anos. Eu era uma bruxa, conseguia percebê-lo. As janelas atrás da mesa chegavam ao chão e o Sol baixo derramava-se sobre Lee, enquanto este se levantava da cadeira. Num dos cantos, estava um carrinho-bar e um sistema de som ocupava quase toda a parede oposta. Duas cadeiras confortáveis estavam dispostas em frente à mesa, deixando uma horrenda num canto mais afastado. Havia uma enorme parede espelhada e nenhum livro. Minha opinião sobre Lee atingiu seu ponto mais baixo.

— Sr. Hue — disse Lee, num tom caloroso enquanto lhe estendia uma mão bronzeada, sobre o tampo da mesa de aspecto moderno. O casaco estava pendurado num cabide de pé não muito distante, mas ele tinha, pelo menos, apertado a gravata. — Tenho estado à sua espera. Peço desculpa pela confusão no andar de baixo. Por vezes, a

Candice consegue ser demasiado protetora. Deve compreender, tendo em consideração que os barcos parecem explodir à minha volta.

David deu uma gargalhada, soando um pouco como um cão.

— Não há problema algum, Sr. Saladan. Não vou tomar muito do seu tempo. Trata-se de uma visita de cortesia, para que fique a saber que a sua participação está a ser processada.

Sorrindo, Lee segurou a gravata contra o corpo e sentou-se, fazendo-me sinal para que fizesse o mesmo.

— Posso arranjar-lhe uma bebida? — perguntou ele, enquanto eu me sentava na segunda cadeira e pousava a minha pasta.

— Não, obrigado — disse David.

Lee não me dirigira mais do que um olhar de relance, nem sequer se oferecendo para me apertar a mão. O ar de "clube masculino" era suficientemente pesado para que fosse possível roê-lo e ainda que, em circunstâncias normais, eu me esforçasse por marcar uma posição, desta vez cerrei os dentes e fingi não existir, como uma boa cadelinha do fundo da hierarquia. Enquanto Lee acrescentava gelo à sua bebida, David pegou num segundo par de óculos e abriu a pasta sobre o colo. O maxilar barbeado estava tenso e eu podia sentir o cheiro do seu entusiasmo contido a crescer.

— Bem — disse ele, calmamente, tirando da pasta um molho de papéis. — Lamento informá-lo que, depois da nossa inspeção inicial e das nossas entrevistas preliminares com um sobrevivente, a minha companhia decidiu indeferir o pagamento do seguro.

Lee deixou cair um segundo cubo de gelo na sua bebida.

— Desculpe? — ele girou sobre um calcanhar brilhante. — O seu sobrevivente tem demasiado em jogo para avançar com qualquer informação contrária a que se tratou de um acidente e quanto à sua inspeção? O barco está no fundo do rio Ohio.

David abanou a cabeça.

— É assim, de fato. Mas o barco foi destruído durante uma luta pelo controle da cidade e, como tal, a sua destruição pode ser enquadrada na cláusula de terrorismo.

Emitindo um som rude de descrença, Lee sentou-se atrás da sua mesa.

— Aquele barco era novinho em folha e ainda só paguei duas prestações. Foi por isso que o pus no seguro.

David pousou um molho de folhas grafadas sobre a mesa. Espreitando por cima dos óculos, retirou um segundo papel, fechou a pasta e assinou-o.

— Isto é um aviso de que os pagamentos de seguros das suas restantes propriedades serão aumentados em quinze por cento. Assine aqui, por favor.

— Quinze por cento! — exclamou Lee.

— Com efeitos retroativos até ao início do mês. Se me quiser passar o cheque, estou preparado para aceitar o pagamento.

Maldição — pensei. A companhia de David era dura. Os meus pensamentos saltaram de Lee para Ivy. Isto estava a começar a correr mal muito depressa. Onde estava a chamada dela? Eles já deviam estar a postos. Lee não estava feliz. De maxilar tenso, entrelaçou os dedos e pousou-os sobre a mesa. O rosto ficou vermelho, atrás da franja negra, e ele inclinou-se para frente.

— É melhor que procure na sua pasta, cachorrinho, e lá encontre um cheque para mim — disse ele, a sua pronúncia de Berkeley mais cerrada. — Não estou habituado a ser decepcionado.

David acionou os fechos da pasta com um estalo e pousou-a suavemente no chão.

— Precisa alargar seus horizontes, Sr. Saladan. Acontece-me a toda a hora.

— A mim não — com o rosto redondo a revelar toda sua raiva, Lee levantou-se.

A tensão aumentou, eu olhei para Lee, depois para David, que mantinha uma expressão confiante, embora permanecesse sentado. Nenhum dos homens ia recuar.

— Assine o papel, Sr. Saladan — disse David, calmamente. — Sou apenas o mensageiro. De certo não quer envolver os nossos advogados. Nesse caso, eles serão os únicos a receber qualquer dinheiro e o senhor constatará que não consegue pôr mais nada no seguro.

Lee inspirou apressadamente, os olhos escuros semicerrados sob o peso da raiva. Saltei perante o toque súbito do meu telefone. Os meus olhos abriram-se muito. Estava a tocar a música de *The Lone Ranger*. Esforcei-me por desligá-lo, sem saber como. Deus me ajude.

— Grace! — ladrou David e eu voltei a saltar. O telefone deslizou-me dos dedos. Eu lancei-me atrás dele com o rosto a arder. As minhas emoções estavam em pânico provocado pelo fato de ambos estarem a olhar para mim e o alívio de Ivy estar a postos. — Grace, disse que desligasse o telefone quando entrámos para a estrada de acesso! — gritou David. Ele levantara-se e eu mirei-o desamparada. Ele arrancou-me o telefone das mãos e devolveu, atirando-o. Cerrei o maxilar quando este caiu na palma da minha mão com um estrépito. Já aguentara o suficiente, vendo que o meu rosto fervia de raiva, David colocou-se entre mim e Lee, agarrando-me o ombro em sinal de aviso. Irritada, afastei o braço dele. Mas a minha raiva abrandou quando ele me sorriu e piscou o olho. — É uma boa operacional — disse ele baixinho, enquanto Lee carregava num botão do seu intercomunicador e tinha uma conversa sussurrada com o que parecia ser uma Candice muito preocupada. — A maior parte das pessoas com quem trabalho teria atirado à minha garganta logo na porta da frente, por causa daquele comentário sobre a cadela subordinada. Mantém-te firme. Ainda conseguimos arrancar mais alguns minutos desta conversa e eu preciso que ele assine meu formulário.

Acenei, embora fosse difícil. O cumprimento tinha ajudado. Ainda de pé, Lee deitou a mão ao casaco e fez deslizar os braços pelas mangas.

— Lamento, Sr. Hue. Teremos de continuar esta conversa numa outra oportunidade.

— Não, senhor — David manteve-se imóvel. — Vamos terminá-la agora.

Havia uma confusão no corredor e eu levantei-me quando Chad o vampiro com o amuleto entrou de rompante. Vendo David e eu, engoliu suas primeiras palavras, provavelmente histéricas.

— Chad — disse Lee, uma ligeiríssima agitação na sua expressão, enquanto assimilava a aparência desgrenhada do vampiro. — Importa-se de acompanhar o Sr. Hue e a sua assistente ao carro?

— Sim, senhor.

A casa estava silenciosa e eu suprimi um sorriso. Certa vez, Ivy tinha neutralizado um piso inteiro de agentes do DFI. A não ser que Lee tivesse muitos seguranças escondidos, não faltaria muito para que eu tivesse os meus amuletos e Lee estivesse algemado. David não se moveu. Erguia-se em frente à mesa de Lee, sua postura de *animalomem* cada vez mais intensa.

— Sr. Saladan — empurrou o formulário para frente com dois dedos. — Se não se importa?

As bochechas redondas de Lee começavam a apresentar manchas vermelhas. Tirando uma caneta do bolso de dentro do casaco assinou o papel, seu nome grande e ilegível.

— Diga aos seus superiores que serei compensado pela minha perda — disse ele, deixando o papel sobre a mesa, para que David o apanhasse. — Seria uma pena se a sua companhia se encontrasse em dificuldades financeiras por várias das nossas propriedades mais dispendiosas estarem a ser danificadas.

David pegou o papel e guardou-o na pasta. Ele erguia-se ao meu lado, ligeiramente recuado, e eu senti a tensão a crescer e vi-o transferir o seu peso para os calcanhares.

— Trata-se de uma ameaça, Sr. Saladan? Posso passar sua participação para o nosso departamento de queixas.

Um suave estrondo fez vibrar o meu ouvido interno e Chad saltitou sobre um pé. Tratava-se de uma explosão distante. Lee fitou uma parede como se conseguisse ver através dela. Ergui as sobrancelhas. Ivy.

— Só mais uma assinatura — David tirou um papel dobrado em três do bolso do casaco.

— O nosso tempo chegou ao fim, Sr. Hue.

David fitou-o e eu quase o conseguia ouvi-lo a rosnar.

— Demorará apenas... Um momento. Grace, preciso da tua assinatura aqui. Depois a do Sr. Saladan... Aqui.

Surpreendida, avancei, a cabeça curvada sobre o papel que David alisara sobre a mesa. Afirmava que eu era uma testemunha e que vira a bomba na caldeira. Eu achava errado que a companhia de David estivesse mais preocupada com o barco do que com as pessoas que tinham morrido nele. Mas era assim que funcionava o mundo dos seguros.

Peguei na caneta, erguendo rapidamente os olhos para David. Ele encolheu ligeiramente os braços, um brilho novo e duro nos seus olhos. Apesar da raiva, acho que ele estava a gostar daquilo. Com o coração a bater veloz, assinei-o como Rachel.

Fiquei à escuta, atenta aos sons de um possível confronto, enquanto entregava a caneta a David. Eles já deviam estar perto. E talvez não houvesse qualquer sinal de que já estavam dentro da casa, se tudo corresse bem no exterior. Lee estava tenso e senti o estômago apertado.

— E o senhor — o tom era sarcástico e David virou para ele o papel.

— Assine e poderei dar o seu caso como encerrado e não terá de me ver outra vez.

Perguntei-me se seria o seu normal discurso, enquanto levava a mão ao bolso de dentro do meu casaco emprestado e tirava o mandado de captura que Edden me entregara nessa tarde. Com movimentos rudes e beligerantes, Lee assinou o papel. Ao meu lado, ouvi um suave ronco de satisfação vindo de David. Só então Lee olhou para a minha assinatura. O cara ficou algo pálido sob o seu bronzeado. Os lábios finos afastaram-se.

— Seu filho da mãe — praguejou, erguendo os olhos para mim, depois para Chad, a um canto.

Sorrindo, entreguei a Lee o meu mandado de captura.

— Este é da minha parte — disse eu, alegremente. — Obrigada, David. Tens tudo aquilo de que precisa?

David recuou um passo, guardando o formulário.

— É todo teu.

— Filho da mãe! — repetiu Lee, um sorriso incrédulo, erguendo o canto dos lábios. — Não sabe quando ficar morta, hã?

A minha respiração silvou e saltei quando o senti aceder a uma linha.

— Abaixa! — gritei, empurrando David para fora do caminho e saltando para trás.

Girando, David caiu ao chão. Eu deslizei quase até à porta. O ar crepitou e um baque reverberou através de mim. De mãos e joelhos no chão, ergui o olhar para a feia mancha roxa que pingava para o chão. *Pela Viragem, o que era aquilo?* — pensei, erguendo-me e puxando a saia até aos joelhos. Lee fez um gesto a Chad que parecia amedrontado.

— Bem, apanha-os! — disse ele, soando enojado. Chad pestanejou, depois avançou para David.

— Não é ele, seu idiota! — gritou Lee. — A mulher!

Chad parou de repente, virou-se, depois estendeu um braço na minha direção. Onde raio está Ivy? A minha cicatriz do demônio começou a flamejar de prazer e, embora fosse bastante perturbador, não tive qualquer problema em bater com a palma da mão no nariz de Chad, fazendo-o recuar quando a cartilagem se rasgou. Odiava a sensação de partir narizes. Provocava-me arrepios.

Chad gritou de dor, dobrando-se sobre si mesmo e levando ao rosto as mãos cheias de sangue. Segui o seu movimento descendente, acertando-lhe com um cotovelo na parte de trás do pescoço, que ele tinha convenientemente colocado ao meu alcance. Em três segundos, Chad estava no chão.

Esfregando o cotovelo, ergui os olhos e descobri David que me observava com um interesse surpreendido. Eu estava entre Lee e a porta. Sorrindo, afastei dos olhos o cabelo que escapara ao meu prendedor. Lee era um bruxo das linhas *Ley*; o mais certo era que fosse um covarde quando se tratava de dor física, não saltaria pela janela enquanto o pudesse evitar. Lee carregou com o polegar no intercomunicador.

— Candice? — a voz dele era uma mistura de raiva e ameaça. Arquejando, lambi o polegar e apontei para Lee.

— David, talvez não seja má ideia sair. Isso vai ser complicado.

A minha boa disposição regressou quando ouvi a voz de Kisten através dos alto-falantes, juntamente com os sons de uma luta.

— A Candice está ocupada, meu velho — reconheci o som do ataque de Ivy e Kisten emitiu um grunhido de simpatia. — Desculpa, querida. Não devias ter extraviado. Oh, isso tem de doer! — depois voltou a sua atenção para nós mais uma vez, o seu sotaque falso, pesado e divertido. — Talvez eu possa ajudar?

Lee desligou o intercomunicador, ajustou o casaco, observando-me. Parecia confiante, isso não era bom.

— Lee — disse eu —, podemos fazer isto da maneira mais fácil ou da mais difícil — ouvi o ruído de passos no corredor e recuei em direção a David, quando cinco homens entraram na sala. Ivy não estava com eles, tal como os meus amuletos. Por outro lado, eles tinham muitas armas, todas elas apontadas a nós. Maldição. Lee sorriu e saiu detrás da mesa.

— Eu sou a favor da forma mais fácil — sua voz de tal forma arrogante que me apeteceu bater-lhe.

Chad estava a começar a mover-se e Lee tocou-lhe com um pé nas costelas.

— Levanta-se — disse ele. — O *animalomem* tem um papel no bolso do casaco. Traz-me.

Com o estômago às voltas recuei, enquanto Chad cambaleava para se levantar, o sangue a pingar sobre o terno barato.

— Limita-se a dar — avisei, quando David ficou tenso. — Eu recuperarei.

— Não, não me parece que o faça — disse Lee, enquanto David entregava o papel a Chad e o vampiro passava o papel agora manchado de sangue a Lee. Com os dentes brancos a brilhar, agitou o cabelo e sorriu. — Foi uma pena o acidente.

Olhei de relance para David, ouvindo a nossa morte próxima naquelas palavras. Lee limpou o sangue ao casaco de Chad. Dobrando por duas vezes o documento, enfiou-o num bolso do casaco. Dirigindo-se para a porta, disse num tom casual:

— Deem um tiro, retirem as balas e depois lancem os corpos ao rio, por baixo do gelo. Limpei a divisão. Vou sair mais cedo para jantar, estarei de volta dentro de duas horas. Chad, vem comigo. Precisamos de conversar.

O meu coração acelerou e pude sentir a tensão que crescia em David. Ele abria e fechava as mãos como se lhe doessem. Talvez doessem. Arquejei perante o som das armas engatilhando.

— *Rhombus*! — gritei, a palavra perdendo-se no trovejar das armas que dispararam.

Cambaleei, enquanto os meus pensamentos procuravam a linha mais próxima. Era a da universidade e era enorme. Senti o cheiro de pólvora. Endireitei-me, tateando-me freneticamente. Nada me doía a não ser os ouvidos. O rosto de David estava branco, mas não vi qualquer sinal de dor nos seus olhos. O brilho do lençol de eternidade com uma molécula de espessura brilhava a nossa volta. Os quatro homens endireitaram-se da sua posição agachada. Eu tinha erguido o círculo a tempo e as suas balas tinham ricocheteado contra eles.

— O que fazemos agora? — perguntou um.

— O diabo que eu sei — disse o mais alto.

Do piso do vestíbulo, chegou o grito de Lee:

— Resolve isto.

— Você! — ouviu-se a voz longínqua de Ivy. — Onde está Rachel?

Ivy! Histérica, olhei para o meu círculo. Era uma armadilha.

— Consegue derrubar dois deles? — perguntei.

— Dá-me cinco minutos para me transformar em animal e conseguirei derrubá-los a todos — disse David, quase a rosnar.

O ruído do combate aumentava, pareciam estar cerca de uma dezena de pessoas no piso inferior, juntamente com um vampiro furioso. Um dos homens olhou para os outros e correu. Restavam três. O barulho de uma arma no piso inferior fez-me endireitar.

— Não temos cinco minutos. Pronto?

Ele acenou. Com o rosto contorcido, quebrei a ligação com a linha e o círculo desapareceu.

— Agora! — exclamei.

David era uma mancha desfocada ao meu lado. Eu lancei-me contra o menor, atirando para o lado a sua arma, com um pontapé, enquanto ele tentava recuar. Era o meu treino contra a sua magia mais lenta e o meu treino ganhou. A arma dele deslizou pelo chão e ele mergulhou na sua direção. Idiota. Seguindo-o para o chão, dei-lhe uma cotovelada nos rins. Ele arquejou e virou-se, para olhar para mim, não tendo conseguido chegar à arma. Deus, como ele parecia jovem. De dentes cerrados, agarrei na cabeça dele e atirei-a contra o chão. Os olhos dele fecharam-se e o corpo ficou mole. Sim, era rude, mas eu estava com alguma pressa. O som de uma arma a disparar fez-me virar.

— Estou ótimo! — ladrou David, erguendo-se com a rapidez de um *animalomem* da posição agachada e mergulhando um punho pequeno e poderoso no último bruxo de pé. Revirando os olhos para a parte de trás da cabeça, o bruxo deixou cair a arma dos dedos moles e tombou sobre o primeiro homem que David tinha derrubado. Maldição, ele era rápido! O meu coração batia veloz e podia ouvir campainhas nos ouvidos. Tínhamos conseguido neutralizá-los, disparando apenas um tiro.

— Apanhaste dois — disse eu, entusiasmada com o esforço conjunto. — Obrigada!

Respirando com dificuldade, David limpou o lábio e foi buscar sua pasta.

— Preciso do meu documento.

Passámos por cima dos bruxos caídos. David seguia à minha frente. Ele parou, os olhos semicerrando-se, fixos no homem que apontava para Ivy a partir da varanda. Rosnando, agitou a pasta. Esta bateu na cabeça do bruxo. Cambaleando, o homem virou-se. Eu girei sobre um pé, batendo com o outro no seu plexo solar. Rodando os braços, ele tombou contra o corrimão. Não parei para ver se ele estava caído ou não. Deixando David a lutar pela arma, corri para o piso inferior. Ivy estava a lutar com Candice. O meu saco de amuletos estava aos seus pés. Havia três corpos espalhados pelo chão. Pobre Chad, não estava a ter um bom dia.

— Ivy! — chamei, quando ela lançou Candice contra uma parede e teve um momento de pausa. — Onde está Lee?

Os olhos dela estavam negros e os lábios afastados dos dentes. Com um grito ultrajado, Candice lançou-se a ela. Ivy saltou para o lustre, o pé acertando no maxilar de Candice e atirando para trás a vampira. Ouviu-se um rangido vindo do teto.

— Cuidado! — gritei do fundo das escadas, enquanto Ivy saltava e aterrava com uma graça surreal e o lustre caía. Este estilhaçou-se, lançando fragmentos de vidro e cristal para todo o lado.

— Pela cozinha — arquejou Ivy, de uma posição agachada. — Ele está na garagem, com o Kisten.

Candice fitou-me, o ódio nos olhos negros. O sangue escorria de sua boca e ela lambeu-o. O seu olhar prendeu-se na minha mochila de feitiços. Ela ficou tensa e preparou-se para correr na minha direção. Ivy saltou.

— Vai! — gritou Ivy, lutando com a vampira.

Assim fiz. Como o coração a bater, corri, contornando os destroços do lustre, agarrando meus amuletos ao passar por eles. Atrás de mim, ergueu-se um grito de terror e dor. Eu deslizei e parei. Ivy tinha Candice presa contra a parede. Senti o meu rosto gelado. Já tinha visto aquilo antes. Deus me ajudasse. Eu tinha sobrevivido. Candice escoiceava e lutava, um novo frenesi nos seus movimentos enquanto se tentava libertar.

Ivy segurava-a, tão imóvel como um barrote de aço. A força de Piscary fazia com que ela fosse imparável e o medo de Candice estava a alimentar sua sede de sangue. Da

garagem que eu ainda não conseguia ver, ergueu-se o som de uma arma a disparar. Afastei o meu olhar delas, assustada. Ivy era agora apenas um vampiro. Absoluta e completamente. Ela tinha se perdido. Com a boca seca, corri através da cozinha vazia através da garagem.

Candice voltou a gritar, o som aterrorizante terminando num gorgolejo. Eu não tinha desejado aquilo. Eu não tinha desejado aquilo de todo. Virei-me quando ouvi o som de passos atrás de mim, mas era David. Tinha o rosto exangue e nunca abrandou enquanto avançava para mim. Tinha nas mãos uma arma.

— Ela está... — perguntei, ouvindo a minha voz a tremer.

A mão dele pousou-se no meu ombro e ele empurrou-me, obrigando-me a continuar a andar. As rugas marcavam seu rosto e ele parecia velho.

— Continua — disse ele, com a voz rouca. — Ela vai proteger as tuas costas.

O som de vozes masculinas na garagem ergueu-se, depois parou. Ouviu-se uma arma de fogo. Agachada junto à porta, percorri a minha mochila. Coloquei alguns amuletos em redor do meu pescoço e prendi as algemas no cinto. Senti a arma de bolas explosivas pesada na minha mão, catorze pequenas bolinhas alinhavam-se no reservatório, prontas para pôr alguém a dormir e propulsor suficiente para disparar a todas. David espreitou pela porta, depois se escondeu.

— Estão cinco homens com Saladan, atrás de um carro preto, na extremidade oposta da garagem. Acho que estão a tentar pôr o carro a trabalhar. O teu namorado está ao virar da esquina. Podemos chegar até ele com uma corrida rápida — ele olhou para mim, enquanto eu vasculhava por entre os meus amuletos. — Deus do céu! Para que é que serve isso tudo?

Meu namorado? — pensei, avançando agachada até à porta, com os amuletos a arrastarem-se por baixo de mim. *Bem, eu tinha dormido com ele.*

— Um é para as dores — sussurrei. — Outro para abrandar as hemorragias. O outro é para detectar encantamentos negros antes que me lance sobre eles e outro...

As minhas palavras pararam quando ouvi o som do motor do carro a arrancar. Merda.

— Peço desculpa por ter perguntado — murmurou David, logo atrás de mim.

Com o coração a bater veloz, arrisquei levantar-me, avançando encurvada, inspirando profundamente o ar escuro e frio da garagem, enquanto me agachava atrás de um jaguar prateado marcado pelas balas. A cabeça de Kisten ergueu-se. Ele estava no chão, com uma mão a fazer pressão no peito. A dor deixara-lhe os olhos vidrados e o rosto estava pálido sob o cabelo pintado de loiro. O sangue escorria pela mão e eu senti-me gelada e não era só pela falta de aquecimento da garagem. A seu lado estavam caídos quatro homens. Um moveu-se e ele o chutou na cabeça, até que não se movesse mais.

— Isso está ficando cada vez melhor — sussurrei, avançando para Kisten. A porta da garagem gemeu e começou a mover-se e os gritos que se erguiam do carro tomaram-se audíveis, apesar do ronco do motor a trabalhar. Naquele momento, contudo, a única coisa que me preocupava era Kisten. — Está bem?

Fiz passar dois amuletos pela cabeça dele. Sentia-me doente, ele não devia ter se machucado. Ivy não devia ser sido levada a beber o sangue de alguém. Nada devia ter corrido daquela maneira.

— Apanha-o, Rachel — disse ele, conseguindo dirigir-me um sorrido dolorido. — Sobreviverei — os pneus do carro guincharam, enquanto este fazia marcha ré. Em pânico, os meus olhos saltaram entre Kisten e o carro; sentia-me dividida. — Apanha-o! — insistiu Kisten, os olhos azuis toldados pela dor. David ajudou Kisten a deitar-se no chão da garagem. Uma das mãos pressionava a de Kisten contra a ferida e com a outra procurava algo no casaco dele. Retirando daí um celular, David abriu-o e ligou para a urgência. Kisten acenou, fechando os olhos, enquanto eu me levantava. O carro tinha saído de marcha ré para a estrada de acesso e estremecia, tentando avançar. Não saía do lugar. Loucamente furiosa, saí da garagem atrás dele.

— Lee! — gritei. O motor do carro cuspia e tossia, os pneus a derrapar sobre as pedras molhadas. O meu maxilar rangeu. Usando uma linha, fechei o punho. A energia das linhas atravessou-me, enchendo as minhas veias com uma espantosa sensação de força. Os meus olhos semicerraram-se. — *Rhombus* — disse eu, os dedos abertos enquanto gesticulava.

Os meus joelhos cederam e eu gritei quando a energia das linhas necessária a fazer um círculo tão grande me atravessou, queimando quando não a consegui canalizar toda ao mesmo tempo. Ouviu-se um feio ruído de metal a dobrar e pneus a guinchar. O som atravessou-me, fixando-se na minha memória para assombrar os meus pesadelos. O carro embatera contra o meu círculo mas fora o carro que se partira, não eu. Recuperei o equilíbrio e continuei a avançar enquanto os homens saiam do veículo destruído. Sem

abrandar, apontei a minha arma de bolas explosivas, apertando o gatilho com uma lentidão metódica. Já tinham caído dois homens, antes que a primeira das suas balas atravessasse o ar ao lado da minha cabeça.

— Estão a disparar contra mim? — gritei. — Estão a disparar contra mim?

Derrubei o homem que segurava a arma com um encantamento, deixando Lee e outros dois homens. Um pôs as mãos no ar. Lee viu-o, depois sem qualquer hesitação, deu-lhe um tiro. O estampido da arma atravessou-me como se tivesse sido eu a ser atingida. O rosto do bruxo ficou exangue e ele caiu sobre o chão da estrada de acesso, apoiando-se contra ao carro e tentando manter o sangue dentro do corpo. A raiva estremeceu através de mim e eu parei. Furiosa, apontei para Lee e apertei o gatilho.

Erguendo-se, sussurrou em latim e gesticulou. Eu saltei para o lado, mas ele tinha feito pontaria à bala e esta foi lançada para a direita. Ainda agachada, voltei a disparar. Os olhos de Lee assumiram uma expressão paternalista quando desviou também a ela. Os movimentos das suas mãos tornaram-se mais sinistros e os meus olhos abriram-se. Merda, tinha de acabar com aquilo depressa.

Lancei-me a ele, gritando quando o último vampiro chocou contra mim. Caímos embrulhados, eu lutando furiosamente para impedir que ele me agarrasse. Com um último grunhido e um pontapé selvagem, libertei-me, rebolando e endireitando-me. Arquejando, recuei. Os meus combates de treino com Ivy regressaram-me à memória numa mistura de esperança tênue e desespero. Eu nunca a tinha conseguido vencer, não de verdade.

Silencioso, o vampiro atacou. Mergulhei para o lado, arranhando o cotovelo, enquanto o terno da Sra. Aver se rasgava. Ele estava em cima de mim e eu rolei pelo chão, tapando a cabeça com os braços e chutando quando recuperei o fôlego. Um formigueiro provocado pelo meu círculo deslizou através de mim. Eu tinha chocado contra ele e ele tinha se quebrado. Perdi, imediatamente, a ligação com a linha o que me fez sentir vazia.

Ergui-me de um salto e inclinei-me para o lado para evitar a perna que o vampiro lançara na minha direção. Maldição, ele nem sequer estava se esforçando! A minha arma de bolas explosivas estava atrás dele e, quando ele se lançou sobre mim, baixei-me, saindo do seu alcance e rebolei para apanhá-la. Com os dedos estendidos, a minha respiração libertou-se, explodindo, quando senti o metal frio na mão.

— Apanhei-te, sacana! — gritei, virando-me para lhe dar um tiro na cara. Os seus olhos abriram-se de surpresa, depois reviraram-se. Reprimindo um grito, rebolei para fora do seu caminho quando ele tombou para frente com o impulso do seu próprio movimento. Ouviu-se um baque surdo quando ele caiu sobre a estrada de acesso. O sangue corria de debaixo do rosto dele. Tinha partido qualquer coisa. — Lamento que trabalhe para um tamanho idiota — murmurei, enquanto me levantava. Depois, olhei uma segunda vez à minha volta.

O meu rosto perdeu toda a expressão e eu deixei deslizar a minha arma que ficou pendurada num dedo. Estava rodeada por oito homens, todos eles a uns bons três metros de distância. Lee erguia-se atrás deles parecendo hediondamente satisfeito, enquanto ajustava o botão do casaco. Eu sorri e tentei recuperar o fôlego. Ah, pois! Eu tinha quebrado o círculo. Merda, quantas vezes é que eu tinha de apanhar este cara?

Arquejando e dobrada de dor, vi David e Kisten imóveis, na garagem, sob a ameaça de três armas. Havia oito homens à minha volta. Acrescente-se a isso os cinco que eu tinha deitado abaixo. Kisten tinha apanhado pelo menos quatro. E não esqueçamos os primeiros caras do andar de cima. Nem sequer sabia quantos Ivy tinha neutralizado. O cara estava pronto para uma porcaria de uma guerra. Lentamente, endireitei-me. Eu conseguia lidar com aquilo.

— Menina Morgan? — a voz de Lee soava estranha entre o gotejar da neve que descongelava sobre a porta da garagem. O Sol estava atrás da casa e eu tremia agora que estava quieta. — Ainda lhe resta alguma coisa na sua pequena arma?

Olhei para ela. Se tinha contado bem – e eu achava que tinha – restavam ainda oito feitiços. Oito feitiços que eram inúteis já que Lee os conseguia desviar a todos. E mesmo que não o fizesse, eu tinha poucas chances de derrubar assim tantos homens sem ser apanhada. Se eu fizesse tudo de acordo com as normas...

— Vou largar a arma — disse eu, depois, cuidadosa e lentamente, abri o reservatório e despejei as bolas explosivas azuis antes de lançar a arma na sua direção.

Sete pequenas esferas saltitaram, rebolando por entre as pedras que cobriam a estrada de acesso até se imobilizarem. Sete à vista; uma na minha mão. Deus, isto tinha de funcionar. Só pedia que não me prendessem as mãos. Eu tinha de manter as mãos livres. Tremendo, levantei as mãos no ar e recuei, uma minúscula bola explosiva, deslizando pela minha manga e aninhando-se, fria, junto ao cotovelo. Lee fez um gesto e os homens que me rodeavam, convergiram. Um agarrou-me no ombro e eu esforcei-me por não lhe bater. Plácida, fraca. Lee colocou-se mesmo à minha frente.

— Mulher estúpida, estúpida — riu, tocando na testa, por baixo da franja curta e escura, onde lhe tinha aparecido um novo corte.

Ele puxou a mão atrás e eu forcei o meu corpo a manter-se imóvel, recebendo o golpe quando ele me esbofeteou com as costas da mão. Furiosa, endireitei-me da posição para onde a força do golpe me tinha atirado. Os homens à minha volta riram, mas as minhas mãos moviam-se atrás das minhas costas, a bola explosiva rebolando e caindo na palma da minha mão, quando terminei. Os meus olhos saltaram de Lee para as bolas explosivas caídas. Alguém se dobrou para agarrar numa.

— Estás errado — disse a Lee, respirando com dificuldade. — Posso ser estúpida, mas sou uma bruxa. O olhar de Lee seguiu o meu até às bolas explosivas. — *Consimilis* — disse eu, acedendo à linha.

— Baixem-se! — exclamou Lee, empurrando os homens que o rodeavam para poder passar.

— *Calefacio*! — gritei, batendo com o cotovelo no bruxo que me segurava e rebolando para o chão.

Com um pensamento rápido, ergui um círculo à minha volta. Ouviu-se um estouro agudo e estilhaços de cor azul choveram do lado de fora da minha bolha. As bolas explosivas de plástico tinham rebentado devido ao calor, lançando por todo o lado poção para dormir superaquecida. Eu ergui os olhos de entre os meus braços. Todos tinham caído menos Lee, já que este tinha conseguido colocar homens suficientes entre ele e as poções que voavam. Na garagem, Ivy erguia-se, arquejando sobre os últimos três vampiros. Tinham os apanhado. Só faltava Lee e ele era meu. Um sorriso desceu sobre mim, enquanto me levantava e quebrava o meu próprio círculo, retomando a energia no meu *chi*.

— Somos eu e você, surfistazinho — disse eu, lançando ao ar a bola explosiva que tinha usado como objeto focal e apanhando-a. — Quer lançar os dados lançar os dados?

O rosto redondo de Lee ficou imóvel. Ele mantinha-se estático e, depois, sem demonstrar qualquer emoção acendeu a uma linha.

— Seu filho da mãe — praguejei, atirando-me a ele.

Choquei contra ele, atirando-o para cima das pedras. De dentes cerrados, ele agarrou-me o pulso, apertando-o até a bola explosiva ter rolado para longe de mim.

— Vai se ferrar — gritei, erguendo-me sobre ele, ao mesmo tempo em que pousava o antebraço na sua garganta para que ele não conseguisse falar.

Ele lutou comigo, erguendo as mãos para me bater no rosto. A minha respiração silvou num arquejo dolorido, enquanto ele batia no mesmo local onde Al me machucara. Apanhando seu pulso, prendi-o com as minhas algemas, fazendo-o girar, puxei o braço de debaixo dele. Com um joelho nas costas, prendendo-o contra o chão, fechei o outro aro em redor do seu pulso.

— Estou farta das tuas tretas! — exclamei. — Ninguém tem o direito de me lançar um feitiço negro e ninguém me deixa presa num barco com uma bomba. Ninguém! Está ouvindo? Quem pensa que é para vir para a minha cidade e tentar se apoderar dela? — fazendo-o rebolar, tirei o papel de David do bolso do casaco. — Isso não é teu! — disse eu, erguendo-o como se fosse um troféu.

— Pronta para uma pequena viagem, bruxa? — perguntou Lee, os olhos escuros de ódio e o sangue correndo da boca.

Os meus olhos abriram-se de surpresa, quando o senti puxar ainda mais energia da linha *Ley* a que estava ligado.

— Não! — gritei, compreendo o que ele estava a fazer. *As algemas tinham sido emitidas pelo DFI* — pensei, censurando-me. Eram do DFI, não tinha o centro de prata sólida das algemas emitidas pela SI. Ele podia saltar. Ele podia saltar para uma linha se o soubesse fazer. E aparentemente sabia.

— Rachel! — guinchou Ivy; a sua voz e a luz desaparecendo com uma aterrorizante rapidez.

Um lençol de eternidade cobriu-me. Engasguei-me, empurrando Lee e levando as mãos à boca, sentindo-me incapaz de respirar. O meu coração batia loucamente, enquanto a magia corria através de mim, traçando as linhas tanto físicas como mentais que me definiam. A escuridão do nunca invadiu-me e eu entrei em pânico quando senti que existia em fragmentos, por todo o lado e em lado nenhum. Cambaleei à beira da loucura, incapaz de respirar, incapaz de pensar. Gritei, quando regressei a mim mesma, com um vômito e o negrume regrediu para as profundezas da minha alma. Conseguia respirar.

Lee chutou-me e eu rolei para longe, ficando de mãos e joelhos no chão, agradecendo a Deus por os ter outra vez. As pedras frias mordiam através das minhas meias de *nylon* e eu arquejei, sentindo náuseas, perante o cheiro agoniante da cinza. O

vento agitava-me o cabelo, lançando-o contra o meu rosto. A minha pele exposta ficou gelada. Com o coração a bater abri os olhos, sabendo pela luz avermelhada que cobria as pedras sobre as quais estava ajoelhada que já não estávamos na estrada de acesso da mansão de Lee.

— Oh... Droga — sussurrei, enquanto fitava o Sol que se punha por entre os destroços brilhantes dos prédios em ruínas.

Eu estava na eternidade.



32

As pedras cobertas de gelo ao meu lado deslizaram e eu saltei do caminho antes que o pé de Lee pudesse entrar de novo em contato com as minhas costelas. Vermelho e pequeno, o Sol descia atrás das sombras de um edifício em ruínas. Parecia Carew Tower. Nas redondezas, estavam os escombros do que deveria ser uma fonte. Estávamos em Fountain Square?

— Lee? — sussurrei, assustada. — Temos de sair daqui — ouviu-se um ping e Lee movimentou os braços de detrás das costas. O seu terno estava sujo e parecia deslocado por entre aquela destruição. O som suave e distinto de uma pedra a cair fez-me virar a cabeça e ele lançou as algemas na direção do barulho. Não estamos sozinhos. Maldição. — Lee! — silvei. Oh, céus! Se Al me encontrasse estava morta. — Consegues levar-nos para casa?

Ele sorriu, afastando o cabelo dos olhos. Deslizando pelos escombros soltos, ele examinou o horizonte destruído.

— Não parece muito bem — disse ele e eu encolhi-me perante a sonoridade da sua voz contra as pedras frias. — É a primeira vez que vens à eternidade?

— Sim e não — estremecendo, levantei-me e apalpei os joelhos arranhados.

Tinha feito um rasgão nas meias e o sangue escorria. Estava sobre uma linha. Podia senti-la a zumbir, quase a conseguia ver, tão forte ela era. Envolvendo o corpo com os braços, saltei perante o som de uma pedra a deslizar. Não estava a pensar em apanhá-lo, estava a pensar em escapar. Mas eu não sabia viajar pelas linhas. Caiu mais uma pedra, ainda maior. Girei, os olhos percorrendo os escombros cobertos de gelo. Com as mãos nos quadris, Lee semicerrou os olhos para as nuvens de fundo vermelho, como se aquilo não o incomodasse.

— Demônios menores, relativamente inofensivos, a menos que estejamos feridos ou se seja ignorante.

Recuei lentamente da rocha caída.

— Isso não é uma boa ideia. Vamos regressar para podermos terminar isto como pessoas normais.

Ele pousou o seu olhar em mim.

— O que me dará em troca? — troçou ele, as sobrancelhas finas erguidas.

Senti-me como da vez em que um rapaz com que eu tinha saído me levou até um motel e tentou me levar para dentro, dizendo que se eu não fizesse o que ele queria teria de descobrir sozinha o caminho de casa. Parti-lhe o dedo, para lhe tirar a chave do carro, e chorei durante todo o caminho até em casa. A minha mãe ligou à mãe dele e esse foi o final da história, se não contarmos com as piadas intermináveis que tive de suportar na escola. Talvez tivesse sido mais respeitável se o meu pai tivesse batido no pai dele, mas isso já não era uma opção na época. Não me parecia que partir o dedo de Lee me ajudasse a chegar a casa desta vez.

— Não posso — sussurrei. — Matou todas aquelas pessoas.

Abanando a cabeça, ele fungou.

— Prejudicou a minha reputação, vou ter que me livrar de ti.

Fiquei com a boca seca quando compreendi para onde aquilo se encaminhava. Ele ia entregar-me a Algaliarept, o sacana.

— Não faça isso, Lee — disse eu, assustada. Minha cabeça ergue-se perante o som rápido de garras a correr. — Estamos os dois em dívida com ele — disse eu. — Ele pode apoderar-se de ti com a mesma facilidade.

Lee afastou com os pés os montes de entulho, abrindo uma clareira.

— Nã-ã-ã-ão, o que corre de ambos os lados das linhas é que ele te quer a ti — com os olhos negros sob a luz vermelha, Lee sorriu. — Mas, não vá o diabo tecê-las, vou amaciar-te um bocadinho primeiro.

— Lee — sussurrei, encolhendo-me por causa do frio, enquanto ele começava a murmurar palavras em latim.

O brilho da energia da linha na sua mão iluminava seu rosto, lançando sombras horríveis. Fiquei tensa, devido ao pânico súbito. Não tinha para onde correr nos três segundos que me restavam. Senti-me sem fôlego perante o ruído súbito de seres a esconder-se. Ergui os olhos e vi uma esfera de energia que se dirigia para mim. Se eu erguesse um círculo, Al sentiria. Se eu a defletisse, Al saberia. Por isso, como uma idiota, estanquei, e ela chocou contra mim. O fogo cobriu-me a pele. A minha cabeça foi projetada para trás, a boca aberta enquanto lutava para respirar.

Era apenas energia das linhas, que inundava o meu *chi*. *Tulpa* — pensei enquanto caía, dando-lhe um local para ir. O fogo morreu imediatamente, correndo para a esfera já erguida e esperando na minha cabeça. Algo em mim pareceu mudar e eu soube que tinha cometido um erro. Os seres que nos envolviam guincharam e desapareceram. Ouvi um estalo suave. Com o coração a bater veloz, endireitei-me. A respiração prendeu-se dentro de mim e eu libertei-a lentamente, numa fita fumegante de umidade branca. A silhueta esguia de Al era negra contra o Sol que se punha, enquanto ele se erguia no topo de um edifício em ruínas, de costas viradas para nós.

— Merda — praguejou Lee. — O que raio está ele a fazer aqui?

Virei-me para Lee e para o suave silvo do giz metálico contra o pavimento. Era a versão de um bruxo das linhas *Ley* e permitiria erguer um círculo muito seguro. O meu coração batia com força, enquanto um brilho preto e roxo se erguia entre nós. Soprando com força, Lee guardou o giz e sorriu para mim, confiante. Tremendo violentamente, olhei os montes de escombros sob o pôr-do-sol vermelho. Eu não tinha nada com que desenhar um círculo. Era uma bruxa morta. Estava do lado de Al das linhas; o meu anterior contrato não tinha qualquer significado. Al virou-se quando sentiu o círculo de Lee erguer-se, mas foi nos meus olhos que se fixou.

— Rachel Mariana Morgan — disse ele, com a voz arrastada, claramente agradado enquanto uma cascata de energia das linhas *Ley* descia sobre ele e o seu terno se transformou no que eu acreditava ser uma roupa de equitação inglês, completo com chicote e botas brilhantes que lhe cobriam as canelas. — O que diabo fizeste ao cabelo?

— Olá, Al — disse eu, recuando. Eu tinha de sair dali. *Não há outro lugar como a nossa casa* — pensei, sentindo o zumbido da linha sobre a qual me erguia e perguntando-me se bater os calcanhares me ajudaria. Lee tinha voado por cima do arco-íris, por que, oh por que, não conseguia fazer o mesmo?

A satisfação praticamente brilhava em Lee. O meu olhar saltou dele para Lee enquanto o demônio escolhia cuidadosamente o caminho que tomava para descer das ruínas para a grande praça. *A praça* — pensei, a esperança presa na minha garganta. Girando, tentei situar-me. Fui tropeçando, enquanto afastava as pedras com um pé e procurava. Se aquele local era um espelho de Cincinnati, então aquela era Fountain Square. E se aquela era Fountain Square, então havia um círculo espantoso desenhado entre a rua e o estacionamento. Mas era mesmo muito, muito grande.

A minha respiração tornou-se mais acelerada quando o meu pé revelou o arco gasto de um embutido roxo. Era igual. Era igual! Frenética, compreendi que Al estava quase ao nível da praça. Acedi rapidamente à linha próxima. A energia fluiu através de mim com o gosto forte das nuvens e do papel de estanho. *Tulpa* — pensei, desesperada por reunir energia suficiente para fechar um círculo daquele tamanho antes que Al compreendesse o que eu estava a fazer.

Fiquei rígida quando uma torrente de energia das linhas me inundou. Gemendo, caí sobre um joelho. Com o rosto aristocrático contorcido numa expressão de espanto, Al endireitou-se. Viu nos meus olhos qual era a minha intenção.

— Não! — gritou, lançando-se para frente, enquanto eu tocava no círculo e dizia a minha palavra de invocação.

Um arquejo saiu de mim, ao mesmo tempo em que, com a sensação de ser jorrada de mim mesma, uma onda tremeluzente de energia dourada translúcida se erguia do chão, cortando rochas e escombros, arqueando e fechando-se num zumbido bem acima da minha cabeça. Cambaleando, caí para trás, a minha boca abrindo-se enquanto eu fitava a cúpula. Ai, caramba! Eu tinha fechado o círculo de Fountain Square. Eu tinha fechado um círculo com nove metros de diâmetro, que tinha sido concebido para que sete bruxas o fechassem confortavelmente, não uma. Embora, aparentemente, fosse possível fazê-lo só com uma, desde que esta estivesse adequadamente motivada.

Al deslizou até parar, os braços balançando-se para evitar chocar com o círculo, um suave *bong* de reverberação ecoou no ar escuro, cobrindo a minha pele como pó. Os meus olhos abriram-se muito e eu fitei-o. Sinos. Sinos grandes, profundos e ressonantes. Havia mesmo sinos e o meu círculo tinha-os feito tocar.

A adrenalina agitou-me os joelhos e eles tocaram-se de novo. Al erguia-se, com uma expressão irritada a menos de um metro da linha do círculo, a cabeça inclinada e os lábios finos apertados, enquanto o som do terceiro repicar se desvanecia. O poder da linha que corria através de mim suavizou-se, regredindo para um suave zumbido. O silêncio da noite era assustadoramente profundo.

— Belo círculo — disse Al, parecendo impressionado, incomodado e interessado. — Vais ser muito divertida nas provas de Tractor Pull.

— Obrigada — estremeci quando ele tirou a luva e tocou no meu círculo, gerando pequenas ondas que se espalhavam sobre a sua superfície. — Não toque! — disse eu, de repente, e ele riu, batendo, batendo, sempre a avançar, em busca de um ponto fraco. O círculo era enorme, ele podia encontrar um. O que é que eu tinha feito? Enfiando as mãos debaixo dos braços, em busca de calor, olhei para Lee, que se mantinha no interior do seu círculo, agora duplamente seguro dentro do meu.

— Ainda podemos escapar — disse eu, ouvindo a minha voz a tremer. — Nenhum de nós tem de ser familiar dele. Se nós...

— Até onde vai a tua estupidez? — Lee tocou com o pé no círculo, dissolvendo-o. — Quero me ver livre de ti. Quero pagar a cicatriz de demônio que tenho. Pela terra verde de Deus, que razão teria eu para te salvar?

Tremendo, senti o vento que me mordia.

— Lee! — disse eu, virando-me para manter Al no meu campo visual enquanto ele avançava para a parte de trás do círculo, continuando a testá-lo. — Temos de sair daqui!

Torcendo o pequeno nariz, perante o cheiro a âmbar queimado, Lee riu.

— Não. Vou te espancar e depois vou te entregar a Algaliarept e ele vai considerar a minha dívida paga — convencido e seguro de si mesmo, olhou Al, que tinha parado de bater no meu círculo e se erguia agora com um sorriso beatífico. — É satisfatório?

Um nó de medo apertou-me o estômago, enquanto um sorriso, maldoso e calculista se estendia sobre o rosto cinzelado de Al. Um tapete elaboradamente trabalhado e uma cadeira do século XVIII forrada de veludo *Bordeaux* surgiram à sua frente e, sem deixar de sorrir, Al instalou-se, o que restava do Sol fazendo dele uma mancha vermelha entre os edifícios em ruínas. Cruzando as pernas, disse:

— Stanley Collin Saladan, temos um acordo. Dá-me Rachel Mariana Morgan e eu considerarei, sem dúvida alguma, a tua dívida como paga.

Lambi os lábios e eles ficaram gelados sob o vento cortante. À nossa volta, erguiam-se os sons suaves de seres que se aproximavam, chamados pelo fato de eu ter feito repicar os sinos da cidade e atraídos pela promessa de escuridão. O som suave de uma pedra, fez-me virar. Havia algo ali dentro conosco. Lee sorriu e eu limpei as mãos ao terno emprestado, endireitando-me.

Ele tinha razão em sentir-se confiante – eu era uma bruxa de terra sem os seus amuletos a enfrentar um mestre das linhas *Ley* –, mas ele não sabia tudo. Al não sabia tudo. Raios, eu não sabia tudo, mas sabia algo que eles não sabiam. E quando aquele horrendo Sol vermelho se pusesse atrás dos edifícios em ruínas, não seria eu quem se tornaria familiar de Al.

Eu queria sobreviver. Naquele momento, não me interessava se entregar Lee a Al no meu lugar era certo ou não. Mais tarde, quando estivesse enroscada, com uma caneca de chocolate quente nas mãos, a tremer perante a memória de tudo aquilo, logo decidiria. Contudo, para ganhar, primeiro tinha de perder.

— Lee — disse eu, tentando uma última vez. — Tira-nos daqui!

Deus, por favor, faz com que esteja certa!

— Não passa de uma garota — disse ele, endireitando o terno sujo de terra. — Sempre a choramingar e à espera de ser salva.

— Lee! Espera! — gritei, quando ele avançou três passos e lançou na minha direção uma bola de névoa roxa. Mergulhei para o lado, tinha passado por mim, à altura do peito, batendo no que restava da fonte. Com um estrondo, uma parte dela estalou e caiu. O pó ergueu-se vermelho, no ar que escurecia. Quando me virei, vi que Lee tinha na mão o meu cartão de visita, aquele que eu entregara ao segurança do seu barco. Merda. Ele tinha um objeto focal. — Não o faça — disse eu. — Não vai gostar do final desta história.

Lee abanou a cabeça, os lábios movendo-se enquanto sussurrava.

— *Doleo* — disse ele, claramente, a palavra de invocação vibrando no ar e, com o meu cartão na mão, gesticulou.

Endireitando-me repentinamente, refreei um gorgolejo rouco antes que ele fosse emitido. A dor que me torceu ao estômago, fez-me dobrar ao meio. Respirando através dela, cambaleei e endireitei-me. Não conseguia pensar em nada para lhe responder. Cambaleei para frente, tentando libertar-me da dor. Se conseguisse acertar-lhe, talvez

ele parasse. Se conseguisse arrancar-lhe das mãos o meu cartão, ele não poderia usá-lo para se concentrar em mim, tendo que atirar os seus feitiços.

Esbarrei contra Lee. Caímos, as pedras machucando-me. Lee esperneou e eu rebolei, enquanto Al aplaudia, as mãos nas luvas brancas emitindo um som suave. A dor cobriu-me; comecei a pensar que era impossível. *Ilusão* — disse a mim mesma. Tratava-se de um encantamento das linhas *Ley*. Só a magia de terra podia infligir dor real. É uma ilusão. Arquejando, afastei de mim o encantamento, usando apenas a força da minha vontade. Recusei-me a sentir. O meu ombro machucado latejou, doendo-me mais do que devia doer na verdade. Agarrei-me à dor real, afastando a agonia fantasma. Dobrada em dois, vi Lee por entre as madeixas do meu cabelo, agora completamente liberto daquele prendedor estúpido.

— *Inflex* — disse Lee, sorrindo, enquanto os seus dedos se moviam, terminando o feitiço, e eu encolhi-me, esperando que algo acontecesse, mas nada aconteceu.

— Oh, bom! — exclamou Al da sua rocha. — De primeira qualidade. Legal!

Vacilei sobre os meus pés, lutando contra as últimas sombras da dor. Estava de novo na linha. Podia senti-la. Se eu soubesse como viajar através das linhas, podia terminar aquilo agora mesmo. *Bibbity bobbity boo* — pensei. *Alakazam*. Inferno, estava disposta a abanar o nariz se isso funcionasse. Mas nada funcionou.

O ruído à minha volta cresceu. Estavam a tornar-se mais arrojados, à medida que o Sol ameaçava pôr-se. Uma pedra caiu atrás de mim e eu virei-me. O meu pé escorregou. Gritando, caí. Senti náuseas quando torci o tornozelo. Arquejando, agarrei-me a ele, sentindo as lágrimas de dor se acumular nos olhos.

— Brilhante! — aplaudiu Al. — A má sorte é extremamente difícil. Levanta esse encantamento. Não quero uma desastrada na cozinha.

Lee fez um gesto e um breve redemoinho que cheirava a âmbar queimado ergueu-se, agitando-me os cabelos. Senti a garganta apertada, quando o feitiço foi quebrado. O meu tornozelo latejava e as pedras frias mordiam-me. Ele tinha-me amaldiçoado com má sorte? Filho da mãe... De maxilar cerrado, levei a mão a uma pedra para me ajudar a levantar.

Já antes tinha afastado Ivy com a energia crua da eternidade e não precisava de um objeto focal para a lançar contra ele. Com a raiva a crescer, endireitei-me, procurando na memória a forma de o fazer. Tinha-o feito sempre por instinto. O medo e a raiva ajudaram e eu cambaleei, levantando- me, e empurrei a eternidade do meu *chi*

para as mãos. Elas arderam-me, mas eu segurei-a, puxando ainda mais energia da linha, até que as minhas mãos abertas pareciam arder. Furiosa, comprimi a energia crua nas minhas mãos, até esta ter o tamanho de uma bola de basebol.

— Sacana — sussurrei, cambaleando, ao mesmo tempo em que a atirava. Lee mergulhou para um lado e a minha bola dourada de eternidade chocou contra o círculo. Os meus olhos abriram-se de surpresa quando uma cascata de arrepios rolou através de mim, ao mesmo tempo em que a bolha rebentava. — Para o inferno com tudo isso! — gritei, não tendo pensado com antecipação suficiente para prever que o feitiço coberto pela minha aura quebraria o círculo. Aterrorizada, virei-me para Al, pensando que se não o conseguisse voltar a erguer a tempo, teria de lutar contra ambos. Mas Al permanecia sentado, olhando por cima do meu ombro, com os olhos, rasgados como os de uma cabra, muito abertos. Ele olhava por cima dos óculos com a boca escancarada. Virei-me a tempo de ver o meu feitiço chocar contra um edifício nas proximidades. Um ténue *bum* ribombou aos meus pés. Levei uma mão à boca, enquanto um pedaço do tamanho de um ônibus se libertava e caía com uma lentidão irreal.

— Sua bruxa estúpida — disse Lee. — Vem mesmo na nossa direção!

Virei as costas e corri, as mãos estendidas, enquanto avançava com dificuldade por entre os escombros, as mãos trôpegas nas pedras geladas. O chão tremeu, o pó ergueu-se espesso no ar, eu cambaleei e cai. Arquejando e tossindo, levantei-me, tremendo. Doíam-me os dedos e não conseguia movê-los. Virei-me e descobri Lee do outro lado do novo amontoado de pedras, ódio e um toque de medo nos olhos. De sua boca saíram palavras em latim. Os meus olhos estavam fixos no cartão que segurava entre os dedos. O meu coração batia veloz enquanto eu esperava, indefesa. Ele fez um gesto e o meu cartão incinerou-se.

Brilhava como pólvora. Eu gritei e virei as costas, as mãos sobre os olhos. Os guinchos dos demônios menores desceram sobre mim. Eu vacilei para trás, o equilíbrio perdido. Manchas vermelhas cobriam-me a visão. Tinha os olhos abertos e as lágrimas escorriam-me pelo rosto, mas eu não conseguia ver. Não conseguia ver! Ouvi o som de pedras a deslizar e guinchei quando alguém me esbofeteou. Tentei lutar cegamente, quase caindo quando as minhas mãos não tocaram em nada. O medo instalou-se dentro de mim, debilitante. Não conseguia ver. Ele tinha me tirado a visão! Uma mão empurrou-me e eu caí, fazendo rodar uma perna. Senti que lhe tinha acertado e ele caiu.

— Cadela — arquejou e eu guinchei, quando ele me arrancou uma mão cheia de cabelo e se afastou.

— Mais! — disse Al alegremente. — Dá-me o teu melhor! — encorajou.

— Lee! — gritei. — Não faça isso!

O vermelho não estava a desaparecer. *Por favor, por favor, permite que seja uma ilusão.* Palavras escuras erguiam-se de Lee, soando obscenas. Senti o cheiro de uma madeixa do meu cabelo a arder. O meu coração estava apertado numa dúvida súbita. Eu não ia conseguir sobreviver. Ele ia deixar-me quase morta. Não havia como vencer. Oh, céus... Em que estivera eu a pensar.

— Fizeste-a ter dúvidas — disse Al, admirado, a partir das sombras. — Trata-se de um encantamento muito complexo — murmurou ele. — Que mais? Consegue profetizar?

— Consigo olhar para trás — disse Lee nas redondezas, arquejando.

— Oh! — disse Al alegremente. — Tenho uma ideia maravilhosa! Faz com que ela recorde a morte do pai!

— Não... — sussurrei. — Lee, se tem alguma compaixão. Por favor. Mas a sua voz carregada de ódio ergueu-se num sussurro e eu gemi, caindo sobre mim mesma enquanto a dor mental atravessava a dor física. O meu pai. O meu pai arquejando no seu último fôlego. A sensação da sua mão seca na minha, toda a força desaparecida. Eu tinha ficado, recusando-me a sair fosse pelo que fosse. Eu estava lá quando ele parou de respirar. Eu estava lá quando a sua alma se libertou, deixando-me só para me defender sozinha, demasiado cedo. Tinha me tornado forte, mas também me tinha feito crescer com falhas. — Pai — solucei, o meu peito a doer. Ele tinha tentado ficar, mas não pudera. Ele tinha tentado sorrir, mas estava quebrado. — Oh, pai — sussurrei, o tom da minha voz descendo à medida que as lágrimas se iam acumulando. Eu tinha tentado mantê-lo comigo, mas não fora capaz de o fazer.

Uma depressão negra ergueu-se dos meus pensamentos, puxando-me para mim mesma. Ele tinha me deixado. Eu estava só. Ele tinha partido. Nunca ninguém chegará perto de preencher o vazio que ele deixara. Nunca ninguém o faria. Soluçando, a memória miserável daquele último momento terrível em que compreendi que ele me tinha deixado encheu-me. Não foi quando me arrancaram do hospital, mas duas semanas mais tarde, quando quebrei o recorde dos oitocentos metros da escola e olhei para as bancadas, em busca do seu sorriso orgulhoso. Ele tinha partido. E foi então que eu soube que ele estava morto.

— Brilhante — sussurrou Al, sua voz educada suavemente ao meu lado. Eu nada fiz, enquanto uma mão enluvada tomava o meu maxilar e me inclinava a cabeça. Não conseguia vê-lo, enquanto pestanejava, mas sentia o calor da sua mão. — Quebraste-a em absoluto — disse Al maravilhado.

A respiração de Lee era rouca. Era óbvio que fora preciso um grande desperdício de energia. Eu não conseguia parar de chorar. As lágrimas correndo-me pelo rosto, frias ao vento. Al soltou-me o maxilar e eu enrosquei-me numa bola, nos escombros aos seus pés, sem querer saber o que aconteceria depois. Oh, céus, o meu pai!

— Ela é tua — disse Lee. — Tira minha marca.

Senti os braços de Al a envolver-me, erguendo-me. Não pude fazer outra coisa senão erguer-me. Eu tinha tanto frio e ele cheirava a *Old Spice*. Embora soubesse que se tratava da crueldade retorcida de Al, agarrei-me a ele e solucei. Sentia saudades dele. Deus, sentia saudades dele.

— Rachel — disse a voz do meu pai, arrancada das minhas memórias, e eu chorei ainda mais. — Rachel — repetiu ela. — Já não te resta nada?

— Nada — disse eu, por entre soluços.

— Tem certeza? — disse o meu pai, gentil e carinhoso. — Tentaste tanto, minha bruxinha. Lutaste realmente com ele, usando tudo o que tinha e falhaste?

— Eu falhei — disse, por entre soluços. — Quero ir para casa.

— Shhhh — acalmou-me ele, a mão fria contra mim, na minha escuridão. — Vou levar-te para casa e pôr-te na cama.

Senti que Al se começava a mover. Eu estava quebrada, mas não tinha terminado. A minha mente rebelou-se, desejava afundar-se ainda mais no nada, mas a minha vontade sobreviveu. Era Lee ou eu e eu queria a minha caneca de chocolate quente, no sofá de Ivy e um livro.

— Al — sussurrei. — Lee devia estar morto.

Estava se tornando mais fácil respirar. As recordações da morte do meu pai deslizavam de volta para as pregas escondidas do meu cérebro. Tinham estado ali enterradas durante tanto tempo, que descobriram com facilidade os seus lugares, uma a uma, arquivadas para as noites solitárias que passava comigo mesma.

— Calma, Rachel — disse Al. — Eu sei o que querias fazer quando deixaste que Lee te atacasse, mas tu consegues ativar inteiramente a energia demoníaca. Nunca houve uma bruxa que conseguisse fazê-lo — ele riu, sua alegria gelando-me. — E é minha. Não de Newt, não de qualquer outro demônio senão minha.

— Então a minha marca do demônio? — protestou Lee, a vários passos de distância e eu quis chorar por ele. Estava acabado e ainda não o sabia.

— Lee pode — sussurrei. Conseguia ver o céu. Pestanejando profusamente, vi a sombra escura de Al que me segurava, marcada contra as nuvens manchadas de vermelho. O alívio deslizou através de mim, empurrando o que restava das dúvidas e deixando para trás uma centelha de esperança. Os encantamentos ilusórios das linhas *Ley* só funcionavam a curto prazo, a menos que lhes fosse dado um objeto de prata onde pudessem residir permanentemente. — Prova-o — disse eu. — Prova seu sangue. O pai de Trent também o arranjou. Ele pode ativar a magia demoníaca.

Al parou com um movimento brusco.

— Abençoado seja três vezes. Vocês dois?

Guinchei ao cair, gritando quando o meu quadril embateu contra uma pedra. Atrás de mim, ouvi o grito de medo e choque de Lee. Virando-me no local onde Al me deixara cair, espreitei sobre o entulho e esfreguei os olhos, para conseguir distinguir Al que arranhava o braço de Lee com um prego afiado. O sangue jorrou e eu senti-me doente.

— Lamento, Lee — sussurrei, abraçando os joelhos contra o corpo. — Lamento muito.

Al emitiu um som baixo, no fundo da garganta, de prazer.

— Ela tem razão — disse ele enquanto afastava um dedo dos lábios. — E és melhor do que ela na prática da magia das linhas *Ley*. Vou levar a ti em vez dela.

— Não! — gritou Lee e Al puxou-o para mais perto. — A queria... Eu te dei!

— Deste, eu tirei a marca do demônio e agora vou ficar contigo. Ambos são capazes de ativar a magia demoníaca — disse Al. — Poderia passar décadas a lutar contra uma familiar magrinha e resistente como ela, sem nunca conseguir enfiar os feitiços que tu já sabes naquela cabeça de vento. Alguma vez tentaste realizar uma maldição demoníaca?

— Não! — gritou Lee, lutando por escapar. — Não posso!

— Fará. Toma — disse Al, deixando-o cair ao chão. — Guarda isso por mim.

Tapei os ouvidos e enrosquei-me em mim mesma, enquanto Lee gritava, uma vez e depois outra. Era um som alto e cru, que me arranhava o crânio como um pesadelo. Senti-me prestes a vomitar. Eu tinha entregue Lee a Al para salvar minha vida. O fato de Lee ter tentado fazer o mesmo comigo não me fazia sentir melhor.

— Lee — disse eu, as lágrimas a correr. — Lamento. Deus, lamento.

A voz de Lee cessou, ao mesmo tempo em que ele desmaiava. Al sorriu, virando um calcanhar para mim.

— Tchau, querida. Não gosto de permanecer à superfície depois de escurecer. Toda a sorte para ti.

Os meus olhos abriram-se muito.

— Não sei como ir para casa! — gritei.

— Não é problema meu. Adeus.

Sentei-me gelada, enquanto as pedras sobre as quais estava sentada pareciam ensopar-me. Lee recuperou a consciência, com um som desarticulado e feio. Segurando-o debaixo de um braço, Al acenou-me e desapareceu. Uma pedra deslizou e rebolou aos meus pés. Eu pestanejei, limpando os olhos, o que serviu apenas para os encher de pó e lascas de pedra.

— A linha — sussurrei, lembrando-me. Talvez se eu conseguisse ir para a linha. Lee tinha saltado de fora de uma linha, mas talvez eu tivesse de aprender a andar, antes de poder correr.

Um movimento no limite do meu campo visual chamou-me a atenção. Com o coração a bater veloz, virei a cabeça, nada vendo. Tentando acalmar-me, ergui-me, arquejando, quando facas afiadas se espetaram no meu tornozelo e me fizeram suster a respiração. Voltei a deslizar para o chão. De maxilar cerrado, decidi que me ia limitar a gatinhar até lá.

Estendi um braço, vendo o terno da Sra. Aver coberto de pó e gelo que tinha raspado das pedras que me rodeavam. Agarrei-me a uma pedra maior e puxei-me para frente, conseguindo uma posição meio erguida. O meu corpo tremia com o frio e a adrenalina que se desvanecia. O Sol já quase se pusera. Um deslizar de pedras fez-me

andar mais rápido. Eles estavam a chegar perto. Um suave estampido fez-me erguer a cabeça. Uma queda de seixos e pedras, vindos de todos os lados, fez com que os demônios menores corressem para se esconder.

A minha respiração fugiu de mim quando, por entre as madeixas do meu cabelo, vi uma figura pequena, coberta de um roxo escuro, sentada, de pernas cruzadas, à minha frente, um cajado estreito, tão comprido como eu era alta, pousado sobre o colo. Estava envolto num roupão. Não um roupão de banho, mas uma mistura com classe de quimono e algo que um xeique do deserto usaria, todo ele ondulava com a leveza do linho. Um chapéu redondo, de abas direitas e topo plano estava empoleirado na sua cabeça. Semicerrando os olhos na luz fraca, conclui que havia cerca de dois centímetros e meio entre o debrum dourado e o chão. *Então e agora?*

— Quem inferno é tu? — perguntei, obrigando-me a avançar mais um passo. — Será tu quem me vai levar para casa em vez de Al?

— Quem inferno é tu? — ecoou uma voz, uma mistura de leveza rude. — Sim. Pode ser — quem quer que fosse, não me estava a bater com aquele pau preto trabalhado, nem a lançar-me um feitiço, nem sequer a fazer caretas, por isso ignorei a figura e afastei-me mais um passo. Ouvi o ruído de um papel machucado e, espantada, prendi o documento de David, dobrado em três, na cintura da saia. Sim, ele devia querer isto de volta. — Sou Newt — disse a figura, aparentemente decepcionada por eu a estar a ignorar. A sua voz tinha um sotaque rico que eu não conseguia situar, uma forma estranha de dizer as vogais. — E não, não te vou levar para casa. Já tenho um demônio como familiar. Algaliarept tem razão, neste momento não vale quase nada.

Um demônio por familiar? Oh, aquilo tinha de ser bom! Gemendo, continuei a avançar. Doíam-me as costelas e eu levei a elas uma mão, arquejando, ergui os olhos. Um rosto macio, nem jovem nem velho... Uma espécie de... Nada, fitava-me.

— A Ceri tem medo de ti — disse eu.

— Eu sei. Ela é muito perspicaz. Ela está bem?

O medo deslizou através de mim.

— Deixa-a em paz — disse eu, recuando quando o demônio me afastou o cabelo dos olhos.

O seu toque pareceu afundar-se em mim, embora eu sentisse a ponta dos dedos firmes na minha testa. Fitei os seus olhos negros, enquanto estes me olhavam, calmos e curiosos.

— O teu cabelo devia ser ruivo — disse o ser que cheirava a dentes-de-leão esmagados. — E os teus olhos são verdes, como os das minhas irmãs, não castanhos.

— Irmãs? — arquejei, considerando que era capaz de me dar a alma em troca de um amuleto contra a dor. Deus, tudo me doía, por dentro e por fora. Sentei-me em cima dos calcanhares, fora do seu alcance.

Newt tinha uma graça etérea, a sua roupa não dando qualquer pista quanto ao seu gênero. Tinha um colar de ouro negro em redor do pescoço, mas uma vez mais o seu *design* não era nem masculino nem feminino. O meu olhar desceu até aos seus pés descalços que pairavam sobre os escombros. Eram estreitos e esguios. Algo feio. Masculinos?

— É um garoto ou uma garota? — acabei por perguntar sem saber ao certo.

Newt franziu o cenho.

— Faz alguma diferença?

Com os músculos a tremer, ergui a mão até à boca e chupei o local onde uma pedra a tinha ferido. Para mim fazia.

— Não me leves a mal, mas o que está a fazer aqui sentado?

O demônio sorriu, fazendo com que eu pensasse que o motivo não podia ser bom.

— Estão a decorrer algumas apostas quanto à possibilidade de conseguires aprender a usar as linhas antes do pôr do sol. Estou aqui para que ninguém atrapalhe.

Uma pontada de adrenalina arejou-me a cabeça.

— O que vai acontecer quando o Sol se puser?

— Qualquer um poderá ficar contigo.

Uma pedra deslizou de um monte nas proximidades e eu comecei a avançar de novo.

— Mas tu não me quer.

O ser abanou a cabeça, deslizando para trás.

— Talvez se me disseres por que Al levou outro bruxo em vez de ti, o pudesse fazer. Eu... Não me lembro.

A voz de Newt soava preocupada, deixando-me curiosa. Demasiada eternidade a fritou seu cérebro, talvez? Não tinha tempo para lidar com um demônio louco, por muito poderoso que fosse.

— Lê os jornais. Estou ocupada — disse eu, puxando o meu corpo para frente.

Saltei quando um pedregulho do tamanho de um carro aterrou meio metro à minha frente. O chão tremeu e lascas de pedra cortaram-me o rosto. Eu fitei-o, depois Newt, que sorria enquanto ajustava as mãos sobre o cajado, o que lhe dava uma aparência agradável e inócua. Doía-me a cabeça. Está bem, talvez tivesse um bocadinho de tempo.

— Ah, Lee consegue ativar a magia demoníaca — disse eu, não vendo qualquer motivo para lhe dizer que eu também conseguia.

Os olhos negros de Newt abriram-se muito.

— É? — disse, depois o rosto ficou ensombrado, não estava furioso comigo, mas consigo mesmo.

Esperei que a pedra fosse movida. Não foi. Inspirando fundo, comecei a contornar Newt, já que o demônio se parecia ter esquecido da minha presença. A sensação de perigo que emanava da figura esguia começava a crescer, aumentando sobre si própria e apertando-me as entranhas, fazendo-me arrepiar a pele. Eu começava a ter a distinta sensação de que estava viva porque um demônio muito poderoso estava curioso, nada mais.

Esperando que Newt se esquecesse de mim, fui avançando lentamente, tentando ignorar a dor no meu tornozelo. Escorreguei, sustendo a respiração quando bati com um braço numa pedra, fazendo-o estremecer de dor. O pedregulho estava mesmo à minha frente e, recompondo-me, puxei os joelhos para baixo de mim. O meu tornozelo era uma agonia ardente, enquanto eu me levantava e me agarrava à pedra para me equilibrar. O ar agitou-se e Newt surgiu ao meu lado.

— Quer viver para sempre?

A pergunta lançou um arrepio através de mim. Maldição, o interesse de Newt estava a crescer, não a diminuir.

— Não — sussurrei. Com uma mão estendida, cambaleei para longe da pedra.

— Eu também não queria, até ter experimentado.

O cajado de pau-brasil batia no chão, à medida que Newt ia avançando, mantendo-se sempre ao meu lado, os seus olhos negros assustadoramente mais vivos do que os de qualquer outra pessoa com quem eu alguma vez me cruzara. Toda a minha pele se arrepiava. Havia algo de errado com Newt, algo muitíssimo errado. Eu não tinha conseguido perceber o que era até compreender que, assim que afastava o olhar de Newt, me esquecia da aparência do demônio. Com exceção dos olhos.

— Eu sei algo que Algaliarept não sabe — disse Newt. — Já me lembro. Tu gostas de segredos. Também é boa em guardá-los. Sei tudo sobre ti; tens medo de ti mesma.

Cerrei o maxilar, sentindo uma dor no tornozelo quando escorreguei numa pedra. A linha estava mesmo à minha frente. Podia senti-la. O Sol afundara-se abaixo da linha do horizonte, meio desaparecido. Bastavam sete minutos para desaparecer por completo assim que tocava a terra. Tinha três minutos e meio. Conseguia ouvir os demônios menores a susterem a respiração, em antecipação. *Deus, ajuda-me a encontrar uma forma de sair daqui.*

— Tens razão para ter medo de ti — disse Newt. — Quer saber porquê?

Ergui a cabeça. Estava completamente aborrecido ou aborrecida e procurava alguma diversão. Eu não queria ser interessante.

— Não — sussurrei, ficando ainda mais assustada.

Um sorriso maldoso atravessou o rosto de Newt, as suas emoções alterando-se mais rapidamente do que as de um vampiro com Enxofre.

— Acho que vou contar uma piada a Algaliarept. E quando ele acabar de se vingar naquele bruxo por aquilo que perdeu, vou trocar a marca que tu lhe deves e fazê-la minha.

Comecei a tremer, incapaz de impedir o estremecimento nas minhas mãos.

— Não pode fazer isso.

— Posso, talvez faça — Newt fazia girar o cajado distraidamente, batendo numa pedra, de tal forma que ela ricocheteou na escuridão. Ouviu-se um grito de dor semelhante ao miar de um gato e passos apressados sobre as pedras escorregadias. — E depois terei duas — disse o demônio para si mesmo —, porque não serás capaz de

descobrir como viajar através das linhas e terás de comprar a tua saída. A mim — ouvi um grito de ultraje que se erguia dos que nos observavam escondidos atrás das pedras, um grito rapidamente suprimido. Horrorizada, estanquei, sentindo a linha mesmo à minha frente. — Queres sobreviver — disse Newt, a sua voz descendo ligeiramente. — Fará qualquer coisa para conseguir. Qualquer coisa.

— Não — sussurrei, aterrorizada por saber que Newt tinha razão. — Vi Lee fazê-lo. Também o posso fazer.

De olhos pretos a brilhar, Newt pousou a ponta do seu cajado.

— Não vai descobrir. Não vai acreditar; não ainda. Vai ter de chegar a um acordo... Comigo.

Assustada, oscilei sobre os meus pés e, com o passo seguinte, cambaleei para dentro da linha, sentindo-a como se se tratasse de um rio quente e generoso que me enchia. Quase arquejando, cambaleei, vendo os olhos à minha volta, semicerrados pela ganância e a raiva. Tinha dores. Tinha de sair dali. O poder da linha zumbia através de mim, pacífico e reconfortante. *Não há outro lugar como a nossa casa.* A expressão de Newt tornou-se trocista, os seus olhos de pupilas negras desdenhosos.

— Não consegue fazê-lo.

— Consigo — disse eu, a minha visão escurecendo quando quase desmaiei. Nas sombras mais profundas, brilhavam olhos verdes. Estavam próximos. Muito próximos. O poder da linha zumbia através de mim. *Não há outro lugar como a nossa casa, não há outro lugar como a nossa casa, não há outro lugar como a nossa casa* — pensei desesperada, puxando a energia para mim, fazendo-a girar na minha cabeça. Eu tinha viajado através das linhas com Lee. Eu vira como ele o fizera. Tudo o que ele precisara fora pensar no local para onde queria ir. Eu queria ir para casa. Por que não estava a funcionar?

Os meus joelhos tremeram, quando a primeira forma escura se ergueu das sombras, com uma fineza irreal, lenta e hesitante. Newt olhou para ela, depois se virou para mim lentamente, com uma sobrancelha erguida.

— Um favor e a enviarei de volta.

Oh, céus! Outro não.

— Deixa-me em paz! — gritei, as pontas ásperas de uma pedra arranhando-me os dedos, quando a lancei a uma forma que se aproximava e quase caí para o lado.

Um arquejo que mais se parecia com um soluço subiu por mim acima quando recuperei o equilíbrio. O demônio menor baixou-se, depois se endireitou. Outros três pares de olhos brilhavam atrás dele. Saltei quando Newt surgiu, repentinamente, à minha frente. A luz tinha desaparecido. Olhos negros caíam sobre mim, procurando na minha alma e apertando-a até que o medo jorrou dela, borbulhando.

— Não consegues fazê-lo. Não tem tempo para aprender — disse Newt e eu tremi. Ali havia poder, cru e em turbilhão. A alma de Newt era tão negra que se tornava quase invisível. Podia sentir a sua aura contra mim, começando a deslizar sobre a minha tal era a força da vontade de Newt. Se desejasse, poderia vencer-me. Eu não era nada. A minha vontade não era nada. — Aceita o acordo ou morrerá nesta pilha esquálida de promessas quebradas — disse Newt. — Mas não te posso enviar através das linhas com essa ligação fina a que chama de casa. Casa não vai chegar. Pensa em Ivy. A ama mais do que àquela maldita igreja — disse Newt, sua honestidade mais cortante do que qualquer dor física.

Gritando de raiva, vozes sonoras por entre as sombras, reuniram-se e atacaram.

— Ivy! — gritei, aceitando o acordo e desejando ir ter com ela: senti o cheiro do seu suor quando lutávamos, o gosto dos seus biscoitos de Enxofre, o som dos seus passos e o erguer das suas sobrancelhas quando tentava suprimir o riso.

Encolhi-me quando senti, subitamente, a negra presença de Newt na minha cabeça. *A quantos erros poderá sobreviver uma vida?* Ecoou cristalino na minha mente, mas não sabia a quem pertencia aquele pensamento. Newt pressionou o ar para fora dos meus pulmões e a minha mente estilhaçou-se. Eu estava em todo o lado e em lado nenhum. A desconexão perfeita da linha atravessou-me, fazendo com que eu existisse em todas as linhas do continente. *Ivy!* — pensei outra vez, começando a entrar em pânico até me ter recordado dela, agarrando-me à sua vontade indómita e à tragédia dos seus desejos. *Ivy. Quero voltar para Ivy.* Com um pensamento selvagem e ciumento, Newt voltou a unir a minha alma. Arquejando, tapei os ouvidos quando um estalo agudo me agitou, caí para a frente, os cotovelos e os joelhos batendo nos azulejos cinzentos do chão. Ouvi pessoas a gritar e o estalido do metal. Voaram papéis e alguém gritou que se chamasse a SI.

— Rachel! — gritou Ivy.

Ergui os olhos, espreitando por entre as madeixas do meu cabelo que me caíam sobre o rosto e constatei que estava no que parecia ser o corredor de um hospital. Ivy estava sentada numa cadeira de plástico cor de laranja, os olhos vermelhos e as faces

manchadas, o choque visível nos seus olhos castanhos. David estava ao seu lado, sujo e desgrenhado, tinha o sangue de Kisten nas mãos e no peito. Tocou um telefone e ninguém o atendeu.

— Olá — disse eu, com a voz fraca, os braços a começarem a tremer. — Hum, alguém se importa de me dar entrada? Não me sinto muito bem.

Ivy levantou-se, estendendo um braço para mim. Eu tombei para frente. O meu rosto caiu sobre os azulejos do chão. A última coisa de que me lembro foi da minha mão a tocar na dela.



33

— Já vou! — disse eu, apressando os passos, enquanto avançava através do santuário obscurecido até à porta, as minhas botas a bater no chão e a deixar atrás de si um rastro de neve. A enorme sineta que era a nossa campainha voltou a repicar e eu acelerei o passo. — Estou indo. Não voltem a tocar a campainha, senão os vizinhos vão chamar a SI, por amor de Deus.

As reverberações ainda ecoavam quando levei a mão à maçaneta, o *nylon* do meu casaco emitindo um som deslizante. Tinha o nariz gelado e os dedos congelados, o calor da igreja ainda não tivera tempo para aquecê-los.

— David! — exclamei, abrindo a porta e descobrindo-o no patamar suavemente iluminado.

— Olá, Rachel — disse ele, parecendo bastante atraente com os seus óculos, barba espessa e chapéu de *cowboy* coberto de neve. A garrafa de vinho que trazia na mão também ajudava.

Ao seu lado, erguia-se um homem mais velho, de casaco de couro e jeans. Era mais alto do que David e eu observei seu físico suavemente enrugado, mas cuidado, com uma expressão interrogativa. Uma madeixa de cabelo branco como a neve espreitava de debaixo do seu chapéu. Trazia na mão um ramo, sem dúvida uma

oferenda simbólica para a fogueira de Solstício que tínhamos acendido nos fundos e eu compreendi que se tratava de um bruxo. *O antigo parceiro de David?* — pensei. Atrás deles, estava parada uma limusine, mas eu calculei que eles tivessem vindo no carro azul de cinco portas estacionado à sua frente.

— Rachel — disse David, chamando de novo meu olhar para eles. — Este é Howard, meu antigo parceiro.

— É um prazer conhecê-lo, Howard — disse eu, estendendo-lhe uma mão.

— O prazer é meu — sorrindo, ele tirou uma luva para me estender uma mão suavemente enrugada e sardenta. — David falou-me de você e eu fiz-me convidado, espero que não se importe.

— Imagina — disse eu, honestamente. — Quantos mais, melhor.

Howard agitou a minha mão para cima e para baixo três vezes antes de soltá-la.

— Tinha de vir — disse ele, com os olhos verdes a brilhar. — Uma oportunidade para conhecer a mulher que consegue correr mais depressa que David e aguentar seu estilo de trabalho não é algo que vejo todos os dias. Vocês os dois saíram-se bem com o Saladan — sua voz era mais profunda do que eu tinha esperado e a sensação de estar a ser avaliada aumentou.

— Obrigada — disse eu, ligeiramente envergonhada. Afastei-me da porta num convite. — Estamos lá atrás, junto ao fogo. Entrem. É mais fácil atravessar a igreja do que avançar aos tropeços pelo jardim.

Howard entrou num sopro de pau-brasil, enquanto David sacudia a neve das botas. Ele hesitou, erguendo os olhos para a nova placa por cima da porta.

— Legal — disse ele. — Acabaram de recebê-la?

— Sim — meu estado de espírito começava a tornar-se melancólico e eu inclinei-me para o exterior para olhar para ela. A placa de latão gravada tinha sido pregada na frente da igreja, logo acima da porta. Tinha vindo com uma luz e a lâmpada solitária iluminava a entrada com um brilho suave. — É um presente de Solstício para Ivy e Jenks.

David emitiu um som de aprovação entrelaçado de compreensão. A minha atenção saltou de novo para a placa. ENCANTAMENTOS VAMPÍRICOS, LDA. TAMWOOD, JENKS E MORGAN. Adorava-o e não me tinha importado de pagar mais

pela urgência. Os olhos de Ivy tinham se aberto de surpresa quando a puxei para o exterior da igreja nessa tarde, para que ela a pudesse ver. Pensei que ela ia chorar. Tinha lhe dado um abraço ali mesmo, nos degraus, já que era óbvio que ela o queria fazer, mas temia que eu a entendesse mal. Ela era minha amiga, raios. Podia abraçá-la, se assim o desejasse.

— Espero que isso ajude a pôr um fim aos rumores sobre minha morte — disse eu, fazendo-lhe sinal para que entrasse. — O jornal foi muito rápido a imprimir o meu obituário, mas como não sou um vampiro, recusa-se a imprimir o que quer que seja na seção dos regressados do túmulo, a não ser que pague.

— Imagino que sim — disse David. Podia ouvir o riso na sua voz e dirigi-lhe um olhar seco quando ele bateu com os pés uma última vez e entrou. — Está com boa aparência para uma bruxa morta.

— Obrigada.

— O teu cabelo já quase voltou ao normal. E quanto ao resto de ti?

Fechei a porta, lisonjeada pelo tom de preocupação na sua voz. Howard erguia-se no meio do santuário, os olhos deslizando sobre o piano de Ivy e a minha mesa.

— Eu estou bem — disse eu. — Minha energia está baixa, mas está a voltar. O meu cabelo, por outro lado... — prendi um caracol castanho avermelhado atrás de uma orelha e sob o gorro de malha que a minha mãe me oferecera nessa tarde. — A caixa dizia que a tinta sairia em cinco lavagens — disse eu amargamente. — Ainda estou à espera.

Algo irritada por me ter recordado do cabelo, conduzi os dois homens que me seguiram de perto até à cozinha. Na verdade, o meu cabelo era a menor das minhas preocupações. No dia anterior, tinha encontrado uma cicatriz com o famoso padrão de círculo e corte no arco do pé esquerdo; a marca do favor que devia a Newt. Agora devia favores a dois demônios, mas estava viva. Estava viva e não era familiar de ninguém. E ter descoberto a marca ali era melhor do que acordar com um grande N tatuado na testa.

Os passos de David hesitaram quando viu as travessas de comida dispostas sobre a mesa. O espaço de trabalho de Ivy tinha sido empurrado para uma seção de um metro quadrado e todo o resto estava repleto de biscoitos, caramelo líquido, carnes frias e bolachas de água e sal.

— Sirvam-se — disse eu, recusando preocupar-me com coisas que, naquele momento, estavam fora do meu controle. — Querem aquecer o vinho no micro-ondas antes de sairmos? — perguntei, comendo uma fatia de salame. — Tenho um jarro especial para aquecê-lo — podia usar o meu novo feitiço, mas não era confiável e eu estava cansada de queimar a língua.

O som da garrafa de vinho a bater na mesa foi sonoro.

— Beber quente? — perguntou David, soando chocado, ao mesmo tempo em que olhava para o micro-ondas.

— Ivy e o Kisten fazem-no — vendo que o *animalomem* hesitava, mexi a cidra condimentada que se encontrava ao lume. — Podemos aquecer metade e colocar o resto num banco de neve, se quiserem — acrescentei.

— Ótimo — disse David, os dedos curtos a tirar a folha de prata que cobria a rolha da garrafa. Howard começou a encher um prato mas, perante o olhar de David, pareceu sobressaltar-se.

— Mmmm! — disse o bruxo mais velho, de prato na mão. — Importa-se que vá lá atrás e me apresente? — agitou o ramo preso entre a mão e o prato de espuma. — Já há muito tempo que não participo de uma fogueira de Solstício.

Um sorriso aflorou nos meus lábios.

— Esteja à vontade. A porta é através da sala de estar.

David e Howard trocaram mais um olhar e o bruxo partiu sozinho. Ouvi o suave erguer de vozes saudando-o, quando abriu a porta. David exalou lentamente. Passava-se qualquer coisa.

— Rachel — disse ele. — Tenho um papel para você assinar.

O meu sorriso gelou.

— O que eu fiz? — disse de repente. — É por causa do carro do Lee?

— Não — disse ele e senti um peso no peito quando os seus olhos se baixaram.

Oh, céus! Isso devia ser mau.

— O que foi? — pousei a colher na pia e virei-me, agarrando os meus próprios cotovelos.

David abriu o casaco, retirou do bolso um papel dobrado em três e entregou-me. Pegando a garrafa que tinha trazido, começou a abri-la.

— Não tens de assinar se não quiser — disse ele, olhando para mim de relance, por baixo do chapéu de *cowboy*. — Não ficarei ofendido, sério. Pode dizer que não. Não faz mal.

Fiquei gelada, depois a ferver enquanto lia a declaração de simples palavras, espantada enquanto erguia a cabeça e pousava o meu olhar nos seus olhos ansiosos.

— Quer que eu seja membro da tua matilha? — gaguejei.

— Não tenho matilha — apressou-se ele a explicar. — Seria a única a fazer parte dela. Sou um lobo solitário registrado, mas a minha empresa não despede ninguém caso se trate de um macho, ou de uma fêmea alfa.

Eu não conseguia pensar em nada para dizer, enquanto ele se apressava a encher o silêncio.

— Eu, hum, sinto-me mal por te tentar subornar — disse ele. — Não seria como se estivéssemos casados ou assim, mas confere-te o direito de obter um seguro através de mim e, se algum de nós for hospitalizado, teremos acesso aos registos médicos e temos uma palavra a dizer no caso de o outro estar inconsciente. Não tenho ninguém que possa tomar esse tipo de decisões por mim e preferia que fosse você e não um tribunal, ou os meus irmãos de ninhada — ele encolheu apenas um ombro. — Também pode participar do piquenique da empresa.

O meu olhar pousou-se no papel, depois se ergueu para o rosto, onde a raiva despontava espessa, depois de volta ao papel.

— Então e o teu antigo parceiro?

Ele espreitou por cima do papel para dar uma olhadela às letras.

— É preciso uma fêmea para fazer uma matilha.

— Oh! — fitei o formulário. — Por que eu? — perguntei, sentindo-me honrada com o pedido, mas confusa. — Deve haver muitas *animalomens*-fêmea que saltariam perante a oportunidade.

— Há. O problema é esse — recuando, ele encostou-se ao balcão da ilha. — Eu não quero uma matilha. Demasiada responsabilidade. Demasiados laços. As matilhas crescem. E mesmo que eu fizesse este acordo com uma *animalomem*, sabendo ela, desde

o início, que não passava de um acordo no papel, ela esperaria certas coisas, tal como a sua família — ele olhou para o teto, os olhos revelando a sua idade. — E quando essas coisas não fossem garantidas, começariam a tratá-la como uma prostituta e não como uma cadela alfa. Não terei esse problema contigo — seus olhos fixaram-se nos meus. — Ou terei?

Pestanejei, sobressaltando-me ligeiramente.

— Hum, não! — um sorriso ergueu um dos cantos dos meus lábios.

Cadela alfa? Isso soava mais ou menos certo.

— Tens uma caneta? — perguntei.

David exalou, suavemente, o alívio visível nos seus olhos.

— Precisamos de três testemunhas.

Eu não conseguia parar de sorrir. Imaginem quando contasse a Ivy. Ela ia ficar em brasa. Viramo-nos os dois para a janela, quando uma labareda e um grito se ergueram. Ivy lançou um segundo ramo para a fogueira e as chamas voltaram a erguer-se. Ela estava a assimilar a tradição da minha família de uma fogueira de Solstício com um entusiasmo preocupante.

— Consigo pensar em três pessoas assim de repente — disse eu, enfiando o papel no bolso das calças.

David acenou.

— Não é preciso tratar disso esta noite. Mas o ano fiscal está a chegar ao fim e seria melhor que metêssemos os papéis antes dessa data, para que pudesses começar a colher os benefícios e tivesses direito a uma linha no novo catálogo.

Eu estava na ponta dos pés, tentando tirar um jarro para o vinho, e David estendeu um braço e tirou-o para mim.

— Há um catálogo? — perguntei, enquanto descia sobre os calcanhares.

Ele tinha os olhos muito abertos.

— Quer permanecer anônima? Isso custa mais, mas está bem.

Encolhi os ombros, sem saber o que queria.

— O que as pessoas vão dizer quando aparecer no piquenique da empresa comigo?

David despejou metade do vinho no jarro e pôs para aquecer no micro-ondas.

— Nada. Já acham que eu sou maluco.

O sorriso recusava-se a deixar-me, enquanto eu enchia uma caneca com a cidra condimentada. Os seus motivos podiam ser enviesados – desejar mais segurança no emprego –, mas ambos nos beneficiaríamos. Assim, foi com um estado de espírito mais animado que nos dirigimos às traseiras. Ele com o vinho quente e a garrafa meio vazia nas mãos e eu com a cidra condimentada. O calor da igreja tinha afastado de mim o frio e eu conduzi-o à sala de estar.

Os passos de David abrandaram, ao mesmo tempo em que contemplava a sala que brilhava suavemente. Ivy e eu tínhamos decorado e havia roxo, vermelho, dourado e verde por todo o lado. A sua meia tinha parecido solitária na prateleira da lareira, por isso eu comprei uma meia de malha, verde e vermelha, com um sininho na ponta, abraçando qualquer feriado que significasse receber presentes. Ivy até tinha pendurado uma pequena meia branca para Jenks, meia essa que fora buscar à coleção de bonecas da irmã, mas o frasco de mel dificilmente caberia no seu interior. A árvore de Natal de Ivy brilhava a um canto, parecendo etérea. Eu nunca tivera uma e sentira-me honrada por ela ter permitido que a ajudasse a decorá-la, usando os ornamentos envoltos em lenços de papel. Tínhamos feito durante a noite, enquanto ouvíamos música e comíamos as pipocas.

Só estavam dois presentes debaixo dela, um para mim, outro para Ivy, ambos de Jenks. Ele tinha partido, mas os seus presentes tinham sido deixados para trás em quartos opostos. Levei a mão à maçaneta da porta nova, sentindo um aperto na garganta. Já os tínhamos aberto, nenhuma de nós era muito boa a esperar. Ivy ficara sentada, olhando fixamente para a Morde-Me Betty, o maxilar cerrado e a respiração quase inexistente. Eu não me portara muito melhor.

Quase chorando, ao descobrir um par de celulares na sua caixa de espuma. Um era para mim, o outro, bem menor, era para Jenks. De acordo com o talão na caixa, ele tinha os ativado no mês anterior e até gravara o seu número na marcação rápida do meu. Abrindo a porta com um safanão, segurei-a para que David passasse, o meu maxilar tenso. Haveria de conseguir que ele regressasse a casa. Mesmo que tivesse de contratar um piloto para escrever o meu pedido de desculpas no céu, havia de conseguir que ele regressasse a casa.

— David — disse eu, enquanto ele passava. — Se eu te der algo, leva a Jenks?

Ele olhou para mim de relance, tendo descido apenas o primeiro degrau.

— Talvez — disse ele, desconfiado. Sorri.

— São apenas algumas sementes. Não consegui encontrar nada no meu livro de linguagem das flores: "Desculpa. Sou uma idiota". Por isso, optei por malmequeres.

— Está bem — disse ele, parecendo mais seguro. — Posso fazer isso.

— Obrigada — foi apenas um sussurro, mas eu tinha a certeza de que ele me tinha ouvido, apesar das vozes que se erguiam perante a sua chegada.

Peguei no vinho aquecido que David trazia na mão e coloquei-o perto da fogueira. Howard parecia satisfeito a conversar com Keasley e Ceri, olhando de relance, inseguro, para Takata que se encontrava à sombra do carvalho.

— Vem cá — disse a David, enquanto Kisten tentava chamar sua atenção. A irmã de Ivy estava ao seu lado, tagarelando sem parar e ele parecia exausto. — Quero apresentar-te Takata.

O ar noturno estava frio, quase dolorosamente seco e eu sorri a Ivy, quando a vi tentar explicar a Ceri a arte de fazer um *s'more*. A elfo confusa parecia não compreender como é que uma barra de chocolate entre um produto de cereal açucarado e uma confecção doce poderia ser incrível. Palavras dela, não minhas. Eu tinha certeza de que sua opinião mudaria depois de comer um. Senti os olhos de Kisten em mim, do outro lado das chamas que começavam a baixar e contive um arrepio.

A luz que ia e vinha brincava no seu rosto, mais magro, mas não menos atraente depois da sua passagem pelo hospital. Os meus pensamentos sobre Nick tinham se desvanecido, transformados numa dor ligeira sob as atenções do vampiro vivo. Kisten estava ali e Nick não. A realidade era que Nick já não estava lá, de verdade, há meses. Não tinha ligado, nem me enviara um cartão de Solstício. E não me deixara, intencionalmente, qualquer forma de contatá-lo. Estava na hora de seguir em frente.

Takata chegou-se para o lado, sobre a mesa de piquenique, para o caso de nos querermos sentar. O concerto, no início da noite, tinha decorrido sem quaisquer problemas e, como Lee já não estava por perto, Ivy e eu tínhamos assistido nos bastidores. Takata dedicara *Red Ribbons* à nossa firma e metade da audiência agitara os isqueiros num tributo, acreditando que eu ainda estava morta.

Eu só estava a brincar quando o tinha convidado para a nossa celebração em volta da fogueira, mas sentia-me feliz por ele ter vindo. Ele parecia apreciar o fato de ninguém andar ao redor dele, deixando-se ficar sentado, satisfeito, afastado dos outros. Reconheci a expressão distante no seu rosto enrugado, tão semelhante à de Ivy quando planejava uma missão e perguntei-me se o seu próximo álbum não teria uma canção sobre centelhas visíveis por entre os braços cobertos de gelo enegrecido de um carvalho.

— Takata — disse eu, enquanto nos aproximávamos, e ele pareceu voltar a si mesmo. — Gostaria que conhecesse David Hue. Trata-se do perito regulador de seguros que me ajudou a apanhar Saladan.

— David — disse Takata, tirando as luvas antes de estender a mão fina e comprida. — É um prazer conhecê-lo. Parece que se safou incólume da mais recente missão de Rachel.

David sorriu calorosamente, sem mostrar os dentes.

— Basicamente — disse ele, enquanto libertava a mão do homem e recuava um passo. — Embora não tivesse certeza de que iria ser assim, quando começaram a aparecer todos aqueles homens armados — encolhendo os ombros, num gesto trocista, virou-se de lado, para que a frente do seu corpo fosse aquecida pelas chamas. — Era demais para mim — disse ele calmamente.

Eu fiquei feliz por ele não estar de olhos arregalados e a gaguejar, ou a guinchar e saltitar, como Erica tinha feito, até Kisten a ter agarrado pelo colarinho e a ter arrastado para longe.

— David! — chamou Kisten, quando os meus pensamentos conduziram para ele os meus olhos. — Posso falar contigo sobre meu barco? Por quanto acha que conseguiria segurar?

Um suspiro dolorido saiu dos lábios de David.

— É o preço de estar no ramo dos seguros — disse ele baixinho. Ergui as sobrancelhas.

— Acho que ele só quer ter alguém entre ele e Erica. Aquela garota não se cala.

David começou a mover-se.

— Não vai me deixar sozinho muito tempo, não é?

Sorri.

— Essa é uma das minhas responsabilidades como membro da matilha? — perguntei e os olhos de Takata abriram-se de surpresa.

— Por acaso, é — erguendo uma mão para Kisten, dirigiu-se para ele, parando para empurrar um tronco de volta às chamas, com a ponta da bota, enquanto avançava.

Howard ria para ele do outro lado das chamas, os olhos verdes a brilhar. Olhei para Takata e descobri-o com as espessas sobrancelhas erguidas.

— Membro da sua matilha? — perguntou ele.

Acenando, sentei-me ao lado de Takata sobre a mesa de piquenique.

— Por questões de seguro.

Pousando a cidra condimentada, descansei os cotovelos nos joelhos e suspirei. Adorava o Solstício e não era só por causa da comida e das festas. Cincinnati apagava todas as luzes, da meia-noite ao nascer do Sol, e aquela era a única altura em que podia ver o céu noturno como ele deveria ser. Todos os que fossem apanhados a roubar durante o apagão recebiam penas duras, o que desencorajava quaisquer problemas.

— Como é que se sente? — perguntou Takata, surpreendendo-me. Quase me esquecera que ele estava ali. — Ouvi dizer que esteve hospitalizada.

Sorri, envergonhada, sabendo que começava a ficar com um ar cansado, depois de ter estado a gritar durante mais de duas horas, no concerto de Takata.

— Estou bem. Eles ainda não me queriam mandar para casa, mas Kisten estava logo ao fundo do corredor e, depois de nos terem apanhado, hum, a experimentar os controles da cama, decidiram que estávamos suficientemente bem para nos porem na rua. *A enfermeira do turno da noite era velha e chata. Tendo em consideração a confusão que armou, diria que estávamos cometendo um ato perverso... Bem, de qualquer forma a enfermeira do turno da noite era velha e chata.*

Takata olhou-me enquanto corava e puxava o gorro de malha para cima das orelhas.

— Tem uma limusine parada lá à frente — disse eu, para mudar de assunto. — Quer que diga que podem ir embora?

O seu olhar ergueu-se para os olhos escuros.

— Eles podem esperar. Têm comida lá dentro.

Acenando, relaxei.

— Quer um pouco de vinho quente?

Ele sobressaltou-se, os seus olhos parecendo chocados.

— Não. Não, obrigado.

— Mais cidra condimentada, então? — oferecia. — Tome, ainda não bebi nada da minha.

— Coloque só um gole aí — disse ele, estendendo-me a caneca vazia.

Despejei metade da minha bebida para a caneca dele. Sentia-me algo especial, sentada ao lado de Takata, metade da minha bebida na sua caneca, mas fiquei rígida quando uma suave vibração reverberou através de mim. Imobilizei-me, sem saber o que era, e os olhos de Takata cruzaram-se com os meus.

— Também o sentiu? — perguntou ele e eu acenei, sentindo-me inquieta e um pouco preocupada.

— O que foi?

A boca grande de Takata abriu-se num sorriso enorme, enquanto ele se ria para mim.

— O círculo de Fountain Square. Feliz Solstício — ele ergueu a caneca e eu toquei com a minha na dele, num gesto automático.

— Feliz Solstício — repeti, pensando que era estranho que o tivesse sentido. Nunca antes o tinha sentido.

Mas olhando por outro lado, talvez o fato de o ter fechado eu mesma, me tivesse tornado sensível a ele. Sentindo-me como se tudo estivesse certo no mundo, bebi minha cidra, encontrando os olhos de David, suplicantes, quando espreitei por cima da caneca. A boca de Erica movia-se sem parar e Kisten agarrava-o pelo ombro, tentando ter uma conversa, ignorando-a.

— Desculpe-me — disse eu, enquanto deslizava da mesa. — David precisa ser salvo.

Takata deu uma gargalhada e eu avancei sem pressas para lá da fogueira. Embora nunca parasse de falar com David, os olhos de Kisten estavam presos em mim e eu senti um fogo que se erguia dentro de mim.

— Erica — disse eu, aproximando-me deles. — Takata quer tocar uma música para você.

Takata endireitou-se, de repente, dirigindo-me um olhar de pânico, quando a jovem guinchou. Tanto Kisten como David relaxaram de alívio, enquanto ela corria em redor da fogueira na direção dele.

— Graças a Deus — sussurrou Kisten e eu sentei-me no local onde ela se encontrara. — Aquela garota nunca se cala.

Fungando, aproximei-me mais, tocando-lhe na coxa, sugestivamente. Ele envolveu-me com um braço, tal como eu desejava, puxando-me contra si. Kisten exalou suavemente e eu fui percorrida por um arrepio. Soube que ele o tinha sentido quando a minha cicatriz começou a formigar.

— Para — sussurrei, envergonhada, e ele agarrou-me com mais força.

— Não consigo evitar — disse ele, inspirando. — Quando toda essa gente vai embora?

— Quando o Sol nascer — disse eu, pousando a minha caneca. — A ausência faz com que o coração sinta ainda mais.

— Não é o meu coração que sente a tua falta — murmurou ele e senti-me arrepiar pela segunda vez.

— Então — disse Kisten mais alto, quando David começou a assumir uma expressão desconfortável. — Rachel disse que pediu para ela ser tua parceira ausente, para poder receber dois salários e ela conseguir um melhor preço no seguro.

— Hum, sim... — gaguejou David, baixando a cabeça de tal forma que o chapéu lhe tapava os olhos. — Quanto a isso...

Eu saltei quando a mão fria de Kisten avançou por baixo do meu casaco e me tocou na pele, na zona da cintura.

— Gosto disso — murmurou ele, não estando a falar como os seus dedos traçavam pequenos círculos que me aqueciam por dentro. — Inventivo. O meu tipo de homem.

A cabeça de David ergueu-se.

— Com licença — murmurou, erguendo uma mão rapidamente e tocando nos óculos. — Ainda não cumprimentei Ceri e Keasley.

Eu ri e Kisten puxou-me para mais perto.

— Faça isso, Sr. Peabody — disse Kisten.

O *animalomem* baixo parou de repente, dirigiu-lhe um franzir de cenho de aviso, depois continuou, parando no caminho, para encher o copo com o vinho que tinha trazido. O meu sorriso desvaneceu-se lentamente. O odor do couro tornava-se óbvio, misturando-se com o aroma forte da cinza a arder e eu enrosquei-me ainda mais contra Kisten.

— Hei — disse baixinho, o meu olhar fixo na fogueira. — David quer que eu assine um papel, que me torne parte da sua matilha.

Ele ficou sem fôlego.

— Está brincando — disse ele, afastando-me de forma que pudesse olhar-me de frente. Os seus olhos azuis estavam muito abertos e o seu rosto surpreendido e confuso.

Olhando para os meus dedos frios, deslizei-os por entre os dele.

— Gostaria que testemunhasse.

— Oh! — seu olhar prendeu-se na fogueira e ele moveu o braço para se afastar um pouco. Eu sorri ao compreender e ri.

— Não, seu idiota — disse eu, tocando-lhe o braço. — Vou entrar para a sua matilha, não vou estabelecer um laço interespécies. Não vou casar com o cara, por amor da Viragem! Trata-se apenas de um acordo legal, para que eu possa ter o seguro através dele e a empresa não o despeça. Ele pediria a uma fêmea *animalomem*, mas ele não quer uma matilha e seria isso que teria se pedisse a uma.

Kisten exalou, longa e lentamente, e eu pude sentir a suavidade a regressar à sua postura.

— Ainda bem — disse ele, puxando-me para ele. — Por que você é *minha* cadela alfa, bebê, e de mais ninguém.

Dirigi-lhe um olhar duro, o que foi difícil de fazer, tendo em consideração que estava quase sentada ao seu colo.

— Bebê? — disse eu, secamente. — Sabe o que é que fiz ao último cara que me chamou disso?

Kisten puxou-me para mais perto.

— Talvez mais tarde, querida — sussurrou-me, fazendo nascer em mim um formigueiro delicioso. — Não queremos chocar teus amigos — acrescentou ele e eu segui o seu olhar até ao local onde Howard e Keasley riam, enquanto Ceri tentava comer o seu *s'more*, sem se sujar.

— Será testemunha? — perguntei.

— Claro — ele apertou-me com mais força. — Acho que estabelecer laços é uma coisa boa — o braço dele afastou-se de mim e eu segui o seu olhar, descobrindo Ivy que nos fitava. — Mas Ivy talvez não ache.

Subitamente preocupada, afastei-me. Ivy afastou-se e com passos rápidos e espaçados, subiu os degraus do alpendre e entrou na igreja. A porta das traseiras fechou-se com força suficiente para fazer cair a coroa de flores. Sem reparar, Erica lançou-se num movimento frenético para puxar uma cadeira para mais perto da fogueira. A conversa estava a tornar-se mais alegre e Keasley e Ceri aproximaram-se quando Takata pegou por fim a guitarra que tinha trazido consigo, mas que ignorara até então. Ele instalou-se, os dedos longos movendo-se lentamente devido ao frio, enquanto dedilhava. Era agradável. Muito agradável. Só faltavam os comentários sarcásticos de Jenks e um toque de pó de *pixy*. Suspirei e os lábios de Kisten tocaram-me no ouvido.

— Vais conseguir que ele volte — murmurou.

Surpreendida por ele saber em quê eu estava a pensar, disse-lhe:

— Tem certeza?

Senti-o acenar.

— Quando chegar a primavera e ele puder voltar a sair, vai voltar. Gosta demais de ti para não te dar ouvidos quando seu orgulho ferido começar a sarar. Mas eu sei tudo sobre grandes egos, Rachel. Vais ter de pechinchar.

— Isso posso fazer — disse eu, com a voz fraca.

— Ele acha que a culpa é dele — continuou Kisten.

— O convencerei do contrário.

Sua respiração era um sussurro atrás da minha orelha.

— Assim que se fala.

Sorri perante os sentimentos que ele agitava em mim. O meu olhar prendeu-se na sombra de Ivy na cozinha, depois regressou à música improvisada. Um já estava. Faltavam dois. E o mais provável era que fossem os mais difíceis. Não podia propriamente pedir a Ceri ou Keasley. Havia um espaço no formulário para o número de identificação. Ceri não tinha um e eu sabia, sem precisar pedir, que Keasley não ia querer colocar o seu. Desconfiava, tendo em consideração a ausência de cheques do governo, que ele estava a fazer-se de morto.

— Me dá licença? — murmurei, enquanto a sombra de Ivy, do outro lado do vidro, era eclipsada por um redemoinho de vapor da água quente que ela estava a fazer correr para a pia. Kisten libertou-me. Os olhos azuis de Takata cruzaram-se com os meus, antes de eu lhe virar as costas, uma emoção desconhecida no seu interior. Fiz uma pausa para voltar a colocar a coroa no gancho antes de entrar. O calor da igreja atingiu-me e eu tirei o gorro e lancei-o para a lareira negra. Entrei na cozinha e descobri Ivy encostada ao balcão, tinha a cabeça baixa e as mãos a segurar os próprios cotovelos.

— Olá — disse eu, hesitando na entrada.

— Deixa-me ver o contrato — disse ela, estendendo a mão e erguendo a cabeça.

Os meus lábios afastaram-se.

— Como é que... — gaguejei.

Um sorriso, ligeiro e amargo, atravessou-lhe o rosto e desapareceu.

— O som viaja bem sobre as chamas.

Envergonhada, tirei-o do bolso, sentindo-o simultaneamente frio da noite e quente do meu corpo. Ela abanou-o, de testa franzida. Virando-me as costas, desdobrou-o. Eu remexi-me.

— Hum, preciso de três testemunhas — disse eu. — Gostaria que fosse uma delas.

— Por quê?

Ela não se virou e os seus ombros estavam tensos.

— David não tem uma matilha — disse eu. — Torna-se mais difícil despedirem-no se tiver. Ele pode continuar a trabalhar sozinho e eu posso receber o meu seguro através dele. São só duzentos dólares por mês, Ivy. Ele não está à procura de mais nada além disso, caso contrário teria pedido a uma fêmea *animalomem*.

— Eu sei. A minha pergunta é por que queres minha assinatura? — de papel na mão, ela virou-se, a expressão vazia no seu rosto deixando-me desconfortável. — Por que é importante para ti que eu assine?

Abri a boca, depois a fechei. Os meus pensamentos prenderam-se naquilo que Newt me dissera. A minha casa não tinha sido suficiente para me transportar, mas Ivy fora.

— Por que é minha parceira — disse eu, corando. — Por que o que eu faço te afeta.

Ivy retirou, silenciosamente, uma caneta da caneca dos lápis e abriu-a com um clique. Subitamente, senti-me esquisita, compreendendo que o papelzinho de David lhe concedia algo que ela desejava: uma ligação reconhecível comigo.

— Investiguei-o enquanto estava no hospital — disse ela. — Ele não pretende estabelecer esta ligação contigo para se libertar de um problema preexistente.

Ergui as sobrancelhas. Não tinha pensado nisso.

— Ele disse que era um negócio sem condições — hesitei. — Ivy, vivo contigo — disse eu, tentando reassegurá-la de que a nossa amizade não precisava de um papel, ou de uma assinatura para ser real; afinal, os nossos nomes estavam sobre a porta. Os nomes de ambas.

Ela estava em silêncio, o seu rosto vazio de qualquer emoção, os olhos castanhos imóveis.

— Confia nele?

Acenei. Naquele caso, tinha de confiar nos meus instintos. Ela exibiu um ligeiro sorriso.

— Eu também — afastando uma travessa de biscoitos, escreveu o nome na primeira linha, uma assinatura cuidada, mas quase ilegível.

— Obrigada — disse eu e ela entregou-me o papel.

O meu olhar passou por cima dela quando a porta das traseiras se abriu. Ivy ergueu os olhos e eu reconheci um suavizar do seu olhar perante o som familiar do bater dos pés de Kisten, no tapete ao lado da porta, libertando a neve. Ele entrou na cozinha seguido de perto por David.

— Vamos assinar o papel ou não? — perguntou Kisten, a tensão na sua voz, dizendo-me que estava pronto para discutir com Ivy se ela hesitasse.

Ivy carregou no botão da caneta, abrindo-a e fechando-a tão depressa que esta zumbiu.

— Eu já o fiz. É a tua vez.

Os ombros dele relaxaram, sorrindo-me enquanto pegava na caneta que ela lhe estendia e acrescentando a sua assinatura masculina sob a dela. Seguiu-se o número de identificação e entregou a caneta a David. David colocou-se entre eles, parecendo pequeno ao lado da graça esguia dos dois vampiros. Pude ver o seu alívio enquanto escrevia o nome completo. A minha pulsação acelerou e eu peguei na caneta, puxando o papel para mim.

— Então — disse Kisten, quando eu assinei. — A quem vais pedir para ser a terceira testemunha?

— Jenks — dissemos eu e Ivy ao mesmo tempo e eu ergui os olhos. Os nossos olhares cruzaram-se e eu fechei a caneta com um clique.

— Importa-se de lhe pedir por mim? — perguntei a David.

O *animalomem* pegou o papel, dobrando-o cuidadosamente e guardando-o no bolso de dentro do casaco.

— Não queres pedir a outra pessoa? Ele pode não aceitar.

Olhei de relance para Ivy e endireitei-me, prendendo um caracol atrás da orelha.

— Ele é membro desta firma — disse eu. — Se quiser passar o inverno, amuado, na casa de um *animalomem*, por mim tudo bem, mas é melhor que traga de volta o seu pequeno traseiro *pixy* quando o tempo melhorar, ou vou ficar verdadeiramente chateada. — inspirei fundo, acrescentando. — E talvez isso o convença de que é um membro valioso da nossa equipe e que eu estou arrependida.

Kisten recuou um passo.

— Eu peço — disse David.

A porta dos fundos abriu-se e Erica entrou a correr, as bochechas vermelhas e os olhos a brilhar.

— Hei! Venham! Ele está pronto para tocar! Por amor de Deus, ele já aqueceu, está pronto para tocar e vocês estão aqui dentro a comer? Levem esses traseiros lá para fora!

O olhar de Ivy afastou-se da neve que ela tinha trazido para dentro de casa e cruzou-se com o meu. David começou a andar, empurrando a saltitante vampira gótica à sua frente. Kisten seguiu-o, a sua conversa animada pelo som da amizade. A música de Takata subiu de tom e os meus olhos abriram-se quando a voz etérea de Ceri começou a cantar uma música de Natal ainda mais antiga do que ela. Estava de fato a cantar em latim. As minhas sobrancelhas ergueram-se e eu olhei para Ivy.

Ivy fechou o casaco e foi buscar as luvas ao balcão.

— Concorda mesmo com isso? — perguntei. Ela acenou.

— Pedir a Jenks que assine aquele papel talvez seja a única forma de metermos naquela sua cabeça dura que precisamos dele.

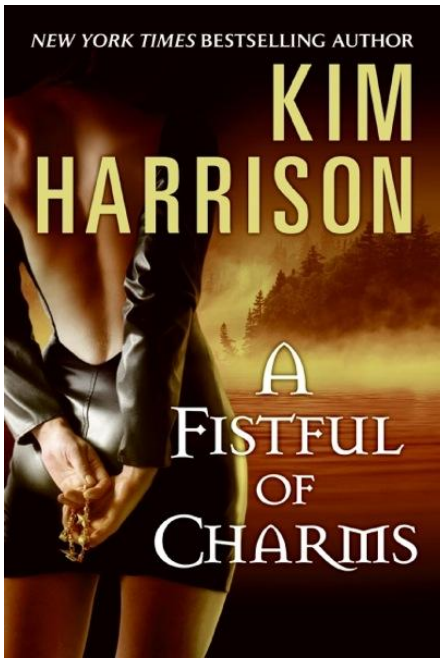
Eu fiz uma careta e avancei à frente dela enquanto tentava descobrir uma forma de transmitir a Jenks o quão errada tinha estado por não confiar nele. Tinha escapado à rede que Algaliarept lançara sobre mim, conseguindo não só libertar-me de uma das marcas do demônio como quebrar o laço familiar com Nick... Não que isso tivesse algum interesse agora. Tinha saído com o solteirão mais poderoso da cidade e tomado o café da manhã com ele. Salvara uma elfo com mais de mil anos, aprendera a ser a minha própria familiar e descobrira que era capaz de jogar *craps*. Para não falar do fato de ter descoberto que era possível ter relações sexuais com um vampiro sem se ser mordida. Por que tinha a sensação de que levar Jenks a voltar a falar comigo ia ser mais difícil do que todas essas coisas juntas?

— Vamos conseguir que ele volte — murmurou Ivy atrás de mim. — Vamos conseguir que ele volte.

Descendo os degraus cobertos de neve e emergindo para a música e a noite estrelada, jurei que seria capaz.

Fim

A série The Hollows continua em… A Fistful of Charms



As coisas maléficas que assombram as noites de Cincinnati desprezam a bruxa e caçadora de recompensas Rachel Morgan. A sua reputação de praticante de magia negra começa a fazer virar as cabeças de humanos e mortos-vivos, determinados a possuí-la, dormir com ela e matá-la… não necessariamente por essa ordem.

E como se tudo isso não bastasse, um amante mortal que abandonara Rachel regressou, assombrado pelo seu passado secreto. E há quem queira deitar as mãos a algo que se encontra na posse dele: animais selvagens dispostos a destruir Hollows e todos os seus habitantes, se necessário.

Obrigada a manter-se escondida ou a sofrer para sempre a ira de um demónio vingativo, Rachel deve, ainda assim, agir rapidamente. Pois pela primeira vez, em vários milénios, matilhas de estranhas criaturas estão a unir-se, preparadas para destruir e dominar. De súbito, há algo mais em jogo do que a alma de Rachel.



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503



All Creatures of the night get together ***After dark***